EMILIO CARLOS BOSCHILIA

O JEITO DE FALAR DOS "PÉ VERMEIO"

CURITIBA
ED. DO AUTOR
2020

Depósito legal junto à Biblioteca Nacional, conforme lei no. 10.994 de 14/12/2004.

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Ficha catalográfica: Angela Cherobim – Bibliotecária (CRB/9ª. 605)

742 Boschilia, Emilio Carlos
O jeito de falar dos “pé vermeio”. Léxico, falas e expressões idiomáticas dos pioneiros no Norte do Paraná: variações linguísticas na vila de Capelinha e região, em meados do século XX.//Emilio Carlos Boschilia.
Curitiba: Ed. do Autor, 2020.
270 p.

1. Linguagem. Norte do Paraná. 2. Capelinha -. Nova Esperança. 4. Patrimônio Imaterial – Paraná. 5. Cultura popular. 6. Ditados populares.
ISBN 978-65-00-00198-3

(CDD 22ª.ed.)
469.098.162

INCENTIVO

Projeto aprovado pelo Programa Estadual de Fomento e Incentivo à Cultura – PROFICE – da Secretaria da Comunicação Social e da Cultura - Governo do Estado do Paraná

EMILIO CARLOS BOSCHILIA

O JEITO DE FALAR DOS "PÉ VERMEIO"

LÉXICO, FALAS E EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS DOS PIONEIROS NO NORTE DO PARANÁ

VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS NA VILA DE CAPELINHA E REGIÃO EM MEADOS DO SÉCULO XX

Inclui ditados populares e fraseologia baseada em zoônimos

1ª. edição

CURITIBA
Ed. do Autor
2020

Triste de quem não conserva nenhum vestígio da infância.
Mario Quintana (poeta gaúcho)

Se queres ser universal, começa por pintar a tua aldeia.
Leon Tolstói (escritor russo)

EQUIPE TÉCNICA

Carlos Valdir Molinari – Contador - contabilidade do projeto
Cíntia Maria Braga Carneiro – Historiadora - revisão dos textos
Emilio Carlos Boschilia – Economista - Coordenador/pesquisador
Etelvina Maria de Castro Trindade – Historiadora - assessoria na área de história
José Luiz da Veiga Mercer – Linguista - assessoria/orientação na área de linguística
Reinaldo Cezar Lima – Programador visual - diagramação do livro e cartaz
Roseli T. Boschilia – Historiadora - apoio técnico-metodológico
Tânia Maria de Paula Toledo – Jornalista - produção de artigos

Eventuais contribuições para este léxico, expressões idiomáticas e ditados do “tempo dos pioneiros” no Norte do Paraná podem ser enviadas para emilioboschilia@uol.com.br

Este livro constitui uma singela contribuição para o conhecimento da variação linguística e seus usos no contexto das ´frentes pioneiras´ no Norte do Paraná em meados do século XX. Destina-se à distribuição gratuita, sendo vedada sua comercialização a qualquer título e sob qualquer pretexto.

É permitida a reprodução total ou parcial desta obra, desde que mantida sua autoria, a identificação institucional pertinente ao PROFICE e à COPEL (empresa financiadora), assim como é exigido que a distribuição seja desvinculada de interesses estranhos aos fins objetivados.

SUMÁRIO

UMA MENSAGEM DE APOIO 7
APRESENTAÇÃO 9
PREFÁCIO 11
PROLEGÔMENOS 13
UMA VIAGEM QUE VALE A PENA 15
DEDICATÓRIA 17
UMA HOMENAGEM AOS PROFESSORES 'DAQUELES TEMPOS' 19
Professores em Capelinha/Nova Esperança nos anos 1950-60 20
AGRADECIMENTOS 23
INTRODUÇÃO 27
O QUE PRETENDE ESTE LIVRO 27
APROPRIANDO MEMÓRIAS E LEMBRANÇAS 33
LEMBRANÇAS QUE NORTEARAM ESTE TRABALHO 35
MOTIVAÇÕES DO AUTOR 38
OS "PÉ VERMEIO" NORTE-PARANAENSES 40
1 AVANÇANDO MATA ADENTRO; AS FRENTES DE (RE)OCUPAÇÃO 43
1.1 FRENTES DE EXPANSÃO E FRENTES PIONEIRAS 43
1.2 A (RE)OCUPAÇÃO DO TERRITÓRIO PARANAENSE 44
1.3 FRENTES PIONEIRAS NO NORTE DO PARANÁ 47
1.3.1 As derradeiras frentes pioneiras no Paraná: oeste/sudoeste 53
1.4 CAPELINHA, UMA DAS MUITAS VILAS CRIADAS NO NORTE DO PARANÁ 55
1.4.1 Origem do nome da vila Capelinha: a propagação de uma lenda 56
1.5 PIONEIROS OU PIONEIROS DESBRAVADORES; CATEGORIA CIRCUNSTANCIAL 64
1.5.1 Rústico, caipira e rural, uma explicação necessária 67
2 CONTRIBUIÇÕES LINGUÍSTICAS: ABORÍGINES E (I)MIGRANTES 69
2.1 ABORÍGINES; CONTRIBUIÇÕES LINGUÍSTICAS 70
2.2 (I)MIGRANTES; NOVAS CONTRIBUIÇÕES LINGUÍSTICAS 71
3 **A PAISAGEM SONORA E VERBAL NOS ANOS 50-60 NO NORTE DO PARANÁ** 73
3.1 O VERNÁCULO REGIONAL; ASPECTO IDENTITÁRIO 74
3.2 PECULIARIDADES LINGUÍSTICAS NO JEITO DE FALAR DOS "PÉ VERMEIO" 74
3.2.1.Corruptelas, vícios de linguagem e ditados pedagógicos 76
3.2.2 Identidade e preconceito: dois lados de uma mesma moeda 78
3.3 MUDANÇAS E PERMANÊNCIAS NA LINGUAGEM VERNACULAR 79
3.4 INCORPORAÇÕES E DIFERENÇAS LEXICAIS 81
3.5 TABUS LINGUÍSTICOS; PODERES SOBRENATURAIS E PRECONCEITOS 82
3.5.1 Termos, expressões e ditados de manifestação preconceituosa 83
3.6 ALIMENTAÇÃO DOS PIONEIROS: NOVOS TERMOS E EXPRESSÕES 84
4 A RECOLHA DOS TERMOS, EXPRESSÕES E DITADOS 87
4.1 OBSERVAÇÕES METODOLÓGICAS E CRITÉRIOS 87
4.1.1 Como os verbetes e expressões foram organizados e tratados 90

5 TERMOS E EXPRESSÕES USADOS NOS TEMPOS PIONEIROS 93
LETRA “A” 93
LETRA “B” 107
LETRA “C” 120
LETRA “D” 140
LETRA “E” 148
LETRA “F” 157
LETRA “G” 165
LETRA “H” 169
LETRA “I” 170
LETRA “J” 173
LETRA “K” 176
LETRA “L” 177
LETRA “M” 181
LETRA “N” 191
LETRA “O” 195
LETRA “P” 198
LETRA “Q” 212
LETRA “R” 214
LETRA “S” 218
LETRA “T” 222
LETRA “U” 230
LETRA “V” 231
LETRA “W” 234
LETRA “X” 235
LETRA “Y” 236
LETRA “Z” 237
6 DITADOS POPULARES ´NAQUELES TEMPOS´ 239
6.1 DITADOS ´PEDAGÓGICOS´ EM GERAL 240
6.2 DITADOS E EXPRESSÕES COM ZOÔNIMOS 257
6.2.1 Alguns significados de termos zoônimos 258
6.2.2 Expressões usadas nos ´tempos do desbravamento´ 260
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E FONTES CONSULTADAS 265
BIBLIOGRAFIA PESQUISADA 265
MAPAS CONSULTADOS (ORDEM DE DATA) 270
DICIONÁRIOS, GLOSSÁRIOS E LÉXICOS CONSULTADOS 271

UMA MENSAGEM DE APOIO

Ainda no ventre materno, a fala é o primeiro contato que temos com o mundo que estamos prestes a conhecer. A mãe, ao acariciar sua barriga, consegue, por meio de suas palavras, acolher e transmitir afeto. A utilização oral da língua é um ato tão natural que, por vezes, não lhe creditamos a devida importância. Cada indivíduo, grupo ou região apresenta características únicas, e o modo de falar é uma delas. Mais do que simples veículo para transmissão de ideias, o jeito de falar deve ser entendido como um patrimônio cultural.

A Copel, sempre preocupada em preservar a memória e a cultura paranaenses sente-se honrada em colaborar com o lançamento do livro “O jeito de falar dos “pé vermeio”, fruto de um projeto que buscou resgatar, por meio de memórias, lembranças e depoimentos, falas e expressões características dos pioneiros desbravadores do Norte do Paraná.

A história da Companhia se confunde com a história dos homens e mulheres que, corajosamente, fincaram raízes neste rincão e, mesmo enfrentando dificuldades, conseguiram prosperar. Para aqueles que tiveram o privilégio de nascer e crescer na terra dos “pé vermeio”, reencontrar palavras e expressões que fizeram parte de sua origem é ter a oportunidade de revisitar o passado.

Ao contribuir para a edição deste trabalho, a Copel reafirma o compromisso de patrocinar iniciativas sociais e culturais que têm o poder de transformar nossos cidadãos.

Companhia Paranaense de Energia (COPEL)

Este projeto recebeu apoio da Copel por meio do PROFICE - Programa Estadual de Fomento e Incentivo à Cultura, Governo do Paraná.

APRESENTAÇÃO

Este é um trabalho de arqueologia da memória. Quando um sítio arqueológico está para ser inundado pelas águas de uma barragem, desenvolve-se uma ação que os especialistas chamam de arqueologia de emergência. Da mesma forma, certas paisagens sociais do Paraná estão por desaparecer e ser substituídas por outras, num processo de rápidas transformações. Emilio Boschilia apressou-se em salvar do esquecimento o mundo dos pioneiros da Capelinha, tarefa para a qual estava especialmente bem equipado, graças à dupla formação de economista e historiador e à aguçada sensibilidade linguística.

O autor primeiro situa Capelinha na história da ocupação do Paraná para então começar o exercício de memória, na condição de quem pertence à primeira geração criada naquela comunidade. Explica em que consiste essa operação e alinha as razões que a justificam. Não podendo recuperar tudo, apresenta os aspectos que privilegiou: o léxico e os provérbios. A escolha foi feliz, porque as palavras são guias do universo cultural; refletem a experiência do grupo na sua prática diária. Os provérbios, de sua parte, filtram a sabedoria socializada.

Com esta obra, Emilio Boschilia atua ele próprio como pioneiro; abre as primeiras vias de exploração de um sítio histórico que, embora recentíssimo, já vai se tornando um passado distante e silencioso. Mas não se trata apenas de um trabalho intelectual; é antes um tributo de afeto por tudo aquilo que um dia foi Capelinha, a expressão carinhosa do filho que agradece por dias idos e vividos.

José Luiz da Veiga Mercer

Linguista. Licenciado em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (1970); mestre em Linguística pela Universidade de Besançon/França (1975); doutor em Estudos Românicos pela Universidade de Toulouse II - Le Mirail/França (1979). Foi professor Sênior do Departamento de Linguística, Letras Vernáculas e Clássicas [DELIN] - Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná, Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação em Letras. É autor do “Léxico técnico dos pescadores de Guaraqueçaba/Brasil” (Tese de doutoramento) e coautor do “Atlas linguístico-etnográfico da região sul do Brasil”.

PREFÁCIO

Recordar é viver. Partindo dessa premissa vamos encontrar nesta obra de Emilio Carlos Boschilia motivos de sobra para voltarmos aos tempos felizes da encantadora Capelinha/Nova Esperança dos anos 50/60, designados pelos jovens de então (hoje respeitáveis cidadãos) como “Anos Dourados”. Os alunos da época do Ginásio Estadual de Nova Esperança firmaram amizades tão sólidas e sadias que vigoram até os dias de hoje. São comuns os encontros que realizam, tanto naquela cidade como em Curitiba, eventos estes nos quais inclusive muitos daqueles que transferiram seus domicílios para outras plagas fazem questão de participar, munidos de fotos e outras lembranças dos bons tempos.

Outro livro,[1] escrito por diversos deles, oferece mais detalhes dos casos vividos pela turma. Vale lembrar o professor Basílio de Sá Ribeiro que quando criou o Hino de Nova Esperança, colocou em sua letra uma frase que bem antevia o futuro daqueles moços: “... criando gerações para a grandeza do Brasil”. Aí está mestre Basílio, a concretização de seus sonhos.

Por meio de pesquisa cuidadosa e competente, o autor conseguiu trazer os detalhes da colonização de Nova Esperança e região, desde os primeiros caminhos abertos com o sacrifício dos valorosos pioneiros. Era um trabalho à base de facão e foice, exigindo muita coragem e determinação. A análise de Boschilia não podia ser diferente, pois é doutor nesta matéria. Nos anos citados, muita gente correu para a cidade esperando oportunidades de trabalho que ela oferecia.

Com a criação do município e depois comarca, profissionais de todas as áreas vieram para exercer seus ofícios. Foi nesta ocasião que cheguei com minha família para ocupar o cargo de Escrivão do Cível e Anexos da recém-criada Comarca e por dezessete anos convivi com aquele povo que sempre respeitei. Dois de meus filhos, Lincoln e Marcelo, nasceram lá. Pela bondade dessa gente, fui eleito prefeito do município entre os anos 1964/1969. Guardo adoráveis recordações daquela época.

O conteúdo deste livro nos brinda com variados aspectos daqueles tempos. O linguajar das pessoas oriundas de tantos destinos está brilhantemente ilustrado em suas páginas. Boschilia conseguiu reunir muito bem a forma de falar de tanta gente diferente. Não eram somente os patrícios que aqui aportavam, mas também pessoas do Japão, Itália, Alemanha e tantos outros países. Os termos, expressões e os ditados mais usados foram incorporados ao escrito. Muito rica esta pesquisa.

Outro ponto alto da publicação traz justas homenagens aos professores da época, muitos deles convocados entre os profissionais liberais da praça ou em agências bancárias ali instaladas.

O desprendimento do autor, oferecendo a distribuição gratuita de seu livro, também é motivo de comemoração. Tenho-o como um verdadeiro idealista. Digo isto porque me foi dada a graça de conviver com ele desde sua infância.

---

1 O livro referido é: PATRÃO, Osvaldo Luiz (org.). **De Capelinha a Nova Esperança**; imagens, lembranças e memórias. Nova Esperança/PR: Supergraf, 2012.

O modo claro e simples de escrever faz a gente saborear a obra da primeira à última página de uma só vez. Portanto, boa leitura. Feche os olhos e sonhe com os “Anos Dourados” da nossa querida Nova Esperança. Valeu, caro amigo Emilio Carlos Boschilia. Podemos antever que esta obra fará parte de muitos arquivos e bibliotecas pelo Brasil afora.

Pedro Arthur Sampaio

Advogado, foi Escrivão do Cível e Anexos, Escrivão Eleitoral e Prefeito de Nova Esperança/PR (14/12/1964 a 31/01/1969), deputado federal por duas legislaturas; Superintendente no Paraná da Legião Brasileira de Assistência (LBA); Diretor-Presidente da FAMEPAR; Condecorado com a Orden del Libertador pelo Governo chileno. É autor do livro **Nem sempre verdade, nem tanto folclore**. Curitiba: Ed. do Autor, 2007. Livro este que narra causos e acontecimentos ocorridos no Norte do Paraná.

PROLEGÔMENOS

No início eram as borboletas colorindo as margens dos córregos, o estridular dos grilos conquistando as fêmeas, o ciciar das cigarras chamando chuva, o trinar dos sabiás trocando juras de amor, o guinchar dos macacos e o ronco dos bugios anunciando o entardecer, o sibilo das cobras preparando o bote, o sossego dos lagartos ao sol escaldante, o silencioso barulho das matas acolhendo os mistérios da natureza e dos animais. Depois vieram os homens. Paranaenses, paulistas, mineiros, gaúchos, catarinenses, sem falar dos alemães, dos italianos, dos árabes e dos japoneses, para citar apenas alguns. Barulhentos, armados com suas espingardas de cano simples ou duplo, alguns portavam carabinas Winchester 44, outros chegavam munidos de machados, de facões, de foices, de enxadas e de serras muito bem afiadas. Vinham dispostos a "fazer a vida" a qualquer custo. E, no silêncio da mata, os golpes dos machados tombavam árvores ao grito de "madeeeeeira", os facões decepavam os galhos e as serras dividiam os troncos.

Neste universo de natureza e sociabilidades, Emilio Carlos Boschilia, em O JEITO DE FALAR DOS "PÉ VERMEIO", nos remete à história do nascimento da Vila Capelinha/Nova Esperança e dá voz a um povo que se organizou a partir da chegada dos múltiplos agentes de uma sociedade pluricultural, e que aos poucos ficou conhecido e adjetivado como os "pé vermeio". E, no processo de formação desta comunidade, surgem um léxico, uma forma de falar e um conjunto de expressões idiomáticas, compostos de palavras e de ditados populares que traduzem uma maneira própria de se comunicar daqueles pioneiros no Norte do Paraná, no século XX. Rigoroso no método, fundamentado teoricamente, vigoroso na pesquisa documental e bibliográfica, detalhista no levantamento do "modo de falar" dos habitantes da região, Emilio empreendeu uma verdadeira aventura intelectual, unindo a multiplicidade das informações coletadas com suas próprias vivências e com suas experiências, como morador que foi da Vila Capelinha/Nova Esperança. Desta forma, em O JEITO DE FALAR DOS "PÉ VERMEIO", ele nos mostra o universo majestoso do falar humano, nos conduz pela fascinante estrada das palavras e da riqueza das expressões idiomáticas, na qual as palavras são verdadeiras, mas também são traiçoeiras, e, como fruto da ação humana, constroem, destroem, organizam e reorganizam a realidade, dando-lhes sentidos vários e plurais. E, sobretudo, nos ensina que elas são entidades vivas, são lógicas e também são irracionais, dizem muito ou não dizem nada, são temperamentais e inconstantes, nos dominam e nos libertam. Mas, e acima de tudo, ajudam a entender a identidade de uma comunidade, definem sentimentos, expressam relações estruturais com a linguagem e provocam efeitos de sentido que somente aqueles que com elas se relacionam são capazes de sentir.

Euclides Marchi - Historiador

Graduação em Letras Vernáculas pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras N. Sra. Medianeira/SP. Mestre em História pela PUC/SP. Doutor em História Social pela USP/SP. Membro fundador do Núcleo Paranaense de Pesquisas em Religião (NUPER). Vice-Reitor Comunitário e Chefe do Departamento de História na PUC/SP. Pró-Reitor de Graduação e Coordenador Geral dos Cursos de Graduação e, também, Professor e Coordenador do Curso de História na UFPR/PR. Chefe do Depto. de História da Fac. de Filosofia, Ciências e Letras de Moema/SP. Diretor do Núcleo de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas do Centro Universitário Positivo. Pesquisador do CNPq e Diretor do Museu Paranaense.

UMA VIAGEM QUE VALE A PENA

Não sou nenhum sabido na redação de prefácios, mas guardo na memória o dilema de Millôr Fernandes quando disse: “o problema é que um prefácio é escrito depois do livro estar pronto e deve ser lido antes de se ler o livro”. Apesar disso o Millôr não só escreveu prefácios como aceitou prefácios em seus livros. Portanto, vamos ao livro.

A obra do Emilio, de conteúdo cuidadosamente pesquisado, me levou a reler Frazes Feitas (assim mesmo, Frazes com z), escrita por João Ribeiro[2] e editada em 1908, que fez parte da biblioteca de meu pai e, anteriormente, foi de João Deocleciano Régis, casado, lá nas quebradas do século XIX para o XX, com minha tia-avó Custódia. Um exemplar que já chegou a mim um tanto estropiado e me acompanha há cerca de 40 anos. Já completou 105 anos e, apesar das aparências, goza de boa saúde. São obras bastante úteis e que devem ser mantidas sempre à mão para consulta.

Passado mais de um século, O Jeito de falar dos “Pé Vermeio” é uma viagem que transita por um caminho semelhante ao de João Ribeiro e transpira o mesmo gosto que ele teve pelas palavras e expressões populares. Registrá-las, como fez o Emilio, é resguardar um pouco da história e da memória de quem as usou, inclusive da visão de vida e mundo que elas sintetizavam, e de aspectos vivenciais do mundo dos pioneiros. Tudo pode ser depreendido das palavras e expressões pesquisadas: costumes, crenças, manias, medos, esperanças, sonhos, fraquezas humanas, desejos, contradições, piadas, malandragem; o rol de possibilidades é infindável.

Por isso, para ilustrar a importância desta forma de registro e a contínua transformação que sofrem as palavras e expressões, escolhi comentar algumas delas. Começo pelo dito popular ‘agora a porca torce o rabo’ tal como circula hoje, mas que naqueles tempos era expressa assim: “aqui torce a porca o rabo”. O rabo do porco, explica Ribeiro, “é torcido e mole, do que não se faz um bom virote”. Ora, virote é uma coisa muito rija e contundente, um dardo ou um ferro colocado em espadas. (…). Rabo torcido e mole não fica rijo. Claríssimo!

Outra, a expressão ‘coisas do arco da velha’, usada para referir acontecimentos extraordinários, espantosos, fora do comum, tem sua origem em uma história portuguesa que refere certa velha que “deu uma mijada que encheu rios, riachos e a lagoa da Figueira”. Então, em Portugal, ocorre a advertência: “Arco da velha, não bebas aí, que mijou a velha”.

Já ‘dizer cobras e lagartos’ de alguém equivale, como é corrente, fazer uma crítica arrasadora só traduzível – ou criptografada – com aqueles risquinhos que indicam xingamentos nas histórias em quadrinhos. Para entender a expressão, João Ribeiro recorreu a Eugênio Pacheco, que diz: “cobras é uma forma antiga de coplas; e dizer cobras, como no espanhol *echar coplas*, era satirizar e dizer apodos em versos de escárnio”. Mas, para criar a frase redonda – com ritmo e harmonia – acrescentou-se outra expressão simétrica, ‘lagartos’, tal como se verifica com ‘alhos e bugalhos’, ‘cousas e lousas’.

O livro do Emilio permite rememorar um amplo rol de falas, termos, expressões e ditados populares de outrora, muitos dos quais ainda usamos. São elementos do cotidiano que estão ligados a antigas criações populares ou literárias, inclusive aquelas

então correntes no Norte do Paraná e muitas delas de ocorrência específica na Vila de Capelinha, atual Nova Esperança, lá pelos anos 1950-60.

Eis uma viagem que vale a pena.

Roberto Gomes

Escritor, professor da Universidade Federal do Paraná e Membro da Academia Paranaense de Letras. Dirigiu a Editora da UFPR. É autor de livros tais como: **Crítica da razão tupiniquim**; **Os dias do demônio**, romance que trata das lutas no sudoeste do Paraná; **Alegres memórias de um cadáver** e outros romances; contos como **Sabrina de Trotoar e Tacape** e vários outros. Também publicou obras de literatura infantil e de crônicas. Vários de seus livros foram premiados. Recebeu o prêmio Jabuti em 1982 com **O menino que descobriu o sol**, e seu conto Sabrina de Trotoar e de Tacape foi adaptado para o cinema, no longa-metragem **Flor do Desejo**. Diretor da Criar Edições e colunista da Gazeta do Povo em Curitiba/PR.

DEDICATÓRIA

Todos nós temos nossas máquinas do tempo. Algumas nos levam pra trás, são chamadas de memórias. Outras nos levam para frente, são chamadas sonhos. Jeremy IRONS.[3]

À Roseli, companheira de todas as horas, que ainda mantém em suas falas muitos dos termos e expressões de seus tempos de infância, advindos de sua região de origem, o norte catarinense, e dos quais alguns são coincidentes com *o jeito de falar dos "pé vermeio"*, presto aqui o meu respeito pelo quanto se preocupa com a memória e a história regional em suas atividades profissionais. É um exemplo para todos nós que, de alguma forma, temos interesse em preservar os elementos formadores de nossa cultura e de nossos aspectos identitários. Foi por seu estímulo que comecei a escrever trabalhos de maior fôlego.

Às minhas filhas Janaína e Letícia, que nunca estranharam os resquícios de meu jeito de falar acaipirado e do meu modo capiau de ser, adquiridos nos meus tempos de vivência no Norte do Paraná. E também por serem pessoas que entendem a necessidade de resguardar o que é nosso, de respeitar as diferenças e valorizar as coisas que favorecem manter nossa identidade cultural, aquilo que nos torna idênticos num país de muitas desigualdades.

Aos irmãos Amábile e Luiz pela presença constante ao longo de minha vida e porque, culturalmente, ainda preservam um pouco das falas, termos e expressões dos tempos de nossa infância e adolescência. Também à Rúbia Irma Sales e à Rejane Vitória Sales por serem exemplos de certa forma de cordialidade que enobrece e diferencia os *"pé vermeio"*, que é como são popularmente chamados os norte-paranaenses.

Ao amigo, professor Bonifácio José Gallotti, "colono" em plena área urbana de Curitiba, pelo exemplo de vida que deu em relação à recuperação do meio ambiente natural, bem como à Iara, sua esposa e nossa amiga, que mantém em sua culinária caseira muito da cultura alimentar de um tempo em que ainda predominavam certas práticas rústico/caipiras nas pequenas cidades interioranas.

À memória de meus pais Egidio e Irma pelos exemplos de força de vontade e de disposição para o enfrentamento das duras condições da '*frente pioneira*´[4] no Norte do Paraná. Eles fizeram parte das muitas levas de ´pioneiros´ – homens e mulheres (inclusive crianças) – que chegaram nos ´primeiros momentos´ da abertura dos caminhos, estradas e carreadores numa região em que a criatividade e os improvisos faziam parte do cotidiano. Dentre suas preocupações, permanentemente, estava o envio dos filhos à escola. Por circunstâncias da vida sempre tivemos sorte de morar em lugares onde, por perto, havia escolas. Foi com eles que eu e meus irmãos aprendemos muitos dos termos, expressões e ditados populares registrados neste livro.

À memória da minha avó Amábile Bellintani Boschilia pelos conselhos que me deu no sentido de valorizar os conhecimentos práticos e de também, volta e meia, por reiterar a importância de irmos para a escola. Era uma italiana de Mântua de pouco mais de um metro e meio de altura, mas dona de uma fibra e determinação invejáveis.

À memória da amiga Eva Perón Bernardo, também pioneira nas terras de Capelinha/Nova Esperança, uma pessoa que apreciava a busca de termos e expressões em

---

[3] **Jeremy Irons**, premiado ator britânico.

[4] A questão conceitual das ´frentes pioneiras´ e das ´frentes de expansão´ é discutida na seção 1.1 deste trabalho.

busca de relações e sentidos para uma das coisas que mais gostava, fazer palavras cruzadas. Ela sempre tinha um cafezinho de "*cinco efes*" como ela, jocosamente dizia ("frio, fraco, fedido e com formiga no fundo") e um dedo de prosa bem humorado e muito interessante para receber os amigos.

À memória de Waldemar Frantz que tinha o dom de saber contar histórias e causos sobre fatos e ocorrências de um tempo já bem distante; coisas de sua adolescência, do seu trabalho e das ocorrências de sua vida. Suas falas e narrativas, recheadas de expressões regionais e de detalhes empíricos prendiam a atenção, motivavam emoções e serviam de exemplo.

À memória de Nilson Carlos da Silva (Nicolinha), amigo dos tempos de infância, que sabia como poucos exercer a arte de bem ouvir as pessoas e ser solícito com todos ao seu entorno. Foi um amigo que tinha na memória e com clareza um bocado de detalhes de nossas "artes" e vivências dos tempos de infância e adolescência. Também foi uma pessoa que tinha entre suas falas muito do *jeito de falar dos "pé vermeio"*.

UMA HOMENAGEM AOS PROFESSORES ‘DAQUELES TEMPOS’

Aprendi que a vida e o mundo são muito mais belos quando vistos com os olhos da alma, porque assim é possível enxergar o infinito. Amilcar F. SILVA.[5]

Com este livro, ainda que modestamente, presto homenagem aos mestres ‘daqueles tempos’, pelo fato deles não terem medido esforços e atenção pedagógica para propiciar letramento, conhecimentos e disciplina a toda uma comunidade de crianças na qual me incluo. Em especial cabe lembrar da primeira professora de Capelinha, Dalva Lyra Soares; do primeiro diretor do Grupo Escolar Ana Rita de Cássia, João Panacivieicz, e da primeira diretora da Escola Sagrado Coração de Jesus, Edna Mitiko Komoguchi.

Dalva Lyra Soares, mineira de Espinosa/MG. Chegou na vila de Capelinha, atual Nova Esperança, em outubro de 1949, onde foi sua primeira professora.

Foto feita em 2013.

> A primeira escola era uma sala quadrada cedida pelo sr. João Miranda. Era um salãozinho que ficava ali perto da igreja, só isso. Tinha 27 alunos, uma parte deles fui buscar na fazenda Ribeiro. Tinha que ir buscar porque aqui no patrimônio não tinha crianças; tinha, mas não sabíamos onde estavam. Todo mundo procurava professor, mas ninguém sabia se existia, nem onde estava, nem como podia ser achado. [6]

À custa de empenho pessoal, aqueles mestres conseguiram melhorar as precárias condições educacionais existentes àquela época, um tempo no qual, conforme relato de um dos primeiros diretores de escola[7] de Nova Esperança, o enfrentamento dos problemas dependia de “*muita paciência e criatividade*”.

---

[5] SILVA, Amílcar Fernandes. **Diário de um sonho**. Curitiba: Ed. do Autor, 2010. p. 113. Amílcar Silva, poeta português, já falecido, foi Presidente da Sociedade Portuguesa 1º. de Dezembro em Curitiba/PR.

[6] SOARES, Dalva Lyra. Entrevista realizada por BOSCHILIA, Emilio C. e BOSCHILIA, Roseli em Nova Esperança, em 29 mar. 2013.

[7] Nélida Rodrigues Sampaio Heidemann. Primeira professora normalista nomeada para o Grupo Escolar Ana Rita de Cássia, hoje denominado Escola Municipal de Ensino Fundamental Ana Rita de Cássia.

Pioneiros num contexto de muitas carências eles trabalharam sob condições adversas e exíguos recursos. À época, jocosamente, se dizia que aquelas plagas eram um lugar de muita "*fartura*" porque "*fartava de tudo um pouco*", menos o necessário empenho por parte deles. A situação deles era tão precária que "na praça", volta e meia, podia se ouvir a récita de um ditado exemplificante das atenções que (não) recebiam: "*tá mais atrasado que pagamento de professor*".

Apesar das dificuldades que enfrentavam eles foram decisivos para que muitas crianças e jovens pudessem aprender as ´primeiras letras´, ´fazer contas´ e dar os ´primeiros passos´ em busca de conhecimentos visando se preparar para ´*enfrentar o mundo*´, tal como desejavam seus pais e que era algo da consciência de muitas crianças e adolescentes daqueles tempos, conforme como refere FAÍSCA, um filho de pioneiros.

> Para ter uma visão de um futuro tão incerto, o primeiro passo seria aprender as primeiras letras, executar as quatro operações e assinar o nome, para poder se precaver das agudezas mundanas que com certeza toparia pela frente.[8]

Os professores ´daqueles tempos´, sempre vale lembrar, eram mal remunerados e em maioria pouco considerados e reconhecidos pelos políticos e administradores públicos da época, exceto em períodos de eleição. Exceções existiram entre os gestores públicos, mas, em geral, as condições de trabalho para as atividades escolares eram muito precárias.

Naquele contexto, de modo geral, os políticos se mostravam mais preocupados com a conquista e manutenção de seus espaços de poder do que propriamente com os destinos da educação pública. E, para tornar possível o empreguismo em voga, a cada mudança de prefeito, parte dos professores e dos funcionários públicos eram demitidos para abrir vagas para os ´*cupinchas*´, para as ´*pessoas de confiança*´ dos novos governantes. E, dentre os primeiros a serem afetados, independentemente de terem sido eficientes, estavam os diretores de escola. Para que fossem defenestrados, bastava apenas que tivessem "*feito campanha para o outro lado*", ou "*falado mal do vencedor*", ou que ostensivamente não tivessem "*apoiado o candidato da patota vencedora*".

Nem todos os mestres referidos neste livro foram meus contemporâneos de escola, mas, meritoriamente falando, pelo que representaram para formação, informação e apoio daquelas crianças e jovens de outrora é prestada esta homenagem.

PROFESSORES EM CAPELINHA/NOVA ESPERANÇA NOS ANOS 1950-60

Adélia Batista Nogueira
Admar Erico Brodbeck
Ari Roncáglia
Alcionê Ferreira
Álvaro Dirceu de C. Vianna
Amábile T. Boschilia
Ana Concetta Romanini
Ana Maria dos Prazeres
Ana Maria Mendes
Angelina P. Barbosa
Gláucia Romano Neves
Guaraciaba Araújo
Hanae Hota
Hélia H. dos Santos
Hélio Gomes Corrêa
Hélio Lacerda
Hélio Narciso Brodbeck
Hilary Ribamar Zarpellon
Hiran Parra
Ir. Carmem
Maria Célia Costa Monteiro
Maria Clotilde Ringe
Maria da Silva Sena
Maria Dalva Silveira
Maria Ernestina G. Jorge
Maria Inês Carmona
Maria José Guimarães
Maria José Monteiro
Maria Rocha Kalil
Maria Terezinha Araújo

[8] FAÍSCA, José Pereira. **Nino**: história da minha vida. Montes Claros/MG: Millennium, 2015. p.10.

Angelina Parra
Anna Cantú Miotto
Anna da Silva Motta
Antonia Neusa de Oliveira
Antonio Carlos M. do Prado
Antonio Melnechuck (Diretor)
Aodelino Petris
Aparecida Antoneli
Aparecida Hanae Hota
Arlete Silva
Arquimedes Buzaite Mallio
Arquimedes J. G. Peixoto
Balbina Zulmira de Rezende
Carmem Catharina Pinto
Castor Ferrer da Rosa
Cecília Maria de Resende
Celina Patrão
Ceres Catarina Boechat
Cid Veronese
Cilene Patrão
Claudete Aparecida Romanini
Claudinira Aquaroni
Cleber Zeferino
Dagmar Ávila Esteves
Dalva Lyra Soares (1)
Dalva Weinert Silveira
Derci Galvão Neves
Deyse Lúcia Benatti
Dilma Palhano
Dionízia Peres Zanusso
Divanir Moreira Cyrino
Dolores Kreling
Dulce Cavalini
Edgar Ferreira
Edna Mitiko Komoguchi (2)
Edson Azevedo da Cruz
Elpídio Marculino Cardoso
Elza Alves de Oliveira
Emilia Cortez Zelleroff
Enilde Aparecida Ferro
Ercília Antoneli
Eunice Lúcia Campanini
Eunice Oliveira
Floripes Giroldo Veloso
Florisbela de Araújo Carvalho
Francisca S. Squeti
Gemma Landini Totugui
Geraldo de Marchi
Geraldo Marques
Ir. Ciríaca Rampo
Ir. Domingas Brotto
Ir. Leia
Ir. Luciana Viçoso
Ir. Maria Inês
Ir. Mercedes Cristofolini
Ir. Mirian
Ir. Romualda Juliani
Iraisydes Cecília Manzano
Ivete Silvestre
Ivone Silvestre
Janete ??
João Marin Mechia
João Panacivieicz (3)
João Tolosko
Jorge E. Chamon
José Alves de Queiroz
José Horr
José Lemos Filho
Josoer de Oliveira
Julieta de Oliveira
Julieta Kalil Mhafud
Julieta Mesquita Rigonato
Kleber Zeferino
Leoni Dias Vilela
Lídia Alves de Freitas
Lídio Serato
Lisete de Forvile Mesquita
Lourdes F. da Silva
Lourdes Freijoeli
Lourdina Santos Leite
Lucia Verneck Torres
Lucília Iwano
Luiz Carlos Neves
Luiz Hota
Luíza Yassuko Ishibe
Lurdes Scucuglia
Luzia Arantes Ganassin
Luzia Sekii
Lygia P. da Rosa
Marçal Dal Cole
Margarida Ito
Margarida Lidia Costa Monteiro
Maria Aparecida da Silva Neves
Maria Apar. Galvão de Múzzio
Maria Aparecida Melo
Maria Aparecida Silva
Maria Cândida Guides Jorge
Maria Cecília Resende
Maria Zenilda Gregório
Marilurdes Zanini
Marines Carmona
Mario Oliveira
Marli Costa Monteiro
Marli Cristina Schlichting
Massahiro Yamamoto
Massako Osaki
Matilde F. Ramos
Miguel Zaupa
Mitue Hota
Mônica Hermatchuk
Nadir Alves Dias
Nadir Scucuglia
Nair Araújo R. Gouvêa
Neide Felipe
Nélida R. Sampaio Heidemann
Neusa Alves de Oliveira
Nilza Iwano
Noriko Iwano
Norma Galinari
Osvaldo L. de Macedo
Palmira Tristão
Paulo S. F. de Assis
Pery Natalino A. Santinho
Raul Pimenta
Rita Cardoso
Rosa Aiko Sakimoto
Rosalina Boni
Rosalina Gato
Ruth de Muzio Carvalho
Saturnino Aguiar de Paula
Saturnino Disney Reche
Shirley Matos Daniel
Sílvio Ferrer da Rosa
Sinval Portes da Rosa
Sirlene A. de Lemos
Sirlene Lemos
Terezinha Canto Rodrigues
Terezinha Cantú Miotto
Terezinha Ribeiro Koster
Therezinha Cardoso de Souza
Verônica Hermantchuk
Vilma T. Q. Carvalho
Vilna Palhano
Zélia dos Santos Quirino
Zulmira Antoneli
Zulmira Barbosa Araujo
Zulmira Cavalari

(1) Primeira professora da vila de Capelinha (atual Nova Esperança)
(2) Primeira professora e diretora da Escola Sagrado Coração de Jesus
(3) Primeiro diretor do Grupo Escolar Ana Rita de Cássia

ADMINISTRADORES, AUXILIARES E ZELADORES QUE MARCARAM A MEMÓRIA

Cecília Santana	**Ir. Imeldes Bertolin**	**Onofra Guimarães**
Florinda Zambonatto (Dona Fiori)	**Ir. Plinia Aoki**	
Francisco (o seu Chico)	**Maria José Oliveira**	

FONTE: Pesquisa de campo; documentação da Secretaria de Educação do Município de Nova Esperança e informações de ex-alunos, colegas de escola, amigos ´daqueles tempos´ e eventuais interlocutores de vivência regional (ver Agradecimentos).

Pela extensa lista de professores do período e pela dificuldade de recuperação de vários sobrenomes é possível que alguns não tenham sido registrados de modo exato ou tenham sido grafados com discrepâncias. Contudo, a busca pela relação completa, continuará sendo objeto de pesquisa. E a complementação, caso seja necessária, ficará para uma segunda edição que, espero, o tempo e a vida me permitam realizar.

AGRADECIMENTOS

Se quer ir rápido, vá sozinho. Se quer ir longe, vá em grupo. Provérbio africano.

Nos trabalhos de pesquisa, em alguns momentos, é necessário contar com eventuais e valiosas ajudas, desde aquelas formais obtidas por meio de orientações tecno-metodológicas específicas, passando pelas indicações de fontes, anuência para entrevistas e, também, pelo simples fornecimento de algum conteúdo ou ideia. Neste projeto não foi diferente e, por isso, agradeço àqueles que, mesmo que não tenham percebido isto, contribuíram, de alguma forma, para melhoria do texto e dos conteúdos aqui apresentados, ou ainda para facilitar alguns aspectos do trabalho, tais sejam, conforme suas colaborações específicas:

Ana Maria Hladczuck – Filósofa (Curitiba/PR), por sugestões quando ao encaminhamento do projeto e pelo empenho feito no sentido da captação dos recursos para sua viabilidade.

Ângela Maria Sílvia Cherobim – Bibliotecária (Curitiba/PR), de muitas referências, pela costumeira competência com que faz seu trabalho profissional e ajuda nos meus.

Bruna Jorge - Arquiteta (Groningen, Holanda), pelas valiosas contribuições e discussões iniciais acerca da formatação do livro e do cartaz de divulgação do projeto.

Carlos Augusto Fuganti – Engenheiro (Curitiba/PR), pela lembrança de certas expressões e elementos do léxico dos norte-paranaenses, conhecidos em decorrência de contato com a fala das pessoas daquele rincão, a despeito de nunca ter morado por aquelas bandas.

Etelvina Maria de Castro Trindade - Historiadora (Curitiba/PR), pelas sugestões relativas aos textos de natureza histórica deste trabalho e sobre a forma de estruturação dos capítulos e seções.

Irmã Maria Zorzi, do Colégio Sagrado Coração de Jesus (Nova Esperança/PR), pelas informações sobre professores 'daqueles tempos' e pela presteza com que fez isto.

João Modesto Ribeiro – Pioneiro (Curitiba/PR), colono dos tempos de abertura das terras no Norte do Paraná, por algumas das informações da 'vida na roça' expostas neste livro e de alguns termos usados no espaço rural.

José Luiz da Veiga Mercer - Linguista (Curitiba/PR), pela preciosa e objetiva orientação, correção e ajuda quanto aos aspectos de linguística envolvidos com a produção e organização dos conteúdos desta pesquisa. Foi a partir de suas sugestões que o texto dos vocábulos foi tratado de modo profissional.

Luiz Eduardo Hoffmann – Poeta (Curitiba/PR), nascido em Jacarezinho/PR, pela cuidadosa leitura da versão final deste trabalho e pelas sugestões e informações acerca de vários termos e expressões usuais no Norte do Paraná, lembrados ao longo da pesquisa, e também pelo empréstimo de alguns livros que foram importantes para esta pesquisa.

Nelson Dácio Tomazi – Sociólogo (Londrina/PR), pelas observações, críticas e sugestões feitas no texto de uma das versões preliminares, algumas das quais foram fundamentais para revisão e melhorias neste livro. De sua tese de doutoramento eu "bebi" um bocado dos elementos que fundamentaram este trabalho.

Roseli Terezinha Boschilia – Historiadora (Curitiba/PR), pela atenta leitura, valiosos questionamentos e sugestões, e também pela lembrança de alguns termos e ex-

pressões que enriquecem partes deste léxico, ouvidos e lembrados em função de suas atividades de ensino e pesquisa, e de visitas ao Norte do Paraná.

Tânia Mara Toledo Fuganti – Jornalista (Curitiba/PR), pela ajuda na (re)memorização de alguns termos e expressões regionais próprias do falar caipira ainda hoje usados no Norte do Paraná, inclusive de algumas nuances do modo de falar daquelas gentes. Foi de sua lavra a produção dos textos de contrapartida fornecido no âmbito deste projeto.

E, também, a alguns amigos e conhecidos abaixo relacionados (explicitados os seus atuais lugares de moradia) por terem em algum momento lembrado ou referido alguns dos termos e expressões, mesmo que apenas um deles, registrados neste livro. Em geral, isto ocorreu em diversas oportunidades de relacionamento com amigos e conhecidos, tais como nos encontros do "*pessoal dos Anos Dourados*" de Capelinha/Nova Esperança, em algumas interações com pessoas que viveram por aquelas terras, por meio de eventuais trocas de mensagens ou por ocasionais observações feitas em postagens via internet:

Alvacir Luziano Araújo (Neno) – (Dourados/MT)
Amábile T. Boschilia (Tica) – (Maringá/PR)
Anselmo Cancian – (Curitiba/PR)
Antonio Vicente – (Curitiba/PR)
Armando Salles Galbi – (São Paulo/SP)
Bonifácio José Gallotti – (Curitiba/PR)
Bráulio dos Santos Neto – (Arapongas/PR)
Cacilda Bruning Guimarães – (Teresópolis/RJ)
Carlos Rigonato - (Nova Esperança/PR)
Carol Beaver - (Aurora, província de Toronto/CA)
Célia Scolari – (Maringá/PR)
Ceres Catarina Boechat – (Itaperuna/RJ)
Cilene Patrão – (Curitiba/PR)
Dayane Palhano - (Nova Esperança/PR)
Diogo Matias - (Nova Esperança/PR)
Edison de Muzio Carvalho – (Curitiba/PR)
Edson de Lima Pinto – (Cabo Frio/RJ)
Eliana Ferrari Felipe Galbiatti – (Nova Esperança/PR)
Elizabeth Goldschmidt Tremaine - (Mariland/EUA)
Enilsa Suski – (Curitiba/PR)
Florenir de Lima Pinto – (Maringá/PR)
Gislaine Alice Albieri – (Curitiba/PR)
Ivalcir Aparecido Paixão (Ciro) – (Curitiba/PR)
Ivane Zacharias – (Nova Esperança/PR)
João Marin Mechia – (Maringá/PR)
José Edésio de Matos – (Curitiba/PR)
José Francisco de Carvalho - (Curitiba/Pr)
José Rodrigues do Nascimento – (Maringá/PR)
Judite Maria Trindade – (Curitiba/PR)
Julieta de Oliveira Andrade – (Maringá/PR)
Lauro Oliveira – (Curitiba/PR)
Leonice Boni – (Monte Azul/MG)
Lourival Afonso – (Umuarama/PR)
Luiz Boschilia – (Chapecó/SC)
Luiz Carlos Ruiz – (Maringá/PR)
Maria Aparecida Caporici – (São Paulo/SP)
Maria Judite Ferrareto – (Curitiba/PR)
Nélida R. Sampaio Heidemann – (Curitiba/PR)
Oscar de Lima Pinto – (Cândido de Abreu/PR)
Osvaldo Luiz Patrão – (Curitiba/PR)
Rejane Vitória Sales – (Maringá/PR)
Rúbia Irma Salles – (Maringá/PR)
Valdemar Filus - (Nova Esperança/PR)

Emilio Carlos Boschilia

Economista pela FESP/SP; Doutor em História pela UFPR/PR. Pesquisador cultural - com ênfase em Patrimônio Imaterial. Morou em Capelinha/Nova Esperança de 1951 a 1966 e em Maringá nos anos 1967-8. É autor dos seguintes livros:

BOSCHILIA, E. C. **Os derradeiros artífices de uma cultura rural**: artesania para uso rurícola ou doméstico tradicional em Curitiba-PR. Curitiba: Ed. do Autor, 2008.

BOSCHILIA, E. C. **Vinhateiros de Curitiba e arredores**: artesania caseira do vinho de colônia. Curitiba: Ed. do Autor, 2010.

BOSCHILIA, E. C. **O bosque da família Gallotti:** uma história urbana de recuperação e regeneração da natureza no paradigma de gestão ambiental natural de Curitiba. Curitiba: Ed. do Autor, 2011.

BOSCHILIA, E. C. **Grupos folclóricos em Curitiba/PR**: elementos de identidade imigrante: o grupo Alma Lusa. Curitiba/PR: Ed. Autor, 2015.

BOSCHILIA, E. C.; PEREIRA, M. **Grupos folclóricos em Maringá/PR**; elementos de identidade imigrante: o grupo Os Lusíadas. Maringá/PR: Ed. Autor, 2015.

INTRODUÇÃO

A História do Brasil é, antes de tudo, a história da formação de um povo, da transmissão de uma cultura (...) é formada por histórias regionais, locais, que, de qualquer forma, constitui um todo, expressão da história básica da formação nacional. Brasil Pinheiro MACHADO.[9]

Lembro com saudades dos tempos da minha infância e adolescência passados em Capelinha/Nova Esperança, lugar para onde minha família se mudou em 1951. Foi um período de novidades diárias, muitas alegrias e emoções, sonhos de criança, convivência com amigos, brincadeiras nas matas e capoeiras, interação com colegas de escola, vizinhanças e professores, entre outros. Morei lá durante quase vinte anos, tempo este que vi as matas serem derrubadas e queimadas, sítios e fazendas serem abertos. Foram tempos de expansão das frentes pioneiras,[10] da criação de vilas e cidades e, também, tempos de aprendizado, muitas experiências e contato permanente com o jeito de falar daquelas gentes e seu modo de vida.

Com o tempo, aprendi que em nossas existências tudo passa por transformações: o mundo em que vivemos, os ambientes em que atuamos, as pessoas com quem convivemos, bem como a disponibilidade de recursos materiais e informacionais que impactam o cotidiano das pessoas.

Aprendi também que tudo o que acontece no mundo e em nossas vidas se dá no âmbito de certos espaços, contextos históricos e circunstanciamentos, ou seja, os fatos sempre se sucedem no interior de uma dinâmica permeada de mudanças e permanências, muitas das quais nós tivemos oportunidade de observar, outras de ouvir falar, naquele lugar e período de tempo, em relação ao modo de falar das pessoas com as quais convivemos.

Neste sentido, e levando em conta este projeto de pesquisa, é preciso explicitar que, ao pretendermos falar acerca de algum objeto, aspecto, fato ou tema, particularmente daqueles situados no passado, temos que levar em conta e relembrar, necessariamente, um bom rol de episódios e fatos ocorridos no espaço e contexto colocados em foco. E é isto o que foi feito neste livro acerca do modo de falar dos pé-vermelho em Capelinha/Nova Esperança e região.

Desta forma, por ser um projeto de pesquisa que envolve objetos, aspectos e temas de natureza histórica, vale a pena conhecer um pouco da história de formação do lugar estudado, dos agentes que promoveram as transformações e alguns dos antecedentes que conformaram sua historicidade, bem como o panorama no qual eles (os objetos de estudo) estiveram inseridos. De igual maneira, como se poderá perceber ao longo do texto, foram recuperadas algumas circunstâncias consideradas importantes para melhor compreensão das narrativas sobre o tema, aspectos e fatos levados em conta neste livro.

O QUE PRETENDE ESTE LIVRO

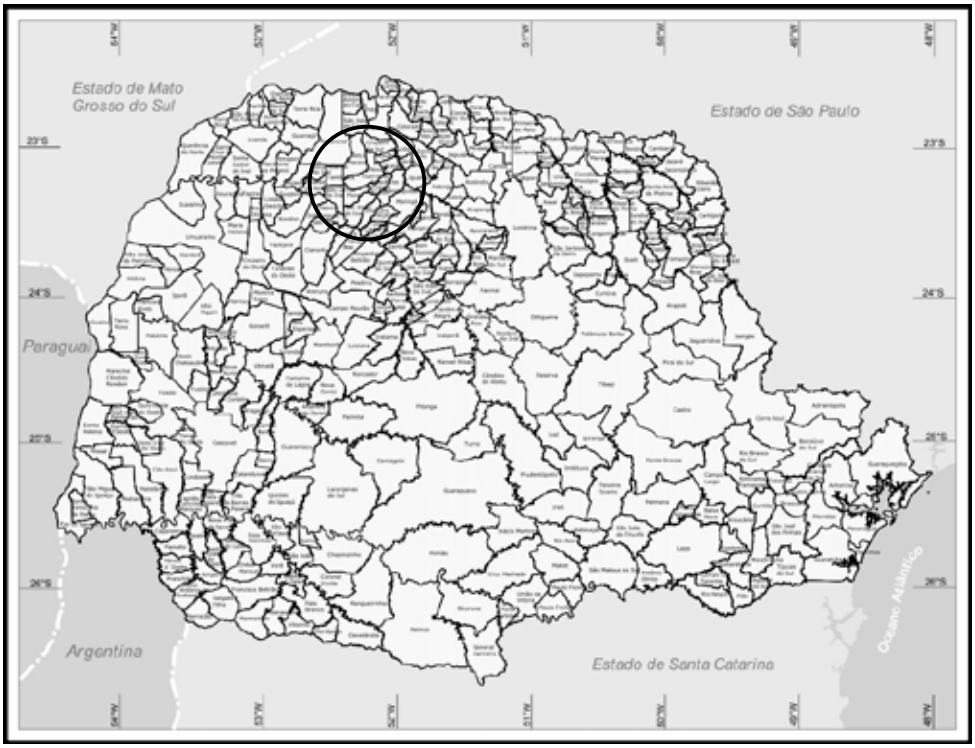
Cumpre a quem escreve ser filho de sua terra e ir deitando ao papel memórias do seu tempo. João A. CORREIA.[11]

Neste texto, por meio da exposição de alguns aspectos técnico-teóricos, da coleta de termos e expressões aqui registrados, bem como pelos ditados populares e zoônimos

[9] MACHADO, Brasil Pinheiro. Citado por SANTOS, Carlos Roberto Antunes dos. **Vida Material Vida Econômica**. Curitiba: SEED, 2001. p. 85.

[10] A questão das ´frentes pioneiras´ é tratada com detalhes no capítulo 1.1.

[11] Cronista das gentes do Douro, Portugal. Citado por BAPTISTA, Aida. In: **Mileniun Stadium**, Edição 1298, 7-13 out. 2016, p. 27.



Mapa do Paraná situando a região de Capelinha/Nova Esperança.

listados, pretende-se relembrar um pouco das experiências vividas em meados do século XX na Vila Capelinha, atual cidade de Nova Esperança, Norte do Paraná e, inclusive de resgatar lembranças sobre um mundo que era eminentemente rural em suas práticas, rústico-caipira em sua essência e do qual, na atualidade, resta muito pouco do modo de viver dos pioneiros.

> O modo caipira de viver resultou de uma mistura cultural que incluía costumes europeus, a religiosidade dos lusitanos, a familiaridade com as matas e seus recursos naturais de alimentação e cura, aprendidos com os povos indígenas, assim como seus elementos de artesania e de construção de casas e abrigos para o vivenciamento em quase isolamento, em meio às matas e distante dos povoados.[12]

Na verdade, este é um trabalho de história e memória produzido com base em um recorte regional e, também, um ´depoimento de testemunha´ que procura expor certa 'paisagem verbal' circunstancialmente existente 'naqueles tempos' (meados do século XX). E isto será feito por meio do arrolamento de elementos do **léxico** e **expressões idiomáticas** frequentemente utilizados nas ´frentes pioneiras´ ocorridas no breve período de abertura das matas, limpeza dos terrenos, formação de cafezais e lavouras, bem como da formação de vilas e cidades ao tempo do desbravamento deste rincão paranaense, tal como já referido.

[12] Cornélio Pires, escritor e folclorista nascido paulista em 1884, chegou a classificar os caipiras em: "caipira branco, descendente de imigrantes europeus; caipira caboclo, descendente dos bugres; caipira preto, descendente dos africanos; e caipira mulato, proveniente da junção entre africanos e brancos". PINTO DA SILVA, Alberto S. R. **Representações de caipira nas práticas literárias de Cornélio Pires**. Piracicaba/SP: UNIMEP, 2008. Dissertação de mestrado.

Léxico é uma espécie de acervo de palavras de uma língua, configurando-se, portanto, como um dos responsáveis por abrigar e representar o patrimônio cultural de um povo.[13] Nas práticas discursivas diárias, os falantes fazem uso de apenas uma parte do léxico, ou seja, de um subconjunto desse total de palavras, denominado vocabulário (ou repertório lexical). Assim, vocabulário é o conjunto de palavras (ou vocábulos) e expressões efetivamente utilizados, seja por uma pessoa em textos orais ou escritos, seja por um grupo de pessoas de determinada faixa etária, de uma certa região ou de uma época específica.[14]

O léxico, como representante de todo o conhecimento humano acumulado numa dada comunidade linguística, não pode ser abarcado na sua totalidade. Dessa forma, para superar as capacidades individuais de memória surgem os dicionários, que são o depósito da memória social por excelência.[15]

Expressões idiomáticas são porções de frases cujo significado ultrapassa o significado literal das suas partes. Significam mais do que a interpretação das palavras que as compõem, implicando uma leitura contextual. São comumente utilizadas na linguagem informal e, estando algumas muito enraizadas na cultura linguística dos falantes, são aplicadas também em discursos formais.[16]

Em geral, por se tratar de elementos de uma linguagem popular, as palavras e as expressões idiomáticas faladas pelos ´pioneiros´ eram utilizadas com recorrente auxílio de 'sentidos conotados' ou 'linguagem figurada', também denominadas como ´figuras de estilo´, que é quando o significado da palavra é diferente do seu sentido ´denotado´, original, próprio, literal, ou seja, distinto do sentido literal dicionarizado.

A **denotação** tem como finalidade informar o receptor da mensagem de forma clara e objetiva, assumindo assim um caráter prático e utilitário. É utilizada em textos informativos, como jornais, regulamentos, manuais de instrução, bulas de medicamentos, textos científicos, entre outros.

Sentido conotado (linguagem figurada ou figura de estilo) é quando uma palavra é utilizada apresentando diferentes significados, sujeitos a diferentes interpretações, dependendo do contexto frásico em que aparece. Quando se refere a sentidos, associações e ideias que vão além do sentido original [próprio, literal] da palavra, ampliando sua significação mediante a circunstância em que a mesma é utilizada, assumindo um sentido figurado e simbólico.[17]

De modo abrangente, aqui será produzida uma narrativa sobre alguns aspectos da história regional norte-paranaense, bem como serão explicitadas algumas particularidades do processo de ocupação de suas terras pelas ancestrais populações aborígines, por caboclos e posseiros. Ao mesmo tempo, de modo específico, os olhares serão focados sobre as populações mais recentes (os ´pioneiros´) que atuaram na colonização dos sítios e fazendas e na criação e população dos incipientes núcleos urbanos que se tornaram vilas e cidades.

---

[13] PACHECO, Mariana do Carmo. **Há diferença entre vocabulário e léxico?** In: *Brasil Escola*. Disponível em: https://brasilescola.uol.com.br/gramatica/ha-diferenca-entre-vocabulario-lexico.htm. Acesso em 25 nov. 2019.

[14] CARVALHO, Orlene Lúcia de Saboia. **Léxico**; termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores. Disponível em http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/lexico. Acesso em 25 nov. 2019.

[15] FONSECA, Heloisa da Cunha; CANO, Valdenice Moreira. **Expressões metafóricas construídas a partir de zoônimos e registradas em dicionários de língua gera**l. p.2. Disponível em http://www.seer.ufu.br/index.php/horizontecientifico/article/view/4436/7797, consultado em dez. 2019.

[16] NEVES, Flávia. **Expressões idiomáticas**. Disponível em https://www.normaculta.com.br/expressoes-idiomaticas/. Acesso em 25 nov. 2019.

[17] NEVES, Flávia. **Conotação e denotação**. Disponível em https://www.normaculta.com.br/conotacao-e-denotacao/, consultado em 25 nov. 2019.

Este livro, portanto, busca construir um cenário contextual da realidade vivenciada pelos pioneiros e seus modos de vida, registra parte do **vocabulário e expressões** faladas naquelas paragens, material este que apresenta aspectos culturais e das experiências de vida dos ´pioneiros´ naquela região, pois, como disse MERCER em outra importante obra sobre este mesmo tema geral:

> os vocábulos não nomeiam as coisas, tais como existem objetivamente no mundo, mas sim objetos que a experiência social recorta na paisagem, que, como tais, são meras entidades do espírito. E como a experiência não é a mesma entre as diversas comunidades, também não é o mesmo mundo de objetos com que cada um opera.[18]

Complementarmente, inclusive, sem que seja um estudo de Paramiologia,[19] relaciona um bocado dos **ditados populares de natureza pedagógica**, frequentemente utilizados pelos pioneiros, e de alguns **zoônimos** por eles recitados.

> **Ditados populares ou provérbios**, são conformados como "uma unidade léxica fraseológica fixa, consagrada por determinada comunidade linguística, que recolhe experiências vivenciadas em comum, e as formula como um enunciado conotativo, sucinto e completo". [20]
>
> **Zoônimos**, são expressões idiomáticas (unidades fraseológicas) que têm nomes de animais em sua composição.
>
> As unidades fraseológicas com zoônimos são expressões metafóricas integrantes da cultura e expressam aspectos peculiares da comunicação, com um colorido especial próprio à conversa dos falantes de uma língua.[21]

De modo amplo, o foco das atenções foi voltado para um apanhado de elementos verbais presentes nos processos de comunicação e informação relativos a certo modo de falar meio rústico, meio caipira dos pioneiros norte-paranaenses, alguns de uso geral, outros de uso mais restrito, tal como os socioletos e idioletos,[22] em meados do século XX. Desta forma, vale ressaltar que não houve preocupação com a linguagem formal e sim com aquela informal, a fala do povo em geral, o modo de falar regional.

> A linguagem formal, também chamada de "culta" está pautada no uso correto das normas gramaticais bem como na boa pronúncia das palavras. Já a linguagem informal ou coloquial representa a linguagem cotidiana, ou seja, trata-se de uma linguagem espontânea, regionalista e despreocupada com as normas gramaticais.[23]

---

[18] MERCER, José Luiz. No Prefácio de FILIPACK, Francisco. **Dicionário sociolinguístico paranaense**. Curitiba: Imprensa Oficial, 2002. p. 11.

[19] **Paramiologia** - ramo da ciência que estuda os provérbios ou ditados populares.

[20] XATARA, Maria Cláudia. **A tradução para o português de expressões idiomáticas em francês.** Araraquara/SP: Univ. Est. Paulista, 1998. p. 19. Tese.

[21] BUDNY, Rosana. As unidades fraseológicas com zoônimos nos dicionários bilíngues escolares (português-inglês) e a questão das equivalências. In: **Alfa**, rev. linguíst. (São José Rio Preto) vol.61 no.2 São Paulo maio/ago. 2017. Disponível em http://www.scielo.br/pdf/alfa/v61n2/0002-5216-alfa-61-02-0409.pdf, consultado em dez. 2019.

[22] **Socioleto** - o socioleto é uma linguagem característica das diversas camadas ou estratos sociais. O **idioleto** é um neologismo de invenção individual de certos falantes originais ou de certos núcleos familiares que criam, inventam vocábulos originais que entram na corrente linguística.

[23] DIANA, Daniela. **Linguagem formal e informal**. Disponível em https://www.todamateria.com.br/linguagem-formal-e-informal/, consultado em dez. 2019.

Por isso, dada à diversidade de origens e de localização espacial relativa, é bem provável que mesmo para a população que vivenciou a realidade dos ´tempos pioneiros', muitos dos termos e expressões aqui registrados possam constituir "novidade" para os seus ouvidos e entendimento. Consequentemente, vale considerar que por maior que seja o esforço de pesquisa e coleta de informações sobre esta temática, a recuperação dos termos e expressões 'daqueles tempos' pode ser considerado um trabalho infindável. E aqui já vale antecipar que não se pretende a produção de um dicionário no sentido mais usual deste termo e sim apenas um léxico entremeado por expressões idiomáticas ao qual foram acrescentados um rol de ditados populares considerados pedagógicos e um acervo de zoônimos.

Muitos dos termos e expressões da linguagem dos pioneiros norte-paranaenses aqui relembrados são do "tempo do onça" ou "tempo em que se amarrava cachorro com linguiça", como era costume dizer naquelas paragens para referir os fatos que ocorreram há muito tempo atrás. Neste sentido, vale notar que muitos dos termos e expressões aqui registrados foram caindo em desuso quando não definitivamente esquecidos, ainda que volta e meia possam ser ouvidos nas falas da população regional. Outros termos, de uso corrente 'naqueles tempos', ainda se mantiveram tal como eram ditos no ambiente das frentes pioneiras. E o que isto mostra é que estas mudanças e permanências configuram uma realidade linguística mutável em um lapso de tempo relativamente curto.

> A língua não é, como muitos acreditam, uma entidade imutável, homogênea, que paira por sobre os falantes. Pelo contrário, todas as línguas vivas mudam no decorrer do tempo e o processo em si nunca para. (...) A variação linguística, portanto, é inerente a toda e qualquer língua viva do mundo. Isso significa que as línguas variam no tempo, nos espaços geográfico e social e também de acordo com a situação em que o falante se encontra.[24]

Por ser um trabalho que se preocupa fundamentalmente com elementos verbais utilizados por uma certa comunidade, vale referir LUFT quando observou que

> o léxico está sempre em evolução, o que significa que uma de suas principais características é sua mutabilidade. Algumas palavras caem em desuso, outras surgem, outras provém de outros idiomas, outras continuam existindo mas seus significados são modificados, etc. Isto é quase imperceptível porque é um processo que passa por muitos anos e muitas gerações.[25]

Na prática, ainda que o foco da pesquisa tenha sido a vila de Capelinha e região e que boa parte das palavras, expressões, ditados populares e zoônimos aqui registrados também possam ser encontrados em outras partes do Brasil, vale explicitar que dado o histórico de ocupação antrópica do Norte do Paraná, este livro arrola um conjunto de conteúdos de natureza sociolinguística que fazem parte intrínseca da história e do patrimônio cultural imaterial desta região onde, ainda hoje, podem ser encontrados resquícios de um modo de vida predominantemente ´rústico/caipira´ perceptível por meio das falas e costumes de sua população.

> Pode-se afirmar que na língua se projeta a cultura de um povo, compreendendo-se cultura no sentido mais amplo, aquela que abarca o conjunto dos padrões de comportamento, das crenças,

---

[24] COSTA, Vera Lúcia Anunciação. A importância do conhecimento da variação linguística. In: **Educ**. rev. no.12 Curitiba Jan./Dec. 1996. Disponível em http://dx.doi.org/10.1590/0104-4060.157, consultado em dez. 2019.

[25] LUFT, Celso Pedro. **Manual da língua portuguesa**. Referido em Monemas (Parte 1), disponível em https://redafacil.blogspot.com/2014/03/monemas-parte-i.html, consultado em dez. 2019.

> das instituições e de outros valores espirituais e materiais transmitidos coletivamente e característicos de uma sociedade.[26]

No fundo, é um esforço de pesquisa que visa contribuir para a história das palavras e dos pioneiros,[27] pois, tal como observou PIMENTA,

> a história das palavras é a história do homem. Elas nascem e atravessam idiomas, mudando quase sempre na forma – para se adaptarem à fala de um povo – e muitas vezes no conteúdo – revelando o olhar e o pensar de novos usuários.[28]

E dentre as palavras que mais rapidamente caíram em desuso estão os termos e expressões funcionais, haja vista que estes foram esquecidos na medida em que ocorreram mudanças no modo de vida e/ou na tecnologia então vigente. Por exemplo, todo um conjunto de referências verbais feitas no contexto da ´frente pioneira', relacionadas com a 'abertura das matas' e as 'derrubadas', tais como as palavras "boca", "barriga", "costa", "macaco" e "égua" (ver neste Léxico) que desaparecem da linguagem cotidiana e com o tempo poucos são os que ainda se lembram delas. Por outro lado mesmo que ainda se saiba o que significavam, elas perderam a função utilitária nos processos de comunicação cotidianos no espaço colocado em foco nesta pesquisa.

E o mesmo aconteceu com a nominação de doenças e malestares que faziam parte do dia-a-dia dos pioneiros, termos estes que encontravam respaldo na crença e na tradição, mas que, atualmente, com melhores e mais abundantes recursos de informação acabaram por serem progressivamente deixadas de lado, tal como aconteceu com as palavras então utilizadas para referir doenças, por exemplo: *quebranto ou quebrante, cobreiro, mau-olhado, espinhela caída, vento virado, nó nas tripas e ar (tomar ar).*

Mais ainda, também na alimentação pioneira, algumas palavras eram de uso comum haja vista a utilidade de algumas espécies vegetais que serviam como alimento. Neste sentido, podem ser lembradas a *beldroega (Portulaca oleracea)*, o *caruru de porco (Amaranthus flavus*), a *serralha (Sonchus oleraceus)*, o *ora-pro-nóbis* (*Pereskia aculeata)*, o *palmito-jussara* (*Euterpe edulis*) e a cabeça do *coqueiro-jerivá (Syagrus romanzoffiana*). Algumas frases então utilizadas, tais como ´pegar palmito', 'comprar palmito', quando ditos atualmente, não mais se refere ao produto originário da palmeira-jussara, que era espécie arbórea bastante comum no norte do Paraná e um alimento frequente às refeições dos pioneiros, e sim aquele que é vendido em conserva nos mercados.

Inclusive os nomes de algumas frutas silvestres bastante comuns ´naqueles tempos´, tais como por exemplo a *pindaíba*, a *gabiroba*, o *ariticum*, o *bacupari*, o *café-de-bugre*, o *ora-pro-nóbis* praticamente desapareceram das falas atuais dos norte-paranaenses, simplesmente porque as matas onde ocorriam não mais existem. E no que tange a certos produtos, tais como o "arroz de primeira", o "arroz de segunda" e o "arroz de terceira" (produto este que apresentava até 25% de grãos com defeito e quebrados), os quais não são mais comercializados desta forma nos tempos atuais, o que torna a expressão "*Estou mais quebrado que arroz de terceira*" algo um tanto anacrônica, haja vista que mesmo sendo eventualmente utilizada raras são as pessoas que um dia viram este tipo de cereal.

---

[26] BRANDÃO, Silvia Figueiredo. **A geografia lingüística no Brasil**. São Paulo: Ática, 2005. p. 5.

[27] A questão dos ´pioneiros´ ou ´pioneiros desbravadores´ é tratada com detalhes na seção 1.5.

[28] PIMENTA, Reinaldo. **A casa da mãe Joana**; curiosidades nas origens das palavras, frases e marcas. Rio de Janeiro: Campos, 2002. p. 9.

E, também, um grande rol de topônimos cuja alteração na paisagem fez com que desaparecessem das referências topológicas atualmente utilizadas, por exemplo, em Capelinha/Nova Esperança, a “Mata da Oficial”, a “Mata do Prizão”, a “Mata da Zona” - e a “Zona” -, a “Mata do Campo de Aviação” - e o “Campo de Aviação” que deixou de existir -, o “Tanque do Valdemar”, a “Chácara da Companhia”, o “Buracão”, o “Campo do Padre”, o “Tênis Clube”, o “Campo de beisebol dos japoneses”, a “Cachoeirinha do Matadouro” e por aí vai.

APROPRIANDO MEMÓRIAS E LEMBRANÇAS

A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado. (...) A memória emerge de um grupo que ela une (...) A história, ao contrário, pertence a todos e a ninguém. Pierre NORA.[29]

Em princípio, e utilizando uma metáfora, este projeto só se interessou por um lapso de tempo em que as imagens fotográficas eram feitas em preto e branco. É um pouco da história daquelas gentes e de seu jeito de falar cuja pesquisa foi realizada, em parte com a apropriação de memórias e lembranças - entrevistas e depoimentos - e outra parte com o uso de fontes escritas (ver Referências Bibliográficas).

> Memórias são experiências, são factos vividos, conservados, guardados, preservados em mente e outros suportes materiais, para mais tarde lembrar, relembrar, contar, comunicar, principalmente transmitir.[30]

> Por meio da memória, o sujeito registra o presente, permitindo que ele não se perca, mas possa ser resgatado, acessado por meio da lembrança.[31]

> Nossas memórias, assim como as dos outros animais, provém da experiência. Por isso é mais sensato falar de ‘memórias’” e não de ‘Memória’, já que existem tantas memórias quantas experiências possíveis.[32]

Neste sentido, em que pese a presença de algumas considerações de natureza técnico-teórica e histórica, vale destacar que o recurso às memórias e lembranças adquiriu importância fundamental para os resultados objetivados e se tornou elemento crucial para a viabilização deste projeto.

> Não se pode confundir o passado com a memória dele, nem sequer com a memória coletiva. Esta baseia-se, de facto, numa reconstituição imaginária, mítica (…) porque condiciona, muitas vezes, os comportamentos coletivos. [33]

---

[29] NORA, Pierre. Entre memória e história; a problemática dos lugares. In: **Proj. História**, São Paulo (10), dez. 1993. p. 9.

[30] ASSOCIAÇÃO Memória das Migrações. No convite para a Conferência “História das Migrações”, que ocorreu em 1º. de julho de 2007 em Lisboa/PT.

[31] REIS, Alice Casanova; SCHUCMAN, Lia Vainer. A constituição social da memória: lembranças de uma testemunha da II Guerra Mundial. In: **Psicol**. rev. (Belo Horizonte) vol. 16, nº. 2 Belo Horizonte ago. 2010.

[32] CAMMAROTA, Martin; BEVILAQUA, Lia R. M.; IZQUIERDO, Ivan. Aprendizagem e memória. In: LENT, Robert (org). **Neurociência da mente e do comportamento**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008. p. 244.

[33] MATTOSO, José. **A escrita da história**; teoria e métodos. Lisboa: Estampa, 1988. p. 21.

> Conservar e transmitir memórias, ou seja factos passados, são contributos importantes de todos nós para que se possa compreender e escrever a história de [uma região], de um povo, de um país, da humanidade: a nossa História.[34]

Consequentemente, por ser um texto no qual boa parte resulta de reminiscências e rememorações, houve o cuidado de buscar a colaboração de pessoas que viveram naquele espaço e tempo (memória coletiva), aproveitar oportunidades de ´bate papo´ junto a interlocutores amigos ´daqueles tempos´ e inclusive dialogar com outras pessoas que, mesmo nunca tendo morado por aquelas bandas, tiveram contato com o modo de falar dos norte-paranaenses (ver Agradecimentos).

> Quando voltamos a encontrar um amigo de quem a vida nos separou, inicialmente temos que fazer algum esforço para retomar o contato com ele. Entretanto, assim que evocamos juntos diversas circunstâncias de que cada um de nós lembramos (e que não são as mesmas, embora relacionadas aos mesmos eventos), conseguimos pensar e nos recordar em comum, [e, portanto], os fatos passados assumem importância maior e acreditamos revivê-los com maior intensidade, porque não estamos mais sós ao representá-los para nós. Não os vemos agora como os víamos outrora, quando ao mesmo tempo olhávamos com os nossos olhos e com os olhos de um outro. (...) Outras pessoas tiveram essas lembranças em comum comigo. Mais do que isso, elas me ajudam a recordá-las e, para melhor recordar, eu me volto para elas, por um instante adoto seu ponto de vista, entro em seu grupo, do qual continuo a fazer parte.[35]

Portanto, além do empenho pessoal do autor e levando em conta o escopo do trabalho, houve também a participação, ainda que um tanto informal, de uma *´rede de solidariedade múltipla´* passível, inclusive, de ser ampliada no futuro.

> Claro, se a nossa impressão pode se basear não apenas na nossa lembrança, mas também na de outros, nossa confiança na exatidão de nossa recordação será maior, como se uma mesma experiência fosse recomeçada não apenas pela mesma pessoa, mas por muitas.[36]

> É claro, a memória individual existe, mas está enraizada em diferentes contextos que a simultaneidade ou a contingência aproxima por um instante. A rememoração individual está situada na encruzilhada das redes de solidariedades múltiplas em que estamos envolvidos. (…) Nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isso acontece porque jamais estamos sós. (…) Não basta reconstituir pedaço por pedaço a imagem de um acontecimento passado para obter uma lembrança. É preciso que esta reconstituição funcione a partir de dados ou de noções comuns que estejam em nosso espírito e também no dos outros, porque elas estão sempre passando destes para aqueles e vice-versa, o que será possível se somente tiverem feito e continuarem fazendo parte de uma mesma sociedade, de um mesmo grupo.[37]

A respeito desta participação coletiva, cabe dizer que, em geral, as preocupações havidas adotaram os seguintes pressupostos:

– o esquecimento pessoal é apenas uma questão de tempo; com a idade perdemos não apenas parte de nossa massa muscular mas também, progressivamente, da nossa capacidade de lembrar;

---

[34] ASSOCIAÇÃO Memória das Migrações. No convite ....1º. de julho de 2007 em Lisboa/PT.

[35] HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006. p. 30-1.

[36] HALBWACHS, **A memória** …, p. 30-1.

[37] HALBWACHS, **A memória** …, p. 12, 30 e 39.

– nossas lembranças se “escondem” nas “profundezas” de nossas mentes e se não houver esforço para reaviventá-las elas permanecerão esquecidas, talvez perdidas para sempre;

– nos lembramos dos objetos em suas conformações mais gerais, ainda que algumas pessoas de melhor memorização consigam lembrar até de detalhes, e é por isso que as contribuições coletivas são de fundamental importância para que aspectos de uma certa realidade possam ser mais densamente recuperados;

– o desaparecimento das memórias “para sempre” ocorre quando não são deixados registros e, então, alguém, em algum momento do tempo, pode ter oportunidade de legar relato destes aspectos do patrimônio imaterial, que são muito voláteis, tal como é o caso deste trabalho;

– quando duas ou mais pessoas se encontram e relembram fatos de um passado em comum, conversa puxa conversa, lembrança puxa lembrança e, de repente, fatos e ocorrências que já se podia dar como ‘esquecidas’ são reaviventados.

Desta forma, o que se destaca aqui é que muitos dos colaboradores desta pesquisa, tendo feito isto intencionalmente ou não, são pessoas que fizeram parte do passado do autor e que várias delas ainda fazem parte do seu presente. Pois, como disse SÁ,

> O importante não são as pessoas que existem no teu passado, mas teres a certeza que cabe nelas o teu presente. E por não teres esta certeza é que o teu passado e o teu presente deixam, frequentemente, de fazer parte da mesma história. É por causa disto que as crianças crescem, muitas vezes, numa terra de ninguém na história dos pais.[38]

Parcialmente, portanto, os conteúdos aqui apresentados se revestem do que pode ser chamado como *´depoimentos de testemunha´* na medida em que o autor e algumas de suas fontes verbais estão relacionados *´a um grupo do qual fizeram parte´* e que participaram de *´um evento real vivido outrora em comum´*[39] que foi a (re)ocupação[40] do Norte do Paraná e, em particular, o que aconteceu em Capelinha/Nova Esperança e região em meados do século XX. Neste sentido, cabe ressaltar, são pessoas que, certamente, constituem repositórios vulneráveis deste patrimônio imaterial regional constituído pelo modo de falar, seu léxico, suas falas, expressões, ditados e zoônimos utilizados nos tempos do desbravamento do Norte do Paraná.

LEMBRANÇAS QUE NORTEARAM ESTE TRABALHO

Por meio da língua, que conhecemos ao nascer, [praticamos ao crescer] e só perdemos quando morremos, restauram-se passados, produzem-se companheirismos, assim como se sonham com futuros e destinos bem selecionados.
Benedict ANDERSON.[41]

O processo de reocupação e colonização das terras do Norte do Paraná, ocorrido entre os anos 1930-60, como em geral se sabe, se deu conforme várias ´frentes pio-

---

[38] SÁ, Eduardo. À procura de uma crônica. In: **Revista Pais & Filhos**, 23 nov. 2013. p. 10.

[39] HALBWACHS, **A memória**…, p. 12.

[40] **Reocupação** – considera-se que aquelas terras foram reocupadas porque, em termos históricos e ancestrais, já tinham sido ocupadas por populações autóctones, posseiros e caboclos. Por isso, este trabalho fará referência constante ao termo reocupação ainda que, no fundo, esteja tratando de aspectos pertinentes aos pioneiros desbravadores.

[41] ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**. São Paulo: Cia. das Letras, 2008. p. 14.

neiras´ e no contexto de uma realidade plena de carências, dificuldades e desafios. Foi realizado pelos chamados ´pioneiros´ ou ´pioneiros desbravadores´ (homens, mulheres e crianças) que (i)migraram para aquele rincão paranaense motivados pela busca de melhores condições de vida e estimulados por intensa propaganda, tanto aquela feita pelas empresas de colonização como pelo boca-a-boca dos muitos aventureiros que reputavam aquelas terras como sendo um novo Eldorado, uma nova terra de Canaã.

> Em 1952, com a cabeça e o coração cheios de planos, assim fomos para o norte do Paraná, Londrina, o El Dorado daquela época. Quanta ilusão, quanta fantasia ... não sabíamos o que a vida nos reservava. Ainda em busca de sonho e fantasia, fomos para Maringá, em seguida para Nova Esperança, onde fincamos raízes e nossos filhos vieram. [42]

Foi um tempo em que o imaginário popular sobre aquelas plagas era rico de relatos, histórias e informações de sucesso e riqueza. Falava-se daquelas terras como se delas fosse brotar dinheiro do chão e pudessem propiciar riqueza a todos quantos nelas viessam morar e tivessem coragem para enfrentar uma ampla diversidade de problemas e mostrassem afinidades com o trabalho pesado. Vicente BARROSO, um aventureiro que andou por aquelas paragens contribuiu para reforçar esta imagem quando publicou um livro que se tornou uma referência sobre aqueles tempos, cujo título é “Famoso norte do Paraná: terra onde se anda sobre dinheiro”.[43]

Aventureiros, no bom sentido da palavra, os ´pioneiros´ tinham em comum a vontade de melhorar de vida, realizar sonhos, produzir algo, fazer negócios, ganhar dinheiro e quiçá fazer fortuna. Foram pessoas que enfrentaram uma realidade adversa e muito trabalho duro no afã de abrir caminhos e construir estradas, derrubar matas, formar sítios e fazendas, plantar cafezais e lavouras, estabelecer comércios e serviços, construir casas e sonhar com dias melhores. Foram eles que ajudaram vilas e cidades a se desenvolverem naqueles ‘fins de mundo”.

Muitos ´pioneiros´ vieram com suas famílias – esposas e filhos – e parte do sucesso obtido em seus empreendimentos deve ser creditado ao constante e dedicado trabalho das mulheres. Apesar de todas as carências e dificuldades, elas não mediram esforços para que o sonho de uma vida melhor fosse tentado e muitas vezes realizado. A elas, além das atividades caseiras mais corriqueiras, tais como cozinhar, limpar a casa, fazer a comida para a família e circunstancialmente também preparar a “boia” para os peões contratados, não era incomum que restassem outras tarefas, tais como cuidar das criações de quintal e chiqueiro, plantar e cuidar da horta, atender o balcão da venda etc. E em muitas destas tarefas também os filhos eram envolvidos, tal como mostra os relatos de algumas crianças ´daqueles tempos´ abaixo citados:

> A princípio, as tarefas consistiam em fazer minha cama, varrer a casa, tirar o pó e ajudar na cozinha. (…) As tarefas aumentavam à medida em que eu ficava mais velha. (…) Os filhos de pioneiros deviam ser intrépidos, fortes e corajosos.[44]

> Com 9 anos, eu já comecei a trabalhar na casa. E com essa idade eu já lavava roupa e cuidava de tudo, passava roupas, fazia comida, remendava e costurava alguma coisa para os meus irmãos, porque não dava para pagar. Fazia o serviço de casa. (...) No começo tinha perigo de

---

[42] HEIDEMANN, Nélida Rodrigues Sampaio. Em comunicação pessoal feita via internet.

[43] BARROSO, Vicente. **Famoso norte do Paraná:** terra onde se anda sobre dinheiro. Caxias do Sul: Ed. São Miguel, 1956.

[44] TREMAINE, Elizabeth Goldschmidt. **Caminho da esperança**. Curitiba: Ed. do autor, 2014, p. 31.

> cobra e animais. Daí, quando eu ia lavar roupa, meu irmão ficava lá com a espingarda, porque tinha onça, tinha cobra bastante, não era fácil não.[45]

No cotidiano dos pioneiros, dentre os muitos problemas que tinham que enfrentar, uma preocupação era bastante comum: ´mandar as crianças para a escola´ para aprender a ´fazer contas´, ´falar e escrever direito´ e ´conviver com outras pessoas´, enfim, ´aprender as letras´ para ser ´alguém na vida´. E muitas foram as crianças e adolescentes, filhos de pioneiros que, com algumas variações, ouviram a seguinte fala de seus pais: “Vai estudá meu filho procê num sofrê a vida como teu pai e tua mãe”.

> Minha mãe passou horas sentada à beira da minha cama, dizendo (…) que me concentrasse unicamente no aprendizado, porque o objetivo na escola era absorver conhecimentos (…). Disse que ela nunca teve esta oportunidade e que nós, além de casa e comida, tínhamos pais que zelavam por nosso bem-estar, o que muitas crianças não tinham. Explicou que a gente tem que passar por muitas provações e uma delas era a escola.[46]

Desta forma, além de uma penca de atividades exigidas das “donas de casa”, também o cuidado para que os filhos estivessem prontos para ir à escola era mais uma das tarefas desempenhadas por elas.

Em geral, apenas aqueles que moravam nos centros urbanos de maior porte, onde já houvessem escolas públicas, ou nas corrutelas, vilas e cidades, onde tivesse pelo menos uma escola isolada por perto, é que conseguiam realizar este intento. Em muitos lugarejos considerava-se uma ´questão de sorte´ quando havia alguma ´escolinha´ nas redondezas.

Infelizmente, apesar destas intenções paternas, muitas foram as crianças e adolescentes que ´naqueles tempos´ não tiveram esta oportunidade, seja porque não havia escola por perto de onde moravam ou ainda porque estavam submetidos a condicionantes domésticas desfavoráveis.

> (...) resolver probleminhas que surgiam no dia-a-dia: ordenha de vaca, comida para os porcos, abastecimento de água e lenha para a casa, levar comida para camarada na roça, no pé do eito e mais uma infinidade de coisas que surgiam nos afazeres diários (...) cuidar dessas tarefas, tudo vinha para dificultar a possibilidade de escola para aquele garoto que desde cedo assume a responsabilidade de gente grande.[47]

Para muitos deles, no entanto, mesmo para aqueles que já estivessem frequentando os bancos escolares, dada a carência de mão de obra ou de recursos em âmbito familiar, eventualmente ocorria certa realidade perversa, haja vista que estes precisavam ou eram obrigados a ´dar uma mão´ em casa e, não raro, a ajudar nas atividades ´mais pesadas´ exigidas pelas plantações e pelo manejo dos animais, principalmente em épocas de colheita.

> Éramos em 8 pessoas, 5 homens e 3 mulheres; 17 anos a mais velha, e 1 ano o mais novo. Os três 3 mais velhos e mais dois de 12 e 8 anos ajudávamos nas tarefas da roça. Limpávamos o tronco dos cafeeiros e cuidávamos dos animais. Trabalhávamos na colheita do café e na preparação das ruas e leiras. Depois no terreirão, na secagem dos grãos, e na tulha. Na colheita do café existe uma sequência que vai da limpeza dos troncos tarefa destinada às crianças (...)

---

[45] DOCE, Antonia Moreno. Em entrevista para o Cadastro de Pioneiros da Secretaria de Cultura do Município de Maringá. Realizada em 23 de julho de 1987, por KATO, Adenilde Gabriel.

[46] TREMAINE, **Caminho**..., p. 47.

[47] FAÍSCA, **Nino**..., p. 10.

muita picada de inseto, aranha etc. Depois vem uma turma rastelando, amontoando, depois vem a abanação, que era tarefa do meu pai, o velho Joaquim.[48]

E esta ´dureza de vida´ era agravada quando apenas um dos pais estava vivo ou sem condições de saúde para o trabalho. A realidade das frentes pioneiras atingia principalmente as crianças ´que moravam no mato´ e cujos pais estivessem envolvidos com a formação de sítios e fazendas, e dependessem dos resultados de seus plantios e colheitas para dar melhores condições de vida às suas respectivas famílias.

MOTIVAÇÕES DO AUTOR

Andei por esta terra durante trinta anos e, por gratidão, quero deixar alguma lembrança. Vincent VAN GOGH.[49]

Diz um antigo ditado popular, amplamente conhecido, que "*da vida e deste mundo nada se leva, a não ser a vida que levamos".*[50] *Também*, para muitos de nós, é muito forte a crença de que enquanto vivos estivermos o que acrescenta qualidade às nossas vidas é a **família que temos e os amigos que mantemos.** E ainda que, enquanto lúcidos estivermos e a clareza dos fatos se fizer presente em nossas mentes, as **memórias e lembranças que conseguimos evocar e reaviventar** serão também muito valiosas para tornar nossa vida melhor.

De início, portanto, cabe enfatizar, que dentre um conjunto de aspectos que motivaram esta pesquisa e a consecução deste trabalho está a convicção que temos na importância pessoal e social das memórias e lembranças tanto para nosso viver, como para a comunidade da qual participamos e, inclusive, para a história regional da qual, por breve período de tempo e de forma ainda fugaz, ajudamos a construir.

No rol de coisas intangíveis e positivas que guardamos, as reminiscências e recordações são, com certeza, aquilo que reforça nosso sentimento de pertença a certos lugares e a certa comunidade de pessoas, assim como também é o que nos ´*rejuvenesce*´, ainda que apenas na alma, porque é o que toca nos sentimentos e incrementa o prazer de viver. Pois, como disse o poeta Abraham SUTZKEVER, "se puderes levar contigo tua infância, nunca envelhecerás".[51]

Em especial, reputa-se como importantes aquelas recordações dos tempos de infância e adolescência – boas ou não – porque, sobremaneira, são elas que nos acompanham nos momentos de solidão e nas oportunidades de convívio com os amigos de infância e adolescência. São elas que servem para "reviver" fatos de um ´tempo de nunca mais´, relembrar emoções sentidas, reaviventar as primeiras experiências de vida e muitos momentos de nossa existência intensamente sentidos. E com certeza, isso é o que resta de nossas vivências passadas e o que, em certo sentido, nos ajuda a suportar eventuais agruras e exigências dos tempos de maturidade e velhice.

Neste sentido, como se poderá ver ao longo deste texto, foram registradas memórias e lembranças dos tempos de infância e adolescência (décadas de 1950-60) vividos no Norte do Paraná, primeiramente na vila de Capelinha, implantada nos idos de 1948

---

[48] SILVA, Ezequias da. Entrevista via internet, para o projeto Alimentação dos Pioneiros, por E. C. Boschilia. 07 abr. 2019.

[49] **Vincent Van Gogh**, pintor holandês, um dos mais influentes na história das artes, nasceu em 1853.

[50] Ditado popular.

[51] **Abraham Sutzkever**, poeta iídiche nascido na Bielorrússia em 1913.

em meio ao sertão ainda virgem e selvagem que existia naquela região e, que, no início, nada mais era que uma pioneira corrutela a qual, muito rapidamente, em apenas alguns anos, foi transformada na cidade de Nova Esperança, sede do promissor município de mesmo nome, criado em 14 de dezembro de 1951 e instalado na mesma data do ano seguinte, um lugar que, mesmo mudando de nome, manteve-se distinto na memória e nas reminiscências dos seus pioneiros habitantes, como bem observou TREMAINE:

> A localidade de Capelinha foi elevada a município em dezembro de 1952, com o nome de Nova Esperança; no entanto, nunca deixou de ser a Capelinha para nós, os primeiros habitantes, que a conhecemos desde os primórdios.[52]

Neste livro também estão vivências ocorridas em Maringá, a ´Cidade Canção´, na qual, a partir de 1964, morei por algum tempo e de onde fui para Curitiba estudar. Com retornos bastante frequentes, revisitei muitas vezes aqueles lugares em que passei boa parte da minha infância e adolescência. No todo, foram quase três décadas de convivência diária e ´bem chegada´ com o povo desta região, suas atividades, costumes e jeito de falar, jeito este que carrego comigo e que fará parte do meu cotidiano enquanto vivo estiver.

Mais ainda, por ter parte de minha família morando em Maringá e amigos em Nova Esperança, pelo menos duas vezes por ano retornei àquelas paragens. E foram ocasiões para "matar as saudades" e relembrar coisas e fatos de um tempo de vivência em comum. Nestas viagens, e também cotidianamente, tenho por hábito manter os ouvidos atentos à ocorrência de termos ou expressões ´daqueles tempos´ que possam ser registrados.

Neste livro, portanto, busca-se registrar e expor um pouco da ´variedade linguística´[53] que foi progressivamente construída no Norte do Paraná durante o seu desbravamento e colonização, particularmente daquela que era ouvida e aprendida ´naqueles tempos´, 'tempos de criança', 'tempos de esperança', ´tempos de adolescência´, tempos nos quais, a população em geral estava imersa em uma paisagem rústico/capira e se sujeitava às condicionantes das ´frentes pioneiras´ e ao enfrentamento da natureza. A sobrevivência cotidiana fazia parte do modo de vida daquelas gentes.

De modo geral, as lembranças e memória ´daqueles tempos´ motivou esta pesquisa a qual implicou no resgate de elementos do mundo dos pioneiros (pioneiros desbravadores) que participaram do processo de colonização do Norte do Paraná em meados do século XX e, de modo específico, interessou aqui recriar, mesmo que toscamente, o cenário então vigente na região da vila Capelinha (atual Nova Esperança),[54] bem como explicitar um panorama geral das falas, expressões, ditados e zoônimos praticados pelas gentes que desbravaram e colonizaram este rincão paranaense; uma população composta por migrantes e imigrantes de várias origens, cores, credos e nacionalidades,

---

[52] TREMAINE, **Caminho da esperança**..., p. 24.

[53] **Variedade linguística** – a variedade ou variante linguística se define pela forma como determinada comunidade de falantes, vinculados por relações sociais ou geográficas, usa as formas linguísticas de uma língua natural. Refere-se a cada uma das modalidades em que uma língua se diversifica, em virtude das possibilidades de variação dos elementos do seu sistema (vocabulário, pronúncia, sintaxe) ligadas a fatores sociais ou culturais (escolaridade, profissão, sexo, idade, grupo social etc.) e geográficos. Wikipédia.

[54] À época de sua criação, as terras do município de Nova Esperança iam até as barrancas do rio Paraná e incluíam as áreas de vários municípios que foram progressivamente desmembrados do seu território original.

popularmente chamados de **“pé vermeio”**, cujas falas ou parte delas, é formada pelo amálgama de diferentes modos de expressar a qual podemos chamar de **jeito de falar dos “pé vermeio”**.

OS “PÉ VERMEIO” NORTE-PARANAENSES

Toda consciência atual se funda em percepções e atitudes do passado; reconhecemos uma pessoa, uma árvore, um café da manhã, uma tarefa, porque já os vimos e os experimentamos. David LOWENTHAL.[55]

Pé vermelho ou **“pé vermeio”** (termo este usado assim mesmo, no singular) é uma designação comumente aplicada aos habitantes de algumas regiões dos estados de São Paulo, Minas Gerais, Paraná e Goiás, onde predomina o solo vermelho-arroxeado (latossolo roxo). Este tipo de terreno tem esta cor por causa da presença de minerais de ferro, sendo estas terras as mais afamadas do norte-paranaense pela sua fertilidade. Popularmente foram chamadas de *´roxas´* ou *´vermelhas´* por causa da palavra *´rossa´* que na fala dos imigrantes italianos significava *´vermelho´*.

O apelido **“pé vermeio”** originou-se, então, do fato dos moradores destas regiões ficarem expostos à permanente poeira vermelha que polui o ar nos dias de sol, vento (mesmo que fosse apenas uma brisa) e que, no tempo seco, impregnava tudo e todos os que viviam (e ainda vivem) nestes lugares. Pior ainda acontecia nos dias de chuva quando ocorria a presença das sujidades do barro desta mesma cor, abundava a lama escorregadia e a água das poças respingavam sobre os pés, meias, barra das calças/vestidos e calçados. Nos dias chuvosos, a lama formada ‘colava’ embaixo dos calçados como se fosse uma segunda sola.

> O chão em que pisamos é um lamaçal que imediatamente acrescenta um novo pavimento aos nossos calçados. Todos nós aumentamos em dois a três centímetros de altura, e são esses pés barreados que embarcam nos automóveis que nos conduzem à cidade (...).[56]

Destarte, nos tempos de abertura das vilas e povoações nas terras ´roxas´, quando as vias de trânsito não eram pavimentadas e os quintais e passeios públicos, em sua maioria, também eram desprovidos de qualquer tipo de cobertura, a poeira e a lama faziam parte do cotidiano dos pioneiros e andar com os pés sujos não fazia vergonha a ninguém.

> Quando cheguei a Maringá, me impressionei com três coisas, primeiro com a poeira, depois com a lama pegajosa nos dias de chuva, que não soltava da sola dos sapatos e, finalmente, com o crescimento vertiginoso em relação aos anos de existência.[57]

> Chovia muito, era um barro nas estradas, (...) aí era tudo sitiante (...), chovia muito e quando chovia era aquela lama, aquele barro, a Cia. de Terras para vender terra e conservar a estrada passava aquele trator. Na hora do sol era aquele poeirão terrível, a gente sofreu muito.[58]

---

[55] LOWENTHAL, D. Como conhecemos o passado. In: **Projeto História**, São Paulo, (17), nov. 1998. p. 75. Disponível em https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/11110, consultado em nov. 2019.

[56] D’HORTA, Arnaldo Pedroso. As terras devolutas. In: BRAGA; D´HORTA, **Dois repórteres no Paraná.** Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 2001. p. 17.

[57] NASCIMENTO, José Rodrigues do. **Do gumex ao laquê**. Maringá: Clichetec, 2007. p. 45.

[58] FRANÇOSO, Luiza Roberto. Pioneira em Maringá, em 1948. Entrevista em Maringá, para o Cadastro dos Pioneiros, por João Laércio Lopes Leal e José Henrique. 25 ago. 1988.

No estado do Paraná, a expressão **“pé vermeio”**, criada em meados do século XX, referia às pessoas que nasceram ou se estabeleceram por aquelas plagas, sem distinção de lugar. Com este significado era uma fala dita pelas ‘gentes do Sul’ para referir àquelas do Norte deste estado, fala esta que, em certo sentido, tinha algo de pejorativa e preconceituosa, conotava alguma coisa tal como ‘caipira do interior’.

Com o passar dos anos, porém, esta pecha tornou-se um elemento identitário de cunho regional e hoje, com certeza, constitui motivo de certo orgulho e diferenciação dos moradores da região.[59] Como exemplo disto, pode ser utilizada a fala de Danielli RODRIGUES, nascida em Londrina, descendente de japoneses, italianos e portugueses, quando disse: “Amada terra. Tenho pé vermelho. Da melhor terra do Brasil. Orgulho paranaense”.[60]

Então, por tradição, esta referência passou a ser aplicada a todo e qualquer morador da região norte-paranaense, independentemente dos tipos de solos encontrados localmente, sejam eles terras de massapé, mistas ou arenito caiuá. **No estado do Paraná, falar em norte-paranaense e em ”pé vermeio” é a mesma coisa**.

[59] Este fenômeno aconteceu de mesma forma com o termo “catarina” que em meados dos século XX e por muitos anos foi utilizado preconceituosamente em relação aos catarinenses. Na atualidade, é uma palavra que traduz um sentimento identitário, haja vista que, inclusive, é publicada em Florianópolis uma revista periódica denominada “História Catarina”.

[60] RODRIGUES, Danielli. Disponível em https://www.pensador.com/frase/OTY1ODk1/.

1 AVANÇANDO MATA ADENTRO; AS FRENTES DE (RE)OCUPAÇÃO

Todo trabalho tem a sua história, que faz parte da própria história de quem o produz. Nelson D. TOMAZI.[61]

No Brasil, como em geral se sabe, todos os rincões do seu território foi um dia ocupado por populações aborígines[62] que compunham diferentes nações indígenas. Ainda hoje, diversas áreas do território nacional são ocupadas por elas. E isto é válido inclusive para o estado do Paraná que, desde tempos imemoriais, foi habitado por povos autóctones.

Até a chegada dos "desbravadores" eles eram os únicos donos destas terras, ainda que entre os silvícolas não houvesse a ideia de ´propriedade´ da terra e de fronteiras tal como passou a ser conhecido no mundo da atualidade. Tanto as terras brasileiras em geral, como as paranaenses em particular, foram (re)ocupadas a partir de um ou mais deslocamentos de população em geral denominados por 'frentes de ocupação'. Historicamente falando, "a fronteira é o lugar das ´frentes de ocupação´ que comportou (e em alguns lugares Brasil afora ainda comporta) índios, caipiras, caboclos, posseiros, grileiros, camponeses, agricultores, colonos, fazendeiros etc.",[63] analfabetos e eruditos, pessoas letradas e iletradas, entre outros.

1.1 FRENTES DE EXPANSÃO E FRENTES PIONEIRAS

Não podemos nunca ter certeza de ter recapturado o passado tal como realmente foi. Barbara W. TUCHMAN.[64]

As ´frentes de ocupação´ são conhecidas conforme duas naturezas: as ´de expansão´ e as ´pioneiras´.

As ´frentes de expansão´ têm a ver com a ampliação de fronteiras, com a exploração imediata de algum recurso (a garimpagem e a mineração, por exemplo) e com o avanço sobre espaços ignotos (novos territórios) e as ´frentes pioneiras´ têm a ver com a ocupação econômica dos espaços conhecidos.

As ´frentes de expansão´ estão intimamente relacionadas com os espaços de fronteira e se caracterizam por serem lugares de atração/afluência populacional e, consequentemente, da possibilidade de contato e interação entre diferentes povos, etnias e culturas. Elas constituem, portanto, zonas de conflito e convivência onde podem coexistir diferentes segmentos populacionais – nativos, migrantes e imigrantes.

---

[61] TOMAZI, Nelson Dácio. **Norte do Paraná**; história e fantasmagorias. Curitiba: UFPR, 1997. p. 1.

[62] **Aborígine** - este termo refere algo ou alguém originário do lugar onde vive; diz respeito tanto a um animal ou uma planta como também uma pessoa ou grupo humano (tribo, povo). Se usado para referir uma pessoa ou grupo de pessoas (uma tribo ou povo, por exemplo), como é o caso neste trabalho, então faz alusão aos primitivos moradores de um território, pelo que se contrapõe àqueles que se estabeleceram posteriormente na região. A noção de aborígine é usada como sinônimo de autóctone, indígena, habitante nativo.

[63] MONDARDO, Marcos Leandro; GOETTERT, Jones Dari. Frente de expansão e frente pioneira no Brasil: espaços e tempos de migração, do conflito e da alteridade. In: Revista OKARA. **Geografia em debate**. João Pessoa/PB, v.1, n.2, p. 39 e 40, 2007.

[64] TUCHMAN, Barbara W. **A prática da história**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991. p. 11.

> O termo ´fronteira´, de modo algum, poderá ser resumido simplesmente em fronteira geográfica. Na visão de Martins ela pode ser "uma fronteira da civilização (demarcada pela barbárie que nele se oculta), fronteira espacial, fronteira de culturas e visões do mundo, fronteira de etnias, fronteira da história e da historicidade do homem e, sobretudo, fronteira do humano".[65]

As 'frentes pioneiras' têm a ver com a ocupação definitiva das áreas já ocupadas e com a proposta de ´levar o progresso´ às regiões de fronteira. A 'frente pioneira' se baseia numa "concepção que compreende implicitamente a ideia de que na fronteira se cria o novo, nova sociabilidade, fundada no mercado e na contratualidade das relações sociais.

Enquanto nas 'frentes de expansão' o "povoamento é disperso e favorece a manutenção de uma economia de subsistência, constituída dos elementos sumários e rústicos",[66] nas 'frentes pioneiras' interessa a concentração, a constituição de vilas e cidades, a estruturação de um mercado, tal como aconteceu no Norte do Paraná a partir do século XIX.

No fundo, "uma frente pioneira é mais do que apenas o deslocamento da população sobre territórios novos (…). Ela é também uma situação espacial e social que convida ou induz à modernização, à formulação de novas concepções de vida, à mudança social".[67]

> A frente pioneira tem sido a forma da ocupação territorial economicamente organizada, seja por empresas agrícolas, seja pela agricultura familiar e comercial. A cidade tem sido seu polo aglutinador, político, econômico, social e religioso. A frente pioneira tem sido entre nós, historicamente, disseminadora de cidades. A ideologia do pioneiro é a do plantador de cidades.[68]

Por isso, este tipo de frente apresenta sempre "um forte componente ideológico que prega levar a modernização às áreas antigas, atrasadas, 'mortas', para produzir uma nação do 'progresso', das grandes produções agrícolas, da riqueza e do enriquecimento rápido".[69]

> O que caracteriza a frente pioneira é a apropriação capitalista da terra, já que ela passava a ser adquirida monetariamente e não mais ocupada. Verifica-se, então, que os proprietários de terras destinam a produção para o mercado e não mais para a subsistência familiar, como acontecia na frente de expansão. Daí se pode afirmar que a propriedade privada do solo e o empreendedorismo econômico foram as características centrais da frente pioneira.[70]

---

[65] SANTOS, Crisliane Aparecida Pereira; SANO, Edson Eyji. Formação da frente de expansão, frente pioneira e fronteira agrícola no oeste da Bahia. In: **BOLETIM Geográfico**, Maringá, v. 33, n. 3, p. 68-83, set.-dez., 2015. p. 69.

[66] CÂNDIDO, Antonio. **Os parceiros do Rio Bonito**. 2. ed. São Paulo: Liv. Duas Cidades, 1979. p. 44.

[67] MARTINS, José de Souza. **Fronteira**: a degradação do Outro nos confins do humano. São Paulo: Hucitec, 1997. p. 153.

[68] DEFFONTAINES, Pierre, referido por MARTINS, José de Souza. A reinvenção da cidade na selva. In: **Tempo** soc. vol.31 no.1 São Paulo Jan./Apr. 2019. Disponível em https://doi.org/10.11606/0103-2070.ts.2019.151225, consultado em nov. 2019.

[69] MONDARDO & GOETTERT. In: Revista OKARA. **Geografia em debate**, p. 49.

[70] SCHULTZ, Herbert Mendes de Araujo. **A expansão da fronteira agrícola e o impacto nos movimentos sociais do campo**; uma abordagem a partir dos fundamentos da questão agrária. Disponível em https://carollinasalle.jusbrasil.com.br/artigos/141547794, consultado em maio 2017.

1.2 A (RE)OCUPAÇÃO DO TERRITÓRIO PARANAENSE

Território é apropriação de uma porção do espaço, é uma construção social derivada da ação humana e envolve a disputa de poder, a diferenciação e delimitação de um nós e eles, o que vai implicar um processo de identificação entre "iguais". Cleydia ESTEVES.[71]

Voltando um pouco no tempo, ao início da efetiva (re)ocupação das terras paranaenses, temos que a partir do século XVI isto ocorreu e se deu em duas 'frentes de expansão' e em fronteiras opostas, uma pelo oeste e outra pelo leste. Primeiro foram os hispânicos que, vindos do oeste, pelos lados do Paraguai, atravessaram o rio Paraná (na língua nativa significava "*semelhante ao mar*")[72] e se estabeleceram na região lindeira a este formidável curso d´água.

> Em 1554, Domingo Martínez de Irala, Governador do Paraguai fez fundar Ontiveros, a uma légua do Salto das Sete Quedas. Mais tarde, a três léguas de Ontiveros, fundou a Ciudad Real del Guayrá, na confluência do Rio Piquiri. [73]

Depois, chegando de navio pela costa leste, vieram os luso-brasileiros que lançaram âncoras em uma grande baía chamada *Paranaguá (*na língua nativa significava *"grande mar redondo"*) e passando as praias, adentraram as cercanias e fundaram povoações.

> No começo foi a praia. Como em todo o Brasil, a civilização veio pelo mar. Paranaguá, a mais antiga cidade paranaense, é de 1648.[74]

Tanto os hispânicos como os portugueses falavam línguas que os aborígines não compreendiam. E assim aconteceu o surgimento das primeiras 'frentes de expansão' no Paraná, até então um lugar de terras desconhecidas pelos não autóctones e ainda sem fronteiras definidas.

> A história paranaense tem sido a história da ocupação de seu território e da formação das comunidades paranaenses. (...) Cada uma dessas comunidades criou o seu próprio tipo de economia, formou um tipo de sociedade e fundou suas cidades.[75]

Aconteceu então que os luso-brasileiros e os espanhóis componentes destas frentes estiveram em permanente conflito e após vários anos de lutas, os espanhóis desocuparam as áreas onde estavam presentes e acabou prevalecendo o domínio português sobre os espaços anteriormente ocupados pelos hispânicos.

---

[71] ESTEVES, Cleydia. O território brasileiro e a formação nacional: algumas aproximações a partir da produção intelectual no Brasil. In: **GOT** no.6 Porto dez. 2014, p. 91. Disponível em http://dx.doi.org/10.17127/got/2014.6.007, consultado em dez. 2019.

[72] **Paranã** – originalmente, na língua nativa – o tupi-guarani, o nome correto era Paranã. Esta era a grafia adotada pela Província do Paraná à época de sua criação.

[73] WACHOWICZ, Ruy Christovam. **História do Paraná**. Curitiba: Ed. Gráfica Vicentina, 1995. p. 26.

[74] ROCHA NETO, Bento Munhoz da. Da necessidade de divulgação da história paranaense. In: BALHANA, Altiva Pilatti; MACHADO, Brasil Pinheiro; WESTPHALEN, Cecília Maria. **História do Paraná**. 1. v.; 2. ed. Curitiba: Grafipar, 1969. p. 17.

[75] CARDOSO, Jayme Antonio; BALHANA, Altiva Pilatti. **Atlas histórico do Paraná**. Curitiba: Ind. Graf. Projeto, 1981. p. 9.

Do litoral os luso-brasileiros avançaram para as terras interioranas passando por terrenos baixos e planícies inundáveis até o rebordo de uma formidável elevação geológica constituída de enérgicas escarpas, a qual, um dia, seria nomeada como Serra do Mar. Uma vez transposta estas serranias tiveram acesso ao Primeiro Planalto e lá se instalaram. Depois, seguiram permeando campos e sertões, expandindo fronteiras, tomando posse de outras terras e formando comunidades, muitas das quais desapareceram com o tempo e outras se tornaram cidades que persistem até os dias atuais.

Eles tinham como principais motivações os sonhos com riquezas, a exploração dos recursos naturais, a preação dos nativos e oportunidades de fácil enriquecimento.[76] No começo, eram garimpeiros e faiscadores que em busca de minerais e pedras preciosas, paulatinamente, penetraram por territórios ainda desconhecidos, chamados simplesmente de ´sertão´, promovendo a ampliação das fronteiras, depois vieram aventureiros que por meio de ´frentes pioneiras´ ocuparam as terras de modo definitivo.

Vale aqui observar que, inicialmente, esta ocupação foi feita através de caminhos (*peabirus*) e por uma extensa rede de sendas e veredas (*apé*) produzidas e usadas pelos indígenas desde priscas eras. Foi por elas que os estrangeiros adentraram o espaço paranaense indo em busca de riquezas e de ocupação das terras que para eles eram "sem dono".

> No sertão, (...) as *apé*, veredas indígenas que comunicavam aldeias e povoados constituíam caminhos primitivos. Eram "em regra pouco melhores do que carreiros de antas", e constantemente "se tinham de redescobrir e refazer, por olvidadas ou perdidas". No entanto, esses traçados privilegiavam os rios piscosos e locais de caça abundante, além de serem bem providos com apetrechos utilizados pelos viandantes. (...) O itinerário mais importante foi chamado Peabirú pelos povos indígenas.[77]

Muitas foram as entradas em território paranaense que visavam a busca de mão de obra escrava invadindo aldeias para captura de nativos[78] decorrendo então que muitas comunidades autóctones foram dizimadas e outras reduzidas e confinadas a reservas.[79] Em consequência, ocorreram conflitos e drásticas mudanças tanto em relação ao meio ambiente como em relação aos modos de vida tradicionais, quando não de extermínio parcial ou total dos aborígines, tal como aconteceu no Paraná desde os primórdios de sua colonização, inclusive na região norte.

Apenas como curiosidade, vale lembrar que já no Primeiro Planalto, em terreno cuja topografia era bastante acidentada ao norte e suavemente ondulada ao sul, num lugar onde havia rios em abundância, os ´estranhos´ formaram a Vila de Nossa Senhora da Luz dos Pinhais, a qual se transformou na cidade de Curitiba. E isto aconteceu à beira de um destes rios, o Iguaçu ("rio grande"), numa região habitada pelos Tingui (povo

---

[76] ROCHA NETO, **História do Paraná**..., p. 17.

[77] KOK, Glória. Vestígios indígenas na cartografia do sertão da América Portuguesa. In: **Anais do Museu Paulista**: história e cultura material. v. 17, n. 12, jul./dez, 2009. Disponível em www.scielo.br.

[78] O índio foi, "no sul do Brasil, o braço de trabalho sobre o qual foi possível a colonização e o estabelecimento das instituições de fundo português". BALHANA, Altiva Pilatti; MACHADO, Brasil Pinheiro; WESTPHALEN, Cecília Maria. **História do Paraná**. Curitiba: Grafipar, 1969. 1. vol., p. 28.

[79] Atualmente, no Paraná, os remanescentes das populações indígenas estão alocadas num total de 17 reservas, a saber: Ocoí, Rio das Cobras, Mangueirinha, Palmas, Marrecas, Ivaí, Faxinal, Rio D´Areia, Queimadas, Apucaraninha, Barão de Antonina, São Jerônimo da Serra, Laranjinha, Pinhalzinho, Ilha da Cotinga, Mococa e Tekoha Ãnhetetê.

autóctone, atualmente extinto), num lugar chamado por eles de "*coré etuba*" ("lugar de muitos pinheiros").

Em 1812, o território ocidental do Paraná recebeu o nome de Comarca de Curitiba e passou a pertencer à Província de São Paulo, então considerada sob o domínio da Coroa Portuguesa. E em 1821 Curitiba foi elevada à categoria de ´sede de comarca´ e, sequentemente, em 1842, ao mesmo tempo que Paranaguá, ela foi reconhecida como ´cidade´. Posteriormente, em 1853, com território desmembrado da Província de São Paulo, foi criada a Província do Paraná, quando então Curitiba se tornou capital.

1.3 FRENTES PIONEIRAS NO NORTE DO PARANÁ

Os núcleos urbanos do norte-paranaense surgiram e se desenvolveram para dar apoio à atividade agrícola. A fundação de patrimônios seguiu a colonização rural. Ana C. S. ALMEIDA.[80]

A partir do final da década de 1920, começo da década de 1930, por ação do governo paranaense e com a participação de várias empresas de colonização, o quadrante norte-noroeste do estado foi paulatinamente retalhado por picadas e picadões, caminhos e estradas, sendo então definida uma nova geografia das vias de acesso e imposta a demarcação de um grande número de loteamentos. Tudo isto feito à revelia dos históricos caminhos e de seus ancestrais ocupantes, inclusive da presença de caboclos e posseiros. A terra antes devoluta foi (re)ocupada por outros grupos, e passou a ter novos ´donos´.

> A existência de uma zona ou faixa pioneira pressupõe uma intensificação no povoamento e na ocupação agrícola de uma zona, uma aceleração da área derrubada, um afluxo regular de povoação proveniente de outras zonas mais velhas, a abertura de extradas, o aparecimento de cidades.[81]

Avançando de gleba em gleba e de loteamento em loteamento, uma vasta região do estado foi ocupada por diferentes ´frentes pioneiras´ dando origem ao Norte do Paraná. E foi principalmente o plantio e exploração do café que motivou o desbravamento deste espaço.

> A região comumente chamada Norte do Paraná pode ser definida como a soma territorial dos vales muito férteis formados pelos afluentes da margem esquerda dos rios Paraná e Paranapanema, no arco que esses dois cursos d'água traçam entre as cidades de Cambará e Guaíra. Essa região – definida pelos rios Itararé, Paranapanema, Paraná, Ivaí e Piquiri – abrange uma superfície de aproximadamente 100 mil quilômetros quadrados.[82]

Desde o início de sua (re)ocupação, o Norte do Paraná é uma região de limites difusos configurada como tal em conformidade com o avanço das respectivas ´frentes pioneiras´. É formado por três espaços, tradicionalmente assim referidos: o 'Norte Velho',

---

[80] ALMEIDA, Ana Claudia Silva. A colonização do território paranaense e o dinamismo da frente norte. In: Rev. **GEOMAE** Campo Mourão v.7 n.1 p. 14, 1 sem 2016. Disponível em http://www.fecilcam.br/revista/index.php/geomae/article/viewFile/273/pdf_190, consultado em jun. 2019.

[81] BERNARDES, L. M. C. Crescimento da população no estado do Paraná. In: **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, vol. XIII, n.2., abr.-jun. 1951, p. 336.

[82] COMPANHIA MELHORAMENTOS NORTE DO PARANÁ. **Colonização e desenvolvimento do Norte do Paraná**. 3. ed. São Paulo: CMNP, 2013. p. 33. Disponível em http://www.cmnp.com.br/melhoramentos/50anos-cmnp/files/CMNP.pdf, consultado em julho, 2017.

entre os rios Paranapanema, Itararé e Tibagi, que já vinha sendo ´desbravado´ desde meados do século XIX; o 'Norte Novo', entre os rios Paranapanema, Tibagi e Ivaí, colonizado a partir da década de 1920, e o 'Norte Novíssimo', que se estendia do rio Ivaí até o Paraná e o Piquiri, (re)ocupado a partir de meados da década de 1940.[83]

> Até hoje, ainda não há um consenso sobre quais são os limites da região situada ao norte do estado do Paraná e inúmeras são as suas subdivisões. Mesmo com toda a diversidade existente e sem um consenso sobre a definição de sua territorialidade, continua-se a falar na região norte-paranaense como se houvesse uma unidade indissolúvel.[84]

> As próprias designações 'Norte Velho', 'Norte Novo' e 'Norte Novíssimo' levam em conta os diferentes períodos de ocupação do Norte do Paraná como um todo, via de regra na cadência do café.[85]

Vale observar que este alargamento ocupacional da fronteira agrícola, deu-se no tempo do projeto "Marcha para o Oeste", levado à efeito pelo Presidente Getúlio Vargas, que teve por objetivo promover a ocupação dos "espaços vazios",[86] o desenvolvimento populacional e a integração econômica das regiões Norte e Centro-Oeste do Brasil. Entre outros objetivos, este plano visava estimular as pessoas para que migrassem para o Centro do Brasil onde havia muitas terras não ocupadas em termos econômicos, o que de fato aconteceu.

> A "Marcha para o Oeste" proposta pelo governo Vargas, era formada por um conjunto de ações governamentais bastante variadas que iam desde a implantação de colônias agrícolas, passando pela abertura de novas estradas, até obras de saneamento rural e de construção de hospitais. Esta política nacional expansionista buscava a integração nacional e, concomitantemente, a organização dos territórios, garantindo dessa forma, além da segurança e da efetiva posse, a exploração produtiva de imensas regiões fronteiriças praticamente inabitadas.[87]

Em consequência deste processo de (re)ocupação, estimulado pelo Governo e promovido e desenvolvido pelas companhias colonizadoras, a fisionomia humana da região ocupada mudou rápida e radicalmente. O que antes era terreno virgem, terra considerada "sem dono", passou a ser explorado, feito predominantemente por pequenos proprietários e, ainda que em menor número, também ocorressem os grandes proprietários, e comerciantes, profissionais liberais etc.

---

[83] PARANÁ. SEEC. Coordenadoria do Patrimônio Cultural. **Pesquisando a história paranaense**. Disponível em http://www.patrimoniocultural.pr.gov.br, consultado em junho de 2017.

Atualmente, em maior parte, esta região é nomeada como mesorregião Noroeste, e uma porção do Norte "daqueles tempos" coincide com o torrão superior das atuais mesorregiões Norte Central e Norte Pioneiro. O que se conhecia como "Norte do Paraná", cuja nomeação é ainda hoje assim referida, é oficialmente tratado como mesorregiões diferentes entre si.

[84] TOMAZI, **Norte do Paraná ...,** p. 128.

[85] SERRA, Elpídio. Os primeiros processos de ocupação da terra e a organização pioneira do espaço agrário no Paraná. **Boletim de Geografia**, Maringá, ano 10, n.1, p. 61-93, 1992. p. 72.

[86] O termo "espaço vazio", que já vinha sendo utilizado desde há muito tempo para referir os espaços não colonizados pelos "civilizados", e a partir de 1938 foi (re)inserido no discurso da "Marcha para o Oeste", promovida pelo Governo Vargas, na verdade não eram espaços tão vazios assim, posto que neles existiam populações autóctones (indígenas) e, eventualmente, caboclos.

[87] SHALLENBERGER, Erneldo; SCHNEIDER, Iara Elisa. Fronteiras agrícolas e desenvolvimento territorial - ações de governo e dinâmica do capital. In: **Sociologias** vol.12 no.25 Porto Alegre Set./Dez. 2010. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-45222010000300008. Consultado em ago. 2017.

> Dentre as mais de quarenta companhias, a Companhia Melhoramentos Norte do Paraná[88] foi, sem dúvida, a que deixou o maior legado em extensão de terras e número de núcleos, contabilizando 62 formações urbanas em pouco mais de 545.000 alqueires. Nos vinte anos após a Guerra, lançou quatro cidades a cada ano, em média, e a década de 1950 registrou um período de intenso afã imobiliário, condizente com o avanço do plantio em terras novas.[89]

De modo geral, isso nem sempre ocorreu de modo pacífico; em muitos lugares sucederam processos de violência e morte tanto contra as populações aborígines remanescentes e mesmo em relação aos anteriores reocupantes, posseiros e/ou caboclos.

> Escreve-se e divulga-se que o processo de (re)ocupação foi ordenado, planejado e pacífico, e como isto é repetido à exaustão, passa a ser assumido como verdadeiro, em cumplicidade com aqueles que escrevem a história do ponto de vista dos dominantes. Aqueles que viveram nos anos 30, 40 e 50 deste século, na região, têm plena consciência da violência praticada, e para os que vivem atualmente, basta ler os jornais daquelas décadas e mesmo os atuais para se saber da existência destes fatos.[90]

Os posseiros e caboclos foram os primeiros a desaparecerem ou serem ´desaparecidos´ daquelas terras.

> (...), a figura do posseiro já se fazia presente na região, só que com outra denominação: o ´caboclo´ ou ´primeiro colono´, geralmente conceituado como sendo uma família em estado miserável que praticava agricultura de subsistência, via queimadas. Esses são outros personagens excluídos da história, alvos de ´limpeza´ realizada pelas companhias colonizadoras quando efetuavam a retirada da madeira de maior valor aquisitivo, processo este anterior à comercialização das terras junto aos migrantes oriundos de outros estados e regiões do Paraná.[91]

Ao que se sabe, as próprias companhias colonizadoras possuíam uma ´guarda particular´, bem como algumas utilizavam-se de ´jagunços´, também chamados de ´limpadores de trilhos´ ou ´quebradores de milho´ para remover ocupantes e sanear as terras a serem loteadas.[92] Estas duas expressões – ´quebrar milho´ e ´limpar trilho´ – faziam parte do léxico dos tempos de desbravamento do Norte do Paraná e ambas significavam a mesma coisa: eliminar ou expulsar alguém que estivesse incomodando interesses fundiários de algum poderoso.

A ´quebra de milho´ era uma expressão utilizada por causa do ruído feito pela carga/recarga das carabinas Winchester 44, chamadas de ´papo amarelo´ por ostentar uma peça de latão colocada em sua parte inferior. E a ´limpeza de trilho´ pela necessidade de deixar ´caminho livre´ para se conseguir ocupar por aquelas terras, ainda que os ´limpadores de trilho´ jamais tivessem visto uma ferrovia em suas vidas.

Neste sentido, no entanto, por usar um método de trabalho de apropriação das terras diferenciado, dentre as empresas que promoveram a (re)ocupação do Norte pa-

---

[88] Inicialmente denominada Companhia de Terras Norte do Paraná; o nome foi alterado em 1951 para Companhia Melhoramentos Norte do Paraná.

[89] ROSSANELI, Filla Alessandro. Notas sobre a sinfônica transformação das paisagens no Norte do Paraná. In: CARVALHO, Maria C. W. de. **Paisagens culturais brasileiras**; rumo ao Norte do Paraná: fronteiras, fluxos e contatos. São Paulo: Marcos Carrilho Arquitetos, 2014. p. 44.

[90] TOMAZI, **Norte do Paraná ...**, p. 109.

[91] MYSKIW, Antonio Marcos. **Colonos, posseiros e grileiros**; conflitos de terras no Oeste Paranaense (1961-66). Niterói/RJ: UFF, 2002. Dissertação de mestrado apresentada no Programa de Pós-Graduação Interinstitucional em História – UFF/Unioeste. p. 163.

[92] TOMAZI, **Norte do Paraná...**, p. 225.

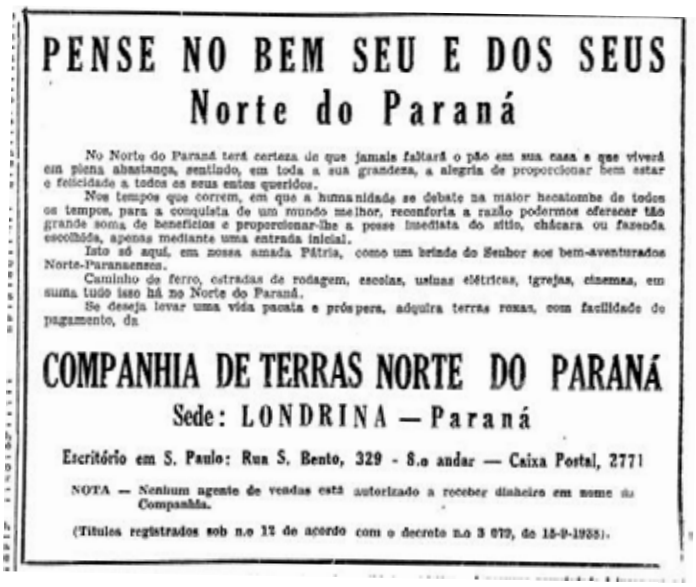
ranaense merece destaque a Companhia de Terras Norte do Paraná, fundada em 1925 como subsidiária da companhia inglesa *Brazil Plantations Syndicate Ltd.*, pelo fato de ter deflagrado um bem planejado processo de loteamento e vendas de terras que resultou na criação de muitas vilas e cidades. Nova Esperança (ex-Capelinha) foi uma delas.

> Para a ´limpeza´ da área, a Companhia começou adquirindo títulos e direitos de posse para, em seguida, comprar novamente do Estado as mesmas terras, pagando 20 mil reis o alqueire, em média. Ao término de todas as compras e recompras, a empresa detinha 515 mil alqueires de escritura limpa e indiscutível. (...)[93]

> Inicialmente, a CTNP planejou vender pequenos lotes de terras para aqueles que desejassem se transferir e fixar residência no empreendimento. Acorreram milhares de trabalhadores braçais, notadamente lavradores dos estados de São Paulo e Minas Gerais, entre eles italianos e japoneses estabelecidos no Brasil (…). Para atingir esse ´público alvo´ a CTNP mobilizou dezenas de agenciadores que, munidos de panfletos e fotografias, viajavam pelo país alardeando a região como um Novo Eldorado.[94]

Ela publicava folhetos, panfletos, anúncios de jornal e inclusive o primeiro jornal a circular em Londrina, o "Paraná-Norte", onde exaltava as qualidades das terras norte-paranaenses e as facilidades então existentes para a aquisição de lotes na região.

> Assim, as perobas-rosa centenárias e as majestosas figueiras-brancas foram as primeiras ´garotas-propaganda´ do Norte do Paraná. (…) Mais tarde, com a venda dos lotes e a plantação das primeiras culturas, as fotografias de fartas colheitas passaram a ser as novas atrações como estratégias de publicidade.[95]



PENSE NO BEM SEU E DOS SEUS

Norte do Paraná

No Norte do Paraná terá certeza de que jamais faltará o pão em sua casa e que viverá em plena abastança, sentindo, em toda a sua grandeza, a alegria de proporcionar bem estar e felicidade a todos os seus entes queridos.

Nos tempos que correm, em que a humanidade se debate na maior hecatombe de todos os tempos, para a conquista de um mundo melhor, reconforta a razão podermos oferecer tão grande soma de benefícios e proporcionar-lhe a posse imediata do sítio, chácara ou fazenda escolhida, apenas mediante uma entrada inicial.

Isto só aqui, em nossa amada Pátria, como um brinde do Senhor aos bem-aventurados Norte-Paranaenses.

Caminho de ferro, estradas de rodagem, escolas, usinas elétricas, igrejas, cinemas, em suma tudo isso há no Norte do Paraná.

Se deseja levar uma vida pacata e próspera, adquira terras roxas, com facilidade de pagamento, da

COMPANHIA DE TERRAS NORTE DO PARANÁ

Sede: LONDRINA — Paraná

Escritório em S. Paulo: Rua S. Bento, 329 - 8.o andar — Caixa Postal, 2771

NOTA — Nenhum agente de vendas está autorizado a receber dinheiro em nome da Companhia.

(Títulos registrados sob n.o 12 de acordo com o decreto n.o 3 079, de 15-9-1938).

[93] Disponível em http://www.ipesdaminhaterra.com.br/historia.htm, consultado em janeiro de 2017.

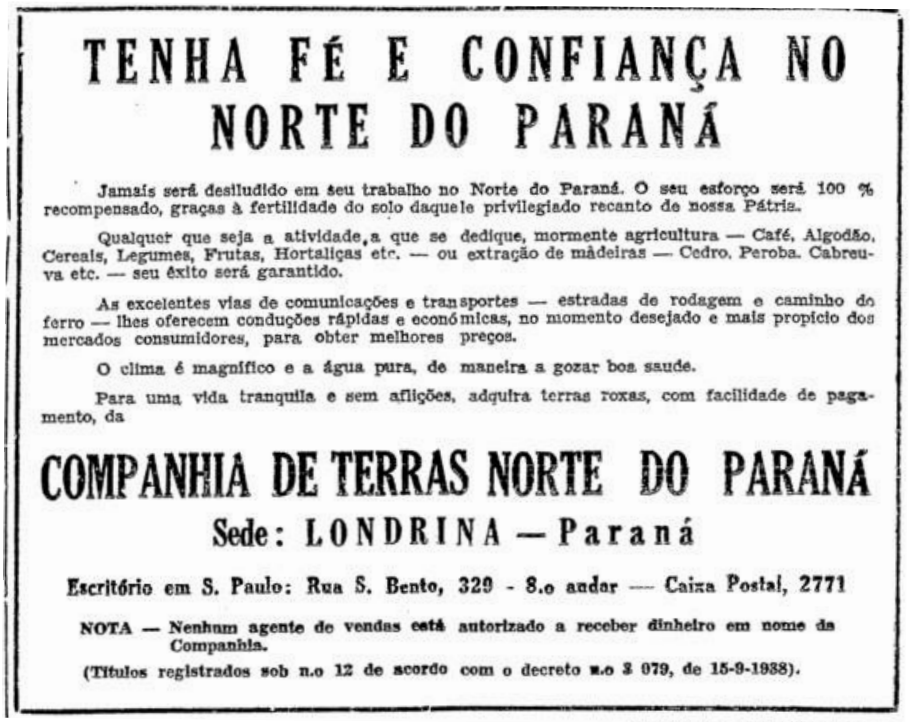
[94] BONI, Paulo César; ALEGRO, Regina Célia; MORAES, Vanda de. Norte do Paraná: um caleidoscópio de povos. In: CARVALHO, Maria Cristina Wolff de. **Paisagens culturais brasileiras**: fronteiras, fluxos e contatos. São Paulo: Marcos Carrilho Arquitetos, 2014. p. 93.

[95] BONI; ALEGRO; MORAES. Norte do Paraná … In: CARVALHO, **Paisagens**…. p. 93.

De fato, as terras ´roxas´ são de excepcional qualidade mas, diferentemente, em outras áreas comercializadas pelas companhias de terras, os solos não correspondiam com as informações produzidas. Muitos foram aqueles que compraram “gato por lebre” adquirindo terras na região de predominância de solos da Formação Caiuá (arenito caiuá), pobres em matéria orgânica e minerais, altamente sujeitos à erosão, onde predominava o fumo brabo, o cipó são-joão, o capim amargoso, o capixingui, a samambaia, a embaúba e a pindaíba, árvore cuja madeira não era nobre e que, geralmente, sua presença estava associada a terras de má qualidade.

> São solos extremamente friáveis e, consequentemente, com alta suscetibilidade à erosão. Os teores de areia atingem 85% a 90% e possuem níveis críticos de fósforo, potássio, cálcio, magnésio e, não raro, baixos níveis de matéria orgânica, cerca de 1%, podendo, frequentemente, ocorrer deficiência de macro e micro nutrientes nas culturas.[96]

Na região do Arenito Caiuá, uma expressão popular podia ser ouvida com certa frequência: “*estou na pindaíba*” ou “*fulano está na pindaíba*” para referir quem estava mal de vida, na miséria ou em terras ruins. Várias outras expressões eram usadas no âmbito das frentes pioneiras para dar conta da realidade vivenciada pelos pioneiros, por exemplos: “*morando num mocó*”, “*no cu-do-judas*”, “*no meio do mato*”, “*nos cafundós*”, “*na putaqueospariu*”, “*onde judas perdeu as botas*”, “*no oco da taquara*”.



TENHA FÉ E CONFIANÇA NO NORTE DO PARANÁ

Jamais será desiludido em seu trabalho no Norte do Paraná. O seu esforço será 100 % recompensado, graças à fertilidade do solo daquele privilegiado recanto de nossa Pátria.

Qualquer que seja a atividade, a que se dedique, mormente agricultura — Café, Algodão, Cereais, Legumes, Frutas, Hortaliças etc. — ou extração de mádeiras — Cedro, Peroba, Cabreuva etc. — seu êxito será garantido.

As excelentes vias de comunicações e transportes — estradas de rodagem e caminho de ferro — lhes oferecem conduções rápidas e econômicas, no momento desejado e mais propício dos mercados consumidores, para obter melhores preços.

O clima é magnífico e a água pura, de maneira a gozar boa saude.

Para uma vida tranquila e sem aflições, adquira terras roxas, com facilidade de pagamento, da

COMPANHIA DE TERRAS NORTE DO PARANÁ

Sede: LONDRINA — Paraná

Escritório em S. Paulo: Rua S. Bento, 329 - 8.o andar — Caixa Postal, 2771

NOTA — Nenhum agente de vendas está autorizado a receber dinheiro em nome da Companhia.

(Titulos registrados sob n.o 12 de acordo com o decreto n.o 3 079, de 15-9-1938).

[96] FONSECA, Fernanda Perdigão da; CZUI, Daniela Crisley. Formação arenito caiuá: uso, ocupação do solo e problemas ambientais na região Noroeste do Paraná. In: **III Simp. Nac. de Geog. Agrária – II Simp. Intern. de Geog. Agrária** - Jornada Ariovaldo Umbelino de Oliveira. Presidente Prudente, 11-5 nov. 2005. Disponível em http://www2.fct.unesp.br/nera/publicacoes/singa2005/Trabalhos/Artigos/, consultado em maio de 2017.

Portanto, nem sempre os pioneiros encontraram condições para "*uma vida tranquila e sem aflições*" e nem sempre "*o esforço foi 100% recompensado*", pois o enfrentamento das matas a serem abertas e a falta de "*excelentes vias de comunicação e transportes*" apregoadas pela propaganda, exigia muitos sacrifícios, problemas de saúde e, inclusive, não raro, a própria vida.

Mas foi assim, por meio das companhias de terras, que o Norte do Paraná testemunhou a chegada de levas e levas de famílias e indivíduos, oriundos de diferentes quadrantes brasileiros e de países diversos. Aqui chegando, mesmo tendo que enfrentar uma porção de dificuldades e de muitos problemas, entre os pioneiros podia se ouvir a ocorrência de termos e expressões que começaram a ser usados em relação ao Norte do Paraná: "abastança", "grandeza", "vida tranquila e sem aflições", "bem-estar e felicidade" e muitos outros que traduziam a "terra de Canaã", "terra da Cocanha", "a terra onde se anda sobre dinheiro" e outras alegorias.

Para muitos, uma das primeiras dificuldades enfrentadas nesta aventura era encontrar seus lotes em meio à mata fechada, depois abrir picadas e carreadores e construir algum casebre de pau a pique (geralmente com paredes de tronco de coqueiro e cobertura de tabuinhas ou folhas de palmito), e sob este teto arranjar suas ´tralhas´, algum minguado mobiliário, poucas roupas e utensílios de cozinha.

> Ao chegar, os colonizadores erguiam às pressas, com caules de palmito cortados ao meio, um rancho coberto com tabuinhas ou sapé, imprescindível para repouso, proteção das intempéries e segurança contra animais silvestres e peçonhentos da mata.[97]

> Os troncos, rachados longitudinalmente, serviram para construir os ranchos e fazer as camas. As folhas foram utilizadas para cobrir os ranchos, as camas e para alimentar os animais. A mata nos dava tudo e acredito que usufruíamos da primeira dádiva generosa daquelas terras férteis.[98]

Famílias e mais famílias se instalaram no matagal e nas pequenas corrutelas e patrimônios que pipocavam por todos os lados; muitas delas vieram com crianças. Algumas destas famílias vieram sozinhas, outras em grupo - p. ex. o caso de várias famílias parentes, outras ainda de forma coletiva formando colônias devido a fatores diversos - p. ex. o caso de famílias japonesas. Junto com eles, no entorno das casas, era comum o plantio de alguma horta, o plantio de árvores frutíferas, a criação de uma capoeira de galináceos, alguns porcos para engordar e, quase sempre, pelo menos um cachorro como companhia. Para muitos esta era toda a fortuna que tinham.

> Aproximadamente 100 famílias que compraram sítios de 10 alqueires. Desmataram e formaram cafezais que ocupavam quase a totalidade do sítio, deixando apenas um pequeno espaço para a construção de moradias, contendo casas pequenas e grandes, de cores parecidas, indo do amarelo palha até o branco, plantação de árvores frutíferas, hortas e criação de pequenos animais.[99]

Mosquitos – pernilongos, porvinhas, berneiras e mutucas - ferroando o tempo todo, dia e noite. Muitos morreram de picadas de cobra e de malefícios até curáveis, se recursos houvesse. Longe de tudo e de todos, não raro faleciam sem que pudessem ser atendidos.

---

[97] BONI; ALEGRO; MORAES. Norte do Paraná … In: CARVALHO, **Paisagens**…. p. 102.

[98] Depoimento de George Craig Smith, jovem paulista descendente de ingleses, pioneiro nas terras do Norte do Paraná, referido em COMPANHIA MELHORAMENTOS NORTE DO PARANÁ. **Colonização** …, p. 61.

[99] KAVA, Franccis, Yoshi; DOUTHE, Helena. **Namida Taiko**. Curitiba: Insight, 2019. p. 11.

> Assistência médica e hospitalar, nem pensar. Não existia um meio de transporte. Cada sitiante possuía um carrinho (carroça a tração animal) para chegar ao patrimônio mais perto e daí conseguir um jeep de aluguel, com tração nas quatro rodas e seguir até onde houvesse linha de ônibus regular ou um pronto socorro médico.[100]

Nas vilas e cidades predominavam as casas de madeira, de peroba rosa em maioria, cujo lenho amarelado apresentava certo cheiro agridoce enquanto as tábuas, caibros e vigotas ainda eram novos. Não havia energia elétrica, as estradas eram precárias, o escoamento das safras dificultado, mormente quando as pesadas ´chuvas de pancada´ se abatiam sobre a região formando, principalmente nas terras de arenito, imensas vossorocas e o lixiviamento das áreas desmatadas, o que contribuía para o assoreamento dos córregos, riachos e rios e, também, para degradação da fertilidade dos solos. E nas terras ´roxas´, como já comentado, nos dias de chuva havia o barro e o lamaçal que impregnava os calçados e transformava as vias transitáveis em verdadeiras ´pistas de sabão´, lisas e escorregadias. Na seca, o pó vermelho invadia todos os cantos e recantos onde as pessoas pudessem estar.

No começo, para muitos pioneiros, o ´paraíso´ era um ´inferno´. Nem tudo e nem para todos a vida foi fácil nas ´frentes pioneiras´; muitos foram os que desistiram de ´tocar a vida´ nas condições então existentes. As agruras e dificuldades cotidianas impunha um pesado ´pedágio´ para todos, independentemente de onde fossem morar.

Mas foi neste cenário de desafios, dificuldades e carências que diferentes grupos se amalgamaram formando a população pioneira do Norte do Paraná e o **jeito de falar dos "pé vermeio"**.

> Prevaleceram heranças culturais recriadas, tornando esta região um representativo ´pedaço do mundo´ ou do Brasil multicultural. (…) tornou-se parte de um todo e configurou processo de trocas, sobre o qual foi construído o Norte do Paraná, cuja marca mais visível é a diversidade. O intenso contato entre grupos em um breve espaço de tempo contribuiu para dar corpo, ali, à noção de identidade brasileira. Esse sincretismo tornou possível ser brasileiro e reconhecer a cultura herdada como fator estruturante da própria identidade no Norte do Paraná.[101]

1.3.1 As derradeiras frentes pioneiras no Paraná: oeste/sudoeste

Algumas ´frentes pioneiras´ permaneceram ativas até a década de 1960 quando então, em consequência da total (re)ocupação das terras paranaenses, deixaram de existir.

> Na década de 1960, todo o Estado do Paraná está com o seu território ocupado, desaparecendo as frentes pioneiras e os grandes problemas de terras. Encontram-se e começam a confundir-se as três ondas de povoamento, a do Paraná tradicional que se expandiu desde o século XVII, de Paranaguá e Curitiba, pelas regiões de campo, com a criação de gado, a indústria da erva-mate e da madeira de pinho; a dos agricultores da agricultura tropical do café que, pelas origens e pelos interesses históricos, ficaram mais diretamente ligados a São Paulo; e a dos colonos da agricultura de subsistência, plantadores de cereais e criadores de suínos que pela origem e pelos interesses históricos, se ligaram mais intimamente ao Rio Grande do Sul. [102]

---

[100] NASCIMENTO, **Do gumex**..., p. 41.

[101] BONI; ALEGRO; MORAES. Norte do Paraná … In: CARVALHO, **Paisagens**…. p. 115.

[102] WESTPHALEN, Cecília Maria; MACHADO, Brasil Pinheiro; BALHANA, Altiva Pilatti. Nota prévia ao estudo da ocupação da terra no Paraná moderno. **Boletim da Universidade Federal do Paraná**, Curitiba, n. 7, p.1-51, 1968. p. 7.

O último dos grandes movimentos de ocupação econômica das terras paranaenses ocorreu na porção oeste/sudoeste, espaço este cujas primeiras atividades de exploração remontam aos finais do século XIX quando o Governo do Estado concedeu "imensas áreas de terras devolutas nacionais a companhias como estímulo à colonização nas margens das estradas de ferro que deveriam ser construídas na região".[103]

> No início do século XX, o sudoeste paranaense, de Mariópolis até a fronteira argentina, continuava a ser um imenso vazio demográfico. Sua população atingia apenas 3.000 habitantes. Os fazendeiros de Palmas, únicos capitalistas da região, nunca se interessaram em investir na colonização de terras que não fossem campos de criatório.[104]

No povoamento do oeste/sudoeste paranaense, tal como aconteceu em sua porção norte, também as companhias colonizadoras particulares tiveram atuação destacada. O governo do interventor Manoel Ribas concedeu permissão a uma grande companhia, a Industrial Madeireira e Colonizadora Rio Paraná S.A. - conhecida pela sigla ´MARIPÁ´, sediada em Toledo, e esta foi a principal companhia de colonização responsável pela vinda massiva de colonos de origens alemã e italiana que se radicaram na região.

> A este deslocamento populacional chamamos de frente sulista, ocupando a maior parte do sudoeste e parte do oeste paranaense. Numericamente, a frente sulista foi de menor intensidade do que a nortista.[105] Correspondeu à ocupação do sudoeste por gaúchos e catarinenses de origem ítalo-germânica, atraídos pela fertilidade dos solos dos vales do baixo-Iguaçu e do Piquiri.[106]

Mas, diferentemente do que ocorrera no norte do estado, a vinda dos migrantes foi motivada sem o recurso à propaganda massiva.

> A procura das terras ofertadas pela Maripá, por colonos gaúchos e catarinenses, foi extraordinária, de tal modo que, em 1951, todas as terras demarcadas, já se encontravam vendidas ou compromissadas. Em 1956, afora algumas áreas extensas que vendera para serem colonizadas por outras companhias, a Maripá havia vendido 9.618 colônias, do projeto inicial, restando apenas 3.544 à venda.[107]

Sobre esta derradeira ´frente pioneira', vale observar que, intencionalmente ou não, a ocupação deu-se, em geral, pelos mesmos métodos adotados no Norte Novo: os lotes agrícolas mediam, em média, 20 alqueires. As chácaras que "circundavam os núcleos urbanos foram estabelecidas, em média, com um alqueire, enquanto que os sítios, servidos sempre por águas correntes, foram demarcados com a área média de 10 alqueires".[108]

Também nesta ´frente pioneira´, tal como aconteceu em outros rincões paranaenses, "os índios caingangues, que habitavam a região, não queriam aceitar a presença do homem branco em território por eles dominados".[109] Mas, a despeito desta resistência, "a

---

[103] CARDOSO, **Atlas Histórico do Paraná**..., p. 68-9.

[104] WACHOWICZ, Ruy Christovam. **Paraná, Sudoeste**: ocupação e colonização. Curitiba: Lítero-Técnica, 1985.

[105] WACHOWICZ, **História do Paraná** ..., p. 284.

[106] TOURINHO, Luiz Carlos Pereira. Na Apresentação de WACHOWICZ, Ruy Christovam. **Paraná, Sudoeste**: ocupação e colonização. Curitiba: Lítero-Técnica, 1985. p.5.

[107] BALHANA; MACHADO; WESTPHALEN. **História do Paraná**..., p. 220.

[108] BALHANA; MACHADO; WESTPHALEN, **História do Paraná**..., p. 220-1.

[109] WACHOWICZ, **Paraná, Sudoeste**..., p.10.

ocupação de novas terras pelas populações brancas, tanto europeias quanto brasileiras, ocorreu, sobrepondo territórios nativos".[110]

E, de igual maneira, tal como aconteceu no norte-paranaense, também esta região recebeu um amplo rol de contribuições linguísticas e culturais e a região passou a conviver com diversos sotaques, expressões e léxico, principalmente dos gaúchos e catarinenses.

1.4 CAPELINHA, UMA DAS MUITAS VILAS CRIADAS NO NORTE DO PARANÁ

A memória introduz o passado no presente sem modificá-lo, mas necessariamente atualizando-o (…). A memória, portanto, constrói o real, muito mais do que o resgata. Jacy Alves de SEIXAS.[111]

Em 1946, algumas cidades do Norte do Paraná já estavam consolidadas. Outras, recém-criadas, ensaiavam seus ´primeiros passos´ rumo ao ´progresso e ao desenvolvimento´. E foi naquele ano que a Companhia Melhoramentos Norte do Paraná decidiu pela criação de uma vila a meio caminho entre Maringá e a Colônia de Paranavaí (anteriormente conhecida como Fazenda Velha Brasileira).[112] Dois anos depois, em 1948, já estavam sendo demarcadas as quadras e datas (lotes urbanos) onde seria implantada a vila de Capelinha e feito os loteamentos das glebas ao derredor.

A abertura da clareira aconteceu num dos pontos do caminho que ficava no encontro da estrada que ia até Paranavaí com um ´picadão´ que levava à chamada ´estrada Inglesa´, uma precária estradinha de terra aberta pelas linhas de cumeada e que serpenteava em meio à mata virgem indo no rumo do porto São José, divisa com Mato Grosso.[113] Naqueles tempos, em geral, as ´estradas´ eram traçadas ao longo dos espigões (linha de cumeada),[114] tal como referido pela própria empresa colonizadora em relato sobre a colonização do Norte do Paraná.

---

[110] PRIORI, A., et al. **História do Paraná**: séculos XIX e XX [online]. Maringá: Eduem, 2012. A história do Oeste Paranaense. pp. 75-89. Disponível em http://books.scielo.org/id/k4vrh/pdf/priori-9788576285878-07.pdf. Consultado em jul. 2018.

[111] SEIXAS, Jacy Alves de. Percursos da memória em terras de história: problemáticas atuais. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia (orgs.). **Memória e (re)sentimentos**: indagações sobre uma questão sensível. 2. ed. Campinas/SP: Ed. UNICAMP, 2004. p. 50-1.

[112] Conforme depoimento de José Francisco Oliveira, um dos pioneiros que nela trabalhou, a estrada de Paranavaí para Capelinha começou a ser aberta a partir de meados de 1945. Contou ele que "ao chegar em Capelinha não havia água e tiveram que cavar um poço de mais de 90 metros de profundidade". ARIOCH, David. Jornalismo Cultural. **As lembranças de José Francisco Oliveira**. Disponível em **https://davidarioch.wordpress.com/tag/capelinha/,** consultado em junho de 2017.

O município de Paranavaí, tal como o de Nova Esperança, foi criado em 14 de dezembro de 1951 e instalado em 14 de dezembro de 1952.

[113] Curiosamente, vale observar que, diferentemente do que foi exposto na obra "Municípios paranaenses; origens e significados de seus nomes", que refere 1946 como sendo a data em que a Companhia de Terras "chegou à Capelinha, primeira denominação da localidade, dando início à medição e demarcação de uma futura cidade", foi a partir desta medição e demarcação que a vila de Capelinha começou a ser formada, o que se dá a partir de 1948; até então, aquelas paragens era coberta por densa floresta.

FERREIRA, João Carlos Vicente. **Municípios paranaenses**; origens e significados de seus nomes. Cadernos Paraná da Gente no. 5. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 2006. p. 206.

[114] **Cumeada ou linha de cumeada**: em termos estritos é a linha de separação das águas de uma bacia hidrográfica. A abertura dos caminhos e estradas praticamente coincidia com as linhas de cumeada; por estarem mais ao alto do relevo topográfico eram chamadas de "cabeceiras".

> A área rural seria cortada de estradas vicinais, abertas de preferência ao longo dos espigões, de maneira a permitir a divisão da terra da seguinte maneira: pequenos lotes de 10, 15 ou 20 alqueires, com frente para a estrada de acesso e fundos para um ribeirão.[115]

Eram vias de transporte precário cujo leito se apresentava destocado (limpo de tocos) e em geral relativamente aplainado com o uso de tratores e que recebiam poucos cuidados depois de abertas. Aos ´trancos e barrancos´ elas suportavam o trânsito dos veículos da época. Para azar dos motoristas que trafegavam por aqueles ermos, a quebra ou defeito em um caminhão era motivo para espera de alguns dias até que alguém fosse buscar socorro e/ou peças em ´praças´ maiores, como Maringá e Londrina. Foi um tempo em que dependia-se muito da solidariedade das pessoas, e esta, de fato, sempre se fazia presente nestas ocasiões.

Em 1952, após vigoroso período de crescimento e já dotada de boas casas de moradia e de comércio, em geral construídas com madeira de peroba-rosa e com algumas edificadas com alvenaria de tijolos, a vila de Capelinha mostrava ares de urbanidade, quando então se tornou Nova Esperança sendo elevada à sede do recém-criado município de mesmo nome. E dentre o vai-e-vem dos pioneiros, a cidade apresentava alguns espaços bastante evidentes de maior afluência de público: o cinema, o ´ponto de ônibus´ (a rodoviária), as igrejas, as vendas de secos e molhados, os hotéis e pensões, as casas de tecidos e as agências bancárias, que por lá se faziam presentes, e até a ´coreia´ (zona do baixo meretrício) tinha intensa “freguesia”.

Cotidianamente, a rodoviária presenciava um contínuo ir e vir de gente para vários rumos. Os hotéis e pensões abrigavam viajantes e recém-chegados de origens diversas sempre em busca de algum destino ou para comercializar algum produto. O Cine Capelinha, especialmente aos sábados à noite e aos domingos (matinê e suarê), acolhia parte dos habitantes da jovem cidade. Nas vendas, o que mais aparecia eram os peões e sitiantes em permanente demanda de mantimentos, ferramentas e suprimentos. Nas casas de tecidos, o movimento também era intenso e juntava de ´tudo um pouco´, de gente comprando “brim arranca-toco” até pessoas de melhor posse em busca de sedas e tafetás. Pelas agências bancárias passavam aqueles em busca de dinheiro, geralmente os de alguma posse. E, conforme seus calendários, as igrejas atraíam pequenas multidões. Nelas, o afluxo de pessoas era maior, mesmo que isso ocorresse somente aos domingos, nas procissões, à noite nas novenas e nas ´quermesses da igreja católica´. Com o passar do tempo, também nos cultos das demais igrejas se faziam presentes muitos fiéis. Nas missas, o latim estava nas falas do(s) padre(s), o que não acontecia nos cultos. À entrada e saída destes tipos de eventos constituía um formoso *´desfile de gente bem-arrumada´* e de muitos cheiros. E era comum parte da juventude aparecer apenas para ver a *´saída da missa´*.

Nestes lugares, predominantemente, era onde se podia ver o *´trança-trança´* das pessoas e ouvir o ‘converseiro’ que produziam no sentido da formação de um panorama sonoro que constituía **o jeito de falar dos pioneiros**.

1.4.1 Origem do nome da vila Capelinha: a propagação de uma lenda

Quem conta um conto, aumenta um ponto. (Ditado popular)

Por ser um trabalho voltado ao registro de elementos falados no Norte do Paraná, com ênfase em rememorações advindas do tempo que o autor morou na vila de Capelinha (atual Nova Esperança) e viveu nesta região, optou-se por incluir neste livro algumas

[115] COMPANHIA MELHORAMENTOS NORTE DO PARANÁ. **Colonização**…, p. 70.

considerações sobre a origem do nome desta vila. Provavelmente, outras vilas e municípios também apresentam ´histórias´ semelhantes: lendas que misturam fatos com relatos fantasiosos, aliados à alguma desinformação ou, ainda, um pouco de criatividade por parte dos pioneiros e de seus descendentes.

Notícias publicadas por diferentes fontes referem a criação de Capelinha (o começo da colonização da atual Nova Esperança) em datas díspares. De modo geral, elas dão conta de propagar o que se conhece como sendo sua origem histórica mas, pelos conteúdos que apresentam, estas várias fontes englobam, com certeza, elementos da realidade e outros formados pelo imaginário dos narradores. Em conjunto, pode-se dizer, com certeza, que as narrativas sobre a origem desta cidade deram origem a uma lenda urbana[116] parcialmente apoiada em fatos reais.

Diz esta lenda, conforme uma de suas versões, que o nome "Capelinha" foi dado à vila em decorrência da existência de uma ´capelinha´ às margens do córrego Bigui (também o córrego Biguá[117] é referido), e que o seu santo padroeiro foi definido porque naquele lugar teria sido encontrada uma imagem católica do Sagrado Coração de Jesus.

Conforme conta a versão mais divulgada, foi o advogado e presidente da Companhia Melhoramentos Norte do Paraná, Herman Moraes de Barros, e uma equipe de desbravadores (Arthur Hugh Millller Thomas, engenheiro; Louis Reed, consultor técnico; o Dr. Gastão de Mesquita Filho e o engenheiro construtor da Nova Estrada de Ferro São Paulo, Heitor Machado) que, "em 1928", partindo do "porto Ceará", encontraram, em meio à mata e à "beira do córrego Bigui" (córrego este que não existe nas atuais terras de Nova Esperança), uma "pequena capela" de "tijolos toscos", "sem porta" e "coberta de sapé". Por isso, diz esta versão que, "vinte anos mais tarde", em 1948, quando foi loteada a região, Arthur Thomas, "muito acertadamente", atribuiu o nome "Capelinha" para a vila que iria ser implantada nas proximidades deste lugar.[118]

Outra versão da lenda diz o seguinte:

> Entre as várias dezenas de cidades fundadas pela Companhia de Terras Norte do Paraná, dentro do seu plano de colonização do setentrião paranaense, figura Nova Esperança. A região, no entanto, já era conhecida por tropeiros e viajantes vindos de São Paulo e Mato Grosso, com destino aos Campos de Guarapuava e Palmas, que fizeram as primeiras penetrações no sertão onde hoje se localiza Nova Esperança, através de uma ´picada´ aberta por trabalhadores de uma Companhia de levantamento de terras. Foi, então, construída, às margens do Rio Biguá [aqui já é Biguá e não Bigui], por trabalhadores dessa Companhia, uma capela coberta com folhas de zinco [aqui já são folhas de zinco e não sapé], passando o local a ser conhecido por Capelinha. Ali a Companhia deu início, em 1946, à formação de um novo patrimônio [o início da implantação de Capelinha data de 1948].[119]

---

[116] **Lenda urbana**: relato fantasioso amplamente divulgado, que constitui uma forma de expressão folclórica ou quase, frequentemente narradas como tendo ocorrido com pessoas conhecidas. Não raro se apoiam em notícias de relatos de autoridades. Muitas delas se apoiam em fatos da realidade aos quais são agregadas interpretações ou distorções de conteúdo.

[117] O córrego Biguá é afluente do ribeirão Esperança, e sua extensão é de apenas algumas centenas de metros. À época, como ainda hoje, é apenas um pequeno curso d´água capaz de ser vencido por uma passada. Este córrego fica à esquerda de onde corria a antiga estradinha que ia de Maringá à Capelinha, distante desta pouco mais que algumas centenas de metros.

[118] Relato disponível em IBGE. Cidades. **Nova Esperança**: histórico. Ver endereço http://www.ibge.gov.br, consultado em junho de 2017.

[119] CITY BRASIL. **Nova Esperança**; história da cidade. Disponível em http://www.citybrazil.com.br/pr/novaesperanca/historia-da-cidade, consultado em julho de 2017. O grifo é nosso; o rio Bigui já se transformou em Biguá e o sapé em folha de zinco.

Outra variante desta “história” diz que:

> No início do ano de 1925, a Companhia de Terras do Norte do Paraná adquiriu, do Governo do estado do Paraná, 450.000 alqueires de terra pela quantia de 8.712 Contos de Réis, sendo Governador nesta época o Dr. Caetano Munhoz da Rocha.[120] Nessa aquisição estavam englobadas as terras pertencentes ao município de Nova Esperança [nesta data o município ainda não existia; só foi criado em 1952]. Muitas comitivas exploradoras saíram para começar a colonização, conforme relato do Dr. Hermann Moraes de Barros. [Segue-se o relato já conhecido]. A maior parte desta população descende de europeus, japoneses, com componentes menores de indígenas e afro-descendentes.[121]

Para chegar a este lugar, conforme o relato mais conhecido, aquela comitiva teria percorrido, em “dois fordecos”, “30 km até uma derrubada de mata virgem” e “mais alguns quilômetros”. Depois, “montados em cavalos” percorreram um “picadão por mais três horas”, até chegar às margens do córrego Bigui e da tal ´capelinha´.

Teria sido daí, então, que surgiu o nome de Capelinha, um povoado formado entre Maringá (fundada em 1947) e Paranavaí (já assim nomeada em 1944 e oficialmente fundada em 1952). Capelinha começou a ser demarcada lá pelos idos de 1948 e a criação do município de Nova Esperança somente aconteceu em 1952. E assim é que essa “história” é contada e recontada com suas variações.[122] Observe-se que a lenda relata que isso aconteceu 20 anos antes das terras da vila começarem a ser colonizadas, e que a capela era de “tijolos toscos”, “coberta de sapé/”zinco”[123] e “sem portas”.

---

[120] Segundo TOMAZI, “conforme os mais variados autores, sempre ancorados nos discursos da própria CTNP, (...) em outubro de 1925 ela conseguir comprar 350.000 alqueires de terra junto ao governo do estado do Paraná, ao preço de 8$000 (oito mil réis), totalizando 6.666$000 (seis mil setecentos e setenta e seis contos de réis). (...) Além desta gleba, no ano seguinte, em 1926, adquire mais 20.000 alqueires do Dr. Custódio José de Almeida, e surpreendentemente, 80.000 alqueires da Brazil Plantations Syndicate Ltd. - empresa do mesmo grupo empresarial.” Além destas terras a Companhia comprou de outros mais 65.017 alqueires, totalizando 515.017 alqueires. TOMAZI, **Norte do Paraná**..., p. 182.

[121] NOVA Esperança. Disponível em http://www.tiosam.com/?q=Nova_Esperan%C3%A7a, consultado em junho de 2017. O que se estranha nesta versão é o relato da existência de descendência indígena no município, que em sua conformação atual nunca teve em suas terras aldeamentos ou reservas.

[122] PREFEITURA MUNICIPAL DE NOVA ESPERANÇA. **Histórico do município**. Disponível em http://www.novaesperanca.pr.gov.br, consultado em junho de 2017. O site do município refere a data de início do povoamento de Capelinha como sendo o ano de 1948.

ODIARIO.COM. **POVOADO ganhou nome de Capelinha**. Disponível em http://maringa.odiario.com/parana/noticia/229715/povoado-ganhou-nome-de-capelinha/, consultado em junho de 2017. O Diário refere a viagem do Dr. Moraes de Barros em 1928 e o novaesperançaonline em 1948. Na verdade a abertura de Capelinha se deu em 1946/7.

NOVA ESPERANÇA On line. **Breve histórico da cidade**. Nova Esperança; 4 fev. 2010. Disponível em http://novaesperançaonline.com.br, consultado em junho de 2017.

NOVA ESPERANÇA. Câmara Municipal. **Nova Esperança 58 anos uma história, uma vida**. Disponível via internet, consultado em junho de 2017.

[123] **Sapé** - nome comum a várias gramíneas. A mais conhecida delas é a variedade *Imperata brasiliensis*, é considerada como ‘invasora de pastagens’. O uso ancestral deste tipo de vegetação nas construções de madeira pelos aborígines brasileiros é de amplo conhecimento. A palha das palmeiras, sobrepostas ou trançadas, era utilizada por alguns povos para elaborar a porta das habitações. Os habitantes de área de mata fechada não utilizavam sapé pelo simples fato deste não ocorrer em abundância neste tipo de ambiente. A região de Capelinha era de mata fechada, e o sapé só foi aparecer nas pastagens muito tempo depois.

Na propagação desta lenda, porém, é esquecido ou não é levado em conta que:

– o povoado de Capelinha surgiu em decorrência da decisão da CTNP lotear aquelas paragens e vender terras aos pioneiros; antes, aquilo tudo era ermo com população quase inexistente; tinha apenas uns parcos posseiros, caboclos e aventureiros morando em meio às matas, e provavelmente, nenhum deles exercia atividades oleiras ou algo parecido nos arredores de onde foi implantada a vila – as terras do lugar são classificadas como 'arenito Caiuá', muito pobres em argila. Os tijolos e telhas que mais tarde, ao tempo da colonização, lá entraram, vinham do estado de São Paulo por caminhão;[124]

– nesta região, no início da aventura pioneira, o pouco que se via eram construções vernaculares[125] (construções de madeira serrada, casebres de troncos e varas, cuja técnica herdamos da cultura indígena, ainda que não o formato de suas casas, e casas rústicas, de taipa ou pau a pique herdadas dos caboclos e bandeirantes)[126] cobertas com palha de palmeira/palmito, (vegetação abundante que ocorre em mata fechada), e não de sapé (uma gramínea que ocorre em espaços abertos). À época, no entorno de Capelinha, o sapé não existia ou era raro) e o que de melhor se usava na cobertura das ´casas´ eram ´tabuinhas´ de madeira (timburi, cedro e mamica de porca, p. ex.) lascadas ´no muque´, no sentido ´das águas´, com o auxílio dos tais ´facões de rachar tabuinhas´, feitos em geral de pedaços de mola de caminhão forjadas para tal finalidade;[127]

– no início da colonização não existia construção alguma de tijolos na localidade de Capelinha; este tipo de construção demorou um tempo para que começasse a ser edificado na vila/cidade. Ou seja, ainda que o ser humano tenha razões que a própria razão desconhece, por que é que naquele "*fim de mundo*" alguém iria fabricar tijolos toscos para construir uma capelinha também tosca e sem portas se os materiais e técnicas disponíveis eram a construção de troncos, a taipa e as 'telhas' de tabuinha lascada ou de folhas de palmeira?

– o trajeto dos ´picadões´, que passavam pelo lugar onde foi demarcada a vila de Capelinha, e que mais tarde foram transformados em caminhos e em estradinhas, não cruzava córrego algum nas proximidades daquele loteamento. Os picadões e caminhos eram feitos pelas áreas lindeiras das ´linhas de cumeadas´

OLIVEIRA, Elir de. **Recuperação de pastagens no Noroeste do Paraná**; bases para plantio direto e integração lavoura e pecuária. Londrina: IAPAR, 2010. p. 9.

[124] O Hotel Capelinha foi uma das primeiras edificações feitas em meio à mata; era construído de madeira (peroba rosa, que era abundante) e já coberto com telhas do tipo francesas, vindas do estado de São Paulo. A segunda edificação do Hotel Capelinha, feita na praça Pirapó (atual Melo Palheta) alguns anos depois, ainda foi edificado em madeira e coberto com telhas francesas de mesma origem.

[125] **Vernáculo** - refere-se a algo nativo ou doméstico; que é de casa, crioulo, característico de um país ou região. Em geral, é o nome dado à língua nativa de um país ou de uma localidade.

Arquitetura vernacular - entende-se a 'arquitetura vernacular' como sendo aquela que nas suas edificações utiliza materiais e recursos construtivos do próprio ambiente onde as construções são realizadas. É um tipo de arquitetura caracterizada, por excelência, como "local" ou "regional".

[126] **Taipa ou pau a pique** - técnica construtiva na qual o barro é aplicado, à mão, socada sobre um trançado de varas ou ripas de madeira. Por isso é conhecida como "taipa de mão". Outra técnica de taipa, chamada "taipa de pilão" não era utilizada na região.

[127] RIBEIRO, João Modesto. Pioneiro norte-paranaense, em entrevista realizada em setembro de 2017, pelo autor.

as tais de ´*cabeceiras*´ e pelas ´*fraldas*´,[128] evitando, portanto, cruzar córregos e rios. Logo, nenhum córrego havia no caminho dos pioneiros para servir de referência à tal de capelinha. O próprio córrego Biguá, eventualmente citado em algumas versões da lenda de criação de Capelinha, é apenas um "*córguinho*" que fica na bacia do ribeirão Esperança, um dos cursos d´água mais próximo ao lugar onde esta povoação foi implantada;

– a estradinha primeira, que sucedeu os picadões, entrava em Capelinha passando à esquerda de onde foi construído o posto de gasolina Shangri-lá (entrada de Nova Esperança para quem vem de Maringá); era sinuosa e cheia de poças d'água, mas longe de qualquer córrego. Foi traçada pelo domínio da linha de cumeada divisória das bacias do rio Pirapó (ao norte) e Ivaí (ao sul);

– o ´*picadão*´ que partia da estradinha que ligava Maringá à Fazenda Brasileira (Paranavaí) e que ia dar na Estrada Inglesa, no rumo onde seria implantado o patrimônio de Uniflor era, em toda sua extensão, também um caminho de ´*cabeceiras*´, aberto pelas linhas de cumeadas, exceto quando cruzava algum curso d´água ´*bem lá pra frente*´. Para se ter uma boa ideia de como isto acontecia basta ver o mapa do Paraná produzido em 1944.[129]

Na verdade, na atual área abrangida pelo município de Nova Esperança, nunca existiu a capelinha de que trata a lenda, assim como inexiste um córrego com o nome de Bigui no município. O que perdurou até o início dos anos 1950, e disto houve e ainda se pode obter testemunhos entre algum pioneiro ou filho de pioneiro, era uma rústica construção de pau a pique (um abrigo), com aproximadamente um metro e cinquenta de altura, coberta de folhas de palmiteiro, que ficava no terreno da 'chácara da Companhia'[130], para os lados dos fundos do cemitério, depois da 'estrada oficial',[131] além da 'mata da oficial',[132] a pouco mais de dois quilômetros do centro da vila.

O abrigo (a tal capelinha da chácara da Companhia) estava situada à jusante e à direita do córrego Rã, um pouco abaixo do ´tanque do Valdemar´, como era conhecido o pequeno açude lá existente, quase debaixo de uma enorme figueira branca. Esta árvore, que cresceu inclinada sobre aquele estreito curso d'água, tinha uns seis a oito metros de altura ou pouco mais e a copa se abria em grande forquilha plana onde, segundo outra lenda, uma onça tinha ´*jantado*´ um engenheiro quando este dormia numa rede ali armada.

Toscamente cercada ao fundo e nas laterais por troncos de palmito rachados ao meio, coberta com palha de palmeira sustentada por varas, a tal capelinha estava a menos de 100 metros da nascente daquele córrego. Não tinha porta, aliás, inexistia fechamento frontal.

---

[128] **Cumeada ou** l**inha de cumeada** (já explicitado). **Fralda**: em uma elevação é a parte que mais se aproxima das baixadas ou fundos de vale.

[129] PARANÁ. **Mapa do estado do Paraná 1944**. Departamento de Geografia, Terras e Colonização da Secretaria de Viação e Obras Públicas. Escala 1:1.000.000.

[130] Companhia Melhoramentos Norte do Paraná.

[131] Atual BR-276, que liga Maringá a Paranavaí.

[132] Um dos últimos trechos de mata nativa a ser derrubado nas proximidades de Nova Esperança. Ficava ao lado esquerdo da estrada que liga Maringá a Paranavaí.

Segundo o agrimensor Kleper Gonçalves Palhano (o Doutor Palhano,[133] de querida memória e muitas histórias), aquele abrigo serviu ao pessoal da Companhia de Terras para guardar mantimentos e ferramentas no período de abertura de picadas e demarcação dos lotes da vila. No interior dele alguém lá dependurou um crucifixo e deixou uma estatueta de santa (Nossa Senhora Aparecida). Lá no início dos anos 1950, devido estar exposta à umidade ambiente (beira de córrego) esta imagem se apresentava meio carcomida em sua pintura externa; parte do rosto e do manto exibia manchas brancas de descasque. Era pequena e sua altura tinha quase o *´comprimento de um estilingue´*, sem esticar.

Por alguns anos, depois que chegamos a Capelinha, íamos com muita frequência tomar banhos no 'tanque do Waldemar' e caçar por aquelas bandas, frequentemente passávamos pela tal ´capelinha´. Isto durou até 1953-4 quando um dos muitos meninos que por lá caçavam ou iam nadar naquele lugar, tocou fogo nela. Restaram cinzas e sobras calcinadas de alguma coisa que lá estava, mas a imagem da santa havia desaparecido; provavelmente foi levada.

No sentido de melhor entender o que ocorria em termos construtivos por aquelas bandas, e questionar a existência de uma capelinha de toscos tijolos, vale lembrar aspectos do método de colonização dos terrenos, então praticado de modo generalizado:

> Primeiro, entremeio à mata, e em algum rumo escolhido, era feita uma picada a foice e facão até algum lugar mais ou menos plano e perto do curso d'água na parte mais baixa do sítio. Depois, seguia a abertura de uma clareira em plena mata. Em seguida, era feito o corte de pequenas árvores de tronco reto, algumas com forquilhas para servir como esteios e outras para servir de cobertura (os palmiteiros) e para a estrutura do casebre a ser edificado. Nos esteios eram colocadas as 'vigas' da cobertura. Depois eram cortadas arvoretas de menor porte, o mais retilíneas possíveis, para os 'caibros' e 'ripas' que iriam sustentar a cobertura. Geralmente, a cobertura dos casebres era feita com folhas de palmeira sobrepostas umas às outras. E para que houvesse proteção contra a infiltração de água das chuvas as folhas eram dispostas com a ponta voltada para o beiral e o cabo para a cumeeira do casebre. Tudo amarrado com embira. Os troncos de palmito, lascados ao meio, também serviam para as paredes, tarimbas de dormir, eventual mesa e bancos, e alguma prateleira para depositar mantimentos, roupas e ferramentas. O piso era de chão batido. Mais tarde, com a abertura de carreadores podiam ser trazidas tábuas e telhas para edificar construções de madeira serrada um pouco mais seguras e confortáveis.[134]

Conforme escreveu Wilson Martins em 1955, corroborando a existência deste processo, a taipa e o sapé também eram utilizados em relação à casa/abrigo dos pioneiros daqueles tempos,

> (...) o imigrante como que se curvara docilmente ao meio, na sua instalação conscientemente provisória, casa de taipa ou sapé, levantada perto dos rios, mal coberta, mal fechada, insalubre e úmida, promíscua e primitiva, - tão primitiva quanto a do seu contemporâneo brasileiro mais atrasado. Uma segunda fase representa a transição entre essa aparente submissão ao meio e, - já não digo vitória sobre ele – mas um compromisso no qual o meio também cede alguma coisa. As paredes já são rebocadas, não raro se encontra a cobertura de telhas, as divisões internas.

---

[133] O agrimensor Kleper Gonçalves Palhano e seus irmãos vieram para o Paraná em 1927 para participar do projeto de colonização das terras do Norte Pioneiro. Trabalharam na demarcação das terras e lotes. Depois de muitas andanças escolheu a Vila de Capelinha/Nova Esperança como lugar de sua moradia definitiva. Historicamente, foi o 2o. prefeito deste município.

[134] Observações do autor.

> A terceira fase, a casa definitiva, mostra que o homem se sente capaz de impor ao meio os seus caprichos; os estilos, ou pedaços de estilos, que berram na paisagem natural (...).[135]

Em seu início, portanto, além dos primeiros casebres feitos de pau a pique, frequentemente cercados com troncos de palmito rachados ao meio e cobertos com folhas deles próprios ou, alternativamente, de taipa, menos frequente por aquelas bandas, a totalidade das construções eram de madeira, predominantemente de peroba rosa. Mais tarde, com a melhoria das estradas, começaram a chegar os tijolos; eram maciços e originários de várias olarias paulistas.[136] Até começos dos anos 1950, nesta área urbana ainda existiam algumas casas de taipa.[137]

Como reforço desta progressividade no uso dos materiais construtivos, se pode tomar como exemplo o que aconteceu com as três igrejas católicas em Capelinha/Nova Esperança:

- a pioneira, uma capela de madeira dotada com uma torre, que ficava na parte de baixo do terreno chamado 'pátio da Igreja' e que apresentava uma parte de taipa em suas paredes. Até 1951, a capela da vila Capelinha, assim como a de Paranacity, faziam parte da paróquia de Alto Paraná e era atendida pelo frei capuchinho Salvador de Pádua;[138]
- a segunda, bem maior, também de madeira, altaneira e com duas torres, construída em 1953 por um mestre artesão japonês, na qual o sino estava colocado em uma trave apoiada num tronco colocado ao lado de fora da igreja;[139]
- e a última, a atual Igreja Matriz, cuja construção foi iniciada em 1964, foi edificada em alvenaria e concreto.

Neste mesmo período, também em madeira, foram construídas, em 1954, a Primeira Igreja Batista e, em 1966, a Primeira Igreja Presbiteriana Independente. Além destas, foi também erigido um templo budista na década de 1950. E foi assim, por exemplo, que aconteceu com as igrejas católicas de Londrina, conforme relatou Dom Albano Cavallin, arcebispo daquela arquidiocese:

---

[135] MARTINS, Wilson. **Um Brasil diferente**; ensaios sobre fenômenos de aculturação no Paraná. 2. ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 1989. p. 279. [A primeira edição foi publicada em 1955.]

[136] Dentre os tijolos trazidos à Nova Esperança um tipo era especial: o de "pó-de-mico", feito com uma argila cuja característica popular mais conhecida era o fato de ser de cor branca e provocar intensa coceira em quem manuseava os tijolos com ela fabricados. Ao descarregar os caminhões com tijolos os trabalhadores ficavam cobertos por uma pátina de poeira branca. Alguns podiam ir para casa tomar banho, mas outros tinham que aguentar a coceira até o final do dia de trabalho.

[137] Provavelmente a última casa de pau-a-pique e chão de terra batida, edificada na área urbana de Capelinha, estava situada próxima ao quarteirão da igreja matriz, perto da pensão São Paulo, quase na esquina das ruas Nhonhô Moraes de Barros (hoje Governador Bento Munhoz da Rocha Neto) e da avenida Cascavel (hoje avenida Brasil). Era da família do senhor Agenor Soares de Oliveira, exímio trançador de cestos, peneiras e balaios, e da senhora Maria Leite de Jesus, que foi zeladora na escola Nice Braga e também benzedeira, pais do nosso amigo de infância o Dirceu, mais conhecido como Sabará.

[138] ARQUIDIOCESE de Maringá. **Uma igreja para a abertura do Norte do Paraná.** Disponível em http://arquimaringa.org.br/AIgrejaQueBrotouDoMato/03.pdf, consultado em 10 de setembro de 2017.

[139] O poste do sino era o lugar preferido pelos meninos que brincavam de "salva" no pátio da igreja. Durante algum tempo esta foi uma das brincadeiras preferidas da molecada que morava nas redondezas.

> Nossos pais nos contaram que logo no início, foi feito uma capelinha de madeira e os pioneiros exigiram da Companhia de Terras este espaço para Deus e para o exercício de sua religião. (...) foi a fé dos pioneiros que construiu em poucos anos três Igrejas [duas de madeira], da qual a última é a nossa Catedral [de alvenaria e concreto].[140]

E o mesmo ocorreu em Maringá, cujo primeiro templo católico foi a Capela São Bonifácio, "construída em 1940", "feita toda em madeira" e "localizada em sua atual zona rural".[141]

Desta forma, ressaltando o aspecto de ilustração complementar, vale dizer, que além das circunstanciais construções rústicas, este foi um tipo de ocorrência comum a várias cidades norte-paranaenses, não só para as igrejas e templos, mas também para boa parte das moradias e de algumas casas de comércio: primeiro uma construção de madeira rústica, depois outra maior e melhor elaborada, também de madeira e, finalmente, uma de alvenaria.

Então, voltando à nossa lenda, fica a questão: por que alguém iria construir uma capelinha de tijolos (material durável) em meio à mata fechada e cobri-la de sapé (material frágil) se, na melhor das hipóteses, "em 1928", o que os minguados caboclos e aventureiros que habitavam aquelas paragens faziam suas construções com troncos rústicos, taipa ou madeira?

Outro dado que coloca em dúvida a veracidade da lenda em questão é que a estrada atual, muito mais reta que os picadões/caminhos de outrora, apresenta uma distância de quase 90 quilômetros entre Nova Esperança e o Porto Ceará na divisa do estado do Paraná com São Paulo.[142] À época, como já referido, os picadões eram abertos pelas linhas de cumeada e passavam ao largo de rios e córregos, o que permite estimar que, pelo menos uns 100 quilômetros de trajeto ligava o Porto Ceará ao local da vila de Capelinha. Desta forma, descontados os "30 e mais alguns quilômetros" que, conforme o relato mais conhecido foram percorridos, sobram nesta conta pelo menos uns 60 quilômetros, os quais, teriam sido vencidos em "cerca de três horas", a cavalo.

Neste sentido, vale referir Valmir SILVA, citado em "A história da colonização" do município de Floraí, lindeiro a Nova Esperança, quando relata uma viagem feita a cavalo com destino às terras onde fixaria residência naquele lugar:

> (...) no outro dia de manhã seguiram viagem a cavalo em direção a Fazenda Paranhos, aonde só chegaram ao entardecer, levando pelo menos 12 horas para percorrer uma distância de 40 km aproximadamente. Lembra-se ele que em muitos lugares os homens "apeavam" de seus cavalos para limpar a estrada de galhos e troncos caídos.[143]

Observe-se que entre o relato feito pelos engenheiros e este feito pelo senhor Valmir tem uma brutal diferença de performance dos animais em relação aos trajetos feitos em meio às matas. Desta forma, então, ou córrego Biguá referido pela lenda, caso exista, não estava situado nas proximidades do local onde foi demarcada a vila de Capelinha, ou os cavalos usados por aqueles engenheiros tinham asas. A propósito, é bom não

---

[140] TOMAZI, **Norte do Paraná**..., p. 315.

[141] ODIÁRIO.COM. **A primeira capela da cidade**. Maringá, 16 jul. 2010. Disponível em www.odiario.com, consultado em 10 de outubro de 2017.

[142] Calculados via recurso disponível no Google Maps.

[143] SILVA, Valmir. Citado em FLORAÍ. **Nossa história**; a história da colonização. Disponível em http://florai.pr.gov.br/index.php?sessao=b054603368ncb0&id=1275, consultado em set. 2019.

esquecer que quando foi criado o município de Nova Esperança seu território ia até as barrancas do rio Paraná.

Dado estes fatos, é preciso considerar que a história das origens do nome de Capelinha ainda está para (e merece) ser melhor contada, até porque as várias versões, como foi apontado, misturam dados da realidade com elementos fantasiosos. No entanto, nunca podemos nos esquecer que as lendas e as “estórias” fazem parte de nosso patrimônio cultural imaterial, são importantes para manter nossa identidade cultural, e a das origens de Capelinha é uma destas que já faz parte do imaginário do povo de Nova Esperança.

1.5 PIONEIROS OU PIONEIROS DESBRAVADORES; CATEGORIA CIRCUNSTANCIAL

A memória é um cabedal infinito do qual registramos apenas um fragmento. Ecléa BOSI.[144]

No imaginário popular e nos discursos em geral, os pioneiros (re)ocupantes das terras norte-paranaenses são, reiteradamente, chamados de “heróis”, “bandeirantes do século XX”, “modernos bandeirantes”, “valentes desbravadores”, “homens de fibra”, “homens livres para ambicionar e construir”, “gente de espírito curioso e empreendedor” e um bocado de outros adjetivos enobrecedores. Mas, de fato, cabe perguntar: realmente, quem foram os ´pioneiros´ ou ´pioneiros desbravadores´?

Pois bem, circunstancialmente falando, se pode adiantar que foram todos aqueles que, por acaso, intenção ou obrigação, estiveram presentes nas terras daquele setentrião à época do seu ´desbravamento´ e ´colonização´.

Na verdade, para ser ´pioneiro´ não precisava ser alguém importante, fazer grandes coisas, nem ter fortuna ou qualquer tipo de posse, bastava ´estar lá´ ´naqueles tempos´, estar presente em qualquer daqueles lugares enquanto se desenvolveu a respectiva ´frente pioneira´ e no início dos processos de desbravamento e colonização, fossem nativos ou (i)migrantes, pobres ou ricos, proprietários ou empregados, analfabetos ou doutores. Ser ´pioneiro´ significava apenas ´estar presente no lugar´ e não propriamente ´ser do lugar´.

> Ninguém era filho da terra, nem havia tradições a zelar. A aventura era o traço de união de todos; apesar disso, cada um se tornava forte pelos próprios meios (…) pelos próprios méritos.[145]

Na categoria ´pioneiro´, portanto, estão incluídos desde os mais humildes e anônimos mateiros, peões derrubadores de matas, serradores, roçadores de coivaras, camaradas contratados para os trabalhos na roça, passando pelos ´picaretas´ comerciantes de terras, os jagunços que ´limpavam´ áreas ocupadas por posseiros, agricultores e fazendeiros, motoristas, carpinteiros, comerciantes e até os profissionais liberais que, em geral, migraram para aquelas paragens por dever de ofício (padres, pastores, monges etc.) ou em busca de trabalho e de melhores condições de vida, muitos deles em busca de fortuna e de ´fazer a vida´.

---

[144] BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**; lembranças de velhos. 3. ed. São Paulo: Cia. das Letras, 1994. p. 3.

[145] ESTRADA, Jorge Ferreira Duque. **Terra crua**. Maringá: Ed. do Autor, 1961. p. 21.

> (…) funcionários da empresa [colonizadora]; pequenos proprietários de glebas; comerciantes; profissionais liberais; aventureiros vindos não se sabe de onde, mas que souberam enriquecer em Londrina, Maringá, Cianorte, Umuarama e em tantos outros núcleos da região; maquinista de café; operários que viram cidades brotar do nada enquanto colocavam tijolo sobre tijolo, tábua ao lado de tábua; caixeiros-viajantes que a cada visita encontravam mais gente, mais entusiasmo, mais negócios; estrangeiros que elegeram o solo virgem sua nova pátria; funcionários públicos que vieram para atender ao crescimento vertiginoso e à grande demanda de bens e serviços (…). trabalhadores sem posses que chegavam nos famigerados "paus de arara" e logo se engajavam nas turmas de derrubada de mata para plantio de café.[146]

Inclusive as milhares de ´donas de casa´ e filhos que, sozinhas ou acompanhando seus maridos/pais, foram envolvidas na grande aventura que foi a (re)ocupação das terras do Norte do Paraná, as quais mulheres, geralmente, pelo menos até tempos bem recentes, faziam parte dos "esquecidos da história" nos relatos sobre os pioneiros.

> Além de papéis normativos, de esposas, mães, filhas, foram também agricultoras, professoras, [religiosos: padres, freiras, ministros e pastores], funcionárias públicas, bancárias, lavadeiras, prostitutas, domésticas, comerciantes, algumas bastante distantes da esfera familiar.[147]

> (...) as mulheres levantavam muito cedo, tiravam água do poço para abastecer todos os reservatórios da casa, davam de beber e tratavam dos animais domésticos, tiravam leite, cultivavam a horta, teciam e costuravam a roupa, preparavam as refeições e levavam até o roçado e terminavam o dia ajudando no cultivo das lavouras. À noite após um dia de muito trabalho, ainda se punham a preparar algumas tarefas para o dia seguinte.[148]

> (…) todas as mulheres que ajudaram a colonizar o Norte do Paraná, heroínas anônimas, nem sempre lembradas nas crônicas e nos compêndios de história (…) cuja coragem em enfrentar o desconhecido, merecem tanta admiração quanto os gestos audaciosos de comprar terras, derrubar florestas, de plantar extensas lavouras.[149]

Também as ´meninas da zona de meretrício´, foram 'pioneiras' e tiveram um papel de destaque naqueles tempos de aventuras ainda que nas histórias regionais pouco ou nada de suas vidas e história é colocado em foco.

> A ´coreia´, ou zona do meretrício (…) também progredia. (…) E, aquele mundo de ilusões, engalanava-se de novas ´mariposas´ atraídas pela fama e o dinheiro do café. (…) ganhavam dinheiro a rodo. (…) Acho que estas mulheres bem merecem uma citação especial, porque amenizaram os caminhos, por onde outras passarão.[150]

Inclusive os ´limpadores de trilho´ e os ´quebradores de milho´, ou seja, aqueles que praticaram violências contra os posseiros e os caboclos em prol da ´limpeza´ dos terrenos para as empresas colonizadoras e para alguns poderosos ´requerentes´ de terras devolutas, também foram `pioneiros´ e, eventualmente, considerados como ´importantes´ personagens para o progresso naquela região, tal como comentou ESTRADA.

---

[146] COMPANHIA MELHORAMENTOS NORTE DO PARANÁ. **Colonização**...**,** p. 7 e 104.

[147] CASTRO, Rosemeire Angelini. Uma história das mulheres e sua visibilidade em Londrina (1930- 1960). In: TRINDADE, Etelvina Maria de Castro (org). **Mulheres na história**: Paraná – séculos 19 e 20. Curitiba: UFPR, Depto. de História, 1997. p. 139.

[148] Relato feito por LUCA, Wanda Maria Wilhem de. In: FLORAÍ. **Nossa história**...

[149] MESQUITA FILHO, Gastão de. Citado em COMPANHIA MELHORAMENTOS NORTE DO PARANÁ. **Colonização**…, p. 47.

[150] ESTRADA, **Terra crua**..., p. 15-8.

> Naquele tempo, o ´avanço´ nas terras devolutas do setentrião paranaense, transformara aquelas bandas em campos de luta violenta e, a mentalidade dos homens que ali se metiam era avaliada em alqueires. (…) As terras eram legalmente requeridas do Estado; mas, os requerentes, eram obrigados a defendê-las contra o ataque brutal dos ´grileiros´ que, antes de se aproximarem de um posseiro, tinham o hábito de verificar, primeiro, se este estava morto. (…) A ordem e a posse e, porque não dizê-lo, a tranquilidade, eram mantidas por uma austera senhora chamada Winchester 44 [chamada ´papo amarelo´], amparada pelos Colts e W.S. 38. (…) São homens normais, que viveram numa época anormal (…). Graças a homens dessa têmpera, "modernos bandeirantes" que se arrojaram nas selvas, em andanças memoráveis (…) o progresso se expande gostosamente. [151]

Gentes de muitos quadrantes, brasileiros e estrangeiros, migrantes, imigrantes, caboclos e remanescentes dos povos autóctones passaram a conviver e ´se ajeitar´ num espaço em que ´tudo estava por fazer´. E ainda que boa parte deles tivessem melhores condições de vida em seus lugares de origem, a ´frente pioneira´ impunha o vivenciamento de certo modo de vida que independia da vontade e do desejo daquelas pessoas. E isto ia desde as técnicas como realizavam seus abrigos e casas até as formas de comércio e convivência.

Todos, de alguma forma, "sentiram na pele" as agruras daqueles tempos de muitas carências, haja vista que abriram matas, caminhos e estradas, formaram sítios e fazendas, cuidaram de cafezais e roças, construíram lugarejos, vilas e cidades e estabeleceram comércios, serviços, escolas, igrejas, lugares de lazer, entre um mundão de outras coisas. Em geral, a maioria dos pioneiros deixou poucos rastros na história regional.

> A ´peãosada´ ´reside´ em ranchos de palmito, dorme em redes ou tarimbas, sob o constante ataque dos mosquitos ´borrachudos´. Muitos sucumbem no ´bote´ de uma jararaca, cascavel ou urutu; sob o peso de um ´macaco´- galhos partidos e ´engastalhados´ em cipós mal seguros, que desabam às vibrações produzidas pelas machadadas – ou, ainda, na ponta de uma faca, num ´entrevero´ ridículo, por qualquer pedaço de fumo.
>
> Depois (...), constroem-se as casas de tábuas, cobertas de telhas, nas quais vão morar os empreiteiros de ´forma´, os colonos, ou pequenos proprietários. Plantarão nas ´ruas´ de café: milho, feijão e arroz. Mas, durante meses, a terra nada produzirá e, além das pessoas, há porcos, galinhas e cavalos a alimentar. É preciso um ´crédito´ no armazém até a colheita do milho e do feijão. Aí, entra em cena o ´fornecedor´, que passa logo a ser chamado de ´seu´- tratamento humilde e respeitoso dos que necessitam dele ou de seus auxílios.[152]

Por isso, tanto no imaginário popular como nos discursos oficiais e comumente nos trabalhos sobre os tempos do desbravamento, os pioneiros são idealmente reconhecidos e valorados como sendo as pessoas que propiciaram as condições de mão de obra, prestação de serviços, ensino, crenças, lazer e decisões políticas em nível local e regional para viabilizar a reocupação daquelas terras e para lá levar a esperança de progresso e de dias melhores.

Então, ainda que se leve em conta que dentre os pioneiros existiam criminosos, enganadores, exploradores da boa fé dos compradores de terras etc., a população local tem em conta que todos os que por lá estiveram foram ´heróis´ que desbravaram os sertões e levaram progresso àquelas paragens. Em várias cidades do Paraná muitas são as homenagens e eventos comemorativos prestados aos pioneiros[153] e diversos são os

---

[151] ESTRADA, **Terra crua**..., p. 28-9 e 34.

[152] ESTRADA, **Terra crua**..., p. 18.

[153] Em Maringá, por exemplo, existe até um decreto municipal para definir quem é considerado pioneiro, tem um Bosque dos Pioneiros, uma estátua que homenageia o `Pioneiro´ e, inclusive, uma Associação dos Pioneiros.

trabalhos que se ocuparam em documentar aspectos de suas atividades e modo de vida; este livro é mais um deles.

Tomados em conjunto, cabe observar que eles eram pessoas que, em geral, eram praticantes de um estilo de vida predominantemente rural, mesmo que morassem nas corrutelas, patrimônios, vilas e cidades, lugares estes que, inicialmente, nada mais eram do que extensões funcionais do espaço rural. À época os estabelecimentos comerciais funcionavam para, em geral, atender demandas dos sitiantes, fazendeiros e trabalhadores nos milhares de sítios e fazendas então em processo de abertura e formação. E eles eram praticantes de um modo de falar predominantemente rústico/caipira que, atualmente, apesar de estar quase extinto no meio cultural regional, dele ainda permaneçam resquícios no **jeito de falar dos "pé vermeio"**.

1.5.1 Rústico, caipira e rural, uma explicação necessária

Falar uma língua não significa apenas expressar pensamentos mais interiores e originais; significa também ativar imensa gama de significados que estão embutidos em nossa língua e nossos sistemas culturais. Stuart HALL.[154]

Então, aproveitando o ensejo e tendo como referência um texto de Antonio CÂNDIDO,[155] convém esclarecer o uso de três termos utilizados neste livro: **rústico**, **caipira** e **rural**, o que implica referir a cultura (e sociedade) rústica e a cultura (e sociedade) caipira, ambas rurais. E, implícito, a existência de certa população que, enquanto colonizadores pioneiros e portadores de elementos culturais rústicos/caipiras, habitaram tanto o espaço rural como o dos incipientes povoados, vilas e municípios recém-criados nas frentes pioneiras.

> O termo rústico é empregado não como equivalente de rural, ou de rude, tosco, embora os englobe. Rural exprime, sobretudo, localização, enquanto ele pretende exprimir um tipo social e cultural, indicando o que é, no Brasil, o universo das culturas tradicionais do homem do campo (...). No caso do brasileiro, rústico se traduz praticamente por caboclo (...). Para designar os aspectos culturais, usa-se aqui caipira, que tem a vantagem de não ser ambíguo (exprimindo desde sempre um modo-de-ser, um tipo de vida, nunca um tipo racial).[156]

Portanto, nem todos os pioneiros eram 'rurais', nem todos eram ´jacus do mato´, mas a maior parte era 'caipira' ou ´rústica´, melhor dizendo, ´rústico/caipira´. E o ´falar caipira´ ou ´acaipirado´, bem como boa parte dos termos e expressões então veiculados no jeito de falar então corrente dizia respeito a certo conjunto de condições materiais e laborais próprias das ´frentes pioneiras´ e a certa conformação cultural vigente. E isto se deu num tempo no qual as pessoas estavam socialmente mais próximas, as amizades eram mais sinceras, a cooperação mútua era quase uma obrigação social (que o digam os mutirões para ajuda a vizinhos e as festas comunitárias locais)[157] e a lealdade era uma

---

[154] HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. p. 40.

[155] **Antonio Cândido** - sociólogo, literato, professor universitário e estudioso da literatura brasileira e estrangeira. É autor de extensa bibliografia. Escreveu "Os parceiros do Rio Bonito", quando estuda o "caipira paulista" e a transformação do seu meio de vida.

[156] CÂNDIDO, Antonio. **Os parceiros**…, p. 21-2.

[157] **Mutirão** - "É uma prestação voluntária e gratuita de serviços entre moradores dos bairros dos municípios. Ninguém se obriga. E não há a necessidade, para quem recebeu o serviço, de trabalhar para quem lhe prestou o trabalho. O pagamento é feito em forma de festa, com muita comida, bebida, café com biscoito e cantoria, durante a prestação do serviço. E termina sempre em festa." CAMPOS, Judas Tadeu. **A educação do caipira**: sua origem e formação. Disponível em http://www.scielo.br/pdf/es/v32n115/v32n115a14.pdf, consultado em janeiro de 2017.

atitude bastante valorizada por ´aquelas bandas´, ainda que, como já referido, nas ´frentes pioneiras´ tivessem muitos ´picaretas´, ´jagunços´ e ´gente de maus bofes´.

Desta forma, no contexto das frentes pioneiras ser ´rústico/caipira´ era algo normal, natural, pois como disse Carrasco, usando o falar rústico-caipira,

> Ó sô. Não é de qualquer toco no chão que brota o jeito caipira de ser. Precisa fazer coivara, queimar a terra e rezar para as águas caírem. Só então, com seis dias de trabalho no risco, a cultura em apreço vem saída ao sol. Pragas e ervas daninhas fofam terra mais cansada.
>
> O modo de vida rústico do caipira resiste como Deus permite. Mas, como o ´homi´ é 'bão', ele dá muita sabedoria pra quem vive no mato, perto das plantinhas, e por isso diz-se que o caipira guarda no quintal um chazinho pra cada tristeza, não é mesmo?[158]

Então, se por um lado existiam pessoas cujo falar era escorreito, baseado na norma culta, gente com formação, doutores e outros letrados, em geral e paulatinamente o que se podia ouvir era um jeito de falar que entremeava o padrão formal da norma culta com palavras e expressões de natureza coloquial,[159] meio rústico-caipira, normalmente utilizados pela população em geral, fosse ela urbana ou rural.

> Por falar nisso, todos nós praticamos a linguagem coloquial, e praticamos, em maior ou menor grau, diferenças que ela apresenta em relação à norma culta.[160]

Com frequência, a fala dos pioneiros aparecia misturada com termos e expressões advindos dos seus lugares de origem, fossem eles migrantes ou imigrantes, brasileiros ou estrangeiros. Com o passar do tempo estas diferentes formas de falar formaram um amálgama que define uma variedade linguística que popularmente é reconhecida como o **jeito de falar dos "pé vermeio"**.

---

[158] CARRASCO, Lucas. **É tudo caipira mêmo, uai**. Disponível em http://www.almanaquebrasil.com.br/curiosidades-cultura.html?start=130, consultado de em janeiro 2017.

[159] A **linguagem coloquial** é aquela utilizada cotidianamente pelas pessoas em geral. É um modo de falar que não se preocupa com a rigidez normativa dos padrões de fala e escrita da **linguagem culta**. Nas falas coloquiais cabem as invenções linguísticas de grupos de pessoas (os socioletos), inclusive grupos familiares, e também aquelas praticadas por indivíduos (os socioletos) que acabam sendo incorporadas ao rol de palavras e expressões de uso popular.

[160] BOWLES, Hein Leonard. **Jacu rabudo**: a linguagem coloquial de Ponta Grossa. Ponta Grossa/PR: Todapalavra, 2009. p. 15.

2 CONTRIBUIÇÕES LINGUÍSTICAS: ABORÍGINES E (I)MIGRANTES

Falavam línguas diversas (…). Das suas lendas (…) um dos primeiros cuidados dos missionários consistia e consiste ainda em apagá-las e substituí-las. Capistrano de ABREU.[161]

A entrada dos ´homens brancos´ em terras ancestrais ocupadas por povos autóctones teve como consequências não apenas a (re)ocupação de terras pujantes em sua natureza e pródigas em suprir as necessidades deles, mas também, a partir de então, o mundo ancestral passaria, paulatinamente, por drásticas mudanças, inclusive a convivência com línguas estrangeiras.

Desde seus primeiros contatos com os silvícolas, até por questões de sobrevivência, os ´homens brancos´ aprenderam um amplo rol de elementos da cultura e conhecimento dos nativos e implementaram práticas ancestrais melhorando suas condições de vida nos territórios ainda virgens, particularmente no que se referia ao aproveitamento dos recursos da natureza e dos medicamentos usados pelos indígenas.

> As viagens entre o continente europeu e a América haviam deixado a maior parte dos medicamentos trazidos sem condição de uso. O jeito foi se render ao conhecimento dos que aqui viviam. (...) O português precisou do índio, que tinha por botica a natureza. (...) Quem indica aos portugueses as novas plantas que serviriam como tratamento são os índios.[162]

Além de seus instrumentos materiais, de armamentos mais poderosos e de seus particulares modos de vida, os estrangeiros trouxeram também diversa bagagem cultural que incluía outras visões de mundo, valores, hábitos, costumes, crenças e simbologias bastante distintas daqueles praticados pelos silvícolas, e novas doenças. Desta forma, na relação entre os povos nativos e os estrangeiros, vale destacar que uma fundamental característica diferencial entre eles é que os estrangeiros faziam uso da escrita para registrar seus atos, feitos e histórias, e com isto conseguiam tornar perenes suas memórias e suas prevalências, sobrepondo, assim, sua cultura em detrimento da dos silvícolas.

E na esteira deste avanço do ´homem branco´ sobre as terras ancestrais aconteceu que a maior parte dos aldeamentos foram destruídos e muitos dos povos indígenas foram extintos, desaparecendo com eles todo um conjunto de conhecimentos, crenças e certos modos de vida. No Brasil como um todo, foi extinto também um amplo rol de referências linguísticas de uso utilitário e a própria língua falada por muitas das comunidades nativas. E no Paraná, das falas dos povos autóctones de outrora, ficaram apenas aquelas praticadas pelos Guarani, Kaingang e Xetá.[163]

> Os povos indígenas foram os primeiros a conhecerem a sanha de terra dos colonizadores que aqui chegaram. (...) O território brasileiro foi produto da conquista e destruição do território indígena. Espaço e tempo do universo cultural índio foram sendo moldados ao espaço e tempo do capital. (...) em processo de expansão, desenvolvimento, em busca de acumulação, ainda que

---

[161] ABREU, Capistrano de. **Capítulos da história colonial**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2009. Disponível em http://books.scielo.org/, consultado em junho 2017.

[162] SANTOS, Rafael Benassi. As trocas pela cura no período colonial. In: **REVISTA História Catarina**, ano VI, no. 43. p. 36-7.

[163] MUSEU PARANAENSE. **Povos indígenas no Paraná**. Disponível em http://www.museuparanaense.pr.gov.br, consultado em setembro de 2017. Destes, os Xetá, restaram menos de 10 indivíduos espalhados por diferentes lugares.

> primitiva, e a luta dos 'filhos do sol' em busca da manutenção do seu espaço de vida no território invadido (...). Os indígenas, acuados, lutaram, fugiram e morreram.[164]

No entanto, apesar disto, vários usos e costumes, hábitos de higiene – o banho diário, técnicas construtivas, tipo de habitação, formas de alimentação, lendas e superstições dos nativos foram incorporados ao cotidiano dos estrangeiros, com destaque para a apropriação de elementos da linguagem e inclusive pelo aproveitamento dos 'remédios silvestres'.

2.1 ABORÍGINES; CONTRIBUIÇÕES LINGUÍSTICAS

E quando dizemos que desaparecem é porque não restou ninguém, nem para contar a história. Edilson MARTINS.[165]

Os povos aborígines, também referidos como autóctones ou indígenas, falavam várias línguas, tinham hábitos e costumes semelhantes e apresentavam diversidade em muitas de suas crenças, bem como na forma como nomeavam as coisas e referiam os objetos. A terra, os animais, os vegetais e os eventos climáticos eram conhecidos de acordo com os elementos culturais de cada grupo étnico e conforme os referenciais linguísticos por eles praticados.

Até então, a comunicação e transmissão de conhecimento das coisas, hábitos, costumes, crenças, práticas alimentares e demais objetos eram baseadas em várias línguas nativas e referidas pelas respectivas palavras e expressões aborígines. E o mesmo acontecia para traduzir seus ancestrais modos de vida e conformar suas respectivas visões de mundo.[166]

Até meados do século XVIII, cabe observar, a língua mais falada no território de domínio português era o tupi, ou *nheengatu*, também chamado de ´língua geral´.

> Nessa sociedade, o idioma tupi foi mais praticado que o português, e em toda a costa brasileira predominou o *nheengatu*, ou língua geral, quer dizer "o esforço de falar o tupi com boca de português" (…). Até a substituição da língua geral pela portuguesa, processo que só se completaria no curso do século XVIII, o tupi rivalizava com o idioma do conquistador na proporção de três por um. Era o mais usado nas relações comuns e, conforme registrado nas cartas jesuíticas, falava-se o tupi na família e nas relações privadas; ao passo que o português, aprendido nos colégios inacianos, era praticado nas relações oficiais e mercantis. Conforme testemunhou o padre Vieira, a língua falada nas famílias paulistas, formadas por índios e portugueses, era a dos índios, ao passo que a portuguesa era aprendida pelos meninos na escola.[167]

Muitos lugares e objetos mantiveram seus nomes originais e foram adotados pelos aventureiros, mas um imenso cabedal de nomes primitivos foi esquecido, e muitos

---

[164] OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. **A geografia das lutas no campo**. 4 ed. São Paulo: Contexto, 1991. p. 15.

[165] MARTINS, Edilson. **Nossos índios nossos mortos**; os olhos da "emancipação". 2. ed. Rio de Janeiro: Codecri, 1979. p. 21.

[166] Romário Martins, em sua História do Paraná, enumera várias "tribos" outrora existentes no Paraná. MARTINS, Romário. **História do Paraná**. Curitiba: Travessa dos Editores, 1995. (1899). p. 30-48.

[167] FERREIRA JUNIOR, Amarilio; BITTAR, Marisa. Pluralidade linguística, escola de bê-a-bá e teatro jesuítico no Brasil do século XVI. In: **Educação e Sociedade**, vol. 25, n. 86, Campinas, abril 2004. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302004000100009, consultado em junho 2017.

objetos foram renomeados e novas expressões foram criadas para referir o que os novos ocupantes das terras passaram a conhecer. Com o tempo, o falar dos estrangeiros predominou, mas ainda hoje, muitos nomes de logradouros e de elementos da fauna e da flora podem ser ouvidos nas diferentes línguas daqueles aborígines, posto que foram incorporados à língua falada pelos brasileiros. Desta forma, se consultarmos algum dos dicionários publicados no Brasil, podemos ver que um amplo rol de palavras herdadas dos aborígines. Por exemplo, termos como *paçoca*, *mingau*, *pipoca*, *pururuca*, *tatu*, *nhenhenhém*[168] e muitas outras foram incorporadas às nossas falas.

No Paraná, por exemplo, muitos nomes de rios são de origem indígena: *Açu*, *Atuba, Caiuá, Caxangá, Cunhaporanga, Paraná, Paranapanema, Pirapó, Tibagi, Ivaí, Iguaçu,* e também nomes de lugares, tais como *Andirá, Assaí, Cambará, Curitiba, Guaraqueçaba, Guaratuba, Guarapuava*,[169] são bastante conhecidos pela população paranaense, multiétnica e multirracial, no âmbito da qual, atualmente, as populações aborígines são minoria. Apesar disto, muitas são as coisas que herdamos da sabedoria daqueles povos e que hoje fazem parte do atual estágio cultural dos estranhos que se tornaram ´da terra´.

2.2 (I)MIGRANTES; NOVAS CONTRIBUIÇÕES LINGUÍSTICAS

A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não mais existe. Pierre NORA.[170]

Em 1853 o Paraná tornou-se Província. E isto, como já referido, se deu pelo desmembramento de uma porção do território da Província de São Paulo. À época, estimulados por políticas governamentais, além dos brasileiros migrantes advindos de povoamentos mais antigos (principalmente de São Paulo e do Rio de Janeiro), novos contingentes humanos imigrantes chegavam de além-mar (alemães, italianos, franceses, poloneses etc.) e continuaram a ocupar as terras ao sul da Província, formando colônias e trazendo outras contribuições culturais e linguísticas. E assim foi reocupado o território posteriormente conhecido como Paraná Tradicional,[171] compreendendo a porção do litoral, Primeiro Planalto, Campos Gerais, Campos de Guarapuava e Palmas.

Em final do século XIX e início do XX, paulatinamente, dando sequência ao processo de ocupação do espaço paranaense e sem nenhuma organização pré-estabelecida, sua região lindeira ao rio Paranapanema – popularmente conhecida como Norte do Paraná, foi loteada, colonizada e habitada por brasileiros advindos em maioria de Minas Gerais e de São Paulo e também por grupos de estrangeiros oriundos de várias partes do mundo, trazendo com eles novas contribuições linguísticas e outras práticas culturais.

Em consequência, o modo de falar dos primeiros tempos de ´desbravamento´ e da ocupação inicial do território paranaense sofreu transformações. E o linguajar foi sendo modificado na medida em que chegavam novos colonizadores e a ocupação humana do território se sucedia. A cada comunidade criada, novos hábitos e elementos lexicais iam

---

[168] **DICIONÁRIO ilustrado tupi guarani**. Disponível em http://www.dicionariotupiguarani.com.br/, consultado em junho de 2017.

[169] No Estado do Paraná existem 25 municípios com nomes de origem Tupi total ou parcialmente. RAMOS, Ricardo Tupiniquim. **Toponímia paranaense de origem tupi**. Disponível em http://www.filologia.org.br/vcnlf/anais%20v/civ8_10.htm, consultado em novembro de 2017.

[170] NORA, Pierre. Entre memória e história ... In: **Proj. História** ..., p. 7.

[171] PARANÁ. SEEC. Coordenadoria do Patrimônio Cultural. **Pesquisando a história paranaense**. Disponível em http://www.patrimoniocultural.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=175, consultado em novembro de 2017.

sendo mesclados e incorporados à comunicação cotidiana. Acresça-se a este processo que os imigrantes se viram imersos em um contexto em que predominava o modo de falar ´rústico-caipira´ passando, em consequência, a também incluir em suas falas muitos elementos do léxico dos caboclos, dos peões e de outras gentes da área rural.

E isto aconteceu principalmente com os filhos dos imigrantes que tiveram mais facilidades nesta absorção dos termos e falas regionais. Um exemplo disso foi relatado por TREMAINE - filha de imigrantes alemães que vieram para o Norte do Paraná na década de 1940 e se instalaram nas redondezas de Capelinha em 1952. Em suas memórias autobiográficas, relativas aos ´tempos pioneiros´, ela assim expressou esta situação:

> Nosso português estava ficando acaipirado e pipocado de praguejamento, que o vento trazia da baixada do areão, onde os caminhões encalhavam. Os meninos faziam lama para o caminhão de brinquedo e usavam o vocabulário dos motoristas, batendo a porta quando descobriam que estavam encalhados. Brincávamos de casinha à sombra das árvores, falando um misto de português e alemão e, dependendo da situação, palavrões.[172]

No Paraná, tal como aconteceu em outros rincões brasileiros, estas contribuições culturais acabaram por definir diferentes regionalidades linguísticas, sendo que o Norte do Paraná é uma delas e o seu modo de falar é notadamente característico, ainda que boa parte das falas praticadas nos tempos de seu desbravamento (décadas de 1930 a 1960) tenha sofrido transformações, principalmente no que tange aos termos e expressões utilizados pelos ´pioneiros´ ou ´pioneiros desbravadores´ em função das atividades e objetos que as ´frentes pioneiras´ demandaram para serem desbravadas.

[172] TREMAINE, **Caminho da esperança**..., p. 39.

3 A PAISAGEM SONORA E VERBAL NOS ANOS 50-60 NO NORTE DO PARANÁ

A linguagem é uma criação do coletivo anônimo (...). Se uma sociedade é aquilo que ela é, e não alguma outra coisa, é por que ela criou este mundo particular no qual ela se criou. Cornelius CASTORIADIS.[173]

Neste território, reocupado por forasteiros (migrantes e imigrantes) de diversas origens, nacionalidades, etnias, cores e credos que constituíam as ´frentes pioneiras´ ao tempo do seu ´desbravamento´, além da paisagem natural, composta pela exuberante mata atlântica, da paisagem vernacular composta pelas construções de madeira,[174] decorrente da abundância deste material e pela praticidade de execução destas habitações pelos pioneiros, também podia ser constatada uma outra ´paisagem´ que era a ´sonora´. Esta, que incluía os sons da natureza e as sonoridades dos animais, aves e insetos, dentre os quais estavam incluídos os permanentes cantos das cigarras, passando pelos os sons da comunicação humana, pelo contínuo alarido das serrarias e pelo burburinho das atividades dos vilarejos, entre outros. Era nesta ´paisagem sonora´ como um todo, vigente nas ´frentes pioneiras´, que se podia ouvir as variações linguísticas e decorrentes verbalizações dos habitantes da região – suas falas, expressões e léxico.

> O conceito de paisagem não é exclusivo da geografia (…) [Haja vista] o fato da paisagem sempre ser ´composta não apenas por aquilo que está à frente de nossos olhos, mas também por aquilo que se esconde em nossas mentes´. (…) Ela não é apenas a condição estática de um espaço observado por um sujeito – individual ou coletivo, que tem seus valores e crenças –, como apontava Meinig. É também a produção do espaço e a representação do espaço por estes mesmos sujeitos, (…) Paisagem e cultura carregam em si, portanto, uma oposição constante entre ´materialidade´ e ´imaterialidade´.[175]

> A ´paisagem sonora´ [assim como a paisagem verbal] é uma espécie de paisagem, mas com propriedades diferentes. Podemos gravar e analisar as paisagens sonoras [e verbais] e falar com as pessoas que nelas vivem, para descobrir o que pensam. (…) cada som [e palavra] transmite uma informação. Cada um tem seu objetivo e serve de complemento a outros, como uma boa conversa ou uma boa orquestração.[176]

Neste espaço paranaense, tal como aconteceu com os primeiros estrangeiros reocupantes das terras do Paraná Tradicional, por exemplo, que compuseram as pioneiras ´frentes de expansão´ e contribuíram para a criação de certa ´variação linguística´ característica do sul do estado, também aqueles do Norte do Paraná contribuíram para produzir uma respectiva ´paisagem verbal´.

A cada leva dos novos aventureiros que por ali chegasse era trazido em suas bagagens culturais os respectivos modos regionais de falar e hábitos e costumes variados,

---

[173] CASTORIADIS, Cornelius. A criação histórica e a instituição da sociedade. In: CASTORIADIS, Cornelius et al. **A criação histórica**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1992. p. 90-4.

[174] **Construção vernacular** - a construção vernacular é o modo tradicional e natural das comunidades se abrigarem. É um processo contínuo que inclui as mudanças necessárias e uma constante adaptação em resposta às limitações sociais e ambientais. No Norte do Paraná isto incluía desde o mais tosco casebre feito de pau a pique com troncos de palmito lascados ao meio, passando pelas casas “projetadas” e construídas pelos próprios moradores, até a mais imponente das igrejas de madeira então construída.

[175] NAME, Leo. O conceito de paisagem na geografia e sua relação com o conceito de cultura. In: **GeoTextos**, vol. 6, n. 2, dez. 2010. p. 164-5.

[176] ALTOÉ, Geraldo. **O rádio em Maringá**; o pioneirismo, o alcance e a bela trajetória do mais ágil meio de comunicação social. Maringá: Clichetec, 2007. p, 17.

muitos dos quais, paulatinamente, acabaram sendo incorporados ao vernáculo regional, resultando esta mistura em uma específica paisagem verbal e respectiva paisagem sonora que, como já dito, acabou por constituir o **jeito de falar dos "pé vermeio"**.

3.1 O VERNÁCULO REGIONAL; ASPECTO IDENTITÁRIO

As palavras têm uma história e, de certa maneira também, as palavras fazem a história. (…) a história que as fez e a história para a qual elas contribuem. (…). Sua herança semântica cria certa dependência em relação ao passado nos seus usos contemporâneos. Denys CUCHE.[177]

Um dos aspectos bastante evidentes desta mistura étnico-regional, vale reiterar, foi a conformação de certo modo de falar dos norte-paranaenses. Eram falas de uma população que se obrigou ou foi obrigada a se inserir no rústico meio local e que acabou por assimilar muito dos hábitos e costumes praticados na região e também de outras contribuições advindas de outros rincões brasileiros e também de terras estrangeiras.

Era uma paisagem verbal composta por falas de camponeses e citadinos, de analfabetos e de doutores, de migrantes e imigrantes, de pobres e ricos, de quem sonhava com um futuro melhor e de quem nada esperava do futuro, a não ser conseguir sobreviver às agruras do cotidiano. De fato, era uma verdadeira babel produzida por uma população multiétnica, multirracial e multirregional, gentes de todas cores, sexo e origens nacionais, de várias religiões e múltiplas ocupações e profissões.

Nela podia se notar a presença de termos, expressões e ditados populares que, pronunciados com sotaques e sonoridades diversos, evidenciavam a variedade de origens dos falantes e que, no geral, constituía o vernáculo dos pioneiros. Vernáculo este que, mesmo tendo sofrido transformações, com o passar do tempo se tornou um reconhecido elemento identitário dos habitantes daquele rincão paranaense, os "pé vermeio".

Desta forma, paulatinamente, em apenas algumas décadas, os pioneiros, ao mesmo tempo em que transformaram o meio ambiente também conformaram um mundo de objetos e moldaram certa ´variedade linguística´, certo jeito de falar que, atualmente, representa importante aspecto cultural e constitui motivo de orgulho para eles próprios e seus descendentes.

3.2 PECULIARIDADES LINGUÍSTICAS NO JEITO DE FALAR DOS "PÉ VERMEIO"

A língua se apresenta, pois, como um microcosmo da cultura. Tudo o que esta última possui, se expressa através da língua. (...) a língua integra em si toda a cultura de um povo. J. Mattoso CÂMARA JR.[178]

O modo de falar dos "pé vermeio" tem várias peculiaridades linguísticas, dentre as quais algumas são mais facilmente percebidas, tais como: a supressão do /r/ ao final dos verbos no infinitivo (*falá* ao invés de falar; comê ao invés de comer, *sobrepô* ao invés de sobrepor etc.); a redução do ditongo /ow/ ao final ou em meio a algumas palavras (*colocô* ao invés de colocou, *loco* ao invés de louco, *matô* ao invés de matou, *afundô* ao invés de afundou etc.; a substituição de /o/ e/os/ por /u/ nas sílabas tônicas (*vamus* ao invés de vamos, *andamus* ou *andamu* ao invés de andamos etc.), bem como a substituição de /e/ por /i/ nas sílabas átonas (*dimais* ao invés de demais, *si* ao invés de se, *milhor* ao invés

[177] CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru/SP: EDUSC, 1999. p. 17-8.

[178] CÂMARA JR., J. Mattoso. **Introdução às línguas indígenas brasileiras**. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1965. p. 18.

de melhor etc.); a inclusão/supressão da semivogal /i/ em algumas palavras (*mais* ao invés de mas, *fejão* ao invés de feijão etc.); a substituição de /lh/ pelo /i/ (*muié* ao invés de mulher; *miorá* ao invés de melhorar; *paia* no lugar de palha; a desnalasação da vogal final (*home* no lugar de homem) e, também, a substituição de /õ/ por /ãw/ (*marrão* no lugar de marrom e *batão* no lugar de batom), etc.).

A terminação /ando/ era simplesmente falada /ano/, p. ex.: *´falano´*, *´comeno´*, *´andano´* e *´trabaiano´*. O /r/ final era eliminado das palavras onde ocorriam, p. ex.: *´falá´*, *´escrevê´*, *´andá´*, *´comê´*, *´saí´* e *´í´*. O /lh/ era desconsiderado nas formas verbais, p. ex.: *´coiê´*, *´maiá´*, *´trabaiá´*, *´istraçaiá´*. A terminação /inho/ via de regra é transformada em /im/, por exemplo: *´passarim´*, *´cantim´*, *´bunitim´*.

Muitas palavras iniciadas com 'e' também eram normalmente faladas iniciando com 'i', aquelas iniciadas ou terminadas com "u" viravam 'o', e vice-versa. P. ex.: *incangadu*; *impanzinadu*; *orubu*; *certu*; *injeitadu*; *cumadre/cumpadre* ou, como variante, *cumadi/cumpadi*. Também certas iniciais de palavras eram comprimidas, 'instituto' virava '*istituto'* e instigado era falado como '*istigado'*. Certas terminações eram "engulidas" pelos falantes, p. exemplo: "*Tô cumeno u pão qui u diabu amassô*". "*Tomaro sol no coco até discascá o coro*", e assim por diante. Neste sentido, particularmente as terminações do plural eram, frequentemente suprimidas, p. exemplo. "*Dona fulana assô us pão dela no forno novo*", "*Foro pescá lá no Panema e pegaro muitos pexe*", "*Choveu mais de duas hora seguida"*.

Nas falas dos pioneiros, portanto, podia se ouvir de tudo um pouco, desde o mais escorreito português ensinado pelos professores e veiculado pelas pessoas mais cultas, passando pelas sonoridades de algumas línguas estrangeiras das quais a maioria da população nunca tinha ouvido uma só palavra, até o mais rasteiro falar caipira (uma variedade vernacular) usado por boa parte dos *´sitiantes´*, *´matutos´*, *´gatos´* e *´peões de trecho´* afeitos ao trato com as *´coisa da roça´*. E foram estes diferentes modos de falar que se combinaram para formar o **jeito de falar dos "pé vermeio"**.

Lá ´nas roças´, ´no meio do mato´, entre os matutos, os peões e os trabalhadores do campo prevalecia o falar rústico-caipira que, no limite, era quase um dialeto.

> Eram falas di um tempu qui us homi da roça tinha famia, fio i imuié. I qui tudu si passava comu si todu mundu tivessi futuru i ias coisa fossi feita comu si certu fossi. Os sitianti i seus pião trabaiava roçanu matu, catanu café i icomenu u qui Deus dessi: serraia, miu, bobra, mandioca, mamão i otras coisa da terra. A caça durô inquantu us matu tava di pé; dispois era só cafezau i uns pastim. Tamém havia quem prantassi argodão, criav'uns porquim, u'as vaquinha i itinha lá argum vira-lata pra guardá us quintau. Era um tempu qui ninguéin maginava qui os matu pudessi fazê farta um dia i qui fossi giá praquelas banda. Foi um tempu qui tinha muita genti fazenu bestage, prantanu café morro abaxu, derrubanu us matu até as bera dus córgu, trabaianu feitu cavalu. Trabaiavão desda ora qui u sór meaçava sai, inté as ora qui dessi, o cumu si dizia, di sór a sór. Genti qui ficô venu as água da chuva levá as terra prus riu i ipru meio das istrada. Genti qui garrava nu pesadu i iinfrentava u batenti feitu u demonhu, i pegava nu cabu seco di sór a sór. Genti qui num fazia questã di poca coisa i qui tinha muitu sonhu pra corrê atráis. Pra muita genti foi um tempu di fartura i di muitu alimentu, pra otrus era tamém um tempu di muita carênça i imuitu pobrema di saúde. Dinhêru era só pra sobrevivênça inquantu u café num dessi coieta. Nas doença u qui si fazia era comprá u'as píula, tomá um xaropim o fazê um cházim. Era um tempu in qui pra todas as coisa di doença tinha arguém qui sabia um chazim, u´a garrafada, um imprasto o u´a pomadinha. Mais era genti qui nu gerar num perdia a carma, qui infrentava us disafiu, i qui sempri criditava qui Deus ia dá tempu mió. Genti séria qui dava um boi pra num entrá nu´a briga mais u'a boiada pra infrentá us disafiu. Matu praquelas banda era matu meis, só servia pra sê dirrubadu i queimadu, i pra prantá cafezá i otras pranta.[179]

[179] Texto construído pelo autor.

Mantido um certo rol de características deste jeito de falar, conforme já explicitado, era amplo o modo como os falantes daqueles tempos articulavam os termos e expressões na fala cotidiana, particularmente no que tange ao uso de idioletos, ou seja, como já explicitado, são neologismos de invenção individual de certos falantes originais ou de certos núcleos familiares que criam/inventam vocábulos originais que entravam na corrente linguística.

Neste sentido, os conteúdos aqui disponibilizados à guisa de exemplos, constituem uma boa amostra das falas e verbalizações outrora ouvidas ´naqueles tempos´. São termos, expressões e ditados populares de uma região na qual convivia, de forma mesclada, o falar das ´gentes da cidade´ e aquele do ´povo da roça´, as ´gentes do mato´ - ´jacus´, ´capiaus´, peões, camaradas e sitiantes -, ainda que parte da população urbana, em grau maior ou menor, também falasse da mesma maneira, ou que, cotidianamente, em meio ao vernáculo corrente, também as pessoas cultas incluíam um ou outro termo ou expressão caipira em suas falas. Não que todos os norte-paranaenses falem sempre assim, “mais qui issu é muito frequenti issu lá é verdadi”. Pois como dizia uma piadinha ´daqueles tempos´:

Filho: Pai, tô ino na festa dus primu.

Pai: Cê vai bebê?

Filho: Num vô não.

Pai: Cê vai fumá?

Filho: Tamem não.

Pai: Vai dançá?

Filho: Achu qui não.

Pai: Vai furunfá?

Filho: Claro qui não.

Pai: Então fica in casa.

Neste sentido, vale notar que parte dos termos e expressões aqui registrados caíram em desuso, ou raramente são usados, até mesmo pelos próprios ´antigos moradores´ da região; as novas gerações desconhecem um bocado deles. É possível que algumas pessoas até duvidem que existam.

Para muitos, os termos e expressões corriqueiramente utilizados pelos pioneiros são apenas ´coisas do passado´ e, mesmo, quando ainda são ouvidos, há quem deles ache graça, faça piada como ´coisa de velho´ ou se disponha a tentar corrigir o interlocutor. Mas, como bem lembrou MARCHI & SAENGER é este modo de falar que reforça as características identitárias dos seus falantes.

> Se desconhecemos uma palavra que ouvimos e ela não é encontrada no dicionário chegamos a duvidar que ela de fato exista. É preciso que controlemos nosso impulso em corrigir, ajustar, para acertarmos e reconhecermos palavras que existam, e que apenas não foram registradas por nossos dicionários – bastante comprometidos com referências escritas, obras publicadas, palavras ´mapeadas’. O linguajar desenvolvido no meio rural, em cada canto do Brasil, é muito diverso e revelador, diz muito do lugar.[180]

[180] MARCHI, Lia; SAENGER, Juliana; CORREA, Roberto. **Tocadores**; homem, terra, música e cordas. S.l.: Petrobrás, 2002. p. 14.

3.2.1.Corruptelas, vícios de linguagem e ditados pedagógicos

A língua só existe nos indivíduos (...), língua, sociedade e cultura são solidários. Jean PAULUS.[181]

Muitos dos termos utilizados eram pura e simplesmente constituídos por deturpações e vícios de linguagem – plebeísmos, barbarismos etc. -, corruptelas do vocabulário ortográfico e erros de fala, tais como: 'mendingo', 'mortandela', ´ismagrecêr´, ´istraçaiado´, 'vareia' e 'cardaço'.

Frente à língua culta, todos os problemas de ortografia, gramática e pronúncia podiam ser encontrados no linguajar cotidiano de boa parte dos pioneiros. No emprego dos verbos, era comum ouvir-se: "nóis imo", "nóis fumo", "vô i" e "fumo e vortêmo", "tô ino", por exemplos.

Para dizerem milho dizem mio
Para melhor dizem mió
Para pior pió
Para telha dizem teia
Para telhado dizem teiado
E vão fazendo telhados.[182]

Barbarismos de todas as classes campeavam no cotidiano, mas entre a população poucos eram os que se procupavam com isto. E, dentre estes, como já dito, estavam os professores daqueles tempos (e também os que se seguiram), que tiveram papel fundamental nos esforços para alterar aquela realidade. Na verdade, aqueles mestres foram, em boa parte, responsáveis pelo desaparecimento de boa parte das formas de comunicação da cultura rústico-caipira.

Desta forma, um aspecto que mereceu as atenções desta pesquisa foi a forma de dizer de algumas palavras, que caracteristicamente, estão intrincadas no jeito de falar dos "pé vermeio", tais como: "degavar", "carcá", "bizôrro", "catatumba", "disagêro", "digêro", "cardaço", "cardeneta", "balangá", "insagerado", "partelêra" etc.

Outro aspecto daquela realidade é que, entremeio à barafunda de modos de se expressar praticados pelos pioneiros, principalmente no ambiente doméstico, podiam ser ouvidos ditados populares de natureza pedagógica que traduziam certa forma de ensinamento mais geral e serviam como norteadores ´educativos´ das ações e costumes da época.

Algumas expressões se referiam aos usos que se faziam numa época em que a tecnologia, melhores condições de vida e certos costumes ´mais urbanos´ ainda estavam muito distantes. Existiam ditados e expressões que eram (e continuam sendo) aforismos de natureza prático-comportamental comumente utilizados no espaço doméstico como regras de conduta. Que atire a primeira pedra quem tenha vivenciado ´aqueles tempos´ e nunca ouviu alguma recomendação de postura e comportamento vinda dos pais, parentes e até pelos professores por meio de algum ditado popular.

Um bocado daqueles aforismos foram amealhados neste livro (ver listagem no Capítulo 6) com o intuito de evidenciar o aspecto prático-educativo da cultura rústica-caipira

---

[181] PAULUS, Jean. **A função simbólica da linguagem**. Rio de Janeiro: Eldorado Tijuca; São Paulo: EDUSP, 1975. P. 31-2.

[182] Oswald de Andrade, citado por DUARTE, Vânia Maria do Nascimento. **Variações linguísticas**. Disponível em <http://brasilescola.uol.com.br/gramatica/variacoes-linguisticas.htm>. Acesso em 07 de junho de 2017.

de então. Muitos deles ainda hoje podem ser ouvidos na fala cotidiana. Parte deles é relacionada com zoônimos (nomes de animais) porque tinham relação com as atividades campesinas e a criação de animais, outros, com objetos do cotidiano dos pioneiros em geral e com a dura lida dos peões e sitiantes em particular. Por exemplo, expressões como: “a vaca foi pro brejo”, “cão que ladra não morde”, “gorda feita uma porca”, “aqui é que a porca torce o rabo”, “trabalhar como um cavalo”, “falar cobras e lagartos”, “braba qui nem cascavel” eram ouvidas com frequência.

Também foram recolhidas certas palavras referentes a denotações específicas, principalmente nomes de animais, que eram utilizados conotativamente para referir situações do cotidiano e comportamentos humanos, por exemplo: “galinha” para as mulheres consideradas biscateiras, levianas; “galizé” ou “garnizé” para indivíduos de baixa estatura metidos a briguentos; “franga” ou “frango”, “frangote” para referir pessoas jovens; “cu-de-cobra” para pessoa de baixa estatura; ”onça” para pessoa braba; “jumento” para pessoas não inteligentes ou teimosas; “anta” para pessoas pouco inteligentes, etc. (ver lista na seção 6.2.1)

Finalmente, vale dizer que, ainda que isto não tenha sido tratado neste livro, a pesquisa mostrou que boa parte dos ditados populares coletados, senão a maioria deles, tem suas origens referidas à cultura lusitana (portugueses) e à hispânica (espanhóis), coincidentemente foram eles os primeiros ocupantes estrangeiros a pisar as terras paranaenses, e estes ditados e expressões, vale ressaltar, a despeito de suas origens, constituem parte de nosso patrimônio imaterial e de nossas heranças culturais, razão pela qual um conjunto deles foi aqui registrado.

3.2.2 Identidade e preconceito: dois lados de uma mesma moeda

A língua é a mesma para todos, com suas flutuações históricas, suas margens de incerteza, suas incoerências reais ou fictícias; mas cada pessoa tem uma linguagem que lhe é peculiar. Jacques CLARET.[183]

Como em geral se sabe, ao ocorrer contatos entre pessoas de diferentes origens geográficas, há também oportunidades de elas ouvirem termos e expressões que, reciprocamente, nada significam, ou seja, que fazem sentido, mas cujo significado não é conhecido, ainda que os interlocutores sejam de mesmo país e falem uma mesma língua. Isto porque parte das falas das pessoas contém elementos de variedade específica cujo significado só encontra respaldo em termos regionais e até mesmo apenas em âmbito de relacionamento pessoal (família e amigos). E aqui será usado um exemplo familiar.

> Dona Tereza, avó da Janaína e da Letícia - minhas filhas – residiu por muito tempo a pouco mais de 180 quilômetros de Curitiba, cidade onde moramos. Ela é descendente de caboclos, nasceu na área rural, em Canoinhas, estado de Santa Catarina. Nas falas de seu cotidiano podem ser ouvidos termos tais como: “churingado”; “enfunado”; “sair tastaviando”; “cainho”; “enticar”; “ganjento”, “bombeando” e “tiatino”,[184] entre outros. Menos de três horas de viagem separam Curitiba de Canoinhas, ambas no sul do país, mas o léxico de Dona Tereza e de muita gente daquela região apresenta termos e expressões que, mesmo fazendo sentido em meio às falas dela, não têm signi-

[183] CLARET, Jacques. **A ideia e a forma**; problemática e dinâmica da linguagem. Rio de Janeiro: Zahar, 1980. p. 93.

[184] **Churingado** = o mesmo que “engruvinhado”; no regionalismo norte-paranaense se refere à pele enrugada quando as mãos/pés ficam muito tempo dentro d’água; **enfunado** = cheio de si, orgulhoso; **sair tastaviando** = andando meio zonzo, tonto; **cainho** = pessoa sovina, egoísta, mão de vaca; **enticar** = bulir, espivetar, molestar; **ganjento** = cheio de soberba; vaidoso, presumido; **bombear** = prestar atenção, espiar e **tiatino** = animal ou objeto que não tem dono, que não conhece o dono.

ficado algum para minhas filhas que nasceram e vivem na capital paranaense. Mais ainda, alguns elementos da fala de Dona Tereza não constam de nosso cotidiano verbal e inclusive daquele praticado pelos “pé vermeio”.[185]

Então, o que se observa e pode servir de referencial para a realidade dos pioneiros é que, quanto mais os interlocutores estivessem distantes dos respectivos lugares de vivência e nascimento tanto mais acentuada poderia ser a percepção destas diferenças entre eles. No limite, portanto, é possível afirmar que, de um lado, os termos e expressões usados pelos diferentes grupos étnico-regionais pioneiros constituíam motivo de distinção e identidade, mas por outro, volta e meia, também podiam resultar em motivo de preconceito e xenofobia.

O povoamento das terras norte-paranaenses apresenta esta particularidade: a diversidade e a pluralidade de contribuições linguístico-culturais associada à permanente tensão entre identidade e preconceito. Neste sentido, vale notar que, intencionalmente, muitas das frases exemplares utilizadas neste trabalho visam traduzir um pouco (pelo menos isto) das falas preconceituosas então utilizadas pelos pioneiros.

Em âmbito doméstico, dependendo da origem migrante ou imigrante dos progenitores (e enquanto estes ainda estivessem vivos), os familiares mais próximos, mesmo aqueles já nascidos ou criados na região, tinham oportunidade de estar em contato com certo rol de termos, expressões e próprios das regiões de onde vieram seus pais e que serviam como referenciais identitários. Muitos dos ditados falados pelos japoneses, turcos, alemães, espanhóis, portugueses etc., proferidos apenas no convívio familiar só veiculavam significado semântico no contexto cultural daquela família e na relação com amigos/parentes do mesmo grupo étnico e, com certeza, alguns termos não eram usados fora de casa. Por isso, é possível supor que com o passar do tempo parte desta riqueza cultural exótica tenha se perdido entre as famílias imigrantes em benefício de um novo contexto de termos e expressões que os substituíram.

3.3 MUDANÇAS E PERMANÊNCIAS NA LINGUAGEM VERNACULAR[186]

As palavras constituem material sedutor e perigoso, a ser usado com cautela. (...) A longo prazo, o melhor escritor é o melhor historiador. Bárbara TUCHMAN.[187]

Com o passar do tempo, nas falas dos pioneiros, alguns termos e expressões sofreram acréscimos de outros significados e usos, outros passaram a ser expressos com sentidos diferentes, e há aqueles que desapareceram, ou quase, do cotidiano das pessoas. Inclusive, muitos dos ditados populares deixaram de ser ouvidos; a educação baseada em aforismos quase não é mais praticada. Em geral, isto aconteceu porque os objetos e as práticas a que se referiam deixaram de existir, ou porque a mentalidade das pessoas perdeu algumas de suas nuances culturais.

Em parte, isto também se deu pela renovação/mobilidade da população pioneira, tanto das áreas rurais como das vilas e cidades, ocorrida com o advento de pessoas mais letradas, muitas das quais tinham vivenciado e sido influenciadas por outras realidades e que, por isso, trouxeram diferentes contribuições e referências culturais.

---

[185] Observações do autor.

[186] Entende-se a ´linguagem vernacular´ como sendo aquela “própria do país ou região onde é falada”. É por meio da linguagem vernacular que distinguimos as regionalidades dos falantes.

[187] TUCHMAN, **A prática da história**..., p. 31.

Principalmente, pode se dizer, que isto se deu porque, com o passar do tempo, a maneira de se expressar das pessoas abandonou/esqueceu boa parte do modo ´rústico/caipira´ de falar substituindo-o por formas cada vez mais ´citadinas´. E inclusive porque:

– ocorreu um progressivo aumento das populações urbanas estimulado pela migração campo-cidade;
– aconteceram mudanças culturais no modo de vida de seus habitantes;
– houve transformações na própria "ruralidade" dos espaços rurais;
– ocorreu oferta de maior quantidade de veículos de comunicação (rádios, jornais e, em particular, mais recentemente, a televisão) e
– houve maior disponibilidade de recursos educacionais o que resultou em melhor letramento da população.

Neste sentido, tal como já apontado no início deste livro, um aspecto que merece sempre ser lembrado foi o eficiente trabalho de uma pequena legião de abnegados e dedicados professores que, a despeito das parcas condições materiais existentes ´naqueles tempos´, conseguiu estimular e propiciar valiosos conhecimentos a turmas e mais turmas de crianças e jovens. A mudança no modo de falar da população discente foi, portanto, o resultado mais imediato e facilmente perceptível decorrente da ação destes mestres.

Muitos dos termos que para as gentes do campo faziam parte do cotidiano, ainda que em termos vernaculares fossem falados de modo errado, acabaram, paulatinamente, sendo corrigidos, e certas expressões do falar caipira caíram em desuso, ainda que volta e meia sejam ouvidas, e houve palavras que desapareceram do léxico regional por absoluta falta de uso (as funções e objetos referidos por elas simplesmente deixaram de existir com o fim do transcorrer da frente pioneira).

> Os termos morrem aos poucos, quando as funções e experiências na vida concreta deixam de se vincular a eles. Em outras ocasiões, eles apenas adormecem, ou o fazem em certos aspectos, e adquirem um novo valor existencial com uma nova situação. São relembrados então porque alguma coisa no estado presente da sociedade encontra expressão na cristalização do passado corporificada nas palavras.[188]

O progresso, a modernização e maior disponibilidade de recursos educacionais e de informação afetou profundamente o mundo dos pioneiros, inclusive suas crenças e heranças culturais. Mas, ainda hoje, entremeio à conversa dos mais velhos e das pessoas oriundas daquelas bandas, mesmo entre aquelas letradas e de melhor formação intelectual, é possível verificar o uso de termos e expressões de caráter marcadamente regional daquele modo de falar capira dos norte-paranaenses. Que o digam as falas "*num rela ni mim*", "*num querdito*", "*carpir o gato*", "*guspir*", "*balangar*" e outras do gênero. E também certos vulgarismos e barbarismos, p. ex.: "*vamo*" (vamos), "*vambora*" (vamos embora) "*falano*" (falando), "*guspino*" (cuspindo), "*brincadêra*" (brincadeira), "*carcá*" (apertar), "*vamo si mandá*" (vamos embora).

Muitos termos e expressões falados naquele tempo e na frente pioneira não são vistos nos livros escolares, mas, apesar disso, não raras vezes, curiosamente, eles aparecem inclusive nas falas dos comunicadores locais (rádio, jornal e televisão). Exemplos diversos poderão ser vistos na listagem dos elementos lexicais pesquisados e expostos neste livro.

---

[188] ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994. p. 27.

3.4 INCORPORAÇÕES E DIFERENÇAS LEXICAIS

Na verdade, os imigrantes e seus descendentes desenvolveram maneiras sofisticadas e bem-sucedidas de tornarem-se brasileiros, alterando a ideia de nação tal como proposta pelos detentores de poder. Jeffrey LESSER.[189]

Em sua conformação mais geral, o modo de falar norte-paranaense incorporou palavras cuja forma coincide com a de outras paragens mais longínquas mas, no entanto, alguns termos adquiriram outros sentidos e usos complementares na medida em que passaram a significar objetos, ações e aspectos regionais característicos da região, ou, mais especificamente, da 'frente pioneira'.

Por exemplo, se formos conferir o termo "*anta*" no léxico gauchesco veremos que ele é referente à "*pessoa interesseira, esperta, fingida, falsa, mendaz, sabida, que de tudo procura tirar vantagem*",[190] no entanto, no léxico dos norte-paranaenses, "*anta*" quer dizer exatamente o contrário, ou seja, "*pessoa sem inteligência; burra; estúpida*". De mesma forma, no léxico nordestino, o termo "*barreado*" quer dizer "*confuso, sem saber o que fazer e o que dizer*", enquanto no léxico dos norte-paranaenses, em termos conotados, quer dizer "*cagado*", "*sujo de merda*".[191] Outro exemplo, o termo "*i pro pau*", que no litoral de Santa Catarina significa "*perder-se; estragar-se; arruinar-se por completo*",[192] no falar dos norte-paranaenses significa "*ir para a briga*". De igual maneira, o termo "*chapuletada*" que assim é falado no norte-paranaense, em Santa Catarina pode ser encontrada a forma "*chapulentada*", "*chapulentar*".

Mesmo dentro do próprio estado do Paraná havia (e ainda há) diferenças entre algumas palavras usadas no sul (Paraná Tradicional) e no norte para referir mesmos objetos. Por exemplos (o sul em relação ao norte): *penal* = *estojo* (porta lápis, canetas etc.); *vina* = *salsicha* (alimento do tipo embutido); *cetra* = *estilingue* (arma de caça manual; atiradeira); *pipa* = papagaio (brinquedo feito com papel e varetas); *mimosa* = tangerina (fruta cítrica); *piá* = moleque (menino); *gronha* = ingronha (negócio malfeito).

Outro aspecto da mistura de (i)migrantes de diversas origens étnico-regionais favorecia a ocorrência de situações assaz inusitadas, por exemplo, o mascate "turco" falando coisas como "*oxente brimo*", "*sartei de banda*", "*tchê*", "*arranquei pena brimo*".[193] Ou o velho sitiante japonês, no seu português tosco e elementar, quando se dirigindo à empregada da primeira livraria de Capelinha/Nova Esperança, dizia: "*Xinhóra, eu qué fudê*" (um tipo de pincel de pelos para escrita a nanquim) –, causando certo constrangimento à jovem brasileira que atendia no balcão, e as apressadas e consequentes explicações dos nisseis seus colegas de trabalho.

---

[189] LESSER, Jeffrey. **A negociação da identidade nacional**: imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil. São Paulo: Ed. UNESP, 2001. p. 20.

[190] NUNES, Zeno Cardoso & NUNES, Rui Cardoso. **Dicionário de regionalismos do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1993. Verbete "Anta".

[191] CULTURA Nordestina. **Lista de palavras e expressões nordestinas**. Disponível em http://culturanordestina.blogspot.com.br/2007/11/dicionario-nordestino.html, consultado em maio de 2017.

No estado do Paraná, em termos denotados, 'barreado' se refere a certa comida típica, um tipo de cozido de carnes diversas, originário de suas cidades litorâneas, principalmente Morretes e Paranaguá.

[192] **DIALETO Florianopolitano**. Disponível em http://pt.wikipedia.org/wiki/Dialeto_florianopolitano, consultado em maio de 2013.

[193] PADILHA, Antônio. O galanteador na fossa. In: **300 HISTÓRIAS do Paraná**: coletânea. Curitiba: Artes & Textos, 2004. p. 30.

Nos ´tempos pioneiros´, em geral, as moças eram referidas como "*garotas*" e "*meninas*" mas outros termos regionais podiam ser ouvidos, tais como: "*gatas*" (carioca); "*minas*" (paulista); "*gurias*" (gaúcho), "*donas*" (nordestino) e "*as muié*" (mineiro). E as expressões de polidez no tratamento podiam apresentar falas diversas: "*senhor*", "*vosmecê*", "*xinhôro*", "*seu*", "*sinhô*", "*siô*" e "*sô*".

E o mesmo acontecia em relação à sonoridade e referência a vários nomes amplamente conhecidos na região, por exemplo, o da emissora local (ZYS-41 Rádio Sociedade Nova Esperança), fundada em 1954. Enquanto que ao microfone seus primeiros locutores, Francisco Garcia e Adelino Benatti, propagavam o prefixo de abertura e fechamento de suas transmissões, de forma pausada e com todos os 'erres' vibrados na ponta da língua, entre o povo da região podia se ouvir a palavra pronunciada com "erres" articulados no fundo da boca, ou simplesmente, como em geral se ouvia, era a 'rádia', no feminino, ou a '*raidio'* ou '*ráidia*' como os nordestinos pronunciavam. E também as falas em que o 'erre' era pronunciado sem vibração (como em 'caroça') típico dos eslavos. E assim acontecia com amplo rol de termos cujo padrão era vernacular, mas as sonoridades e as entonações eram bem diferenciadas, tendo em vista os diferentes falantes, conforme suas origens.

Outro aspecto válido de ser notado é que uma mesma palavra pode apresentar significados semânticos diferenciados, conforme a vivência e percepção do autor de eventuais léxicos ou dicionários, tais como os citados neste trabalho. Por exemplo, no "Dicionário Popular de gírias e expressões"[194] a expressão "Cão chupando manga" é interpretada como: "pessoa muito feia, horrível, que se acha o bom, pensa saber tudo, acha-se o tal, o ´tampa de Crush´, o ´supra sumo´, enquanto que neste léxico, mesmo que os informantes tenham vivenciado a realidade norte-paranaense, ainda que em períodos de tempo diferentes entre si, esta expressão é interpretado como: "algo fora do normal".

Fatos como estes mostram que a riqueza de sentidos e significados existentes nas falas dos viventes de certa realidade linguística ultrapassa em muito a capacidade de interpretação individual. Sempre haverá sentidos e significados denotados e conotados passíveis de serem registrados que estão fora do âmbito de experiências e referências de eventuais observadores. Desta forma, pode se afirmar com segurança que qualquer que seja a obra publicada visando registrar as falas regionais, sempre haverá lacunas a serem preenchidas mesmo que seja trabalhos de pesquisa de mais longo fôlego. A propósito, este livro é um bom exemplo disto.

3.5 TABUS LINGUÍSTICOS; PODERES SOBRENATURAIS E PRECONCEITOS

No cotidiano estão os olhares. Não só os olhares, mas também eles. Jaci. C. MARASCHIN.[195]

Naqueles tempos, algumas palavras constituíam tabus linguísticos e sobre elas existiam proibições (ou censura), de serem pronunciadas em público, mesmo que veladas, por serem consideradas expressões imorais ou grosseiras, nome feio, sem-vergonhice.

---

[194] BRANDÃO, Elias Canuto. **Dicionário popular de gírias e expressões**. Disponível em http://dicionariopopular.blogspot.com/2009/01/grias-e-expresses.html, publicado em 2 jan. 2009, consultado em out. 2019.

[195] MARACHIN, JACI. C. O simbólico e o cotidiano. In: **Religiosidade popular e misticismo no Brasil**. São Paulo: Paulinas, 1984. p. 136.

> O tabu linguístico é a proibição de dizer certo nome ou certa palavra, aos quais se atribui poder sobrenatural, e cuja infração causa infelicidade ou desgraça. Impropriamente, o tabu linguístico é a proibição de dizer qualquer expressão imoral ou grosseira. O primeiro é mágico-religioso ou de crença, o segundo é moral ou de sentimento. (…) Se uma pessoa, coisa ou ato é interditado, o nome ou a palavra que se lhes refere, é-o igualmente.[196]

Por exemplo, meninos e meninas que falassem os nomes dos órgãos sexuais ou dissessem algumas expressões comuns na infância, uns na presença dos outros, isto *´dava pano pras mangas´* e era motivo de vergonha, de repreensão ou até de uns *'cascudos'*.

Algumas expressões-tabu diziam respeito a estados de saúde, por exemplo, a '*gravidez'*, que era eufemisticamente referida como "*estado interessante*", "*estar de forno*", "*encher o forno*", "*encomendar criança*", "*esperar família*"; e o nascimento de um rebento, outro exemplo, era referido como "*cair o forno*", "*ganhar família*", "*chegar a encomenda*" etc. Algumas palavras, relacionadas a doenças, tais como o câncer, a tuberculose e a lepra, também sofriam restrições. Por exemplo o câncer, era referido como "*aquela doença*", "*um mal incurável*", "*doença ruim*" e por aí vai.

Para várias palavras era atribuído poder sobrenatural. A simples menção de algumas delas constituía infração ou motivo de censura porque, acreditava-se, podia causar infelicidade ou desgraça. No topo delas estavam as de 'Deus' e do 'Diabo'. 'Deus' por que na cultura católico-cristã predominante e influente à época "*não se podia tomar seu santo nome em vão*",[197] e o 'Diabo' (o "*coisa ruim*", "*belzebu*", "*tinhoso*", "*anjo mau*" etc.) por que ao falar seu nome era a ele que se estava invocando, o que constituía ato condenável. Naqueles tempos, o uso destes termos e expressões propiciavam oportunidades para que os progenitores *´passassem um pito´* nos filhos, houvesse reprimenda por parte dos mais velhos, admoestação de um ou outro professor e muitos pecados a serem confessados para o padre, isto se o penitente fosse católico. Em geral, as expressões de praguejamento e maledicências também constituíam tabus linguísticos e mereciam censura.

3.5.1 Termos, expressões e ditados de manifestação preconceituosa

Alguns termos, expressões e ditados conformavam modos de manifestação preconceituosa. Era comum os negros serem referidos por '*pau-de-fumo'*, '*negão'*, '*preto'*, '*macaco'*, '*tição'*, '*tiziu'* (passarinho preto), '*sabará'* (variedade de jabuticaba da casca bem preta) etc. Frequentemente, no entanto, os mesmos termos também eram utilizados de modo amigável e afetivo. Um nosso conhecido de infância (o Elias) se autodenominava '*Macaca'* e o apelido, após seu falecimento, foi adotado por um de seus irmãos (o Wanderley) e assim é carinhosamente referido pelos seus amigos. Outro era o '*Sabará'* (o Osvaldo), companheiro de caçadas e de brincadeiras do autor desta pesquisa, cujo nome era referente à jabuticaba (cor preta) e cuja mãe, a Dona Maria, benzedeira respeitada na cidade, era conhecida por muita gente como a "*mãe do Sabarazinho*".

Não raro, os estrangeiros e seus descendentes eram alvo de expressões xenofóbicas. Por exemplo. descendentes de origem japonesa eram referidos como '*japa'*,

---

[196] GUÉRIOS, Rosário Farâni Mansur. **Tabus linguísticos**. São Paulo: Nacional; Curitiba: Ed. da UFPR, 1979. p. 5-6.

[197] Segundo a Bíblia, o terceiro mandamento, citado em Êxodo 20:3-17, determina que, "Não tomarás o nome do Senhor teu Deus em vão". Portanto, expressões tais como: "Juro por Deus", eram altamente reprováveis enquanto fala de uso corriqueiro.

'*japinha'*, '*amarelo'*, '*olho puxado'*, '*zóio rasgado'* e '*tudo igual'*, isso quando não tinham que ouvir um odioso refrão que dizia "*japonês, calabrês, foi o diabo que te fez*";[198] os de origem alemã eram preconceituosamente referidos como *'galego'*, *'loiro'*, *'vermelhão'*, *'bicho-de-queijo'* (pelos cabelos brancos), '*alemão batata*' e o consequente refrão '*alemão batata come queijo com barata*'; os árabes de ´turco´, *'turquinho'*, *'turcão'*, *'mascateiro'*, '*gente que se deixar vende até a mãe*', em referência à competência dos vendedores mascates etc.; os italianos de *'carcamano'*, *'tuti ladri'* (todos ladrões), '*polenteiro*' etc.; os nordestinos em geral de *'baiano'*, *'paraíba'*, *'cearense'*, '*cabeça-chata*', *'arataca'*, '*pau-de--arara*' e assim por diante.

Na verdade, poucos eram os que se preocupavam com formas politicamente corretas de tratar as diferenças, principalmente os brasileiros em relação aos estrangeiros. Mas muita gente, com razão, eventualmente, ficava ofendida com estes tratamentos. Enquanto alguns se manifestavam em termos de reprovação ao que era dito, havia outros que, volta e meia, extrapolando os limites da paciência, justamente indignado, retrucava: "*É a p.q.p. seu f.d.p.!*". E aí o "*pau quebrava*".

No rol de termos e expressões deste livro há muitas contribuições culturais trazidas pelos nordestinos (baianos, cearenses, paraibanos etc, outras pelos sulistas (paulistas, mineiros, cariocas, gaúchos, entre outros), inclusive até por amazonenses e paraenses, termos e expressões estas que enriqueceram o léxico dos "pé vermeio". Alguns termos vieram com a diversidade dos imigrantes pioneiros: portugueses, italianos, alemães, japoneses, suíços, espanhóis, árabes (os *'turcos'*, como eram chamados, independentemente de suas respectivas origens) e outros.

Naquele tempo, ainda que as relações sociais se dessem de modo mais horizontal e o esforço de desbravamento produzisse certo nivelamento nas relações de trabalho, a presença de elementos verbais preconceituosos permeava a fala das pessoas. Alguns termos, ditos chulos, mesmo que recriminados pelos pais, evitados pelos mestres e orientadas as crianças para não se dizer, faziam parte das falas e do cotidiano dos adultos.

Neste livro, apenas como ilustração destes aspectos da realidade dos pioneiros, foi incluído um rol de termos e expressões desta natureza. E, com certeza, esta categoria de termos e expressões merecem, inclusive, ser tema de futura pesquisa.

3.6 ALIMENTAÇÃO DOS PIONEIROS: NOVOS TERMOS E EXPRESSÕES

Comida não é apenas uma substância alimentar, mas é também um modo, um estilo e um jeito de alimentar-se. E o jeito de comer define não só aquilo que é ingerido, como também aquele que o ingere. Roberto DAMATTA.[199]

Em geral, no início de atuação das frentes pioneiras, a alimentação, o "*di cumê*", era constituída em boa parte por recursos que a própria natureza tornava disponível. Ainda que muitos pioneiros, por serem autossuficientes, só tivessem necessidade de comprar o sal, que não podia ser produzido localmente.

---

[198] Este refrão surgiu em Nova Esperança, em 1953, por ocasião da tentativa de mudança do nome de uma avenida (Cascavel) para outra denominação (Guinza Tokio) em homenagem à colônia japonesa de ampla presença na região. Foi criada pelos adversários políticos do prefeito da época (Dr. José Teixeira da Silveira) que insuflaram parte da população para manifestar sua revolta com aquela proposta e exigir que fosse feito um plebiscito para optar entre os nomes ´Guinza Tokio´ e ´Brasil´, sendo esta a opção vencedora.

[199] DAMATTA, Roberto. **O que faz o Brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 1986. p. 56.

Além deste produto, do arroz e do feijão, do açúcar, frequentemente da farinha de milho e de mandioca, considerados alimentos básicos, e da carne de sol, quando este produto estava disponível, os pioneiros comiam carne de caça, tanto de pelo como de pena, e também os produtos vegetais que podiam colher na natureza.

Dentre os animais de pelo que serviam como alimento, destacavam-se a capivara, a paca, o cateto, o tatu galinha, o tatu peba, o lagarto teiú e a anta, mas também os macacos, os quatis e os ouriços eram incluídos na alimentação de um bocado daquelas gentes. Dentre os animais de pena eram comuns o jacu, o uru, a jacutinga, o jaó, as pombas do mato e algumas outras espécies. E os peixes, principalmente nas proximidades dos rios de maior porte, também entravam na culinária das frentes pioneiras, por exemplo, os cascudos, bagres e traíras nos córregos e rios de menor porte, assim como o surubim, o pintado, o dourado e outros, nos rios de maior volume d´água; até os lambaris, sempre presentes nos rios e córregos da região, também participavam da mesa dos ´pioneiros'. E das matas vinham o palmito juçara, o coqueiro jerivá e as frutas silvestres, tais como a pindaíba, o ariticum, o maracujázinho roxo, o bacupari, a gabiroba, a pitanga, a cereja do mato e outras. Para muitos dos pioneiros foi um tempo de aprendizado de novos nomes e novas práticas alimentares impostas pela dureza da vida daqueles tempos.

E depois, já com a mata aberta e os terrenos limpos, os pioneiros podiam plantar mandioca, batata doce, alguma hortinha com verdura e temperos, tomateiros em meio ao cafezal (o "ouro verde") e áreas de roça. Com as primeiras safras, o feijão, o arroz e o milho, somados à caça ainda restante pelas proximidades, eles "faziam a festa" e se enchiam de orgulho por estarem produzindo "para o gasto" ou "para as despesas" e de terem alimentos "pra forrá o bucho".

> Nessa época [as incipientes vilas nada mais eram que] uma clareira cercada de mato muito alto, com muito palmito que comíamos preparado de várias maneiras durante nossa permanência no lugar. Serviam também arroz, feijão e carne de porco ou linguiça. A carne de vaca era difícil nesse tempo. Os mantimentos tinham de ser transportados de muito longe no primeiro ano de vendas de lotes, pois os colonos estavam ocupados em derrubar a mata. Depois é que a boa terra (…) começou a dar tudo – arroz, feijão, milho e outros cereais – plantados por entre os pés de café que começavam a crescer nos lotes rurais. Então os japoneses começaram a plantar também verduras e legumes. Criaram porcos e aves. E assim, pouco a pouco, o núcleo pioneiro chegou a ser autossuficiente em alimentação.[200]

Um aspecto interessante daqueles ´primeiros tempos´ (meados do século XX) é que, além dos migrantes brasileiros, que traziam suas referências culinárias regionais, a vinda de colonizadores de grupos étnicos estrangeiros trouxe outras contribuições e, consequentemente, diferentes nomes de comidas foram incorporados ao cotidiano dos pioneiros. Para alguns, havia certo estranhamento quando os nordestinos chamavam a mandioca de "*macaxeira*", a abóbora de "*jerimum*" e carne seca ou charque de "*jabá*". Os alemães, entre outros hábitos alimentares, trouxeram o "*chucrute*" (conserva de repolho fermentado) e o "*rollmops*" (o peixe salgado, geralmente sardinha, enrolada em cebola ou pepino, em conserva de vinagre), acepipe este que, com frequência, estava à venda nos bares como acompanhante das "*cervas*" e das "*branquinhas*". Também o charuto árabe feito de repolho, o quibe e o tabule, já adaptados ao gosto brasileiro e à disponibilidade dos temperos locais, passaram a fazer parte do cotidiano dos pioneiros.

[200] COMPANHIA MELHORAMENTOS NORTE DO PARANÁ. **Colonização** …, p. 77.

De modo geral, “é interessante contar que os colonos estrangeiros vindos para o Norte do Paraná nos primeiros tempos se habituaram logo com a nossa alimentação”,[201] e também a apreciar comidas de outros imigrantes, tal como relata TREMAINE, filha de pioneiros de descendência alemã.

> O resultado foi dias de chucrute no almoço e no jantar. (…) Por sorte, apareceu uma família japonesa que ouviu comentários sobre nossa colheita de repolho e queria comprar todo o chucrute. A mãe ficou tão agradecida que incluiu até o barril (…).[202]

Cada um dos grupos étnicos que (i)migrou para o Norte do Paraná trouxe, em maior ou menor grau, suas próprias contribuições culinárias. Mas foi pela presença dos imigrantes japoneses que palavras como “*sushi*”, “*sashimi*” e “*shoyu*”, por exemplos, nunca dantes ouvidas pela maioria dos pioneiros, passaram a fazer parte da paisagem verbal daqueles tempos e, inclusive, adotadas como eventual alimento em algumas casas de brasileiros. Por outro lado, causava estranheza que os japoneses comessem peixe cru, broto de bambu, algas e outras coisas que não faziam parte dos hábitos regionais, como um tal de “*missô*” que poucos não japoneses ou descendentes sabiam o que era. Mas nas vendas e bares era comum encontrar o “*manju*” (tradicional doce japonês recheado com pasta de feijão azuki).

Portanto, com esta participação multiétnica, não apenas nos sotaques e nos termos utilizados para referir as coisas e objetos do cotidiano, mas também na culinária, novos termos e expressões passaram, eventualmente, a fazer parte do cotidiano nas frentes pioneiras e, finalmente, serem incorporados à linguagem dos “pé vermeio”.

---

[201] COMPANHIA MELHORAMENTOS NORTE DO PARANÁ. **Colonização** …, p. 79.

[202] TREMAINE, **Caminho da esperança**..., 2014. p. 35.

4 A RECOLHA DOS TERMOS, EXPRESSÕES E DITADOS

Também as recordações pertencem à essência e às necessidades mais autênticas da humanidade. J.G. DROYSEN.[203]

De modo geral, esta pesquisa foi feita com base na rememoração das falas ouvidas ´naqueles tempos´, em sugestões e observações de amigos (ver Agradecimentos) e da consulta a fontes diversas (ver Referências). São excertos de linguagem que, em parte, estão presentes entre as falas dos pioneiros ainda vivos, e também nas expressões que, através da tradição oral, permanecem na memória de seus descendentes.[204]

Muitos destes (filhos e netos), talvez a maioria, já não moram mais por ´aquelas bandas´, posto que migraram para vários lugares do território nacional e até para o exterior. Alguns foram para a Capital do estado em busca de melhor formação e por lá ficaram. Outros, tendo passado em concursos públicos, ocuparam postos de trabalho em diversos lugares Brasil afora. E também há aqueles que se mudaram para outros estados em busca de novas oportunidades de vida e negócio, inclusive para compor novas ´frentes pioneiras´. Poucos são os que voltaram a morar naquelas paragens ou que para lá voltam com regularidade, ainda que muitos mantenham lembranças e tenham saudades ´daqueles tempos´ e dos amigos de infância/juventude que lá residem.[205]

Por certo, no cotidiano de suas falas, vez por outra, também se fazem presentes alguns dos termos, expressões e ditados que, àquela época, ouviram ou aprenderam lá em Capelinha/Nova Esperança e que ainda conservam em suas memórias e falas, pois como bem lembrou HALBWACHS,

> quando um homem esteve no seio de um grupo, e ali aprendeu a pronunciar certas palavras, numa certa ordem, pode sair do grupo e dele se distanciar. Mas, enquanto ainda usar essa linguagem, pode-se dizer que a ação do grupo se exerce sobre ele.[206]

4.1 OBSERVAÇÕES METODOLÓGICAS E CRITÉRIOS

Três coisas não voltam atrás: a flecha lançada, a palavra falada e a oportunidade perdida. (Ditado popular)

No que tange aos termos e expressões então utilizados, cabe mencionar que palavras como: “os quartos” = parte traseira dos animais, e mesmo os quadris das pessoas; “quentar” = aquecer, esquentar; “salafrário” = vigarista, pessoa de mau caráter, são regionalismos de origem portuguesa (no caso destes citados como exemplos a origem é a região Trás-os-Montes). E, por incrível que pareça, até o nosso caipira “sastifeito” = satisfeito, faz parte das falas da região transmontana. Outro exemplo, a palavra “botega”, para referir à braguilha das calças, “bunhão”, para referir aos tumores ou “cabeças-de-prego” e “bigulim” para referir ao pênis, foram trazidas pelos italianos e seus descendentes. Destes, talvez a mais conhecida das palavras com que fomos brindados por eles é aquela usada pelos ‘oriúndi’, que nomeia a terra vermelha (“*rossa”*), ou seja, a terra “roxa” que,

---

[203] DROYSEN, Joahnn Gustav (1808-84). Arte e método (1996). In: MARTINS, Estevão de Rezende. (org.) **A história pensada**. São Paulo: Contexto, 2010. p. 37.

204 À época de sua criação, o território de Nova Esperança abrangia os seguintes atuais municípios: Alto Paraná, Atalaia, Presidente Castelo Branco (ex-Iroí), Cruzeiro do Sul, Floraí e Uniflor, sendo que suas divisas iam até às margens do rio Paranapanema. (cf. Diário Oficial do Estado do Paraná, 27 de novembro de 1951, 2ª. feira, p. 16.)

[205] Uma vez por ano, no mês de novembro, ocorre em Nova Esperança uma reunião dos “amigos dos Anos Dourados”. É uma oportunidade de relembranças, trocas de informação e de matar a saudade.

[206] HALBWACHS, **A memória**..., p. 169.

sobremaneira, identifica os solos do Norte do Paraná e que deu ensejo ao surgimento do termo “pé vermeio”.

As origens das palavras do léxico norte-paranaense estão, portanto, situadas em díspares lugares pelo mundo afora. Neste livro não houve a preocupação em buscar os significados originais dos termos listados, e sim apenas de um rol deles e de como eram utilizados pelos pioneiros. Na verdade, é um apanhado de termos e expressões que visam mostrar um panorama da linguagem dos pioneiros. E este é o objeto desta pesquisa.

Em relação aos termos e expressões de natureza chula e/ou preconceituosa, vale observar, que de início houve o cuidado da autocensura quando então optou-se em deixá-las de lado, ainda que delas se tivesse conhecimento. No entanto, ao longo do processo de pesquisa, levou-se em conta que, apesar disso, mereciam ser lembradas, pois como bem comentou Márcio BUENO, “em abordagens linguísticas não pode haver preconceito”, e também porque, como disse Nelson Rodrigues, “todas as palavras são rigorosamente lindas, nós é que as corrompemos”.[207]

Por levar em conta argumentos como estes, elas foram mantidas no texto, ainda que nem todas as que foram pesquisadas tenham sido publicadas. De igual maneira, houve a ocorrência de termos cuja sinonimia apresenta diferença de percepção sociolinguística conforme as suas falas sejam de uso culto ou popular, tais como: “pênis/caralho”, “bimba”, “pica” etc.; “vagina/xoxota”, “periquita”, “perseguida” etc. Neste sentido, cabe observar que não houve preocupação com os termos de uso culto e sim apenas com aqueles que a memória e a pesquisa propiciou entender como sendo parte da fala dos pioneiros.

Até onde se conseguiu atentar, apenas em um caso ou outro foram arrolados os significados comuns dos termos utilizados, mas este não foi o procedimento adotado em geral. Por exemplo, o termo ´agarro´ não será descrito como sendo do verbo ‘agarrar’ e sim por um de seus usos regionais. De igual maneira, o termo ´cachorrada´ não será usado para, denotadamente, referir um conjunto de cães e sim o uso conotado/figurado geralmente utilizado, e assim por diante.

Em geral, foi feito esforço no sentido de mostrar que ao lado da forma rústico/caipira de falar, também acontecia o uso da linguagem culta e o jeito de falar dos “pé vermeio”. Foi dada ênfase a alguma corruptela, tal como era comum à época, ainda que, às vezes, tenha sido feito uso de apenas uma ou mais palavras em meio a uma frase que na sua sintaxe segue a norma culta.

Mais ainda, buscou-se propiciar alguns exemplos de fala para que o leitor pudesse, ele mesmo, inferir a possibilidade da ocorrência de outras formas de falar e se expressar baseadas no que em geral pode ser considerado como sendo o **jeito de falar dos “pé vermeio”**.

Ainda hoje, muito do que se falava à época constitui uso comum e rotineiro por aquelas paragens. Por isso, um vasto rol de termos passíveis de serem reputados como “regionais” não foram incluídos neste léxico. Por exemplos, termos como: ´tratante´, ´enrolão´, ´malandro´, ´pilantra´ usados para se referir às pessoas que não cumpriam com a palavra dada ou com o trato feito; ´rasteira´, com o significado de derrubar alguém com as pernas, bastante comum à época, foram deixadas de lado. E o mesmo aconteceu com outras que, a nosso ver, constituem linguagem corrente e, de certa forma, não perderam sua atualidade e uso vernacular.

---

[207] BUENO, Márcio. **A origem curiosa das palavras**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003. p. 11.

Neste sentido, vale observar que a tarefa de construção de um léxico, como é o caso deste trabalho, que no início é bastante fácil pela coleta dos termos "´rústicos" claramente selecionáveis como 'caipira' e ´regional´, mas que com o andamento da pesquisa e na medida que o rol de termos e expressões é adensado, o processo de escolha apresenta crescente dificuldade. O cunho ´marcadamente regional´ começa a se tornar difuso, posto que atinge o vernáculo nacional comum e cujo significado se mantém em uso corrente. Ainda mais quando isto é feito por alguém que mantém parte daquele vocabulário como "utensilagem mental",[208] como é o caso do autor e daqueles que, de alguma forma, forneceram contribuições.

Os termos, expressões e ditados aqui compilados constituem, portanto, manifestação da cultura imaterial de certo lapso de tempo não estritamente demarcado, e de uma região de fronteiras alargadas ou difusas, em que as diferenças sociais, culturais e étnicas não pesavam tanto no relacionamento entre as pessoas, haja vista que tinham uma espécie de ideário comum: "fazer a vida" e "melhorar as condições", o que, "no frigir dos ovos" e, em certo nível, os colocava em pé de igualdade como sendo todos "farinha do mesmo saco".

Assim, é possível que alguns termos e expressões tenham sido incluídos sem que, meritoriamente, pudessem ser destacados em relação às intenções da pesquisa e, também, que outros dignos de ser lembrados, tenham sido preteridos. Também não estão aqui todos os ditados com os quais a pesquisa tomou contato; somariam milhares. Neste livro encontra-se apenas uma "amostra" dos ´pedagógicos´ e que foram considerados como sendo parte da paisagem verbal ´daqueles tempos´, ou seja, os ditados "que nossos pais e avós falavam" com intenção educativa ou admoestativa no sentido de alguma orientação para a vida, correção de alguma postura ou ato recriminável. E isso dependeu de algum esforço de evocação, (re)lembrança e memória para que o rol aqui apresentado pudesse ser coletado.

> A noção de memória tem uma representação popular marcante, particularmente por sua propriedade de tornar o passado presente. A evocação é a etapa de acesso ao material armazenado. (...) A memória autobiográfica é uma evocação episódica de datas, eventos e incidentes pessoais através do tempo e da relação espacial e temporal entre eles (...); ela é rica em imagens, tendo, portanto, uma importante qualidade visual. (...) A memória semântica é essencial para a evocação autobiográfica, graças à sua propriedade de integrar conhecimentos e formar laços com a simbologia particular.[209]

Desta forma, no que tange à paisagem verbal atual, o que se pode constatar é que volta e meia, em suas falas cotidianas, alguém lá da casa dos "enta" (depois dos quarenta) solta uma ´pérola´ sonora que as gerações mais novas ficam sem saber o que significa, quando não acontece da fala dos ´mais velhos´, do pessoal do ´tempo da azagaia´, a ´veiêra´, ser objeto de gozação, infelizmente.

---

[208] **Utensilagem mental** – conceito utilizado pelo historiador Lucien Febvre para se referir ao conjunto de mecanismos culturais e intelectuais (o pensamento, a linguagem, o sistema de percepção etc.), que é próprio de cada época, o que possibilita compreender os grupos sociais pelos utensílios e pela produção de conhecimentos de seus respectivos tempos.

[209] FRANK, Jean & LANDEIRA-FERNANDES, J. Rememoração, subjetividade e as bases neurais da memória autobiográfica. In: **Psicologia clínica**, vol.18, no.1, Rio de Janeiro 2006. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-56652006000100004&script=sci_arttext, consultado em 20 de outubro de 2017.

Este é, portanto, como já dito no início, um livro de história e memória, e um certo testemunho, cujo objetivo é deixar registrado um vislumbre da paisagem verbal existente em meados do século XX no Norte do Paraná, com ênfase no que foi observado na região de Capelinha/Nova Esperança.

4.1.1 Como os verbetes e expressões foram organizados e tratados[210]

E, aos poucos fui aprendendo que, além de forma, som e significado, as palavras têm gosto, cheiro, cor, textura e sentimento. Descobri, enfim, que as palavras falam, respiram. Que têm alma. Vida e alma. Nelson Cunha MELLO.[211]

A ordenação dos verbetes e expressões segue o modo de classificação alfabética normalmente adotado em dicionários e léxicos. Desta forma, na formatação destes elementos foram adotados os seguintes critérios:

1) as entradas (palavras ou locuções) expostas neste trabalho são grafadas em caixa alta e negrito. Ex.:

   AÇOUGUEIRO

2) as expressões idiomáticas são grafadas apenas com a inicial em caixa alta e são de dois tipos: aquelas que encerram verbos que se flexionam no interior das frases e aquelas que são sintaticamente autônomas. Ex.:

   Achar o ninho da égua. (eu *achei* o ninho da égua, eles tinham *achado* o ninho da égua);

   Um pé lá e outro cá.

   Agora Inês é morta.

3) nas pronúncias, quando a grafia for ambígua, elas são indicadas entre parênteses;

4) deu-se preferência ao ´jeito de falar´ em relação à forma ortograficamente correta, p. ex.: “bassora” ao invés de “vassoura”; “fórfi” ao invés de “fósforos”, “incurujar” ao invés de “encorujar”;

5) a categoria gramatical dos termos ou expressões é colocada em seguida à entrada e são grafadas em minúsculas e negrito;

6) as locuções substantivas foram tratadas como vocábulos;

7) se o verbete (entrada) apresentar sentidos divergentes, as respectivas definições serão numeradas. A descrição do sentido pode ser substituída por remissão a outra(s) entrada(s), indicada(s) esta(s) precedidas da letra **V.** (veja) em negrito;

8) as frases de exemplificação serão formatadas em *itálico*;

9) os comentários são precedidos da letra **C.** (comentário), em negrito e são feitos sobre o emprego do termo ou sobre a coisa a que remete;

10) as remissões a outro(s) verbete(s) são indicadas pela abreviatura **V.** (veja)**,** em negrito, seguida do(s) respectivo(s) verbete(s) grafados em minúsculas;

---

[210] Conforme formatação proposta por MERCER, José Luiz da Veiga.

[211] MELLO, Nelson Cunha. **Conversando é que a gente se entende**; dicionário de expressões coloquiais brasileiras. São Paulo: Leya, 2009. p. 19.

11) os sinônimos são indicados pela abreviatura **S. (sinônimo)** em negrito;

12) as variantes - formas de mesmo significado, relativas ao vocábulo de entrada -, são indicadas pela abreviatura **Var.** (variante), em negrito e são grafadas em letras minúsculas. Ex.: **CANJEBRINA s.f.** (...) **Var.** cajibrina, canjibrina;

13) O verbete poderá, ainda, conter as seguintes abreviaturas e símbolos:

adj.	–	adjetivo
adj.2g.	–	adjetivo uniforme em gênero
adj. s.m.	–	adjetivo e substantivo masculino
adv.	–	advérbio
conj.	–	conjunção
contr.	–	contração
interj.	–	interjeição
l.adv.	–	locução adverbial
l.prep.	–	locução prepositiva
l.pron.int.	–	locução pronominal interrogativa
l.s.	–	locução substantiva
num. card.	–	numeral cardinal
prep.	–	preposição
pron.	–	pronome, pronominal
pron. indef.	–	pronome indefinido
s.2g.	–	substantivo uniforme em gênero
s.f.	–	substantivo feminino
s.f.pl.	–	substantivo feminino plural
s.m.	–	substantivo masculino
s.m.2n.	–	substantivo masculino uniforme em número
s.m.pl.	–	substantivo masculino plural
suf.	–	sufixo
v.	–	verbo
v.pron.	–	verbo pronominal.

5 TERMOS E EXPRESSÕES USADOS NOS TEMPOS PIONEIROS

Eu quase nada não sei, mas desconfio de muita coisa. (...) O senhor solte em minha frente uma ideia ligeira, e eu rastreio essa por fundos de todos os matos. RIOBALDO.[212]

A, de **aventura**. Em relação à época do desbravamento do Norte do Paraná, nenhuma outra palavra tem o dom de tão bem traduzir o que ocorria nas frentes pioneiras que ocuparam o espaço daquela fronteira agrícola.

Incontáveis famílias se entregaram à sorte do clima e das circunstâncias. Em busca do "Eldorado" que as terras dessa região representavam no imaginário da época, os pioneiros enfrentaram desafios em lugares os mais ermos possíveis, e passaram necessidades as mais diversas e de todas as ordens.

Foram tempos promissores, um tanto difíceis, sacrificados para muitos, e dos quais ficaram lembranças, muitas lembranças. Dentre elas aquelas dos colegas de escola, muitos dos quais vinham à escola descalços, outros com roupas remendadas e exíguo material escolar.

A BANGU l.adv. Em grande quantidade, à vontade. *Na festa tinha comida a bangu. Deu mixirica a bangu esse ano. A turma que foi pescá lá no Panema pegô pexe a bangu.* **S.** a dar com pau, a miguelão, a rodo.

À BRINCA. l.adv. Parte da pergunta "à ganha ou à brinca", o que queria dizer se o jogo era apenas uma brincadeira ou se era jogo de aposta para ganhar/perder algo. *E daí fulano, o jogo é à ganha ô à brinca, se for à brinca num quero.* **C.** Geralmente esta era uma expressão utilizada no jogo de bola de gude onde as bolinhas colocadas em jogo podiam ser ganhas pelo adversário.

A casa caiu. Acontecimento de algo imprevisto, ocorrência de algum desastre ou problema. *Depois do baile a casa caiu, foi briga pra todo lado, um furdunço do capeta. Deu broca no cafezá do fulano e só dispois que a casa caiu é quele tentô salvá o resto dum istrago maior.*

A coisa tá preta. Algo complicado de resolver, situação de conflito, passar por dificuldade. *Fulano perdeu tudo no jogo de baraio e agora a coisa ficô preta prele. O caminhão incaiô no areião e a coisa ficô preta pro motorista*. **Var.** a coisa tá feia, a coisa tá ruça.

A DAR COM PAU l.adv. Em abundância, em grande quantidade. *O sítio dele tem mandioca e abóbora a dá cum pau. Choveu mais de duas hora seguida, caiu água a dá cum pau.* **S.** a bangu, a miguelão, a rodo. **Var**. a dá cum pau.

A DURAS PENAS l.adv. Com muita dificuldade. *Mesmo trabaiano o dia todo fulano conseguiu fazê o primário a duras pena. Sofreu feito condenado e foi a duras pena que sicrano abriu a mata e plantô o cafezal*. **S.** com muito custo.

A FERRO E FOGO l.adv. A sério, na marra, com violência. *Fulano leva os contrato dele a ferro e fogo. Sicrano meteu bala nos possêro e retomô suas terra a ferro e fogo. Se for por bem e na conversa é possível que o acordo saia da falação, mais se fô a ferro e fogo pode desisti do combinado.*

À GANHA. l.adv. V. à brinca.

A LA HOMEM l.adv. Corte de cabelo bem curto para mulheres. *Fulana cortô o cabelo a la homem, quem diria? Muié qui corta o cabelo quiném home, desconfia.* **C.** Foi moda em algum tempo lá pelos anos 1950. Seu uso era motivo de preconceito por ser visto como algo que não condizia com o modelo feminino da época. **Var**. a la home.

---

[212] RIOBALDO, personagem de ROSA, João Guimarães. **Grande sertão**: veredas. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988. p. 8.

A LEITE DE PATO l.adv. Sem aposta. *Jogaro a leite de pato a noite inteira, mais gastaro u´a nota preta em cerveja. Num gosto di jogá a leite de pato, é perca di tempo.*

A MIGUELÃO l.adv. Em abundância, com sobra, de qualquer jeito, feito com pressa. *Na festa do casamento tinha carne a miguelão. Casa feita a miguelão só pode dá nisso, tem gotêra pra todo lado.* **S.** a bangu, a dar com pau, a rodo.

A MUQUE l.adv. À força, com uso de força física. *Fulano só entregô a mercadoria a muque, e precisô a polícia mandá. Mesmo teno levado as coisa no muque sicrano num conseguiu nada do que queria.*

A PREÇO DE BANANA l.adv. Muito barato, uma pechincha. *Fulano comprô os tijolo da casa a preço de banana, o depósito de material tava fechano as porta. Sicrano acha que quano as coisa são vendida a preço de banana a gente tem que desconfiá porque tem algo errado.*

A QUE MATOU O GUARDA l. adv. Aguardente, cachaça, pinga, bebida forte. *Vamo tomá u´a que matô o guarda? Eis tavão cum frio do capeta e tomaro um bocado daquelas que matô o guarda.* **V.** abrideira, água-benta, água que passarinho não bebe, branquinha, canjebrina, goró, margosa, mata-bicho, mé.

A RODO l.adv. Em grande quantidade. *Fulano teve u´a boa safra de café, neste ano ele ganhô dinhêro a rodo. Sicrano colheu café a rodo, valeu cada centavo de adubo colocado na roça.* **S.** a bangu, a dar com pau, a miguelão.

A TROCO DE QUÊ l.pron.int. Por quê, para quê. *A troco de quê fulana saiu do emprego? Prumódiquê trocaro a diretora da escola?* **C.** Exprime surpresa com uma decisão. **S.** por mor de quê, prumódique. **Var.** a troco di quê, prumódique.

A vaca ir para o brejo. Degringolar a situação. *Vendeu o sítio prum picareta e só descobriu que a vaca foi pro brejo quano ele deixô de pagá as promissória. Só depois que o caminhão começô a atolá e que a vaca foi pro brejo é que o fulano decidiu consertá o carreadô.*

ABACAXI s.m. Problema, problema a resolver. *Fulano comprô o sítio numa quiçaça de dá pena e teve que enfrentá u´a montuêra de abacaxi pra colocá tudo em orde. Sicrano brigô co sogro e arranjô um baita abacaxi pra descascá*.

ABACAXI s.m. V. *descascar o abacaxi.*

ABANCAR v.pron. Sentar-se. *Abanque-se aí fulano, tá na hora do almoço, vem comê co´a gente. Depois de se abancá e fazê notá sua presença ele num falô nada.* **Var**. abancá.

Abarcar o mundo com as pernas. Tentar fazer algo além das possibilidades, querer quantidade excessiva de coisa. *Fulano faliu porque quis abarcá o mundo co´as perna. É isso que acontece quano alguém qué abarcá o mundo co´as perna e se ferra.* **Var.** abracar o mundo, abraçar o mundo com as pernas.

ABECÊ s.m. Abecedário, ler. *Vô mandá meu filho pá escola pra aprendê o abecê. Se nem o abecê ele sabe, então cumé que vai administrá o serviço da turma di pião.*

ABEIA-OROPA s.f. Abelha-europa, variedade de abelha (*Apis melífera ligustica*). **C.** De cor amarela e pouco agressiva, ainda existia como espécie pura à época de criação do município de Nova Esperança até a década de 1960, para depois, progressivamente, desaparecerem em consequência do cruzamento com as abelhas africanas, que deu origem às abelhas africanizadas.

ABELHUDO adj. Intrometido, enxerido. *Gente abelhuda que se intromete nus poblema dos otro só acaba mal. Aqui num é lugá pra abeiudo metê o nariz, cai fora.* **Var**. abeiudo.

ABISSURDO s.m. Algo superlativo. *A anta era um abissurdo de grande! O pão da dona fulana cherava que era um abissurdo.* **Var**. absurdo.

ABOBRA s.f. Abóbora. *No sítio do fulano tem muita abobra plantada. A comida da porcada do sicrano é feita cum farelo, bóbra e mandioca.* **Var**. bóbra.

ABOBRINHA s.f. V. falar abobrinha.

Abotoar o paletó. Morrer. *Fulano caiu do caminhão e abotoô o palitó. Sicrano levô treis tiro no peito e abutuô o palitó, foi p´as cucuia.* **Var**. abutuá o palitó.

Abraçar o jacaré. Se dar mal, enfrentar situação adversa. *Fulano dexô de adubá o cafezal e o resultado foi que ele acabô abraçano o jacaré, a safra minguô. Depois de abraçá o jacaré durante alguns anos, sicrano acabô se dano bem co prantio de argodão.* **Var.** abraçá o jicaré.

Abraçar o mundo com as pernas. Tentar fazer algo além das possibilidades, querer quantidade excessiva de coisa. *Fulano bem que quiz abracá o mundo co´as perna, mais a casa pegô fogo e ele amuô, desistiu de tudo. Sicrano achô que abraçá o mundo co´as perna era fácil, mais se enganô redondamente.* **Var**. abraçá o mundo cas perna.

Abracar o mundo. Tentar algo inviável de ser feito. *Fulano tentô abracá o mundo co´as perna e faltô grana para fazê a casa, agora a obra tá parada. Todo mundo que tenta abracá o mundo sem tê recurso pra isso acaba se dano mal*. **Var**. abracá o mundo.

Abraço de tamanduá. Gesto hipócrita, abraço de falso amigo, abraço de gente fingida. *No final do jogo todos se abraçaram, mais foi abraço de tamanduá, tudo coisa fingida. De abraço de tamanduá e bejo fingido eu já tô co´s picuá cheio.*

Abraço pro gaitêro. Deixar algo sem solução, não enfrentar problema surgido. *Depois da derrubada, o empreitêro mandô um abraço pro gaitêro, num pagô ninguém e deu no pé. Não conseguino acabá co´a praga no café, só restô ao fulano dá um abraço no gaitêro e dexá o bicho cumê.*

ABRIDEIRA s.f. Primeiro copo de cachaça a ser tomado. *Vamo tomá u´a abridêra e depois a gente papeia. De abrideira em abrideira eles acabaro ficano iguar gambá mamado*. **Var**. abridêra. **V.** água-benta, água que passarinho não bebe, branquinha, canjebrina, goró, margosa, mata-bicho, mé, que matou o guarda.

ABRINDO v. V. *qué qui tá se abrino?*

Abrir as pernas. Ceder em algo, facilitar que algo aconteça, permitir que algo se faça contra a vontade. *No final do jogo o time do fulano abriu as perna e tomaro u´a carrada de gol. Fulano tentô tocá o sítio por treis anos, mais a giada feiz ele abri as perna e desisti do negócio.*

Abrir mão. Desistir de algo, favorecer alguém por desistência de algo. *Fulano abriu mão de seu projeto de vida e foi trabalhá co pai dele. Por insistência do tio, sicrano abriu mão da herança em favor da mãe dele.*

Abrir o bico. Revelar o que deveria ficar em segredo, confessar. *O preso apanhô tanto que acabô abrino o bico e confessano até que num feiz. Se fulano num abri o bico a gente faiz um bom negócio, senão tá tudo ralado.*

Abrir os olhos. Começar a perceber, atentar-se para algo. *O sitiante disconfiô da proposta, abriu o zóio e evitô sê inganado pelo empreiteiro. O pai do fulano sempre dizia, abre os zóio co´esta gente, vê bem cum quem ocê anda.* **Var.** abri os zóio.

ABRIR v. 1. Derrubar a mata e limpar o terreno para instalar sítio ou fazenda. *Fulano demorô uns dois ano pra abri o sítio e formá o cafezal, mais valeu o esforço. Sicrano e meia dúzia de pião foi quem abriu o carreadô numa semana de trabalho.* **C.** *Abrir* remete particularmente à etapa de derrubada da mata. ▪ **v.pron. 2.** Rir muito, gargalhar. *Qué qui tá si abrino? Viu o canarinho verde?* **3.** Dar atenção fácil, sorrir. *Fulana fica se abrindo pru sicrano.*

ACABAR v. V. *é pra cabá.*

Acabar a força ou cair a força. Diz-se da situação em que ocorre queda de energia. *O baile nem tinha começado e ai caiu a força, ficô tudo no escuro. O motor do fulano pifô e então acabô a força.*

ACARCÁ v. Calcar, socar, encher, fazer pressão sobre algo, apertar/bater com força. *Fulano incarcô a molêra do sicrano cum pedaço de pau, que foi feio de vê. Pra sabê se o mamão tá maduro é perciso carcá ele e vê se tá mole.* **Var.** carcá, incarcá.

ACÊRO s.m. Roçagem ou limpeza dos limites de área a ser queimada para evitar que o fogo se alastre. *Fulano derrubô o mato, feiz o acêro e botô fogo. Por causa que fulano num feiz o acêro direito, o fogo acabô pegano no pastim dele e acabô cum tudo.* **Var**. aceiro.

Acertar a mão. Fazer algo certo, conseguir êxito, ter sorte. *Este ano fulano plantô algodão e acertô a mão, o preço tá muito bom. Desta veiz o fulano acertô a mão porque aguardô o café dá bom preço, só vendeu na alta.* **Var.** acertá a mão.

Acertar na lata. Fazer algo com precisão, dar um palpite certo. *Fulano disse que ia chovê e acertô na lata. Sicrano guardô o café pra vendê no final da safra e acertô na lata.* **Var.** acertar na mosca. **Var.** acertar na mosca, acertá na lata.

Acertar na mosca. Acertar algo com certeza, fazer algo bem feito. *Fulano acertô na mosca quano vendeu o sítio antes da giada. Sicrano acertô na mosca quano decidiu mudá de ramo de negócio.* **Var.** acertar na lata, acertá na mosca.

ACESO adj. Atento, irrequieto. *Aquele cara tá sempre aceso, presta atenção em tudo. O filho do fulano é aceso demais, é u´a criança que num dá folga pra mãe.*

ACESSO s.m. Desmaio, desfalecimento. *Fulana teve um acesso bem no meio da festa, foi um perereco pra acudi ela. Sicrano joga bola, mais todo mundo sabe que volta e meia ele tem um acesso no campo e aí é aquele perereco.*

Achar o ninho da égua. Achar muita graça de algo, rir muito. *Fulano achô o ninho da égua quano sobe que ganhô na rifa. A piada foi tão boa que riro como se tivesse achado o ninho da égua.* **Var**. achá o nin da égua.

Achar pelo em ovo. Procurar problemas inexistentes, procurar algo que não existe. *Ao invés de elogiá o trabalho dos pião, o sitiante só criticava e ficava achano pelo em ovo. De tanto sicrano procurá pelo em ovo ninguém queria trabaiá cum ele.* **Var.** achá pelo em ovo.

ACOCHAR v. Apertar. *Fulano acochô tanto o laço, que matô o bezerro por sufoco. Fulano tem a vida acochada, vive de papagaio no banco. Aí o tempo acochô e tivemo que trabalhá mais rápido.* **Var.** cochar.

Acordar com os galos. Acordar cedo. *Fulano acordô co´s galo, e o sol inda nem tinha levantado*. *Sicrano diz que gosta de acordá co´as galinha, diz ele que o dia rende mais.* **Var.** acordar com as galinhas.

AÇOUGUEIRO s.m. Médico que não se sai bem nas cirurgias ou que fazia mal o seu serviço. *Aquele médico é um açoguêro, me levô quase todo o dinhêro da coieta e minha muié num se curô. So cê ficá doente procura o dotor fulano, o resto é tudo açoguêro.* **C.** Em geral, esta pecha era utilizada de forma pejorativa para referir os médicos cuja fama, aparentemente, era de que estavam mais preocupados com ganhos financeiros que com a saúde dos pacientes ou, ainda, aos médicos profissionalmente mal afamados. **Var.** açoguero.

ACREDITO v. V. *num querdito que.*

ACUAR v. Encurralar animal ou pessoa, ir para cima da caça, latir para um animal. *O cachorro do fulano acuô duas cadorna ao mesmo tempo. Os cão do sicrano acuaro a onça em cima duma peroba no meio do mato.* **Var**. acuá.

ADJUTÓRIO s.m. Ajuda que se dá aos pobres ou à igreja. *Fulano é um cara bom ele sempre dá um adjutório pras festas da igreja. Beltrano tá co´a vida ralada, tá viveno de ajutório dos amigos e vizinhos.* **Var.** ajutório.

ADONDE adv. Aonde, onde. *Adonde cê pensa que vai? Eu vô adonde ele fô. Donde saiu essa conversa mole de que fulano tá falido?* **Var.** donde.

AFANAR v. Roubar, surripiar. *Fulano afanô a grana do sicrano e deu no pé. Beltrano deixô a portera aberta e afanaro dois boi do pasto dele*. **Var.** afaná.

Afogar o ganso. Ter relação sexual, masturbar-se (homem). *Quase toda semana ele ia à casa da Nésia afogá o ganso. Escondido e sem fazê baruio, fulano pulava o muro e ia afogava o ganso co´a vizinha.* **V.** bimbada, créu, pirocada, vuco-vuco, afogá u gansu.

Afogar o periquito. Praticar sexo. *Fulano precisa afogá o periquito pelo menos u´a veiz por semana. Depois de afogá o periquito lá na zona, sicrano vortô pra fazenda*. **Var**. afogar o ganso, afogá u priquito.

AFOGAR v. Refogar. *A comida era simples: arroz, feijão, frango e bobrinha afogada. Fulano gosta bastante de carne afogada cum quiabo ô mandioca.* **Var.** afogá.

AFORANTE prep. Exceto, salvo. *Aforante fulano, todo mundo conseguiu atravessá o corguinho. Todos os café dero bebida boa, aforante o que veio do sítio do sicrano.*

AGARRAÇÃO s.f. Abraço escandaloso, bolinação. *Fulano e sicrana foro pra tráis da igreja e foi aquela* agarração. *O pai da beltrana pegô ela numa* agarração *co namorado, foi um trendéu* só. **S.** amasso, frege. **Var.** agarro, garração.

AGARRO s.m. *Agarração. Fulano e sicrana sairo de fininho e ficaro no maior agarro lá na mata do Campestre. Beltrano pensa que toda moça só qué agarro, por isso é que ele se ferra e tem fama de sê besta.*

Agasalhar um croquete. Fazer sexo anal. *Fulana gostava de agasaiá um croquete, por isso era u´a das preferida lá na coreia. Agasalhá croquete é o que fulano gosta na vida, e nem se importa co´a falação dos otro.* **Var.** agasaiá u croqueti.

Agora Inês é morta. A situação é irreversível. *Agora Inês é morta, a massa do bolo desandô e num tem mais conserto. Num dianta chorá pitanga, agora a Inês é morta, a broca já atacô o cafezal do fulano.* **S.** agora já era.

Agora já era. A situação é irreversível, algo teve fim. *Fulano levô dois tiros no peito e agora já era. Beltrano feiz a bestêra de vendê seu sítio e agora já era, foi um mau negócio.* **S.** agora Inês é morta.

AGOURAR v. Desejar mal, olhar com maus olhos, dar mau agouro. *Num fica agorano que a massa do bolo desanda. De tanto agorá os trabaio do fulano, parece que sicrano tinha é inveja.* **Var.** agorá.

Água choca. Bebida fraca; cerveja que perdeu qualidade. *Essa cerveja tá u´a verdadêra água choca. Café fraco, caldo ralo e bebida choca num cumbina cum quem gosta de coisa boa.* **S.** *água de batata*.

Água de batata. Bebida de pouca consistência, bebida fraca. *Este café tá feito água de batata.* **S.** *água choca*.

Água de cheiro. Perfume. *Vô botá u´a água de chêro e i pra quermesse.* Fulano botô tanta água de chêro que até dava ingulho na gente. **C.** Expressão usada principalmente pelos nordestinos.

Água que passarinho não bebe. Cachaça. *Bota aí um gole de água que passarinho num bebe que é pra quentá o frio. Mió remédio pra friage é água que passarim num bebe.* **V.** água qui passarim num bebi, abrideira, água-benta, branquinha, canjebrina, goró, margosa, mata-bicho, mé, que matou o guarda.

ÁGUA s.f. V. água choca, água de batata, água de cheiro, água que passarinho não bebe, água benta, água-morna, balde de água fria, botar água no fogo, dar com os burros na água, estar que nem bosta n´água, hora da onça beber água, pau d´água, tirar água do joelho, verter água.

ÁGUA-BENTA s.f. Cachaça. *Fulano tomô muita água-benta e agora morgô. Sicrano gosta de tomá água-benta Oncinha ô Tatuzinho.* **V.** abrideira, água que passarinho não bebe, branquinha, canjebrina, goró, margosa, mata-bicho, mé, a que matô o guarda.

AGUADA adj. **V.** mulher aguada.

ÁGUA-MORNA s.f. Pessoa indecisa, chata, sem opinião. *Fulana é u´a água morna, num se decide sobre coisa alguma. Qué conhecê u´a pessoa água-morna fala co´a irmã do fulano.*

AGUAR v. Regar, molhar, borrifar água. *Dona fulana agoa a horta todo dia de manhã. O nenê aguô o colo do pai dele. Dona sicrana agoa as roupa pra podê quará direito.* **Var.** aguá.

Aguentar as pontas. Segurar a barra, suportar algum problema ou contrariedade. *Fulano foi forte quano o pai faleceu, foi ele que aguentô as ponta no sítio. Sicrano enfrentô o problema e aguentô as ponta até o fim.* **Var.** aguentá as ponta, aguentar o rojão, aguentar o tranco, aguentar o batidão.

Aguentar o rojão. Suportar alguma dificuldade, enfrentar desafio. *Ele teve de carregá o caminhão de café sozinho, mais aguentô o rojão até o fim.* **Var.** aguentá u fuguete, aguentar as pontas, aguentar o batidão, aguentar o tranco.

AJUNTADO adj. Amancebado, amigado. *Fulano se ajuntô co´a fulana e tão muito felizes. Cicrana e beltrano tão ajuntados contra a vontade das famílha*. **V.** ajuntar os trapos.

Ajuntar os trapos. Casar, morar juntos. *Fulano e sicrana vão ajuntá os trapo, o casório vai sê no mês de maio. Beltrano tá alumiano a cabeça pra decidi se vai juntá os trapo co´a noiva dele.* **Var.** ajuntá us trapo, juntar os trapos. **V.** ajuntado.

AJUTÓRIO s.m. Adjutório. *Fulano sempre dá um ajutório pros pobres e também para a quermesse da Igreja.*

ALÇAPÃO s.m. Armadilha para pegar pássaros, na forma de pequena gaiola com tampa armada com gatilho. *Fulano gostava muito de caçá passarinhos cum alçapão*. *Arçapão só pega passarim piqueno, arapuca dá pra pegá us maior.* **V.** arapuca, arataca.

ÁLCOOL s.m. V. arco, tarco ou verva.

ALEMOA s.f. Mulher loura. *Fulano tem duas filha, u´a quase negrinha e a otra era meio alemoa. A alemoa que veio lá de São Paulo virô empregada na casa do sicrano.*

ALMOFADINHA s.m. Homem vestido com elegância, em estilo fora de moda. *Fulano, cum aquele jeito de se vestir, é um verdadêro almofadinha. Exceto o almofadinha do sicrano, os demais da turma tava tudo na estica.* **Var.** armofadinha.

ALPERCATA s.f. Alpargata. **C.** Calçado de pano com sola de fibra, de baixo custo, bastante utilizado pelo seu conforto. Era produzido pela São Paulo Alpargatas. Também eram assim chamadas as sandálias de couro usadas pelos nordestinos. **S.** *mata-cachorro, pé de cachorro, comequeto, comequieto, chupa-poça*. **Var.** alpragata, alprecata, paragata, pargata, precata. **V.** sete-vidas.

ALUMIAR v. Iluminar, dirigir a luz para algum ponto ou direção. *Fulano, alumia aqui presse lado. Dispois qui alumiaro a esquina do posto ai intão ficô mais fácir di fazê manobra. Alumeia aqui que pra lá num dianta nada.* **Alumiar as ideias.** Pensar melhor, ter alguma ideia. *Tô confuso, preciso de um tempo pra alumiá as ideia.* **C.** No presente do indicativo, apresenta a forma *alumeia*. **Var.** alumiá.

ALVAIADE s.m. Pó branco com que se prepara tinta aplicada em calçado. **C.** Usado para pintar os tênis para o desfile escolar de 7 de setembro. Não raras vezes os sete-vidas da Alpargatas, de cor azul, eram pintados de branco com alvaiade para que ficasse de acordo com o uniforme padão adotado pela escola.

AMA suf. Grande quantidade: *dinherama*. **C.** Tem variante *–arama*: *gentarama* (muita gente).

AMANCEBADO adj. Que vive maritalmente sem estar formalmente casado. *Fulano tá amancebado cum cicrana já faiz déiz anos*. *Sicrano é a vergonha da família, tá amancebado cum aquela vagabunda faiz um tempão.* **S.** *ajuntado, amigado*. **V.** amancebar.

AMANCEBAR v.pron. Viver maritalmente sem estar formalmente casado. *Fulano amancebou-se cum fulana.* **Var.** amancebá. **V.** ajuntado, amancebado.

Amanhecer com a boca cheia de formiga. Falecer por assassinato, morrer por alguma causa. *Ninguém sabe quem foi, mais o fulano amanheceu co´a boca cheia de formiga. Peão que num concordasse co´as condição do dono das terra podia acabá co´a boca cheia de formiga.*

AMARELÃO s.m. Maleita, impaludismo. *Ele pegô amarelão e tremia o dia todo. Fulano foi pescá nos banhado da fazenda do italiano e acabô pegano um amarelão dos bom.*

AMARELAR v. Ficar com medo, desistir de algo. *Na hora do vamo ver, fulano amarelô e desistiu do jogo. Roncá papo até que ele ronca, mais na hora da onça bebê água ele amarela.* **Var.** amarelá.

AMARELO adj. V. *nem choro, nem vela, nem fita amarela; papo amarelo.*

AMARFANHADO adj. Machucado, amarrotado, maltratado. *As asa da borboleta assim que sai da casinha fica tudo amarfanhada. O vestido dela ficô amarfanhado. Fulano levô um soco na cara e ela ficô amarfanhada.*

AMARGOSO s.m. Capim cujo talo, uma vez seco, era fornecido nos bares como canudinho de refrigerante. **C.** Algumas crianças comiam a parte inferior do talo, que tinha um gosto levemente adocicado. **Var.** margoso.

Amarrar a cara. Mostrar-se emburrado, desgostoso ou insatisfeito. *Depois que perdeu no jogo, ele amarrô a cara pelo resto da noite. Basta a sogra visitá fulano por alguns dia que ele amarra a cara cum todo mundo.* **Var.** amarrá a cara.

Amarrar os bodes no mesmo pasto. Chegar a um acordo. *Fulano e sicrano nunca amarraro os bode no mesmo pasto*. *Sicrano e o cunhado nunca amarraro os burro na mesma sombra*. **Var**. amarrá o bode, amarrar o burro, amarrar o jegue.

Amarrar o burro. Ficar com raiva de alguma coisa, demonstrar contrariedade com algo. *Vendo que a sogra amarrava o burro por qualquer coisa, fulano tinha que tê muita paciência cum ela. Basta apenas algum contratempo pra sicrana amarrá o burro pelo resto do dia.* **Var.** amarrá o burro.

AMARRAR v. V. toco de amarrar bode.

AMASSO s.m. Agarração. *Fulano deu uns amasso na fulana no escurinho da varanda. Sicrano tentô dá um amasso na beltrana e levô u´a chulapada nas venta.*

AMEAÇO s.m. Ameaça. *O temporal só foi ameaço, caíro uns pingos aqui, outros lá e só foi pra ispantá a puera.*

AMENHÃ adv. Amanhã. *Amenhã fulano ficô di levantá cedo pra gente sai de viage. Sicrano ficô de pagá a gente aminhã, mais acho que isso é páia*. **Var.** aminhã.

AMERICANA s.f. Bola de gude colorida, geralmente com manchas lineares e riscos coloridos. **V.** batatão, birosca, bol de gude, burca, carretão, cascuda, cebolão, jogadeira, piolho.

AMIGADO adj. Amancebado. *Fulano tá casado cum fulana, mais tá amigado cum sicrana, isso é muita falta de vergonha na cara. Sicrano é muito cara de pau: a amiga mora perto da casa da muié dele.*

Amigo da onça. Pessoa não confiável, sacana, traiçoeira, falsa, que prejudica os amigos. *Fulano confiô no compadre que foi o maior amigo da onça, só deu prejuízo pra ele. Sicrano é um baita amigo da onça, num dá pa confiá nele*. *Num dá pra confiá em gente amigo da onça. Fulano se ferrô porque só tinha amigo da onça, só um e otro da sua turma era amigo de verdade.* **S.** amigo urso.

AMOITADO adj. Escondido. *Fulano ficô amoitado esperano a chuva passar. Feiz bestêra grossa e teve que amoitá um bom tempo, se desse as cara morria.* ***V.*** amoitar.

AMOITAR v. Esconder, retirar-se. *Se aparecê algum perigo o negócio é moitá e se fazê de morto. Depois de quebrá milho pro coroné da região foro se amoitá lá pras banda do Panema.* **Var.** amoitá, moitar. **V.** *amoitado.*

AMUADO adj. Emburrado, cansado, desanimado, de cara amarrada. *Fulano feiz mau negócio e ficô amuado o dia inteiro. Enquanto sicrano tivé amuado é bom nem falá em negócio cum ele.*

ANARFA s.2g. Analfabeto, ignorante. *A vila tá cheia de anarfa que se põe a gente grande. Vá se anarfa assim lá no raio que os parta.*

ANDANDO v. V. *cagando e andando.*

Andar com a cabeça nas nuvens. Estar distraído, desatento, sem prestar atenção ao que faz. *Fulano anda cum a cabeça nas nuve e perde boas oportunidade de negócio. Sicrano vive seno chamado de tonto porque anda co´a cabeça nas nuve*. **Var.** andá co´as cabeça nas nuve.

Andar de fasto. Andar para trás, dar para trás. *Fulano andô di fasto e caiu no buraco. A vida de sicrano é um disispêro, nada dá certo, só anda de fasto.* **Var.** andá de fasto, andar des costas.

Andar na linha. Agir de forma correta, pessoa que evita cometer erros ou falhas, pessoa confiável. *Fulano merece respeito porque sempre andô na linha. Anda na linha que ninguém vai te incomodá*. **Var.** andá na linha.

Andar na pinta. Trajar-se bem. *Fulano só anda na pinta, mais tá podeno porque tem muito dinheiro. Sicrano até que tentô andá na pinta, mais num tinha grana pra aguentá essa vida*. **Var.** andá na pinta, andar na estica.

Andar nas nuvens. Pessoa que não presta atenção no que faz, pessoa desatenta, distraída. *É duro dependê do fulano, ele tá sempre co´a cabeça nas nuve. Se beltrano num andasse co´a cabeça nas nuve a colheta dele podia já te sido feita antes da chuvarada.* **Var.** andá nas nuve, andar com a cabeça nas nuvens.

Andar para trás. Regredir, perder algo de valor. *Depois da geada ele só andô pra trais. De tanto andá pra trais passaro a chamá ele de caranguejo.* **Var.** andá pra trais.

ANÉM interj. Expressão de repúdio, recusa, desagrado. *Foi fulano quem num quis i ao baile, aném, num me enche os pacová. Anem, combinado é combinado, agora cê quê fugi da raia?* **C.** É forma abreviada de ah, nem vem: *Ah! Nem vem que num tô nem aí.*

Angu de caroço. Confusão, bagunça. *Distribuíro senha pra todo mundo e aí foi aquele angu de caroço.*

ANILAR v. Colocar alvejante nas roupas de molho. *Primêro dá u´a esfregada e depois tem que anilá a roupa.* **C.** Anil é marca comercial de um alvejante. **Var.** anilá.

ANIMAL s.m. Pessoa com capacidade especial. *Fulano é um animal no trabalho. O animar do fulano é u´a besta quadrada, se num podia cumpri o que acertô, por que aceitô o serviço?* **Var.** animar. **V.** *eita animar, animar de teta.*

Animar de teta. Idiota, bobo, pessoa sem noção. *Ô animar de teta, quem te pediu pra fazê isso ai? Fala pro animar de teta do teu cunhado que num quero negócio cum ele.* **Var.** animal de teêta.

ANJO s.m. 1. Criança morta, especialmente quando colocada no caixão de defunto. *O anjo foi enterrado à tarde.* **2.** Tratamento carinhoso. *Fulano, faiz u´as comprinha para mim quano você fô pra vila? Você é um anjo, muito obrigado pelo favor.*

Ano atrasado. Ano anterior. **Ano retrasado.** Penúltimo ano. *Ano retrasado a coiêta foi boa, ano passado nuo foi e esse ano vamo vê o que vai dá.*

ANSIM adv. Assim. *Ansim que anoiteceu, a onça começô a esturrar. Fulano é um sujeito ansin, ansim, dá pra confiá nele, mais não muito.*

ANTA s.f. Pessoa sem inteligência, estúpida, desatenciosa. *Aquele cara é u´a anta, nem sabe onde mora. Sicrano é u´a anta, só falta cai de quatro*. *Só seno anta pa cai na conversa do beltrano.*

ANTONCE adv. Então. *Antonce, vamo simbora pra casa?*

ANTONTE adv. Anteontem. *Antonte o fulano chegô de mudança. Antonti choveu, hoje feiz sol e aminhã num sei cumo vai sê. Tresontonti o cumpadre veio na minha casa, de hoje a oito dias eu vô na casa dele.***Var.** antesdonte, antisdonte, antes de ontem, ontionte, ontonte.

ANU s.m. Ave bastante comum nos capoeirais, pastos e beiras de córregos, de que há duas variedades, o anu preto e o anu branco. **C.** Era crença que o pó do bico de anu preto torrado, se jogado sobre uma mulher, a tornava dócil àquele que usou deste artifício e teria desejo de ter relação sexual com ele. **Var.** anum.

AO DEUS DARÁ l.adv. Abandonado, largado. *Depois que fulano se mudô o sítio dele ficô ao deus dará. Sempre que as coisa são dexada ao deus dará, tudo vai de mal a pior.*

AO PÉ DA LETRA l.adv. De forma exata, com precisão. *Fulano executô a ordem ao pé da letra*. *Se sicrano tivesse feito o serviço ao pé da letra, conforme o combinado, ele já teria acabado a empreita.*

AO PÉ DO OUVIDO l.adv. Em tom baixo, sussurrando. *Eles tivero um conversa ao pé do ouvido; ninguém escutô o que disseram.* **V.** andar de orelha em pé.

AOS TRANCOS E BARRANCOS l.adv. De qualquer jeito, na marra, a força. *A construção da estrada foi feita aos trancos e barrancos. Ele nunca teve muita sorte na vida, tudo o que conseguiu foi aos trancos e barrancos.*

Apagar o pito. Parar de fazer arte, de fazer bagunça, ficar quieto. *Fulano, apaga o pito, vai dormir. Depois de levá uns cascudos do pai ele apagô o pito e se escafedeu.* **Var.** apagá o pito, apagar o cachimbo, sossegar o pito. **V.** *pito.*

APAGAR v. Matar, assassinar. *Fulano apagô o cara cum dois balaços de cartucheira. Sicrano quase foi apagado quano robaro a grana dele. Numa briga de bar beltrano apagô a vida do amigo.* **Var.** apagá.

APARIÇÃO s.f. Fantasma, assombração. *A aparição deixô todo mundo assustado. Fulano tá tão magro que até parece aparição. Dizem que na cemitério velho teve gente que viu aparição.*

APARTADO adj. Separado. *Fulano e sicrana vivem apartados. Depois de apartá as vaca de leite e fulano demorô pra vortá pra casa.*

APARTAR v. Separar. *Fulano apartô as vaca e os bezerro. Sicrano apartô a briga e num dexô ninguém se machucá.* **Var.** apartá.

APEAR v. Descer de algo, de um cavalo, de um veículo, de uma árvore. *Apeia dai cumpadre e vamo trocá um dedo de prosa, o cavalo tá cansado. Fulano apeô do cheba antes dele pará e foi um tombo feito. O galho quebrô e sicrano apeô na marra.* **Var.** apiá, apiar.

APERREADO adj. Aborrecido, insatisfeito, incomodado, inquieto, nervoso, preocupado. *Fulano ficô aperreado cum o tratamento recebido. Sicrano perdeu a hora de saída dos amigos pra pescaria e ficô muito aperreado. Quano o colono viu que foi passado pra tráis ele ficô muito aperreado. Aperreado e amargano da derrota o time do sicrano enfiô a viola no saco e escafedeu do campinho*.

APERREAR v. Encher o saco, incomodar. *Não me aperreia porque tô sem paciência hoje.* **S.** apoquentar. **Var.** aperreá.

Apertar os ossos. Cumprimentar apertando fortemente as mãos. *Após a vitória, apertaro os ossos e foi todo mundo pra festa. Depois de fechado o negócio eles apertaro os ossos.*

APERTO s.m. Falta de dinheiro. *Os professor tão no maior aperto, porque ainda num recebêro o salário do mês trasado.*

APIALAR v. Passar a peia (corda ou laço) em algum animal para segurá-lo ou derrubá-lo. *Fulano deu u´a pialada no porco que ele nem se mexia. Depois de apialá as perna da vaca aí sicrano pode tirá o leite.* **Var.** apialá.

APINCHAR v. Jogar, botar fora, despejar. *Ele apinchô os trem da muié na rua e tocô todo mundo pra fora. Fulano se apinchô morro abaixo. Fulano pinchô os resto de comida no rio. Deu os cinco minuto de bobêra e ele pinchô tudo o que tinha pela janela. Fulano pula pra riba, se apincha e marguia n´água.* **Var.** apinchá, pinchar.

APLIQUE s.m. Bordado feito com retalho de pano costurado sobre outro tecido. *O vestido da fulana tinha vários apliques. Dona Valda é u´a artista do corte e costura, sabe fazê aplique como poucas.*

APODÁ v. Podar. Ultrapassar um veículo ou alguém. *Fulano apodô o caminhão de café e quase perdeu a direção. Quase no finzinho da corrida, sicrano apodô beltrano e chegô em primêro lu*gar.

APOQUENTAR v. Aborrecer. *Não me apoquenta porque já me incheu o saco. Esse tipo de coisa me dexa apoquentado, num gosto não.* **S.** apoquentá, aperrear.

APORRINHAÇÃO s.f. Encheção de saco, molestamento. *Deixa de aporrinhação, vai fazê o teu serviço, ô chato*. *Vá aporrinhá o padre, se num tivé otra coisa pra fazê.*

APORRINHADO adj. Irritado, nervoso, de mau humor. *Fulano foi contrariado na reunião e ficô todo aporrinhado. De tanto ficá aporrinhado sicrano acabô teno um ataque do coração.* **Var.** apurrinhado. **V.** aporrinhação.

Aprender as letras. Ser alfabetizado. *Fulano mandô os fio dele pra escola preles aprendê as letra. Quem num sabe as letra vai trabaiá no cabo da inxada.* **Var.** aprendê as letra.

APURADO adj. Com pressa, apertado, precisando fazer as necessidades. *Abre a porta, que eu tô apurado. Fulano tava tão apurado que num deu tempo de fazê no mato, foi pelas perna abaxo. Se Beltrano não tivesse apurado o passo, tinha perdido a carona.* **V.** apurar.

APURAR v. Apressar. *Apura o passo, senão a gente num chega no horário. Fulano vive apurado, tamém ele pega tudo quanto é serviço que aparece.* **Var.** apurá. **V.** apurado.

AR s.m. **V.** tomar um ar, ar do dia.

AR DO DIA s.m. Amanhecer, alvorecer. *Fulano levanta cum o ar do dia e vai dormi cum o ar da noite. É no ar do dia que os nambu chororó pia mais forte.* **Var.** ar da noite.

ARAGEM s.f. Sufoco. Passar uma aragem**.** Estar ou em situação de apreensão ou medo. *O barco virô e os pescadô passaro u´a arage dos inferno.* **Var.** arage.

ARAME s.m. **V.** cortar arame.

ARAPUCA s.f. 1. Armadilha para pegar pássaros, de forma piramidal, feita com tocos roliços ou lascas de madeira e armada com arame ou embira. **V.** alçapão, arataca. **2.** Engodo, engano, lugar de mutreta. *A venda de ações da fábrica de farinha de milho foi u´a verdadêra arapuca.*

ARARA s.f. V. cagado de arara, pau-de-arara.

ARATACA s.m. 1. Armadilha para capturar animais, arapuca. *O sitiante armô algumas arataca no mato e caçô duas paca.* **V.** alçapão, arapuca. ***2.*** Nascido no Norte do Brasil, nortista. *Fulano é um arataca dos bão, veio lá de Cabrobó, é um cabra da peste de ligêro.* **C.** Geralmente este termo era usado em sentido pejorativo em relação aos nordestinos.

ARCO s.m. Álcool. Elemento de *arco, tarco ô verva?* **C.** Era a fórmula utilizada pelos barbeiros da época para saber a preferência do freguês por pós-barba, se álcool, talco ou Água Velva. **V.** do arco da velha.

ARDIDO adj. V. criança ardida.

ARDUME s.m. Ardência. *Tomô sol o dia todo, aí foi aquele ardume nas costa. Essa pimenta vermelhinha tem maior ardume que aquela mais verdinha.*

ÁREA s.f. Varanda da casa. *Dona fulana tem um bocado de vaso cum planta na área da frente. Bem que o sicrano podia ter feito uma área maior na casa dele.* **C.** A varanda podia localizar-se na frente como nos fundos da construção.

AREAR v. Polir utensílios de cozinha para dar brilho ou limpar. *Fulana areava suas panela, que elas ficava feito um espelho. Sicrana ariava as panela cum areia, mais a comadre dela usava vinagre e sal.* **C.** Em geral, utilizava-se areia fina de rio para arear as panelas de alumínio, daí o nome arear. **Var.** ariá, ariar.

AREIÃO s.m. Trecho de estrada ou caminho situado nas partes mais baixas dos terrenos, no qual se depositava a areia, formando atoleiros para os veículos. **C.** Bastante comuns, eram particularmente temidos aqueles próximos ao atual Clube Campestre Capelinha e os da estrada para Barão de Lucena. Mas eram bastante comuns.

ARIADO adj. Polido. *Depois que dona fulana ariô as panela cum areia de rio, elas ficaro brilhando.* **V.** areado.

ARIBU s.m. Urubu. *Fulano perdeu tudo no jogo, tá cagado de aribu. Quano o cara tá azarado, o aribu de baixo caga no de cima.* **Var.** orubu.

ARIGÓ s.m. Bobo, tonto. *O arigó do meu companhêro num acertô u´a jogada, perdemo todas as partida. Dexa di sê arigó o troxa, num vê que ela num qué nada cocê?.* **V.** bocó, cabeça de porongo, mocorongo, mondrongo, paiaguá, pato, tongo, zureta.

ARMADO adj. V. barraca armada.

Armado até os dentes. Preparado para enfrentar algum problema ou desafeto, enfrentar situação de desavença ou conflito. *Fulano só teve corage de entrá na terra dele depois de tá armado até os dente e acompanhado de uns treis capanga. A luta dos caboclo contra os possêro era desigual porque os possêro tava armado até os dente.*

Armar chuva. Nuvens carregadas ameaçando chover. *Oi cumpadre parece qui tá armano chuva. Fulano me disse que faiz mais de um mêis qui num arma chuva presses lados. Parece que tá armano chuva lá pros lado de Uniflor.* **Var.** armá chuva.

Armar um barraco. Provocar briga, fazer confusão, arrumar encrenca, discutir acaloradamente. *Fulana armô o maior barraco quando sobe da amante do marido. Sicrana armô um barraco quando robaro as galinha dela. Sicrano enche a cara e depois fica armano barraco por qualquer bestera.* **Var.** armá barraco.

ARRANCAR v. Sair, escafeder. *Fulano montô no cavalo, meteu a espora no bicho e se arrancô da venda, senão levava chumbo. Foi só sicrano chegá na festa que um bocado de gente se arrancô de lá. Se arranca daqui, disse o pai do beltrano ameaçano ele cum a cinta.* **Var.** arrancá.

Arrancar o couro. Explorar o comprador na venda, vender muito caro. *Fulano deixô de comprá na venda porque eles arrancava o coro da freguesia. Sicrano arrancô o coro do beltrano na venda dos animar, bicho masomeno por preço alto.* **Var.** arrancá u coro.

ARRANCA-RABO s.m. Briga feia, pancadaria, confusão. *Não concordaro cum a divisão da herança e aí ocorreu um arranca-rabo entre os herdeiro. De arranca-rabo em arranca-rabo a famiage toda se mudô pra otro sítio.*

ARRANCA-TOCO s.m. Tecido de brim duro, geralmente listrado. *No trabaio da roça só o que guenta é o brim arranca-toco.* **C.** Considerado tecido de pobre, de peão, aguentava trabalho duro, mas encolhia bastante na primeira lavada. **V.** farvest.

ARRANJADO adj. Em má situação. *O carro quebrou, agora tô arranjado. Se eu num consegui empréstimo no banco aí eu estarei arranjado, tem peão pra pagá e tô sem grana.*

ARRASTADO adj. Diz-se do tempo que parece não passar. *Hoje o dia tá arrastado*. *O dia tava muito quente e a espera da jardinêra parecia que as hora tava se arrastano.* **V.** de arrasto.

ARRASTA-PÉ s.m. Baile em geral, em especial baile em terreiro. *Trabalharo o dia todo e depois teve um arrasta-pé que foi até de madrugada. O casamento do fulano teve churrasco, maionese e depois, até o dia raiá, um arrasta-pé cum sanfonêro e tudo.*

Arrastar a asa. Aproximar-se de alguém com intenção amorosa, paquerar. *Fulano ficô arrastano a asa pela fulana a noite inteira. De nada adiantô fulano ficá arrastano a asa pra fia do fazendêro, ele nem prestô atenção nele.* **Var.** arrastá a asa.

ARRASTO s.m. De arrasto. Lentamente, aos poucos. *Este ano parece que vai de arrasto. Quano o serviço é duro parece que o tempo num passa, o dia vai de arrasto.* **V.** arrastado.

ARRE interj. Arre égua. Expressão de admiração. *Arre égua! Deu 100 sacas por alqueire! Arre égua! Mais tá muito caro o preço do porco. Arre égua cumpadre, eita pinguinha boa sô.*

ARREBENTA-PEITO s.m. Cigarro feito de fumo ruim, cigarro barato. *Me dá um maço de arrebenta-peito que tô cum poco dinheiro. De tanto fumá rebenta peito, fulano acabô co´s purmão dele.* **V.** pitar.

Arrebitar o nariz. Desdenhar, orgulhar-se. *A fulana vive de nariz arrebitado e num fala cum pessoas humilde. Eu num gosto da sicrana, tem rei na barriga e nariz arrebitado.* **Var.** arrebitá u nariz.

Arregaçar as mangas. Iniciar algum trabalho, estar disposto a trabalhar. *Fulano sempre foi u´a pessoa que arregaçô as manga na hora de fazê a colheta. Sicrano num é pessoa de arregaçá as manga.* **Var.** arregaçá as manga.

ARREGAÇAR v. 1. Arrebentar, desmontar, destruir, acabar. *O caminhão caiu da ponte e arregaçô a cabine intera. Fulano arregaçô a cara do sicrano naquela briga. O vendaval veio e arregaçô boa parte do cafezal do sicrano*. **2.** Fazer algo extraordinário, fazer bonito. *Fulano montô o touro e arregaçô. Sicrano foi caçá e arregaçô de tanta rolinha que caçô. Ela foi cantá na rádio e arregaçô, deu o que falá pra semana intêra.* **Var.** arregaçá.

ARREGANHADO adj. **V.** *mais arreganhado que mala de mascate.*

ARREGANHAR v. Abrir inteiramente algo, mostrar o interior, mostrar-se, oferecer-se. *Fulano arreganhô a porta e deixô passá todo mundo. Sicrana arreganhô os dente e sorriu pro noivo. Beltrana se arreganhô toda quereno só aparecê. Fulana arreganhô as perna pro fulano e acabô perdeno a virgindade.* **Var.** arreganhá.

ARREGO s.m. **V.** pedir arrego.

ARREIO s.m. **V.** *deitar com o arreio.*

ARREMEDAR v. Imitar, gesticular como a outra pessoa. *Fulana arremeda o prefeito direitinho; ela é muito engraçada.* **C.** Geralmente se arremeda como chiste, troça, gozação. **Var.** arremedá, remedar.

ARRETADO adj. Bom, de boa qualidade. *Aquele é um cara arretado; joga bola muito bem! Cavalo arretado, siô, deve valê u´a nota preta.*

ARRETADO adj. Valente, competente, ligeiro. *Eita cabra arretado, ninguém doma cavalos como ele. Fulano deu conta do serviço na metade do tempo, é um cabra arretado.*

ARRIADO v. Cansado, molenga, sem forças, sem vontade. *Fulano ficô arriado de tanto carregá pedra pra fazê o açude. Sicrano já num aguenta trabaiá, fica arriado cum quarqué servicinho.*

ARRIBA adv. Acima, por cima, em cima. *O fogo subiu morro arriba e comeu o pasto todo. Sicrano matô dois jacu enrriba duma peroba.* **Var**. enriba.

ARRIBAR v. 1. Levantar algo, ter ânimo, estar pronto para ação. *Fulano arribô assim que foi chamado. Sicrano arriba mais cedo que todo mundo. Beltrano sempre está arribado quano se trata de ajudá as festa da igreja.* **2.** Levantar voo, sair de algum lugar. *Fulano arribô co´a familha e foi plantá café em otra região. As pombinha arribaro antes que sicrano pudesse armá a cartuchêra.* **Var.** arribá.

ARRODEAR v. Andar próximo, ficar à volta, andar no entorno de algo. *Deixa de arrodeá fulano, chega logo. Sicrano ficô arrodeano a casa até que todos saíram, aí ele entrou.* **Var.** arrodeá.

ARROZ DE FESTA s.m. Pessoa que está em todas as festinhas, frequentador contumaz. *Fulano é um verdadêro arroiz de festa nos casamentos da região, num perde um, nem que seja de bicão. A fulana é muito arroiz de festa, nem precisa convidar.* **Var.** arroiz de festa.

ARROZ S.M. V. pó de arroz.

Arrumar sarna pra se coçá. Procurar problemas, arranjar encrenca, provocar alguém. *Fulano, quano num tem o que fazê procura sarna pra se coçá. Sicrano toma u´as e otras e sempre arranja sarna pra se coçá.*

ARRUMAR v.pron. Dar-se bem. *Fulano trabalhô bastante e até sacrificô a familha, mais conseguiu se arrumá na vida.* **Var.** arrumá.

ARTISTA s.2g. Pessoa que usa da inteligência para levar alguma vantagem ou passar os outros para trás. *Fulano é um artista, conseguiu passá a lábia na professora e ganhá mais um ponto sem fazê prova.*

ARVE s.f. Árvore. *Prantei u´as arvinha, agora oia só a arvona que deu. Fulano plantô duas arvinha em frente à casa dele. O cafeêro é u´a arve que dá fruta vermeia.* **C.** São derivados arvinha e arvona.

ÀS CARREIRAS l.adv. Depressa, rapidamente. *A polícia chegô e ele saiu às carreiras. Fulano deu um carrerão no sicrano que ele sumiu no meio do cafezal.*

ÁS DE COPAS s.m. Ânus. *Vai tomar no ás de copas.* **V.** busanfã, fiofó, lordo, roscófi, toba, xibiu.

ÀS DIREITAS l.adv. À direita. *Primêro cê vira às esquerda, depois às direita e segue reto que vai da lá.*

ÀS ESQUERDAS l.adv. À esquerda. *Primêro vira às esquerda, depois às direita e vai em frente.*

ÀS PAMPAS l.adv. Grande quantidade ou volume. *No sítio do fulano tinha melancia às pampas. Tinha gente às pampa no comício do candidato a prefeito.*

ASA s.f. V. arrastar a asa.

ASMEIA l.adv. Pela metade, meio a meio, às meias. *Fulano pegô o plantio de mio de asmeia cum sicrano. Só vale a pena pegá a empreita se a coieta for de asmeia*.

Assanhar as lombrigas. Provocar vontade de comer, estimular o desejo de alguém. *Bastô colocá o pão na mesa para que as lombriga ficasse assanhada. O chêro dos doce da dona Maria assanha as lumbriga de qualqué um.* **Var.** assanhá as lumbriga, assanhá as bicha.

ASSUNTAR v. Prestar atenção, pensar sobre algo, cuidar, vigiar, escutar. *Ele ficô assuntano para vê onde o nambu tava piano. Depois da bronca ele ficô assuntano sobre o acontecido. Bastava assuntá no que se passava pra sabê a hora de cai fora. O peão ficô assuntano o carrêro para vê se passava algum bicho por lá.* **Var**. assuntá.

ATAIAR v. Atalhar. *Ataiei o caminho e cheguei mais rápido. Se for pela bera do rio ocê ataia o caminho, se for pelo carreadô vai demorá pra dedéu.* **Var.** ataiá. **V.** ataio.

ATAIO s.m. Atalho. **V.** ataiar.

Ataque de bicha. Ficar nervoso, exasperado. *Fulano atucanô a vida do sicrano até ele tê um ataque de bicha; perdeu o amigo. Sicrana ficô tão nervosa cum a prova de Matemática que teve um ataque de bicha.*

ATAQUE s.m. V. ataque de bicha.

ATARANTADO adj. Nervoso, desnorteado. *Todo mundo ficô atarantado depois do acidente!* **S.** *atazanado*.

ATAZANADO adj. *Atarantado*. *Ele ficô atazanado cum a grosseria do vendedor. A faladêra do candidato a vereadô dexa a gente atarantado, meio de cabeça cheia.*

ATÉ A TAMPA l.adv. Até a borda, até o limite. *Encheu o latão de leite até a tampa. Estô até as tampa de tanto comê.*

ATÉ AS ORELHAS l.adv. Até o limite, a ponto de transbordar. *Fulano ficô encharcado até as oreia. A tulha tá de café até as oreia.* **Var.** até as zoreia. **V.** de orelha em pé.

ATÉ O CU FAZER BICO l.adv. Muito, até não mais poder. *Vô dormi até o cu fazê bico. Fulano vai ficá preso até o cu fazê bico, foi um crime muito feio. Foro pra festa e comêro até o cu fazê bico. Enchêro o caminhão de mandioca até o cu fazê bico.*

ATÉ O TALO l.adv. Profundamente. *Fulano enfiô a faca no bucho do sicrano e foi até o talo.*

ATIÇAR v. Cutucar, incentivar, avivar. *Ficô atiçano os cão até que eles avançaro. Fulano atiçô o fogo até a lenha estalá. De tanto atiçá o povo contra o nome da avenida, conseguiro fazê u´a votação pra escoiê o novo nome.* **Var.** atiçá.

Atirar pra todo lado. Agir de forma errante, fazer algo sem atenção, atuar desesperadamente. *Sem sabê que rumo tomá na falência da venda, fulano ficô atirano pra todo lado que pode. De tanto atirá pra todo lado e num tê papas na língua, sicrano acabô arrumano um monte de inimizades.* **Var.** atirá pra todo lado.

ATORAR v. Cortar coisa ou caminho, quebrar, serrar. *Fulano quase torô o dedo cum a faca. Ele atorô o caminho e chegô antes.* **Var.** atorá, torar.

ATRASADO adj. **V.** ano atrasado, ano retrasado. **Var.** trasado.

ATUCANAR v. Perturbar, incomodar. *De tanto atucaná o fulano ele acabô perdeno a pacência. Se tem um coisa que sicrano sabe fazê é atucaná a vida dos amigos.* **Var.** atucaná.

AVACALHAR v. Estragar, desorganizar, degradar. *Aquele barzinho era bom, agora tá avacalhado. Se fulano num avacaiasse o jogo até que a turma teria se divertido.* **Var.** avacalhá. avacaiá.

AVE RARA s.f. Pessoa com qualidades excepcionais, que podiam ser tanto positivas quanto negativas. *Fulano é u´a ave rara, só ele pra fazê aquilo tudo que feiz. Sicrano mostrô pelos resultado do seu trabalho que ele é u´a ave rara, gente difícil de se encontrá hoje em dia.*

AVEXADO adj. Apressado, nervoso, tenso. *O noivo tava avexado na hora do casório, suava em bicas. Seu fulano tava avexado pra chegá no fim da viagem, nem via a hora de encontrá co´a família.*

AVOADO adj. Distraído, desatento. *Aquele sujeito é muito avoado, num dá pa confiá nele. Avoado é pouco, fulano num presta atenção em nada, nem fazeno reza braba.*

AZAGAIA s.f. V. *tempo da azagaia.*

AZEITE interj. Exprime indiferença ou desdém. *Azeite! Pouco me importa que os passarim bique todas as fruta do fulano, num são minhas mesmo.* **C.** Dá-se em resposta a reprimenda ou chamada de atenção, acompanhada de levantar de ombros. **V.** virado no azeite.

AZUCRINAR v. Irritar, incomodar. *Fulano azucrinô a vida de todo mundo naquela pescaria. Depois de azucriná a vida do irmão, foi fazê o mesmo co cunhado e levô u´a cacetada na molêra.* **S.** aporrinhar. **Var.** azucriná.

AZULAR v. Desaparecer, sumir, dar no pé. *Na hora agá o cara azulou; deixô a noiva na mão. Depois de robá o carro, o ladrão azulô no mundo.* **Var.** azulá.

B, de **beleza selvagem**. Era assim que se poderia chamar a paisagem das matas, rios, córregos e riachos daqueles tempos no norte do Paraná. Beleza selvagem, típica da Mata Atlântica, cuja vida - vegetação e animais - foi ceifada a golpes de machado, trançador, foice e facão. Facão para abrir picadas, machado e trançador para derrubar as árvores e foice para a coivara. Naqueles tempos, nada se comparava à velocidade destrutiva das motosserras modernas, mas manejados por um batalhão de peões o resultado produzido pelos machados, trançadores e foices era surpreendente. No espaço de uma década colocaram abaixo a exuberante floresta de outrora. De árvore em árvore foi-se a majestade daquela beleza selvagem. Pouco restou para "contar a história".

B, de **butuca**, uma espécie de mosca da família *Tabanidae* cuja picada é muito dolorosa. Este inseto, dada a constante presença e intensidade com que agrediam os trabalhadores no campo, principalmente na derrubada das matas e frequentemente nas beiras dos cursos de água, constituía um verdadeiro inferno para os pioneiros. No estado do Paraná existem 68 espécies de mutucas. Os machos adultos alimentam-se de néctar e as fêmeas da maioria das espécies necessitam de proteína animal presente no sangue para a maturação dos folículos embrionários e oviposição. Devido ao comportamento hematófago das fêmeas, constituem um grupo de grande importância na transmissão mecânica de agentes patogênicos para animais silvestres e domésticos, podendo afetar também ao homem.[213] Além das mutucas, no calvário dos pioneiros podiam ser encontrados outras espécies de insetos, tais como os pernilongos, os porvinha, os borrachudos, as aranhas, pulgas, bicho-de-pé etc.

B, de **Bandeira**, um personagem popular bastante conhecido pelos moradores de Nova Esperança.

BABAQUARA s.2g. Caipira, babaca, abestado, imbecil. *Esse babaquara num sabe coisa alguma, larga pra lá, deixa ele falano sozinho. Só um tralha igual quiném esse babaquara pra fazê u´a burrada destas.* **V.** bicho do mato, bocoió, caboco, caipira, caipora, capiau, coió, jacu, matuto, tucura.

BACALHAU s.m. Pessoa muito magra. *Fulano ficô doente, tá feito um bacalhau de tão magro que tá. Sicrano feiz regime pra ismagrece e acabô ficano qui nem um bacalhau.*

BACANA adj.2g. Atencioso, educado, camarada. *Fulano é um cara muito bacana, bom de conversa e de venda, consegue agradá todo mundo.*

BACURAU s.m. Criança, menino. *Sicrano tem trêis bacurau pra criá, mais a muié; tá co´a vida ralada e se num sesse o ajutório dos amigo a coisa ia ficá mais feia ainda.*

BACURI s.m. Criança, porquinho. *O casal tinha u´a porção de bacuri, nasceu um atraiz do otro cum diferença de um ano cada. Fidiquem é aquele bacuri? A porca preta deu cria de oito bacuris.*

BAFAFÁ s.m. Confusão, desordem, tumulto. *Fulano mexeu co´a namorada do sicrano e foi aquele bafafá, saiu cacetada pra todo lado. É só sicrano tomá u´as e otras que, logo, logo, ele apronta um bafafá.*

Bafo de onça. Mau hálito, hálito de cachaceiro. *Fulano tá cum bafo de onça, parece até que comeu orubu*. *Sicrano tomô todas e ficô cum bafo di onça.* **Var.** bafo de tigre, bafo de urso.

---

[213] TURCATE, Mauren; CARVALHO, José Barros de; RAFAEL, José Albertino. Mutucas (Diptera: Tabanidae) do estado do Paraná, Brasil: chave de identificação pictórica para subfamílias, tribos e gêneros. In: **Biota Neotrop**. vol. 7, no. 2, Campinas 2007. Disponível em http://dx.doi.org/10.1590/S1676-06032007000200029, consultado em novembro 2019.

BAFO s.m. Jogo feito com figurinhas de álbum. **C.** As figurinhas eram amontoadas com o verso para cima e sobre elas se batia com a mão em concha, ficando o jogador com aquelas que tivesse virado. **Var.** bafa.

BAGACÊ s.m. BHC, um agrotóxico de uso comum na frente pioneira. *Fulano passô bagacê nas praga e ficô doente. O bagacê é um veneno poderoso pra matá pulga e bicho-de-pé, soquei um bocado embaxo da casa e no paiol.*

BAGAÇO s.m. Canseira, esgotamento físico. *Depois da partida de futebol, alguns jogadores ficaro no maior bagaço. A caminhada foi longa e todo mundo chegô no bagaço. Fulana tava u´a bagaça só, trabaiá na roça num é pra todo mundo*. **S.** bagaça.

BAGO s.m. Testículo. *Levô um chute nos bago e caiu que nem saco de batata. Fulano é roncoio, ele só tem um bago.*

BAGO-MOLE s.m. Frouxo, sem coragem. *Esse cara é bago-mole; fugiu da raia nas primera dificuldade. No meio da peãozada tem um bocado de bago-mole, acho que nem todo mundo vai aguentá o tranco.*

BAGRAIADA s.f. Grupo de pessoas, multidão. *Foi só abri a porta do cinema que a bagraida entrô empurrano uns aos outros. Além dos convidados apareceu no casório u´a bagraiada de penetra que dexô o noivo pê da vida.* **V.** curriola, negada, panela, patota, tropa.

Bagre ensaboado. Pessoa esperta. *Fulano é um bagre ensaboado, sempre se sai bem nos negócios. Sicrano fila o que pode nas amostrage do café, ninguém ainda pegô ele de jeito, o cara é um bagre ensaboado.*

BAGRE s.m. V. cabeça de bagre.

BAGRINHO s.m. Pessoa sem influência, insignificante, sem importância, trabalhador secundário. *Tirante o prefeito, o resto é tudo bagrinho. Fulano é bom de serviço, mais os otros pião são tudo bagrinho*. **V.** cabeça de bagre, peidorreiro, zé-ruela.

BAGUÁ s.m. Pessoa valente, destemida, macho. *Aquele peão é um cara baguá, nenhum cavalo conseguiu derrubá ele até hoje. Sicrano num tem medo de ninguém, é um baguá. Fulano é um bagual, doma qualquer cavalo. Sicrano deu u´a de bagual e peitô todo mundo na praça.* **Var.** bagual.

BAGULHO s.m. 1. Coisa sem serventia. *Tinha muita coisa pra vendê, mais a maioria era bagulho, só servia pro lixo.* **V.** escambaus, joça, poioca, tareco, trosfego. **2.** Mulher feia, acabada. *Fulano juntô o poco que tinha e foi embora co bagulho da muié dele.*

Bagunçar o coreto. Promover desordem, confusão, alguma forma de estrago. *Fulano chegô tarde na festa, nuo tinha mais comida pra servi e ai ele bagunçô o coreto. De tanto bagunçá o coreto sicrano foi expulso da escola.* **Var.** baguncá o coreto.

BAIANADA s.f. Algo feito de modo errado, decisão que suscita problemas. *Deixa de fazê baianada, fulano; faça como mandei. Sicrano num para de fazê baianada no serviço, vai ganhá a conta cum certeza.* **C.** Forma preconceituosa e depreciativa que em geral era atribuída como se fora feito por um ´baiano´, mas que era referente a todo e qualquer nordestino e, também, esta forma era utilizada, em geral, para referir ações erradas, problemas causados, independentemente da origem da pessoa ou ação em foco.

BAIANO s.m. V. bosta de baiano.

BAIANO s.m. V. baianada, gelo de baiano.

BAILE s.m. 1. Drible. *O Marinho era bom de baile; jogava um bolão, dava gosto di vê. Fulano deu um baile no adversário.* **2.** Incômodo, perturbação. *As criança dero um baile na professora. O nenê chorô a noite toda, deu um baile na mãe dele.*

BAITA adj.2g. Muito grande, imenso, destacado, superlativo. *Fulano é um baita jogador de bola, é um craque no assunto. Sicrano comprô u´a baita fazenda de café, tem quase u´a légua de car-*

readô. Beltrano tem um baita berne nas costa e o bicho tá incomodano. Fulana é u´a baita duma gostosa, mais num é pro bico de quarqué um. Ele pescô um baita peixe. Aquele cara é um baita peão de rodeio. O Paraná é um baita rio.

BAITOLA s.m. Homossexual, afeminado. *O cara é um baitola, aquilo num é home, não.* **C.** Forma depreciativa, preconceituosa, geralmente empregada em sentido figurado. **V.** vinte-e-quatro, três-vezes-oito.

BAIUCA s.f. 1. Casebre, lugar desarrumado. *A casa do sicrano é u´a verdadêra baiúca.* **V.** *cafofo, muquifo.* **2.** Pequeno bar improvisado. *Fulano era dono duma baiúca lá na bera do Pirapó.*

BAIXO adj. V. descer pra baixo.

BALA s.f. V. mandar bala.

BALAIO DE GATOS s.m. 1. Bagunça, situação confusa, ambiente em que ninguém se entende. *A vida dele tá um balaio de gato. A festa tava um verdadêro balaio de gato; tinha gente de todo tipo e pra todos os lados. A reunião foi um verdadêro balaio de gato, ninguém conseguia se entendê.* **2.** Coisa complicada ou mal feita. *Só um idiota pra fazê este tipo de balaio de gato.* **Var.** saco de gatos. **V.** cabeça de porco, chachicho, chacho, chuncho, gambiarra.

BALANGAR v. Balançar. *Ele balangô a criança no balango. A ponte balangô quando o caminhão passô. Deu tontêra no fulano, ele balangô e caiu de fasto.* **Var.** balangá.

BALANGO s.m. Balanço, corda dependurada em algum suporte e tendo um assento, mesmo que improvisado. *Fizero um balango num gaio que tava sobre o rio. Cum dois pedaço de corda e um peneu véio sicrano feiz um balango pros fio dele.*

BALÃO s.m. Rotatória, praça redonda, retorno de trânsito. *Fulano fez o balão cantano os peneu do carro. Depois de fazer o balão sicrano estacionou em frente a venda do seu Lolô. Olha aqui seu beltrano, vai reto uns duzentos metros, faiz o balão e volta até a casa amarela.*

BALAÚSTRA s.f. Balaústre, pequenas ripas de madeira utilizadas para fazer cercas. *A cerca das casa da vila eram todas de balaústra. Na farta de otra madera a molecada fazia bétis de balaustre*. **C.** Até que fossem utilizados tijolos para a edificação de muros, todas as cercas das casas nas vilas pioneiras eram feitas de balaústre. **Var**. balaústre.

Balde de água fria. Acontecimento desanimador, descrença em algo. *A negativa de crédito na venda foi um balde de água fria nas pretenção de fulano pra abri o sítio. A resposta dura da sicrana ao pedido de namoro foi um balde de água fria nas intenção do beltrano.*

BALDE s.m. V. chutar o balde.

BALDEAR v. 1. Transportar algo de um lugar para outro. *Depois de bardeá o café do terrêro pra tuia, o pessoal descansou.* **2.** Em viagem, fazer conexão, trocar de veículo, fazer baldeação. *De Capelinha, quem vai de jardinêra pra Londrina, tem que bardeá em Maringá.* **Var.** baldeá.

BALOFO adj. Inchado, gordo. *Fulano tá mais do que balofo e cada dia engorda mais. Sicrano ficô balofo depois que ficô doente.*

BAMBA adj.2g. Pessoa hábil, competente, craque. *Fulano é bamba no gol, fecha que parece u´a parede. Sicrano é bamba pra tirá mel de abeia, muito difícil ele tomá picada.*

BAMBO adj. Frouxo, solto, mole. *Aquela tábua tá meio bamba, melhor colocá mais um prego. Tô cum as perna bamba do susto que levei co ataque do cachorro.*

BANANA s.2g. Pessoa sem determinação, destrambelhada ou desatenta. *Aquele cara é um banana, nunca toma decisão certa. O banana do fulano só feiz merda na festa. Sicrano é um banana; a moça deu mole pra ele e ele nem percebeu.*

BANANA s.f. V. A preço de banana.

BANANA-DE-MACACO s.f. Nome popular de duas espécies vegetais, uma arbórea, a embaúba, e a outra, o cipó-imbé, também conhecido como guaimbé. **C***. Do cipó imbé (*Philodendron bipin-

natifidum) eram usadas suas longas raízes como embira para amarrio de peças das construções rústicas.

BANCA s.f. V. botar banca.

BANDA s.f. V. praquelas bandas, saltar de banda.

BANDEIRA s.f. V. dar bandeira.

BANDÊRA s.f. Bandeira. Aparecer, se mostrar, dar sinal, sem querer. *Foro pro putero e ficaro dano a maior bandêra. U´a coisa é certa, se for passeá na vila, num fica dano muita bandêra que é bem fácil arrumá increnca por lá .*

BANGU s.m. V. a bangu.

BANGUELA s.f. Câmbio desembreado, em ponto morto. *Botô o caminhão na banguela e desceu morro abaixo. Naquele descidão que vai pra Paranavaí, conhecido como "esfria saco", se botá o caminhão na banguela ele passa o buraco e vai quase até o otro lado.* **C.** Permitia maior velocidade ao veículo embalado. ▪ **adj.2g.** A que falta um ou mais dentes frontais. *Caiu o dente de leite do filho do fulano e ele ficô banguela.* **V.** boca de caçapa.

BANHA s.f. V. barrica de banha.

BANHADO s.m. V. palanque em banhado.

BANZÉ s.m. Confusão, distúrbio, briga. *O baile até que tava bão, mais começô u´a briga e foi o maió banzé. Pra fazê um banzé na vila basta olhá pralgum caipira meio atravessado, é pedi pra sai no braço.*

BARAFUNDA s.f. Bagunça, mistura, desordem. *Bem no meio daquela barafunda foi que fulano encontrô o filho. Sicrano tem o hábito de se metê em alguma barafunda, e sempre acaba se dano mal.*

BARALHO s.m. V. *carta fora do baralho.*

BARBA s.f. V. Colocar as barbas de molho.

BARBARIDADE interj. Expressão de espanto, admiração. *Barbaridade! Olha só o tamanho daquela cobra. A feijoada do fulano é boa barbaridade.* **C.** Gauchismo. **adv.** Muito. *Isto é bom barbaridade.* **C.** Pospõe-se à palavra que modifica.

BARGANHA s.f. Negócio pelo qual se trocam coisas com outra pessoa, escambo. *Fulano barganhô a égua numa novilha. Sicrano gosta de breganhá as coisa quano tem arguma vorta em dinhêro.* **Var.** berganha, breganha. **V.** barganhar.

BARGANHAR v. Fazer troca, escambo. *Fulano barganhô o seu automóvel co´a madêra pra fazê a casa e ainda recebeu 5 saca de café de lambuja*. **Var.** breganhar. **V.** barganha.

Barraca armada. Ficar sexualmente excitado. *Fulano foi dançá co´a fulana e ficô de barraca armada. Sicrano num pode vê moça facêra que já fica de barraca armada.*

BARRACO s.m. V. armar um barraco.

BARRANCO s.m. V. aos trancos e barrancos.

BARREADO adj. Sujo de fezes, cagado. *Fulano foi peidá e barreô as calça. Depois da festa o chão do banhêro tava todo molhado e barreado. Alguém descartô um barro atrais da tuia e fulano num viu e barreô a botina.* **V.** soltar um barro.

Barrica de banha. Pessoa muito gorda. *Fulano come demais, só pode virá u´a barrica de banha. Ô barrica de banha, se num pode i mais rápido dá a veiz pra quem pode.* **Var.** barrica de azeite.

BARRIGA s.f. Lado da árvore a ser derrubada no qual era aberta a 'boca', um corte em cunha chamado 'boca'. *Ô peão, vê direito qual é o lado da barriga da arve senão ela cai pro lado errado.* **C.** Do outro lado da árvore, nas 'costas' também era aberta outra 'boca' só que menor e posicionada

mais acima que aquela da barriga. **V.** costas, boca, *com o rei na barriga, comer barriga,* de barriga, estar de barriga, com o rei na barriga.

BARRO s.m. Cocô, merda. *Fulano foi soltá um barro no meio do cafezal. Sicrano descartô um barro bem perto do acampamento. Beltrano deitô um barro catinguento que nem ele aguentô o chero.* **V.** *bater o barro,* descartar um barro, deitar um barro.

BARROCA s.f. Lugar distante, de difícil acesso. *Fulano mora numa barroca que até dá medo de chegá por lá. Só veno a barroca onde o sicrano foi comprá o sítio dele.*

BARUIÃO s.m. Barulhão, ruído forte, discussão. *Lá na mata os passarinho faiz um tremendo baruião. Num dianta fazê baruião, esse tipo de coisa a gente só resorve cum carma.*

BASSORA s.f. Vassoura. *Fiz u´a bassora de guanxuma pra varrê o forno do pão. Dona fulana usa dois tipo de bassora pra barrê o quintal, a de bassora e a de guaxuma.*

Batata quente. Situação problemática. *Fulano foi quem ficô co´a batata quente da colheita. Vendê a rifa no curto prazo é u´a verdadera batata quente.*

BATATA s.f. V. água de batata, na batata, batata quente.

BATATÃO s.m. Bola de gude de grande tamanho. *Tenho cinco bolas de vidro; treis normais, um batatão e u´a minguinha.* **V.** americana, birosca, bol de gude, burca, carretão, cascuda, cebolão, jogadeira, piolho.

Bater as botas. Falecer. *Fulano bateu as bota ontem à noite. Depois de seis meses doente sicrano, enfim, bateu as bota*. **S**. bater com a caçuleta, bater com as pacueras. **Var.** batê as bota.

Bater chapa. Tirar fotografia. *Bati u´as déiz chapa daquele passeio. Depois do casório foro ao Foto Esperança batê u´a chapa dos noivos.* **Var.** batê chapa.

Bater com a caçuleta. Morrer. *Fulano caiu do caminhão e bateu co´a caçuleta. A trombada foi feia, sicrano saiu muito machucado e beltrano, assim Deus quis, bateu co´a caçuleta.* **S.** *bater com as pacueras,* bater as botas. **Var.** baté co´as cachuleta.

Bater com a língua nos dentes. Falar demais, contar um segredo, contar algo que não queria. *Depois dos meganha quase quebrá fulano de pancada ele deu co´a língua nos dentes. Sicrano deu co´a língua nos dentes e estragô o negócio entre sicrano e beltrano.* **Var.** batê coa língua nos dente.

Bater com as pacueras. Morrer, falecer. *Fulano pegô tifo e bateu co´as pacuera. Na briga que teve no bar sicrano levô treis pontaço na barriga e batei co´as pacuera.* **S.** bater com a caçuleta, bater as botas. **Var.** batê co´as pacuera.

Bater coxa. Dançar. *Sexta-fêra é dia de batê coxa no clube dos saqueiros. No terrerão do fulano foi feito dois bate coxa prá socá bem a terra.* **Var.** batê coxa.

Bater o barro. Dar uma cantada, conversar com alguém com algum objetivo. *Ele bateu o barro nela e ela foi na conversa. Fulano ficô bateno barro no sitiante até convencê-lo a vendê a safra.* **C.** Provavelmente a expressão provenha da construção de casas de taipa, em que se bate o barro para que grude e seja eficiente como revestimento; se não grudar, a parede não se forma. **Var.** batê u barro.

Bater pernas. Andar a esmo, caminhar bastante, andar por algum lugar. *Fulano e sicrano ficaro bateno perna no meio do mato em busca de fruta. Beltrano foi visitá sua cidade natal e bateu pernas o dia todo pelas rua. Para chegá na venda, tivero que batê perna pelo menos u´as duas hora.* **Var.** batê perna.

BATER v. bater as botas, bater chapa, bater com a caçuleta, bater com as pacueras, bater com a língua nos dentes, bater as botas.

BATIDÃO s.m. V. aguentar o rojão.

BATIZAR v. Jogar bebida em alguém, lançar matéria líquida de maneira inesperada. *O urubu batizô quem tava debaixo da árvore. Todo mundo foi batizado cum champanhe na festa da fulana.* **C.** Também se empregava em referência à fraude na composição do leite e de bebidas: leite batizado com água, vinho batizado. À época dos pioneiros, uma das crenças então existentes é que para saber se o leite era "batizado" bastava pingar uma gota sobre a unha do polegar, se escorresse era batizado. **Var.** batizá.

BEBER v. V. água que passarinho não bebe.

BEDELHO s.m V. *meter o bedelho.*

BEIÇO s.m. V. de lamber os beiços.

BELELÉU s.m. V. ir para o beleléu.

BELEZA DE BOM s.f. De muito boa qualidade, de muitos méritos. *Aquele professor era beleza de bom, seus alunos ficaro cum muita saudade dele. No sítio do fulano tudo é beleza de bom, desde a casa de moradia até o chiquêro dos porco.* **Var**. mir de bom.

BENÇA s.f. Bênção. **C.** Era um hábito bastante comum que os filhos e afilhados pedissem a bênção aos seus pais ou padrinhos. Isto acontecia sobretudo quando os afilhados encontravam os padrinhos ou os filhos iam dormir.

BENTO adj. V. água benta, palma benta.

BERA s.f. Beirada, beira, borda, platibanda. *Fulano ficô em pé na bera do buracão. Sicrano caiu da berada da carroceria*. **Var**. berada.

BERDOEGA s.f. Beldroega, uma espécie vegetal comestível (*Portulaca oleracea)*. *Dona fulana feiz comida casêra e serviu u´a boa salada de berdoega*. *Todo dia, quano sicrano vem da roça ele trais um bocado de berdoega pras galinha. Na roça de mandioca do seu beltrano tem muita berdoega*.

BERNE s.m. V. mata-berne.

BEROLA adj. Bobo, tonto, trouxa. *O berola do fulano tá seno passado pra trais e nem percebe que o sicrano tá se aproveitano dele. Só seno um berola de marca maior pra aceitá u´a oferta dessas.*

BERONHA s.f. 1. Mosca verde que faz um forte zumbido e paira no ar. **C.** Aplicava-se também às moscas varejeiras. **2.** Pessoa que incomoda. *O que que o beronha do fulano tá quereno desta veiz? Tô co saco cheio deste beronha que só me cria problemas, manda ele embora.*

BERONHENTO s.m. Pessoa suja, maltrapilha, pessoa em mau estado. *Aquele cara é um beronhento, fede como gambá.* **C.** Ainda que não fosse de uso tão comum, não raro este termo era utilizado como xingamento.

BESTA s.f. V. cê besta sô.

BESTAGE s.f. Bobagem, coisa mal resolvida. *Deixa de bestage, sô; vai fazê o serviço e para de miá atoa. É muita bestage prum home só, caraca!*

BESTUNTO s.m. Cabeça, mente. *Ele fica caraminholano o bestunto, mais num decide nada. Do bestunto do fulano sá sai merda, e tem gente que confia nele.* **V.** caçuleta, *cachola.*

BEXIGA s.f. V. bixiga, estar com a bixiga lixa.

BEZERRA S.F. V. *pensar na morte da bezerra.*

BIBOCA s.f. 1. Lugar ermo. Só ino lá pra vê a biboca do lugar onde fulano mora, é longe pra dedéu. **2.** Casa pobre. *Sicrano mora numa biboca de dá pena.* **3.** Pequeno comércio na zona rural. *Comprei u´a enxada lá na biboca do fulano. Tem de tudo um poco naquela biboca.* **V.** cafofo, *cafundós do judas, casa da peste, casa do cacete, casa do chapéu.*

BICA s.f. Calha colocada na fonte para conduzir a água para beber. *No fundo do sítio do fulano tinha u´a mina dágua cuma bica. Sicrano e os irmão iam tomá banho lá na bica da mina d´água.* **C**.

Nos tempos pioneiros, as bicas eram feitas de madeira escavada, de tronco de palmeira (palmiteiro ou coqueiro) ou de bambu rachado ao meio.

BICANCA s.f. Chuteira. *Fulano meteu a bicanca na canela do sicrano, que feiz um rombo só. As bicanca feitas na Argentina eram de primera qualidade, já as brasilêra era de coro duro.* **C.** Nos tempos pioneiros existiam dois tipos de bicancas à venda, as argentinas, de bom couro e macias, e as brasileiras, geralmente de couro pouco macio, com biqueiras e grandes travas.

BICÃO s.m. Pessoa que frequenta festas sem ser convidado, penetra. *Volta e meia fulano vai de bicão na festa de alguém, cum a maior cara de pau. Sicrano entrô de bicão na almoço do casamento.* **S.** entrão.

BICHA s.f. V. ataque de bicha.

BICHEIRA s.f. Ferida braba. *Fulano num tratô do machucado logo no começo e depois aquilo virô u´a bichera.* **Var.** bichêra.

BICHO DO MATO s.m. Pessoa sem educação, de trato rústico, caipira, pessoa mal-educada, sem modos. *Naquele lugar só mora bicho do mato. Se fulano num fosse tão bicho do mato acho até que ele tinha chance de arrumá u´a namorada.* **V.** babaquara, bocoió, caboco, caipira, caipora, capiau, coió, jacu, matuto, tucura.

BICHO s.m. V. mata-bicho.

Bico do corvo. Estar pela hora da morte, estar muito ruim. *Fulano caiu do telhado da tuia e tá no bico do corvo*. *Sicrano tomô veneno e agora tá no bico do corvo, desta veiz ele vai po troco.*

BICO s.m. V. abrir o bico, até o cu fazer bico, coalhar o bico, bico do corvo, dar um bico, estar no bico do corvo, levar no bico, molhar o bico, quaiá o bico, rachar o bico.

BIGATO s.m. Verme em geral, lagarta. *Olha aí, as folha de couve tão cheia de bigato. As goiaba do sítio do seu fulano tem mais bigato que semente. Cuidado cum esse bigato peludo, ele queima à beça.* **V.** taturana.

BIGODE s.m. V. *no fio do bigode.*

BIGULIM s.m. Pênis, pinto. *Fulano botô o bigulim pra fora e chamô us cara pa briga. Num deu tempo de tirá o bigulim das calça e sicrano mijou-se todo*.

BILHA s.f. vaso de certo porte, bojudo, feito de cerâmica, destinado a guardar água para consumo doméstico. *A bilha da dona fulana deixa a água bem fresquinha. A bilha do seu fulano é de barro branco e a do sicrano é de barro vermelho. Na venda do beltrano tem um tipo de bilha que vem cum filtro.*

BIMBA s.f. Pênis. *Fulano pegô doença braba na bimba. Sem perceber, fulano foi ao banhêro e na saída deixô a bimba apareceno.*

BIMBADA s.f. V. *dar uma bimbada.*

BIMBADA s.f. Relação sexual. *Fulano deu um bimbada na sicrana no meio do cafezal. Sicrano bimbô a namorada u´a veiz só e ela engravidou.* **V.** afogar o ganso, créu, pirocada, vuco-vuco. **Var.** pimbada.

BIMBAR v. Ter relação sexual**.** *Fulano é garganta que só ele, fica se gabano de quantas bimbada dá numa noite. Sicrano tá cum problema sério, num consegue bimbá mais ninguém, brochô di veiz.* **Var.** bimbá, pimbar.

BINGA s.f. Um tipo de isqueiro que usava pavio e era abastecido com gasolina ou fluído para isqueiro. *Empresta a binga pra mim compadre, sem ajuda o fogo num pega. Fulano comprô fluído para binga dele que tava quase seca.* **V.** binga, mola de binga, tampa de binga.

BIROCA s.f Buraco raso, feito no chão, utilizado no jogo de bola de gude. Duas eram as formas de jogar bola de gude com birosca: uma, com um buraco apenas, que devia ser acertado de certa

distância, e outra, com quatro buracos igualmente espaçados entre si (geralmente um passo entre eles), sendo que três deles estavam em linha e um deles em ângulo de noventa graus fazendo um "L". **Var.** birosca. **V.** bol de gude, americana, cascuda, cascorenta, cebolão, piolhinho e minguinha.

BIROSCA s.f. Pequena venda. *Fulano tem u´a birosca na bera da estrada pra Uniflor. A fortuna do sicrano começô cuma birosquinha de nada quando abriro a vila.*

BIRRENTO adj. Teimoso, emburrado. *Fulano é o mais novo, mais é o mais birrento dos filho dele. Birrento é poco pra falá do fulano, aquilo lá é u´a mula de teimoso.*

BIRUTA adj. Ruim da cabeça, avariado, pessoa que não sabe o que faz. *Fulano ficô biruta depois do tombo que levô quano caiu do pé de canjarana. Sicrano já nasceu meio biruta e volta e meia apronta alguma pra família.*

BISCA s.f. 1. Pessoa sem qualidade, sem vergonha. *Fulano num é bisca que se preze. Boa bisca é o que a filha do sicrano é na vida.* **2.** Mulher de moral duvidosa. *Fulana é u´a boa bisca, dá em cima do marido das amiga. Fulana e a mãe dela são boas bisca, poca gente gosta delas.* **Var.** boa bisca.

BISCATE s.f. Mulher sem vergonha, que sai com todos, mulher da zona. *Aquela é u´a biscate de marca maior, vai cum qualqué um só pra andá de carro*. *Fulano é muito ruim de conversa, só consegue alguma coisa co´as biscatinha da praça.*

BISCOITO s.m. V. molhar o biscoito.

BISORRO s.m. Besouro. *Lá no pasto tem um monte de bisorro rola-bosta. Vi um bisorrão preto voano perto da casa e otro c´umas baita d´umas antena lá no monjolêro*. **Var.** bisoro, bezorro.

BISSURDO s.m. Absurdo, algo inaceitável. *É um bissurdo falá u´a coisa dessa, onde já se viu isso?. Fulano cometeu o bissurdo de num i ao casamento do irmão.* **C.** Também podia ser utilizada como expressão de espanto.

BITELO adj. Grande, de tamanho avantajado. *No lote de bois ofertados, fulano só comprô os bite-lo. Na pescaria sicrano foi quem pescô o bitelo, um baita dorado.*

BITUCA s.f. Ponta de cigarro, bagana. *Sem dinheiro, ele catava bituca na rua pra fumá.* **S.** bagana.

BIXIGA s.f. Varíola. **C.** Doença já erradicada. **Var.** bexiga. **V.** bixiguento.

BIXIGUENTO s.m. Pessoa ruim. **C.** Emprega-se como xingamento. *O bixiguento do fulano é um bom fidaputa, tratante como ele só. Fique longe do sicrano, o bixiguento num é de boa fé.*

BIZOIÁ v. Olhar, dar uma olhada. *Fulano foi bizoiá o namoro do sicrano e apanhô de pau. Sicrano só passô pela festa pra dá u´a bizoiada e escafedeu sem ninguém notá.*

BOA BISCA adj. Pessoa de má reputação, biscate. *Fulana é u´a boa bisca, ninguém gosta dela. O sicrano é boa bisca, num vale o que come.*

BOA PINTA adj. Gente boa, bom caráter, simpático, bem vestido. *Fulano é boa pinta, todo mundo gosta dele. Sicrano num é boa pinta, fique longe que é só increnca*.

BOBO s.m. V. chuva de molhar bobo.

BOBRA s.f. Abóbora. *Fulano prantô muita bobra, vai tê comida pros porcos por um bom tempo. Dona sicrana gosta de fazê doce cum bobra pescoçuda*. **C.** Faz diminutivo em *bobrinha*.

BOCA s.f. Corte em cunha que era feito ao pé das árvores para derrubada. *Ô fulano vê se corta essa boca direito senão a peroba vai caí pro lado errado.* **C.** Era feita uma boca na "barriga", que era o lado para onde se pretendia que a árvore caísse e outra boca nas "costas", feita mais acima daquela da "barriga". Isto garantia que a árvore quando rachasse a base fosse cair para o lado da barriga.

BOCA DA NOITE s.f. Pôr do sol, anoitecer, fim do dia. *É na boca da noite que a gente pesca mais bagres. Trabalharo até a boca da noite e só pararo quano num dava pra inxergá mais nada.*

Boca de burro. Xingamento. *Fala praquele boca de burro que ele tá despedido do serviço. Me arrependi de contratá esse boca de burro pra fazê a derrubada. Só seno muito boca de burro pra num entendê o que o patrão falô.*

BOCA DE CAÇAPA s.f. Boca grande. **C.** Emprega-se como apelido para as pessoas de boca grande ou sem dentes. **V.** banguela.

BOCA DE TRAMELA s.f. Pessoa faladeira, linguaruda. *Aquela mulher é u´a boca de tramela, fala de todo mundo. Fulana é u´a verdadera boca de tramela, fala o tempo todo, é de cansá os ovido.*

BOCA s.f. V. amanhecer com a boca cheia de formiga, bom da boca, boca de caçapa, boca de tramela, fazer boca de siri, fazer uma boquinha, botar a boca no mundo.

BOCÓ s.m. 1. Pequena bolsa, sacolinha, embornal. *Fulano foi pescar, encheu o bocó de peixe e logo foi simbora pra casa. O bocó do sicrano é feito de taquara.* **2. s.2g.** Bobo, tolo, retraído. *O filho dele é um bocó e o pai é um bocoió.* **V.** arigó, cabeça de porongo, jacu, mocorongo, mondrongo, paiaguá, pato, tongo, zureta. **Var.** bocó de mola, bocó de mula, bocoió, brocoió. **V.** bocó de mola.

BOCOIÓ s.m. 1. Pessoa burra, pouco inteligente. *Fulano é um bocoió de marca maior, num dianta explicá que ele num aprende.* **2.** Caipira. *Mais bocoió que sicrano, só o caipira do irmão dele.* **Var.** bocó, brocoió. **V.** babaquara, bicho do mato, caboco, caipira, caipora, capiau, coió, jacu, matuto, tucura.

BOCOMOCO s.m. Tonto, idiota, paspalho. *Fulano é muito bocomoco se acha que pode vendê o caminhão dele pelo preço que tá pidino. Só se sicrano for muito bococomo pa trocá o seu cavalo por um jumento.*

BODINHO s.m. Tipo de corte de cabelo para crianças bastante usual em meados do século XX. Constituía em deixar um tufo de cabelo apenas na parte da frente da cabeça e no resto era raspado com "máquina zero". *Fulano mandô o barbêro cortá o cabelo do filho dele no jeito bodinho. O filho do sicrano chorô muito porque o pai dele obrigô ele a cortá o cabelo do tipo bodinho.*

BODE s.m. V. amarrar o bode no mesmo pasto, capar o bode, *pé-de-bode, toco de amarrar bode.*

BODOQUE s.m. Arma de caça de aves, constituída por arco, corda e malha engastada na corda, com que se lançam pequenas pedras. *Fulano gosta de caçá passarim cum bodoque i arapuca. Sicrano envelheceu a agora tá vergado feito um bodoque.* **C.** Aplica-se também a objetos vergados. **V.** caçar sapos com bodoque.

BOI s.m. V. cu de boi, ficar de boi, pé de boi.

BOIOLA s.m. Efeminado, veado. *Fulano é muito boiola, nem parece home. Sicrano descobriu que o filho dele era boiola, ficô puto da cara.* **V.** baitola.

BOL DE GUDE s.f. Bola de gude. *Fulano gosta muito de jogá bol de gude, ele é craque neste jogo. Sicrano tem um bocado de bol de gude, mais ele gosta mesmo é das americana.* **V.** americana, batatão, birosca, burca, carretão, cascuda, cebolão, jogadeira, piolho.

BOLA S.F. V. *pisar na bola.*

BOLACHA s.f. V. *levar uma bolacha*.

BOLEIA s.f. V. *pegar uma boleia.*

Bolo no estômago. Sentir-se mal, passar mal, sensação de desconforto estomacal, enjoo, náusea. *Fulano bateu boca co´a sicrana e depois ficô cum bolo no estômago. Acho que comi alguma coisa ruim, tô cum bolo no estômago. Oi cumadre, toma chá de losna que o bolo no estombago passa*. **Var.** bolo no estombago.

BOM adj. V. beleza de bom, bom da boca, *mir de bão.*

Bom da boca. Pessoa que se acha melhor que outras, poderoso, autoritário, pessoa que detém autoridade local, pessoa prepotente, dono do poder. *Fulano é o bom da boca, já brigô cum meio*

mundo e tem um bocado de gente cum medo dele. Sicrano é considerado o bom da boca, o manda-chuva, mais num é de picirica nenhuma. Beltrano achô que era o manda-chuva e mandaro ele pas cucuia cum dois balaço. Depois de eleito, o prefeito do lugar passa a sê o manda-chuva, o bom da boca. **Var.** bom da praça.

Bom pra cachorro. l.adv. Algo muito bom. *A festa do fulano tava boa pra cachorro! Se o preço do café aumentá isso vai sê bom pra cachorro*. **Var**. bom pra burro, bom pra dedéu, bom pacas.

BOMBAR v. Reprovar na escola, repetir de ano. *Fulano bombô duas veiz no segundo ano. Sicrano bombô tanto que demorô nove anos pra fazê o ginásio.* **Var.** bombá.

BORDOADA s.f. Pancada. *Fulano deu u´a borduada no chifre da vaca, que ela mudô de rumo. De tanto levá bordoada na vida, sicrano acabô se emendano e ficano bonzim.* **V.** cachimbada.

BORNAL s.m. Pequena sacola com alça, feita de tecido, geralmente carregada ao pescoço, picuá, embornal. *Foi dona fulana quem feiz os borná da famia. Sicrano tem um bornal de brim pra levá as pelota pro estilingue.* **C.** Servia para carregar pequenos objetos, levar comida para a roça ou, eventualmente, para carregar pelotas quando alguém ia caçar de estilingue ou bodoque. **Var.** borná.

BOROCOCHÔ adj. Triste, amuado, desanimado, deprimido. *Fulano num passô de ano e ficô borocochô, dava inté dó do coitado. Depois que acabô o namoro, fulana anda borocochó. Depois da geada que queimô todo o cafezal, sicrano ficô muito borocochô.* **Var.** borocochó.

BOROGODÓ s.m. Charme, atrativo pessoal. *Ela pode num sê aquela beleza toda, mais é o ó do borogodó. Fulano tinha um borogodó de dá inveja, cativava um bocado de gente.*

BOSTA DE BAIANO s.m. Carrapicho. *Ao longo do caminho tem muita bosta de baiano. A bosta de baiano foi u´a praga que veio grudada nos casco dos boi.* **C.** Nomeação que traduzia preconceito em relação aos nordestinos.

Bosta n´água. À deriva, sem rumo, perdido. *Fulano tá qui nem bosta n´água, perdidaço*. *Sicrano tanto quiz e tanto feiz que agora tá como bosta n´água, num sabe mais o que fazê da vida*. **V.** canela-bosta, rola bosta.

BOSTEAR v. Criar problemas, ficar com medo. *Depois de bostiá o ambiente, fulano se borrô todo. Fulano num gostô das piadinha sem vergonha que sicrano contava sobre as moça da vila e aí foi aquele rebosteio.* **Var.** bosteá, *rebostear.*

BOTA s.f. V. bater as botas.

BOTA s.f. V. *onde judas perdeu as botas.*

Botar a boca no mundo. Reclamar, alertar. *Fulano viu o ladrão e botô a boca no mundo. Graças a Deus foi logo no começo do incêndio que o vigia botô a boca no mundo, senão tinha queimado todo o estoque.* **Var.** botá a boca no mundo.

Botar água no fogo. Expressão de boas vindas, que insinua que a chegada de alguém é motivo para se fazer um café ou alguma comida. *Entra pa dentro, cumpadre, tamo botano água no fogo, já sai um cafezim. Bota água pra quentá, ó veia! O cumpadre chegou.* **Var.** botá água fervê, botar água para quentar.

Botar banca. Colocar-se como superior, fazer-se respeitar. *Fulano botô banca no meio daquela confusão e só levô pancada. Sicrano ficô botano panca perto do pai da namorada, mais o véio num deu trela não, ficô sempre sério.* **Var.** botá panca, botar panca.

Botar fogo. Estimular algo, incentivar. *Fulano viu a discussão e botô fogo na conversa, só deu briga. Sicrano botô fogo na turma e eles derrubaro a capoêra em um dia.* **Var.** botá fogo.

Botar lenha na fogueira. Provocar desavenças, incentivar uma briga. *Fulano, ao invés de apartá a briga, ajudô a botá mais lenha na fogueira*. *Sicrano gosta de botá lenha na foguêra quando vê alguém quereno brigar.* **Var.** botá lenha na foguêra.

Botar o burro na sombra. Estar em uma boa situação. *A colhêta foi farta e o preço bom; agora o fulano tá co burro na sombra. Sicrano recebeu u´a baita herança por parte do avô, parô de trabaiá e botô o burro na sombra.* **Var.** botá o burro na sombra, botar o cavalo na sombra.

Botar quente. Falar duro, dar bronca, castigar*. A festa desandô e então o pai do fulano botô quente em todo mundo, foi um esparramo só. Se algo dé errado na viage chama o seu fulano que ele bota quente e acaba co´s problema.* **Var.** botá quente.

Botar um cheiro. Colocar perfume, perfumar-se. *Vô botá um chêro e saí pra festa. Fulana gosta de botá um cherinho no pescoço quano sai co´as amiga.* **Var.** botá um chêro.

BOTEGA s.f. Abertura na frente das calças, braguilha. *Os botão da botega do Firmino cairo e ficô apareceno as coisa.* **C.** No início as botegas eram fechadas com botões; mais tarde apareceu o fecho ecler.

BRABA adj. V. *nem com reza braba.*

BRABULETA s.f. Borboleta. *Qui sodade qui eu tenhu das brabuleta nas mata di Capelinha, quantas cor, quantus tamanhu, tinha de dia i di noiti. Tem muita brabuleta na mata do seu fulano. Na bera do rio tinha brabuleta amarela aos montes. As barbuleta 88 são bem comuns na bera das mata*. **Var.** barbuleta.

BRANCAL adj. Madeira branca, de segunda qualidade. *A mata que fulano comprô só tem madêra brancal, pouca coisa serve prá vendê. Tirante a parte brancal, acho que dá pra aproveitá um bocado de madêra de cerne.*

BRANCO s.m. V. *dia de branco.*

BRANQUINHA s.f. Cachaça, pinga. *Bota aí u´a branquinha, que é pra quentá o frio.* **V.** abrideira, água-benta, água que passarinho não bebe, a que matou o guarda, canjebrina, goró, margosa, mata-bicho, mé.

BRASIDO s.m. Braseiro, fogaréu. *Fulano meteu fogo na derrubada e foi um brasido só. Sicrano gosta de assá batata doce no brasido do fogão. No brasido das foguêra de São João, o pessoal da roça costuma assá batata doce, mandioca e bóbra.*

BREGANHA s.f. Barganha, troca, negócio*. Na breganha dos relógios, ele voltô algum troco em saco de milho. Fulano era um bom breganhadô, sempre se sai bem nas troca.*

BREGANHAR v. Barganhar, trocar algo por outra coisa, fazer algum negócio. *Fulano breganhô duas vaca por u´a carroça usada, acho que feiz um péssimo negócio. Sicrano gosta de breganhá as coisa dele, mais é esperto pacas e nunca sai perdendo.*

BREGUEÇO (é) s.m. Qualquer objeto, pequeno conjunto de objetos, conjunto de objetos utilitários de pouco valor, cacareco. *Fulano pegô seus bregueços e picô a mula da fazenda. Sicrano pegou no breguétis e deu u´a camaçada na cabeça do beltrano*. *O beltrano,* j*oga esse bregueço aí pra mim.* **Var.** breguétis.

BREJO s.m. V. a vaca foi pro brejo, calça de pular brejo*.*

BRIGA s.f. V. *galo de briga.*

BRINCO s.m. Algo muito bom, de boa qualidade, algo bem organizado, muito limpo. *A cozinha da dona fulana é um brinco. O sítio do fulano é um brinco.*

BRINJELA s.f. Berinjela. *Dá gosto di vê as brinjela na horta do japonêis. Muito poca genti come brinjela nesta região.*

BROCOIÓ s.m. 1. Pessoa burra, pouco inteligente. *Êta lugazim do capeta, só tem brocoió nessa terra, arre égua. Se fulano num fosse tão brocoió, até que dava liga fazê u´a sociedade cum ele.* **2.** Caipira. *Sicrano é muito bocoió, quano vem pra cidade fica todo incabrunhado*. **Var.** bocoió. **V.** babaquara, bicho do mato, bocoió, caboco, caipira, caipora, capiau, coió, jacu, matuto, tucura*.*

BROCOTÓ s.m. V. *fundos do brocotó.*

BRONHA s.f. Masturbação masculina, punheta. *Fulano tá meio fraco assim de tanto batê bronha. O pai do sicrano pegô ele bateno bronha e deu um esculacho nele.*

BROXA s.m. Homem impotente. *Fulano se separô da muiê, dizem que foi porque ele broxava. Sicrano ficô fulo da vida porque chamaro ele de broxa.*

BRUACA s.f. Mulher feia, mal apresentada, mulher malvada. *Fulano casô cuma bruaca, que dá até medo de vê, e foi pelo dinhêro dela.* **V.** bucha de canhão, bucho, canhão.

BRUTELO s.m. Algo grande, pessoa alta e forte. *Tinha dois brutelos na porta da boate, e lá ninguém se metia a fazê bagunça. Tinha alguns bruguelos no galinheiro, matei o maior deles*. **Var.** bruguelo.

BUCADIM s.m. Bocadinho. *Na receita de dona fulana, vai um bucadim de canela e otro de cravo. De bocadim em bocadim sicrano conseguiu acabá co carrapicho no sítio dele.* **Var**. bocadim.

BUCHA DE CANHÃO s.f. Mulher feia. *Fulana é u´a verdadera bucha de canhão. Vá sê feia assim lá no raio que os parta, é muita bucha de canhão pro meu gosto.* **V.** bruaca, bucho, canhão.

BUCHA s.f. V. em cima da bucha.

BUCHERO s.m. Pessoa que vendia miúdos de porco e boi em uma carrocinha puxada por um animal. *Fulano é o buchêro que atende a vila desde o começo. Sicrano reclamô que o buchêro deixô de passá na rua dele.* **C.** Os bucheiros eram vendedores ambulantes que nos começos de formação das vilas e cidades vendiam miúdos de boi e porco (p. ex. rim, fígado, coração, miolos, bucho, pulmão e mocotó) a domicílio. Suas carrocinhas eram forradas de folha de zinco e eles tinham, permamentemente, cuidado com a limpeza e higiene de seus utensílios. Vale observar que todos estes produtos eram frescos e resultantes do abate de animais no mesmo dia da venda. **Var.** bucheiro.

BUCHICHO s.m. 1. Fofoca, futrica, falatório, confusão. *Depois do buchicho sobre a morte do fulano, foi aquele desespêro na vila. De tanto fazê buchicho a fulana perdeu um bocado de amigos*. **2.** Burburinho. *Foi no buchicho da festa que eles se conhecêro e começaro a namorá.*

BUCHO s.m. 1. Barriga, abdômen. *Chegô atrasado, encheu o bucho e foi dormir.* **S.** *pança*. **2.** Mulher feia. *Eles pegaro uns buchos lá no baile dos saqueiros e foro zoá.* **S.** *bucha de canhão*. **V.** bruaca.

BUCHO s.m. V. encher o bucho, fura bucho.

BUFA s.f. 1. Peido. Sortaro *uma bufa aqui, parece que alguém comeu urubu!* **2.** Protesto, fúria, raiva. *Bufá o fulano bufô o tempo todo, mais aqui na vila ninguém tem medo dele não. Num adianta bufá, dona fulana, tem que esperá na fila.*

BUFUNFA s.f. Dinheiro, gaita, grana. *Fulano vendeu o café e agora tá montado na bufunfa. A venda do sicrano deu um lucro danado nesse ano, ele tá cheio de bufunfa.* **S.** ferpa.

BULHUFAS pron. indef. Nada, coisa alguma. *Fulano num entendeu bulhufa do que o professor ensinou. De nada adiantô dá a coisa por escrito que o sicrano num conseguiu bulhufa co recado mandado pelo beltrano.* **S.** patavinas. **Var**. bulufa, bulufas.

BUNDA s.f. V. lava-bunda.

BUNHÃO s.m. Abscesso, tumor, cabeça de prego. *Fulano tá cum bunhão no meio da bunda, num tá dano pra sentá direito. Quano o bunhão é piquininim é chamado di cabeça-de-prego.*

BUNITIM adj. Bonitinho. *O fidamãe é bunitim e casô cum muié feia. De nada dianta sê bunitim se o peão num tem modos.*

BURACÃO s.m. Vossoroca, erosão. *Choveu duas hora, mais abriu buracão pra todo lado. Um bom lugá prá brincá é o buracão que tem lá por perto da fábrica de tubos.* **C.** Em Capelinha/Nova Esperança, a vossoroca formada na cabeceira do ribeirão Esperança era tão larga e profunda que

até ganhou nome próprio: Buracão. Era um lugar onde muitas crianças iam para brincar e fazer suas aventuras na mata existente em suas proximidades.

BURACO s.m. Lugar distante, barraco. *Fulano mora num buraco lá nos cafundó do judas. O sítio do sicrano fica num buraco que demora quase meio dia para chegá lá.*

BURCA s.f. Bola de gude. *Fulano tinha u´a coleção de burca. Sicrano tinha u´a burquinha americana. Beltrano usava burca como pelota de estilingue*. **C.** Havia diversas modalidades de jogo: *mata-mata* - após um primeiro lance de alguns passos, os jogadores iam um atrás do outro tentando acertar a bola de gude do outro; roda - os jogadores *casavam* uma bolinha dentro de um círculo e sorteavam quem iria começar a jogar primeiro; o jogador ficava com as bolas que conseguisse tirar do círculo; *biroscas* - três buracos em linha, ou quatro deles sendo três em linha e um em "L"; triângulo - casavam-se quatro bolas, uma em cada canto e uma no meio; ficava com as bolas quem as tirasse do triângulo. Uma variante do triângulo era a *estrela*. **Var.** búrico, burco, burquinha. **V.** americana, batatão, birosca, bol de gude, carretão, cascorenta, cascuda, cebolão, jogadeira, piolho.

BURRICHO s.m. **1.** Burro pequeno. *Fulano tem um burricho que é pau pra toda obra, é forte pra burro. Sicrano comprô dois animar pra tocá a roça dele, um é um burrichó*. **2.** Alguém muito burro, imbecil, tongo. *Mai fulano é um burricho de primeira, vá se tongo assim lá na casa do chapéu.* **Var**. burrichó, burrico, burrincho.

BURRO s.m. V. amarrar o burro, boca de burro, botar o burro na sombra, dar com os burros n´água, pra burro, burricho.

BUSANFÃ s.m. Bunda, ânus. *Vá tomá no busanfã! Fulano levô u´a lambada no busanfã, que ardeu a tarde toda.* **C.** De sentido pejorativo. **Var.** buzanfa. **V.** ás de copas, fiofó, lordo, roscófi, toba, xibiu.

Buscar fogo. Estar com pressa, algo feito de modo rápido. *Fulano demorô um tiquim de tempo, parece até que veio buscá fogo. Sicrano, fica pro café, se ocê num veio buscá fogo então senta e vamo proseá.* **Var.** buscá fogo.

BUTECO s.m. Comércio em que se vendia bebida alcoólica, boteco. *Vamo tomá u´as e otras no buteco do Baiano? O buteco do fulano é o mais frequentado da praça, é um bom lugar pra tomá uns trago.*

BUTUCA s.f. 1. Tipo de mosca que incomodava muito os pioneiros, devido a sua picada dolorosa. **Var**. mutuca, motuca. **2.** Atenção, espreita, tocaia. *Fulana ficô de butuca até pegá o marido ca otra. Fica aí de butuca pra vê se o ônibus chega no ponto.* **Var***. botuca.* ***V.*** ficar de butuca.

BUZANFA s.f. Bunda, nádegas. *Olha só o tamanho da buzanfa dela, é um caminhão de bunda. Tira a buzanfa daí que aí num é lugá di sentá. Deu u´a cabeça de prego na buzanfa do sicrano que ele nem conseguia sentá direito.* **Var***.* buzanfã. **V.** ás de copas, fiofó, lordo, roscófi, toba, xibiu.

C, de **café**, o ouro verde. Motivação maior da ocupação das terras norte-paranaenses. Praticamente foi o avanço das plantações de café que, em poucas décadas, propiciou a transformação do vasto espaço de Mata Atlântica em busca de riqueza e melhores condições de vida. As próprias designações Norte Velho, Norte Novo e Norte Novíssimo, bastante conhecidas entre a população em geral, inclusive entre os pesquisadores e historiadores, referem-se aos diferentes períodos em que as terras foram incorporadas à cultura cafeeira, ou seja, de modo geral, sua história está dividida em três grandes períodos: o café no Norte Velho (1903 a 1939); o café no Norte Novo (1930 a 1944) e o café no Norte Novíssimo (1945 a 1975).

C, de **Compania**, que assim era referida a Companhia Melhoramentos Norte do Paraná, a CMNP, empresa que efetuou o loteamento das terras desta região paranaense, criou vilas e cidades e fez a venda dos lotes a milhares de (i)migrantes que para lá se dirigiram para instalar pequenos negócios e, sobretudo, plantar café.

CABAÇO s.m. 1. Hímen, virgindade. *Fulano tirô o cabaço da sicrana na mata detrais do clube. Beltrana ficô pra titia, pra tirá o cabaço dela só cum formão e martelo*. **2.** Pessoa sexualmente virgem. *Aquela fulana inda é cabaço, nela só dá amasso.*

CABEÇA DE BAGRE s.m. 1. Jogador de futebol ruim de bola. *Só o Mário jogava bem, o resto era tudo cabeça de bagre.* **2.** Pessoa sem importância. *No sítio do fulano tem um bocado de cabeça de bagre fazeno a colheta do café, nenhum deis é conhecido na praça.* **V.** bagrinho, zé-ruela.

CABEÇA DE GALINHA s.f. Pessoa sem muita inteligência, alguém que não pensa direito. *Ô cabeça de galinha, presta atenção no que ocê tá fazeno; faiz a coisa certa! Pra fazê este serviço num dá pra contratá um cabeça de galinha quarqué, tem que sê alguem cum trato no assunto.*

CABEÇA DE PORCO s.f. 1. Coisa mal feita. *Deixa de fazê cabeça de porco, fulano, depois vai tê que refazer.* **V.** balaio de gatos, gambiarra, chachicho, chacho, chuncho, gambiarra. **2.** Habitação coletiva. *Sicrano mora numa cabeça de porco e junto cum ele mora mais duas familha.*

CABEÇA DE PORONGO s.f. Pessoa boba, que não pensa direito, tonto. *Ô cabeça de porongo, vê se enxerga o que tá fazeno. Só depois que feiz merda é que o cabeça de porongo do fulano se deu conta do istrago que feiz.* **V.** arigó, bocó, jacu, mocorongo, mondrongo, paiaguá, pato, tongo, zureta.

Cabeça feita. Pessoa que foi convencida, que não muda de opinião. *Não gasta saliva co´a fulana, ela já tá co´a cabeça feita. Argumentá cum gente de cabeça feita é perca de tempo.*

Cabeça oca. Pessoa que não pensa direito, que não tem discernimento, que não presta atenção. *Fulano é um cabeça oca, nunca lembra do que a gente combina. Ô cabeça oca, presta atenção no que faz. É burro feito u´a porta, esse cara parece que tem a cabeça oca.*

CABEÇA s.f. 1. Parte do topo do coqueiro ou do palmiteiro, que é de onde se obtém o palmito. *Fulano derrubô dois palmito pra aproveitá a cabeça e fazê mistura pro almoço.* **2.** Parte do topo dos mourões de cerca. *Ao fazê a cerca do pasto do fulano, o empreitero arredondô a cabeça dos mourões e deixou plana a cabeça dos palanques.* **V***. andar com a cabeça nas nuvens, de ponta cabeça, cabeça de bagre, cabeça de galinha, cabeça de porco, cabeça de porongo, cabeça-chata, procurar chifre em cabeça de cavalo, sem pé nem cabeça, ter minhoca na cabeça.*

CABEÇA-CHATA s.2g. Pessoa de origem nordestina. *Aquele peão é cabeça-chata, veio lá do Ceará. Fulano, aquele magro e baixinho é cabeça-chata nordestino.* **C.** Esta era uma expressão dita de forma preconceituosa em relação aos migrantes de origem nordestina.

CABECEIRAS s.f.pl. A parte mais alta de uma propriedade agrícola - sítio ou fazenda; geralmente era o lugar onde nascia algum curso d´água**.** *O sítio de fulano tem boa aguada nas cabecera de suas terra. A estrada passa pela cabecêra do sítio de sicrano. A cabicêra do córrego Rã estão na chácara da Compania.* **Var.** cabicêra. **C.** normalmente era um termo usado no plural.

CABELO s.m. V. deitar o cabelo*.*

CABO s.m. V. *pegar no cabo seco.*

CABOCO s.m. Matuto, pessoa que mora na roça, caboclo. *Conheci um caboco lá na bêra do rio. Fulano é um caboco, nasceu e sempre viveu no mato, nem pra vila ele vem.* **V.** babaquara, bicho do mato, bocoió, caipira, caipora, capiau, coió, jacu, matuto, tucura*.*

CABRA DA PESTE s.m. Homem brabo, destemido, valoroso, corajoso, valente. *Fulano é um cabra da peste; deu conta da empreita em dois dia! E num é que o cabra da peste enfrentô os ladrão de galinha só no peito, sem nenhuma arma.* **C.** Oposto: *cabra froxo*. **S.** cabra macho**,** cabra arretado.

CABRA s.m. 1. Homem. *Aquele cabra mora no sítio e aquele otro mora na cidade. Fulano contratô uns quinze cabra pra ajudá na coieta do café, só nego bão de braço*. *Sicrano contratô um bocado de cabra lá na vila pa catá algodão no sítio dele, metade era meia-boca.* **V.** cabra da peste, cabra safado, êta cabra da peste*.*

CABRA SAFADO s.m. Homem mau, sem escrúpulos, de atitudes incorretas. *Aquele é um cabra safado, num vale o fejão que come. De cabra safado e gente sem palavra já tô cheio, vê se arruma alguém que preste.* **V.** cafumango, caipora(2).

CABREIRO adj. Desconfiado, atento, indignado. *O cara ficô cabrêro co´a brincadêra que fizero cum ele. Depois de levá u´as pancada, fulano ficô cabrêro e partiu pra porrada.*

CABURÉ s.m. Pessoa pensativa, taciturna. *Depois que recebeu a notícia da morte do parente fulano ficô feito caburé. Dá u´a de caburé e vê o que ocê vai decidir.* **C.** Analogia com pequena coruja da beira de rios e córregos.

CACA s.f. 1. Coisa ruim, titica, porcaria, nojeira*. Fulana gosta de tirá caca do nariz e esfregá na roupa. Num põe isso na boca que é caca. Aquilo é caca, isso é caca, e tudo o que tem neste lugá é caca*. **2.** Coisa mal feita. *Que caca é esta que ocêis fizero aí no quintal? Vê se tira esta caca da cozinha que isso tá me dano inguio.* **C**. Esta, com certeza, é uma das primeiras palavras que uma criança aprende dada a repetição que é feita pelos pais.

CACARECO s.m. Treco, coisa sem valor,objeto velho ou bastante usado. *Na casa do fulano só tem cacareco e tranquera, num sei cumé quele consegue morá lá. Aos poucos, quase sem percebê, as ferramenta do sicrano tinha virado u´a montoêra de cacareco.* **V.** tranquêra*.*

CAÇAPA s.f. V. boca de caçapa.

Caçar sapos com bodoque. Elemento de *´vá caçar sapos com bodoque´*, com que se manda que alguém se ocupe de alguma coisa que não incomode o próximo. Óia aqui o fulano, vá caçá sapo cum bodoque e não me torra os pacová. **S.** catar coquinho. **Var.** caçá sapo cum bodoque.

CACETE s.m. 1. Pênis. *Fulano pegô cancro no cacete.* **2.** Indivíduo chato, aborrecido, abusado. *Sicrano é do cacete, vá sê chato assim na caxa prego.* **3.** Algo caracterizado pelo aborrecimento que causa. *O trabalho que terminaro foi do cacete, no final tava todo mundo arriado.***V.** casa do cacete.

CACHIMBADA s.f. Pancada forte, pedrada, batida forte. *Fulano deu u´a cachimbada na cabeça do sicrano. Com u´a cachimbada só o Nailton matô trêis rolinha no manguerão do japoneis. Usano o estilingue, fulano deu u´a cachimbada de mamona pelada na cachola do sicrano quele viu istrela.* **V.** bordoada, camaçada*.*

CACHOEIRA s.f. V. nascido em bera de cachoera*.*

CACHOLA s.f. Cabeça, mente. *Isso é coisa lá da cachola do fulano. Levô u´a pancada na cachola. Sicrano num bate bem da cachola.* **Var.** cuca. **V.** bestunto, cachuleta, caçuleta.

CACHORRA s.f. V. *estar com a cachorra*.

CACHORRADA s.f. Cachorro(2). *O que fulano feiz co sócio dele foi u´a cachorrada. Foro jogá bola e volta fiizero u´a cachorrada co fulano, deixaro ele pra trais e ele teve que vim a pé por uns deiz quilômetros.*

CACHORRO s.m. 1. Cão. **C.** Raramente se empregava *cão* para designar o cachorro. **2.** Pessoa má, sem qualidade, sem caráter. *Aquele caboclo é um verdadêro cachorro.* **3.** Coisa mal feita, sacanagem. *Sicrano é costumêro em fazê cachorro co´s amigo.* **V.** *mata-cachorro,* pé-de-cachorro*, pra cachorro.*

CACO s.m. V. *encher o caco, estar um caco.*

CAÇULETA s.f. Cabeça. *Fulano tá co´a caçuleta machucada, por causa do tombo na escada Sicrano tá cum dois berne na caçuleta.* **Var.** cachuleta. **V.** bater com a caçuleta, bestunto, cachola.

CACUNDA s.f. Costas, dorso. *Montô na cacunda do animal e se escafedeu. Levô u'a cacetada na cacunda, que quase foi pro chão.*

Cadê. Fórmula frasal interrogativa, correspondente a *que é de*. *Cadê o meu chapéu?* **Var.** quede, quedê.

CADEIRA s.f. V. *chá de cadeira.*

CADEIRAS s.f.pl. Quadris. Fulano tá *cum dor nas cadêra de tanto baná café*. *Sicrano escorregô e caiu sentado, ficô descadeirado. Olha só as cadêra daquela morena que coisa bonita, sô.* **Var.** cadêra. **V.** descadeirado.

CADERNO s.m. V. *freguês de caderno.*

CADIM s.m. Bocadinho. *Pega um cadim disto, um cadim daquilo e junta tudo pra fazê a massa. Seu fulano, pesa um cadim de arrois, um cadim de fejão e um cadim de sal pra mim e marca na cardeneta.* **Var**. bocadim.

CADORNA s.f. Codorna. *Lá na fazenda do doutor Sérgio tem muita cadorna. O cachorro do Chico amarrô u´a cadorna bem na bêra do barranco.* **C.** Ave campestre, comum em pastos e capoeiras, que demorou a aparecer na região, antes coberta por matas fechadas.

Café-com-leite adj. Menor, mais fraco, quando brinca sem valer. *Fulano é café-com-leite, entra no jogo só pra fazê número. Do time todo, só o sicrano é café-com-leite.*

Café de duas mãos. Café com acompanhamentos, com mistura. *Vamo entrá cumpradre, a muié tá servino um café de duas mão. Fulana feiz um baita café de duas mão pra gente tomá, que deu gosto.* **V.** *mistura.*

Café pequeno. Algo fácil de ser realizado. Coisa sem importância. Pessoa de pouca competência. *Construi o paiol em cinco dias é café pequeno praquela turma de carpinteiros. Fulano é café pequeno pro tamanho da empreitada. Pela tranquêra de problema a sê resolvido, esse do seu sicrano é café pequeno.*

CAFOFO s.m. Casa pequena, simples ou pobre, casebre, barraco. *Num vejo a hora de voltá po meu cafofo pra descansá. O cafofo do fulano foi feito de lasca de palmito e coberto de tabuinha.* **V.** baiuca, biboca, muquifo.

CAFUMANGO s.m. Pessoa não confiável, pessoa de baixa condição social. *Aquele cafumango me passô a perna. O cafumango, dexa di sê besta e some daqui.* **V.** cabra safado, caipora(2).

CAFUNDÓ s.m. Lugar distante, de difícil acesso. **C**. Muito utilizado na expressão "Cafundós do judas". *Fulano mora lá nos cafundó, pra chegá lá tem qui passá pelo menos u´as treis pinguela.* **V.** biboca, caixa-prego, casa da peste, casa do cacete, casa do chapéu, cu do judas, fim da picada, fundos do brocotó, oco do mundo, puta-que-o-pariu.

CAFUNDÓS DO JUDAS s.m.pl. Lugar distante, de difícil acesso. *Fulano mora nos cafundó do judas.* **Var.** cu do judas. **V.** biboca, caixa-prego, casa da peste, casa do cacete, casa do chapéu, fim da picada, fundos do brocotó, oco do mundo, puta-que-o-pariu.

CAGAÇO s.m. Medo, receio, susto. *Foi só a onça esturrá perto do acampamento que foi o maió cagaço entre a peãozada. Se tem algo do qual fulano tem cagaço é de cobra e aranha, inda mais se fô caranguejera.*

CAGADA s.f. Coisa mal feita, desastrada. *Fulano foi cortá a árvore e ela caiu em cima da casa, foi um baita cagada. Entrá no areião cum aquela carga toda só podia dá cagada.*

CAGADO DE ARARA adj. Azarado, que não tem sorte. *Fulano tá cagado de arara, até a mulher largô dele. Beltrano é um cara cagado de orubu, nada cum ele dá certo. Todos na famílha são cagados de arara, eles têm sérios problemas, devem pra todo mundo.* **Var.** cagado de urubu.

CAGADO DE URUBU adj. V. cagado de arara.

Cagando e andando. Não se importando com as consequências, não dando importância. *Fulano tá cagano e andano pro emprego que tem. Sicrano tá cagano e andano pras bronca do pai dele.* **Var.** cagano i andano.

CAGANDO v. V. *cagando e andando.*

Cagar na retranca. Ficar com medo, escapulir. *Era pra todo mundo i, mais na última hora fulano cagô na retranca e deu pra trais*. **C.** Retranca é tábua da charrete, entre os pés do condutor e a traseira do cavalo. **V.** cagar pau(1). **Var.** cagá na retranca.

Cagar pau 1. Fazer besteira, coisa errada, dar mancada. **2.** Ficar com medo. *Na hora da briga fulano cagô pau e sartô de banda. Fulano, que punha panca de macho, cagô pau no meio do vuco-vuco e se borrô todo.* **Var.** cagá pau.

CAGAR V. cagada, cagar na retranca, não caga, nem desocupa a moita.

CAGAR v. V. não caga e nem desocupa a moita.

CAGA-SEBO s.m. Pequeno passarinho. *Fulano é caçadô de caga-sebo, nunca matô alguma coisa que prestasse pra comê. No mato do sicrano tem muito caga-sebo, mais nada que preste pra caçá.*

CAGUETA s.2g. Pessoa que denuncia alguém, dedo-duro, indivíduo que presta serviço à polícia denunciando terceiros, alcagueta. *Fulano é um cagueta, tome cuidado. De tanto caguetá os amigo, sicrano acabô seno isolado da turma.*

CAGUETAR v. Denunciar, dedurar, entregar alguém à polícia, alcaguetar. *O fulano caguetô o sicrano pro dono do sítio e foi aquele furdunço. A prisão do bandido só possível por causa dos caguetas. Sicrano caguetô beltrano pro diretor do ginásio.* **Var.** caguetá.

CAIPIRA s.2g. Morador da roça, dos sítios, matuto. *Na sexta-fêra santa a praça Melho Palheta ficava cheia de caipira e jacu. Sábado é o dia que a capirada vem pra vila comprá sal, jabá e farinha de mandioca e de milho tamém.* **C.** Vem do tupi caá+iypyra ou caa–iypira, “próximo do mato”, “oriundo do mato”. **V.** babaquara, bicho do mato, bocoió, caboco, caipora, capiau, coió, jacu, matuto, tucura.

CAIPORA s.2g. 1. Matuto, roceiro, pessoa rústica, gente do mato, jacu. *Lá no sítio do fulano só tem peão caipora. Fulano é um caipora, verdadêro bicho do mato, só vem pra vila quano tem precisão.* ***C.*** Do tupi *caapora*, “habitante do mato”. **V.** babaquara, bicho do mato, bocoió, caboco, caipira, capiau, coió, jacu, matuto, tucura. **2.** Pessoa safada, sacana*. Fulano é um caipora, só feiz sacanage no sítio do sicrano*. **V.** cabra safado, cafumango.

Cair a casa. Dar-se grave imprevisto, ocorrer desastre ou problema. *Quase no finzim do baile a casa caiu, e foi aquele furdunço, briga pra todo lado. Só depois que a casa caiu co ataque do bicho minêro é que ele se interessô por cuidá do cafezal.* **Var.** cai a casa.

Cair de maduro. Levar tombo ou queda por descuido. *Fulano caiu de maduro, num prestô atenção no buraco. Sicrano tá caino de maduro, é só ele num cuidá da saúde e ficá tomano u´as e otras nos buteco da vila que logo, logo, ele vai comê capim pela raiz.* **Var.** cai di maduro.

Cair do cavalo. Perder algo inesperado, ter decepção, se dar mal. *Fulano caiu do cavalo quano comprô o sítio do sicrano, era pura pindaiba. Beltrano pensô que ia coiê u´a boa safra mais caiu do cavalo porque a chuva de pedra acabô cum tudo.* **Var.** cai do cavalo.

Cair o forno. Situação pré-parto, momento do parto. *Fulana me disse que já tá na hora de cai o forno dela. Na hora que caiu o forno da sicrana a partêra tava ajudano. Beltrana já tá no tempo de ganhá famía, já tá quase na hora de cai o forno.* **V.** de barriga, chegar a encomenda, *ganhar família.* **Var.** caí u forno.

CAIXA-PREGO s.f. Lugar muito distante, paradeiro desconhecido. *Fulano mora lá na caixa prego, depois de onde o judas perdeu as bota. Fui buscá a mudança do sicrano lá na caixa prego.* **V.** biboca, cafundós do judas, casa da peste, casa do cacete, casa do chapéu, cu do judas, fim da picada, fundos do brocotó, oco do mundo, puta-que-o-pariu.

CAIXA-SECA s.f. Caixa de câmbio antiga. ▪ **s.m.** Veículo automotivo cuja caixa de câmbio possuía um sistema de engrenagem arcaico. *O caxa-seca do fulano é veinho, mais é valente. Fulano comprô um caxa-seca pra tirá madêra do sítio, tava co´s peneu tudo esteporado.*

CALÇA DE PULAR BREJO s.f. Calça curta, que cobre até a altura da canela. *A calça do fulano incurtô, tá feita qui nem calça de pulá brejo.* **C.** Por analogia à calça com a barra dobrada para atravessar terrenos molhados. **Var.** calça de pulá brejo, calça de joão-pula-corgo, calça pega-frango.

CALÇA PEGA-FRANGO s.f. Calça que encolhia e mostrava as meias e, não raro, um pouco da canela das pessoas. Normalmente as calças feitas com os tecidos que encolhiam eram confeccionadas com uma boa reserva de tecido na barra, porque na medida em que o tecido encolhia era aumentada a barra da calça. O problema era que ficava uma barra com cor menos desbotada. **V.** calça de pular brejo.

CALÇA s.f*.* **V.** *braguilha, calça de pular brejo, pegar pelo cu das calças, vender as calças.*

CALÇADO s.m. V. *estar calçado.*

Calcanhar do judas. Lugar muito distante. *Fulano mora lá nos carcanhá do judas, é longe pra dedéu. Se eu soubesse que o pesquêro ficava lá no carcanhá do judas num teria ido pes*car *cocêis*. **Var.** carcanhá do juda.

CALÇUDA adj*.* **V.** velha calçuda.

CALCULE interj. Expressa admiração, espanto. *Carcule, compadre, nunca ouvi dizê que isso era verdade. O peão trabaiô meio dia e queria ganhá o dia todo, carcule só se num é um abissurdo u´a coisa dessa.* **C***.* Geralmente, emprega-se em resposta a alguma observação ou afirmação, equivalendo a '*ora', 'veja só', 'não diga'.*

CALDO s.m. V. *dar um caldo.*

CALOMBO s.m. Protuberância que se cria na pele, caroço resultante de uma batida na cabeça. *Fulano levô u´a camaçada de pau na cachola que feiz um baita calombo. Sicrano tinha dois calombo de berne na cabeça, foi difícil tirá os bicho.*

CAMAÇADA s.f. Pancada forte, batida. *Fulano deu u´a camaçada de pau no cachorro que quase alejô o bicho. Beltrano deu u´a camaçada no muro e arrebentô o para-choque do caminhão.* **Var.** camaçada de pau. **V.** cachimbada.

CAMARADA s.m. Trabalhador contratado para trabalhar nas derrubadas, nas roças ou em algum serviço temporário**.** *Fulano contratô um bocado de camarada pra ajudá na colheta do café. Enquanto o trabalho era moleza, os camarada aguentaro o tranco, depois, quando chegô no osso eles deram no pé e se mandaram.* **C.** Eram também chamados de 'volantes'. Em geral eram jovens que conseguiam empregos de curto prazo em trabalhos no campo.

CAMBADA s.f. Turma, corja, quadrilha. *Uma cambada de vagabundo entrô no sítio do fulano e robô um monte de milho verde*.

CAMBAIO adj. s.m. Pessoa que tem as pernas tortas, que anda manquitolando. *O fulano é cambaio, num sei como consegue jogá futebol. De longe a gente já sabe que quem vem lá é o sicrano, é só notá o jeito cambaio dele andá.* **S.** cambaia. **Var.** cambeta.

CAMBAR v. 1. Virar para um lado, dobrar. *Chegano lá, ocê camba pras direita e segue em frente.* **2.** Virar de lado, tombar, pender, inclinar. *O caminhão cambô co´a carga e foi tudo pro buraco na bêra da estrada.*

CAMBITO s.m. Perna fina. *Ela tava tão doente que mal se segurava nos cambito. Olha só os cambito dela, parece que tá fartano o que comê.* **Var**. gambito.

CAMBOTA s.f. 1. Revestimento das paredes do poço d'água, em forma de cilindro, feito com ripas para evitar desbarrancamento. **C.** Para a elaboração de uma cambota era preciso escolher bem a madeira a ser usada, tais como o cedro e o pau-marfim porque estas, diferentemente da peroba e do pau-d´alho, não agregava gosto ruim à água. **2.** Cambalhota. *Ô meu, dá cincão que eu dô u´a cambota aqui na calçada. Fulano deu u´a cambota depois que trupicô no cabo da enxada.* **Var.** carambota. **V.** virar cambota.

CAMBUQUIRA s.f. Ponteiro do ramo de abóbora consumido como alimento. *Dona Irma sabia fazê u´a farofa de cambuquira cum farinha de milho que era o bicho.* **C.** O broto era geralmente utilizado nas sopas, ensopados ou omeletes.

CAMELAR v. 1. Andar bastante, correr. **C.** No jogo de bétis, dizia-se depreciando o adversário depois de forte batida: *Agora ocê vai camelar.* **2.** Trabalhar muito. *Camelei o dia intêro e poco recebi.* **Var.** camelá.

CAMPEAR v. Procurar, ir à busca de algo, caçar. *De tanto campiá, ele acabô achano os ninho das galinha de Angola perto da horta. Campeei a noite toda e num encontrei o animal que desgarrô da tropa. O Edson ficô campiano codorna no pasto o dia todo, foi u´a boa pernada mais num caçô nada.* **Var.** campiar, campiá.

CAMPINHO s.m. Qualquer área onde se pudesse jogar futebol. *O campinho do Padre é um bom lugar pra jogá bola. Na frente do grupo escolar tinha um campinho onde eram feitas as pelada da molecada.*

CANA s.f. V. cu de cana.

CANAFRISTA s.f. Canafístula. C. Uma espécie madeira de lei cujo lenho é muito duro. Talvez seja uma das madeiras mais duras e pesadas daquelas exploradas no norte do Paraná. *O cumpá, tá duro de trabaiá co´as canafrista, nem prego entra no raio da madêra.*

CANELA DE SABIÁ s.2g. Pessoa que tem as pernas finas. *Vão jogá bétis o fulano, o sicrano, o beltrano e o canela de sabiá.*

CANELA s.f. V. *ensebar as canelas, passar sebo nas canelas, canela de sabiá.*

CANELA-BOSTA s.f. Árvore cuja madeira quando queimada exala cheiro de merda. *Dona fulana num sabia por que a cozinha fedia tanto, era canela-bosta queimano no fogão.* **Var**. canela-merda.

CANELADA s.f. Longa caminhada. *Da casa até o rio é u´a senhora canelada. Depois de canelá o dia todo afinal chegaro na vila onde foro comprá us mantimento.*

CANGAIA s.f. Coisa sem valor, sujeito inútil. *Tira esta cangaia daqui que só tá estrovando. Fulano tá quereno vendê o jipinho dele, mais aquilo lá é u´a cangaia véia nem os peneu tão bão. Sicrano é u´a cangaia, neca de procurá trabaio, vive só de favor.*

CANGOTE s.m. Parte posterior do pescoço, nuca. *A onça sempre pega pelo cangote. O professor pegô o Gilberto pelo cangote e botô fora da sala.*

CANGUÇU s.m. Onça preta**.** *Fulano jurava que tinha u´a canguçu rondano o rancho, mais ninguém creditava nele.* **C.** Não raro, o apelido de canguçu era utilizado para referir os negros muito fortes ou, ainda, preconceituosamente para referir qualquer pessoa negra.

CANHÃO s.m. Mulher feia. *Lá no baile do fulano só dava canhão, tava duro achá u´a moça bonita. De canhão e gente pidoncha eu quero é distância.* **V.** bruaca, bucha de canhão.

CANINANA adj. Mulher braba. *Fulana é u´a caninana, nem dá pra discordá dela que lá vem xingamento. Tanta moça simpática e o sicrano foi se apaixoná logo por u´a caninana.* **C.** A pecha vem do fato da cobra caninana ter fama de ser braba e rápida.

CANJEBRINA s.f. Pinga, cachaça, bebida alcoólica em geral. *Bota aí u´a cajibrina aqui pro defunto. Gosto de tomá u´a cajibrina antes do rango.* ***C.*** Originalmente designava suco de cana de açúcar fermentado, com alto teor alcoólico (30 a 60 graus). **Var.** cajibrina, canjibrina. **V.** abrideira, água-benta, água que passarinho não bebe, branquinha, goró, margosa, mata-bicho, mé, que matô o guarda.

CANJICA s.f. Dentadura; parte do corpo composta pelos dentes mais a gengiva; sorriso largo. *Não precisa muito agrado pra fulana mostrá as canjica dela. Sicrano é muito canjicudo, fica se arreganhano o tempo todo. Qué vê a vó mostrá as canjica leva os neto prela vê.*

CANO s.m. V. entrar pelo cano.

CANOA s.f. V. embarcar em canoa furada.

Cantar de galo. Querer ser melhor que outros, querer algum tipo de prevalência, pessoa prepotente. *Fulano cantô de galo o tempo todo até achá alguém mais forte que ele. Sicrano quiz cantá de galo no baile e o que arrumô foi rabo de foguete*. **Var.** cantá di galo.

CANTO s.m. V. de canto.

CÃO CHUPANDO MANGA s.m. Algo fora do normal. *Fulano era o cão chupano manga quano estudava, todo dia era mandado fora da sala de aula.* **Var.** cão chupano manga.

CÃO s.m. 1. Demônio. *Isso é coisa do cão; só o coisa-ruim é capaiz de tanta maldade.* **2.** Animal brabo, enfezado (não necessariamente um cão), pessoa ruim, de maus modos. *Aquele cara é o cão, briga por qualquer bestêra. O cavalo do fulano é o cão de brabo.* **V.** cão chupando manga, coisa do cão.

Capar o gato. Escapar rapidamente, sair de fininho, ir embora. *Aí as coisa ficaro feia e ele capô o gato, deu no pé, sumiu na moita. Provocá fulano provoca, mais se a coisa encrespa ele é o primêro a capá o gato e picá a mula.* **Var.** capá o gato, carpir o gato, carpir o trecho, capar o bode.

CAPAR v. V. *capar o gato, carpir o gato, na hora do pega pra capá.*

CAPETA s.m. V. virado no capeta.

CAPIAU s.m. Menino da roça, criança do meio rural, pessoa da roça. *Os capiau daquele sítio trabaiam di sor a sor. Os capiauzinho iam pra escola perto da venda.* **V.** babaquara, bicho do mato, bocoió, caboco, caipira, caipora, coió, jacu, matuto, tucura.

CAPILÉ s.m. Xarope ou suco de cor vermelha. *A mãe de fulano faiz capilé todo domingo.*

CAPIM s.m. V. comer capim pela raiz.

CAPIVARA s.2g. Pessoa suja, despenteada, que não cuida da aparência. **V.** cascudo. *Fulano(a) é um(a) capivara, dá até um mal-estar de se ver.*

CAPOTÃO s.m. Bola de futebol com câmara de ar. No grupo escolar quem tinha a bola de capotão mandava no jogo; podia ser um perna-de-pau que entrava em um dos times. **C.** Enchia-se a câmara por um bico, que depois era dobrado e recolhido para dentro por uma abertura que se fechava com cordão, como em um sapato.

CAPOTE s.m. 1. Capa, casaco. *Ele comprô um capote de brim.* **2.** Tombo, queda. *Correu da chuva e tomô o maior capote que já se viu.*

Cara cheia. Bêbado. *Fulano tá de cara cheia, cercano frango. Sempre que enche a cara sicrano dá vexame.*

Cara de pau. Pessoa sem vergonha, que não tem pudor, malandro. *Fulano é um baita dum cara de pau, aprontô todas e foi pra casa como se nada tivesse acontecido. Sicrano apurô u´a grana ca venda do algodão, num pagô o armazém e inda voltô pedi fiado, é muita cara de pau*.

Cara de tacho. Situação de decepção, indignação, aborrecido, chateado, desenxabido. *Fulano levô um fora da fulana e ficô cum cara de tacho. Sicrano tem muita cara de tacho pra aparecê por aqui depois das cagada que feiz.* **S.** cara de pau.

CARA s.f. 1. Rosto. *O fulano limpa a cara que tem u´a sujera perto do teu nariz.* **2.** Pessoa, indivíduo. *O cara pagô a conta e saiu.* **C.** A palavra "cara" era utilizada em várias situações sem que necessariamente tivesse um significado específico. P. ex. cara de cavalo, cara de porco, cara de macaco, cara de anta, cara de galo etc. **V.** amarrar a cara*, cara cheia,* cara de pau, cara de tacho, custar o olho da cara, por a cara pra bater, *puto da cara.*

CARAMBOLA! Interj. Expressa espanto, indignação, susto. *Carambola! Isso tinha que acontecê logo hoje. Sicrano enfrentô a chuvarada arriscano ficá doente. Carambola!*

CARANGUEJO s.m. Pessoa cujas atividades regridem. *A vida de fulano é igual que o caranguejo, só vai pra trais. Sicrano é igual caranguejo, tudo que faiz num dá certo.* **Var.** carangueijo.

CARBUNCO s.m. Carbúnculo, doença do gado bovino. *Eta, raio, só me fartava essa, deu carbunco no meu gado.* **Var.** cabrunco.

CARCADA s.f. Chamada, pito, bronca, esculacho. *O dono do sítio pegô o moleque roubano melancia e deu u´a carcada nele. Fulano feiz coisa errada e levô u´a carcada do patrão.*

CARÇAR v. 1. Castigar com surra, bater, pressionar. *O pai do fulano carçô a oreia dele, que até deu dó de vê. O pulíça carçô o sicrano, e ele contô tudo o que sabia.* **2. Carçá o bucho**. Comer, alimentar-se. *Vô carçá o bucho logo de manhã. O pessoal da roça costuma carçá o pandú antes de saí pro trabaio.* **Var.** carçá.

CARCAR v. 1. Apertar, pressionar, bater. *Num carca as fruta, minino, senão elas fica machucada. Fulano carcô o cacete no cachorro.* **2.** Dar no pé, fugir, cair fora. *Fulano viu a tempestade chegano e carcô o pé na estrada. Sicrano nem viu o começo da briga e já tinha se encarcado pro meio do cafezal.* **Var.** carcá, encarcar, incarcar.

Carcá a molera. Dar duro em alguém, dar bronca, reprender. *Fulano carco a molera do fio dele porque o serelepe feiz arte. Depois de carcá a molera do sicrano é que o irmão dele viu que tava errado*. **Var.** calcar a moleira.

CARDENETA s.f. Caderneta. *Fulano compra tudo na venda marcado na cardeneta. Tem u´a cardeneta na venda e otra na mão do sicrano, fim do mês tem que batê as conta.*

CARECER v. Precisar, necessitar. *Num carece sombrinha não, dona Ana, a chuva já vai passá. Fulano tá careceno de casá, senão vai ficá um sorterão enjeitado.* **Var.** carecê.

CARNE s.f. V. estar por cima da carne seca.

CARNEGÃO s.m. Olho ou raiz do furúnculo (tumor). *Tem que tirá o carnegão, senão o bunhão demora pra curá. Tem que esperá o furúnco madurá pa tirá o carnegão.* **S.** berne, bunhão.

CAROÇO s.m. V. angu de caroço.

Carpir o gato. Sair rapidamente escafeder-se. *Enganô a moça e carpiu o gato, senão o pai dela acertava o passo dele.* **Var.** carpi u gato, capar o bode, capar o gato, carpir o trecho.

Carpir o trecho. O mesmo que carpir o gato.

CARRADA s.f. Muitos, bastante, grande quantidade. *Fulano colheu u´a carrada de abóbora. Sicrano vendeu u´a carrada de porcos. Foi um bom dia de pescaria, pegaro u´a carrada de peixe. Fulano conseguiu u´a carrada de tijolo pra fazê o forno no quintal.*

CARRAPATO s.m. Pessoa insistente, grudenta, chata. *Ficô na cola da gente igual carrapato. Ele parece carrapato, num larga a namorada por nada desse mundo.*

CARREIRO s.m. Caminho feito por pisoteio ou por formigas, caminho no meio da capoeira. *O carrêro da anta. O carrêro que atravessava o campo de aviação ia até a Vila Silveira. O carrêro das formiga saúva é bem demarcado e é nele que deve colocá o veneno.* **Var**. carrêro.

CARREIRAS adv. V. às carreiras.

CARRETÃO s.m. Bola de gude pesada. *Vô mandá tua bola pro espaço cu meu carretão.* **C.** Preferida para o jogo de roda. **V.** americana, batatão, birosca, bola de gude, burca, cascuda, cebolão, jogadeira, piolho.

CARRO DE PRAÇA s.m. Carro de aluguel para passageiros, táxi. *No ponto de Nova Esperança tinham carro de praça Seu Cazuza, o Angelin Calça, o Abelírio, o Mário Prisão, o Cláudio Benatti e o Tio Chico, pai do Armando Galbi.* **C.** Nos anos 1950 ficavam estacionados na praça da Rodoviária.

Carta fora do baralho. Pessoa fora de alguma atividade, deixado de lado, excluído, descartado, abandonado. *Fulano tá sem grana, nesta empreitada ele é carta fora do baralho. Sicrano bem que tentô batê um barro na fulana, mais num colô, agora ele é carta fora do baraio*. **Var.** carta fora du baraio.

Cartear marra. Ficar teimando, mostrar ânimo de briga. *Fulano ficô cartiano marra co sicrano até apanhá na cara; aí ficô reclamano da surra.* **Var.** cartiá marra.

CARTÓRIO s.m. V. ter culpa no cartório.

CARURU s.m. Caruru (*Amaranthus flavus),* planta rasteira, alimentícia, que dá em áreas meio sombreadas. *Bota caruru no fejão para aumentá a sustança. Tem muito caruru no quintal do sítio do fulano, e mais ainda perto do chiqueiro.* **Var***.* cururu*.* **C.** Também conhecido como caruru-de-porco, é um vegetal rico em potássio, cálcio, fósforo e vitaminas A, B1, B2 e C. Suas folhas podiam ser usadas como salada ou refogadas, entre outros usos, como componentes de panquecas. Normalmente, era misturado ao feijão ou comia-se refogado. Não era muito comum o seu consumo.

CASA DA PESTE s.f. Lugar muito distante, lugar ermo. *Ele mora lá na casa da peste, longe pra dedéu.* **Var.** casa do cacete, casa do chapéu. **V.** biboca, cafundós do judas, caixa-prego, cu do judas, fim da picada, fundos do brocotó, oco do mundo, puta-que-o-pariu.

CASA DE MATERIAL s.f. Casa de alvenaria. *Fulano construiu a nova casa de material, os tijolo viero lá do estado de São Paulo. Sicrano tá cum planos de construi u´a casa de material se a colheta do café for boa.* **C.** Ao abrir os lotes, em geral, primeiro o pioneiro fazia um casebre de tronco e folhas de palmito, depois uma casa de madeira e, melhorando de vida, edificava uma de material.

CASA DE ZONA s.f. 1. Casa na zona do baixo meretrício. *Ela é dona de casa de zona.* **2***.* Lugar bagunçado, mal arrumado*. Esta oficina tá pareceno casa de zona, tá tudo revirado e fora do lugar*. **C.** Geralmente as ‘ casas de zona’ eram compostas por um bar e os quartos. As maiores tinham salão para dança.

CASA DO CACETE s.f. Lugar muito distante, indefinido. *Fulano foi passeá lá na casa do cacete, nos confins do judas.* **Var.** casa da peste, casa do chapéu. **V.** biboca, cafundós do judas, caixa-prego, casa da peste, casa do chapéu, cu do judas, fim da picada, fundos do brocotó, oco do mundo, puta-que-o-pariu.

CASA DO CHAPÉU s.f. Lugar muito distante. *Ele foi mandado trabalhá lá pra casa do chapéu. Fulano foi pescá lá na casa do chapéu, foram cinco dias de viage.* **Var.** casa da peste, casa do cacete. **V.** biboca, cafundós do judas, caixa-prego, cu do judas, fim da picada, fundos do brocotó, oco do mundo, puta-que-o-pariu.

CASA s.f. V. a casa caiu, cair a casa, casa da peste, casa de material, casa de zona, casa do cacete, casa do chapéu.

Casar na polícia. Casar de modo obrigado, na presença de um delegado; casar na marra. *Fulano embuchô sicrana e teve que casá na polícia.* **Var.** casá na puliça.

CASCA s.f. V. cascar, tirar casca.

CASCA GROSSA s.2g. Pessoa sem educação, mal educada, rude, de trato grosseiro. *Fulano fala muito palavrão, ele é muito casca grossa. Sicrano é casca grossa, num adianta insisti cum ele, a educação passou longe quano ele nasceu. Fulana é u´a casca-grossa, precisa vê como trata a mãe. O bar do sicrano num tem movimento porque ele é muito casca-grossa.* **V.** cavalo-vestido.

CASCAR v. 1. Descascar. *Fulano só descansô depois que acabô de cascá a mandioca.* **2.** Ato de bater. *Sicrano cascô o cacete no côco do beltrano que foi a maior sanguera. Reclano cascô o reio no cavalo dele até o bicho babá de cansado.*

CASCORENTA adj. Dizia-se da bola de gude que já tinha recebido muitas pancadas e o vidro de apresentava piriricado, como se fosse uma lixa. *Fulano tem um bocado de bolinha de gude, mais ele gosta mesmo é das mais cascorenta.* **Var.** cascuda.

CASCUDA s.f. Bola de gude de superfície áspera pelas pancada recebidas das outras. **Var.** cascorenta. **V.** americana, batatão, birosca, bol de gude, burca, cebolão, piolho**.**

CASCUDO adj. 1. Sujo, que não toma banho. *Tá pareceno cascudo de tão barreado que tá.* **V.** capivara. ▪ **s.m. 2.** Pancada com o nó dos dedos na cabeça, croque. *O professor deu um cascudo no fulano, que saiu fumaça da cabeça dele.*

CASINHA s.f. Privada rústica. *Fulano feiz u´a casinha bem no fundo do quintal, o ruim de i lá é quano chove.* **C.** Fossa negra coberta por pequeno abrigo, geralmente de madeira, em cujo piso era aberto um buraco para fazer as necessidades. Em geral a casinha ficava nos fundos do quintal e em alguma delas havia um caixote à guisa de banco sanitário.

CASÓRIO s.m. Casamento. *O casório do fulano e da fulana teve centenas de convidado e parentada intêra tava lá. Sábado é dia de casório, é dia do padre trabaiá em dobro.*

CASQUEIRA s.f. V. *levado na casqueira.*

CASQUETE s.m. Boné de tecido ou couro, sem abas ou com aba frontal mínima. *Todos os aluno da escola tinha que usá casquete no desfile. O casquete azul que o Ginásio Estadual adotô era muito bonito.* **C.** Por vezes com emblemas ou broches, era geralmente usado em uniformes.

CATAPIMBA interj. Antecede enunciação de desfecho. *Fulano atirô na codorna e, catapimba, ela caiu perto do cachorro. O cavalo do sicrano assustô co´s cachorro e sartô qui nem o capeta e ele catapimbô no chão.*

Catar cavaco. 1. Por perda de equilíbrio, dobrar o corpo para frente e anda curvado para não cair. *Fulano tropicô e saiu catano cavaco.* **2.** Elemento de *vá catar cavaco*, não encher o saco. *Ora, vá catá cavaco, torrô minha paciência.* **Var.** catá cavaco.

Catar coquinho. 1. Elemento de *´vá catar coquinho´*, ir às favas. *Antes que eu me esqueça, vá catá coquinho no raios que o parta.* **S.** caçar sapos com bodoque. **2.** Desequilíbrio que antecede queda, tropeção seguido de esforço para não cair. *Fulano deu um tranco no sicrano, que saiu catano coquinho.* **Var.** catá coquim.

CATAR v. V. *vá te catar.*

CATATAU s.m. Grande quantidade, de tamanho ou volume de grande porte. *Fulano cortô dois catatau de peroba na fazenda do sicrano que dava pra fazê um bocado de casa. Precisava vê o catatau do jaú que o beltrano pescou. A tulha num aguentô co catatau de café que colocaro nela pra guardá e disabô.*

CATATUMBA s.f. Catacumba, cova mortuária. *O seu Cosme, coveiro, é quem cavucava as catatumba no cemitério*. *Uma chuva bem forte que caiu à tarde, feiz u´a buraquera e abriu várias catatumba lá no cemitério.*

CATINGA s.f. Fedor, mau-cheiro, futum. *A canela-bosta é u´a madera que quano queimada catinga merda. No fim da tarde num dá pra aguentá o futum do suor dos pião trabaiano nas coivara.* **V.** catiguento. **S.** *cecê*.

CATINGUENTO adj. Fedido. *Fulano tá catinguento, num dá pra ficá por perto. Sai pra lá, catingudo, vai tomá banho antes que crie bichêra*. **Var.** catingudo. **V.** catinga.

CATRACADA s.f. Bronca feia. *Ele levô u´a catracada do patrão, que até deu dó de ver. Fulano num se manca, sempre levano catracada de alguém, é um cara sem noção.*

CATRAIA s.f. 1. Mulher feia, mal educada. *Fulano namorô tanta moça educada e casô logo cum aquela catraia*. **2.** Pessoa ruim. *Aquele cara é u´a catraia só.* **V.** desgranido.

CATREFA s.f. 1. Caterva. *A catreva daquele lugar é de dá medo.* **2.** Pessoa ruim. *Aquela é u´a familha de catrefa, do pai até o filho menor ninguém vale um centavo.* **Var.** catreva. **V.** catraia, desgranido.

CATUCAR v. Cutucar, escarafunchar com o dedo, tocar com o dedo. *Ele catucô a caxa de marimbondo e se ralô, levô picada pra todo lado. De tanto catucá a feridinha fulano conseguiu ganhá u´a ferida braba.* **S.** chuchar, futucar. **Var.** catucá.

CATUFO s.m. Pancada, cacetada, murro. *Fulano deu um catufo na cachola do sicrano que ele ficô tonto um bocado de tempo. Depois de levá um catufo no meio da cara, sicrano se deu conta que brigô co cara errado*.

CATURRA adj.2g. De baixa estatura. *Dos filhos de fulano, o do meio é o mais caturra.* **C.** Analogia com uma das espécies de café plantada na região, a de menor porte. **S.** *garnisé*.

CAUSO s.m. Conto, narrativa, história curta, passagem. *Dr. Palhano era um competente contador de causos, tinha u´a memória fabulosa.*

CAVACO s.m. V. catar cavaco*.*

CAVALINHO s.m. Revólver da marca Colt que ostentava o símbolo de um cavalo. *Fulano tem um cavalinho quase novo, custô u´a nota preta.*

CAVALO DE PADEIRO s.m. Pessoa que faz tudo de modo automático, rotineiro, sem pensar. *Fulano é igual cavalo de padêro, se você num mandá, ele num enxerga o que faiz. Sicrano faiz tudo do mesmo jeito, parece cavalo de padeiro.*

CAVALO s.m. V. achar chifre em cabeça de cavalo, cair do cavalo, cavalo de padeiro, cavalo vestido, tirar o cavalo da chuva*.*

CAVALO VESTIDO s.m. Pessoa ríspida, mal educada. *Fulano é um cavalo vestido, trata todo mundo no casco*. **V.** casca-grossa.

Cavando defunto. Falando mal de alguém que já faleceu. *Cêis num tem otra coisa pa fazê ao invéis de ficá cavano defunto? Depois que o fulano se foi, é perda de tempo ficá escavano o defunto*. **Var.** escavando o defunto.

CAVEIRA s.f. V. *encher a caveira.*

CAXIMBADA s.f. Pedrada, batida. *O Nailton deu u´a caximbada cum mamona pelada na cabeça do Sabará que deu dó de vê.*

Cê besta. Expressão de espanto, discordância, repúdio, indignação, reprovação. *Cê besta! Sartei de banda. Tô fora! Cê besta, sô. Nem que a vaca tussa eu vô cum vocêis*. **Var.** cê besta, sô.

CÊ pron. Você. *Cê tá bestano, sô, nem morto que eu vorto lá.*

CÊ VAI Í? Você vai? *Cê vai í co´a gente? Se fô nois ti isperamo.*

CEBOLÃO s.m. 1. Bola de gude de tamanho avantajado. **V.** americana, batatão, birosca, bol de gude, burca, carretão, cascuda, cascorenta, jogadeira, piolho. **2.** Relógio de bolso, com uma cabecinha para dar corda. *Fulano tem um cebolão Oméga ferradura.*

CECÊ s.m. Fedor. **C.** Ao que parece, era a abreviatura de *chêro de cu*. *Fulano tá cum cecê de matá gambá.* **S.** catinga.

CEGO s.m. V. *nó cego,* tomou cego.

CÊIS pron. Vocês. *Cêis são boa gente, mais já vô ino. Procêis tudo, pra mim nada*. **Var.** procêis.

CEMITÉRIO s.m. Prato extra que se põe à mesa para receber ossos e restos da refeição. *Ô dona fulana trais um cimitério pra nóis. Fulano trocô o cemitério porque o otro já tava cheio.* **Var.** cimitério.

CEPA adj. Algo grande. *Fulano pescô u´a cepa duma traíra que contano ninguém credita. Foi quase um dia de trabaio pra derrubá aquela cepa de figueira. Lá na roça do sicrano dá cada cepa de melancia que só veno. Beltrano tem u´a cepa de pé que só calça de 44 pra cima.*

Cercar frango. Andar de modo desequilibrado por efeito do álcool, andar cambaio. *Tomô todas e foi pra casa cercano frango. A gente já tá acostumado vê ele cercano frango, quase ninguém nota mais.* **Var.** cercá frango, cercá galinha.

CERVA s.f. Cerveja. *Ô fulano, bota u´a cerva pra nóis. Agora é hora de tomá u´as cervinha.* **Var.** cervinha.

CÉU s.m. V. gente do céu!

CEVA s.f. Cortejo, namoro. *Tô cevano ela, acho que vai dá liga. Fulano ficô cevano a sicrana quase um ano, até que ela decidiu namorá cum ele.* **V.** cevar.

CEVAR v. 1. Acostumar algum animal a receber comida. *Fulano fazia ceva de paca no sítio do sicrano e sempre que ia lá matava arguma.* **2.** Cativar ou tratar alguém com segundas intenções. *De tanto cevá a filha do fulano ele conseguiu casá cum ela.* **Var.** cevá. **V.** ceva.

Chá de cadeira. Ficar esperando muito tempo, aguardar algo que não acontece. *Fulano foi falá co professor e tomô um chá de cadera de quase meia hora. Vai fazê consulta co dotô então se prepara prum chá de cadêra dos bão*. *Fulano tomô um baita chá de cadera no consultório do médico. A namorada do beltrano parece que gosta de dá chá de cadera nele, nunca chega no horário.* **Var.** chá di cadêra.

CHÁ s.m. V. chá de cadeira.

CHABU s.m. Falha, azar. *Caramuru: os fogo que não dão chabu. Deu chabu nas féria dele, fartô grana pra viage. Tudo na vida dele dá chabu, é muito azar pruma pessoa só.*

CHACHICHO s.m. Coisa mal feita, mal enjambrada. *Fulano é um emérito fazedor de chuncho; só faiz chachicho. Se tem alguém que sabe fazê chachicho é o sicrano.* **S.** chacho. **Var.** charchicho. **V.** balaio de gatos, cabeça de porco, gambiarra, chacho, chuncho, gambiarra.

CHACHO s.m. Coisa mal feita, mal enjambrada. *Fulano só sabe fazê chacho, num dá pra contratá ele pra serviço algum*. *É muito chacho pruma pessoa só, parece que ai teve ajuda de alguém.* **S.** chachicho **V.** balaio de gatos, cabeça de porco, gambiarra, chachicho, chuncho, gambiarra.

CHÁCRA s.f. Pequena propriedade agrícola nos arredores da cidade, chácara. *Fulano comprô u´a chacra de 10 arquere perto da vila e agora mora por lá.*

Chamar o Hugo. Vomitar. *Fulano tomô todas e foi chamá o Hugo atrais da casa*. *É sempre a mesma história, sicrano enche o caco, fica chapado e acaba chamano o Hugo.* **Var.** chamá o Hugo.

CHANA s.f. Vagina. *Fulana tirô a ropa e mostrô a chana pa todo mundo.* **V.** perereca, perseguida, piriquita, prexeca, xereca.

CHANCA s.f. Pé grande. *Olha só a chanca dele, deve calçá 44 bico largo.* **S.** *chulapa*.

CHAPA s.f. 1. Radiografia. *O médico mandô fazê u´a chapa dos pulmão do fulano e o resultado foi feio de vê.* **C.** Durante muito tempo as chapas só eram possíveis em cidades maiores. Capelinha não tinha aparelhos de raios X. **2.** Dentadura. *Fulano foi pra Londrina pra botá chapa co doutor sicrano.* **V.** bater chapa.

CHAPA s.f. V. bater chapa.

CHAPÉU s.m. V. casa do chapéu.

CHAPULETA s.f. Cabeça do pênis. *Meteu a chapuleta nela e aí foi aquela fungação. O cavalo foi em cima da égua no cio e as mocinha se assustaro co tamanho da chapuleta dele.* **V.** chulapa, manguaça, naba, pica, pinguelo, piroca, queijinho.

CHAPULETADA s.f. Pancada, tapa. *Fulano deu u´a chapuletada na cara do sicrano que ficô a mão dele gravada. Sicrano levô um chapuletada da porta nas venta que acabô saino sangue.* **S.** chulapada, bofetada.

CHARRETE s.f. Veículo de tração animal de duas rodas. *Fulano andô de charrete e a mulher dele ficô u´a arara; ela disse que aquilo era transporte de puta.* **C.** As primeiras charretes de Capelinha eram de rodas de madeira e aro de ferro; depois apareceram as de rodado de pneu. Eram geralmente utilizados pelas prostitutas da zona.

CHATA adj. V. cabeça chata.

CHEBA s.m. Veículo da marca Chevrolet, qualquer caminhão velho. *Comprei um cheba pra carregá sacaria da lavora e fazê carreto pros vizinho. O cheba do fulano só deu problema pra ele, desde o começo.* **C.** Corruptela de Chevrolet.

CHEGADO adj. 1. Companheiro, amigo, colega, pessoa que está próxima de outra por alguma afinidade. *Fulano é muito próximo de sicrando, eles são da mesma escola.* **2.** Que gosta de alguma coisa. *Fulano é chegado numa cachaça. Sicrano é chegado numa macarronada cum sardinha*.

CHEGANDO v. V. ir chegando.

Chegar a encomenda. Momento do parto, situação de pré-parto. *Tá nos dias de chegá a encomenda da fulana, ela já tá co enxoval quase feito*. **Var.** chegá a incomenda.

CHEGAR v. Chegar, atender a convite para sentar-se ou entrar em um lugar. *Chegue mais compadre, o almoço tá quase pronto. Achegue-se que temo um tempinho pra proseá.* **Var**. chegá, achegar.

CHEIO adj. Satisfeito, bem alimentado. *Já comi bastante, tô cheio! Almocei como um padre, tô cheio até as tampa.*

CHEIO adj. V. cara cheia.

CHEIRO s.m. V. água de cheiro, botar um cheiro.

CHICO s.m. Menstruação. *Fulana tá de chico, num vai podê i po baile. Toda veiz que fica de chico sicrana tem um bocado de chilique.*

CHIFRE s.m. V. procurar chifre em cabeça de cavalo.

CHILIQUE s.m Passar mal, perder o controle de si, ficar com raiva, partir para a briga. *Fulana num guentô de emoção no casamento da filha e teve um chilique. Sicrana teve um chilique ao vê o namorado cum otra.*

CHIMBICA s.f. Automóvel velho. *Fulano comprô u´a chimbica lá de 1945. Sicrano vendeu sua chimbica mas, depois, se arrependeu do negócio*. **Var.** fubeca, pé-de-bode.

CHINCHA s.f. Controle, vigilância. *Fulano leva as filha na chincha, só saem acompanhadas do irmão menor que é chamado de vela. Sicrano mantem todo mundo na chincha, num dá folga pra ninguém*.

CHINA s.f. V. *negócio da china.*

CHINFRIM adj.2g. De pouco valor ou de pouca qualidade, mal arrumado. *O cavalo do fulano é muito chinfrim, num tem raça nenhuma. A parede que o fulano construiu é bem chinfrim, num vai aguentá muito tempo. O relógio que sicrano comprô é muito chinfrim, já quebrô logo de cara.*

CHIQUEZA s.f. Apresentação asseada e elegante. *A casa da fulana tá que é u'a chiqueza só. A famílha do sicrano é de muita chiqueza, andam sempre na estica.*

CHISPAR v. 1. Sair correndo. *Eles chisparo de lá o mais rápido possível. Fulano bateu na caxa de marimbondo e chispô de perto pra num tomá ferroada.* **2.** Ordem para sair imediatamente. *Chispa daqui, senão ocê toma u´a surra. Chispa daqui que você já feiz o que tinha que fazer.* **Var.** chispá.

CHOCA adj. V. água choca.

CHORÃO adj. 1. Pessoa que vive reclamando, resmungão. *Tá duro de aguentá o fulano, fica reclamano o tempo todo. Sicrano é um chato, reclama de qualqué coisa.* **2.** Pessoa que pechincha. *Fulano gosta de discuti o preço das coisa, é um chorão de primeira*.

Chorar o leite derramado. Ficar reclamando depois de alguma perda ou decepção. *A giada queimô todo o cafezal dele, reclamá agora é chorá pelo leite derramado. Sicrano perdeu dinhêro no jogo e ficô chorano o leite derramado.* **Var.** chorá o leite derramado.

CHORO s.m. V. *nem choro, nem vela, nem fita amarela.*

CHOVENDINHO v. Atenuação de chovendo, chover muito levemente, pingar, garoar. *Tá chovendinho, é chuva de molhá bobo. Se continuá chovendinho a terra vai ficá boa pra prantá.* **V.** chuva de molhar bobo.

Chover no molhado. Reclamar sem resultado, fazer algo sem sucesso. *Depois que fulano levô pau na escola, falá cum o diretor é chovê no molhado. Fulano tentô plantá fejão na pior terra das redondeza, todo mundo sabia que ia sêr perca de tempo, mais ele resolveu chovê no moiado. Sicrano tá choveno no molhado quano insiste em comprá o pé-de-bode do beltrano, que num qué vendê o carrinho.*

CHUCHAR v. Mexer com alguma coisa. *Fulano chuchô a caixa de marimbondo e se ferrô, levô picada no cucuruto, nos braço e nas mão.* **S.** *catucar, futucar*. **Var.** chuchá.

CHULAPA s.f. 1. Pé grande. *O cara tinha u´a chulapa que só veno. Num tinha sapato que servisse pra chulapa dele naquela loja.* **2.** Sapato fora da medida. **3.** Pênis grande. **V.** chapuleta, manguaça, naba, pica, pinguelo, piroca, sebinho. **4.** Pedaço grande de carne ou de qualquer alimento. *Corta um chulapa desse bacalhau preu levá pra casa.* **5.** Algo grande. *Sicrano tinha u´a chulapa duma faca que botava medo só pelo tamanho.* **V.** lapa, taio, tolete.

CHUMAÇO s.m. Maço de penas, algodão ou tecido. *Faiz um chumaço de pano pra limpá a chaminé. Na peteca de palha de milho usava um chumaço de pena de galinha.*

CHUMBEIRA s.f. Espingarda de carregar pela boca. *Fulano matô muito passarinho cum aquela chumbera véia.* **C.** Era uma espingarda de carregar pela boca, provida de ouvido para colocar espoleta. **S.** pica-pau, taquari. **Var.** chumbêra.

CHUMBREGA adj.2g. 1. De má qualidade. **2.** Deselegante. O palitó do fulano é chumbrega demais e ele não se manca.

CHUNCHO s.m. Coisa mal feita, mal enjambrada. *Fulano é um conhecido fazedô de chuncho; só faiz chachicho*. **V.** balaio de gatos, cabeça de porco, gambiarra, chachicho, chacho, gambiarra.

CHUPA-POÇA s.m. V. alpercata.

CHUPIM s.m. Aproveitador, pessoa que vive às custas dos outros. *Fulano é muito chupim, qué levá vantage em tudo, e num gosta de pagá a conta. La vem o chupin do sicrano filá cigarro otra veís. Só o que o beltrano sabe é chupinzá os amigo*.

Chutar o balde. Brigar, criar encrenca, espernear, reclamar. *Fulano ficô de trela contra sicrano até que esse chutô o balde. Beltrano num tem um mínimo de paciência, chuta o balde por qualquer coisa.* **Var.** chutá o barde.

Chutar o pau da barraca. Agir impensadamente, perder a paciência, perder a calma, ficar raivoso, revoltado. *Fulano num aguentô os disafôro e chutô o pau da barraca, foi o maior furdunço. Sicrano é muito esquentado, chuta o pau da barraca por qualquer coisa que ele num goste.* **Var.** chutá o pau da barraca.

CHUVA s.f. V. *armar chuva, chuva de molhar bobo, tirar o cavalo da chuva.*

CHUVA DE MOLHAR BOBO s.f. Chuva fininha, quase uma garoa, que molha aos poucos. *Num vai embora agora cumpadre quessa chuva é de moiá bobo, espera passá*. **Var.** chuva di moiá bobo, chuva de molhá besta. **V.** chovendinho.

CILINDRAR v. Passar a massa do pão no cilindro. *A gente tem cilindrá a massa até ela peidá. Pro pão doce, eu costumo cilindrá a massa até ela ficá um mármore.* **Var.** cilindrá.

CIMA s.f. V. em cima da bucha.

CINZA s.f. V. sabão de cinza.

CIRCO s.m. V. *tocar fogo no circo.*

Coalhar o bico. Rir à beça, gargalhar. *Cuaiamo o bico de tanta piada. As história que fulano conta dos tempos pionêro são de cuaiá o bico.* **Var.** coiá o bico, quaiá o bico.

COBRA s.f. V. *é o cu da cobra, homem da cobra, mulher da cobra, vôte cobra.*

COBRE s.m. V. *passar nos cobres.*

COBREIRO s.m. Qualquer tipo de dermatite, herpes. *Fulano tá cum cobrero brabo, só benzeno pra sará. Sicrano tá cum cobrêro de aranha, isso é coisa que nem rezadô dá jeito.* **Var.** cobrêro.

COBRES s.m.pl. Dinheiro. *Passô a fazenda nos cobres e mudou-se para São Paulo*. *Recebeu uns cobres pelo serviço feito e pra festejá gastô um bocado no boteco.*

COÇA s.f. Surra. *Fulana levô u´a coça do pai.* **Coça de laço.** Surra violenta, aplicada com laço ou corda. *Fulano deu u´a coça de laço no sicrano, que deixô ele mole no chão.* **C.** Em geral era usada para referir alguma ação punitiva paterna. **V.** peia, piaba, pisa, sova, tunda.

COCADA s.f. V. rei da cocada preta.

COÇAR v. V. arrumar sarna pra se coçá, procurar sarna pra se coçá.

COCHAR v. Apertar. *Dá u´a boa cochada nessa corda que é pro balango num soltá do galho. Cocha bem as ropa para botá pra quará.* **Var.** acochar, cochá.

COCO s.m. V. catar coquinho, de trincar os cocos.

COCOROCA s.f. Pessoa velha, caduca. *A sogra do fulano tá ficano cocoroca, num fala nada cum coisa nenhuma. É difícil fazê negócio cum o cocoroca do sicrano, ele desconfia de tudo.* **V.** coió, coroca, velho coroca. **C.** Em geral era utilizado para referir pessoas idosas que tinham algum problema de atenção ou demência senil.

COCURUTO s.m. Parte de cima da cabeça. *Fulano levô u´a pancada no cocuruto que feiz um grande galo que só faltô cantá. Sicrano pegô dois berne no cocoruto, foi um sufôco pra tirá fora.* **Var.** cucuruto, cocoruto.

COEI s.m. Coelho. *Os coei du Ercílio dasveis saia cumê capim atrais da máquina di café. Seu fulano tá começano a criá coei, mais poca genti gosta desse bicho pa cumê.*

COICE DE MANIVELA s.m. Ao dar a partida em motor sem bateria com manivela, esta podia dar um golpe em sem sentido contrário. *Fulano quebrô o braço co coice da manivela quando tentô*

funcioná o cheba. **C.** Muita gente se machucou com coices de manivela, alguns golpes chegavam a quebrar os ossos do braço.

COIÓ s.m. 1. Pessoa burra, pouco inteligente. *Só seno um coió pra fazê tanta bestêra, vá se burro lá na caxa prego*. **2.** Caipira. *Olha só o coió que vem lá, nem sabe pra onde vai.* **V.** babaquara, bicho do mato, bocoió, caboco, caipira, caipora, capiau, jacu, matuto, tucura.

COISA DO CÃO s.f. Algo de que não se gostou, algo mal feito. *Balearo as vaca do fulano lá no pasto, isso é coisa do cão, de gente ruim. Pegô fogo na tuia do sicrano, só pode sê coisa do cão, vai ferrá co´a vida dele.* **Var.** coisa do capeta, coisa do diabo, coisa do demonho.

COIVARA s.f. O que restou da queimada, monte de galhos secos, galhada. *Fulano plantô fejão no meio da coivara. Beltrano colocô fogo na derrubada, mais choveu e restô muita coivara.* **C.** Geralmente eram os galhos verdoengos que restavam após as queimadas das derrubadas.

COLAR v. Grudar-se a uma pessoa. *Num cola ni mim, vê se descola da gente ô cara chato.* **Var.** colá. **V.** relar.

Colocar as barbas de molho. Tomar cuidado, ficar atento, agir com desconfiança, ficar preocupado, se preparar para eventuais contratempos. *Fulano feiz negócio co sicrano mais cuidô de colocá as barba de molho. Cumpadre, é bom por as barba de molho se for comprá terra daquele picareta*. **Var.** colocá as barba di moio.

COLONHA s.f. Conjunto de casas de moradia dos empregados ou colonos em uma propriedade rural, colônia. *Fulano mora na colonha da fazenda Água Boa, beltrano lá na colonha da fazenda Esperança. Dureza é o que sicrano tá enfrentano na colonha onde foi morá, tem só um poço pra mais de vinte familha.* **Var.** colônia.

Com a corda no pescoço. Situação sem saída, situação de muita pressão, falta de tempo para fazer algo. *Fulano tomô dinhêro no banco mais a colheta num deu pro gasto, agora ele tá co´a corda no pescoço. Sicrano enrolô a noiva até ela engravidá, agora o sogro botô u´a corda no pescoço dele, ô casa ô guenta as consequença. Levô o ano todo na galega e neca de estudá, agora tá co´a corda no pescoço porque suas nota são muito baixa*s.

Com o rei na barriga. Pessoa que se acha importante. *Depois que começô a trabalhá pro prefeito, fulana parece que tem o rei na barriga. Sicrana ganhô u´a herança do avô e agora tá co rei na barriga*.

COMEQUIETO s.m. Var. comequeto. **V**. alpercata.

Comer barriga. Deixar uma oportunidade passar, perder a vez por desatenção. *Fulano comeu barriga e deixô a carta da batida passá. Sicrano foi desatento e comeu barriga quano o vizinho decidiu vendê o sítio por u´a pechincha*. **Var.** comê barriga.

Comer capim pela raiz. Falecer. *Fulano levô dois balaços numa briga e foi comê capim pela raiz. Naquela fazenda, os peãos que reclamava do atraso do pagamento e da conta do fornecimento acabava comeno capim pela raiz.* **Var.** comê capim pela raiz.

Comer de joelho. Expressão que elogia algo muito bom, muito saboroso, apetitoso. *O pudim de leite que a Letícia faiz é de comê de joelho e a lazanha da Jana também*. **Var.** comê di jueio.

Comer um trem. Comer alguma coisa, alimentar-se. *Fulano parô o serviço para comê um trem. A gente come um trem qualquer e depois segue viagem.* **Var.** comê um trem.

COMER v. V. di cumê.

Comprar gato por lebre. Ser enganado por alguém, ser passado para trás. *Fulano comprô o sítio pensano que era terra roxa mais era puro areião, comprô gato por lebre*. *Sicrano trocô a terrinha dele por um caminhão velho, foi o mesmo que comprá gato por lebre, o motor fundiu na primêra semana de uso.* **Var.** comprá gato por lebre.

COMPRIDO adj. V. *olho cumprido.*

CONJE s.2g. Cônjuge, parceiro em um casamento ou união civil estável, consorte. *Fulana, conje de sicrano tem dois fio dele e um que foi pego pa criá. Beltrano vive brigano co´a sua conje, parece até gato e cachorro.*

CONTA s.f. V. *fazer as contas,* não dar conta.

CONTO s.m. Mil unidades monetárias em uso; mil réis, mil cruzeiros. *O cavalo do fulano custô dois contos e o do sicrano uns quinhentos mirréis.* **C.** Comumente estava associado a "conto de réis" para indicar mil unidades monetárias então válidas. **V.** mirréis.

CONVERSA s.f. V. jogar conversa fora.

COPA s.f. V. ás de copas.

COPO s.m. V. fazer tempestade em copo d´água.

COQUE s.m. Cócoras, posição agachada sobre os calcanhares. *Fulano ficô de coque na bera do rio um bom par de horas e num pescô nada que valesse a pena.* **Var.** croque.

Cor de burro quando foge. Quando não se sabe a cor de algo. *Tava meio escuro e acho que o cachorro tinha cor de burro quando foge, fugiu rápido como quem rouba.* **C.** Era uma expressão utilizada com sentido jocoso.

CORDA s.f. V. *com a corda no pescoço,* roer a corda.

COREIA s.f. Zona do baixo meretrício. *Fulano foi pra coréia e o pai ficô sabeno, foi u´a bronca só. Sicrano não se cuidô e pegô cancro na coréia.* **V.** charrete.

CÓRGO s.m. Córrego, riacho, pequeno curso d´água. *No meio da mata tem um pequeno córgo. O córgo Rã e o córgo Bigui tão no município de Nova Esperança. Tomamo banho no corgo do buracão.* **V.** corguim.

CORGUIM s.m. Pequeno córrego. *No fundo do sítio de fulano tem um corguim que vai dá num corgão. No corquim do sicrano dá pra pescá de penêra e de vara, é estreito mais é meio fundo.* **V.** corgo.

CORNETEAR v. 1. Botar a boca no mundo, contar para todo mundo, falar mal de alguém, fofocar. *Fulano ficô corneteano a vida do sicrano até arrumá briga.* **2.** Denunciar alguém. *Fulano corneteô sicrano e arranjô inimizade co´a turma toda.* **Var.** cornetiá, corneteá.

CORNO s.m. V. dor de corno.

CORÓ s.m. Larva de solo, de cor esbranquiçada, geralmente encontrada em troncos já apodrecidos. *Os caboclo da região comia coró assado. A turma da pescaria usaro uns coró como isca pra pegá pintado.* **C.** Geralmente ocorria em meio aos troncos em decomposição. Eventualmente, servia como alimento dos caboclos. **S.** *bicho-de-pau-podre.*

COROCA adj. V. cocoroca, velho coroca.

COROTE s.m. Pessoa baixa e gordinha. *A namorada do fulano parece um corotinho. O fulano é u´a taquara de alto, mais a mulher dele parece um corote de gorda.*

CORRENTE s.f. V. *nem tatu de corrente.*

CORRUTELA s.f. Pequeno povoado, lugarejo, vilarejo, aldeia. *Fulano mora numa corrutela que fica lá no cu do judas. Sicrano mora numa corrutela da qual ninguém nunca ouviu falá. Fulano mora lá na corrutela de Paranareal. Antes de virá cidade, e bem lá nos seus começo, Capelinha nada mais era que u´a corrutela incravada no meio da mata.*

CORTA-FEBRE s.m. Cobertor de baixa qualidade, popular, pequena coberta. *Passei um frio danado naquela pensão, só tinha um corta-febre pra me cobri. Fomos pescá e o tempo virô pro frio e eu só tinha levado um corta-febre pra dormi, me ferrei.*

Cortar arame. Sentir muito medo, passar por situação perigosa. *Fulano passô pela pinguela, mais cortô arame de tanto medo que sentiu. Sicrano cortô arame a viage toda, foi só areião e poça d´água pelo caminho, nenhuma viva alma pra dar socorro, caso precisasse.* **Var.** cortá arame, cortar arame co cu.

Cortar um dobrado. Situação de medo, insegurança, estar sob ameaça. *Fulano cortô um dobrado quano foi atravessá o pasto e u´a das vaca foi pra cima dele. Sicrano repetiu de ano na escola e cortô um dobrado co´a reação do pai dele.* **Var.** cortá um dobrado.

CORVO s.m. V. bico do corvo.

COSCA s.f. Cócega. *Faiz cosca no pé dele, que ele dá risada. Se tem coisa que irrita beltrano é que faça cosca nele.*

COSTA s.f. Lado da árvore a ser derrubada no qual era aberto um corte em cunha chamado 'boca'. *Ô peão, vê direito qual é o lado da barriga da arve e onde ocê vai abri a boca senão ela cai pro lado errado. O corte da costa e da barriga foi certo, mais a arve ingastaiô na hora de caí e feiz u´a égua, agora vai sê o capeta pra botá tudo no chão.* **C.** Do outro lado da árvore, na 'barriga', também era aberta outra 'boca' só que maior e posicionada mais abaixo que aquela das costas. **V.** barriga, boca, *com o rei na barriga, comer barriga,* de barriga, estar de barriga, com o rei na barriga.

Costa quente. Pessoa que tem apoio de alguma autoridade, protegido por alguém. *Fulano tem costa quente, por isso é que fica o tempo todo desaforano sicrano, hora dessas ele encontra o que tá procurano. Beltrano pensô que tinha as costa quente, mais na hora do vuco-vuco os amigo cairo fora e ele quebrô a cara.*

COSTANEIRA s.f. Primeira tábua que sai do corte de uma tora de madeira. *Dona fulana encomendô duas tábua de lavá rôpa e o marido troxe duas costanera de peroba.* **C**. As costaneiras eram comumente utilizadas como tábuas de lavar roupa. Geralmente eram feitas de peroba rosa. **Var**. costanêra, tábua de lavar roupa.

COTOCO s.m. Parte remanescente de membro amputado. *A serra cortô os dedo dele, só ficaro os cotoco. Fulano rói as unha e só dexa os toco.* **S.** toco.

COURO s.m. V. *arrancar o couro, dar no couro.*

COURO DE PICA s.m. Algo que vai e volta e não se resolve. *Esse negócio parece couro de pica, nem ata e nem desata. Nas decisão o fulano parece coro de pica, hora diz u´a coisa, hora diz otra e num resolve porcaria nenhuma.* **Var.** coro di pica.

COXA s.f. V. bater coxa, nas coxas.

COZIDO adj. Embriagado, muito bêbado. *Depois de ficá cuzido de tanta pinga, fulano tirô u´a paia no chão da tuia. Dois lavrado de canjibrina é suficiente pra deixá o sicrano cozido.* **Var.** cuzido.

COZINHA s.f. V. trem de cozinha.

CRACA s.f. Sujeira. *Só cum banho de sabão e bucha pra tirá as craca desse menino. Lava bem atrais das oreia, minino, tão cheia de craca.* **V.** *tirar as cracas.*

CRÊNDEUS-PAI interj. Expressão de desalento quando algo dá errado ou de receio. *Crêndeus--pai, só veno para acreditar, isso é coisa do cão. Crêndios-pai, vixe maria, agora a coisa ficô feia.* **Var.** crêndios-pai.

CRÉU s.m. 1. Bronca, pegada. *O pai dele deu um baita créu nele, faltô gente pra vê.* **2.** Relação sexual. *Fulano deu um créu na sicrana, agora vai tê que casar, nem que seje na polícia.* **V.** afogar o ganso, bimbada, pirocada, vuco-vuco.

CRIADEIRA adj. 1. Que ajuda a plantação (diz-se de chuva). Chuva fina e constante, que quase não faz enxurrada. *Eta, chuvinha boa sô, essa é criadêra! Chuva criadêra é melhor que chuva de pancada porque num fais enxurrada.* **2.** Diz-se da mulher e mesmo dos animais fêmeas que

têm prole numerosa. *Fulana é boa criadeira, só de fio vivo tem mais de déiz. As porca do sicrano são boas criadêra, sempre dão pelo menos doze leitão a cada ninhada.* **V.** chuva criadeira*.* **Var.** criadêra.

Criança ardida. Criança chata, birrenta, chorona. *O filho do fulano é muito ardido, ô criança chata. Sicrano tem dois filho um é bonzinho, o otro é ardido.*

CRIAR v. V. pego pra criar*.*

CRICA s.2g. Pessoa chata. *Fulano é um cricra de primêra e a irmã dele também é muito cricri. Fulano é muito crica, só sabe falá do serviço dele, é como si fosse tudo o que ele tem na vida. Sicrano num come carne e insiste pra que os otro também num coma, ele é muito crica*. **S.** *cricri*.

CRICRI s.2g. Pessoa chata. *Fulano é um cricri de marca maior, chato como ele só. Beltrano só num é mais cricri porque num tem espaço pra ele.* **S.** crica.

CROQUE s.f. Cócoras, agachado. *Tivero que ficá de croque pra passá por baxo da ponte. O professor botô a turma de croque como castigo.* **Var.** coque. **V.** encrocado*.*

CROQUETE s.m. V. agasalhar um croquete*.*

CRUZ-CREDO s.m. V. filhote de cruz-credo*.*

CU s.m. V. *até o cu fazer bico, cu de boi, cu de cana, cu de tacho*, *cu do judas, o cu da cobra, pegar pelo cu das calças, teu cu.*

CU DE BOI s.m. Bagunça, briga, confusão, desordem. *Aquela pensão é um cu de boi, u´a verdadera zona. Soltaro bombinha no meio da festa e foi aquele cu de boi.*

CU DE CANA s.m. Pessoa bêbada, alcoólatra*. Fulano é um verdadêro cu de cana, toma todas todo dia.*

Cu de tacho. Idiota, trapalhão. *O cara é o maior cu de tacho, só feiz bestera no serviço. Ô cu de tacho, vai arrumá o que fazê porque as merda que ocê tá fazeno tá me encheno o saco.*

CU DO JUDAS s.m. Lugar muito distante. *Ele mora lá no cu do judas. Pensei que o lugar de pescá era perto, mais quano a gente se deu por conta era lá no cu do judas.*

Cubar a madeira. Atividade desenvolvida por alguém com experiência em avaliar quantos metros cúbicos de madeira poderiam ser obtidos em um lote de mata. *Fulano é muito craque em cubá madêra, lá no lote do fulano ele acertô em cima da lata. Sicrano vendeu a madêra cum base na cubage feita por beltrano e acha que perdeu grana no negócio.* **Var.** cubá a madêra.

CUCA s.f. Cabeça, mente, inteligência. *Fulano é um cara muito cuca boa. Sicrano tá mal da cuca e toma um bocado de remédio*.

CUECA s.f. V. *mela-cueca.*

CUIÉ s.f. Colher. *Fulano fica meteno a cuié onde num é chamado. Sicrana sabe fazê cuié de madera, geralmente ele usa cedro e pau-marfim.*

CULATRA s.f. V. sair o tiro pela culatra*.*

CULPA s.f. V. ter culpa no cartório*.*

CUMA contr. Com uma. *Fulana tava cuma baita dor de cabêça até que tomô um Melhoral. Também cuma temporada de sêca dessa o milho só podia faiá.*

CUMBUCA s.f. Vasilha de barro de boca apertada. *Macaco velho num mete a mão em cumbuca.*

CUPINCHA s.m. Companheiro, puxa-saco, partidário. *Fulano ganhô as eleição e botô toda a cupinchada dele na prefeitura. Sicrano foi eleito e demitiu todos os cupincha do ex-prefeito.*

CU-RASTEIRO s.m. Pessoa de baixa estatura. *Fulano é o cu-rastêro da família. Mas o meno a metade dos passagêro era tudo cu-rasteiro.* **V.** toco de amarrar bode, tampa de binga*.* **Var.** cu-rastêro.

CURISCO s.m. Corisco, raio, relâmpago. *A tempestade foi feia, deu curisco pra todo lado. Caiu um curisco no topo da peroba que ela rachô de cima em baixo. Fulano foi morto por um curisco.*

CURRIOLA s.f. Grupo de pessoas, bando. *Fulano faiz parte daquela curriola lá da vila, ali ninguém vale o que come.* **C.** Geralmente empregado de forma depreciativa. **V.** bagraiada, negada, panela, patota, tropa.

Custar o olho da cara. Preço muito alto, caro, exorbitante. *Um cavalo de raça é um animal muito bonito mais custa o olho da cara*. *Fulano gostô do Omega ferradura que comprô, mais deve tê custado o zóio da cara*. **Var.** custá o zoio da cara.

CUSTAR v. Demorar. *O caminhão tá custano a chegá. Quanto tempo custa para i até o sítio? Quem planta jabuticabera tem que sabê que ela custa muito tempo pa dá fruta.* **Var.** custá.

Cutucar onça com vara curta. Provocar, mexer com alguém. *Repreendê o fulano é o mesmo que cutucar onça cum vara curta. Qué cutucá a onça cum vara curta, tenta passá o beltrano pra trais*. **Var.** cutucá onça coa vara curta.

D, de **desmatamento**. Essa era a determinação que imperava na frente pioneira, colocar a mata abaixo e plantar cafezais e lavouras. Na faina dos pioneiros o matagal existente lá estava apenas para ser derrubado e queimado, para dar lugar ao sol e abrir espaço para utilizar o solo com o plantio de café, cereais e algum pasto; pequenos pomares também eram plantados. E à medida que a luz do sol entrava, tornando viável a agricultura e alguma criação, também as chuvas e os ventos podiam atuar diretamente sobre a terra nua carregando a camada de solo fértil para os rios e fundos de vale. Com o tempo, os pioneiros e seus descendentes aprenderam que a natureza não reclama, mas cobra caro pelo descaso para com ela, e não raro se vinga.

D, de **Dalva Lyra Soares**, a primeira professora de Capelinha, que mais tarde, em 1952, se transformaria no município de Nova Esperança. Tendo chegado a Capelinha em 1949, começou a lecionar no patrimônio em 1951, em uma escolinha de apenas uma sala de aula, construída pela comunidade de pais que, naqueles 'tempos pioneiros', ansiavam por ter algum tipo de ensino para seus filhos. Foi ela que "bateu perna" pelos arredores da vila em busca de alunos. Visitou sítios e fazendas próximas e arrebanhou 27 deles. No início tinha apenas uma turma de alunos na qual estudavam juntos os de primeiro, segundo e terceiro anos. Era uma escola "isolada", formada de modo clandestino, cuja oficialização se daria nos anos seguintes; e foi assim que nasceu a "Escola Isolada Capelinha". Posteriormente, com o acréscimo de mais quatro salas de aula, seria nomeada como "Casa Escolar Capelinha". Depois, após a fundação do município, com a construção de uma nova edificação de madeira seria inaugurado o Grupo Escolar Ana Rita de Cássia, em homenagem à primeira professora do Paraná. O trabalho da primeira professora da vila de Capelinha, ao se tornar cidade, deu origem a uma homenagem à primeira professora paranaense.

DA PÁ-VIRADA adj. Arteiro, sapeca, doidão, irreverente, ativo. *Fulano é da pá-virada, num dá sossego pra ninguém. Eita muleque da pá-virada, é o capeta comeno fogo.*

Da ponta da orelha. Algo muito bom, bonito. *Fulana é da ponta da oreia. O sanfonêro era da ponta da orelha*. *A filha do sicrano, ó.* (e pegava no lóbulo com os dedos polegar e indicador) **C.** Em geral esta expressão era falada com uma pegada no lóbulo da orelha do falante. E, às vezes, mesmo sem falar, a pessoa fazia o gesto de pegar a ponta da orelha para elogiar ou notar algo bom ou bonito. **Var.** da ponta da oreia.

DAONDE adv. De onde. *Daonde ocê tirô esse mel? Daonde veio esse sujeito?*

DAQUI contr. V. *chispa daqui,* vaza daqui.

Dar a mão à palmatória. Reconhecer algo, arrepender-se. *Fulano deu a mão à palmatória depois que viu que tava errado. Só se sicrano fô muito burro pra num dá a mão à palmatória no caso do acerto de contas co cunha*do.

Dar as caras. Aparecer em algum lugar, chegar. *Fulano teve sumido por uns dois anos e aí, então, foi que deu as cara. Beltrano brigô co´a familha e nunca mais deu as cara na vila.* **Var**. dá as cara.

Dar bandeira. Aparecer, mostrar-se, dar sinal sem querer. *Foro pro baile e ficaro dano a maior bandera, fizero papel de bobo. Pra quem num queria sê notado, usá aquele tipo de ropa foi a maió bandera.* **Var**. dá bandêra.

Dar com os burros na água. Perder algo, sair com prejuízo, não se dar bem. *Fulano plantô fejão fora de época e deu co´s burros n´água. Sicrano inventô moda na construção do paiol e deu co´s burros na água.* **Var.** dá cos burro n´água.

Dar de dedo. Dar bronca, enfrentar, ofender. *Fulano deu de dedo na cara do sicrano por causa de um negócio mal feito. Beltrano tomô de dedo nas venta e teve que aguentá o tranco porque tava errado.* **Var.** dá de dedo.

Dar de mão. Sinalizar com a mão a direção para onde o veículo vai virar, abanar com a mão. *Fulano deu de mão pra direita e virô pra esquerda. Sicrano deu de mão e a jardinera parô pra pegá ele e suas traia.* **Var.** dá de mão, dar co´a mão.

Dar duro. Trabalhar pesado, fazer muito esforço. *Fulano teve que dar duro pra derrubá a mata e feiz isso cum muito sacrifício. Só tem um jeito de resolvê este problema, é dano duro por u´a semana ô mais*. **Var**. dá duro.

Dar fim. Terminar, acabar. *Fulano deu fim na vida de sicrano por coisa nenhuma. Beltrano deu fim na sociedade e foi fazê otra coisa.* **Var**. dá fim.

Dar liga. Obter concordância, levar a acerto, produzir situação favorável. *A proposta do fulano foi boa, aí deu liga. A cantada do fulano sobre sicrana num deu liga.* **Var**. dá liga.

Dar no couro. 1. Conseguir ter relação sexual. *Fulano num deu no couro, broxô na primêra noite e ficô todo jururu.* **2.** Ser sexualmente muito ativo. *Sicrano é dose pra leão, dá u´as tanta por noite que até a noiva parecia arriada.* **Var**. dá no coro.

Dar no pé. Fugir, sair correndo, escafeder-se, sair em disparada. *Fulano jogô a pedra na caxa de marimbondo e deu no pé. Na hora que fulano viu a cobra fumá ele deu no pé. Depois de dá no pé é que sicrano viu que se num fugisse do local tudo ficaria melhor. Pressionado pelos jagunço a familha do sicrano teve que dá no pé pra num morrê baleada. Beltrano insultô o gato e deu no pé, senão apanhava. Ao vê a tromba d´água chegano João deu no pé pra chegá rápido em cas*a. **Var**. dá no pé. **V.** pé.

Dar o prego. 1. Cansar, arriar. *O grupo andô meio dia num sol di rachá mamona e deu o prego. Colocaro muita carga na carroça e o cavalo deu o prego.* **2.** Quebrar, enguiçar. *O sarilho num guentô o peso da lata d´água e deu o prego. O caminhão deu o prego no meio do areião e fundiu o motor.* **Var**. dá o prego.

Dar trela. Dar chance para que algo aconteça, favorecer o andamento de algo, favorecer uma conversa. *Fulano ficô dano trela pro sicrano e a conversa varô a madrugada. Se dé trela, ele num larga do teu pé*. **Var**. dá trela.

Dar um bico. Dar uma olhada, avaliar. *Fulano passô por lá e deu um bico na situação. Sicrano ficô do lado da briga só de bico.* **Var**. dá um bico.

Dar um caldo. Diz-se da mulher idosa que ainda se mostra viçosa. *Ela já passô dos sessenta mais ainda dá um caldo.* **Var**. dá um caldo, dá um cardo.

Dar um tapa no escutador de novela. Dar um tapa no ouvido de alguém. *Fulano deu um tapa no escutador de novela de sicrano que ele ficô ouvino um tinido o dia todo.* **Var**. dá um tapa.

Dar uma de esperto. Usar de artimanha para conseguir algo, fazer algo por meio de alguma esperteza. *Fulano só conseguiu comprá a ximbica do sicrano porque deu u´a de isperto, esperô ele ficá mal de grana. Beltrano deu u´a de esperto e vendeu um cavalo véio como se ainda fosse bom de trabalho.* **Var**. dá uma de isperto.

Dar uma mão. Dar uma ajuda, contribuir para fazer algo. *Ei fulano, dá u´a mão aqui pra descarregá o caminhão. Sicrano pediu pros amigos dá u´a mão prele pra roçá o sítio*.

Dar uma pitada. Fumar. *Fulano feiz um paiêro e deu u´as boas pitada*. *Sicrano só gosta de pitá rebenta-peito.* **Var**. dá uma pitada. **V.** pitar.

Dar uns pega. Aproveitar-se libidinosamente de alguém. *Depois do baile, fulano se afastô da festa pra dá uns pega na sicrana. Beltrano foi visto dano uns pega na namorada dentro da cabine do cheba.* **Var**. dá uns pega.

DAR v. Chegar. *É só segui esta estrada que você vai dá lá*. **Var**. dá.

DASVEIS adv. Às vezes. *Dasveis ele vai, dasveis ele num vai.*

DATA s.f. Lote de terreno urbano. *A data do seu fulano fica no meio da quadra, a do sicrano fica na esquina.* **C.** Em Capelinha, geralmente, as datas tinham 15 metros de largura por 40 metros de profundidade.

DE A PÉ l.adv. A pé. *Fulano foi de a pé da escola pra casa. Cum poco de boa vontade, de a pé se vai ao longe.* **Var.** di a pé.

DE BARRIGA s.f. Grávida. *Fulana tá de barriga de 4 meses. As amiga só percebêro a gravideiz dela quano começô a ficá de barriga.* **Var.** *embuchada.* **V.** *cair o forno, chegar a encomenda, estar de barriga, estar de bucho.*

De cabo a rabo. De um lado a outro, do começo ao fim, algo na sua totalidade. *Fulano cumpriu a tarefa de cabo a rabo. Beltrano conseguiu ler o livro de cabo a rabo em dois dia.*

DE CANTO l.adv. De soslaio, discretamente, sem chamar a atenção. *Beltrano ficô olhano de canto a filha do sicrano passar na frente da loja.* **S.** de fianco, de revesgueio, de trivela, de conhém, de vereda.

DE CONHÉM l.adv. De lado, de raspão. *O tiro pegô de conhém e só machucô a anta, que saiu de fianco.* **S.** de fianco, de revesgueio, de trivela, de vereda.

DE FIANCO l.adv. 1. De soslaio. *Fulano olhô meio de fianco os amasso do sicrano e da beltrana; era puro ciúme.* **S.** de canto. **2.** De lado, de raspão. *O tiro que o jagunço deu na turma de peões pegô meio que de fianco no canto da casa*. **S.** de conhém, de revesgueio, de trivela.

De hoje a oito dias. Uma semana. *Então ficamo combinado assim, de hoje a sete dias vamo pescá lá no Panema. De hoje a sete dias fulano vai começá a colheta do milho.* **C.** Esta marcação de tempo também podia ser utilizada para intervalos diferentes, ex.: de hoje a quinze dias; de hoje a 30 dias etc.

DE JEITO l.adv. De modo propício, favorável, agradável. *Fulano precisa levá a conversa cum jeito porque a sogra dele é pior que cascavel.*

DE JEITO MANEIRA l.adv. De forma alguma, de nenhum jeito, de modo algum. *De jeito manêra que eu vô aceitar tua oferta.* **Var**. de jeito manêra.

DE LAMBER OS BEIÇOS l.adj. Saboroso, apetitoso, algo muito bom. *As pamonha que a dona Irma fazia era de lambê os beiço. A filha maior do sicrano é de lambê os beiço de bonita que é.* **Var**. de lambê os beiço.

DE MÃO BEIJADA l.adv. De graça, facilmente. *Ele conseguiu o emprego de mão beijada. O pai de fulano deu pra ele um carro de mão bejada.* **Var**. de mão bejada.

DE MATAR O GUARDA l.adj. Muito bom ou muito ruim, forte. *Essa pinga tá de matar o guarda. A viage foi de matar o guarda, demorada, calorenta e puerenta.* **Var**. de matá o guarda.

De orelhas em pé. Desconfiado, atento, prestando atenção, em estado de alerta. *Fulano ouviu barulhos nos fundos do mangueirão e ficô de oreia em pé. Se ameaçar chuva, fique de orelha em pé pra cobri o café no terreirão*. *É bom ficá co´as oreia em pé porque aqui o pessoal se ofende por poca coisa. Fulano tá sempre de oreia em pé quano se trata de negociá a safra de café.* **Var**. de oreia im pé.

DE ORELHAS MURCHAS l.adj. Desapontado. *Fulano ficô de oreia murcha pelo poco valor que recebeu pelo trabalho. Quano descobriro que o que ele tava falano era só paia, aí ele murchô as oreia.* **Var**. de oreia mucha.

DE PONTA CABEÇA l.adv. De cabeça para baixo. *Depois de morto, o cabrito é pendurado de ponta cabeça para sê esfolado*.

DE RACHAR l.adj. Extremo (diz-se de temperatura ou de qualidade pessoal). *No inverno, por aqui, faiz um frio de rachá. A burrice do fulano é de rachá. O calor deste ano tá de rachá. De rachá mamona (extremamente quente)*. **Var**. de rachá.

DE REVESGUEIO l.adv. 1. De lado, de raspão. *Os jagunço metero bala no fulano mais elas passaro de revesgueio e erraro o alvo*. **S.** de fianco, de conhém, de trivela, de vereda. **2.** De soslaio. *Co fulano era assim, se olhasse de revesgueio era encrenca na certa. Num me óia de revesgueio que senão te pranto a mão, tá ovino?* **S.** de canto, de fianco. **V.** esgueio.

DESENXAVIDO adj. Sem gosto, aborrecido, desinteressante. *A comida da dona fulana é meio desenxabida, falta sal e tempêro. Sicrano ficô desenxavido com a história da separação da mulher dele.* **Var**. desenxabido.

DE TRINCAR OS COCOS l.adj. Insatisfatório, desagradável. *A proposta que o sicrano feiz foi de trincá os coco*. *A conversa do fulano é irritante e de trincá o saco.* **Var.** de trincá os coco, de trincar o saco.

DE TRIVELA l.adv. De lado, de raspão. *A bola pegô de trivela e caiu na caçapa. Prá botá o palanque no lugar, fulano deu u´a pancada meio de trivela na cabeça dele.* **S.** *de conhém, de fianco, de revesgueio*, de esgueio.

DE UM TUDO l.s. Muitas coisas. *Os moleque entraro no pomar do seu fulano e fizero de um tudo co´as fruta, istragaro um montão. Sicrano pode fazê de um tudo co´a fulana que ela num se importa.*

DE VEREDA l.adv. Rapidamente, imediatamente. *Ele escafedeu de vereda e se mandou. Quando viu a coisa preta, fulano saiu de vereda e ficô de longe ispiano.*

DEBARDE adj.2g. Ocioso, à toa, sem fazer nada, vagabundeando. *Fulano ficô debarde a semana intêra e sicrano já faiz mais de um mêis qui tá debarde. A peãozada ficô debarde até o patrão chegar.* **Var**. devarde.

DEDÉU s.m. V. *pra dedéu.*

DEDO s.m. V. dar de dedo.

DEFUNTO s.m. V. cavando defunto.

DEGAS s.m. Autorreferência. *Fulano sempre fala, deixa pro degas que isso é comigo, mais sempre sobra pros amigo. Falar deixa pro degas é fácil, difícil é sabê se o sicrano vai mesmo fazê o que prometeu. Deixa pra mim que o degas aqui resolve.* **C.** Geralmente o termo é utilizado na expressão “deixa pro degas”.

DEGAVAR adv. Devagar, com vagar, vagarosamente, sem pressa. *Degavar se vai ao longe, diz o ditado. Devagar ele foi ino mais num chegô onde queria, arriô na metade do caminho.* **Var**. devagá, degavá.

DEGOTADO adj. Decotado. *Também, cum vestido tão degotado ela achô que seria respeitada. Fulano gosta de vestido mais sério, sicrana gosta de mais degotado.* **V.** *degote.*

DEGOTE s.m. Decote. *Viu o degote da dona fulana? Que vergonha!*

DEIS pron.pl. Deles. *Essas goiaba são minha, aquelas são deis. Nu dêis é sempre mió qui nu nosso, simpres assim.* **V.** eis.

Deitar com as galinhas. Deitar cedo. *Fulano gosta de deitar co´as galinha e acordar cedo. Sicrano nunca foi de deitar co´as galinha*. **Var.** deitá co´as galinha, deitar com os galos.

Deitar com o arreio. Desacorçoar, cansar-se, não dar conta de alguma tarefa ou trabalho. *Ele ficô de fazê o roçado, mais acabô deitano co arreio, num deu conta do serviço.* **Var**. deitá co arreio.

Deitar o cabelo. Ir embora rapidamente, sair apressadamente. *Terminado o baile, ele deitô o cabelo na estrada e foi embora. Foi só o dia abri e o pessoal deitô o cabelo na colhêta do café.* **Var**. deitá u cabelo.

Deitar um barro. Defecar. Ei fulano, d*onde tem u´a casinha preu descartá um barro. Sicrano foi deitá um barro lá no meio do cafezal.* **S.** descartar um barro. **Var**. deitá um barro.

DEITAR v. V. deitar com as galinhas, deitar com o arreio, deitar o cabelo, deitar um barro.

Deixa pra lá. Esqueça, não leve em conta. *Deixa pra lá compadre que esta demanda num vai dá resultado. Sicrano deixô pra lá a raiva contra beltrano, o que feiz muito bem*. **Var**. dexa pra lá.

DEMÕI s.m. Demônio. *Aquele burro é o demoin, bicho brabo, sô. Só o demoin pra aguentá ficá no lombo do cavalo do fulano, o bicho é muito chucro.* **C.** Em certo sentido, era uma forma de xingamento. **Var.** demonho.

DEMONHO s.m. Demônio. *O demonho fica tentano a cabeça da gente até que o ruim acontece. Isso é coisa do demonho, só gente ruim faiz assim.* **Var.** demõi.

DENTE s.m. V. armado até os dentes, bater com a língua nos dentes.

DEPENDÊNCIA s.f. Pequena construção nos fundos de uma casa, geralmente em terreno urbano. *Fulano construiu u´a dependência pra lavanderia e otra pra guardá as ferramenta.* **Var**. dependença.

DEPÓSITO s.m. Loja ou estabelecimento de venda de materiais para construção. *O depósito do fulano é o mais sortido da praça. Tem alguns depósitos de madeira na vila*.

DESACORÇOADO adj. Desanimado, cansado. *Fulano tá desacorçoado ca roça dele, o milho nasceu faiado e o arroiz nem chegô a brotá porque faltô chuva.*

DESAGERADO adj. Feito com exagero, em demasia, excessivo. *Se fulano num fosse tão disagerado num tinha sobrado tanta carne no churrasco. Foi um desagêro de chuva que caiu ontem, esculhambô todas as estrada.* **Var**. disagerado.

DESCADEIRADO adj. Doente da coluna ou da bacia, machucado, rengo. *Fulana ficô descaderada depois que caiu da escada*. *O gato caiu do muro e ficô descaderado.* **Var.** descaderado. **V.** cadeiras.

Descartar um barro. Ir ao mato ou à casinha fazer as necessidades, defecar. *Daí o cara entrô no mato e foi descartar um barro. Atrais da casa num é lugar di discarta barro ô idiota, faiz isso atrais do chiquêro.* **S.** *deitar um barro*. **Var**. descartá um barro.

Descascar o abacaxi. Resolver algum problema sério, empreender a solução de algum problema. *Fulano foi quem descascô o abacaxi e entregô a construção do barraco no prazo. Sicrano é quem descasca este tipo de abacaxi nessa região.* **Var**. discascá o abacaxi.

Descascar uma. Masturbar-se, bater punheta. *Fulano descascô u´a depois de lê o livrinho do Carlos Zéfiro.* **V.** afogar o ganso, siririca. **Var**. discascá uma.

Descer a lenha. Bater em alguém, dar tapas ou murros em algo, agredir, machucar alguém. *Fulano desceu a lenha no lombo do burro que deu dó de ver. Sicrano desceu a lenha na cara do beltrano e a briga foi feia*. *Fulano desentendeu-se cum sicrano e meteu o pai na molera dele. O cavalo empacô e o sicrano desceu o cacete no lombo dele. Depois de descê a ripa na bunda do filho é que o beltrano percebeu que tava errado.* **Var.** descê a lenha, descer o cacete, descer a ripa, meter o pau. **S.** descer o braço, descer o cacete, baixar o cacete.

Descer pra baixo. Descer. *Descê pra baixo é fácil, subi pra cima é que são elas.* **C.** Construção redundante. **Var**. descê pra baxo. **V.** subir pra cima.

DESEMBESTAR v. Sair correndo sem rumo, feito maluco. *Os marimbondo atacaro e a turma desembestô pelo meio do mato pra num levá ferroada. O cavalo desembestô ladêra abaixo e sumiu na capoeira.* **Var**. desimbestá.

DESENXABIDO adj. 1. Sem graça, encabulado, desajeitado. *Ela pegô o fulano co´a otra e ele ficô desenxabido.* **2.** Sem sabor. *Esta comida tá desenxavida, insosa e sem gosto.* **Var.** desenxavido, desinxavido.

DESGRACEIRA s.f. 1. Situação desfavorável, coisa errada. *Aconteceu u´a disgracera cum o fulano ontem, ele bateu o caminhão do pai. Sicrano caiu em cima do formiguêro e foi aquela disgracera. Depois do furdunço no baile o que se seguiu foi só disgracera.* **2.** Confusão, bagunça, briga. *Chutaro o pau da barraca e aí foi aquela desgraceira.* **Var.** disgracêra, disgraceira. **V.** forrobodó, furdunço, melê, merdeiro, pampeiro, perereco, pipoco, rebosteio, treta, vuco-vuco, ziquizira.

DESGRANIDO s.m. Pessoa ruim. *O desgranido me passô a perna e inda me xingou. O desgranido do fulano num merece confiança de ninguém*. **C.** Como xingamento, equivale a desgraçado. **Var.** disgranido. **V.** disgracido, disgramado, disgranido.

DESGUARITAR v. Desgarrar-se, abandonar a casa, perder-se. *Fulano desguaritô mundo afora e até hoje ninguém sabe dele. Sicrano entrô mata adentro e desguaritô sem sabê como voltá.* **Var**. desguaritá, disguaritá.

DESMANZELADO adj. Relaxado, preguiçoso, mulambento, que não se cuida. *Fulano é elegante mais o filho dele é um desmanzelo só. Se num fosse tão desmanzelado cum o que tem até que sicrano se sairia melhor no serviço. É muito desmanzelo pruma pessoa.* **Var**. dismanzelado.

DESMILINGUIR v. Amolecer, cair sem sentidos *Fulana desmilinguiu depois do susto que levou. Fulano se sentiu mal e ficô desmilinguido.* **Var**. dismilingui.

DESTRAMBECAR v.pron. Perder a coordenação motora. *Fulano destrambecô-se todo depois do acidente.* **Var**. distrambecá.

DESTRAMBELHADO adj. Desastrado, sem modos, mal educado. *Sicrano é muito destrambelhado, só faiz besteira.* **Var**. distrambeiado, distrambelhado.

Deu bode. Aconteceu problema inesperado, alguma coisa deu errado. *Fulano achô que ia tê u´a boa colheta mais ai deu bode, caiu chuva de pedra e o prejuízo foi feio. Sicrano num teve dinhêro pra saldá a dívida e então deu bode na relação co banco.*

Deu na telha. Algo que veio à mente, pensamento. *Sabe lá o que deu na telha do fulano pra vendê os melhores porco que tinha. Sicrano age conforme o que dá na telha dele.* **Var**. deu na teia.

DEUS O LIVRE interj. Esconjuro, rejeição a alguma coisa. *Deus o livre, nem morto voltarei na casa da minha sogra. Montar em burro brabo é coisa de peão, deus o livre!*

DEUS s.m. V. ao deus dará.

DEVARDE adv. Sem fazer nada, com preguiça. *Se fulano num ficasse devarde o tempo todo até que ele podia ganhá uns troco. Ficô devarde quano tinha que coiê café e perdeu boa parte da safra*. **Var**. debalde, de varde.

DEZ num. card. V. *levantar pras déiz.*

DI A PÉ l.adv. A pé. *Fulano foi di a pé até a venda! Todo dia sicrano vai e volta di a pé até a lavoura de café.* **Var.** de a pé.

DI CUMÊ l.adj. De comer. Toda e qualquer coisa que sirva como alimento. *Vamo ficá lá dois dias, quem tá levano o di cumê. O ganho é poco mais o di cumê é bom, então vale a pena.*

DIA DE BRANCO s.m. Dia de trabalho. *Bem amigos, vô andano que amanhã é dia de branco, tenho muito trabalho pra fazê***. C.** Também se usava a forma dia de preto.

DIA s.f. V. ar do dia, de hoje a sete dias.

DIACHO interj. Expressão de desapontamento, de raiva. *Diacho! Tinha que dá errado logo agora.*

DIANTE adv. V. pra diante.

DIGERO adj. Ligeiro, rápido. *O cavalo do fulano é muito digero, ganha todas as corrida. Só conseguiu comprá bons lote de terra na região que foi digêro e comprô por primeiro. Sê digêro num é o problema, o diacho é o fazê mal feito.*

DIREITA s.f. V. às direitas.

DISCAIR v. Diminuir pouco a pouco. *Parecia que ia sê um belo pão mais a massa discaiu e murchô. A vida do fulano foi discaino e quano ele se deu conta tava pobre. Por falta de adubo, o cafezá do sicrano acabô discaino e terminô que num produzia a contento, teve que cortá tudo.* **Var**. discaí.

DISCO s.m. Prato de comida sortida. *Depois daquela serviçama toda, comemo um disco cada um e tiramo u´a paia. A pensão da dona fulana serve um disco bem surtido e gostoso.*

DISGRACERA s.f. Situação desfavorável, coisa errada, bagunça, briga. *Aconteceu u´a disgracera co fulano ontem, ele bateu o caminhão do pai na portera. Sicrano caiu em cima do formiguêro e foi aquela disgracera. Depois do furdunço no baile o que se seguiu foi só disgracêra.* **Var**. disgracêra.

DISGRACIDO s.m. Desgraçado. **C.** Era sentido como palavrão. *O disgracido do mascate ficô de trazê u´a peça de roupa e num apareceu no dia combinado.* **V.** desgranido, disgramado.

DISGRAMADO s.m. Desgraçado. *Disgramado, ocê vai vê o que vô te fazê quando meu irmão voltá.* **C.** Deformação suavizadora de *desgraçado*, utilizada como xingamento grave pelas crianças. **Var.** disgranhento, disgranhudo.

DISTERÇAR v. Voltar à situação anterior de movimentação do volante de um auto. *Agora ocê esterçô dimais, disterça um poco e vai no rumo. Ao invés de esterçar ele disterçô e bateu o caminhão no palanque da cerca.* **Var**. disterçá.

DESINLIAR v. Desmanchar algo enrolado, desenrolar, desmontar. *Agora que ficô esta montuêra toda, trata de desinliá o que foi feito. Pra desinliar a bagunça nas linha de tricô da dona fulana, só mesmo a pacência da filha dela.* **Var**. disinliá.

DO ARCO DA VELHA l.adj. Incrível, espantoso. *Os trapezista do circo fizero coisas do arco da velha. Os neto da dona Vitória são endiabrados, fazem coisas do arco da velha.* **Var**. do arco da véia.

DOBRADO adj. V. cortar um dobrado.

DOCE adj. V. *fazer cu doce.*

DOER v. V. feia de doer.

DOR DE CORNO s.m. Tristeza por traição da mulher, dor de cotovelo. *A namorada do fulano arranjô otro e ele fico cum dor de corno. Dor de corno só o tempo é que cura.*

DORDOLHO (ó) s.f. Conjuntivite, doença ocular que provocava remela. *Presse tipo de dordolho é bom colocá colírio e lavá cum água de arruda.* **Var.** dordói.

Dormir de touca. Bobear, perder oportunidade, não perceber a ocorrência de algo importante. *Fulano ficô u´a hora esperano a jardineira, dormiu de tôca, e ela passô ele sem parar. Sicrano dormiu de tôca, num prestô atenção nos lance do leilão e deixô de arrematá um belo animal.* **Var**. dormi di toca. **V.** dormir no ponto.

Dormir no ponto. Perder a oportunidade, bobear. *A oferta foi feita, fulano dormiu no ponto e perdeu a veiz. O peixe beliscô várias vezes mais o sicrano dormiu no ponto, voltô sapateiro.* **Var**. dormi nu ponto, dormir de touca.

Dose pra elefante. Algo excessivo, atitude inaceitável. *Fulano é muito malcriado, é dose pra elefante. Tomaro duas caxa de cerveja em meia dúzia de amigos, isso é dose pra elefante*.

DRENTO adv. Dentro. *O café já tá drento da tuia, agora é só esperá o prêço melhorá. Botô drento, imbuchô, casô.*

DUCAR v. Ao lançar o pião, atingir com a ponta o pião do adversário. *Fulano deu u´a ducada no pião do sicrano que arrancô até lasca.* **C.** Os jogadores de pião se esforçavam para ducar o pião do outro jogador. **Var**. ducá. **V.** duco.

DUCO s.m. Buraco que a ponta afiada do pião faz no pião dos adversários. *O pião mais véio do fulano tem mais duco que penera de café.* **V.** ducar.

DURO adj. V. a duras penas, dar duro, pão-duro, pé-duro.

E, de **esperança**, que é o que traziam na alma e no coração os pioneiros que vinham para o norte do Paraná em busca de fortuna e de melhores condições de vida. Esperança foi o mote que acabou prevalecendo na nomeação do novo município, uma Nova Esperança. Com o passar do tempo, após enfrentar a dura realidade da vida pioneira, abalada por algumas de geadas, outros contratempos se somaram para fazer minguar a esperança de muitos deles. Alguns foram para outras plagas plantar café, que é o que sabiam fazer com maestria. Outros voltaram para os lugares de onde vieram. Dentre aqueles esperançosos pioneiros muitos foram os que gastaram suas vidas tentando abrir sítios e pequenos negócios naqueles tempos.

E, de **Edna Mitiko Komoguchi**, a primeira Diretora/Professora da Escola Sagrado Coração de Jesus, a primeira escola particular criada em Nova Esperança pela Congregação das Irmãs Apóstolas do Sagrado Coração de Jesus. Filha de japoneses, o pai dela instalou a primeira máquina de benefício de arroz da vila Capelinha, lugar este onde em uma das áreas de armazenamento então vazia funcionou uma academia de kendô, ancestral luta de espadas, uma arte marcial (Budo), praticada pelos samurais japoneses. Nesta academia os alunos faziam uso do Bogu (armadura de proteção para treino) e do Shinai (espada de bambu).

É O CU DA COBRA interj. Expressão de espanto ou de desaprovação. *Mai num é o cu da cobra? Isso é hora de chegar em casa? Ói só u tamaim desse pexe, é o cu da cobra.*

É pa cabá. Fórmula frasal que exprime desgosto. *Assim é pa cabá ca pacência da gente. Desse jeito é pa cabá mesmo cum todas esperança.* **C.** Deriva de *é para acabar*. **Var.** é pá acabá.

ÉGUA s.f. 1. Nas derrubadas, encavalamento de uma árvore já cortada sobre outras vizinhas, impedindo assim sua queda. *Deu égua, agora tem que vê por onde cortá pra ninguém se machucá ô morrê.* **C.** Era uma expressão feita por analogia com a cobertura de uma égua por um cavalo. Às vezes, as árvores cortadas encavalavam umas sobre as outras (as éguas) e nos cipós, constituindo sério perigo para os derrubadores de mato, haja visto que as éguas precisavam ser desfeitas. Quando acontecia uma égua, os cuidados com a derrubada eram redobrados. Por causa deste tipo de ocorrência muitos foram os trabalhadores que morreram tentando desfazer/derrubar uma égua. **2.** Mulher sem moral, prostituta. *Fulana é u´a égua sem-vergonha, a familha nem gosta de falá dela.*▪ **interj.** Expressão de espanto, de admiração. *Égua! Isso num pode acontecê comigo, tá tudo errado.* **Var.** arre égua. **V.** achar o ninho da égua, arre égua, pai d´égua.

EIS pron.pl. Eles. *Isso aí é deis, num pega não que eis num vão gostá. Eis ficaro di acabá o serviço num prazo de mas o meno duas semana.* **V.** deis.

EITO s.m. Linha de serviço do trabalhador em atividades de capina, colheita e roçado. *É difícil aguentá o rojão co fulano no eito, ele é muito rápido. Sicrano é muito bom de trabalho no eito, mais pra cuidá dos bicho do sítio ele é meio devagar, quase parano.*

ELEFANTE s.m. V. dose pra elefante.

EM CIMA DA BUCHA l.adv. No momento, de modo exato, na hora. *A revanche era em cima da bucha, deu canelada levô cacetada. A venda do café foi em cima da bucha, sem discussão, café pra lá dinhêro pra cá. Sicrano pagô o cavalo cuma nota em cima da otra, na bucha.* **Var.** na bucha.

EMBANANAR v.pron. Enrolar-se, fazer algo confuso, desajeitado. *Fulano embananô-se todo quano foi pidi a mão da noiva. Sicrano embananô ao fazê o rancho do mês e acabô num levano nem sal e nem farinha pra casa.* **Var.** embananá, imbananar, imbananá.

Embarcar em canoa furada. Estar em situação problemática, se dar mal. *Ao comprá um sítio sem água corrente, fulano embarcô numa canoa furada. Emprestá dinhêro pra quem tem fama de mau pagador é o mesmo que imbarcá em canoa furada.* **Var.** imbarcá im canoa furada.

EMBATUMADO adj. Duro, compactado, achatado. *De tanto o gado pisá o piquete, o capim ficô embatumado. O pão da dona fulana até que tava gostoso, mais tava meio imbatumado.*

EMBIRA s.f. Tira vegetal para amarril de armações de madeira. *Fulano catô embira por todos os lado, até tê que i bem longe pra terminá o rancho. Por sorte de sicrano, na mata do sítio dele tinha muita banana-de-macaco, e num faltô embrira pra o amarrio do telhado do rancho.* **C.** Em geral assim era chamada a raiz do cipó-imbé (*Philodendron bipinnatifidum*), mas também as embiras eram feitas com a casca de algumas outras árvores. **Var.** imbira, invira.

EMBORCAR v. Virar, derramar. *Fulano imborcô de veiz a caneca de pinga goela abaixo. A canoa imborcô ca turma da pescaria e foi um sufôco salvá o coro.* **Var.** imborcá, imborcar.

EMBORNÁ s.m. Embornal. *Nóis caça cum imborná cheio de pidriguio. No borná ia o fumo, as paia e o fórfi.* **Var.** borná, bornal, imborná.

EMBROMAR v. Enrolar, matar o tempo, enganar no serviço*. Fulano ficô embromano a tarde toda, carpiu metade que os otro. Di tanto imbromá o serviço o tempo acabô e a situação ficô compricada.* **V.** ensebar*.* **Var.** imbromá.

EMBRULHÃO s.m. Enganador, tratante. *O fulano é um baita embrulhão! De embrulhão e mintiroso eu tô até o gogó, pode dispachá este vendedor.* **Var.** imbruião.

EMBUCHAR v. Engravidar**.** *A comadre tá embuchada, cai o forno daqui seis meses. Ela embuchô cum treis meses de casada e pelo jeito vai sê gêmeos.* **V.** estar de bucho. **Var.** imbuchá.

EMPANZINADO adj. De barriga cheia, diz-se da pessoa que comeu além da conta. *A sobremesa deixa pra depois, tô impanzinado. De tanto comê costelinha de porco cum mandioca todo mundo ficô impachado, nem o cafezinho quizero.* **S.** *impachado*. **Var.** impanzinado.

EMPATA-FODA s.2g. Atrapalhador, criador de problemas, inconveniente. *Sicrano é um legítimo empata-foda, num resolve porra nenhuma, só tem cunversa mole. O irmão da namorada num desgrudô o tempo todo, foi um chato empata-foda.* **Var.** impata-foda.

EMPELICADO adj. Esnobe, metido a besta. *Fulano é um sujeito empelicado, metido a rico. De modo geral as pessoa daqui são normais, mais tem u´a meia dúzia de impelicado por aqui que até dá raiva de vê.* **Var.** impelicado.

EMPIRIQUITAR v. Enfeitar demais. *Fulano impiriquitô o seu cavalo favorito e foi passeá na vila. A fulana tava toda emperiquitada pra i pra festa.* **Var.** impiriquitá.

EMPOMBADO adj. Exibido, cheio de si, metido. *Na festa, fulano apareceu todo empombado e se deu mal*. *Sicrano é muito impombado, é um sujeito muito chato.* **Var.** impombado.

ENCAFIFADO adj. Desconfiado, intrigado. *Depois que o marido saiu, ela ficô encafifada porque ele num disse aonde ia. Basta que algo contrarie o fulano pra ele ficá incafifado o resto do dia.* **Var.** *incafifado.*

ENCAFIFAR v. Desconfiar. *Depois que vendeu o café, fulano ficô encafifado se num tinha feito um mau negócio. De tanto incafifá a cachola cum o mau negócio que feiz fulano ficô meio biruta.* **Var**. incafifar.

ENCALHADO adj. Dizia-se da pessoa de certa idade que não conseguir casar. *Fulana tanto escolheu e esperô o príncipe encantado que acabô incaiada. Na familha do sicrano tem duas solterona que vão ficá pra titia, tão encalhada e num tem jeito.* **Var.** incalhado, incaiado.

ENCANADO adj. V. *vento encanado.*

ENCANGADO adj. Junto na mesma canga, inseparável, agarrado. *Fulano e sicrana tão encangados, só pode dar casamento. Beltrano tá incangado cum sicrano desde o início da viagem.* **Var.** incangado.

ENCARANGADO adj. Encolhido de frio. *Fulano tomô chuva e passô frio, tava todo encarangado quano incontraro ele na mata.* **Var**. ingarangado.

ENCARDIDO adj. 1. Sujo, de mau caráter. *Beltrano feiz tudo errado, eta, cara incardido.* **2.** Durão. *Fulano é um cara incardido, consegue levantar mais de 100 quilos.* **3.** Complicado. *Serviço incardido, sô! Precisô de treis homi pra dá conta du recadu.* **Var.** incardido.

ENCASQUETADO adj. Pensativo, cismado, desconfiado. *Depois de recebê a notícia da venda, ele ficô encasquetado se num poderia tê feito um negócio melhor. De tanto encasquetar sobre o que falô a comadre, fulano acabô fazeno bestera.* **Var.** incasquetado.

ENCASQUETAR v. Pensar, cismar, desconfiar. **Var.** incasquetá. **V.** encasquetado.

Encher a caveira. Embebedar-se. *Fulano encheu a cavêra de cajibrina e acabôu dormino num canto da sala.* **S.** *encher o caco*. **Var.** enchê a cavêra.

Encher linguiça. Passar o tempo, ficar enrolando as pessoas, falar desnecessariamente. *Fulano ficô encheno linguiça e conversano fiado até a jardinêra passá na reta e ele perde a condução. Sicrano encheu linguiça o dia todo e num produziu nem metade do que devia. Ei beltrano, para de enchê linguiça e vai fazê o que teu pai mandô.* **Var.** inchê linguiça.

Encher o bucho. Alimentar-se, comer demasiadamente, além do recomendado. *Fulano encheu o bucho e carpiu o gato. Sicrano veio pra festa apenas pra enchê o bucho.* **C.** Podia também ser utilizada para referir situação de fartura: *Foi a melhor safra dos últimos anos, deu pra forrar o bucho de ganhar dinheiro*. **Var**. inchê o bucho, forrar o bucho.

Encher o caco. Embebedar-se. *Fulano encheu o caco de tal forma que num conseguia ficar de pé.* **S.** *encher a caveira*. **Var.** inchê o caco.

ENCOMENDA s.f. V. cair o forno, chegar a encomenda, de barriga, embuchar.

ENCOSTO s.m. Mau-olhado, feitiço. *Fulano tá cum incosto, carece di benzê ele.* **Var.** incosto.

ENCROCADO adj. Acocorado. *Fulano ficô encrocado pescano na bêra do rio.* **Var.** incrocado. **V.** coque, croque.

Enfiar o pé na jaca. Romper com algo, protestar, abandonar algo. *Fulano se encheu da vida que levava, meteu o pé na jaca, mandô todo mundo pro inferno e sumiu da praça. Depois de uns tantos disafôro, sicrano meteu o pé na jaca e acabô co´a sociedade.* **Var**. meter o pé na jaca.

ENGAMBELAR v. Enganar, enrolar com argumentos. *Fulano foi engambelado pelo sicrano e foi na conversa dele. Sicrano sempre que chega tarde em casa dá um jeito de engabelar a mulher.* **Var**. engabelar, ingambelá.

ENGASTALHADO adj. Engatado, fisgado, engarranchado. O anzol ficou engastaiado na boca do peixe. Fulano entrou na mata e ficou engastalhado no meio das taquaras. **Var.** ingastaiado.

ENGATILHAR v. 1. Armar o gatilho. *Fulano armô o gatilho da cartuchêra no momento certo. Sicrano apontô a arma pro bicho e apertô o gatilho, deu chabu, esqueceu de engatilhá o tresoitão.* **2.** Pronto para começar, deixar pronto, preparado. *Fulana já deixô o almoço engatilhado, pronta pra servir, só tá esperano o pessoal chegá*. **Var.** ingatilhá.

ENGULHO s.m. Sensação de enjoo, náusea, ânsia de vômito; sentimento de asco, de repugnância. *Foi só vê o fulano sangrá o porco que a beltrana teve ingulho. Basta a dona Maria vê arguma comida que ela num goste que já fica cum enguio*. **Var**. enguio, inguio, ingulho.

Engolir a língua. Ficar mudo, calado, sem falar, pessoa que não responde aos questionamentos. *Fala, minino, parece que engoliu a língua*. *E daí, fulano, vai respondê ô engoliu a língua. Sicrano tava tão chocado co´a situação que pareceu tê engolido a língua, ficô calado o tempo todo.* **Var.** inguli a língua.

Engolir sapo. Ficar quieto mesmo sendo contrariado ou estar recebendo algum desaforo. *Fulano teve que engoli sapo porque o que o compadre dele dizia a verdade. Engoli sapo é co sicrano, e isso é porque ele casô cuma cascavel. Dona beltrana passa os dias engolino sapo porque sua freguesia é muito exigente.* **Var.** inguli sapo.

ENGOMA-CUECA s.m. V. Mela-cueca.

ENGRONHA s.f. Tranqueira, algo falhado, mal acabado, problemático ou de pouca serventia. *A casa do fulano é u´a verdadêra ingronha. No fundo do quintal do sicrano tem um monte de ingronha que só serve pa criá rato e barata.* **Var.** ingronha.

ENGRUPIR v. Enganar, passar para trás. *Fulano ingrupiu o sogro e levô a sogra no bico. Sicrano é muito vivo, ninguém consegue ingrupi-lo.* **Var.** ingrupi, ingrupir.

ENJAMBRAR v. Improvisar, fazer de qualquer jeito, fora do padrão. *Para atravessar o córrego, enjambraro u´a ponte cum dois tronco de coqueiro. Pra morá naquele fim de mundo, tivero que injambrá u´a casinha de pau-a-pique coberta de sapé.* **Var**. injambrá, injanbrar.

ENRABICHADO adj. Apaixonado, que não desgruda. *Fulano tá mais do que enrabichado co´a fulana. Lá naquela famia é anssim, um sempre tá inrabichado co otro.* **Var.** inrabichado.

ENRICAR v. Enriquecer. *Fulano acertô na loteria e enricou. Depois de enricar, sicrano parece que tem um rei na barriga.* **Var.** inricá.

ENROLÃO s.m. Mau caráter, desonesto, enganador. *Fulano é um enrolão, faiz muito tempo que a moça espera o pedido de casamento e num sai nada.* **Var.** inrolão.

ENSABOADO adv. V. bagre ensaboado.

Ensacar a viola. Sair de uma situação desfavorável, ficar quieto. *Fulano perdeu a discução, ensacô a vila e carpiu o gato. Se você num tivé certeza do que tá falano é mió ensacá a viola e sumi do mapa.* **Var.** insacá a viola.

ENSEBADO adj. Liso, escorregadio. *Fulano é um cara ensebado, ninguém consegue pegar ele no flagra. Sicrano, parece até bagre insebado, de tão liso que é.* **Var.** insebado.

Ensebar as canelas. Fugir, escapar, escafeder. *Fulano ensebô as canela e se mandô pro meio do mato.* **Var.** insebá as canela.

ENSEBAR v. 1. Enrolar, fazer cera, fazer corpo mole. *O cara ficô ensebano a tarde toda e num capinô quase nada. Se fôr pra ficá ensebano é melhor num pegá o serviço.* ***2***. Enrolar, provocar perda de tempo. *Fulano ficô o tempo todo insebando até cansar o pessoal da reunião. Se tem uma coisa que sicrano sabe fazê, ele é craque em ficar ensebando as conversa.* **Var**. embromar. **Var.** insebá.

ENTOJADO adj. 1. Enjoado. *Fiquei entojado co´a falta de limpeza da cozinha da pensão.* **2.** Metido a besta. *Eita, muié entojada! Fulano é um entojo só, num dá pra convivê cum ele.* **Var.** intojado.

ENTOJO s.m. 1. Aversão a algum alimento, repugnância. *Veno como a comida foi feita, fulano teve até entojo.* **2.** Pessoa metida a besta. *Fulano é um intojo, ninguém guenta ele por perto.* **Var.** intojo. **V.** entojado.

ENTRÃO s.m. Pessoa que se mete onde não é chamada. *Fulano deu u´a espiada na reunião e sem nem ao menos tomar conhecimento do assunto já foi dano sua opinião. Sicrano é muito entrão, mesmo sem sê convidado ele vai às festas das pessoa.*

Entrar pelo cano. Se dar mal, ficar em desvantagem. *Fulano perdeu a direção do jipe no areião e aí entrô pelos canos, atolô até os eixo.*

ENTROUXAR v. 1. Enfiar, colocar. *Fulano entroxô a roupa na mala e foi-se embora. O time introxô um monte de gol naquela partida. Sicrano introxô a mão no buraco e num conseguiu pegar o tatu.* **2.** Vestir com muita roupa. *Dona fulana introuxô a criança pra ela aguentar a friagem.* **3.** Entupir algo com alguma coisa; colocar de mau jeito algo em algum tubo ou cano. O chaminé da cozinha estava introchado de picumã. **4.** Esconder algo em um recipiente. *Fulano introxô os doce em algum lugar e num se lembra mais de onde estão.* **Var**. introxá, entrochá.

ENTUCHAR v. 1. Colocar para encher. *Fulana intuchô os pão no forno e esperô assá*. **2.** Sobrecarregar. *Intuchar alguém de serviço. Intuchar a caixa. sicrano intuchô os peão cum serviço pesado que até dava dó de vê.* **Var**. intuchá.

ENTULHAR v. Colocar de qualquer jeito. *Fulano intuiô as ferramenta no armário e foi embora.* **Var**. intulhá, entuiá.

ENVARETADO adj. Irritado, descontrolado, brabo, nervoso. *Fulano levô um fora da namorada e ficô invaretado.* **Var**. invaretado.

ENVARETAR v. Entrar pelo meio do mato, capoeira ou outro lugar. *Fulano envaretô pelo meio da saroba e sumiu do mapa. Sicrano envaretô rio abaixo atrais de um bom pesquero.* ▪ **v.pron.** Aborrecer-se, enraivecer. *Aí o peão envaretou-se e meteu a mão na cara do companheiro. Se o sicrano envaretar, sai de perto que o bicho pega.* **Var**. invaretá.

ENVEREDAR v. Ir no rumo de algo, entrar mato adentro. *A mudança do fulano passô pela balsa e enveredô pela estrada de terra vermelha. Sicrano ouviu o barulho que os jacu fazia por perto e inveredô no rumo deles. Beltrano enveredô mundo afora e ninguém mais ouviu falá dele.* **Var**. inveredar, inveredá.

ENXERIDO adj. Metido, pessoa que mete o nariz onde não é chamado. *Fulano se intrometeu na discussão de inxerido que é.* **Var**. inxirido.

ERGUER v. V. pode erguer.

ERGUIDA s.f. Bronca, mijada. *Fulano levô u´a erguida do professor, que deu até dó de ver.*

ESBRUGUELADO adj. 1. Esborrachado, prejudicado. *Caiu do caminhão e ficô esbruguelado no chão.* **2.** Esbugalhado. *Depois que viu a onça, fulano tinha os zóio esbruguelado de medo.*

ESCAMBAUS s.m.pl. Todas as demais coisas. *Juntamo toda a tralha e mais os iscambau e fomo pescá.* **Var**. iscambau. **V.** bagulho, joça, poioca, tareco, trosfego.

ESCAFEDER v. Sumir, desaparecer, dar no pé. *Fulano, quano soube que o irmão da sicrana tava atrais dele, escafedeu e ninguém mais viu. Depois de iscafedê do vuco-vuco na festa de São João, sicrano voltô cuma desculpa pra lá di esfarrapada.* **Var**. iscafedê.

ESCALDAR v. Colocar em água muito quente. *Depois de matar o galo fulano escaldô ele pra tirá as pena. Sem querê, sicrano resbalô na chalêra de água quente e levô u´a baita escaldada.* **C.** Geralmente, os galináceos e os porcos recém-abatidos eram escaldados com água quente, os primeiros para depenar e os segundos para pelar (tirar a pele e os pelos). **Var**. iscaldar, iscaldá.

ESCANGALHADO adj. Arrebentado, estropiado, quebrado, destruído. *O relógio do fulano caiu no chão e ficô todo escangaiado. O caminhão do fulano tá todo escangalhado. Depois da briga a cara do sicrano ficô escangalhada.* **Var**. iscangaiado.

ESCOLADO adj. Inteligente, sabido, experiente, perspicaz. *Fulano só num perdeu dinhêro na compra dos boi porque é um cara escolado. Se sicrano num fosse tão escolado nesse negócio de tratá cum a freguesia ele já tinha tomado na cabeça, o pessoal daqui é duro pra pagá conta.* **Var.** dá uma de isperto. **V.** dar uma de esperto.

ESCONSO adj. Torto, inclinado, enviesado. *Fulano se meteu a pedrêro e a casa ficô meio esconsa. Por falta de ajuda, os palanque e os mourão ficaro bem esconso, alguns fora de prumo otros fora de alinhamento*. **Var**. isconso.

ESCOVINHA s.f. Antigo corte de cabelo, bastante comum em meados do século XX. *Fulano mandô cortá o cabelo da molecada tudo do jeito escovinha. O filho do sicrano ficô bem chatiado porque foi obrigado a cortá o cabelo em escovinha.*

ESCUITA s.f. Escuta. *Escuita só o baruim que vem da bera do rio, acho que é capivara. Tava tudo tão carmo que nem escuitava nada.* **V.** escuitar.

ESCUITAR v. Escutar, prestar atenção. *Dá gosto de iscuitá o chêro da cumida da cumadre. Falá ele num falô muito, mais escuitô o tempo todo*. **V.** escuita. **Var**. iscuitá.

ESCUTADOR DE NOVELA s.m. Ouvido, orelha. *Fulana pendurô um brinco no escutadô de novela da fulana e ornô. Sicrano levô um tiro no escutador de novela e morreu. O meganha deu um tapa no escutador de novela do fulano que deixô a marca da mão na cara dele.* **Var**. iscutadô di novela.

ESCUTADOR s.m. V. dar um tapa no escutador de novela.

ESGANADO adj. Faminto, esfomeado, glutão, comilão. *Fulano comeu feito um esganado. Sicrano, pra trabaiá é u´a droga, mais come feito um isganado.* **Var**. isganado.

ESGANIÇAR v. Gritar alto, esgoelar, falar fino. *Fulano fala de modo esganiçado, parece mulher. A fala isganiçada do sicrano se distacava no meio da turma, doía os ovido.* **Var**. isganiçá.

ESGARÇADO adj. Puído, desfibrado, alargado. *Puxaro tanto o laço que ele esgarçou. O colarinho do paletó do fulano tá todo esgarçado.* **Var**. isgarçado.

ESGRAVATAR v. Escarafunchar, procurar, remexer. *O peão esgravatô a cova de café para limpá os cisco. Fulano ficô isgravatano os monte de terra pra vê se ainda tinha sobrado alguma batata doce pa tráis.* **Var**. isgravatá.

ESGUALIPADO adj. Cansado, machucado, doente. *Fulano anda meio esgualipado ultimamente. Sicrano levô um tombaço e ficô esgualipado*. **Var**. isgualipado.

ESGUEIO s.m. Fianco, lado. *A bala passô de esgueio perto da cabeça do fulano, por sorte num pegô no coco dele. Meio de esgueio fulano conseguiu acertá u´a paulada na mufa do beltrano*. **Var.** isgueio, revesgueio, esguellha.

ESPARRAMO s.m. Dispersão, fuga, estouro. *A polícia foi chamada e foi aquele esparramo; ninguém queria sê preso. Um dos animais assustô co´a levantada de voo duma codorna e disparô provocano um esparramo nos otros; atropelaro tudo pela frente.* **Var**. isparramo.

ESPECULA s.2g. Pessoa abelhuda, curiosa. *Ô ispicula de rodinha, num tem o que fazê, vá vê se eu tô na esquina. Fulano vive especulano a vida dos otro mais poco se importa co´a sua.* **Var.** ispicula, espicula de rodinha.

ESPELOTEADO adj. 1. Maluco. *Fulano é meio espeloteado, num tem muita noção do que faz.* **2.** Bagunceiro, sapeca, arteiro. A *filha do fulano é espeloteada, só faiz traquinage.* **3.** Mal arrumado. *O povo daquele tempo num andava espeloteado como agora.* **Var**. ispelotiado.

ESPERTO adj. V. dar uma de esperto.

ESPETADO adj. V. *grito de porco espetado.*

ESPEVITADO adj. Agitado, traquinas, inquieto, assanhado. *Fulano tem um moleque que é pra lá de espevitado, é o demõin. Se o filho do sicrano num fosse tão ispivitado até que dava pra convidá ele pro piquenique.* **Var**. ispivitado.

ESPIAR v. Observar algo, alguma ocorrência ou acontecimento. *Fulano foi espiá a ceva de paca no mei da mata e deu de cara cuma baita cobra. As moça entraro no rio e o cabôco ficô só espiano.* **Var**. ispiá.

ESPIRITEIRA s.f. Pequeno fogareiro a alcool. *Dasveis, quano acabava o fogo o recurso era fritá o ovo na espiritêra. Pra fazê um chazinho até que a espiritêra vai bem, mais pra otras coisa é meia boca.* **Var**. espiritêra, ispiritêra.

ESPÍRITO DE PORCO s.m. Pessoa que faz artes, traquinagens, maldades. *Fulano é um espírito de porco, tocô fogo no paiol de sicrano. Num me enche o saco, ô espirto de porco. O espírito de porco do sicrano colocô sal no café e serviu pra todo mundosó só pra tirá um sarro.* **Var**. espirto de porco, ispirto di porco.

ESPIRRO DE PICA s.m. Pessoa magra, franzina, de pequeno tamanho. *Ô espiro de pica, joga no gol porque ocê num guenta o tranco.* **Var**. ispirro di pica.

ESPOLETA adj. Criança muito ativa, inquieta, peralta. *O filho do fulano é u´a criança que num é espoleta, já o do sicrano é o cão chupano manga de tão espoleta que é.* **Var.** ispuleta, **V.** espírito de porco, pinta brava, da pá virada.

ESQUERDA s.f. V. às esquerdas, quebrar à esquerda.

ESQUINA s.f. V. vai ver se estou na esquina.

ESSAÍ pron.+adv. Esse aí. *Essaí num tem mais jeito, só dano u´a surra daquelas de pelá o coro prele emendá! Dá um poco desse rango praquele e otro pressaí.*

ESTACA ZERO s.f. Situação inicial ou situação anterior ao início de alguma ação. *Vamo começá tudo de novo, da estaca zero.* **Var**. istaca zero.

ESTAQUEADO adj. Situação de alguém que está com a coluna vertebral enrijecida por alguma distenção muscular ou outro problema; situação em que a pessoa anda com o tronco ereto por problema na coluna vertebral. *Fulano deu mau jeito na coluna e ficô istaqueado. Sicrano dormiu de mau jeito e acordô estaqueado, nem podia mexê o pescoço*. **Var**. istaqueado.

Estar calçado. Ter condição material de enfrentar alguma dificuldade. *Fulano tava calçado cuma carabina papo amarelo e se sentia seguro por isso. Sicrano tava calçado de grana e pode comprá o lote de terra à vista.* **Var**. tá calçado.

Estar com a bexiga lixa. Estar nervoso, agitado, mau humorado, agitado, insatisfeito, agressivo. *Fulano tá co´a bixiga lixa, ninguém guenta ele no eito. Quano sicrano tá co´a bixiga lixa, sai de perto*. *Fulano tá co´a bixiga lixa, nervoso pra burro. Sicrano se deu mal no emprego, agora tá co´a bixiga lixa*. **S.** estar com a cachorra. **Var**. tá cum a bixiga lixa.

Estar com a cachorra. Enfezado, brabo, nervoso, agitado. *Fulano tá co´a cachorra, fique longe dele. Sicrano foi contrariado e tá cum a cachorra no coro. Beltrano quano fica ca cachorra é um perigo, num respeita ninguém.* **S.** estar com a bexiga lixa. **Var**. tá co´a cachorra.

Estar com a faca e o queijo na mão. Ter uma situação favorável a alguém, estar podendo, ter poder para fazer algo. *Fulano tá ca faca e o quejo na mão inda mais agora que recebeu a herança do pai. Sicrano foi quem ganhô o direito de fazê a viagem, agora ele tá co´a faca e o quejo na mão.* **Var**. tá co´a faca i o quejo na mão.

Estar com a macaca. Estar irrequieto, agressivo. *Fulano tá co´a macaca; já encheu o saco de todo mundo.* **Var**. tá co´a macaca.

Estar com os pés atrás. Prevenido, desconfiado, em estado de alerta. *Fulano é desconfiado por natureza, sempre tá co´s pé atrais. Seu sicrano concordô co casório da filha, mais ficô co´s pés atrais por causa da fama do noivo.* **Var**. tá cus pé atrais.

Estar de barriga. Estar grávida. *Fulana tá de barriga de quatro meses.* **S.** *estar de bucho*. **Var**. tá di barriga. **V.** estar de bucho.

Estar de bucho. Estar grávida. *A comadre fulana tá de bucho de trêis meis. Sicrana tá de bucho quase caino o forno.* **S.** *estar de barriga*. **Var**. tá di bucho. **V.** estar de barriga.

Estar em maus lençóis. Estar em uma situação desconfortável ou perigosa, estar sem opções para enfrentar algum problema sério. *Fulano num purerizô o argodão e agora tá em maus lençóis, a praga tomô conta da prantação. Sicrano veio pro Norte do Paraná ca familha esperano encontrá colocação, mais isso num aconteceu, agora eis tão em maus lençóis.* **Var**. tá im maus lençóis.

Estar ferrado. Sair-se mal, ter prejuízo, estar prejudicado. *Fulano tá ferrado por causa das mentira que conta todo dia. Sicrano aprontô todas, agora que os meganha pegaro ele, acabô ferrado*. **Var**. tá ferrado, estar frito, estar fudido, estar lascado, estar ralado. **V.** estar frito, estar lascado, estar fudido, estar ralado.

Estar frito. Entrar em fria, sair-se mal. *Fulano puxô briga co pessoal no baile e agora ele tá frito. Sicrano perdeu tudo no jogo, ele tá frito e distemperado.* **V.** estar ferrado, estar lascado, estar fudido, estar ralado. **Var**. tá frito. **V.** estar fudido, estar ferrado, estar lascado, estar ralado.

Estar fudido. Entrar em fria, sair-se mal, ter prejuízo. *Fulano tá fudido, comprô a casa e agora num tem bufunfa pra pagá. Se chovê quano o pessoal tivé fora do sítio o café do terreirão tá fudido.* **Var**. tá fudido. **V.** estar frito, estar ferrado, estar frito, estar ralado.

Estar lascado. Entrar em fria, sair-se mal, ter prejuízo. *Fulano escorregô na lama da estrada e caiu sobre u´a ponta de toco, agora ele tá lascado, a ferida foi feiao.* **Var**. tá fudido. tá lascado. **V.** estar frito, estar ferrado, estar fudido, estar ralado.

Estar liso, leso e louco. Estar em péssima situação, em desvantagem. *Tô liso, leso e louco, num sei o que fazê da vida. A giada acabô cum tudo e pra piorá fulano tá ralado, liso, leso e loco.* **Var**. tá fudido. tá liso, leso i loco.

Estar liso. **1.** Estar sem dinheiro. *Fulano perdeu tudo no jogo de cartas, agora tá liso. Sicrano num conseguiu pagá a prestação do sítio porque tava liso.* **2.** Esperto, rápido. *Beltrano é liso como bagre ensaboado, sempre se sai bem nos negócios. Sicrano é liso demais para sê cobrado das bestera que faz.* **Var**. tá liso.

Estar por cima da carne seca. Estar em situação de vantagem, manter algum tipo de prevalência. *Na divisão da herança, fulano ficô por cima da carne seca porque recebeu a maior parte. Depois que ganhô na loteria, sicrano achô que tavar cima da carne seca e se ferrô*. **Var**. tá im riba da carne seca.

Estar que nem bosta n'água. Estar sem rumo, sem destino, perdido. *Foi pra cidade grande e fico qui nem bosta n'água, perdidaço*. **Var**. tá quiném bosta n´água.

Estar ralado. Estar em péssima situação, em desvantagem. *Fulano perdeu o sócio que tinha o capital, agora ele tá ralado. Na disputa co vizinho perdeu a cabeça e meteu o cacete nele, se já tava ruim, agora ele tá ralado.* **V.** estar ferrado, estar fudido, estar lascado, estar frito. **Var**. tá ralado.

Estar um caco. Estar muito cansado, esgotado. *Depois da pescaria, fulano ficô que era um caco só. Trabaiá na roça até que é bom, mais no fim do dia a gente tá um caco de tanta cansêra.* **Var**. tá um caco.

Estar virado num saci. Irrequieto, pessoa que faz traquinagem. *Hoje a Lara tá virada no saci desde cedo, tá duro de aguentá. Depois que fulano foi sacaneado pelo compradre ele ficô virado no capeta.* **Var***. tá virado nu saci, estar virado no capeta, estar virado no demonho.*

ESTEPORADO adj. Prejudicado, gasto, em mau estado. *Roçô mato o dia todo e acabô ficano ficô co´as mão esteporada. De tanto rodá por estrada ruim, os peneu ficaro esteporado.* **Var.** isteporado, estuporado.

ESTEPORAR v. Machucar. *Cuidado cumprade, se esse gaio caí na tua cabeça vai isteporá muito. Bastô u´a cacetada na cachola do fulano pra esteporá a cabeça dele*. **Var.** isteporá, estuporar.

ESTERÇAR v. Virar. *Esterça o volante pra direita, que ocê acerta o caminho.* **Var.** isterçá, desterçar.

ESTICA s.f. V. *na estica.*

ESTÔMAGO s.m. V. bolo no estômago.

ESTÔMBAGO s.m. Estômago. *Fulano num pode vim pro encontro porque tava cuma baita dor de estômbago*. **Var**. istombago. **V.** *formentá o estômbago.*

ESTORVAR v. Atrapalhar. *A mala dele estorvô a viage o tempo todo. Beltrano ficô estorvano a passage das pessoa e pelo jeito nem tava aí pra morte da bezerra.* **Var.** istorvá, istrová.

ESTORVO s.m. O que atrapalha, aquilo que incomoda, pessoa ou coisa inútil. *Fulano é o estorvo da família. Sicrano num se cansa de istrová o serviço dos outros.* **Var.** istorvo.

ESTRALO s.m. Estampido, barulho de galho quebrando. *Quano o fulano percebeu, o galho estralô e veio tudo abaixo. Não vi o tiro, só ovi o istalo da chumbeira.* **Var**. istralo, estalo, istalo.

ESTRAMBÓLICO adj. Diferente, fora do comum, improvisado. *O namorado da fulana é meio estrambólico, diferentão. Da turma toda, sicrano é o mais istrambólico e isquisito*.**Var.** istrambótico, estrambótico.

ESTREPAR v. Se dar mal, se arrebentar, se machucar. *Fulano foi atiçá os marimbondo e se estrepô todo, ficô co´a cara inchada. Sem sabê andá a cavalo, sicrano tentô fazê o animal corrê e se estrepô, caiu do cavalo.*

ESTREPE s.m. Ferpa, farpa. *Fulano foi andá descalço no pomar e enfiô um estrepe no pé. Sem prestar atenção, sicrano foi mexê ca madêra da casa e istrepô a mão.* **Var**. istrepe.

ESTRIMILIQUE s.m. V. tremilique.

ESTRIPULIA s.f. Ação danosa, brincadeira de criança, bagunça. *A molecada da vila fizero um bocado de estripulia no pomar do japonês. Cuida das criança praquelas num faça estripulia.* **Var**. istripulia.

ESTROPIADO adj. Machucado, ferido. *Fulano levô um tombo e ficô todo estrupiado. Mesmo teno ficado istrupiado co acidente, sicrano se levantô e foi acudi os amigo*. **Var.** estrupiado, istrupiado.

ESTROVAR v. Estorvar. *A carroça quebrô no meio da rua e ficô istrovano a passage. Fulano num arredô pé de onde tava e istrovô todo mundo.* **Var**. istrovar.

ESTRUMBICADO s.m. Sair-se mal, ser mal sucedido, machucado, ferido. *Fulano escorregô numa casca de banana e se estrumbicô todo. Se a corda do balango arrebentá, sicrano vai se estrumbicá no chão.* **Var**. istrumbicado, trumbicado.

ESTRUPÍCIO s.m. Pessoa inútil, coisa sem serventia, algo que incomoda. *Fulano é um verdadêro istrupício; nem ata nem desata. O estrupicio da muié do sicrano nem pra fazê comida boa ela presta.* **Var.** istrupício.

ESTUPORADO adj. Em mau estado, machucado, estragado, ruim. *Brigô tanto, que ficô esteporado. De tanto rodá por estrada de sítio, cheia de toco, os peneu do cheba ficaro tudo estuporado.* **Var.** esteporado.

ETA, ANIMAR interj. Expressão de reprimenda. *Eta, animar! Assim ocê num acerta uma.*

ETA, CABRA DA PESTE interj. Expressão de admiração por alguém que tenha feito algo notável. *Eta, cabra da peste, peão assim num se encontra facilmente. Só um cabra da peste pra aguentá o tranco naquele fim de mundo*. **C.** Expressão tipicamente nordestina que foi rapidamente incorporada ao léxico regional.

Eu acho é pouco. Achar que o acontecido podia ter sido pior. *Fulano se deu mal na partida de futebol, brigô e saiu co´s zoio inchado, eu acho que foi é pouco. Sicrana perdeu um bocado de grana apostano no jogo e o marido virô no avesso, eu acho é pouco.*

EU, HEM interj. Expressão de espanto, geralmente seguida de negação *Eu, hem! Nem pagano monto naquele cavalo, o bicho é o satanás de brabo.*

EXTRATO s.m. Perfume forte. *Fulana passa extrato, por isso o chêro dura mais. Na farmácia do sicrano tem vários tipo de extrato.*

F, de **frutas silvestres**. As matas eram pródigas pela oferta de frutos, muitos dos quais eram apreciados pelos pioneiros. Frutas tais como: ariticum, cereja, gabiroba, jabuticaba, pitanga, pindaíba, ora-pro-nóbis, maracujá do mato e bacupari podiam ser encontradas dispersas entremeio às espécies de madeiras nobres. Estas e muitas outras frutas silvestres podiam ser encontradas pelas matas da região. E nas áreas de capoeira baixa a maria-preta e o joá vermelho faziam a festa dos meninos e meninas que se dispusessem a ir em busca destes prêmios da natureza. E nos pomares dos pioneiros alguma variedade de frutas também podia ser encontrada, pois uma das primeiras providências tomadas ao se iniciar a abertura do terreno onde iria construir a casa e eventualmente um paiol, era plantar algum pé de fruta. Em geral eram laranjeiras. Nas roças, em meio aos restos de troncos calcinados, eram plantados mamoeiros, tomateiros, pés de abóbora, de pepino e maxixe em algumas propriedades. Também as melancias e num e outro sítio os melões eram encontradas em meio ao cafezal.

F, de **fogo e fumaça**. Método por excelência utilizado pelos sitiantes e fazendeiros da época para "limpar" as derrubadas. Apenas a madeira de lei era aproveitada. As demais, mesmo que fossem árvores de certo porte tinham como destino virar cinzas. Fogo, fumaça e cinzas eram aspectos familiares aos habitantes daqueles tempos. Terrenos com troncos carbonizados faziam parte da paisagem. E era comum resíduos das cinzas levadas pelo ar precipitarem sobre os vilarejos, entrando inclusive no ambiente doméstico e caindo sobre as roupas estendidas sobre a capoeira vizinha às casas.

F, de **fartura e de fome**. Vivia-se um tempo de muita fartura e bonança, principalmente nas roças, pomares e hortas mas, mesmo ´naqueles tempos´, houve famílias que pelas parcas condições financeiras e de trabalho exploratório a que estavam submetidas, não raro passaram fome e sofreram necessidades. Certamente, além das histórias de fartura e bonança, os descendentes dos pioneiros excluídos desta realidade e história têm muitas "outras histórias" para contar.

FÁBRICA s.f. V. *fechar a fábrica.*

FACA s.f. V. estar com a faca e o queijo na mão*.*

FACÃO s.m. Mentira, engodo. *O candidato prometeu as camisa de futebol, mais foi puro facão. O pião gritô "óia a onça" e todos corrêro de volta pra casa, mais era facão. Aquele cara num merece crédito no que fala porque ele só conta facão e vantage.*

FAÍSCA s.f. Relâmpago, raio, descarga elétrica. *Caiu u´a faísca no chiquêro do fulano e matô cinco porco. Fulano procurô abrigo debaxo da árvore no pasto e foi morto por u´a faísca que rachô o tronco no meio .*

Falar abobrinha. Dizer coisas sem sentido, sem nexo ou sem noção; asneiras, besteiras, bobeiras. *Fulano num goza de muita fé pela quantidade de abobrinha que ele fala. Cansado de ouvi tanta abobrinha, o pessoal foi deixano a reunião aos pouco*.

FALADO s.f V. *mal falado.*

FAMIAGE s.f. Parentalha, família. *Fulano tem u´a baita famiage. A famiage do sicrano viajô sozinha pra encontrá ele no sítio que tava abrino. A famiage do feltrano ajuda ele na colheta.*

FANIQUITO s.m. Tremelique, mal-estar, desmaio. *A noiva teve um faniquito na hora do casório. Fulano ficô tão nervoso co´a notícia da morte do filho que teve um faniquito e morreu*.

FARDADO adj. V. *jacu fardado.*

FARINHA DO MESMO SACO s.f. Mesma coisa, pessoa ou coisa de igual natureza. *Políticos, grandes comerciante e donos de muita terra é tudo farinha do mesmo saco. Na famílha do fulano, descontada a filha mais nova, o resto é tudo farinha do mesmo saco. Boiada de tucura, tudo farinha do mesmo saco.*

FAROLETE s.m. Lanterna a pilha*. Fulano comprô um farolete de trêis pilhas que ilumina longe. Sicrano ganhô um farolete de presente pra usá nas pescaria.*

FARVEST s.m. Brim azulão. **C.** Era produzido pela mesma empresa que fabricava as alpargatas Roda; também era conhecido como "brim coringa" ("o que não encolhe") ou "far-west". As calças produzidas com este brim eram também chamadas de "rancheiras". Já o brim "arranca-toco" era um tecido de pior qualidade, em geral preferido pelas gentes da roça. **Var.** faroeste. **V.** arranca-toco.

FASTO adv. V. andar para trás.

FASTO s.m. Elemento de *andar de fasto*. *Quano viu o perigo, fulano andô de fasto bem uns 100 metro.* **V.** andar de fasto.

Fazer a vida. Conseguir sucesso material e financeiro; melhorar de vida. *Fulano veio pra Capelinha achano que ia fazê a vida bem rápido, mais se deu mal. Sicrano nunca pensô que ia fazê a vida naquele fim de mundo mais acabô enricano*. **C.** Nos primórdios da colonização do Norte do Paraná esta era uma expressão bastante comum de ser ouvida. **Var.** fazê a vida.

Fazer as contas. Saber as operações aritméticas (soma, subtração, divisão e multiplicação). *Meu filho tá ino pra a escola pra aprendê a fazê conta, lê e iscrevê. Fulano só contrata gente que sabe fazê conta. Se num soubé fazê conta direito, sicrano pode tê prejuízo nos negócio dele*. **Var.** fazê as conta.

Fazer boca de siri. Ficar quieto, guardar segredo. *Fulana feiz boca de siri e num falô nadica de nada.* **Var.** fazê boca di siri.

Fazer cu doce. Desdenhar o que se quer, fazer de conta que não quer. *Ele feiz cu doce o tempo todo,dizia que tava sem fome, mais no final comeu de tudo um poco.* **Var.** fazê cu doce.

Fazer fita. Fingir, chamar a atenção. *A doença da fulana é fita pura. Sicrana disse que tava cum dor de cabeça, mais eu acho quela tá fazeno fita.* **Var.** fazê fita.

Fazer hora. Matar o tempo, enrolar, esperar passar o tempo, aguardar. *Enquanto fulano num chegava, ficamo lá fazeno hora. Descançar e fazê hora é o serviço do fulano.* **Var.** fazê hora.

Fazer mal. Ter relação sexual com menor ou desvirginar alguém antes do casamento. *Fulano feiz mal para a filha do sicrano e ele teve que casá na pulícia.* **Var.** fazê mal.

Fazer merda. Fazer algo errado. *Fulano perdeu o emprego porque fazia merda o tempo todo.*

Fazer o rancho. Comprar gêneros alimentícios para a família. *Fulano foi pra vila fazê o rancho pra peãozada. A mãe deles é quem faiz o rancho do meis.* ***C.*** Geralmente, o rancho era feito uma vez por mês. **Var.** fazê o rancho.

Fazer tempestade em copo d´água. Criar problemas por nada, provocar problemas. *Cicrano vive fazeno tempestade im copo d´água e num resolve o que percisa. Sicrano provocô beltrano e acabô criano u´a tempestade em copo d´água.* **Var.** fazê tempestade im copo d´água.

Fazer uma boquinha. Comer algo antes da refeição. *Pararo no boteco para fazê u´a boquinha e depois foro pra festa. Fulano convidô sicrano pra fazê u´a boquinha antes de i pescá.* **Var.** fazê uma boquinha.

FAZER v. V. até o cu fazer bico.

FEBRE s.f. V. corta-febre.

Fechar a fábrica. Decidir não ter mais filhos. *Fulana teve treis fio e depois fechô a fábrica.* **C.** Aplicava-se também à histerectomia. **Var.** fechá a fábrica.

Fechar o pau. Irromper briga, confusão, distúrbio. *Durante o comício a situação esquentô, si ofendêro e acabô fechano o pau entre os candidato. Fulana pegô sicrano cum otra e fechô o tempo, foi aquele furdunço.* **Var.** fechá o pau, fechar o tempo.

FECHECLER s.m. Zíper, fecho ecler. *Ao invés de botões, fulana colocô fecheclér na blusa.*

FEDEU adv. Algo deu errado, situação complicada. *Quano o boi pulô a cerca e veio pra cima da mulherada, aí fedeu. Depois que o barco virô é que as pessoa se dero conta de que o passeio fedeu. A coisa toda fedeu depois que fulano mexeu na caxa de marimbondo.*

FEIA DE DOER adj. Muito feia (diz-se de mulher). *A noiva do fulano é bonita, mais a do sicrano é feia de duê.* **Var.** feia di duê.

FEITO s.f. V. cabeça feita.

FELA adj. 1. Valente, durão, fora do comum, extraordinário, muito bom. *Naquele tipo de serviço fulano é féla, vale por dois. Se beltrano num fosse tão féla, ele num guentava o tranco.* **2.** Abreviação de fela da puta. *O seu féla, vá te catar. O féla do beltrano num respeita ninguém, hora destas ele encontra o que procura.* **V**. fela da puta.

FELA DA PUTA s.2g. Filho da puta. *O fela da puta do cachorro num amarrô nenhuma codorna a tarde toda.* **Var.** fidaputa, fia da pulícia, fela da puta, filho da mãe, fidumaégua. **V**. fela.

FELIPE s.m. Fruto que nasceu grudado no outro, geminado. **C.** Encontrar um *café felipe* era sinal de sorte. Havia também a crença de que as mulheres não deveriam comer frutas felipe sob pena de terem filhos gêmeos. **Var**. filipi.

FÊMEA adj. V. *macho feito preá fêmea.*

FERIDENTO adj. Que tem muitas feridas, machucados. *Fulano foi pescá na bera do brejo e voltô todo feridento de tanta picada de mosquito. Sicrano pegô varíola e ficô co coro todo feridento.* **V**. firidento.

FERPA s.f. 1. Farpa, pequeno fragmento de madeira que, acidentalmente, entra na pele, estrepe. *Entrô u´a ferpa na minha mão, tá doeno pra dedéu e tá inflamano*. **2.** Dinheiro, grana. *Fulano tá montado na ferpa e tá quereno comprá um jipe novo. Sicrano ganhô na loteria e agora tá cheio da ferpa, até ropa nova ele comprô.*

FERRADO adj. V. estar ferrado.

FERRADURA V. *omega ferradura.*

FERRAR v.pron. Dar-se mal, ter prejuízo, ficar em desvantagem. *Fulano foi dá um pulo maior que a perna e se ferrô. Sicrano foi mexê co cachorro do beltrano e se ferrô. Beltrano mexeu na caxa de marimbondo e conseguiu ferrá cum todo mundo qui tava pur perto.* **V**. ferrá.

FERRO s.m. V. a ferro e fogo.

FERVO s.m. Agitação, festança, bagunça. *Quano começô o fervo, todo mundo entrô na dança. Fulano gosta de i lá no fervo dos saquêro.*

FESTA s.f. V. arroz de festa.

FIA DA POLÍCIA interj. Expressão de espanto. *Fia da pulicia, otra veiz isso é arte daquele moleque que num vale o que come.* **Var.** fidaputa, fela da puta, filho da mãe, fidumaégua.

FIADA s.f. Enfiada, fieira, enfiada, fila. *Fulano pegô u´a baita fiada de lambari no córgo do matadoro. Sicrano caçô u´a montuêra de rolinha que deu u´a fiada de quase um metro. O muro do beltrano foi feito cum deiz fiada de tijolo.*

FIANCO s.m. Lado, posição atravessada. *Fulano viajô meio de fianco no assento do jipe e ficô ca coluna dueno. O tiro pegô de fianco na cacunda da anta e ela caiu no mato, escafedeu.* **V.** *de fianco.* **V.** de fianco.

Ficar com a pulga atrás da orelha. Ficar preocupado, nervoso, tenso. *Percebeno que podia sê um mau negócio, fulano ficô co´a pulga atrais da oreia. O buraco que a chuva deixô no carreadô feiz o sicrano ficá co´a pulga atrais da orelha.* **V**. ficá coá pulga atrais da oreia.

Ficar com cara de tacho. Ficar sem graça, chateado, ser enganado. *A noiva deu os cano na hora do casório e fulano ficô cum cara de tacho na bera do altar.*

Ficar de boi. Ficar menstruada. *Fulana tá de boi, acho que hoje ela num qué sai de casa. Sicrana deu u´a boa desculpa pra recusá o convite, disse que tava de boi.* **V**. ficá di boi.

Ficar de butuca. Ficar alerta, prestar atenção, ficar à espreita, vigiar. *Ele ficava de butuca em todas as moça bonita que passasse. Fulano ficô de butuca até a capivara aparecer. Fulana ficô de butuca até pegá o marido ca otra. Fica aí de butuca pra vê se a jardinêra chega no ponto.* **V**. ficá de butuca.

Ficar no toco. Esperar em algum lugar, estar em algum lugar, ficar de tocaia. *Fulano ficô no toco até a carona passar. Pra caçá anta é só ficá no toco perto do carrêro dela. Marcô cum a namorada na frente do Cine Capelinha e ficô no toco até ela chegá.* **V**. ficá no toco.

Ficar para contar a história. O que restou de alguma ocorrência. *A geada matô todo o cafezal do fulano, num sobrô um pé pra contá a história. Depois que o sicrano deu dois tiro pro ar, num sobrô nenhum valentão pra contá a história. A peste atacô todo o rebanho e sobraro apenas duas cabeça pra contá a história.* **V**. ficá pra contá a história.

Ficar tiririca. Brabo, nervoso, enraivecido, revoltado. *Veno o desrespeito do amigo de longa data, fulano ficô tiririca, puto da cara. A atitude mandona do prefeito feiz cum que muitos comerciante ficasse tiririca e cum vontade de brigá.*

FIDAPUTA s.2g. Filho da puta. *O fidaputa do gato passô toda peãozada pra traiz. O fidaputa do meu cumpadre prometeu que ia me pagá mais até agora neca de pitibiriba, foi facão da parte dele.* **Var.** fela da puta. **V.** *fia da polícia, filho da mãe.*

FIDIQUEM l.int. Filho(a) de quem. *Ocê é fidiquem? Encontraro u´a criança no meio da quermesse, agora tem que sabê fidiquem ela é.*

FIDUMAÉGUA s.2g. Filho de uma égua, filho da puta. *E num é que o fidumaégua conseguiu fazê todo o serviço sozinho! Fidumaégua, viu só que gol bonito ele feiz.* **C.** Podia ser também expressão de admiração. **Var.** fidaputa, fia da pulícia, fela da puta, filho da mãe.

FIGO s.m. Fígado. *Fulano tá meio inchado e amarelo, acho que os figo dele num tão bem. Na casa do sicrano eles gostam muito de figo de boi frito. Beltrana disse que se comê torresmo o figo dela ataca.*

FILAR v. 1. Roubar, surripiar, levar algo sem permissão. *Fulano filô dois cacho de banana do sítio do Pedrinho. Sicrano vive filano milho na roça dos vizinho.* **2.** Aproveitar algo. *Beltrano filô boia na casa do amigo. Reclano tá sempre duro, vive filano cigarro dos amigo.*

Filhinho de papai. Pessoa cujas vontades são satisfeitas pelos pais, pessoa que tem boa vida, pessoa mimada. *Fulano nem sabe o que é trabalhá, é um verdadêro filhinho de papai. Sicrano nem pensa em fazê alguma coisa enquanto for filhinho de papai.*

FILHO DA MÃE interj. Expressão de espanto. *Fio da mãe, é num é que ele conseguiu atravessá o rio a nado.* **C.** Eufemismo de *filho da puta*. **Var.** fia da polícia.

Filhote de cruz-credo. Algum animal ou pessoa muito feia, arteiro, fazedor de maldades. *Isto é um filhote de cruz-credo, de tão feio que é. Esse cão é um filhote de cruz-credo, ataca tudo o que entra no quintal. Fulana parece o fiote de cruiz-credo de tão ruim que é.* **V**. fióte de cruiz credo.

FILHOTE DE URU s.m. Algo difícil de se ver. *Parecia fiote de uru, ninguém via o peão no meio do mato. Sumiu feito fiote de uru.* **C.** Analogia com o espetacular mimetismo dos filhotes da ave uru (*Odontophorus capueira*).

FIM DA PICADA s.m. 1. Lugar muito distante. *A casa de fulano fica lá no fim da picada.* **V.** biboca, cafundós do judas, caixa-prego, casa da peste, casa do cacete, casa do chapéu, cu do judas, fundos do brocotó, oco do mundo, puta-que-o-pariu. **2.** Situação crítica ou inaceitável. *É o fim da picada isso que teja aconteceno nesta prefeitura.*

FIM s.m. V. dar fim.

FINA adj. V. gente-fina.

FINCAR v. Cravar, enterrar. *Fulano passô o dia fincano palanque de cerca. Sicrano fincô o dedo no olho de beltrano.* **Var.** fincá.

FINO adj. Raspando, por perto. *O barco ficô desgovernado e tirô um fino da canoa do fulano. Na entrada da tulha, o caminhão passô tirano um fininho da parede.* **Var**. fininho.

FIO s.m. Filho. *Fulano é fio da dona Maria. Meus fi e mia muié vão comigo na viaje.* **Var.** fi.

FIO s.m. V. por um fio.

FIOFÓ s.m. Ânus. *Vá tomá no fiofó! Fulano tá cum cocêra no fiofó.* **V.** ás de copas, busanfã, lordo, roscófi, toba, xibiu.

FITA s.f. V. fazer fita; *nem choro, nem vela, nem fita amarela.*

FIÚSA s.f. Conversa mole, lábia. *Fulano foi na fiúsa do sicrano e se deu mal, o cara num entendia nada do negócio. Quem vai na fiúsa de malandro só tem que se ferrá.*

FLITI s.m. Inseticida, bomba de borrifar inseticida em ambiente doméstico. *Passa um poco de fliti na casa pra espantá os mosquito.*

FLOR QUE SE CHEIRE adj. Pessoa não confiável, que tem hábitos reprováveis, sapeca, arteira. *Fulano até parece boa gente, mais lá no fundo ele não é flor que se cheire. Sicrano até que tentô trabalhá co cunhado, mais no fim do serviço ele percebeu que o dito cujo não era flor que se cheire e terminô a sociedade.*

FODA s.f. V. empata-foda, meia-foda.

Fofar o pelo. 1. Sair correndo, escapar rapidamente, escafeder-se. *Quano viu o cachorro chegá, fulano fofô o pelo e saiu em disparada. Depois de batê o carro, o motorista fofô o pelo pra fugi do fraga. Veno a tempestade chegá, sicrano fofô o pelo do cavalo para chegá num lugar protegido.* **2**. Bater, agredir. *Beltrano num aguentô os disaforo do caminhonêro e fofô o pelo dele cum pedaço de balaustre.* **Var**. fofá u pelo.

FOFAR v. Esmurrar, bater. *Fulano pegô sicrano e fofô a cabeça dele. O pai do beltrano fofô a bunda dele porque num passô de ano.* **Var**. fofá.

FOGÃO DE LATA s.m. Fogão feito com lata de 18 litros. **C.** A lata era aberta no topo e numa das laterais, rente ao fundo, era feito um buraco. O volume da lata é preenchido com pó de serra no qual é deixada uma “chaminé” composta por dois buracos conectados em “L”, feito com o auxílio de dois pedaços de caibro que depois de enchida a lata com pó de serra bem socado, são retirados: o horizontal para garantir a entrada de ar, pelo qual se põe fogo no pó de serra, e o vertical para garantir a saída do calor, sobre o qual se coloca o que se quer cozinhar. Nos tempos de abertura da vila de Capelinha havia muitas serrarias nas vilas e cidades em formação e fartura de pó de serra; era um material que se podia coletar de graça. **Var**. fugão di lata.

FOGO DE PALHA s.m. Coisa passageira, sem consequência. *Quano falei do namoro para minha mãe, ela disse que isso era fogo de palha.* **Var**. fogo di paia.

FOGO NO CORPO. Estado de agitação, nervosismo exagerado, pessoa muito ativa. *Fulano parece que tá cum fogo no coro, num para um minuto. Sicrana dança como quem tá cum fogo no corpo.* **Var.** *fogo no coro, fogo no rabo.*

FOGO s.m. Pessoa sacana, tratante. *Fulano é fogo, num dá pra combiná nada cum ele. Sicrano achô que beltrano era confiável, mais o cara é fogo, só deu increnca.* ***V.*** a ferro e fogo, botar água no fogo, botar lenha na fogueira, buscar fogo, fogo de palha, fogo no corpo, tocar fogo, tocar fogo no circo.

FOGUEIRA s.f. V. botar lenha na fogueira.

FOGUETE s.m. V. *rabo de foguete.*

FOLE s.m. Acordeão, sanfona. *O Bentinho puxô fole a noite inteira, foi u´a festa!*

FOLHA DE ZINCO s.f. Telha de metal galvanizado. *A casa do fulano é coberta de foia de zinco, quano chove é um barulhão só e quano faiz sol é quente como os infernos.* **C.** O material consistia em chapas de aço corrugadas banhadas a zinco e era utilizada em construções funcionais (paióis, chiqueiros, galpões) e também como telhado de emergência nas casas de muitos pioneiros. **Var**. foia de zinco.

FOLHINHA s.f. Calendário impresso que se pendurava na parede. *No final de ano a venda do Zé Boni dava folhinha pros freguêis.* **Var.** foinha. **C.** Uma das coisas mais valorizadas pelos pioneiros em final de ano era uma folhinha. De modo geral, todos os estabelecimentos comerciais ofertavam folhinhas aos seus fregueses.

FOME s.f. V. mata-fome, *varado de fome.*

FORA adv. V. *carta fora do baralho,* jogar conversa fora, por fora.

FORCA s.f. V. *tirar o pai da forca.*

FORFÉ s.m. Briga, desavença, agitação, bagunça. *Foi o maior forfé na festa de noivado do fulano, enchêro a cara e saiu briga pra todo lado.* **V.** desgraceira, forrobodó, furdunço, melê, merdeiro, pampeiro, perereco, pipoco, rebosteio, treta, vuco-vuco, ziquizira.

FÓRFI s.m. Fósforo. *Dá u´a caixa de fórfi e dois maço de vela pra mim. Oi compadre, acende o fósqui pa crareá que aqui tá escuro feito breu.* **Var.** fósqui.

FORMENTAÇÃO s.f. Fermentação. *Formentação no estômbago.* Azia. *Me deu formentação no estômbago o dia todo. Comi pamonha e curau e formentô o meu estômago.*

FORMIGA s.f. V. amanhecer com a boca cheia de formiga.

FORNO s.m. V. *cair o forno.*

FORRADO adj. Cheio, lotado, infestado. *Forra o prato que tô cum fome. O cachorro do compadre tá forrado de pulga. Forrei o bucho antes da hora e perdi a fome.*

FORROBODÓ s.m. Bagunça, confusão, algazarra. *Apagaro a luz, ninguém inxergava nada, e aí foi aquele forrobodó no salão.* **V.** desgraceira, forfé, furdunço, melê, merdeiro, pampeiro, perereco, pipoco, rebosteio, treta, vuco-vuco, ziquizira.

FRANGO s.m. V. *cercar o frango.*

FRANGOTE s.m. Adolescente, jovem. *Ele inda é um frangote e já pensa em namorada.*

FREGE s.m. Sufoco, galinhagem. *O pai da moça pegô os dois no frege aí a coisa ficô preta pro lado do namorado. Fulano achô que podia i pro frege co´as mocinha da vila mais quebrô a cara.* **S.** *agarração, amasso*.

FREGUÊS DE CADERNO s.m. Frequentador habitual, pessoa que comprava fiado para pagar no fim do mês, cuja conta era anotada numa caderneta ou caderno; freguês constante. *Fulano tem muitos freguêis, mais é tudo gente de caderno. Sicrano tá tão doente que já se tornô freguês de caderno no hospital.* **Var**. fregueis di caderno.

FRESCO s.m. Efeminado, pederasta, veado, entojado. *Fulano é muito fresco, num gosta de quase nada. Ele é fresco por natureza, só gosta de macho. Aquele cara é um fresco vê só o jeito como ele senta.* **S.** *frutinha*.

FRESCURA s.f. Comportamento próprio de fresco. *É muita frescura pruma pessoa só. Se for pra andá cum tanta frescura é melhor ficá em casa.*

FRITO adj. V. estar frito.

FROUXO s.m. Pessoa covarde, medrosa, mole. *Fulano é um froxo, num guenta o tranco e sempre arria as perna.*

FRUTINHA s.m. Efeminado. *Fulano só gosta de corte e costura, tem jeito de frutinha, pode u´a coisa dessa?* **S.** *fresco*.

FUÁ adj.2g. Diz-se do cabelo armado, eriçado, despenteado. *Fulana tá co cabelo fuá, tá precisano de banho e pente.* **V.** cabelo fuá.

FUBÁ s.m. V. virar fubá.

FUÇA s.f. Nariz, ventas, focinho. *Fulano deu co´as fuça na porta que até deu gosto de vê. Sicrano pegô o porco pelas fuça e quase levô u´a mordida. Beltrana vive meteno as fuça nas conversa dos otro, é muito enxerida.*

FUDIDO adj. V. estar fudido.

Fugir da raia. Romper acordo, faltar com a palavra dada, escapulir de compromisso assumido. *Agora que as coisa num dero certo fulano quiz fugi da raia. Enrolô a moça o tempo todo, na hora di casá sicrano fugiu da raia.* **Var**. fugi da raia.

FUMACEIRO s.m. Mentiroso. *As conversa dele é tudo fumacêro, num se aproveita nem um tiquim do que ele fala. Num credita nessa notícia sobre o fulano que isso é fumaça.* **Var**. fumacêro.

FUMO v. Forma do verbo *ir*: *fomos*. *Depois do jogo fumo simbora. Fumo i vortemo num vape, um pé aqui e otro lá.*

FUNDOS DO BROCOTÓ s.m.pl. Lugar muito distante, lugar ermo. *Fulano mora lá nos fundo do brocotó, lá onde o judas perdeu as bota.* **V.** biboca, caixa-prego, cafundós do judas, casa da peste, casa do cacete, casa do chapéu, cu do judas, fim da picada, oco do mundo, puta-que-o-pariu.

FUNDURA s.f. Profundidade. *Peguei o peixe maior lá nas fundura. O poço tem vinte metros de fundura.*

FURA-BUCHO s.m. Baile popular. *Fulano pegô um cancro lá no fura-bucho dos saqueiro.* **C.** Geralmente assim era chamado os bailes do clube dos ensacadores/carregadores de nas máquinas de café (os *saqueiros).*

FURADA s.f. Decisão infeliz, situação desagradável, problema. *Ir pra festa de fulano foi a maior furada, só tinha marmanjo. Já fui caçá lá no pasto do fulano, nunca matamo nada, é a maior furada i praquelas banda.*

FURADO adj. V. embarcar em canoa furada.

Furar o zoio. Aproveitar-se de alguém, enganar. *Ele pagô muito caro, furaro o zoio dele!* **Var**. furá o oio.

FURDUNÇO s.m. Confusão, bate-boca, desentendimento coletivo. *Tava lá na festa e de repente fulano começô o bate-boca co cunhado dele, foi o maior furdunço!* **V.** desgraceira, forfé, forrobodó, melê, merdeiro, pampeiro, perereco, pipoco, rebosteio, treta, vuco-vuco, ziquizira.

FURQUIA s.f. Forquilha. *Fulano gosta de furquia de carrapatêro pra fazê estilingue. Sicrano feiz u´a furquia de jabuticabêra que ficô bem boa.* **Var**. forquia.

FURRECA adj.2g. De pouca qualidade, sem importância. *O timinho do fulano é muito furreca, perde todas. O rádio do sicrano é furreca, só pega chiadêra.*

FUTRICA s.f. Fofoca, mexerico, mentira. *Fulana é u´a futriquêra de marca maior, de tanto falá asnêra provocô a briga dos cunhado. Futrica é o que num falta no meio daquela turma, é bom ficá longe.*

FURUNCO s.m. Furunculo, abcesso. *Nasceu um baita furunco na bunda do fulano, tá duro dele sentá direito. Naquela familha sempre tem alguém cum furunco, acho que é por causa deles comê muita carne de porco.* **S.** cabeça-de-prego.

FUTUCAR v. Cutucar. *De tanto futucar, o Diabo furô o olho do filho. Futuca ali pra vê si tem marimbondo.* **Var**. futucá. **S.** *catucar, chuchar*.

FUTUM s.m. Mau cheiro, especialmente o do corpo. *Fulano ficô sem tomá banho uns treis dias, tava um futum só. Depois de capiná o dia todo e andá alguns quilômetro pra chegá im casa, ninguém aguentava o futum da turma.* **Var.** furtum.

FUXICO s.m. Fofoca, conversa de comadre. *A comadre fulana é u´a fuxiquêra. Sicrana vive de fazê fuxico.*

FUZUÊ s.m. Bagunça, farra, algazarra. *Os macaco fizero aquele fuzuê no bananal. Na hora da briga, foi um fuzuê geral no baile.* **V.** desgraceira, forfé, forrobodó, furdunço, melê, merdeiro, pampeiro, perereco, pipoco, rebosteio, treta, vuco-vuco, ziquizira.

G, de **geada**. Este era um fenômeno praticamente desconsiderado pelos pioneiros que migraram para o norte-paranaense em busca de novas terras para plantio de café. Foi com surpresa e espanto que em 1953 os sitiantes e fazendeiros viram, em poucos dias, seus verdejantes cafezais serem transformados em uma vastidão de folhas enegrecidas. A paisagem, antes viçosa e luxuriante, foi aos poucos se transformando em um campo de arbustos secos e envaretados. E, de novo, em 1955, outra grande geada abalou os ânimos por aquelas bandas. Mas foi a geada negra de 1975 que liquidou de vez com as esperanças de boa parte dos cafeicultores. Destarte, nos anos seguintes, com o progressivo esgotamento da fronteira agrícola e a ameaça de novas geadas muitos foram os que partiram em busca de novos horizontes. A migração da população rural em busca das cidades e consequente despovoando dos campos começou na década de 1960.

GADELHA s.f. Cabelo armado, crescido além do usual; cabelo disforme, sem pentear. *Vai passá um pente nas gadeia, minino. Sicrana, vá penteá as gadelha, teu cabelo tá pareceno ninho de guacho.* **Var.** gadeia.

GADELHUDO adj. Que tem os cabelos muito compridos, despenteados. *Fulano tá gadeiudo, tá na hora de cortá as gadeia*. **V.** *gadeiudo.*

GAITA s.f. V. *pó da gaita.*

GAITADA s.f. Risada forte, gargalhada. *Contaro u´a boa piada e foi aquela gaitada. O cara era mesmo engraçado tudo o que ele falava resultava em gaitada por parte dos amigo.*

GAITEIRA adj. V. tripa gaiteira.

GAITEIRO s.m. V. abraço pro gaiteiro.

GALÃ s.m. Pessoa bonita, bem arrumada. *Fulano tá pareceno um galã.* **C.** Empregava-se às vezes com tom de ironia.

GALEGO s.m. Loiro. *Fulano é galego porque passa água oxigenada nos cabelo. Sicrano é galego de origem, veio da Itália pro Brasil com seus pais.*

GALINHA s.f. Moça ou mulher fácil de ser abordada, que gosta de galinhagem, de sexo com qualquer um. *Fulana é u´a galinha de primeira, quase todo mundo da vila já andô saino cum ela. Na festa tinha um bocado de galinha, era só ciscá direito que tava no papo. Fulana é a maior galinha desta vila. Sicrana só tá a fim de galinhage e não de namoro sério.* **V.** acordar com os galos, cabeça de galinha, miolo de galinha.

GALINHA MORTA s.f. Mercadoria muito barata, pechincha, preço irrisório. *A compra do sítio por fulano foi u´a verdadera galinha morta, sicrano tava quase falido, teve que vendê. Beltrano gosta de comprá galinha morta é só sabê de algo barato que ele vai atrais.*

GALO s.m. 1. Pessoa que gosta de brigar, que se acha o mais forte em um grupo. *O galo da turma é o fulano basta olhá torto pra ele que a confusão tá armada.* **2.** Calombo que aparece no couro cabeludo após receber uma pancada. *Sicrano levô u´a pancada na cabeça e ganhô um baita galo que só faltô cantá.* **V.** acordar com os galos, cantar de galo, galo de briga.

GALO DE BRIGA s.m. 1. Trouxa de roupa, mala com os utensílios de alguém. *Fulano pegô seu galo de briga e foi trabalhá em otro canto. Além do galo de briga, sicrano num tinha mais nada na vida.* **C.** Aplicava-se geralmente às poucas roupas e utensílios dos peões que trabalhavam em sítios e fazendas.

GALO s.m. V. acordar com os galos.

GAMBÁ s.m. Pessoa que não tomou banho e cheira a suor. *Fulano é um verdadêro gambá, pelo jeito só toma banho u´a veiz por mês.*

GAMBETA adj.2g. Que tem a perna torta. O *cavalo caiu em cima da perna do fulano e ele ficô gambeta. Sicrano já nasceu gambeta.*

GAMBIARRA s.f. Trabalho mal feito ou mal acabado, conserto feito de qualquer jeito. *De tanto fazê gambiarra, fulano ficô falado na praça. Depois de fazê u´a gambiarra na instalação elétrica, o motor funcionou.* **V.** balaio de gatos, cabeça de porco, chachicho, chacho, chuncho.

GANA s.f. Vontade, desejo, grande apetite. *Tenho gana de te esgoelá pela sacanage que ocê me feiz. Fulano teve gana de comê um pedaço do bolo.*

GANSO s.m. V. afogar o ganso.

GARFEAR v. Roubar, afanar, passar a mão. *Fulano garfeô u´as melancia na chácara do Zé da Mula.* **Var**. garfeá.

GARIBAR v. Melhorar, incrementar, ajustar. *Fulano deu u´a garibada no jipe dele antes de pôr à venda, e deu certo. Depois de passá uns tempo na lida da roça, sicrano mudô pra cidade e deu u´a garibada nas ropa da família.*

GARNISÉ s.2g. Pessoa de baixa estatura metida a valente, baixinho briguento, pessoa miúda. *Fulano briga a toa, parece um garnisé. Na familha dele é tudo garnisé, desde o pai até o filho mais novo.* **V.** caturra.

GARRÃO s.m. Parte de trás do calcanhar ou da pata. *O cachorro deu u´a mordida no garrão do boi que foi u´a sanguera só. Fulano levô um chute no garrão e caiu no chão gritando.*

GARRAR v. Agarrar, pegar. *Garra a enxada que eu garro o enxadão. Turma de peão boa essa aí, cumpadre, eis garra no serviço cum vontade.*

GASTÃO s.m. Pessoa gastadeira. *Fulana é u´a gastona de primeira, seu salário num chega ao fim da primêra semana. Se sicrano num fosse tão gastão até que ele taria melhor de vida.*

GASTURA s.f. Ânsia de vômito, enjoo, mal-estar. *Comi macarrão cum sardinha e me deu gastura de imediato. Fulano comeu u´a buchada e ficô cum gastura por causa do chêro da cumida. Galinha mal assada me dá gastura só de senti o cheiro.*

GATO s.m. 1. Ladrão, gatuno. *Fulano é um gato, robô todo mundo na vila.* **2.** Agenciador de mão de obra para o trabalho de derrubada de mata ou para trabalho na lavoura. *O gato contratado pelo fulano sumiu co dinhêro do pagamento e ele teve que arcá co prejuízo.* **C.** Em geral, o gato era um explorador de emigrantes sem ocupação definida, gente cuja vida era gasta em trabalhos no campo. **V.** balaio de gatos, capar o gato, carpir o gato, comprar gato por lebre, saco de gatos.

GAVERNA s.f. Buraco em forma de cova, tapado com tábuas, que era utilizado como esconderijo por algumas crianças em Capelinha. *O fulano feiz u´a gaverna no meio da capuêra que ninguém conseguia ver. Sicrano feiz u´a gaverna perto da casa dele e cobriu cum folha, aquilo virô u´a armadilha de mundéu.* **C.** Uma outra técnica de se fazer *gaverna* era descer a meia profundidade nos buracos de poço ou buracos de privada abandonados e cavar uns dois metros jogando a terra para o fundo do buraco. Alteração de caverna.

GAVIÃO s.m. Sujeito namorador, galanteador. *Fulano é um gavião, tá sempre tentano bicá alguma das menina da turma. Lá naquela vila, o que num falta é gavião e galinha, parece até um galinhêro.*

GAZEAR v. Matar a aula, faltar ao compromisso. *Fulano gazeô as aula de educação física. Beltrano vive gazeano as aula de datilografia.*

GELADA s.f. Rejeição, desconversa. Fulano deu uma gelada na sicrana, que ela perdeu o rumo. **Var.** gelo.

GELO DE BAIANO s.m. Blocos de concreto para sarjetas, geralmente eram pintados de branco. *Tão fazeno a calçada da rua, já assentaro os gelo de baiano. A rua foi separada em duas via por u´a filêra de gelo de baiano.* **C.** Era uma forma discriminatória e preconceituosa contra os nordestinos em geral; era comum serem chamados de “baianos”, “aratacas”, “cabeças-chatas”, “cearense”.

GENTE DO CÉU interj. Expressão de espanto. *Gente do céu, corre tirá a ropa do varal, vê o chuvão que tá vino pros lado de Maringá.*

GENTE-FINA s.f. Pessoa com qualidades, virtudes, boa pessoa. *Fulano é gente-fina, tem muitos amigo na praça. Sicrano sempre paga suas conta em dia, é gente fina.* **Var**. boa gente.

GIBEIRA s.f. Algibeira, bolsinho embutido nas calças masculinas, que era usado para por moedas ou relógio. *Fulano gosta de gibêra dos dois lado da calça. Sicrano guarda as moeda na gibeira.* **Var.** gibêra.

GORAR v. Frustrar, acabar. *Gorô o namoro do fulano co´a fulana. A mamata tinha que gorá um dia, era muita falta de vergonha. Gorô treis ovo da ninhada da galinha vermeia. Beltrano é muito azarado, só feiz plano gorado até agora.* **Var**. gorá.

GORDO adj. V. *olho gordo.*

GORDURENTO adj. Gorduroso. *Dona Maria num gosta de comida gordurenta, por isso é que ela mesma gosta de fazê suas fritura*. *Fulano passô vaselina no cabelo e aquilo lá ficô muito gordurento. O frango impanado que dona sicrana fritô ficô muito gordurento*.

GORFADA s.f. Golfada de vômito. *Tomô todas e acabô dano u´a gorfada em cima da mesa, foi um papelão. Fulana num pode comê muita fritura que acaba gorfano.* **Var.** engorfada.

GORFAR v. Vomitar. *Tô enjoado, vô lá fora gorfá. Fulano comeu demais, si sentiu mal e deu u´a baita gorfada no chão da cozinha.* **Var**. gorfá.

GORFO s.m. Vômito. *O gorfo que fulano deu no meio do salão ficô escorregadio.*

GORÓ s.m. Pinga, cachaça. *Fulano tomô uns goró e foi durmi cedo.* **V.** abrideira, água-benta, água que passarinho não bebe, branquinha, canjebrina, margosa, mata-bicho, mé, a que matou o guarda.

GORORoba s.f. Comida mal feita, ruim. *Lá no sítio ninguém sabe cozinhar, só se come gororoba.*

GOTA-SERENA s.f. Ponto extremo, nível máximo. *Mais longe que a gota serena. Mais feia que a gota serena. Mais brabo que a gota serena. O fi da gota serena acabô co´a festa. Eita, gota serena! Num é que o fi da égua acertô a loteria!* **C.** Esta é uma das muitas expressões que os nordestinos trouxeram no seu modo de falar e que acabou sendo de uso comum; praticamente servia a vários significados.

GOTO s.m. Goela, gogó, pomo de adão. *Levô u´a pancada no goto, que perdeu a fala por um tempo. Sicrano tem o goto bem saliente, parece até um gogó de ema.*

GRALHA s.f. Pessoa que fala demais. *A muié do fulano é u´a graia, dói até os ovido de tanto que fala. Na vila tem um bocado de graia que só sabe futricá a vida dos otro.* **C.** Analogia com a gralha, pássaro barulhento. **Var**. graia.

GRANA-PRETA s.f. Muito dinheiro, soma elevada. *O terno do fulano custô u´a grana-preta e encolheu na primêra lavada, ficô na canela.*

GRITO DE PORCO ESPETADO s.m. Grito alto e agoniado. *Fulano perdeu os pais no mato e cum medo gritô feito porco espetado.*

GRITO s.m. V. matar cachorro a grito, matar cachorro a paulada.

GROSSO adj. V. casca grossa.

GROTA s.f. Lugar ermo, terreno acidentado. *Fulano mora numa grota que dá até mêdo de i lá. Sicrano pensô qui tava comprano terra plana mais era tudo u´a grota só.*

GRUDE s.m. Pessoa muito chegada à outra. *As criança da fulana são um grude. Fulano e sicrana são um grude só, num se largam pra nada, tão sempre junto.*

GRUDENTO adj. Pessoa que, ostensivamente, fica perto de outra; pegajoso. *Fulano é muito grudento, onde a namorada vai, ele vai junto, num dá sossego.*

GRUGUMILO s.m. Garganta, gogó, pescoço. *Fulano pegô sicrano pelo grugumilo e deu um sopapo nele.*

GUACHO s.m. V. ninho de guache, de guacho.

GUANXUMA s.f. Guaxuma, planta invasora bastante comum nos quintais, capoeiras e em solos cultivados. **C.** Dela se faziam vassouras para varrer os quintais e os fornos de assar pão. Era utilizada molhada em um balde para que aguentasse o calor do forno. Havia quem utilizasse sua decocção para evitar queda de cabelo. Suas folhas maceradas eram utilizadas também para amaciar artigos de couro cru, como laços para a lida com o gado, arreios, selas e bolsas. **Var.** guaxumba, guaxuma.

GUARAPA s.f. Garapa, caldo de cana. *No sítio do João tinha u´a engenhoca de fazê guarapa. Tava um calor de rachá mamona e aí serviro uma garapa geladinha, foi muito bom.* **Var**. caldo de cana.

GUARDA s.m. V. a que matou o guarda, de matar o guarda.

GUARIBADA s.f. Caprichada, melhorada, levantada. *Tem que dá u´a guaribada na fazenda pra depois vendê. Fulano deu u´a garibada na saúde e levantô da cama. Sicrano deu u´a guaribada no cavalo que ele até ficô pareceno de raça.* **Var**. garibada. **V.** guaribar.

GUARIBAR v. Caprichar, levantar a moral, melhorar a aparência. *Pra miorá as aparência é preciso garibá o visual. Depois de guaribá as ropa fulano até arrumô u´a namorada.* **Var**. garibá. **V.** guaribada.

GUATAMBU s.m. Árvore cujo tronco ou galhos, quando finos e longos, era utilizado para fazer cabos de ferramentas. Daí vem a expressão *pegar no guatambu*, pegar no cabo da enxada para o serviço de capina. *De tanto pegá no guatambu fulano tava co´as mão calejada.* **V.** pegar no guatambu.

GUDE s.m. V. bol de gude.

GUELA s.f. 1. Mentira, fofoca. *O que fulano diz é pura guela.* **2.** Mentiroso, falastrão. *Sicrano só tem guela, falá verdade que bom neca de pitibiriba.*

GUENTAR v. Aguentar, suportar. *Guenta aí, que já vô te ajudar. Essa corda num guenta esse peso.*

GUMITÁ v. Vomitar. *Fulano gumitô tudo que comeu, ficô entojado co´a comida. Depois de tomá muita cajibrina sicrano gumitô até sai u´a gosma verde da boca dele.* **Var.** gorfá.

GUSPIDA s.f. Cuspida. *Fulano deu u´a guspida em cima do pé do sicrano e aí deu pauleira. Sicrano é descuidado, gospe em qualquer lugar.*

H, de **homens e mulheres de fibra e de coragem**. A abertura das matas, derrubadas a machado, trançador, foice e facão exigia dos trabalhadores que eles fossem homens de muita força e deteminação. Submetidos a duras condições de trabalho, à vezes até em regime de semi-escravidão e sob a tutela dos "gatos", os peões precisavam ter mais do que disposição para o trabalho, precisavam ter fibra. Em geral, deles pouca ou nenhuma história resultou escrita. Sumiram nas brumas do tempo assim como viveram naquele período de desbravamento: nas sombras das matas ou em meio à fumaça das derrubadas. Não raro eram assassinados na calada da noite e/ou por ocasião em que "pediam as contas" pretendendo ir embora das fazendas.

Há de ser. l.v. Exprime necessidade imperativa ou incontornável. *Fulano disse que o casório vai se feito de manhã, e assim há de ser. Há de sê um bom tempo pra plantá o fejão depois das chuva.* **Var.** há de sê.

HISTÓRIA s.f. V. ficar para contar a história.

HOJE adv. V. de hoje, de hoje a oito dias, já hoje, não é de hoje.

HOMEM DA COBRA s.m. Pessoa que fala demais, agitada, loquaz, exibida. *Fulano fala mais que o homem da cobra. Sicrano tentô aparecê mais que o homem da cobra.* **Var.** home da cobra, muié da cobra.

HOMEM s.m. Policial, meganha. *Us homi viero e levaro fulano preso. Sicrano resistiu a voz de prisão e precisô uns trêis ô quatro home pra consegui botá ele no xadreis.* **Var.** home, homi.

HORA DA ONÇA BEBER ÁGUA s.f. Situação de decisão, momento de definição. *Aí chegô a hora da onça bebê água e ele teve de decidi se vendia ô não a boiada.* **S**. *hora do vamos ver*.

HORA DO VAMOS VER s.f. Situação de decisão, situação crítica. *Na hora do vamu vê, o que se viu foi só retranca do time adversário.* **S.** hora da onça beber água.

HORA s.f. V. fazer hora, hora da onça beber água, hora do vamos ver, *na hora do pega pra capá.*

HUGO s.m. V. chamar o Hugo.

I, de **indígenas**. No tempo do desbravamento das terras do Norte do Paraná, tal como aconteceu nos demais rincões deste estado, com o avanço das frentes pioneiras sobre as área de floresta e a abertura das terras para o plantio de café, lavouras e pasto, os indígenas, que já tinham sido praticamente exterminados ou expulsos de suas terras, foram confinados em reservas, como a Apucarananinha, em Tamarana, região de Londrina, e a Barão de Antonina, em São Jerônimo da Serra, às margens do rio Tibagi. A ocupação dos sertões paranaenses, como ademais no resto do país, foi feita à revelia de anterior ocupação pelos povos autóctones. A estes povos devemos muito de nossos hábitos e costumes e cultura, particularmente em relação a alguns tipos de alimentos, remédios da natureza e técnicas construtivas das casas dos pioneiros quando feitas apenas com os recursos das matas.

I, de **irmãs apóstolas do Sagrado Coração de Jesus**. Foram três as primeiras que chegaram a Nova Esperança em 1959: irmã Domingas Brotto, irmã Ciríaca Rampo e irmã Romualda Juliani. Foram elas que deram continuidade ao trabalho idealizado em 1954 pelo padre José Roldán que, juntamente com a Diretora-Professora, Edna Mitiko Komoguchi, iniciaram a Escola Paroquial Nossa Senhora da Esperança. Tempos depois, a irmã Domingas tornou-se Diretora do recém-construído Colégio Sagrado Coração e foi bastante respeitada pela seriedade, severidade e pertinácia com que desenvolvia suas funções; destas personagens restaram muitas lembranças e bons exemplos. Depois delas muitas outras freiras fizeram parte do cotidiano de educação de boa parte das crianças de Nova Esperança.

IDEIA s.f. V. alumiar as ideias, ideia de jerico.

IDEIA DE JERICO s.f. Ideia ruim, ação reprovável, proposta inválida. *Isso é ideia de jerico, vê lá se alguém vai aprová u´a coisa desta. Só o fulano para tê u´a ideia de jerico desse tamanho.*

IMBÉ s.m. Folhagem da qual era retirada as raízes para usar como embira. *O rancho do fulano foi todinho amarrado cum imbé, inclusive as tarimba e os girau.* **V.** cipó imbé.

IMBIGO s.m. Umbigo. *No pomar de fulano tinha laranja cum imbigo. Sicrano tem hérnia de imbigo.*

IMBORCÁ v. 1. Emborcar, virar de cabeça para baixo, tombar. *Fulano entrô na corredera e o barco dele imborcô, inda bem que ele sabia nadá. Choveu e num colhêro água da bica porque os latão tava tudo imborcado.* **2**. Beber algo. *Ele sabia que a bebida era forte mais imborcô um copo cheio.* **Var**. emborcá.

IMPACHADO adj. Empanzinado. *Num sei o que comi de diferente, mais tô impachado. Fulano ficô impachado uns dia mais co´s cházinho da dona sicrana ele melhorô.*

IMPINGE s.f. Impingem. *Deu impinge no fulano e ele foi pra benzedeira.* **C.** Doença contagiosa de pele que se manifesta por manchas vermelhas e arredondadas. **Var**. impige.

INCABRUNHADO adj. Envergonhado, entristecido, constrangido. *Toda veiz que fulano tem que saí da roça e vim pra vila ele fica incabrunhado. Sicrano se sente muito bem lá pru meio dus mato, mais na cidade ele vira otra pessoa e fica encabrunhado*. **Var**. encabrunhado.

INCURUJADO adj. Encorujado, retraído, encrocado. *Fulano sentiu muito frio e ficô incurujado a tarde intêra. Sicrano ficô triste e incorujado porque soube que o pai dele faleceu*. **Var**. incorujado.

IN RIBA adv. Em cima, por cima, no alto, acima. *Fulano viu u´a baita cachopa de abeia im riba da figuêra. Sicrano teve que aplicá veneno im riba das praga sinão num colhia quase nada. Beltrano sempre guarda o tresoitão in riba do guarda roupa.*

INDA adv. Ainda. *Inda mais seno aquele cara, num ia dá certo mesmo! Inda assim, mesmo fulano pagano aos poco ele conseguiu quitá a conta na venda.*

INFERNO s.m. V. *quintos dos infernos.*

INFERRUSCADO adj. Tempo ruim, céu nublado para chuva. *Vamo recolhê o café do terrerão que o tempo tá ficano inferruscado. Faiz dias que o céu tá inferruscado mais num chove.*

INGRONHA s.f. Algo falho, bagunça, coisa mal acabada, algo problemático, tranqueira. *Me tira do meio desta ingronha que num tive participação nessa encrenca. No final do trabalho a casa ficô cum cara de ingronha. É muita ingronha pro meu gosto, vê quem foi o responsável por isto.*

INGRUPIR v. Enganar, enrolar, engambelar, tapear, enganar. *Fulano foi quem ingrupiu sicrano na venda do sítio. Sicrano vive ingrupino os jacu que vem em busca de terra pra plantá café.* **Var**. ingrupi.

INGUINORANTE s.2g. Ignorante, inculto, analfabeto, pessoa. *Fulano é muito inguinorante, nem fazê conta ele sabe. Sicrano parte pro cacete por qualquer coisa, ele é muito inguinorante. Ingnorânça é o que num farta naquela famia.* **Var**. inhorante.

INHACA s.f. Fedor, mau cheiro, cheiro de sovaco, bagunça. *Ela abriu a boca e foi aquela inhaca. Ninguém tomô banho no acampamento, tava aquela inhaca. Fulano trabalha num lugá que é u´a verdadera inhaca, ninguém entende aquela bagunça.* **V.** catinga, futum.

INHAPA s.f. Algo que se ganha a mais, algo que se leva de lambujem, gratificação extra. *Fulano comprô duas dúzia de ovo e de inhapa levô treis laranja. Sicrano trocô 10 saco de café pela roçada das pastage dele, e de inhapa o peão que feiz o serviço limpô também o pomar.*

INLIAR v. Enrolar, amarrar, passar um fio ou corda em torno de algo. *Fulana enliô o filho no cobertô e saiu noite a dentro em busca do médico. Sicrano inliô as perna do porco cuma cordinha e preparô ele pra matá.* **Var**. enliar, inliá

INTEIRAR v. Completar alguma coisa. *O pai do fulano interô o dinhêro pra compra do carro. O peão interô o saco de café pra dá o peso.* **Var**. interá.

INTERTÊ v. Entreter, fazer passar o tempo com algo, distrair a atenção. *Enquanto os amigo metiam a mão nas mercadoria, fulano ficô interteno o dono da venda. Sicrano ficô intretido co´a beleza do lugar que nem viu o tempo passá. Numo teno nenhum trabalho a fazê na roça, sicrano passava o tempo todo se interteno co´a pesca de lambari no corguinho do fundo do sítio.* **Var.** intreter, interter.

INVOCADO adj. Nervoso, petulante, prepotente. *Fulano é muito invocado, briga cum todo mundo.*

Ir chegando. Estar de saída, estar indo embora. *Bom, pessoal, a conversa tá boa, mais vô chegano!* **Var**. ir chegano. **C.** É utilizado quando a pessoa se despede.

Ir para o beleléu. Falecer, terminar, acabar, ir embora. *Fulano bateu o jipe na portêra e foi pro beleléu. Acabô o dinhêro do sicrano e seus sonho foro pro beleléu.*

Ir pro pau. Partir para a briga. *Mexeu comigo tá pedino pra i pro pau.* **Var**. ir para o pau, i pru pau. **S.** *ir para o tapa*.

Ir pro tapa. Ir para o pau, brigar. *Qué i po tapa ô valente? Fulano se desintendeu cum sicrano e foro pro tapa*. **V.** ir pro pau.

Ir que é um tufo. Funcionar bem, transcorrer bem, situação favorável, condições favoráveis, vai bem, se adapta direito. *A moça deu bola pro fulano, dagora em diante vai que é um tufo. O fejão foi plantado em terreno de queimada, agora vai que é um tufo. Botei graxa no parafuso e agora a coisa vai que é um tufo.*

IR v. Pode ser auxiliar de futuro do próprio verbo *ir*. *Você vai í co´a gente? Se ocê fô co´a gente nóis te esperamo. Fulana gosta de i cum fulano pra festa de São João.* **V.** ir que é um tufo, ir pro pau.

ISCA s.f. - Pequena porção de fermento que o pioneiro reservava para guarda. *Peguei u´a isca de fermento co´a Dona Irma, que é muito boa pra massa do pão. Fulana nunca esquece de guardá u´a pequena porção da massa de pão como isca pra próxima veiz.* **C.** Era comum as comadres pegarem iscas de fermento umas com as outras para poderem fazer pão caseiro.

ISCREVER v. Escrever. *Iscreveu e num leu, o pau comeu. Deus iscreve certo por linhas torta.*

ISGUEIO s.m. Lado, posição atravessada. *A cacetada pegô meio de isgueio e acertô quem num devia acertá.* **Var.** revesgueio.

ISMAGRECER v. Esmagrecer. *Fulano ismagreceu muito rápido, acho que ele tá doente*.

J, de **japoneses**. Um importante papel foi desempenhado pelos japoneses no desbravamento e implantação de lavouras no Norte do Paraná. Particularmente isto ocorreu de modo expressivo na região de Capelinha.

A comunidade japonesa se destacou como exemplar pelos cuidados que tinham com o amanho da terra e pela seriedade que tratavam os assuntos comunitários. Esta competência no trato com a terra e os resultados que dela obtinham gerou, entre outros aspectos, inclusive um ditado regional que em vista de alguma planta saudável e bem desenvolvida dizia-se: "Viçosa feito horta de japonês". Para muita gente o contato com os japoneses constituiu absoluta novidade, haja vista sua minguada presença em alguns lugares de origem dos pioneiros daquela região. Em Nova Esperança, pela densidade de (i)migrantes de origem nipônica, existiu uma parte da cidade que era chamada "Vila Japonesa", lugar onde estava a Cafeeira Noroeste, de Wada & Cia. e na qual tive meu primeiro emprego de natureza profissional: fui provador de café, graças aos ensinamentos de Mário Tetsuo Wada e do Sérgio Osamu Wada. E foi lá também que o colega de trabalho Massataka Kobaiashi gastou um tempo de suas folgas para me ensinar katakaná num livrinho chamado "Nihongo", ensinamento este que por falta de uso, tal como aconteceu com muitos dos vocábulos usados pelos pioneiros, eu acabei esquecendo. A importância dos japoneses para a região era tamanha que, quando a vila de Capelinha se tornou cidade, o primeiro prefeito de Nova Esperança quis mudar o nome de uma avenida para "Guinza Tokio", o que resultou em protestos movidos por questiúnculas politiqueiras e num vergonhoso plebiscito cuja votação em aberto foi instigada pela turba contrária e que deu ganho a um falso "patriotismo" impondo o nome de Avenida Brasil àquela via pública.

J, de **jabá**, uma dos alimentos bastante usado pelos nordestinos e gentes da roça que acabou sendo incluído no cardápio de muitos pioneiros. À falta de carne verde ou da possibilidade de conservar a carne de gado, o jabá, o charque e a carne de sol faziam parte do rol de alimentos disponíveis nas frentes pioneiras do Norte do Paraná.[214]

JÁ HOJE l.adv. Há pouco tempo. *É de já hoje que fulano tá pra chegá e ainda num deu o ar da graça. Já hoje sicrano visitô a casa dos pai e beltrano tambem esteve aqui já hoje e foi junto.*

JABÁ s.m. Carne seca, carne de sol. *Jabá cum mandioca cozida é u´a comida deliciosa. Além do jabá, também a carne seca e a carne de sol eram vendidos na região em meados do século XX.*

JABIRACA s.f. 1. Mulher braba, valente, encrenqueira. *Fulana é u´a jabiraca, bate até no marido.* **2.** Mulher desprezível, feia, velha. *Sicrana é u´a jabiraca, ninguém gosta dela. Se beltrana não fosse tanto jabiraca, até que podia arrumá alguma amizade.* **V.** tomar na jabiraca.

JACA s.f. V. meter o pé na jaca.

JACÁ s.m. Balaio feito de tiras de bambu, cesto grande sem alça. *Depois que os jacá do fulano ficaro véio eles foro usado como ninho de galinha.* **C.** Era comum usar os jacás velhos para as galinhas fazerem seus ninhos em espaço abrigado ou engastalhados entre os ramos mais baixos de eventuais árvores existentes nos quintais.

JACARÉ s.m. V. abraçar o jacaré.

JACU s.2g. Pessoa boba, de boa fé, sem malícia, fácil de ser enganado, trouxa. *Fulano ganhô muito dinhêro vendeno terra ruim pros jacu.* **V.** arigó, bocó, cabeça de porongo, mocorongo, mondrongo, paiaguá, pato, tongo, zureta. **C.** De modo geral todas as pessoas em busca de comprar terras no Norte do Paraná, particularmente aqueles que pretendiam a aquisição de pequenos lotes, eram chamados de "jacus" pelos vendedores/corretores de terra que, em geral, eram conhecidos como "picaretas".

JACU-FARDADO s.m. Pessoa ignorante que se conduz de forma prepotente, arrogante. *Fulano é um verdadêro jacu-fardado. Pra um jacu-fardado até que sicrano se comportô bem.* **V.** jacu-rabudo.

JACU-RABUDO s.m. Pessoa metida a besta, que gosta de implicar com tudo, prepotente. *Cuidado co´s jacu-rabudo nesta festa, tem um bocado de cara metido a besta. Jacu-rabudo é pouco, vá sê ignorante lá no raios que o parta.* **V.** jacu-fardado.

JAGUARA s.m. 1. Cão ordinário, sem raça. *Esse cachorro é um jaguara, legítimo vira-lata.* **2.** Pessoa sem qualidade. *Fulano é muito jaguara, num dá pra confiá nele.*

JAPONA s.f Espécie de jaquetão, em geral de tecido grosso. *Fulano comprô u´a japona muito colorida que num orna cum ele. Enquanto sicrano num comprô a japona que ele queria, ele num sussegô.* **C.** O uso de japonas de modo generalizado foi moda nos anos 1960.

JARACATIÁ s.m. Espécie de árvore (*Jaracatia spinosa*), parente do mamoeiro. *Dona fulana faiz um doce de jaracatiá que é famoso entre as comadre. Um dos doce que dona sicrana faiz é o de jaracatiá cum coco.* **C.** Do miolo de seu tronco, ralado, é feito um doce parecido com o de mamão verde ralado. Também, a massa do seu tronco, uma vez ralada era aproveitada para engrossar o doce de coco, razão pela qual, àquela época, os vendedores ambulantes de doces volta e meia ouviam a pergunta de que "neste doce de coco num tem jaracatiá?", O jaracatiazeiro produz fruto avermelhado que somente pode ser comido muito maduro; o leite que sai da casca da fruta, quando ainda verdoengo, quase maduro, queima a boca. Também era conhecido como mamãozinho do mato.

JARDINEIRA s.f. Veículo de transporte coletivo aberto nas laterais, antigos ônibus que circulavam pelas estradas de terra. *As jardinêra do Garcia era tudo muito fidida, também, elas levava de tudo um poco e muita gente fumava pelo caminho.* **C.** Sobre o teto das jardineiras os sitiantes levavam até galinhas e porcos para a cidade. Nas paradas das jardineiras geralmente tinha um boteco por perto e, não raro, uma pastelaria e uma banca de revistas, entre outros comércios de pequeno porte. Em Nova Esperança eram bastante conhecidas a Banca do Tutu e a Pastelaria do seu Nakashima.

JEITO adv. V. de jeito, de jeito maneira.

JERICO s.m. V. ideia de jerico.

JIRAU s.m. 1. Armação em forma de tabuleiro usada para esperar a caça. *Fulano ficô no jirau u´as duas hora até as capivara aparecê.* **2.** Instalação onde se guardavam gêneros alimentícios longe do chão. *O jirau da cozinha da fulana tinha de tudo um poco, desde sal e açúcar até toicinho e jabá.* **3.** Estrado de cama na forma de jirau. *O jirau de dormi foi feito de palmito lascado e coberto cum foia dessa planta.* **C.** Nas habitações pioneiras, tal como as paredes, os jiraus eram feitos de troncos de palmito rachados ao meio. Eventualmente, podiam também serem construídos com troncos roliços.

JOÇA s.f. 1. Coisa ruim, decadente, porcaria. *Pinchei no mato aquela joça.* **V.** bagulho, escambaus, poioca, tareco, trosfego. **2.** Pessoa sem valor, inútil. *Esse cara é u´a joça, num serve pra nada*.

JOELHO s.m. V. comer de joelho, tirar água do joelho.

JOGADEIRA s.f. Bola de gude preferida para jogar. *Fulano tem duas jogadera, u´a azulona e otra americana.* **V.** americana, batatão, birosca, bol de gude, burca, carretão, cascuda, cebolão, piolho.

Jogar conversa fora. Falar sem compromisso, falar sobre trivialidades, sobre algo sem importância. *Fulano e sicrano ficaro jogano conversa fora até o casório começá. Beltrano é bom de papo, gosta de jogá conversa fora. Enquanto a festa num começô, reclano ficô jogano conversa fora co´s amigo.*

JOIA s.f. Pessoa ou coisa apreciada, algo bom, bonito. *Fulano é um cara joia, ajuda Deus e o mundo. Sicrana é u´a joínha de pessoa, taí alguém que sabe fazê amizade fácil.*

JUDAS s.m.pl. V. cafundós do judas, calcanhar do judas, cu do judas, *parecer um judas, onde o judas perdeu as botas.*

JUDIAR v. Maltratar. *O peão judiô do animal até cansá o braço e ainda achô qui feiz u´a grande coisa. De tanto fulano judiá da muié ela largô ele e volto pra casa dos pai.*

JURURU adj. Triste, cabisbaixo, amuado. *Fulano levô um fora da namorada e ficô jururu. A noiva tava alegre, mais o noivo tava jururu.*

K, de **Kleper Gonçalves Palhano**, o Doutor Palhano, que desde 1927 campeou pelas matas paranaenses atuando na demarcação de glebas de terra, lotes e estradas; era agrimensor. Mesmo em seus últimos anos de atividade poucas pessoas “aguentavam o tranco” do ritmo de trabalho dele. Dono de memória privilegiada foi um contador de causos e de acontecimentos dotado de rara habilidade verbal. Por meio de suas narrativas o interlocutor viajava por entre picadas e sendas vivenciando os fatos contados, as aventuras narradas e muitas passagens da história do Norte do Paraná. Lia muito e se interessava por quase tudo. Era taxidermista. Nascido em São Luiz, no Maranhão, em 1908, faleceu em 2001 na cidade de Nova Esperança, antiga vila de Capelinha. Optou por Capelinha para fincar raízes e criar família. Dele, lá na década de 1950, foi que algumas pessoas ouviram que a primeira “capelinha”, contada e recontada na lenda urbana deu origem ao nome do lugarejo, foi na verdade apenas uma construção de pau à pique para guardar mantimentos e ferramentas do pessoal da Companhia Melhoramentos Norte do Paraná, erigida por ocasião da demarcação das terras da vila, abrigo este que foi construído nos fundos da então conhecida “Chácara da Companhia”. Neste abrigo precário existiam duas imagens de santos, uma delas era de Nossa Senhora da Aparecida. Foi ele e os irmãos quem doaram o terreno onde foi edificada a Universidade de Londrina. Além de saudades, deixou exemplos e a lembrança de pessoa de bem com a vida, sempre sorridente e atencioso. Foi vereador e prefeito de Nova Esperança nos anos 1954-56.

Não ocorreu verbete com a letra K nesta pesquisa.

L, de **lição de vida**. Foi o que alguns mestres deixaram a muitos daqueles alunos sapecas, arteiros e bagunceiros, até certo ponto. Lição de seriedade, de camaradagem, de real interesse para que seus ensinamentos resultassem em aprendizado. Muitos deles, pelos exemplos que deram e pelo empenho que tiveram em relação a certos alunos, foram decisivos para que tivessem real sucesso na vida.

L, de **lagarto**, um dos muitos animais que povoavam as matas, capoeiras e plantações de café no norte do Paraná. Duas eram as espécies de lagarto então vistas, o teiú, abundante e presente em todos os cantos e um outro lagarto de menor porte e verde, também chamado de calango-verde. Além dos lagartos, um bom número de outros répteis, tais como as cobras habitavam as matas então virgens, sendo que algumas também passaram a habitar as capoeiras, beiradas de córregos e riachos e os cafezais. Algumas destas cobras, tais como a cascavel e a jararaca, podiam ser encontradas nas covas de café constituíndo assim um perigo real quando era feita a limpeza das mesmas e o desbaste das mudas plantadas.

LADO s.f. V. atirar pra todo lado*.*

LAGARTEAR v. Vagabundear, ficar ao sol sem fazer nada *Fui pra bêra do rio e fiquei só lagarteano. Hoje num tô a fim de coisa nenhuma, vô só lagarteá.* **Var**. lagartiá, lagarteá.

LAIA s.f. Cambada, gente ruim, má companhia. *Se eu te vê novamente cum aquela laia o coro vai comê. Fulano só anda cum gente da mesma laia que ele. Essa turminha que se reúne no buteco do sicrano é tudo u´a laia só.*

LAMBER v. V. *de lamber os beiços, vá lamber sabão.*

LAMBANÇA s.f. Coisa mal feita, bagunça, sujeira, confusão*. De tanto fazê lambança no serviço fulano foi chutado pra fora da turma. É muita lambança pra que não se faça nada, isso tem que pará.*

LAMBISCAR v. Beliscar, petiscar, comer um pouco. *Fulano lambiscô um poco de carne seca, otro bocado de arroiz e fejão e deu no pé. Sicrano sempre tá por perto lambiscano as comida da nona. Beltrano biliscô o bolo da noiva e deixô lá u´a marca de dedo.* **Var**. lambiscá.

LAMBISGOIA s.2g. Pessoa metida a besta, pretensiosa. *Lá vem aquela lambisgóia de novo; num guento nem vê aquela traia. O lambisgóia do fulano apareceu no jogo e melô tudo.*

LAMBUJA s.f. Aquilo que se ganha além do combinado; vantagem extra, geralmente gratuita; brinde. *Fulano comprô u´a enxada e levô u´a lima de lambuja. A oferta da loja era boa, na compra de um ingradado de cerveja levava cinco guaraná de lambuja*. **Var**. lambuje.

LANHAR v. Cortar, produzir marcas no corpo, fazer cortes. *Tomô u´a surra tão forte, que o corpo ficô todo lanhado. Fulano lanhô o pexe, temperô e botô pra assá. Beltrano teve u´a vida muito dura dá pra vê isso pelos lanhado na costa dele.* **Var**. lanhá.

LAPA s.f. Pedaço de alguma coisa, geralmente grande, coisa grande. *A mordida do cachorro tirô u´a lapa da perna dele. Corta u´a lapa daquela banda de toicinho e otra de jabá.* **V.** chulapa, taio, tolete*.*

LAPADA s.f. 1. *Gole. Fulano imborcô o copo de pinga de u´a lapada só. De u´a lapada sicrano mandô guela abaxo o copo de refresco.* **2.** Pancada*. Beltrano deu u´a lapada na cara do cunhado que dexô a marca da mão.*

Larga na mão de Deus. Deixa pra lá, desista, não insista. *Se a doença do fulano num tem cura, larga na mão de Deus. Fulano deixô a filha viajá sozinha e largô tudo na mão de Deus. Se beltrano acha que largano as coisa na mão de Deus vai resolvê, ele tá muito errado.*

LARGADA adj. V. mulher largada.

LARGATO s.m. Lagarto. *Vi um largato no fundo do quintal. No sítio tinha dois tipo de largato, os teiú e uns verdinho.*

LASCADO adj. Ferrado, estropiado, machucado, em péssima situação, prejudicado. *A geada acabô co cafezal dele, agora ele tá lascado. Fulano tá lascado, quebrô o braço quano caiu da iscada da tuia.*

LASCADO adj. V. estar lascado.

LASCAR V. vá te lascar.

LATA s.f. V. acertar na lata, fogão de lata, na lata.

LAVA-BUNDA s.m. Libélula, lavadeira. *No tanque do Cheroni tinha muito lava-bunda.* **S.** *pito*. **Var.** lava-cu.

Lavar a égua. Se dar bem, conseguir bom resultado, obter grande quantidade. *Fulano e os amigo foro pescá no Panema e lavaro a égua de tanto pexe que pescaro. Neste ano o clima correu bem e sicrano lavô a égua de tanto café que colheu.*

LAVRADO adj. Cheio até a boca, copinho usual para tomar cachaça. *Oi, seu Zé, me dá um lavrado de pinga. Fulano tomô uns quatro lavrado de cachaça e ficô borocochô.*

LAZARENTO s.m. Morfético. **C.** Emprega-se como insulto de força equivalente a *filho da puta*. *O morfético do fulano merece se ferrá pelo que tem feito co´seus empregado.*

LEBRE s.f. V. comprar gato por lebre.

LEI s.f. V. madeira de lei.

LEITE s.m. V. chorar o leite derramado.

LEITEIRO s.m. Dedo duro. *Fulano entregô o leite pro diretor e a turma toda foi castigada. Porque dedurô os amigo u´a veiz, o nissei ficô seno conhecido como "leitian". Cuidado cum sicrano, o cara é um conhecido leitêro.* **Var**. leitêro.

LENÇOL s.f. V. *estar em maus lençóis*.

LENHA s.f. V. botar lenha na fogueira.

LENHA s.f. V. Madeira seca usada para fazer fogo para cozinhar. **C.** Nos tempos pioneiros os únicos tipos de fogão existentes eram os "fogões a lenha". Desta forma, uma das preocupações permamentes das donas de casa era com o estoque de lenha. **V**. descer a lenha, picumã, canela-bosta.

LERDEIRA s.f. Moleza, sono. *Comi demais e me deu lerdera*. **Var**. lerdêra. **S.** leseira, lombeira, reganheira.

LESEIRA s.f. Moleza, sonolência, preguiça. *Tô cuma lezêra danada, vamo deixá o serviço pra depois.* **Var**. lesêra. **S.** *lerdeira, lombeira, reganheira*.

LETRA s.f. V. aprender as letras, ao pé da letra.

LEVADO NA CASQUEIRA adj. Levado à breca, estropiado. *Fulano caiu do cavalo e ficô levado na casqueira.* **Var**. levado na casquêra.

Levantar pras déiz. Ficar brabo, indignado, reagir com veemência. *O sitiante levantô pras déiz e o gerente do banco ficô calado pela cobrança indevida.* **Var**. levantá pras déiz.

Levar no bico. Enganar, mentir. *Fulano é um cara sabido, leva todo mundo no bico.* **Var**. levá nu bico.

Levar nos coco. Sair-se mal, perder algo. Fulano fêiz um mal negócio, levô nos coco. Sicrano é um tonto, mesmo levano nos coco o cara num aprende a vivê.

Levar um ovo. Levar bronca, ser admoestado. *Fulano levô u´a ovada do diretor da escola. Sicrana feiz arte e levô um ovo do pai dela.* **Var.** levá um ovo, levar uma ovada.

Levar uma bolacha. Levar um tapa. *Fulano foi mexê co´a sicrana e levô u´a bolacha no meio das venta que ele chegô a vê estrela. Beltrano abusô da pacência do vendedor e acabô levano u´a bolachada na oreia.* **Var.** levá uma bolacha, levar uma bolachada.

LEVIANO adj. Leve, de pouco peso. *A mulher do fulano é leviana, pesa menos que 40 quilos. Sicrano tem dois filhos, um é gordo feito um capado e o otro é leviano feito pena de galinha.*

LIGA s.m. V. dar liga.

LIGEIRA s.f. Pequena mala. *Fulano brigô co´a mulher, pegô a ligêra e foi-se embora. Botô os tareco na ligêra e sumiu no mundo.* **C.** Era uma pequena mala na qual os peões e trabalhadores volantes guardavam suas poucas roupas e alguns pertences. **Var.** ligêra.

LIMPADOR DE TRILHO s.m. Jagunço. *Fulano trabalha na limpeza de trilho, tem muita corage e boa pontaria*. *Uma turma de limpadô de trilho foi contratada prá tocá os possêro fora das terras do fazendêro.* **C.** Pessoa encarregada de expulsar, escorraçar e até mesmo matar os ocupantes de terras devolutas (caboclos, posseiros e grileiros). Eram assim denominados a despeito de não existir ferrovia nas regiões onde atuavam. **S.** quebrador de milho.

Língua de trapo. Linguarudo, que fala demais, mentiroso. *Fulano num merece sê ovido, é um língua de trapo e conta mintira o tempo todo. Sicrano é um língua de trapo, fala demais, mais que a muié da cobra*.

LÍNGUA s.f. V. bater com a língua nos dentes, engolir a língua.

LINGUIÇA s.f. V. encher linguiça.

LINHA s.f. V. andar na linha, perder a linha.

LISO adj. 1. Esperto, rápido, ligeiro. *Fulano é mais liso que bagre ensaboado, sempre tira vantage do que faz. Se o sicrano num fosse liso na escapada, a carga teria caído sobre ele.* **2.** Sem dinheiro, duro. *Beltrano tá na lona, liso como ele só. Reclano ficô liso rápido demais, num tem grana nem pra pagá a comida do dia-a-dia*.

LISO adj. V. estar liso.

LIVRE adj. Deus o livre.

LIXA s.f. V. *estar com a bexiga lixa.*

LIXAR v. Não se incomodar, não dar bola. *Fulano tá poco se lixano cum o que falam dele. Sicrano nem se lixô quano sobe que o cavalo dele morreu por causa duma faísca.*

LOCA (ó) s.f. Buraco, esconderijo. *Lá no rio Pirapó era fácil pegá cascudo nas loca. O tatu entrô na loca e virô fumaça.*

LOMBEIRA s.f. Soneira, sonolência. *Depois do almoço me deu u´a lombêra que quase dormi sentado*. **V.** lombêra. **S.** *lerdeira, leseira, reganheira*.

LOMBRIGA s.f. V. assanhar as lombrigas, lombriguento, ter ataque de bicha.

LONJURA s.f. Paragem muito distante. *O sítio dele fica lá naquelas lonjura. Se fosse mais perto até que eu toparia i pescá lá no Piquiri, mais a lonjura é muito grande.*

LOQUE adj.2g. Bobo, tolo, fácil de enganar. *Aquele cara é muito loque, nem troco ele sabe dá. Só seno um loque pra gastá dinhêro nesta porcaria. De tanto loqueá por aí fulano acabô si perdeno no meio do cafezal.* **V.** arigó, bocó, cabeça de porongo, jacu, mocorongo, mondrongo, paiaguá, pato, tongo, zureta.

LORDO s.m. Ânus. *E no lordo num vai nada? Fulano tá co lordo coçano, dissero que é por causa duns bichim bem piquinininho. Sicrano ficô sem tomá banho uns treis dia e chegô a assá o lordo e a busanfa.* **V.** ás de copas, busanfã, fiofó, roscófi, toba, xibiu.

LOROTA s.f. Mentira, conversa fiada, engodo. *Fulano é um contador de lorotas. Quano sicrano falô pra turma que tinha ganho na loteria todo mundo achô que era lorota.*

LOUCO s.m. V. Tá loco.

LUITA s.f. Luta. *Fulano é bom de luita. Quem mora na roça tem que enfrentá u´a luita diária faça sol ô faça chuva.* **V.** luitar.

LUITAR v. Lutar, brigar, enfrentar. *Eles ficaro luitano co mato até limpá o terreno. Foi numa luita que furaro o zóio do fulano.* **V.** luita.

LUMBRIGUENTO adj. Lombriguento, cheio de lombrigas, vermes ou parasitas. *Todos os fio do fulano tão lumbriguento. Lumbriguento, disgranhudo, lazarento, vai fazê esse tipo de brincadêra co´a tua mãe seu fidumaégua.* **C.** Geralmente era usado para referir as crianças de barriga inchada. Também era usado como xingamento.

M, de **Mata da Oficial**, um dos últimos trechos de mata nativa que resistiram durante algum tempo nas proximidades da cidade. As outras matas eram a do Campo de Aviação, a do Buracão, a do Prizão e a da Zona (esta era bem pequena). Ela estava situada ao lado da rodovia, popularmente chamada de Oficial, no rumo dos fundos do cemitério. Foi nela que muito dos meninos daqueles tempos empreenderam suas caçadas, suas aventuras em busca de frutas, de subir em árvores e cipós, um lugar onde foram passados dias de uma infância venturosa. Era na Mata da Oficial onde havia a maior quantidade de frutas silvestres na região: bacupari, pindaíba, pitanga, gabiroba, cereja, jabuticaba, ora-pro-nóbis, maracujazinho do mato e ariticum amarelo. Nela tinha uma grande figueira branca na qual instalada na forquilha plana de dois galhos, fizemos uma "casinha" que, na verdade, nada mais era que um estrado de varas amarrado de cipó imbé e recoberto de folhas de taquari e de caeté. Para subir nela tinha dois jeitos: um por um grosso cipó que dava acesso a um dos galhos e outro pelo próprio tronco da figueira que era inclinado. A mata neste local era limpa por baixo com poucas arvoretas, quase sem taquari e cipós. Da Mata da Oficial nada restou, a não ser lembranças.

A Mata da Oficial também era admirada pela quantidade de aves que podia ser encontrada em suas árvores como nas capoeiras dos arredores: gralha can-can, joão-bobo, alma de gato, gaviões de algumas espécies, rolinhas, pombas do mato, juritis, amargosas, tisius, nhambus e um bocado de outros de pequeno porte conhecidos como "caga-sebos".

M, de **macacos**, animais estes que foram minguando à medida em que as matas iam desaparecendo. Duas espécies eram frequentes na região: os macacos-prego e os bugios. Além destes símios, nas copas das árvores e cipós que recobriam o dossel também podiam ser encontrados os ouriços cacheiros.

MACACA s.f. V. *estar com a macaca.*

MACACO S.F. V. *pentear macaco.*

MACACO s.m. Galho podre ou quebrado que apresentava perigo de queda por ocasião da derrubada de uma árvore. **C.** A verificação da existência de macacos era a primeira providência que os derrubadores de mato tomavam antes de derrubar uma árvore. Muitos foram os peões que morreram em decorrência da queda de um macaco. **V.** égua.

MACACO VELHO s.m. Pessoa sabida, maliciosa. *Fulano é macaco véio, num bota a mão em cumbuca. Fulano é mais desconfiado do que macaco velho, o cara é escolado.* **Var.** macaco véio.

MACAIA s.f. Fumo de má qualidade. *Na venda do fulano só tem macaia, se quizé fumo bão tem que i na venda do sicrano. Se num fô fumo de Arapiraca num compre porque as venda tão cheia de macaia pra quem num entende do riscado.* **Var.** macaio.

MAÇAROCA s.f. Coisa enrolada, emaranhada, embolada. *Os barbante para costurá a sacaria tava u´a verdadera maçaroca, tudo enrolado. Fulano feiz u´a maçaroca de arroiz cum fejão e ovo e foi só que sobrô pa cumê.*

MACHO FEITO PREÁ FÊMEA adj. De macheza duvidosa. *Fulano é macho feito preá fêmea, tem cara de home mais no resto, num sei não. Sicrano canta de galo, mais pelo jeitão do sujeito ele é macho quiném preá fêmea.*

MACIOTA s.f. 1. Modo fácil**,** sem esforço. **2.** Tranquilidade, comodidade. *Agora que recebeu a herança do pai, fulano vive na maciota. Depois que feiz a colheita, beltrano tá na maciota e aproveitano o tempo prumas pescaria. Sicrano foi dá u´a ajuda, mais já tinha muita gente ajudano, então fiquei na maciota só de butuca.*

MACRIAÇÃO s.m. Má-educação, besteira, desbocado. *Fulano é muito macriado, só fala bestêra. Sicrano tem macriação que dá e sobra, e o pai dele inda acha bonito.*

Madeira branca. Madeira de contextura mole, que não é de lei, seja ela branca ou não; madeira de segunda qualidade, independentemente da cor. *Na mata do sítio do fulano tem muita madera branca, a derrubada num vai rendê a grana que ele esperava. Se as mata tivé muita madera branca e poca de cerne, a terra vale um bocado a menos.* **Var.** madeira brancal. **V.** madeira de lei.

Madeira de lei. Madeira com valor comercial**.** *Só co´a venda da madêra de lei o fulano quase pagô as terra que comprô da Compania. Lá na gleba do sicrano tem muita madêra de lei, é boa terra inda que seje mais cara.* **C.** Ao comprar as terras muitos pioneiros levavam em conta a quantidade de madeira de lei existente: peroba, cedro, canafístula, pau marfim etc. Se as terras tivessem muita madeira de lei elas eram mais valorizadas. Dentre as madeiras em uma derrubada havia apenas a preocupação de retirar as madeiras de lei, o resto as queimadas davam conta de transformar em cinzas e tocos calcinados. **V.** madeira branca.

MADURAR v. Amadurecer. *Banana verde num se dá, enfia no cu pra madurá. Quano o café madurá, começa a coeita.* **Var.** madurá.

MADURO adj. V. cair de maduro*.*

MÃE s.f. V. filho da mãe*.*

Magina que. Fórmula frasal que exprime indignação. *Magina só que o fulano deu um soco no sicrano só pur causa duma bestêra de mal entendido. Dissero que foi o fulano quem robô a cabrita, magina que ele ia fazê isso!* **C.** Pede-se ao interlocutor julgar se algo é admissível ou possível.

MAGOADURA s.f. Machucadura, machucado. *Fulano feiz muita força e ficô cuma baita maguadura nas costa. Sicrano andô o dia todo cum cavalo trotão e acabô ficano co´a busanfa magoada.* **Var.** maguadura.

MAIS ARREGANHADO QUE MALA DE MASCATE adj. Risonho, que vive se abrindo, que se mostra em demasia. *Fulana é mais arreganhada que mala de mascate, vive se abrino pra todo mundo. Depois que ganhô o brinquedo o fi do fulano tava pareceno mala de mascate de tanto que ficô alegre.*

MAITACA s.f. Maritaca. *Aqui na região tem muita maitaca, tem maitaca de diversos tipo. As maitaca gosta de fazê ninho em oco de pau.* **C.** Nome comum a diversas aves psitaciformes**. Var.** baitaca.

MAL FALADO adj. Que caiu na boca do povo. *A filha da fulana é muito mal falada, também, troca de namorado como quem troca de ropa. Sicrano, que vive aprontano, é muito mal falado aqui na praça.* **C.** Pessoa mal falada é pessoa mal conceituada, que tem imagem pública ruim.

MAL s.m. V. *fazer mal.*

MALA s.f. V. *mais arreganhado que mala de mascate.*

MALACO s.m. Malandro, pessoa ruim, trapaceiro. *Fulano perdeu o que tinha pro malaco do cunhado. No jogo de baraio lá nos fundo do bar do sicrano só dá malaco, entrá lá é pedi pra se ferrá.*

MALECHO adj.m. Estar mal, doente, adoentado, com problema. *Fulano tá malecho das perna, nem consegue mais andá pru módi o reumatismo. Sicrano ficô meio malecho depois que a muié dele morreu.*

MALEMÁ adv. Mais ou menos, com problema, pouco. *A saúde do fulano vai malemá, num sei se ele dura até o fim do ano. Malemá deu tempo pa terminá o serviço e a pé-d´água desabô.* **C.** Corruptela de *mal e mal*.

MALINDUCADO adj. Mal-educado, sem educação. *Fulano é muito malinducado, nem parece que foi pra escola. Se sicrano num fosse tão malinducado até que dava pra convidá ele pra festa.*

MAMANGAVA s.f. Espécie de abelha de corpo avantajado reconhecível pela cor negra e pelo alto zumbido que faz ao voar. *No jardim da casa de dona fulana sempre aparecia muitas mamangava. Onde tem plantio de maracujá e tem abeia mamangava a produção da fruta é bem maior.* **C.** As mamangavas gostam muito da flor do maracujá e são as polinizadoras de maior eficiência para este tipo de plantio.

MAMONA s.f. V. *sol de rachar mamona.*

MANCADA s.f. Fazer algo errado, desistir de algo, provocar algum problema. *Fulano foi mandado embora do serviço porque só dava mancada. De tanto dá mancada sicrano perdeu algumas boas oportunidade na vida.*

Mandar bala. 1. Tocar em frente, colocar em prática. *Agora que o contrato foi assinado, manda bala pra cabá o serviço o mais rápido possível*. **2.** Matar alguém, atentar contra alguém. *Fulano num gostô da atitude do sicrano e mandô bala nele*. **C.** Mandar bala é usual como expressão de aprovação **Var.** mandá bala, mandar ver.

MANDAROVÁ s.m. Lagarta grande. *Os mandarová atacaro meus pé de couve. No quintal do fulano tem um bocado de mandrová bem grande e alguns piquinininho.* **C.** *Em geral, as lagarta de maior tamanho eram chamadas de mandrová.* **Var.** mandrová, mandruvá, mandarová.

MANDINGA s.f. Feitiço, encanto. *Só fazeno mandinga pro time dêis ganhá o jogo. Dona fulana, benzedêra de mão cheia, além de fazê reza boa ela também sabe algumas mandinga.*

MANEIRA s.f. V. de jeito maneira*.*

MANERAR v. Ir com calma, ter jeito. *Tem que manerá co´a fulana, senão ela vai brigá otra veiz. Manera a mão, fulano, que ocê consegue fazê o serviço sem quebrá nada.* **Var.** manerá.

MANGA s.f. V. arregaçar as mangas, cão chupando manga.

MANGAR v. Fazer troça, tirar sarro. *Não dá pra falá co fulano que ele tá sempre mangano co´a cara da gente. De tanto mangá co´s amigo sicrano acabô seno isolado da turma.*

MANGUAÇA s.f. 1. Aguardente, cachaça, bebida alcoólica. *Fulano tá cozido de tanta manguaça que incarcô na cuia. Sicrano gosta de u´a boa manguaça, pode fartá comida mais não u´a garrafa da mardita.Tomô u´as e otras manguaça e derriçô!* **2.** Pênis. *Ele mandô a manguaça nela e ela foi às nuvens! Beltrano ficava se gabano do tamanho da manguaça dele*.**V.** chapuleta, chulapa, naba, pica, pinguelo, piroca, queijinho*.*

MANICACA s.m. Maluco, meio doido*. Fulano, piloto de avião, faiz pirueta arriscada co aviãozinho dele, por isso é chamado de manicaca. Sicrano é um manicaca, é ele quem gosta de desfazê as égua nas derrubada de mato.*

MANIVA s.f. Rama de mandioca. *Fulano comprô um bocado de maniva pra prantá a roça de mandioca. A terra tá pronta, só falta arrumá as maniva pra plantá.* **C.** Nos tempos do desbravamento do Norte do Paraná, muitas eram as famílias que, junto com a mudança, traziam manivas e sementes pra plantio.

MANIVELA s.f. Peça de ferro, comprida, em duplo L, que era usada para dar partida nos motores dos carros e caminhões. *Fulano foi dá partida no cheba e o coice da manivela quebrô o braço dele.* **C.** *Não raro ao dar partida no motor usano a manivela ocorria uma reação em contrário (coise da manivela) que atingia o braço da pessoa. Por isso, um cuidado muito grande para este tipo de atividade era evitar eventuais acidentes.* **V.** coice de manivela*.*

MANO A MANO l.adv. De igual para igual, divisão justa, troca sem troco. *Ei, fulano, vamo trocá a vaca pela bicicleta, mano a mano? Se for pra jogá de mano a mano sicrano até que entra no campo, sinão ele num vai.*

MÃO DE VACA s.f. Avarento, pessoa que não gosta de gastar, muxiba. *Fulano é muito mão de vaca, num dividiu as despesa e se arrancô bem ligêro. Comprô o produto mais barato, e não foi por economia, é que ele é mão de vaca.* **S.** *muquirana, muxiba*.

MÃO s.f. V. abrir mão, acertar a mão, café de duas mãos, dar a mão à palmatória, dar de mão, dar uma mão, de mão beijada, estar com a faca e o queijo na mão, molhar a mão, sentar a mão.

MARCA TRAQUE adj. De má qualidade. *Fulano comprô u´a calça marca traque, desbotô na primêra lavada!* Fulano comprô um relógio marca traque que num guentô nem dois meis e já quebrô. **Var.** marca porva. **V.** soltar um traque, soltar uma bufa.

MARGOSA s.f. 1. Pomba-amargosa. *Fulano foi caçá no sítio do seu compadre e matô um bocado de margosa, rolinha e dois nambu.* **C.** As pombas-amargos eram abundantes no país inteiro e também bastante comum na região norte-paranaense. **2.** Cachaça com losna. *Bota u´a margosa aí. Toma u´a margosa, que é bom pro estômbago.* **V.** a que matou o guarda, abrideira, água-benta, água que passarinho não bebe, branquinha, canjebrina, goró, mata-bicho, mé.

MARGOSO s.m. Amargoso**.** *Fulano usava talo de capim margoso para tomá sodinha. Alguns mininо da vila gostavam de comê a parte mole do talo do capim margoso.* **C.** O talo do capim-amargoso é oco e sua ponta é mole como se fosse um “palmitinho”.

MARGUIO s.m. Mergulho. *Fulano deu um marguio de cima do barranco. Sicrano foi marguiá da gaiada sobre o rio e caiu de barriga.*

MARICA adj. Efeminado, medroso, indeciso. *Se fulano num fosse tão marica eles tinham ido pescá cum chuva e tudo. Sicrano num gosta de ouvi chamá o fio dele de marica. Ainda bem que o marica do sicrano num se meteu a besta co beltrano, senão tinha apanhado pa dedéu.*

MARINGÁ s.f. V. *porre de maringá velho.*

MARIQUINHA s.f. Suporte para coador de café. *A mariquinha da Tica foi o pai dela quem feiz. Nas venda tinha dois tipo de mariquinha, as de madêra e as de alumínio.* **C.** Em geral, as mariquinas eram constituídas por uma base sobre a qual estavam ligadas duas, três ou quatro pernas de sustentação e era encimada por um suporte vazado que era usado para colocar o coador sobre o bule, e este era apoiado na base. Havia mariquinhas artesanais feitas de madeira, industriais feitas de alumínio (as mais comuns, compradas em venda) e, eventualmente, de ferro.

MARMOTA s.f. Pessoa mal vestida, entrouxada. *Fulano tá pareceno u´a marmota de tão mal vestido que anda. A fulana tá igual u´a marmota, nem se deu ao trabalho de passá sua roupa, tá toda amarfanhada*. **V.** amarfanhado.

MARRA s.f. V. cartear marra.

MARTELO s.m. Pequeno copo utilizado para servir pinga ou outra bebida alcoólica. *Me dá um martelinho de cajibrina pra quentá o peito. Depois de tomá uns oito martelinho de cachaça fulano saiu da venda cercano frango.* **Var**. martelinho.

MASCATE s.m. V. *mais arreganhado que mala de mascate.*

MASSA s.f. V. peidar a massa.

Masomeno. Mais ou menos. *Depois de vendida a safra, fulano apurô masomeno uns trinta conto. A gente vai chegá masomeno lá pelo meio dia.*

MATA-BERNE s.m. Remédio usado para eliminar bernes dos animais. *Passa um mata-berne para limpá o couro dos boi. Creolina é um bom mata-berne, só que arde pra dedéu!*

MATA-BICHO s.m. Cachaça, pinga. *Fulano tomô um mata-bicho antes do baile e ficô mais animado.* **V.** a que matou o guarda, abrideira, água-benta, água que passarinho não bebe, branquinha, canjebrina, goró, margosa, mé.

MATA-CACHORRO s.m. V. alpercata.

MATADO adj. Mal feito. *O peão só feiz serviço matado, num valeu a comida que comeu.* **V.** *serviço matado.*

MATA-FOME s.m. 1. Sanduíche, sanduíche de bife. *Faiz um mata-fome pra mim que tô co´a barriga roncano.* **2.** Bolacha feita de mel. **C.** De certa forma, a mata-fome foi a "ancestral" do pão de mel. Era vendida nos botecos e armazéns de secos e molhados em vidros de boca larga que ficavam sobre o balcão.

Matar a pau. Liquidar o assunto, resolver o problema, cumprir uma tarefa, fazer algo funcionar. *Fulano matô a pau a descarga do caminhão, foi rápido e organizado. Sicrano matô a pau a prova de matemática, acertô tudo.* **Var.** matá a pau.

Matar cachorro a grito. Sem dinheiro ou recursos para fazer algo. *Fulano tá matano cachorro a paulada e num consegue dinhêro do banco pra fazê a colheita. Depois que foi assaltado, sicrano ficô matano cachorro a paulada.* **Var**. matá cachorro a grito, matar cachorro a paulada.

Matar cachorro a paulada. **V.** matar cachorro a grito.

MATAR v. V. a que matou o guarda, de matar o guarda, matado, matar a pau.

MATERIAL s.m. Alvenaria. **C.** Nos tempos pioneiros, a expressão *casa de material* significava casa de alvenaria de tijolos. *Primêro, ao abri o sítio, fulano construíu um casebre de pau-a-pique coberto de foia de palmito. Alguns anos depois construíu u´a casa de madêra, bem melhor que o casebre. E, finalmente, quano melhorô de vida, mandô construi u´a casa de material.* **V.** casa de material.

MATINA s.f. Manhã. *Fiquei de me encontrá cum ele às déiz da matina. Dona fulana tem que levantá lá pelas quatro da matina pra fazê a matula do pessoal que vai pra roça.*

MATO s.m. Forma pela qual os pioneiros referiam a floresta, as capoeiras e a vegetação estranha à plantação principal, que devia ser capinada ou roçada. *Fulano derrubô o mato e plantô café. Sicrano só deixô u´a reservinha de mato no sítio dele. A fazenda do fulano tá que é um mato só.* **V.** vá peidá no mato, vá cagá no mato.

MATO s.m. V. bicho do mato.

MATRACA s.f. 1. Pessoa que fala muito. *Fulana matraqueia o tempo todo, ninguém guenta ficá por perto. A matraca da dona sicrana não para nunca e ela fala de todo mundo o tempo todo, menos das filha dela que não são flor que se chere.* **2.** Máquina de plantio de uso manual, plantadeira manual. *Fulano comprô duas matraca nova pro plantio do milho e do fejão. Sicrano tá ralado, todas as matraca quele tinha tão quebrada, vai dependê dos vizinho pra fazê o plantio da safra*.

MATULA s.f. Farnel, porção de comida ou roupas embaladas para viagem. *Mulher, prepara a matula, que vô pra bêra do rio co´s amigo da pescaria. A matula chega logo cedo para quem trabalha na roça. Na matula do fulano só tinha arroiz, farinha e uns pedaço de carne de porco frita.*

MATUTAR v. Pensar, considerar, ponderar, remoer. *Fulano ficô matutano u´a meia hora antes de decidi a compra dos porco. De tanto matutá, sicrano ficô meio tantã. Se ficá matutano muito tempo ocê acaba num casano co´a fulana, acorda ô sô.* **Var**. matutá.

MATUTO s.m. Caipira, roceiro. *Lá na vila tem muito matuto, mais é tudo gente boa. Os matuto só vem pra vila quano percisa fazê compra, sinão fica tudo socado lá no meio do mato.* **V.** babaquara, bicho do mato, bocoió, caboco, caipira, caipora, capiau, coió, jacu, tucura.

MAU adj. V. *estar em maus lençóis*.

MAXIXE s.m. Fruto do maxixeiro, uma ramagem rasteira bastante comum na roça dos pioneiros. *Fulano gosta bastante de salada de maxixe. Sicrano aprecia um bom refogado de maxixe cum galinha.* **C.** Fruto amarelo, que tem uns "espinhos" flexíveis e que apresenta pequenas sementes brancas. Como alimento era comido ainda verde, em saladas ou refogados. **Var**. machucho.

MACHUCHO s.m. Chuchu (*Sechium edule*). **C.** *O pé de machucho do fulano deu fruta pela primêra veiz este ano. Salada de maxuxo é simples de fazê e gostosa de comê.* **Var***.* maxuxo*.*

MÉ s.m. Pinga, cachaça. *Vamo tomá um mé pa quentá? Na bêra do rio o tempo esfriô e aí o negócio foi tomá uns trago de mé. Toda veiz que fulano vai pra vila fazê o rancho ele tráis junto u´a garrafa de mé.* **V.** a que matou o guarda, abrideira, água-benta, água que passarinho não bebe, branquinha, canjebrina, goró, margosa, mata-bicho.

MEGANHA s.m. Soldado da polícia. *Baxaro um cabo e treis meganha na festa e acabaro co´a briga. Us meganha entraro no baile baxano o cacete, e prendêro uns treis o quatro.* **C.** Em geral utilizava-se este termo para referir os soldados rasos. Era considerado ofensivo e jamais pronunciado na frente dos soldados ou como vocativo para elementos da força policial.

MEIA-FODA s.2g Pessoa miúda, baixinho. *Ô meia-foda, trais aquela lata para mim. O time era tudo de gente grande mais quem garantiu o gol foi o meia-foda.* **C.** Era utilizada em sentido pejorativo, como gozação. **V.** *tampinha, cu rasteiro, espirro de pica*.

MEIA-PATACA s.f. Pequeno valor, a**lgo de valor** insignificante. *Por algumas meia-pataca dá pra comprá um monte de coisa por lá. Esse fulano é um cara de meia-pataca, num vale nada.*

MELA-CUECA s.m. Bailinho, baile rústico, baile em terreiro de café. *Fulano terminô a safra de café e feiz um mela-cueca lá no terreirão*. *Prá socá o chão do terreirão, sicrano promoveu um mela-cueca cum sanfona, violão e pandeiro*. **Var.** engoma-cueca.

MELÊ s.m. Mistura, bagunça, confusão. *Mexêro co´a noiva do fulano e aí foi aquele melê. O bolo ficô gostoso, mais a fulana feiz um melê dos diabo na cozinha, incardiu tudo.* **V.** desgraceira, forrobodó, furduço, merdeiro, pampeiro, perereco, pipoco, rebosteio, treta, vuco-vuco, ziquizira*.*

MENINA DA ZONA s.f. Prostituta*. As menina da zona andava melhor arrumada que muita madame da vila. Só quem anda de charrete na vila são as menina da zona e algum desavisado.*

MENINO s.m. V. ter menino.

MEQUETREFE adj.2g. Mal acabado, de má qualidade, inútil, sem importância. *Fulano comprô um tecido mequetrefe e inda acha que feiz um bom negócio.*

MERDA s.f. V. *fazer merda, puta que la merda.*

MERDEIRO s.m. Bagunça, confusão, estrago. *Fulano feiz um merdêro no sítio dele depois que o plantio de minduim num deu certo. Pro sicrano fazê merdêro num basta muita coisa, é só mexê cum ele dum jeito que ele num goste.* **V.** desgraceira, forrobodó, furdunço, melê, pampeiro, perereco, pipoco, rebosteio, treta, vuco-vuco, ziquizira*.* **Var**. merdêro.

MERRECA s.f. Coisa sem importância, de pequena monta ou valor. *Fulano e sicrano brigaro por causa duma merreca de dinhêro. A diferença entre o preço na vila e na venda do Baiano é u´a merreca, então beltrano compra nela porque é mais perto de casa.*

MESMO pron*.* **V.** pior que é mesmo*.*

METEDOURO s.m. Lugar nas redondezas da vila de Capelinha, ao lado da primeira estradinha de acesso, em meio à capoeira de capixingui, utilizado para relações sexuais. *Fulano foi visto cuma sirigaita lá no metedouro, vai que a mulher dele fica sabeno e aí o barraco tá armado.* **C**. Geralmente era um carro de praça que levava os casais para este local*.*

Meter o bedelho. Intrometer-se, meter o nariz onde não é chamado. *Não meta o bedêlho onde num é convidado que só pode dá confusão.* **Var.** *meter o nariz.*

Meter o pau. **1.** Falar mal, criticar os outros. *Fulano vive meteno o pau no prefeito. Sicrano não gosta de beltrana e fica o tempo todo meteno o pau na vida dela.* **2**. Bater em alguém. *O empreitêro ficô irritado co´as merda que o pião feiz e meteu o pau no coco dele e foi aquela sanguera.*

Meter o pé na jaca. Chutar o balde, mandar tudo às favas. *Fulano meteu o pé na jaca e mandô a sociedade dele co cunhado pro meio dos inferno. Sicrano num guentô o serviço e meteu o pé na jaca, foi embora brigado co patrão*.

Meter o rebengue. Dar uma surra. *Fulano meteu o rebengue no sicrano, que lanhô as costa dele.*

METRO s.m. V. pra mais de metro.

MICAGEM s.f. Macaquice, fazer careta. *Ninguém consegue ficá sem ri co´as micage do fulano. Se fazê micage desse alguma grana, sicrano tava muito rico.* **Var**. micage.

MICO s.m. V. no mico.

MIGUÉ s.m. Sujeito ingênuo. *Dá u´a de migué e vai vê o que acontece co teu dinheiro. Fulano deu u´a de migué, passaro a mão na mala dele e largaro ele na porta da pensão sem sabê o que fazê.*

MIGUELÃO s.m. V. a miguelão.

MIJADA s.f. Dar bronca, passar descompostura, reprimenda. *Fulano deu u´a mijada no sicrano que até deu dó de vê. Beltrano num tem vergonha na cara, leva mijada todo dia e num endireita*. *O capitão deu u´a mijada no time todo.*

Mijar para trás. Mostrar medo, fugir de compromisso, não cumprir o prometido. *Fulano fez u´a oferta pra comprá o sítio do sicrano e na ultima hora mijô pra tráiz. Se o sicrano num mijá pra tráiz a gente consegue completá a carga do caminhão. A caçada até que ia bem, mais na hora co beltrano escutô o urro da onça ele se cagô todo e mijô pra tráis.* **Var.** mijá pra tráiz, mijá pa tráiz.

MILHO s.m. V. quebra de milho, quebrador de milho, quebrar milho.

MILHO TIGUERA s.m. 1. Plantação que não se desenvolveu. *Uma parte do milharal do fulano vingô bonito, otra parte foi tudo tiguera e teve lugar que nem vingô.* **2.** Animal de pequeno porte, não desenvolvido. *No meio do gado do fulano tem alguns boi de bom tamanho, mais o resto é tudo tiguera.* **C.** Também este adjetivo se aplicava a outras situações em que o objeto de referência fosse algo pequeno, nanico, de pouco crescimento.

MIMOSO adj. Bonito, simpático, querido, encantador (diz-se de moça). *Fulana é u´a pessoa muito mimosa. Sicrano botô o nome de Mimosa na vaca dele e feiz bem porque é um bicho muito bonito.*

MINHOCA s.f. V. ter minhoca na cabeça.

MIÓ adj.2g. Melhor. *Mió que costelinha de porco frita cum mandioca cozida é isso tudo cum tutu de torresmo. Tem coisa mió?*

Miolo de galinha. Pessoa que não raciocina direito, que tem dificuldades de compreensão. *Fulano feiz um monte de bestêra no trabalho, só seno miolo de galinha pra fazê tanta asnera. Miolo de galinha é o que num falta na venda do fulano, ô gente ruim de atendimento.* **S.** miolo mole.

Miolo mole. Pessoa que tem dificuldade para entender alguma coisa, que não presta atenção. *Só teno o miolo mole pra fazê um merdêro destes. Pra um cara de miolo mole até que ele deu conta do recado*. **S.** miolo de galinha.

MIR DE BÃO adj. Muito bom, superlativo. *A festa do fulano tava mir de bão. Tá mir de bão esse docinho, hein? Chá de sabuguêro é mir de bão pra curá gripe e resfriado. O tanque do Dequiqui é mó de bom pra nadá.* **Var.** mó de bom.

MIRRÉIS s.m.2n. Mil réis. *Fulano vendeu o sítio dele por cem contos de réis.* **C.** Era uma das formas como se referia ao dinheiro; constituía uma herança dos tempos em que o *real* (plural *réis*) era a unidade monetária portuguesa. Para mil cruzeiros se dizia mil mirréis ou um conto de réis. Seu uso se propagou no tempo, independentemente da moeda em curso no país.

MISERÊ adj. Miserabilidade, na miséria*. Fulano perdeu o sítio pro banco e agora tá num miserê de dá dó. A familha veio pensano em ficá rica mais acabaro ficano num miserê só.*

MISERENTO adj. Xingamento, fusão de miserável com lazarento. *O miserento do fulano merece u´a camaçada de pau pra dexá de sê besta. Sicrano, se num fosse tão miserento, até que tinha mais amigos.* **S**. filho-da-puta, disgranhento, disgramado.

MISÉRIA s.f. V. *petição de miséria.*

MISSA s.f. V. roupa de missa*.*

MISTURA s.f. Acompanhamento do café ou das refeições. *Na familha de fulano eles gosta muito de tomá café cum mistura. Dona fulana recebeu bem as amiga e serviu um bom café cum mistura. No almoço, o sicrano reclama quano num tem mistura co´a comida.* **C.** De igual maneira também se dizia tomar que tomar café com mistura era tomar café "com duas mãos". A mistura podia ser abobrinha, batata-doce, batatinha, chuchu, linguiça frita etc.

MIXARIA s.f. Algo insignificante, pouco valor, pouca coisa, ninharia, bagatela. *Nesta região o salário de professô é u´a mixaria. Foi por causa duma mixaria de grana que fulano e sicrano se pegaro nus tapa. Beltrano esperava u´a boa colheta, mais o que colheu foi u´a mixaria.*

MIXO adj. Pequeno, pouco, insatisfatório. *O resultado do trabalho dele no dia todo foi muito mixo. Fulano pensô que ia ganhá os tufo mais o que recebeu foi mixo.* **V.** mixuruca.

MIXURUCA s.f. Pouca quantidade, insignificante. *A música tava boa, mais a comida era muito mixuruca. Pela mixuruca que o fulano paga por dia até que conseguiu u´a boa turma de trabalho. Co´essa mixuruca de recurso num vai dá pra fazê muita coisa no sítio.*

MÓ DE BÃO adj. Melhor que bom, ótimo, excelente*. O aniversário do fulano foi um festão mó de bão. Só podia sê mó de bão o presente que ganhei do sicrano, ele é muito meu amigo.*

MÓ CAGADA s.m. Problemão, desastre, algo muito mal feito*. Foi a mó cagada contratá fulano pra resolvê os problema, ele gastô tempo e dinhêro e num feiz nada. Sicrano deu marcha-ré no caminhão e bateu no jipe do beltrano, foi a mó cagada que podia tê feito.*

MOCÓ s.m. Esconderijo, lugar de esconder, lugar de dormir. *Vô pro meu mocó descansá um poco. Quano os pobrema dele fica grande demais, ele vai mocosá lá na bêra do rio.* **V.** mocozar.

MOCORONGO adj. s.m. Tolo, bobo, pessoa pouco inteligente *Fulano é muito mocorongo, perde todas as oportunidade que aparece. Sicrano é um baita mocorongo, só dá mancada.* **V.** arigó, bocó, cabeça de porongo, jacu, loque, mondrongo, paiaguá, pato, tongo, zureta*.*

MOCOZAR v. Enfiar-se no *mocó*. *Se ninguém me incomodar, vô mocozá até amanhã.* **V.** mocó*.*

MOGANGA s.f. Abóbora. *Fulano plantô uns pé de moganga entremeio ao milharal. Em terra nova dá cada baita de moganga que dá gosto de vê.* **Var.** mogango.

MOITA s.f. V. na moita**,** não caga e nem desocupa a moita.

MOLA DE BINGA s.f. Cabelo encarapinhado, com cachos pequenos. **C.** Geralmente de pessoa negra. Comumente era usado de modo pejorativo. **S.** *carapinha, cacheado, pixaco, pixaim, pixeco*.

MOLE adj. V. *bago-mole, miolo mole.*

MOLHADO adj. V. chover no molhado*.*

Molhar a mão. Subornar alguém com dinheiro, pagar alguém para comprar facilidade de atendimento. *Fulano molhô a mão do fiscal pra num levá u´a multa. Sem lavá a mão do chefe o documento demora mais de treis meses para sair, molhano sai quase no mesmo dia.*

Molhar o bico. Beber algo, geralmente uma pinga. *Moiei o bico na venda do Baiano. Depois do serviço, todo mundo foi moiá o bico lá na sede da fazenda. Na pescaria, é bão moiá o bico di veiz im quano.*

Molhar o biscoito. Fazer sexo. *Fulano gosta de moiá o biscoito de vem em quando. Faiz tempo que sicrano num móia o biscoito, deve tê até teia de aranha na bimba dele.* **Var.** moiá o biscoito.

MOLHAR v. V*.* chover no molhado, chuva de molhar bobo, molhar a mão, molhar o bico, molhar o biscoito.

MOLHO s.m. V. colocar as barbas de molho.

MONDRONGO adj. s.m. Desajeitado, confuso, idiota, abestalhado, pessoa boba. *Aquele cara é um mondrongo, num faiz nada certo. Mais o bicho é muito mondrongo, ningém qué trabalhá cum ele. O filho do fulano é um mondrongo, num aprende nada e nem adianta insisti porque o cara é um tapado.* **V.** arigó, bocó, cabeça de porongo, jacu, loque, mocorongo, paiaguá, pato, tongo, zureta*.*

MONJOLO s.m. Máquina tradicional, movida à água, destinada ao descasque e/ou trituramento de sementes. *Fulano construíu um monjolo bem perto da nascente do córgo no fundo do sítio. Sicrano leva o milho pra triturá no monjolo do beltrano.* **Var**. manjolo*.*

Montar num porco. Frustrar-se, tomar decisão infeliz, fazer mau negócio. *Montei num porco quano vendi o sítio. Aceitô o convite do sogro e acabô montano num porco, teve que levá o cunhado junto.*

MONTOEIRA s.f. Grande quantidade de alguma coisa. *Na festa do fulano tinha u´a montuêra de gente. De tanto se preocupá co´s problema dos outro, ele ficô cuma montuêra de pipino pra ele mesmo. Cum a montuêra de grana que ele tem, tá co cavalo na sombra.*

MOQUEADO adj. Escondido, amoitado, à espreita*. Fulano ficô moquiado no girau pra caçá cutia lá por perto do brejo. Beltrano moquiô a noite toda cum medo da polícia.* **V.** mocozado*.*

MORCIÇA adj. Maciça. *Fulana tem um partelêra de madêra morciça. O tampo da mesa do sicrano é de cedro morciço.* **Var.** murciça*.*

MORFÉTICO s.m. Lazarento. *Morfético, isso é coisa que se faça? Isto é coisa do morfético do fulano.* **C.** Emprega-se como xingamento.

MORGAR v. Ficar sem fazer nada, lagartear, descuidar. *Machuquei o pé e fiquei morgano em casa. Fui pra praia e morguei o tempo todo. Fulano morgô no ponto e perdeu a vez.*

MORINGA s.f. Recipiente de cerâmica usado para guardar água. *Fulano comprô u´a muringa bem grande, cabe muita água nela. Quem ficô de levá a moringa e a bóia pra roça foi a filha do dono do sítio.* **C.** Não raro, a moringa era na verdade uma cabaça. **Var***.* muringa**.**

MORNO adj. V. água-morna*.*

MORTA adj. V. agora Inês é morta, galinha morta*.*

MORTE, s.f. V. pensar na morte da bezerra*.*

MOSCA s.f. V. acertar na mosca*.*

MUCURUFO s.m. V. o tufo do mucurufo*.*

MUFA s.f. Cabeça, cachola, cuca, mente. *Fulano ficô co´a mufa cheia de fuchico e se deu mal porque era tudo páia. Depois de levá u´a cacetada na mufa, sicrano saiu cercano galinha pela porta afora. É isso o que dá ficá de mufa quente o dia todo. Tomô sol demais na mufa e o resultado foi u´a baita dor de cabeça.*

MUIÉ s.f. Mulher. *Fulano veio pra vila co´a muié, os fio e a mãe dele. Na vida da roça, as muié é que tem u´a vida mais difícil que os home.*

MULA s.f. 1. Pessoa teimosa*. Dona Maria é u´a mula, num concorda cum ninguém, é sempre do contra, ô véia burra.* **2.** Pessoa com dificuldade de aprendizagem. *Fulana é u´a mula, nem adianta i pa escola.* **V.** *picar a mula.*

MULHER AGUADA s.f. Mulher com excesso de lubrificação vaginal.

MULHER DA COBRA s.f. Pessoa que fala demais, agitada, loquaz, exibida. *Fulana fala mais que a muié da cobra.*

MULHER DA VIDA s.f. Prostituta. *As casa da zona tão cheia de mulher da vida. Fulana só num é mulher da vida porque disfarça bem suas aventura. Quando o pai soube que a fulana tava embuchada expulsô ela de casa e então, pra sobrevivê, ela virô mulher da vida.*

MULHER LARGADA adj. Separada do marido. *Dona fulana, ah! Essa é u´a mulher largada e pelo jeito num foi atôa que o marido largô dela. Também pudera, as filha dela só podiam sê assim, ela é mulher largada.* **C.** O termo era usado pejorativamente e representava, de modo geral, o estereótipo da mulher renegada, usufruída. É um dos muitos termos que traduziam certa visão machista vigente naqueles tempos.

MUMUNHA s.f. Trapaça, chuncho, pilantragem. *Fizero mumunha o tempo todo e quano foro descoberto ainda reclamaro. Se num hovesse a chance de mumunha no negócio até que dava pra inf*rentá. *Só fazeno mumunha é que ele consegue ganhá no jogo.*

MUNDARÉU s.m. Grande quantidade, fartura de algo. *Na região existia um mundaréu de madêra de lei que pagava o preço da terra. Aquele mundaréu de gente seguiu o padre na procissão.* **Var.** mundo, mundão.

MUNDO s.m. Grande quantidade, fartura de algo. *O peão tirava um mundo de leite todos os dia. Tinha um mundão de gente na festa. Dava gosto de i na fazenda do fulano, era um mundaréu de boi que dava gosto de vê.* **Var.** mundão, mundaréu. **V.** *abraçar o mundo com as pernas, abarcar o mundo,* botar a boca no mundo, oco do mundo, sumir no mundo.

MUNHECA s.f. Avarento, sovina, mão de vaca, pão-duro. *Fulano num abre a mão nem se tivé se afogano, é muito munheca. Se sicrano num fosse tão munheca, até que a familha dele podia vivê um poco melhor.* **V.** pão-duro.

MUQUE s.m. V. a muque.

MUQUIFO s.m. 1. Casebre, barraco. **V.** *baiuca, biboca, cafofo.* **2.** Lugar sujo e desorganizado. *A casa do fulano é um verdadêro muquifo; só falta rato porque barata tem aos monte.* **3.** Lugar de moradia. *Aparece lá no meu muquifo pra gente tomá u´as e otras.* **S.** *mocó*.

MUQUIRANA s.2g. Pessoa mesquinha, sovina, avarenta. *Fulano é um muquirana de marca maior; sempre sai de fininho para num pagá a conta*. **S.** mão de vaca, muxiba.

Murchar as orelhas. Desapontar-se. *Fulano murchô as oreia depois da bronca da professora.*

MURUNDUM s.m. 1. Cupinzeiro. **2.** Monte de alguma coisa. *Ele rastelô o café e feiz u´a porção de murundum. Fulano encheu o prato de comida e feiz aquele murundum.* **Var.** murundu.

MUXIBA adj. Avarento. *O pai da fulana é muito muxiba, nem para pagá a passage de ida ele concordou.* **S.** mão de vaca, muquirana.

N, de **nhambu xitã, nhambu xororó e nhambu guassú**. Estas aves, junto com variadas outras espécies, eram motivo de caça intensiva nos tempos pioneiros em Capelinha/Nova Esperança. A caça constituía uma das poucas opções de lazer àquela época. Nas matas e capoeiras do entorno podiam ser vistos, além deles, também pombas do mato, jacus, urus, macucos, tucanos e ampla variedade de outras "caças". Caçava-se com estilingue, bodoque, armadilhas como as arapucas e armas de fogo. Com o passar do tempo as "aves de caça" foram escasseando e a restrição ambiental a este tipo de atividade foi sendo intensificada. Do desmatamento resultou que muitas das espécies nelas viventes não ficassem para "contar a história" de como aquelas paragens eram cheias de vida, de cores e oportunidades de contato com a natureza. O último nhambu guassú dos arredores foi abatido pelo Juvenal, um habilíssimo caçador que sabia usar os pios com maestria e que tinha como profissão ser pintor de placas. Durante um bom tempo foi ele quem pintou os cartazes do Cine Esperança.

N, de **Nélida Rodrigues Sampaio Heidemann**, que chegou em Nova Esperança no dia 4 de janeiro de 1953. Primeira professora normalista oficialmente nomeada para a Casa Escolar de Nova Esperança que, posteriormente, seria nomeada como Grupo Escolar Ana Rita de Cássia porque foi criado o 4o. ano, ficando assim completo o Curso Primário. A partir daí foi lecionar para essa classe atendendo 52 alunos que tinham como característica o fato de não terem limite de idade para frequentar as aulas. Numa mesma sala, ela lecionava tanto para alunos que ainda eram crianças até para moços com 18 anos. Naquela época, o Grupo Escolar tinha 6 salas de aula e 1 gabinete para o Diretor. Com a colaboração da comunidade, em sua gestão foi montada uma grande fanfarra que abrilhantava os desfiles escolares de 7 de setembro. Foi diretora de 1956 a 1959. À época, em sua gestão o número de alunos do Grupo Escolar chegou à casa de quase mil matriculados.

NA BATATA l.adv. Com justeza, absolutamente certo. *Fulano chutô em gol e foi na batata, marcô mais um. São oito horas, na batata!*

NA ESTICA l.adv. 1. No limite, com justeza. *O dinhêro da viage deu na estica.* **2.** Com elegância. *O Iran Parra andava sempre na estica e era admirado por isso.*

Na hora do pega pra capá. Na hora do perigo, em momentos de risco, no momento decisivo. *Quero vê na hora do pega pra capá quem é homem de fato. Na hora do pega pra capá só duas pessoa aguentaro o tranco pra colocá a tora encima do caminhão.*

NA LATA l.adv. No momento, de modo exato. *Fulano pesô os pexe e deu cinco quilo na lata. Foi na lata que o sicrano deu resposta pro professor.*

NA LONA l.adv. Sem dinheiro, duro, falido. *Fulano perdeu tudo o que tinha, ficô na lona, dá dó di vê. Sicrano tá na lona, sem grana vive filano o que pode dos amigo.*

NA MOITA l.adv. Escondido, disfarçado, protegido. *Cum medo do fulano, o sicrano ficô uns dois dia amoitado. Beltrano teve que amoitá num rancho até o vendaval passá. Reclano ficô na moita até a polícia chegar, senão corria risco de morte.*

NA PINDAÍBA l.adv. Na pior, sem dinheiro. *De tanto perdê grana no jogo fulano acabô ficano na pindaíba.* **V.** terra de pindaíba.

NA PRAÇA l.adv. No lugar, do lugar, cidade ou vila referida. *Fulano é bem conhecido na praça, por isso todos gostam dele. Sicrana tá co nome sujo na praça nem a conta da venda ele pagô. Ninguém sabe de que praça veio beltrano, só se sabe que ele veio cum muita bufunfa.*

NABA s.f. 1. Pênis. *Fulano era famoso na praça pelo tamanho da naba dele.* **2***.* Bronca, babada. *O patrão meteu a naba no fulano depois que ele quebrô a máquina de plantá fejão.* **C.** Era usado geralmente em sentido figurado. **V.** chapuleta, chulapa, manguaça, pica, pinguelo, piroca, queijinho*.*

NADA s.m. V. *nadica de nada.*

NADICA DE NADA l.pron. Coisa nenhuma, nem um pouco. *Ele falô nadica de nada.*

NÁFRICO s.m. Pessoa desqualificada. *O náfrico do Zezinho é um borra-bosta. Só faiz merda*.

NAMORANDINHO v. Atenuação de namorando. *O Fábio tá namorandinho co´a Joana!*

NANOSCADA s.f. Noz-moscada. *Põe nanoscada no macarrão que ele fica bem gostoso*.

Não caga e nem desocupa a moita. Estar indeciso. *Fulano num caga nem desocupa a moita e todo mundo tá esperano ele marcá a data do casamento.*

Não dar conta. Não conseguir fazer algo. *Fulano num deu conta da fulana logo na lua de mel. Sicrano num deu conta do serviços, entregô os ponto. Beltrano num deu conta de comê tudo o que pediu e largô metade no prato.*

Nascido em bera de cachoera*.* Pessoa que fala alto. *Fulano parece que nasceu em bera de cachoera, ninguém fala mais alto que ele. A familha toda do sicrano parece tê nascido em bera de cachoera.*

Não é de hoje. Faz muito tempo. *Não é de hoje que fulano deve pro sicrano*.

Não enche os pacová. Não enche o saco, não aporrinha, não me incomode. *Fulano, dexa de sê chato sô, num enche os pacová. Sicrano, vá enchê os pacová da tua sogra, num me torra as pacência.*

NARIZ s.m. V. arrebitar o nariz*.*

NAS COXAS l.adv. Algo mal feito, feito às pressas. *Fulano feiz o trabalho nas coxa e inda queria botá banca. Se ferrô!*

NAVALHA s.f. Mau motorista, barbeiro. *Aquele cara é um navalha, e num é pior porque só dirige trator.*

NAZO s.m. Nariz, nariz grande. *Olha só o nazo do fulano parece bico de tucano. De tanto meter o nazo onde não devia, sicrano acabô se ferrando.*

Neca de pitibiriba. O mesmo que neca.

NECA pron. Coisa nenhuma, nada. *Foro pescá e neca de pitibiriba, voltaro sapateiros. Nuvem aparece todo dia, mais neca de cai u´a chuvinha. Entraro mato adentro e neca de achá fruta.* **Var.** necas, neca de pitibiriba.

NEGADA s.f. Turma, grupo de pessoas. *Acabô o jogo e a negada foi-se embora. Fulano mais u´a negada foi todo mundo pescar.* **V.** bagraiada, curriola, panela, patota, tropa*.*

NEGO s.m. Pessoa qualquer. *Foi um nego lá da vila quem me ajudou. Contrata uns neguinho para fazê o trabalho.* **C.** Podia referir uma pessoa negra. **Var.** neguinho.

NEGÓCIO DA CHINA s.m. Excelente negócio. *Fulano feiz um negócio da china co´a venda do sítio dele.*

Nem choro, nem vela, nem fita amarela. Em nenhuma circunstância. *Não tem nem choro, nem vela, nem fita amarela, ocê vai tê que cumpri o que prometeu e num tem discussão. Se fulano num terminá a empreitada, num vai tê choro, nem vela e nem fita amarela que segure o patrão e ele vai tê que sumi do mapa.*

NEM COM REZA BRABA l.adv. Absolutamente, de modo algum, de jeito nenhum. *Depois daquela briga, nem cum reza braba a namorada volta pra ele. Fulano tá tão doente que nem cum reza braba ele vai consegui sarar.* **V.** nem que a vaca tussa.

NEM POR DECRETO l.adv. Absolutamente, de modo algum, de jeito nenhum. *Fulano não vai concordá cum isso nem por decreto. Mesmo teno se saído bem, sicrano diz que nem por decreto ele vai repeti a viage.* **V.** nem que a vaca tussa, nem com reza braba.

NEM QUE A VACA TUSSA l.adv. Absolutamente, de modo algum, de jeito algum, não, nunca, jamais, impossível, de forma alguma. *Nem que a vaca tussa vô permiti a tua viagem! Nem que a vaca tussa vocêis vão consegui ganhá de mim.* **C.** Exprime completa discordância, contrariedade. **V.** nem com reza braba, nem por decreto.

NEM PRA REMÉDIO l.adv. Não tem nada, acabou. *Fulano queria levá um poco mais de fejão, mais nem pra remédio ele conseguiu. Já falei pro sicrano que acabô o açúcar, núm ficô nada, nem pra remédio.*

Nem tatu de corrente passa. Diz-se de estrada impraticável, inviável. *Praquelas banda e por aqueles atolêro nem tatu de corrente passa.* **C.** A expressão referia as pioneiras estradas da região Norte do Paraná quando encharcadas pela chuva e cheias de barreiros e atoleiros. Nestas estradas era comum acorrentar os pneus dos caminhões para poder transitar, o que ajudava a piorar as condições de trafegabilidade daquelas vias.

NERVO s.m. Irritação, nervosismo. *Não mexe co sujeito, que ele tá um nervo só.*

NIMIM prep. + pron. Em mim. *Num rela nimim que eu levanto pras déiz*. *Num rela ni mim que eu num vô gostá. Num cola nimim que vai dá sujeira, tô co saco cheio docê.*

NINHO DA ÉGUA s.m. V. achar o ninho da égua.

NINHO DE GUACHO s.m. Cabelo emaranhado. *Fulana, vá penteá os cabelo que tua cabeça tá pareceno ninho de guacho*. **S.** gadelha. **Var.** ninho de guache.

NINHO s.m. V. achar o ninho da égua.

NÓ CEGO s.m. Pessoa vivaldina, esperta, meio vagabunda. *De todos os filho de fulano, só o caçula é nó cego. O peão queria me vendê algodão ardido, o cara é nó cego e eu num sô besta.*

NO FIO DO BIGODE l.adv. Em confiança**.** *O negócio foi fechado no fio do bigode, sem assiná documento algum*. **C.** A expressão conotava confiança, honradez, cumprimento da palavra dada.

NO FRIGIR DOS OVOS l.adv. Na etapa decisiva, no limite de alguma expectativa. *No frigi dos ovos, quano a grana já tava no fim, fulano acabô aceitano a oferta de compra do seu sítio. O casamento só aconteceu porque, no frigi dos ovos, o sogro deu um ultimato pro sicrano.* **Var.** frigi dos ovo.

NO MICO l.adv. Quase no fim, próximo ao limite. *Quase num deu pra chegá, a gasolina tava no mico. Sem avisá, chegaro mais treis pessoa pa almoçá, o arroiz deu no mico e o fejão deu po gasto.* **V.** no pau da viola, no pau da goiaba.

NO PAU DA GOIABA l.adv. No limite, no fim das forças, prestes a cair. *Fulano correu o que pode e chegô no pau da goiaba. Sicrano tá no pau da goiaba, num guenta um tiquim a mais de isforço.* **V.** no mico, no pau da viola, no frigir dos ovos.

NO PAU DA VIOLA l.adv. No limite, no fim das forças. *No fim do jogo, todo o time tava no pau da viola. Andô o dia todo, chegô a casa no pau da viola*. **V.** no mico.

NÓIDA s.f. Nódoa, mancha, mancha difícil de tirar do tecido. *A banana dá nóida feia na ropa. Tem um bocado de coisas que dá nóidea no tecido: batão, pêssego, amora, banana, imbé e otras.* **Var**. nóidea, noda.

NOITE s.f. V. boca da noite.

NONO s.m. Avô. **C.** Geralmente usado por descendentes de italianos. *A nôna sabe fazê u´a boa polenta, e o nôno sempre pede pra fazê galinha ensopada.* **Var.** nona.

NOTA PRETA s.f. Muito dinheiro. *A terra custô barato, mais o plantio do cafezal custô u´a nota preta.*

NOVELA s.f. V. dar um tapa no escutador de novela, *escutador de novela.*

Num querdito que. Fórmula frasal que exprime surpresa e indignação. *Num querdito que fulano feiz isso comigo.* **C.** Provém de não acredito que.

NUVEM s.f. V. andar com a cabeça nas nuvens, andar nas nuvens.

O, de **"Ó o fumo, Ó o rolo, Ó o respeito"**, esses eram os chavões do Bandeira, ex-combatente da FEB que tinha a saúde abalada por causa da guerra. Sempre alegre e extrovertido, ele era um dos muitos personagens populares de Nova Esperança. Outro era o Toda Hora, que geralmente era visto com uma grande lata à cabeça transportando os restos de comida do Hotel São Francisco, ali na Praça Melo Palheta. Sobre ele, o senhor J. Alves Siqueira fez uma música de carnaval que assim começava: "Nego que salta e ginga sem demora! E toda hora é toda hora!". Além deles, outros se destacaram entremeio à paisagem social de Capelinha/Nova Esperança, cada um com suas respectivas características identitárias: Dona Cecília, amiga de longa data de minha mãe, pessoa de caráter forte, que pela valentia com que enfrentava a vida e eventuais desaforos a chamavam "Cecilhona"; o Hildebrando, que fazia longos canudos pontiagudos de papel e ficava a cutucar a orelha das pessoas que, descuidadas, passassem por ele; o guarda Pé-de-Bicho, que tinha um doloroso calo no dedo mindinho e, por isso, precisava abrir a lateral do bico do sapato, e sempre andou em "perseguição" aos jovens bagunceiros daqueles tempos; o Bentinho, com seu acordeão e permanente disposição, era contumaz participante dos desfiles de 7 de Setembro, com todo patriotismo e sua música; a velha Lola, que andava pelas ruas acompanhada de pequena matilha de cachorros; o idoso e alegre PTB, magro como ele só, que era visto pelas ruas tocando sua gaitinha de boca e usando óculos fundo de garrafa cujas armações já estavam "pela hora da morte"; e havia outro que falava "Ó meu, dá cincão que eu viro uma cambota no cimento", e que, quando passava pela barbearia do senhor Kai chacoalhava o nariz e fazia questão de incomodar o velho Mesquita, e outros, tal como o ranzinza velho de botas e longos bigodes que morava por perto da Igreja e invocava com todo mundo que eventualmente o encarasse como personagem meio exótico que era. Além deles, existiram outros tantos que não permaneceram na memória "daqueles tempos". Todos eles, e seus respectivos modos e maneiras, mesmo que algumas décadas já tenham passado, constituem motivos de boas lembranças.

Ó do borogodó. Algo ruim, de baixa qualidade, coisa chata. *O baile no terrerão do fulano é o ó do borogodó, só vai encrenquêro. O vestido que a fulana usô no baile é o ó do borogodó e já foi usado em outros baile.*

O ROXO, NEGÃO interj. Expressão de espanto ou de admiração. *O roxo, negão, vai se lascá, tô fora! Nem que a vaca tussa eu vô colocá o caminhão no meio dessa paulêra, o roxo, negão!* **Var.** o roxo, nego.

Ó v. Forma do verbo *olhar*: *olhe*. *Ó o quebra-queixo! Um por dois, dois por três! Ói lá longe aquele gavião. Óia que coisa bonita, sô!* **C.** Emprega-se para chamar a atenção do interlocutor. **Var.** ói, óia.

OCO adj. V. cabeça oca.

OCO DO MUNDO s.m. Lugar muito distante. *A casa dele fica lá no oco do mundo.* **V.** biboca, cafundós do judas, caixa-prego, casa da peste, casa do cacete, casa do chapéu, cu do judas, fim da picada, fundos do brocotó, puta-que-o-pariu.

ÓI v. Ó, olha. *Ói só aquele cara e veja a bestêra que ele tá fazeno. Ói só que bicho mais feio esse tar de bufalo.*

ÓIA v. Ó, olha. *Óia que coisa mais linda que é aquela menina. E óia que eu avisei muito bem avisado. Cê nunca viu coisa feita óia só a namorada do fulano.*

OLEADO s.m. Revestimento usado no chão das cozinhas. *Fulana botô oleado na cozinha dela; ficô muito chique.* **C.** Por um tempo foi tido como uma novidade muito desejada pelas donas de casa ´daqueles tempos´.

ÓLEO s.m. V. *trocar o óleo.*

OLHO COMPRIDO s.m. Inveja, cobiça, desejo. *Num dianta ficá cum olho cumprido que a fulana num é pro teu bico.* **V.** olho gordo.

Olho d´água. Mina de água. *No sítio do fulano tem pelo menos uns cinco olho de água em vários lugares. Nos fundo da chácara do sicrano tem um baita olho d´água que alimenta o tanque de pexe.*

OLHO GORDO s.m. Olhar de inveja, mau-olhado, cobiça, desejo de posse. *Fulano tá de olho gordo nas terra do vizinho, qualqué horinha dessas ele compra tudo.* **V.** olho comprido.

OLHO s.m. V. abrir o olho, custar o olho da cara, furar o zóio, olho comprido, olho d´água, olho gordo, remela, zarolho, zóio.

OMEGA FERRADURA s.m. Relógio antigo, de dar corda. *Fulano tem um omega ferradura que herdô do pai dele.* **C.** Era assim chamado porque ostentava o símbolo ômega.

ONÇA s.f. V. amigo da onça, bafo de onça, bafo de tigre, bafo de urso, cutucar onça com vara curta, *hora da onça beber água.*

Onde o judas perdeu as botas. Lugar muito distante, muito longe. *Fulano mora lá onde o judas perdeu as bota. O sítio do sicrano fica pra lá de onde o judas perdeu as bota.* **Var**. onde o diabo perdeu as botas.

ONTONTE adv. O mesmo que anteontem. *Ontonte foi o casamento do fulano co´a sicrana. Ontionte caiu um pé d´água que deu gosto de vê*. **Var**. antionte, ontionte.

ORA-PRO-NÓBIS s.f. Ora-pro-nóbis (*Pereskia grandifolia). No quintal da dona fulana tem um baita pé de ora-pro-nóbis donde ela tira foia pra fazê emplasto pra tratá furunco. Dona sicrana usa foia de ora-pro-nóbis pra fazê salada e botá no fejão.* **C.** Espécie arbustiva de alto valor protéico cujas folhas eram utilizadas tanto como alimento e/ou como medicamento.

OREIA s.f. Orelha. *Fulano levô um tapa na oreia que saiu até fumaça. Lava as oreia, minino, tá pareceno subaco de tatu.* **Var.** zoreia.

OREIA-SECA s.m. Pessoa simplória, sem muito jeito, estúpido, pouco inteligente. *Esse cara é o maior oreia seca que já vi. Ô oreia seca, presta atenção no pedaço ô larga o serviço.* **Var**. orelha-seca.

ORELHA DE PAU s.f. Fungo de forma achatada que tem forma de orelha. *Fulano foi quem prestô atenção na orelha de pau. No sítio do sicrano tem muita orelha de pau.* **C.** Após a derrubada das matas, quando os restos galhos e troncos iam apodrecendo, era comum o surgimento de algumas espécies de fungos popularmente chamados de ´orelhas de pau´.

ORELHA s.f. V. andar de orelha em pé, até as orelhas, com a pulga atrás da orelha, da ponta da orelha, de orelhas em pé, murchar as orelhas, de orelhas murchas, orelha de pau, pé de orelha.

ORELHA-DE-PAU s.f. Espécies de fungos que cresciam sobre troncos em decomposição; em geral, apresentam o formato de uma orelha. *Na roça do fulano, num véio tronco perto da casa, tinha u´a baita oreia-de-pau. No meio da mata do sicrano, numa árve morta tinha alguns tipo de orelha-de-pau*. **C.** Depois do cafezal estar formado, nos troncos da mata que foi cortada, e na medida em que apodreciam, era possível ver uma boa variedade de fungos de diversas cores e formatos, inclusive aqueles chamados orelhas-de-pau.

ORNAR v. Combinar, ficar bem com uma roupa, estar de acordo. *Essa cor ornô em você. Essa atitude num orna cum você. Este tipo de atitude num orna co jeito de sê do fulano.* **Var**. orná.

ORTIGA s.f. Urtiga. *Me ralei na ortiga; fiquei co´a pele em brasa. Nas capuêra de Capelinha tinha dois tipos de ortiga, a de galho, de folha grande e a de cipó, de folha peluda; a de cipó ardia mais.*

OSSO s.m. V. apertar os ossos.

OSTURDIA l.adv. Outro dia. *Osturdia tive na casa do cumpadre e comi pamonha doce.* **Var.** esturdia.

OUTRO pron. V. um pé lá e outro cá.

OUVIDO s.m. Pequena saliência cilíndrica e furada, colocada na parte anterior do cano das espingardas de carregar pela boca (*pica-pau*), que servia para colocar a espoleta de disparo. *O armêro consertô o ovido da pica-pau do fulano e ficô joinha.* **V***.* ao pé do ouvido.

OVADA s.f. V. levar uma ovada.

OVO s.m. V. *achar pelo em ovo, levar um ovo, levar uma ovada*, *no frigir dos ovos*.

OXENTE interj. Expressão de espanto. *Oxente, i cumu é qui vamu fazê isso? E não foi que ele conseguiu se safá da emboscada, oxente!* **C.** Corruptela de *ó gente*. Esta era uma das expressões mais comum dentre um amplo rol delas trazidas pelos nordestinos. Servia também para chamar a atenção.

P, de **Pau de Arara**, o meio de transporte utilizado para trazer do Nordeste do país levas e mais levas de trabalhadores braçais para o Norte do Paraná. Muitos deles vieram em improvisados meios de transporte, os "pau de arara", com acomodação precária, em bancos duros, feitos de tábua e sem encosto, montados sobre caminhões cobertos por encerados, ou mesmo por "forro paulista", armados sobre uma estrutura de madeira, que funcionava como proteção contra o sol e a chuva. Nos "paus de arara", além das pessoas e de alguma comida para enfrentar a viagem, vinha de tudo um pouco: a "ligeira" com um bocado de roupa, passarinhos em gaiola - papagaios, periquitos, corrupiões etc. -, jabutis encostados em algum canto da carroceria, alimentos típicos regionais, tais como os "rosários" de coquinho catolé, barras de rapadura e outras curiosidades; até animais de maior porte, como as pacas e os teiús, ainda que estes abundassem no Norte do Paraná. Mas muitas foram as pessoas que penaram a viagem de pau de arara e vieram para esta região apenas com a "roupa do corpo" e com a "cara e a coragem".

P, de **Pau do Silveira**, que é como a população nova-esperancense chamava ao monumento constituído por uma tora de antiga peroba rosa, a maior já vista na região. Uma seção do tronco desta espécie arbórea que veio lá dos lados de Barão de Lucena. Foi inaugurado pelo primeiro prefeito da cidade, o Dr. José Silveira da Teixeira. A princípio, o grande tronco estava descoberto e instalado sobre um pedestal de alvenaria, depois, para proteger a madeira, foi colocado sobre ele um grande "chapéu" de concreto em forma pirâmidal sextavada. Anos se passaram e na gestão do Dr. Pedro Sampaio, por ocasião da reforma da Praça Mello Palheta, o monumento foi realocado para a parte baixa do terreno. Foi quando o arquiteto Fernando Queiroga, responsável pelo projeto, descobriu que seu topo estava quase inteiramente carcomido. A solução foi cortar a parte afetada com um trançador. Mas os cortadores não foram lá tão hábeis e o traçado ficou torto. Outra vez, na tentativa de nivelar o corte, retiraram mais um pedaço do topo e, novamente, não ficou lá muito direito. Então, o tronco virou um cepo que, mesmo reduzido em altura ainda mostrava a pujança daquelas terras evocadas pela placa comemorativa que o Dr. Silveira tinha nele colocado. Sobre o resto do tronco foi colocado o busto do Presidente Getúlio Vargas e, doravante, ficou sendo chamado como o "pau do Getúlio". Na atualidade também o cepo foi descartado e em seu lugar existe um simulacro feito de algum tipo de resina ou material plástico.

PÁ s.f. V. *uma pá de vezes.*

PABUFE interj. s.m. Expressão que indica resultado pronto e positivo. *Pulverizô o algodoal e foi pabufe, acabô a praga.*

PACAIA s.m. Cigarro artesanal, feito com fumo de corda ou de rolo. *Deixei de fumá cigarro de papel, agora só fumo pacaia, é mais barato.* **Var.** pacaio. **V.** palheiro, paiova.

PACAS adj. Bastante, muito, interessante, demais. *Fulano mora num lugá bonito pacas. Depois de examiná pacas o documento, sicrano decidiu num assiná e feiz todo mundo de bobo. Numa hora e poco beltrano pescô peixe pacas*. *Reclano mente pacas, ninguém dá confiança pra ele*.

PACOVÁ s.m. V. não enche os pacová.

PACUERA s.f. V. bater com as pacueras.

PACUERA s.f. Víscera (bucho, pulmão), coração. *Fulano meteu a faca nas pacuera do sicrano, que morreu na hora. Tô cuma baita dor nas pacuera e nos figo. O buchêro me vendeu um quilo de pacuera.* **C.** Usava-se geralmente para referir os miúdos dos animais (fígado, coração, rim, pulmão etc.)utilizados como alimento ou as entranhas dos indivíduos.

PADARIA s.f. Bunda, nádegas. *Fulana tem u´a padaria que impressiona quem vê. A padaria do sicrano era tão grande que ele num cabia na cadêra. Só pra lavá a padaria, beltrana deve gastá um sabonete intêro.*

PADEIRO s.m. V. *cavalo de padeiro.*

Pagar o pato. Ser responsabilizado por algum erro de outros. *Fulano, que num tinha nada a vê co´a quebra da louça, acabô pagano o pato só porque tava por perto. No final das conta, todo mundo tirô o seu da reta e quem acabô pagano o pato foi sicrano.*

Pagar o turco. Ir ao banheiro, defecar. *Fulano sumiu de vista, acho que foi pagá o turco. Sicrano deu u´a desculpa qualqué e foi pagá o turco rapidinho.*

PAI s.m. V. *tirar o pai da forca.*

PAIAGUÁ adj. s.2g. Sujeito ingênuo, meio bobo. *Deixa de sê paiaguá, ô tonto.* **V.** arigó, bocó, cabeça de porongo, jacu, loque, mocorongo, mondrongo, pato, tongo, zureta.

PAI-D'ÉGUA s.m. Pessoa ou coisa de boas qualidades. *Eta, cabra pai-d'égua, valente como só ele. Fulano comprô um cavalo pai-d'égua*. **C.** Expressão corriqueiramente utilizada pelos migrantes de origem nordestina.

PAIOVA (ó) s.m. Cigarro de palha feito manualmente. *Fulano foi pro paiol procurá u´as paia lisa pra podê pitá um paiova.* **Var.** paiová. **V**. pacaia, palheiro.

PALANQUE EM BANHADO s.m. Algo frouxo, mole, pouco resistente. *Tomô todas e ficô firme que nem palanque em banhado.*

PALERMO s.m. Palerma, pessoa lenta demais, sem iniciativa, acomodada. *Xingaro o fulano na festa e ele num reagiu, é um palermo. Todos eles conseguiro subi na árvore, menos o palermo do sicrano.*

PALETÓ s.m. V. abotoar o palitó.

PALHA s.f. Mentira, conversa fiada. *Não confia no fulano, que ele só conta paia. De paia e conversa mole tô de saco cheio.* **Var**. *páia.* **V.** *fogo de palha, puxá uma paia, tirar uma palha.*

PALHEIRO s.m. 1. Cigarro de palha. *Vamo pitá um paiero? O melhor palhêro é feito cum fumo de rolo de Arapiraca. Seu Egídio era um mestre na arte de fazê um bom paiero.* **2.** Pessoa que conta mentiras. *Fulano é um paiêro só; é u´a mentira atrais da outra.* **Var.** paiêro.

PALHOÇA s.f. Construção rústica feita de troncos e coberta por folhas de palmeira ou sapé. *Para abri o sítio, foi feita u´a paioça que chovia mais dentro do que fora.* **C.** Podia designar uma habitação muito simples.

PALMA BENTA s.f. Palma de coqueiro benzida no Domingo de Ramos. *Dona fulana nunca deixa de levá suas palma pra benzê no Domingo de Ramos.* **C.** Era comum as pessoas fazerem trançados decorativos nas palmas a serem benzidas no Domingo de Ramos, o último antecedente ao domingo de Páscoa na liturgia católica. Acreditava-se que queimar palma benta no fogão ajudava a afastar as tempestades.

PALMATÓRIA s.f. V. dar a mão à palmatória.

PAMONHA s.f. 1. Tipo de comida feita de milho verde. *As pamonha da dona Irma eram famosas, em algumas ela punha alguns pedaço de quejo*. **C.** Na época em que o milho ficava granado era costume algumas mulheres se juntarem para fazer pamonha, sobrava para os homens a busca das espigas na roça. **2.** Indivíduo sem expressão, pessoa sem habilidade, indivíduo confuso. *Fu-*

lano é um pamonha, aceita desaforo sem reclamar. O pamonha do sicrano feiz de conta que num viu a namorada dele cum otro sujeito. Vê se consegue segurá direito esta caixa, seu pamonha.

PAMPEIRO s.m. Confusão, briga, choradeira. *Fulano desacatô sicrano e aí foi aquele pampero. Fulana arma pampêro toda veiz que bebe pinga além da conta*. **V.** desgraceira, forrobodó, furdunço, melê, merdeiro, perereco, pipoco, rebosteio, treta, vuco-vuco, ziquizira.

PANCA s.f. Aparência, modo de se portar, imitação afetada. *Fulano só tinha panca de gente fina; no fundo, no fundo, era mesmo um caipirão. Sicrano só sabia botá panca, mais num era de nada, tenho pena dele.* **V.** pancudo.

PANÇA s.f. *Barriga, bucho*. Fulano l*evô um soco na pança que até perdeu o fôlego. Sicrano feiz operação de penicite e ficô cum baita corte na pança.*

PANCADA s.f. V. saco de pancada.

PANCUDO adj. Que ostenta *panca*. *O fulano era um cara pancudo e tinha gente que admirava o tipo que ele aparentava sê*. **Var.** pancoso.

PANÇUDO adj. V. piá pançudo.

PANDU s.m. Estômago, pandulho. *Fulano num tava cum fome no armoço porque encheu o pandu de melancia e mamão lá na roça*. *Sicrano gosta de enchê o pandu de bestêra e depois perde o apetite na hora da bóia*. **S**. pança, barriga.

PANELA s.f. 1. Dente com cárie muito grande. *Foi ao dentista tratá de duas panela que tinha na boca, voltô sem um dente.* **2.** Grupo de amigos, curriola, turma. *Na cidade, qualquer lugar que fosse, sempre tinha u´a panelinha jogano conversa fora.* **V.** bagraiada, curriola, negada, patota, tropa.

PANEMA s.m. Rio Paranapanema. *Esta semana fui pescá no Panema. No Panema dá muitos tipo de pexe: lambari, piaba, surubim, jaú, pacu, curimbatá, bagre e otros.*

PANHAR v. Apanhar. *Vamo panhá café que o sol já se faz tarde. Fulano, panhe u´as mixirica pra levá pra casa. Vamo panhá u´as espiga de mio pa fazê pamonha.*

Pão duro. Sovina, mão de vaca, mão fechada. *Fulano é o maior pão duro da região, nem por reza braba ele abre mão de algum dinhero. Todo mundo parô pra comê um lanche, menos o sicrano que é muito pão duro*.

PAPAGAIO s.m. 1. Título bancário, nota promissória. *Fulano tá tão inrolado que num consegue dá conta de pagá os papagaio que feiz no banco. Sicrano tem vários papagaio pra pagá este meis, vai fartá grana pra isso*. **2.** Exclamação de surpresa, indicando forte espanto. *Papagaio! A peroba foi cortada do jeito errado e caiu enriba do caminhão de tora*. *Papagaio! vê só o tamanho daquela cobra, cai fora que a bicha é braba.*

PAPAI s.m. V. filhinho de papai.

PAPO AMARELO s.f. Winchester 44. Apelido dado a esta carabina por ter uma de suas partes feitas em latão amarelo. *Fulano tem u´a papo amarelo que ganhô de seu pai.* **C.** Era uma das armas mais desejadas na ´frente pioneira´.

PAPO s.m. Mentira, lorota, conversa mole. *Fulano só tem papo; dinheiro, que é bom, necas.* **V.** papudo.

PAPUDO adj. Mentiroso, contador de vantagens, metido a importante. *Fulano é muito papudo, ninguém acredita nele.*

PAQUETE s.m. Menstruação. *Fulana num saiu de casa porque tava de paquete.*

PARAGATA s.f. V. alpercata.

PARAÍBA s.2g. Nordestino. *Isso é serviço de paraíba. Só paraíba pra fazê um serviço desses!* **C.** Designação genérica dos nordestinos emigrantes, de natureza pejorativa e preconceituosa. Ocasionalmente, *baiano* era usado com o mesmo sentido. **V.** cabeça chata, pau de arara.

PARAÔ interj. Expressão pela qual se diz para parar de fazer algo. *Paraô, ce tá me incomodando.*

Parecer um judas. Estar mal vestido, mal enjambrado. *Vai colocá u´a roupa decente ô fi di deus, ocê tá pareceno um judas.*

PARÊIO s.f. Igual, semelhante, alinhado, nivelado. *Fulano fincô os palanque e deixô tudo pareio. Pra fazê o terrerão de café tem que deixá o terreno bem pareio. Da carga de algodão, metade tava pareia, metade tava disconforme. Dificil escolhê o melhor no lote de gado, tá tudo pareio.*

PARGATA s.f. V. alpercata.

PARIDEIRA s.f. 1. Mulher com muitos filhos, mulher com filhos sadios. *Dona fulana é u´a boa parideira.* **2.** Também era usado para referir fêmeas de animal que fossem boas procriadoras. *Sicrano tem u´a vaca paridêra que dá um bezerro todo ano.* **Var.** paridêra.

PARTELÊRA s.f. Prateleira, móvel onde se guardam os pratos. *Dona fulana ganhô u´a partelêra nova e ficô muito contente. Fulano foi quem feiz as partelêra da casa dele.*

PARTIR v. Dividir ou quebrar algo. *Fulano partiu o braço. Os herdêro partiro o lote em dois e cada filho ficô co´a sua parte.*

Passar a perna. Enganar, lograr, dar um golpe em alguém, passar outrem para trás. *Fulano passô a perna em sicrano e vendeu um burro doente como se fosse sadio.*

Passar nos cobres. Vender algo. *Passô a fazenda nos cobre e sumiu no mundo; foi pra São Paulo.*

Passar sebo nas canelas. Correr ou apressar o passo, tomar iniciativa de correr. *Na hora em que o boi investiu, fulano passô sebo nas canela e escafedeu pelo cafezal*.

Passar um sabão. Dar bronca em alguém, passar descompostura, ralhar. *A professora passou um sabão nos bagunceiros e deixou todos de castigo.*

PASSARINHO s.m. V. água que passarinho não bebe.

PASTÔ s.m. Pastor. *O pastô daquela igreja também foi professô da grupo escolar.*

PASTO s.m. V. amarrar o bode no mesmo pasto.

PATACA s.f. V. meia-pataca.

PATACOADA s.f. Trapalhada, ação desastrada, sacanagem, conversa ou ação engraçada. *Fulano feiz u´a patacoada co sicrano que deixô ele muito triste. A turma do piquenique só feiz patacoada no sítio do beltrano.*

PATAVINA s.f. Coisa alguma, nada. *Não entendeno patavina fulano num concordô cum nada do que foi dito. Sicrano conseguiu aprendê um poco de aritmética, mais do resto ele num aprendeu patavina.* **C**. Em geral era um termo usado no plural.

PATEAR v. Passar por bobo. *Fulana deu u´a grande pateada ao aceitá a mão do sicrano em casamento porque ele num qué nada co batente.*

PATENTE s.f. Vaso sanitário. *O banheiro da casa da fulana tem até patente, é um luxo só.*

PATO s.m. Indivíduo tolo, bobo, palerma, sem coragem, ingênuo, fácil de ser enganado. *Fulano é muito pato, tava seno enganado pelo sicrano e nem se deu conta. O pato que acabô pagano a conta foi o beltrano, o resto da turma tirô da reta. Vendêro um sítio de terra ruim pro fulano, como se fosse terra de primêra e ele caiu como um pato. Só o pato do sicrano pra acreditá numa conversa desta.* **V.** a leite de pato, pagar o pato, arigó, bocó, cabeça de porongo, jacu, loque, mocorongo, mondrongo, paiaguá, tongo, zureta.

PATOTA s.f. Grupo de pessoas, geralmente usado para referir aqueles mancomunados entre si por algum motivo; grupo de jovens que andam sempre juntos. *Os político daquela época servia menos para defendê os reclamo da população do que para tirá proveito para a patota vencedora.* **V.** bagraiada, curriola, negada, panela, tropa.

PAU s.m. V. a dar com pau, cagar pau, camaçada de pau, cara de pau, chutar o pau da barraca, fechar o pau, ir pro pau, *matar a pau, no pau da viola,* orelha de pau, pau de arara, pica-pau.

PAU D'ÁGUA s.m. Bêbado, alcoólatra. *O marido da fulana é um pau d´água bastante conhecido na praça. O pau d´água do sicrano tem que tomá u´a logo de manhã que é pra firmá a munheca.*

PAU DE ARARA s.m. 1. Migrante nordestino. **2.** caminhão com cobertura de lona destinado ao transporte de migrantes. *A fazenda do fulano foi aberta à custa do trabalho dos pau de arara. Boa parte dos peão que trabalharo na região veio de pau de arara lá das banda do Nordeste.* **V.** cabeça chata, paraíba.

Pau de virar tripa. Pessoa muito magra e alta. *A noiva até que tava bonita, mais o noivo era um pau de virá tripa. Dos treis peão que pode te ajudá a colhê laranja, pega o fulano que é um pau de virá tripa, o mais alto de todos.* **Var**. pau de virá tripa.

Pê da vida. Brabo, fulo da vida, indignado, revoltado. *Fulano ficô pê da vida quano sobe que robaro seu melhor cavalo. Sicrano, depois que soube dos boato a seu respeito, ficô pê da vida.*

PÉ DE BODE s.m. 1. Pé de cabra. **C.** É uma alavanca de ferro, pontuda em uma das extremidades e aberto em V na outra, usada sobretudo para arrancar pregos. Era comum em mãos dos carpinteiros de casario à época. **2.** Veículo antigo da marca Ford, carro velho, carro de pequeno porte. **C.** Era bastante comum em meados de século XX, mas poucos em Capelinha. **S.** ximbica.

PÉ s.m. V. andar de orelha em pé, ao pé da letra, ao pé do ouvido, arrasta pé, chanca, dar no pé, de a pé, de orelhas em pé, deu no pé, meter o pé na jaca, pé de cachorro, pé de bode, pé de cana, pé de orelha, pé duro, pé no saco, pé rapado, pé vermelho, rapar o pé do santo, sem pé nem cabeça, um pé lá outro cá.

PÉ DE BOI s.m. Pessoa trabalhadora. *Fulano é um pé de boi na colhêta do café; vale por dois peões.*

PÉ DE CACHORRO s.m. V. alpercata.

PÉ DE CANA s.m. Bêbado, borracho. *Fulano é um verdadêro pé de cana, vive cuzido de tanta manguaça.*

PÉ DE ORELHA s.m. Tapa dado na lateral da cabeça. *O diretor deu um pé-doreia no fulano, que ele perdeu o rumo da porta.* **Var.** pé-doreia. **V.** tabefe.

Pé na tábua. Acelere, mande ver, toque em frente. *Agora que ganhô passagem, pé na tábua, se manda, vai viajar. Pé na tábua, senão a gente chega atrasado.*

Pé no saco. Pessoa impertinente, chata. *Fulano é um pé no saco, sempre vem co´a mesma conversinha besta. De tanto insisti em renegociá o acordo, o sicrano mandô o amigo pé no saco pro meio dos inferno.*

Pé rapado. Pobre, sem recursos. *Fulano foi proibido de namorá sicrana porque o pai dela achô que ele é um pé rapado. Beltrano, num tem onde cai morto, sua fama é de pé rapado.*

PÉ VERMELHO s.m. Geralmente, senso estrito, referia as pessoas moradoras das áreas de terra roxa, mas, de modo geral, assim ficaram conhecidos os norte-paranaenses, independentemente das terras onde morassem serem latossolo roxo (terra vermelha) ou arenito caiuá. **Var.** pé vermeio.

PEÃO DE TRECHO s.m Trabalhadores rurais que não tinham morada certa e que viviam de trabalhos braçais em derrubadas de matas e de serviços em sítios e fazendas. Em geral, levavam seus poucos pertences em um saco ou pequena mal. *Fulano contratô uns peões de trecho pra fazê a colheita. Sicrano num gosta de trabalhá cum pião de trecho porque eles só sabe fazê o que fô mandado, se num mandá num acontece nada.*

Pedir água. Pedir clemência, desistir, entregar os pontos. *Depois de enfrentá os jagunço por quase um mêis, fulano pediu água e abandonô as terra. Sicrano plantô em terra de pindaíba, poco produtiva, teve que pedi água e voltá donde veio.*

Pedir arrego. Pedir perdão, pedir um tempo, abandonar, desistir, entregar-se. *Fulano num aguentô o tranco no cabo da enxada e pediu arrego. Depois de muito tentá e nada consegui na roça, sicrano pediu arrego e foi morá na vila*. **V.** pedir penico.

Pedir pinico. Desistir de algo, pedir ajuda contra vontade. *Fulano tentô construi a represa sozinho, mais no fim teve de pedi pinico pros vizinho.* **V.** pedir arrego.

Pedra no sapato. Problema que incomoda, coisa que prejudica. *Fulano é u´a pedra no sapato de sicrano, só faiz coisa errada. Sem podê mandá embora o cunhado trapalhão, sicrano tem que convivê cum essa pedra no sapato.*

PÉ-DURO s.m. Boi sem raça, de pouca qualidade. *Essa boiada é só de pé-duro. Essa vaca quase num dá leite, ela é pé-duro.*

PEGA s.f. V. dar uns pega.

Pegar no cabo seco. Pegar no cabo da enxada, capinar. *De sol a sol, o serviço dele é pegá no cabo seco.* **V.** pegar no guatambu.

Pegar no guatambu. Pegar no trabalho, no cabo da enxada, roçar ou capinar. *Quem num estuda tem que pegá no guatambu. Gente que mora e depende da roça mais que num qué pegá no guatambu é vagabundo.* **C.** Guatambu era uma árvore que dava bons cabos de enxada. **V.** guatambu.

Pegar no pesado. Iniciar um trabalho, trabalho duro, difícil. *O serviço da roça é para quem gosta de pegá no pesado. Amanhã começo a pegá no pesado lá no meu novo serviço.*

Pegar pelo cu das calças. Pegar alguém de surpresa, surpreender. *O pai da namorada do fulano pegô os dois pelo cu das calça dentro do carro. Sicrano num viu o meganha e foi pego pelo cu das calça quando robava galinha.* **Var.** pegá pelo cu das calça.

Pegar uma boleia. Pegar uma carona, em geral na carroceria de algum caminhão. *Cheguei cedo porque consegui pegá u´a boleia co vizinho*. *Foi de boleia em boleia que fulano conseguiu vim lá de Minas pra cá.*

PEGAR v. V. *na hora do pega pra capá.*

Pego pra criar. Criança adotada sem intermediação legal, criança dada voluntária e diretamente para ser criada por outra família. *Fulano tem dois filho, u´a menina e um menino, que foi pego pra criar. Sicrano e beltrana, num tivero filho, mais pegaro treis pa criá.*

PEIA s.f. Surra. *Sacaneou o irmão e levou uma peia do pai.* **V.** coça, piaba, pisa, sova, tunda.

Peidar a massa. Amassar a massa para fazer pães até ela dar pequenos estouros. *Pro pão fica bão tem que batê na massa até ela peidar. Massa de pão que num peida é pão que num dá certo. A gente tem cilindrá a massa até ela peidar.*

PEIDAR v. V. peidar a massa, soltar um traque, vá peidar no mato.

PEIDORREIRO s.m. Pessoa sem qualidade, alguém que não merece respeito. *Fulano num passa de um peidorreiro; tem muito que aprendê na vida.* **V.** bagrinho, cabeça de bagre, zé-ruela.

PEITO s.m. V. *arrebenta-peito.*

PEIXADA s.f. Favorecimento, tratamento privilegiado. *Fulano tem peixada co gerente do banco; consegue empréstimo cum facilidade. Fulano só passô de ano por pexada do professor. Sicrano consegue tudo o que quer porque ele é o peixinho do pai; tem pexada.*

PELAR v. Tirar tudo ou quase tudo, tirar o pelo ou as penas de algum animal. *Fulano pelô os pés de laranja, não deixô nem u´a pra familha. Sicrano pelô o porco encima duma porta velha. Sicrana escalda o frango na água quente pra depois pelá as pena dele.*

PELO s.m. V. fofar o pelo.

PENA s.f. V. a duras penas.

PENICITE s.f. Apendicite. *Fulano tá cum penicite estuporada. Sicrano feiz cirurgia de pênis. Dor de penicite. Dor de pênis*. **Var.** pênis.

Pensar na morte da bezerra. Pensar sem objetividade, divagar em pensamentos inúteis, fantasiar os pensamentos. *Depois que feiz a bestêra, num dianta fulano ficá pensano na morte da bezerra. Se sicrana ficá pensano na morte da bezerra ao invés de tentá resolvê o problema, ela só vai perdê tempo.*

PENSO adj. Torto, entortado, pendido para um lado. *Por falta de prática o pessoal deixô a carga de algodão pensa prum lado. Depois de armado mastro co´s santo junino é que percebêro que o pau ficô penso.*

PENTEADEIRA DE PUTA s.f. Ambiente exageradamente enfeitado. *O bar do fulano tá pareceno penteadera de puta. O quarto da sicrana tá tão carregado de enfeite que parece penteadêra de puta.* **Var.** penteadêra de puta.

Pentear macaco. Sair de perto, mandar às favas, expulsar alguém. *Fulano cansô das burrice do sicrano e mandô ele penteá macaco. Beltrana num guentô o papo furado do amigo e mandô ele penteá macaco.*

PEQUENO adj. V. café pequeno.

Peraí. Aglutinação de espera aí. Expressão com que determinar para espera, ir com cuidado ou prestar atenção. *Peraí, vai divagá co andor que o santo é de barro. Peraí, fulano, o sicrano já tá chegano e aí a gente decide o que fazê.*

Perder a linha. Ficar nervoso, perder o controle de si, perder a compostura. *Depois que fulano desquitô de sicrana aí então ele perdeu a linha. É fácil beltrano perdê a linha, é só falá mal do sócio dele. Para reclano perdê a linha basta ele tomá um lavrado de cajibrina.*

PERCA s.f. Perda, ato ou efeito de perder algo, ser privado de algo que possuía. *Fulano teve perca total da colheta co´a giada. Sicrano num sabe como resolvê a perca de grana no jogo e nem que disculpa vai dá pra muié dele. Se acontecê perca no negócio das terra, então o problema é do beltrano.*

PEREBA s.f. Pequena ferida, inflamação. *Os espinho fizero um monte de pereba nela. O animal tava cheio de perebas. O azar foi que pra cada picada de mosquito apareceu u´a pereba.*

PEREBENTO adj. Com perebas. *Fulano tá co corpo todo perebento*.

PERERECA s.f. Vagina. *Tá na hora do banho, menina!. Num esquece de lavá bem a perereca, tá intendeno, ô criança. Andô a cavalo no sítio do avô que feiz assadura na perereca da fulana*. **V.** chana, perseguida, piriquita, prexeca, xereca.

PERERECO s.m. Confusão, situação constrangedora. *O pai dela pegô os dois namorano atráis do muro, foi um perereco só*. **V.** *desgraceira, forrobodó, furdunço, melê, merdeiro, pampeiro, pipoco, rebosteio, treta, vuco-vuco, ziquizira*.

PERIQUITO s.m. V. afogar o periquito.

PERNA s.f. V. abarcar o mundo com as pernas, abrir as pernas, bater pernas.

PERRENGUE s.m. Dificuldade, aperto, sufoco, medo. *Fulano tava longe de qualquer lugar abrigado quano caiu a tempestade, passô o maior perrengue. Foi um perrengue só quano o cachorro do japonês foi pra cima deles. Doente e sem recurso sicrano passô um bom perrengue dos diabo quando abriu as mata do sítio dele.*

PERSEGUIDA s.f. Vagina. *Fulana tava de calça tão justa que a perseguida quase saltava na cara do povo.* **V.** chana, perereca, piriquita, prexeca, xereca.

PESADO s.m V. *pegar no pesado.*

PESCOÇÃO s.m. Pancada com a mão, no pescoço; tapa, tabefe, cacetada. *Fulano deu um pescoção no filho dele só por causa duma discordância besta. Depois de levá um pescoção bem dado, sicrano apagô o pito e foi dormi co´as oreia quente.*

PESCOCEAR v. Olhar para os lados, matar o tempo, meter o nariz onde não foi chamado. *Fulano ficô pescociano o tempo todo, parecia procurá alguém. Quem mandô ele pescociá onde num devia, se ferrô.*

PESCOÇO s.m. V. *com a corda no pescoço.*

PESTE s.f. V. *cabra da peste***,** *casa da peste, êta cabra da peste.*

PESTEADO adj. Doente, com problemas de saúde, com alguma praga. *Lavoura pestiada. Porco pestiado.*

PETECA s.f. Brinquedo feito de penas de galinhas espetadas numa almofada feita de palha de milho, couro ou pano. *Seu fulano é craque em fazê petecas de palha.* **C.** Jogava-se com as mãos, em partidas de duas ou, mais raramente, quatro pessoas.

PETELECO s.m. Tapa, tabefe, soco, murro, batida. *Fulano tomô uns peteleco do pai e foi dormi co´as oreia quente. Depois de bebê u´as e otras, os amigos se estranharo e se dero uns bons peteleco entre eles.*

PETIÇÃO DE MISÉRIA s.f. Situação ruim, estado deplorável. *Fulano entrô no meio do espinhêro e sua roupa ficô em petição de miséria. Fomos pro sítio do fulano e os calçado ficaro tudo enlameado, em petição de miséria.*

PIABA s.f. Surra, espancamento, derrota. *Fulano levô u´a piaba do pai dele e ficô co´a bunda roxa de tanto apanhá. O time do beltrano tomô u´a piaba lá no campinho do adversário que perdêro até o rumo de casa.* **V.** coça, peia, pisa, sova, tunda.

PICA s.f. V. couro de pica, *espirro de pica.*

PICA s.f. Pênis. *Fulano tem a pica grande. Sicrano pegô u´a doença na pica e agora vai tê qui tomá benzetacil.* **V.** chapuleta, chulapa, manguaça, naba, pinguelo, piroca, queijinho. **Var**. piça.

PICADA s.f. V. *fim da picada.*

PICADA s.f. Trilha aberta a facão e foice em meio à mata. *O doutor Palhano abriu muita picada no muque para fazê marcação de terreno no norte do Paraná.* **C.** Era o primeiro caminho para se ter acesso aos lotes de terra. Em geral, as picadas eram feitas para que os agrimensores pudessem fazer a demarcação dos lotes nas áreas a serem comercializadas. **V.** *fim da picada.*

PICADÃO s.m. Picada de maior largura, pela qual podiam passar animais de carga. **C.** O picadão antecedia as estradinhas ou caminhos trafegáveis em meio à mata. Capelinha surgiu no encontro do picadão que ia de Maringá a Paranavaí e aquele que ia em direção à Estrada Inglesa.

PICADO adv. A varejo. *Fulano comprava no atacado, mais só vendia picado.*

PICA-PAU s.f. Espingarda de carregar pela boca, cujo acionamento era feito a espoleta. *Comprei u´a pica-pau para caçá uns passarim no sítio.* **S.** chumbeira, taquari.

Picar a mula. Andar mais rápido, sair depressa, partir, ir embora, fugir, escafeder. *Fulano picô a mula e deixô a muié falano sozinha. Veno que o tempo tava fechano sicrano tratô de picá a mula antes da chuva.*

PICARETA s.2g. Vendedor de terra e veículos. *Comprei as terra de um picareta lá em Atalaia e até que o preço num foi ruim. Aquele cafumango é um picareta de marca maior.* **C.** Também se aplicava às pessoas não merecedoras de confiança. Geralmente, esta pecha era usada para referir os vendedores ou intermediários de venda de terras (corretores), agentes estes que nem sempre agiam com lisura e honestidade. Em algumas situações era considerado um xingamento.

PICIRICA adv*.* Coisa nenhuma, nada. *Da fala do professor eu num entendi picirica nenhuma. Fulano arrota valentia, mais num é de picirica alguma.*

PIÇO s.f. Biscate, pessoa que faz sexo casual sem compromisso. *Depois de flertá co´a fulana um tempo é que fulano descobriu que ela era piço. Ela parece séria e recatada, mais quem conhece mais de perto sabe que ela é piço*.

PICUÁ s.m. Embornal, bornal. *Encheu o picuá de maxixe e foi embora. Num enche os picuá, vá torrá o saco da tua mãe.*

PICUMÃ s.m. 1. Teia de aranha enegrecida e intumescida pela fuligem do fogão de lenha. **2.** Sujeira nos orifícios do corpo. *A poêra da tulha era tão forte, que fiz até picumã no nariz. Faiz tanto tempo que ela num transa que a xota tem até picumã.* **Var.** picomã.

PIDONCHO s.m. Pedinte contumaz. *Na famílha do fulano todo mundo é pidoncho. Tem um bocado de pidoncho por ai que ao invéis de trabalhá fica filano coisas dos otro.*

PILA s.f. Dinheiro, divisa monetária. *Quantas pila vale o cavalo dele? Me dá duas pila de fumo.* **C.** O termo era utilizado independente da moeda em curso.

PIMBAR v. Bimbar, ter relação sexual*. Fulano deu u´a pimbada na véia dele que até a vizinhança escutô os gemido.*

PINCELAR v. Passar o pênis na vagina da mulher. *Fulana gosta muito de u´a boa pincelada. Véio do jeito quele tá, o máximo que consegue é dá u´as pincelada.*

PINCHAR v. Jogar algo, jogar fora, descartar. *Fulano pinchô o quêjo estragado pros porco, tava tudo fidido. Pincha u´a pedra naquela caxa de marimbondo cocê vai vê o estrago.*

PINDAÍBA s.f. V. na pindaíba*,* terra de pindaíba*.*

PINDOCAR v. 1. Matutar, pensar sobre algo, meditar, raciocinar. *Fulano fica pinducano o dia todo, mais num encontra solução pras coisa que tem de resolvê. De tanto pindocá, sicrano acabô entendeno o problema.* **2.** Ficar louco, confuso. *Fulano num pindoca muito bem, só faiz bestêra*.

PINGA s.f. V. *pudim de pinga.*

Pingos nos is. Esclarecer dúvidas, acertar pontos obscuros numa fala, organizar alguma tarefa. *Vamo colocá os pingo nos i antes de começá a fazê este serviço. É preciso que fulano coloque os pingo nos i porque até agora ninguém entendeu o que ele falô*.

PINGUÇO s.m. Bêbado, alcoólatra. *Fulano é um pinguço de primeira. Sicrano tá quase virano pinguço.*

PINGUELA s.f. Ponte improvisada, geralmente com um tronco. *Fizero u´a pinguela pra dá passage sobre o córgo e agora isso encurtô o caminho. Depois da chuva braba abriu um baita buracão que tivero que fazê uma pinguela pra atravesá a rua.*

PINGUELO s.m. Pênis. Lá na cachoeira do matadouro eles *foro tomá banho de cueca e co pinguelo de fora.* **Var.** pingolim, pingolão. **V.** chapuleta, chulapa, manguaça, naba, pica, piroca, queijinho*.*

PINICADA s.f. Beliscão. *A mãe da fulana deu u´a pinicada nela que ela ficô sem jeito.*

PINICO s.m. Penico. Vasilha destinada à recolha de xixi e fezes. *Fulano levantô à noite e pisô no pinico, foi um estrago. Fulana num tinha pinico por perto e teve que i pra capoêra soltá um barro.* **C.** Geralmente ficava debaixo da cama para eventuais necessidades à noite. Pela manhã, o conteúdo do penico era jogado na casinha ou na capoeira das cercanias. **S.** comadre. **V.** pedir pinico.

PINOIA s.f. Coisa negativa, coisa ruim, qualquer coisa, algo de baixo valor, porcaria. *Quem foi que disse essa pinóia? De tanto falá pinóia fulano acabô seno excluído da turma. u´a pinóia que eu vô nessa pescaria, na última ocêis me sacanearo.*

PINTA s.f. Panca, aparência bonita. *Fulano tá sempre na pinta e é admirado por isso. Sicrano só tem pinta de inteligente mais quano fala só sai merda, ô bicho burro sô*. **V.** andar na estica, andar na pinta, boa pinta.

Pinta brava adj.2g. Bagunceiro, arteiro, agitado. *A filha da fulana é muito pinta braba, tem que andá de olho nela o tempo todo. Sicrano, pelo jeito, é pinta braba, vê só a bagunça que fêiz no paiol.* **Var.** pinta braba. **V.** espoleta, sapeca.

Pintar o sete. Aprontar alguma arte, fazer alguma travessura, bagunçar. *Fulano tomô algumas birita e começô a pintá o sete no baile. Sicrano esqueceu o que o pai tinha mandado fazê e pintô o sete quano foi pra vila fazê compra de mês. Cuidado co´s filho do beltrano, é u´a criançada que gosta de pintá o sete, e os pais nem se importa cum isto*.

PIÓ adj.2g. Pior. *Pió que muié feia é muié ciumenta. Dasveis acontece u pió, dá vontadi di trabaiá, aí eu deito e ispero a vontadi passá.*

PIOLHEIRA s.f. Infestação de piolhos. *O galinhêro do fulano tá cheio de pioinho; tá u´a pioiera só. Na tulha do sicrano, tinha u´a galinha chocando, além dos ovos o que tinha muito por lá era a piolhêra que a galinha levô junto.*

PIOLHO s.m. Bola de gude bem pequena, geralmente de cor forte com riscos de cores variadas. **Var.** piolhinho. **V.** americana, batatão, birosca, bol de gude, burca, carretão, cascuda, cebolão.

Pior que é mesmo. Expressão de concordância. *Me dissero que o fulano vai casá co´a fulana meio a contragosto, pior que é mesmo. A fama de mau atendimento do açougue do sicrano já correu a vila, pior é que é mesmo ruim.*

PIPOCA s.f. 1. Pequena verruga ou erupção alérgica na pele. *Comeu camarão e ficô todo pipocado. Sicrano tá co pescoço cheio de pipoquinhas.* **2.** Doença que atacava os porcos, cisticerco. *Fulano teve que fazê sabão do porco todo porque ele tava cheio de pipoca.* **S.** canjiquinha, solitária

PIPOCAR v. 1. Dar pra trás, mancar, faltar com a palavra. *Aí, na hora do vamo ver, fulano pipocô e fugiu da raia.* **2.** Irromper, formar-se. *Pipocô confusão no pedaço e foi aquele gritêro da mulherada.*

PIPOCO s.m. Confusão, bagunça, ocorrência rápida. *Depois que os briguento derrubaro o lampião do baile foi aquele pipoco, gente escafedeno pra todo lado.* **V.** desgraceira, forrobodó, furdunço, melê, merdeiro, pampeiro, perereco, rebosteio, treta, vuco-vuco, ziquizira.

PIQUE s.m. Brincadeira de criança. **C.** Uma das crianças protege o pique (geralmente um poste, palanque ou esteio) e as demais têm que bater a mão no pique sem que sejam tocadas por aquela que protege o pique. Ao baterem a mão no pique, têm que dizer *pique!*

PIQUITITIM adj. Pequenininho, de pouca monta ou tamanho. *No tanque do Valdemar só tem lambari piquititim. Colhêro um montão de bobra, mais a maioria delas era muita piquititinha.*

PIRIQUITA s.f. Vagina. *Ela tá cum cocêra na piriquita.* **Var.** priquita. **V.** chana, perereca, perseguida, prexeca, xereca.

PIRIRICA s.f. 1. Alergia, irritação da pele. *Fulano bricô de rolá em cima do capinzal e não viu as urtiga, ficô se coçano todo e cheio de piririca.* **2.** Sujeira que fica nas dobras do corpo. *Vá tomá banho, menino, cê tá cheio de piririca.*

PIROCA s.f. Pênis. **V.** chapuleta, chulapa, manguaça, naba, pica, pinguelo, queijinho. *Fulano tá cum cancro na piroca.*

PIROCADA s.f. 1. Trepada. *Fulano é muito garganta, fica dizeno que conseguiu dá u´a pirocada na fulana, mais acho que é só paia.* **V.** afogar o ganso, bimbada, créu, vuco-vuco. **2.** Bronca severa. *Sicrano levô u´a pirocada do patrão, que chegô a perdê o rumo.*

PISA s.f. Surra. *Fulano levô u´a pisa do meganha em plena rua.* **V.** coça, peia, piaba, sova, tunda.

Pisar na bola. Fazer algo errado, agir de forma indevida, cometer erros. *Fulano pisô na bola cum sicrano depois de tomá dinhêro emprestado e num pagá o que divia. Sicrano pegô a derrubada de empreita, mais pisô na bola co sitiante quano num apareceu pro serviço. O filho do beltrano vive pisano na bola co´a família, sempre que faiz alguma coisa errada o pai é que paga o pato.*

Pisar na bosta. Sair-se mal, sofrer algo inesperado. *O cara pisô na bosta e o patrão mandô ele embora.*

PISCUÍRA s.2g. Criança franzina. *O fulano tem dois filhos, o gordão e o piscuíra. O pai é u´a vareta, a mãe u´a barrica de banha e a molecada é tudo piscuíra.*

PITADA s.f. Bronca, pito. *A professora Edna deu u´a pitada no José. Fulano passô um pito no sicrano que dexô ele todo vermeio de vergonha.* **V.** *pitar, dar uma pitada.*

PITAR v. Fumar. *Fulano pitô uns cinco paiêro enquanto esperava o parto da mulher. Gosto mais de pitá um paiêro que cigarro de papel.* **Var**. pitá.

PITIBIRIBA s.f. V. *neca de pitibiriba.*

PITITICO adj. Pequeno, muito pequeno. Nasceu a fia da fulana, é pititiquinha. *Oi fulano, colhe só as fruta grandona, as pititica joga fora. No córgo do seu sicrano só dá pexe pititico.*

PITO s.m. 1. Libélula que habita rios e água parada. **S.** *lava-bunda, lava-cu*. **2.** Cachimbo, cigarro de palha. **V.** apagar o pito. **3.** Admoestação severa, bronca, chamada de atenção. *O professor Raul deu um pito geral na turma.* **Var.** pitada. **V.** dar pito, tomar pito, sossegar o pito.

PÍULA s.f. Pílula. *O dotô mandô tomá u´a píula a cada seis hora.*

PIXACO adj. Encarapinhado, enroladinho (diz-se do cabelo.) *Meu cabelo é difícil de penteá porque é pixaim.* **S.** *carapinha, cacheado*. **Var.** pixaim, pixeco.

PIXOTEADA s.f. Mancada, ato bisonho, coisa malfeita. *Aquela compra de milho foi u´a pixoteada do fulano. O boi escapô por pixotada do sicrano.* **Var.** pixotada.

Pó da gaita. Muito cansado, pessoa idosa, acabada. *Fulano passô dos oitenta, tá que é só pó da gaita. Sicrano correu uns cinco quilômetro, chegô no pó da gaita. Beltrano tá no pó da gaita, num guenta otro inverno.* **Var.** pó de mico.

PÓ DE ARROZ s.m. Pessoa muito delicada, homossexual, de gestos efeminados. *Fulano tá pareceno u´a mocinha, é muito pó de arroiz pro meu gosto. O pó de arroiz do sicrano gosta mais da companhia das moça do que andá c´os home*. **S.** *florzinha*.

PODAR v. Ultrapassar, cortar a frente. *Na corrida, o cavalo baio podô a égua vermelha, facinho, facinho. Vamu podá o jipe e deixá ele comeno puera? Se tem uma coisa que fulano gosta é de podá todo mundo na estrada.* **Var.** podá, apodar.

Pode erguer. Expressão de anuência. *Se o compadre sai candidato, pode erguê que eu também ajudo. Se o parcêro tivé carta, pode erguê que eu sustento.*

POIOCA s.f. Qualquer coisa. *Pega aquela poioca lá e dá u´a cacetada na cabeça dele*. **V.** bagulho, escambaus, joça, tareco, trosfego.

Pois óia que. Expressão que introduz aceitação ou negação. *Pois óia que o fulano chegô no horário! Pois óia que nem morto eu concordo.*

POLEIRO s.m. Arquibancada do circo. *Fulano assistiu ao espetáculo nas cadeiras, nós ficamos no puleiro.*

POLÍCIA s.f. V. casar na polícia.

PONHAR v. Pôr, colocar. *Vô ponhá as linguiça no varal. Fulano ponhô o facão na cintura e foi pro mato. Estô aqui porque me ponharam. O povo me ponhô no cargo e num dô sastifação a ninguém docêis !*

PONTA s.f. V. aguentar as pontas, da ponta da orelha, segurar as pontas.

PONTO s.m. V. dormir no ponto.

PÓ-PA-TAPÁ-TAIO s.m. Remédio para curar feridas, pó para tapar talho, para curar feridas. *Que corte feio, sô, bota pó-de-tapá-taio que ajuda curá. É isso aí, fulano, se num botá pó-pa-tapa-taio e corte num fecha.* **C.** Em geral o Anasseptil em pó era assim chamado. **Var.** pó-de-tapá-taio.

Pôr a cara pra bater. Se responsabilizar, mostrar-se. *Todo mundo aprontô na festa, mais só o fulano deu a cara pra batê. Depois do mal feito, ninguém quis pô a cara pra batê e ficô o maior desconforto, todo mundo desconfiano de todo mundo.*

POR FORA l.adv. Sem informações sobre determinado assunto. *Tá mais por fora que semente de caju.* **C.** É base da locução prepositiva *por fora de*: *Fulano tá por fora do assunto.*

POR MOR DE QUÊ l.pron.inter. Por quê, para quê. *Pru mó di quê trocaro a diretora da escola? Mor de quê ocê tá fazendo isso?* **C.** Exprime surpresa com uma decisão. **S.** a troco de quê. **Var.** pru mor de quê, mor de quê, mó de quê.

Por um fio. Por muito pouco, por quase nada, no limite. *A vida do fulano teve por um fio quano o caminhão dele caiu barranco abaxo. Foi por um fio que a arve num caiu em riba do sicrano. O tiro passô raspano a cabeça do beltrano, por um fio que num explode os miolo dele.* **S.** por um triz.

PORCISSÃO s.f. Procissão. *Todo dia santo tem porcissão na igreja. Os missionário jesuíta fizero u´a baita porcissão em Nova Esperança.*

PORCO s.m. 1. Pessoa suja, que faz sujeira, imunda. *Fulano é muito porco, trabaia o dia todo e num toma banho. Sicrano num varre nem a casa dele, o cara é muito porco.* **2.** Serviço mal feito, mal acabado, defeituoso. *Beltrano só feiz serviço porco na construção da casa. Reclano viu a porcaria do trabalho que fizero, mais mesmo assim pagô a peãozada.* **V.** cabeça de porco, *espírito de porco, grito de porco espetado,* montar num porco.

PORONGO s.m. Cabaça. *Enche o porongo e leva pra roça fulano! Faiz um furinho no porongo e pendura na parede da casa que o jataí entra e faiz mel.* **C.** Em geral era utilizado para fazer cuias e levar água para os trabalhadores nas roças e plantações. Também servia como embalagem de produtos. Outro uso era como abrigo para colmeia das abelhas jataí (*Tetragonisca angustula*). **Var.** porungo. **V.** cabeça de porongo.

PORQUERA adj. Sujeito inútil, imprestável, porcaria, lixo, coisa que não serve para nada. *O porquera do fulano num acerta uma, só faiz merda. É muita porquera acumulada na tuia, tem que jogá metade fora. Se esta porquera valesse alguma coisa fulano já tinha vendido.*

PORRE DE MARINGÁ VELHO s.m. Grande vantagem em algo, colheita em abundância, algo que supera as expectativas. *Chegamo no dia da piracema, foi o porre de maringá velho.O velho japonês soube adubá o cafezal e a colhêta foi um porre de maringá velho, deu um lucro danado de bom.*

PORVA s.f. Coisa ou pessoa que não presta, coisa sem qualidade. *Esse canivete é porva, num vale nada.* **V.** marca traque.

POSUDO adj. Que ou quem faz ou tem pose, afetado, arrogante, presunçoso. *Fulano é boa gente, mas é muito posudo e acaba pareceno antipático. Sicrano num é gente boa basta vê como ele é posudo.*

POTRANCA s.f. Mulher formosa, mulher fisicamente bem dotada. *Fulano vive cum ciumêra da mulher dele, também, ela é uma potranca, um mulherão. No baile dos saquêro tem um bocado de potranca que aparece por lá.*

POUCO adv. V. eu acho é pouco.

POUSAR v. Dormir fora de casa. *Fulano pediu poso na casa de sicrano e lá pode descansá por algumas hora*. *A turma da pescaria posô numa tapera que tinha na bêra do rio.* **V.** pouso.

POUSO s.m. Lugar de dormir. *Vô posá lá na bêra do rio; lá é um bom poso*. *Dispois de dois dia de poso no sítio do fulano, a turma seguiu viage.* **V.** pousar.

PRA BURRO l.adv. Muito. *A carga do caminhão tava pesada pra burro! O laço, feito de couro, era forte pra burro!*

PRA CACHORRO l.adv. Muito. *Doeu pra cachorro. Longe pra cachorro.*

PRA DEDÉU l.adv. Demais. *Arde pra dedéu. Queima rápido pra dedéu. Fede pra dedéu.*

PRA DIANTE DE l.prep. Além de. *O sítio do fulano fica pra diante da placa Zacarias.*

PRA MAIS DE METRO l.adv. Muito, demais, em quantidade. *Este cara é burro pra mais de metro. Isso é dinhêro pra mais de metro*. **V.** *pra burro.*

PRAÇA s.f. Localidade onde se está, redondezas. *Fulano é um comerciante aqui da praça mesmo. Sicrano é morador da praça já faiz quase vinte anos.* **V.** carro de praça, *da praça, na praça.*

PRALÁ-PRACÁ adv. Em constante movimentação, sem rumo. *A vida do fulano é andá pralá-pracá; ele num tem parança.*

PRANTA s.f. Planta. *Na prantação do fulano, as pranta tão tudo verdinha, bunita e carregada de fruita.* **V.** prantação.

PRAQUELAS BANDAS l.adv. Em lugar distante e indefinido, em área mencionada anteriormente. *Fulano foi morá praquelas banda há muito tempo.*

PRAQUI l.adv. Para cá. *Quano eu vim praqui, tudo era mato, quiçaça, mosquito e bicho, levô muito tempo pras coisa melhorá.*

PREÁ s.m. V. *macho feito preá fêmea.*

PRECATA s.f. V. alpercata.

PREÇO S.M. V. A PREÇO DE BANANA.

PREGO s.m. V. caixa prego, *dar o prego.*

PRESSE prep.+pron. Para esse. *Presse minino nada tá bom, nada presta. Vamo presse lado que o caminho parece sê melhor.*

PRESTE prep.+pron. Para este. *Preste mal só benzimento resolve.*

PRETA adj. V. *grana preta, nota preta, rei da cocada preta.*

PRETO adj. V. a coisa tá preta, nota preta.

PREU prep.+pron. Para eu. Isso é preu fazer?

PREXECA s.f. Vagina. *A calça da fulana tava tão apertada que a prexeca dela ficava apareceno.* **V.** chana, perereca, perseguida, piriquita, xereca.

PRIMEIRO COLONO s.m. Caboclo, família em estado miserável que praticava agricultura de subsistência, via queimadas. *Nas terra de fulano, antes da abertura do sítio, vivia u´a familha de caboclo, eles foro os primêro colono da regiã*o. **S.** caboclo.

Procurar chifre em cabeça de cavalo. Procurar encrenca, procurar problemas, ir em busca de algo que não existe. *Fulano tá procurano chifre em cabeça de cavalo cum essa história de passá o sócio para tráz*. *Sicrano é craque em achá chifre em cabeça de cavalo. Acertá na loteria duas veiz seguida é como achá pelo em ovo.* **Var.** procurar pelo em ovo.

Procurar sarna pra se coçar. Envolver-se em situação que poder gerar incômodo. *Tu tá é procurano sarna pra se coçar.*

PROSEAR v. Conversar. *Fulano ficô prosiano cum sicrano a noite intera. Sicrano gosta de prusiá sobre a coêita do mio.* **Var.** prosiar, prusiar.

PUCARANA interj. Expressão de espanto. *Pucarana! Quase cai no buracão. Pucarana! Ói só o tamanho dessa cobra.* **C.** É deformação suavizadora de *puta merda*.

PUDIM DE PINGA s.m. Bêbado, alcoólatra. *Fulano é um verdadêro pudim de pinga, nem falá direito ele consegue. Sicrano tem bafo de urubu, mais também pudera o sujeito é um pudim de pinga. Beltrano é mais conhecido como pudim de pinga do que pela profissão que exerce.*

Pular pra trás. Recuar, desistir de algo, sair fora de alguma situação. *Na hora de fechá o negócio, fulano pulô pra traiz. Se o sicrano num tivesse pulado pra trais no plantio de cebola ele tinha se ferrado. É comum o beltrano dá pra trais nos seus negócio, ele é muito indeciso no que faiz.* **Var.** *pulá pra tráis,* dar pra trás*.*

PULGA s.f. V. *ficar com a pulga atrás da orelha*.

PUNHETA s.f. Masturbação. *E fulano caiu na pegadinha quano sicrano disse pra ele que batê punheta fazia crescê cabelho na palma da mão e ele, rapidamente, olhô pra palma da sua mão.* **V.** prexeca, siririca, bronha*.*

PURUNGA s.f. Recipiente para guardar água feito com uma cabaça. *Geralmente a turma do eito guarda o purungo debaxo de um pé de café. Fulano tem boas cabaça pescoçuda que dá pra fazê porunga.* **C.** As porungas eram feitas com cabaças das quais, por um buraco redondo feito no topo do pescoço, eram retiradas as sementes. Normalmente eram tapadas com um toco de sabugo. **S.** purungo, porongo, cabaça, calabaça. **Var**. porunga.

PUTA QUE LA MERDA interj. Expressão de espanto, de admiração, de susto. *Puta que la merda! Olha só o tamanho da cobra!*

PUTA s.f. V*.* fela da puta, fidaputa, penteadeira de puta*.*

PUTA-QUE-O-PARIU s.m. Lugar muito distante. *A fazenda dele fica lá na puta-que-o-pariu.* **V.** biboca, caixa-prego, cafundós do judas, casa da peste, casa do cacete, casa do chapéu, cu do judas, fim da picada, fundos do brocotó. ▪ **interj.** Expressão de espanto. *Puta que o pariu, veja o tamanho do peixe fisgado no catuêro.*

PUTERO s.m. Zona do meretrício, casa de zona. *Fulano foi ao putêro da fulana.*

PUTO DA CARA adj. Bravo, com raiva. *Fulano derrubô a comida toda e deixô todo mundo puto da cara.*

PUXADINHO s.m. Casinha, casebre. *Fulano feiz um puxadinho no fundo do quintal e colocô a sogra para morá lá.*

Puxar a capivara. Pegar a ficha de antecedentes criminais de alguém. *Depois que puxaro a capivara do fulano não deu otra, prendero ele na hora. A capivara do sicrano deve ter mais de metro de tanta bestêra que ele já feiz na vida.*

Puxar uma palha. Dormir, tirar uma soneca. *Fulano almoçô e puxô u´a paia, eita vida boa*.

Q, de **quarar roupa**, uma atividade quase que cotidiana das mães pioneiras. Brincar no chão e com terra, na verdade bastante areia, era o que faziam todos os dias as crianças ´daqueles tempos´. Um dos primeiros brinquedos de muitas crianças daqueles tempos era o monte de terra que saía do buraco feito para o poço d'água e para a casinha (privada). Para muitas crianças foi o primeiro "escorregador" de suas vidas. As roupas eram lavadas em tanques ou tambores de óleo cortados ao meio e batidas e esfregadas sobre pranchões de madeira (tábua de bater roupa), chamados 'costaneiras', obtidos do primeiro e do último retalho das toras que eram transformadas em tábuas, caibros e vigas nas serrarias da região. Era uma espécie de grande cunha de madeira com um dos lados plano e outro abaulado. Demorava um tempo e muita esfregação de roupa para que o lado aplainado da "tábua de lavar roupa" ficasse mais liso. E para que as roupas ficassem branqueadas e claras era preciso colocá-las para quarar. Isto era feito no quaradouro, que podia ser algum gramado, um ripado de baixa altura ou, no caso dos pioneiros, sobre os cipós e capins das capoeiras vizinhas.

QUAGE adv. Quase. *Quage qui ocê acerta duas rolinha cum tiro só. Por pouco, quage nada, o caminhão caía no buracão.*

Quaiá o bico. Rir à beça, gargalhar. *Quaiamo o bico de tanta piada engraçada que o vô do fulano contô. As história do sicrano sobre o tempo que passô servino o exército são de quaiá o bico.*

QUARAR v. Tornar as roupas branqueadas ou alvejadas. *Dona Irma quarava suas roupa sobre os cipó da capoêra no terreno vizinho.* **Var**. quará, coarar. **C.** O processo de quarar era feito deixando as roupas brancas já lavadas e ensaboadas ao sol para que elas ficassem mais brancas e claras. Também as roupas coloridas eram colocadas para quarar, mas isto era feito com cuidado para que não desbotassem. Um cuidado a ser tomado é que as roupas colocadas para quarar não podiam secar o que exigia das donas de casa que, de vez em quando, espargisse água sobre elas.

QUARTOS s.m.pl. Parte traseira dos animais, quadris das pessoas. *Dona Fulana amanheceu cum dor nos quarto de tanto lavá roupa.*

Que qui há. Fórmula frasal interrogativa, equivalente a *o que está acontecendo. Que qui há cum essa mula que empacô otra veiz?*

Quebra de milho. Atividade de pistolagem exercida por jagunços contratados pelas companhias de terras para expulsão ou mesmo assassinato de indígenas, caboclos, posseiros e grileiros.

QUEBRADA s.f. Lugar ao longe, lugar ermo. *A turma de caçadores andô por aquelas quebradas todas. De quebrada em quebrada fulano gastô um bocado de tempo da vida e num fincô raiz em lugar nenhum.*

QUEBRADOR DE MILHO s.m. Pessoa encarregada de escorraçar e até mesmo matar os ocupantes de terras devolutas (caboclos, posseiros e grileiros): jagunço. *Fulano trabalha na quebra de milho, tem muita corage e boa pontaria*. **C.** Eram assim denominados a despeito de não trabalharem nas atividades agrícolas. O termo ´quebrador de milho´fazia referência ao som da recarga da carabina Winchester 44, também chamada de ´papo amarelo´ pela existência do acabamento em latão de uma de suas partes. **S.** limpador de trilho.

QUEBRANTO s.m. Estado mórbido de quem sofreu mau-olhado, moleza que acomete as crianças, quebra de vontade das pessoas. *Fulano tá cum quebranto, leva pra Dona Sinhá benzê. Sicrano acha que o filho dele tá co mal de quebrante.***Var.** quebrante.

QUEBRA-QUEIXO s.m. Doce feito de açúcar e coco apresentado em bandejas de folha de zinco. *Ó o quebra-queixo! Um por dois, dois por três! Fulano sabe fazê um quebra quexo como poucos.* **C.** Era bastante comum ser vendido nos circos e, à época, existiam vendedores deste doce pelas ruas dos vilarejos.

Quebrar à esquerda. Virar para a esquerda numa esquina ou via. *Quano o senhor chegá na praça, quebra pras direita e segue reto. Fulano errô o caminho porque ao invés de quebrá à esquerda no cruzamento ele quebrô à direita. Então, quano chegá no fim da cerca, quebra à esquerda*. **Var.** quebrar à direita.

Quebrar milho. Exercer a atividade de jagunço. *A lida dele é quebrá milho lá na fazenda do coronel.* **C.** Analogia com a recarga das balas nas espingardas Winchester 44.

Quedê. Fórmula frasal interrogativa, correspondente a *que é de*. *Quedê o cavalo que pedi para sê arreado?* **Var.** cadê**,** quede.

Quedele. Fórmula frasal interrogativa, correspondente a *que é dele*. *E o dinhêro que tava aqui, quedele?*

QUÉDIS s.m. Calçado feito de lona ou de couro com sola de borracha. *No desfile do grupo escolar tem que usá quédis azul.* **V.** sete-vidas.

QUEIJINHO s.m. Secreção que se forma na cabeça do pênis, esmegma. *Fulano, vai lavá a bimba pra num juntá sebinho.* **S.** sebinho.

QUEIJO s.m. V. estar com a faca e o queijo na mão.

QUEIXO s.m. V. quebra-queixo.

Que nem que. Tal como, igual a. *Fulana fala que nem sicrano, é a mesma vozinha fanha. Beltrano é que nem seu irmão, teimoso como u´a mula.*

QUENTAR v. Aquecer, esquentar. *Dona fulana quentô o forno de pão. Sicrano pediu pra quentá a comida.*

QUENTE adj. V. batata quente, botar quente, costa quente.

QUESTÃ s.f. Questão, pergunta, demanda jurídica. *Qual é a questã, mocinha, tá quereno sabê o quê? Fulano tá cuma questã contra sicrano faiz mais de ano e num tem acerto entre eles.*

Qui bom qui sesse. Seria bom que fosse. *Dizem que fulano ganhô na rifa. Qui bom qui sesse.*

QUIÇAÇA s.f. Capoeira ou mata tramada de cipós, mata baixa, formada geralmente em terrenos abandonados. *Depois que o dono morreu, o sítio virô u´a quiçaça só.*

QUINÉM prep. Como, assim como. *Fulano é quiném sicrano; tudo farinha do mesmo saco. Beltrano é quinem que eu, só gosta de pegá peixe grande.*

QUINTOS DOS INFERNOS s.m.pl. Inferno. *Mandei ele pros quintos dos inferno. Vá pros quinto dos inferno e num me torra as paciência.* **Var**. quinto dos inferno. **C.** Compõe expressões de xingamento.

QUIRELA s.f. 1. Milho quebradinho. Fulano só trata os pintinhos dele com quirera. **2**. Coisa pequena, miúda, pouca coisa, restolho. *Depois que sicrano feiz a colhêta do milho só sobrô u´as quirela pra trais*. *O gato fica co´a maior parte da grana, os camarada apenas cu´a quirera do pagamento*. **C.** Também era utilizada a forma quirelinha. **Var**. quirera.

QUITIS adj. Liberado de dívida, de algum compromisso. *Fulano quitô sua dívida e ficô muito contente cum isso. Depois que sicrano disse que tava quites co compromisso assumido cum beltrano, as coisa voltaro ao normal*. **Var**. quites.

R, de **"rodar"** café nos terreirões, tarefa executada visando a secagem dos grãos recém-colhidos. Consistia em esparramar e amontoar em leiras o café em coco; esta atividade era feita com um rodo de madeira ou com a vaca, uma espécie de grande rodo, às vezes puxado por animal de tração. Existiam terreiros entijolados, cimentados e de chão batido. Exceto por algum acontecimento excepcional, ter café no terreiro era, na prática, ter dinheiro no bolso. Meu pai, como não tinha terreiro no sítio, secou muito café na primeira lage do Colégio Sagrado Coração quando o mesmo estava em construção. Por estar perto de casa, várias foram as vezes que, junto com minha mãe, desenvolvi essa atividade. E nos momentos em que o tempo fechava era ela que, rapidamente, ajudava a "acudir" e amontoar o café para cobri-lo com lona.

R, de **Rádio Sociedade Nova Esperança**, a ZYS-41, de saudosa lembrança dos tempos pioneiros. Fundada em 21 de abril de 1954, seu primeiro diretor foi Maurício Cadamuro e seus primeiros locutores Francisco Garcia e Adelino Benatti. Depois vieram Lucidoro Fernandes, Moacir Saver e Ramos Júnior, Este, com seus textos da "Hora do Ângelus", não raro fazia verter lágrimas dos olhos dos ouvintes. Alguns de nossos amigos de infância foram locutores daquela emissora. Nos áureos tempos, Maurício Cadamuro fazia um programa de calouros, no qual era levado ao ar um concurso intitulado "Ou Tudo ou Nada". O candidato escolhia um tema e respondia vinte perguntas. Cada resposta certa valia cinco litros de vinho do Rio Grande do Sul. E quem ganhou uma barrica com cem litros foi o Armando Galbi, que respondeu questões sobre a matéria Português.

RABO s.m. V. *arranca-rabo, rabo de foguete.*

RABO DE FOGUETE s.m. Questão difícil que ninguém quer administrar, problema a ser enfrentado. *Tocá o sítio naquela região era um verdadêro rabo de foguete.*

RABO DE TATU s.m. Relho. *Mete o rabo de tatu no lombo dele pra vê se ele aprende ô não. Fulano deu u´a surra de rabo de tatu no sicrano que machucô bastante.* **S.** rebengue.

RABUDO adj. Sortudo, privilegiado. *Fulano é o maior rabudo da vila, já ganhô u´as num sei quantas rifa. Sicrano é um rabudo, deixô pra vendê o café mais tarde e ganhô um bocado a mais.*

Rachar o bico. Rir alto e longamente. *Fulano rachô o bico de tanto ri co´as palhaçada do sicrano.* **V.** coalhar o bico.

RACHAR v. V. de rachar, rachar o bico, sol de rachar mamona.

RAIZ s.f. V. comer capim pela raiz.

RAIZEIRO s.m. Pessoa que conhecia ervas e raízes para fazer chás, infusões e pomadas utilizadas como remédio ou paliativos para diversas doenças. **C.** Nos primeiros tempos do desbravamento, nas proximidades das estações rodoviárias era comum a presença de algum raizeiro. Em geral eram reputados como curandeiros e, não raro, era uma atividade desenvolvida também pelas benzedeiras/benzedores. **Var**. raizêro.

RALADO adj. V. *estar ralado.*

RALAR v. 1. Fazer algo com dificuldade, esforçar-se. *Depois que os pião abandonaro o serviço, fulano foi que teve que ralá pra acabá a empreita*. **2.** Raspar em algo, passar muito perto de algo. *O caminhão saiu do trilho de areia e passô raspano no barranco da estrada. Sicrano perdeu o equilíbrio e caiu no chão ralano a cara e os braço.* **Var.** ralá.

RAMONA s.f. Grampo de cabelo. *Na venda do seu fulano tem dois tipo de ramona, um grandão e otro normal. Na farmácia do sicrano a gente encontra ramona.*

RAMPERA s.f. Prostituta, mulher vulgar, sem moral. *Fulana é a maior rampera da vila, todo mundo fala mal dela. Tem muita rampera praquelas banda, tome cuidado cum doença venéra.*

RANCHO s.m. 1. Casa dos pioneiros, construção precária, feita às pressas. *Meu rancho foi construído perto da mina d'água.* **C.** Em geral eram habitações improvisadas, construídas com lasca de palmito ou de madeira serrada, quando não apenas com varas emparelhadas como paredes. Como cobertura podiam ser utilizadas as folhas de palmeiras, de sapé, onde houvesse, ou tabuinhas lascadas das madeiras timburi ou cedro. **2.** Compra mensal ou semanal de comida. *Fulano foi na vila pra fazê o rancho do mêis.* **V.** fazer o rancho.

RANGO s.m. Comida, comida meia-boca. *Qual é a hora do rango por aqui? Esse rango tá de matar, num tem nem tempero. O responsável pelo rango da peãozada era a mulher do dono das terra.*

RANHEIRA s.f. Intensa secreção nasal. *A gripe deixô fulano cuma ranhêra danada. Pra sará dessa ranhera tem que tomá um bocado de chá de guaco.* **V.** ranho.

RANHETA adj.2g. Chato, incomodativo, teimoso. *Os filho do seu João são todos ranheta, é difícil aguentá eles por perto*. *Deixa de sê ranheta fulano e aceita o pedido do sicrano.*

RANHO s.m. Secreção nasal, catarro. *O nariz daquela criança tá cheio de ranho; tá u´a ranhêra só.*

Ranquei procê. Expressão utilizada para dizer não em resposta a alguma proposta ou pedido com o qual a pessoa não concordava. *Não quero i junto, ranquei procêis.*

RAPADO adj. V. *pé rapado.*

RAPAI s.m. Rapaz. *Rapai do céu, vê só o estrago que a faísca feiz na tulha!*

Rapar o pé do santo. Juntar um bocado de moedas para pagar algo. *Dona Maria rapô o pé do santo pra comprá carne pro almoço.*

RAPELAR v. Levar tudo. *Fulano rapelô a conta do banco, num deixô um centavo. Sicrano rapelô todas as burca do beltrano num jogo à ganha. Depois de rapelá a grana do amigo, ele deu no pé.*

RAPOSA VELHA s.f. Sujeito esperto, salafrário, espertalhão. *Aquele prefeito era u´a raposa véia, aprontô um monte de maracutaia mas sempre deu um jeito de se saí bem.*

RASTEIRA s.f. Ato traiçoeiro, golpe. *O sócio deu u´a rastêra nele que ele ficô na pindaíba.* **Var.** rastêra.

REBENGUE s.m. Chicote de couro cru, trançado à mão, dotado de empunhadura enfeitada com argolas de metal. **Var.** rebenque. **V.** meter o rebengue.

REBOSTEIO s.m. Bagunça, confusão, briga, problema. *Fulano xingô sicrano e aí virô um rebosteio, todo mundo entrô na briga. Abriro a portêra do curral e foi aquele rebosteio, gado pra todo lado.* **V.** desgraceira, forrobodó, furdunço, melê, merdeiro, pampeiro, perereco, pipoco, treta, vuco-vuco, ziquizira. **Var.** rebosteiro, rebuceteio.

REBUCETEIO s.m. O mesmo que rebosteio.

RECLAME s.m. Propaganda, em geral feita no rádio e nos serviços de alto-falante. *Bota um reclame no rádio, que você vende mais. O alto-falante do Ramos Martins fala muitos reclames todo dia.*

REFRESCO s.m. Bebida refrescante. Faiz *aí um refresco de capilé, que é mais doce que o de groselha. Gosto mais do refresco cum limão galego do que cum limão cravo.* **C.** Geralmente consistia em limonada ou era feita com xarope de capilé ou de groselha.

REFUGAR v. Rejeitar, dar pra trás, recusar, empacar. *A mula do fulano refugô, impacô e só voltô a andá debaixo de cacete. Sicrano feiz u´a boa proposta, mais beltrano refugô e caiu fora do negócio. De tanto refugá os pretendente, fulana ficô solterona.*

REGANHAR v. Arreganhar, mostrar-se demais, abrir-se em público. *Reganhô os dente, subiu a saia e reganhô a bunda.* **Var**. reganhá.

REGANHEIRA s.f. Sonolência, moleza. *Encheu o bucho de tudo quanto foi comida, só podia dá reganheira. Pinga demais e muito churrasco é receita certa pra tê reganhera.* **S.** lerdeira, leseira, lombeira.

Rei da cocada preta. Pessoa poderosa, o manda-chuva, o todo poderoso. *Fulano, depois que arrumô um bando de capanga, tá se achano o rei da cocada preta. Só porque sicrano tirô as melhores notas na escola ele tá se sentino o rei da cocada preta.*

REI s.m. V. *com o rei na barriga.*

REINAR v. Ficar irrequieto, brabo. *O filho do fulano reinô a festa inteira; só quietô quano levô um croque.*

REIVA s.f. Raiva; indignação. *Me deu u´a bruta réiva perdê a carona de caminhão. De tanto passá réiva co´as bestêra que os filho fizero, dona fulana teve um ataque do coração.*

RELAMPIANO v. Tempestade de raios, surgimento de relâmpagos. *Acho que vai dá chuva forte pelo tanto que tá relampiano. Quando tá relampiano, o pior lugá pra ficá é debaxo de arve sortera.*

RELAMPIAR v. Relampear, trovejar. *Relampiô, relampiô, e nada de chover. Relampiou, relampiou, e neca cai água. Relampiá, relampeia, mais chuvê qui é bom neca de pitibiriba.* **Var**. relampejar.

RELAR v. Tocar, esbarrar. *Num rela ni mim, que eu num gosto. Fulano relô no tição e se queimou. Num rela n'eu.* **S.** triscar. **V.** colar.

REMEDAR v. Imitar alguém. *Fulana gosta de remedá os otro, ela é remedera. Sicrano remedô o professor e levô u´a baita mijada.*

REMEDIADO adj. Nem rico nem pobre, com alguma posse ou recurso financeiro. *Fulano é remediado e vive bem co poco que tem. Veio pobre, trabalhô feito um burro e ficô apenas remediado.*

REMELA s.f. Secreção do olho. *O olho do fulano tá cheio de remela, acho que é dordóio.* **Var**. *ramela.*

REMELENTO adj. Cheio de remela. *As criança de dona fulana são todas remelenta. Sicrano acorda remelento todo dia e tem que fazê força pra desgrudá os zóio.* **Var.** ramelento.

RENCA s.f. Porção, penca. *Fulano tem u´a renca de filho, tá difícil de mantê as despeza. Sicrano cortô u´a renca de pés de café depois da giada. Beltrano pegô u´a renca de peixe só na parte da tarde.*

RENDER v. Produzir consequências indesejadas, provocar falatórios. *A conversa das duas sogra vai rendê. Isso vai rendê, é só continuá a jogá coisa no quintal do vizinho. Se fulano souber batê um barro na fulana, a conversa vai rendê. Num mexe co sicrano senão isso vai rendê!* **V.** vai render.

RENDIDO adj. Que tem hérnia escrotal. *De tanto trabalhá na sacaria, fulano ficô rendido.*

RESBALAR v. Dar uma escorregada, passar perto. *A bala passô resbalano na parede da casa. Aí o fulano resvalô e caiu no rio.* **V.** resbalo.

RESBALO s.m. Escorregão, raspão. *O tiro pegô de resbalo e só tonteô o bicho. A pancada passô de resvalo.* **Var.** resbalão, resvalo. **V.** resbalar.

RESGUARDE s.m. Período de dieta após o parto, período de descanso após alguma doença. *Fulana ficô de resguarde quarenta dias seguido depois que ganhô o filho. Sicrano ficô de resguardo u´as duas semana depois que pegô maleita.* **Var**. resguardo.

RETA s.f. Estrada que passava nas cabeceiras dos lotes. *Fulano foi pegá o ônibus que passa na reta lá pelas duas da tarde. Na parte baixa da reta tem um areião dos brabo, azar de quem atolá naquele lugar.*

RETINTO adj. Intenso, forte. *Fulano é um preto retinto, quase azul.* **C.** Expressão de forte conotação preconceituosa quando empregada em relação aos negros. **V.** *preto retinto.*

RETRANCA s.f. V. cagar na retranca.

RETRASADO adj. **V.** ano atrasado, ano retrasado. **Var.** trasado.

REVERTÉRIO s.m. Mal-estar, enjoo. *Bebeu demais, aí foi aquele revertério. Comeu melancia passada e aí o maior revertério!*

REVESGUEIO adv. V. de conhém, de fianco, de revesgueio, de trivela.

REVESGUEIO s.m. Lado, posição atravessada. *Fulano ficô olhano de revesgueio para a sogra o tempo todo. Tá me olhano de revesgueio por quê?* **Var.** esgueio, isgueio.

REVESTRÉIS s.m. Posição atravessada, revés. *Ele colocô a carroça meio de revestréis*.

REZA s.f. V. Nem com reza braba.

RIBA adv. Cima. *O bule tá em riba do fogão. O macaco tá em riba do pé de bacupari.*

RIDICAR v. Sovinar, ato de recusar a oferta de algo. *Fulano ridicô comida pros empregado e quano precisô deles prum serviço extra ele ficô na mão.* **V.** ridico.

RIDICO s.m. Pão-duro, sovina, mão de vaca. *Fulano é muito ridico, num bota a mão no bolso pra nada. Sicrano ridicô a vida toda, morreu e num levô nada.* **V.** ridicar.

RIPA s.f. V. descer a ripa, descer o cacete, descer a lenha.

RODO s.m. V. a rodo, *dinheiro a rodo.*

Roer a corda. Faltar com a palavra, não cumprir o prometido. *Fulano ficô noivo da sicrana durante oito anos, depois roeu a corda e casô cum otra.*

ROISCOVO s.m. Arroz com ovo. *Hoje fiz roiscovo no almoço. Comida típica de caboclo, roiscovo e um poco de farofa.*

ROJÃO s.m. V. aguentar o rojão, aguentar as pontas.

RONCO s.m. V. *tirar um ronco.*

RONCOIO adj. Pessoa ou animal que só tem um testículo, animal que não foi castrado direito. *Fulano consegue corrê mais rápido e dizem que é porque ele é roncoio. Sicrano veio castrá os porco do beltrano mais deixô alguns deles roncoio.* **Var**. roncolho.

ROSCÓFI s.m. 1. Relógio de bolso, relógio de má qualidade. *Não dei corda no meu roscófi e ele parô de trabalhar. Fulano comprô um roscófi que só funcionô u´a semana.* **C.** Relógio antigo, de dar corda. **2.** Ânus. *Vá tomá no roscófi*. **V.** ás de copas, busanfã, fiofó, lordo, toba, xibiu.

ROUPA DE MISSA s.f. Roupa nova ou de pouco uso, geralmente utilizada apenas para ir à missa, casamentos e batizados. *Fulano colocô u´a roupa de missa e foi pra casa da namorada. Vô botá u´a roupa de i à missa pra i no casamento do sicrano.* **Var.** roupa de ver Deus.

ROXO adj. V. o roxo, negão.

S, de **sapos**, estavam presentes por todos os recantos de beira de brejo naqueles tempos. E junto com eles também as rãs, as pererecas e os girinos faziam a festa em muitos laguinhos e córregos onde era possível pescar, nadar e mesmo caçar em suas beiradas, haja vista que nas áreas lindeiras aos cursos d'água existiam mais espécies de aves. Muitas foram as vezes em que, munidos com fisgas, grupos de pessoas iam em busca das apreciadas rãs pimentas, ocasião em que, inevitavelmente, alguém fazia piadinha sobre a tal de 'rã pera'. Um dos lugares mais perto da vila de Capelinha, onde era possível caçar rãs era o tanque da Chácara da Companhia e nas vizinhanças córrego abaixo.

SABÃO s.m. V. *passar um sabão,* sabão de cinza.

SABÃO DE CINZA s.m. Sabão caseiro. *Dona Irma sabia fazê um excelente sabão de cinza. Prá fazê o sabão de cinza é perciso usá sebo, água e soda caseira.* **C.** Bastante comum nos anos 1950, era feito de sebo de boi, cinzas e soda cáustica.

SABÃO s.m. V. *vá lamber sabão.*

SABIÁ s.m. V. canela de sabiá.

SACI s.m. V. *estar virado num saci.*

SACO s.m. V. *farinha do mesmo saco,* pé no saco, saco de gatos, trincar o saco.

SACO DE GATOS s.m. Bagunça, lugar onde impera a desordem, conjunto de coisas inusitadas. *A casa dele era um verdadêro saco de gatos.* **Var.** balaio de gatos.

SACO DE PANCADA s.m. Pessoa que é alvo de gozação, bode expiatório, aquele que nas brigas sempre apanha. *O fulano é papo furado, se sai briga ele acaba seno o saco de pancada. Sicrano apronta todas que pode, mais é o irmão mais novo que acaba virano saco de pancada.*

SAFADO adj. V. cabra safado.

SAIDEIRA s.f. Por suposto a última dose de bebida a ser ingerida. *Vamo tomá u´a saidêra e i pra casa. Depois de tomá u´as cinco saidêra tava todo mundo no foguete.* **Var.** saidêra.

SAIDINHO adj. Desenvolto, metido, sem muito pudor, muito falante. *Fulano é muito saidinho, é preciso cuidado cum o que ele fala. Sicrana é muito saidinha pro meu gosto.*

Sair no braço. Ir para a briga. *De tanto sofrê gozação dos colega, fulano acabô saino no braço c´um deles. Sicrano chegô de bicão na festa e o dono do pedaço saiu cum ele no braço.*

Sair o tiro pela culatra. Algo aconteceu de errado, dar-se mal, prejudicado. *Fulano achô que tava fazeno um bom negócio mais o tiro saiu pela culatra e ele só teve prejuízo. Sicrano foi mexê co´as moça na praça e o tiro saiu pela culatra, o noivo de u´a delas num gostô da atitu*de *e acabô saino no braço*. **S.** cair do cavalo.

Sair vazado. Vazar, escapar rapidamente, escafeder-se. *Fulano viu o começo da briga e saiu vazado. Quano o fogo começô sicrano vazô o mais rápido que pode.*

SALAFRÁRIO s.m. Vigarista, pessoa de mau caráter. *O gato que contratô os pião é um grande salafrário. De salafra e picareta a praça aqui tá cheia, cuidado com eles cumpadre.* **Var.** salafra.

SALIENTE adj.2g. Que gosta de se mostrar, metido, enxerido. *Levô bronca porque tava seno muito saliente. Pessoa saliente é como prego de cabeça de fora, leva pancada.*

SALOBA adj. Água que tem certo sabor de sal. *Fulano deu azar, o poço que ele mandô cavá deu água saloba. Praquelas banda tem muito lugar que só dá água salobra.* **Var**. salobra.

SAMBAMBAIAL s.f. Samambaial. *O sítio do fulano tá que é um sambambaial só; tá tudo no mato*. **C.** Tipo de vegetação rasteira bastante comum nas capoeiras. Também era usado para conotar lugar abandonado.

SAMBICU s.m. O mesmo que sobrecu*.*

SAMIAR v. Semear, espalhar, esparramar. *Fulano samiô um saco de semente de pasto. Fulano fica samiano mintira e vai coiê u qui num qué.*

SANGRAR v. Matar algum animal por sangria, matar alguma pessoa por perfuração e sangramento. *Fulano, pela habilidade que tinha, era sempre chamado pra sangrá os porco nas vizinhança. Sicrano meteu a faca em beltrano e ele sangrô até morrer. No acidente co jipe, beltrano cortô a veia da perna e morreu sangrando.*

SANTO s.m. V. rapar o pé do santo*.*

SAPATEIRO s.m. Aquele que nada pescou ou caçou. *Todo mundo voltô sapatero, menos o fulano, que pegô dois bagre. Ficaro caçano a manhã intêra e num mataro nada, vortaro sapatero.* **Var**. sapatero.

SAPATO s.m. V. pedra no sapato.

SAPEAR v. Ficar olhando disfarçadamente. *Fulano ficô sapeano por ali e depois foi embora. Ao invéis de ajudá a turma sicrano só ficô sapeano, deu u´a de esperto e se mandô.* **Var**. sapeá.

SAPECA adj.2g. Arteiro, bagunceiro. *O filho mais novo do fulano é muito sapeca, ninguém guenta ele por perto. O sapeca do filho do meio da dona sicrana só vive pra fazê arte e bagunçá o coreto.* **V**. pinta brava, espoleta.

SAPECADO adj. Bêbado. *Fulano tomô todas e ficô sapecado, perdeu até o rumo de casa.*

SAPECAR v. Bater, agredir com força, atirar algo. *Fulano sapecô u´a bolada no peito do goleiro, que foi cum bola e tudo. Beltrano sapecô a cabeça do sicrano co cabo da vassoura.*

SAPO s.m. V. engolir sapo*.*

SAQUÊRO s.m. Ensacador e carregador. *Fulano é saquêro lá na máquina do Wada. Sicrano é o mais forte dos saquêro na cidade.* **C.** Assim eram chamados os trabalhadores que carregavam sacaria nas máquinas de café e de cereais.

SARACOTIÁ v. Andar por aí. *Fulana fica saracotiano o dia todo, nem o serviço de casa ela faz. De tanto saracoteá pela vila, sicrano acabô ficano co´a fama de vagabundo.* **Var**. saracotear.

SARARÁ s.2g. De cabelo loiro e crespinho, enroladinho. *Fulano é um mulato sararáa; o pai é alemão e a mãe é negra.*

SARDINHA s.f. Brincadeira de criança que consistia numa pancada de raspão dada na nádega de algum amigo com a mão fechada e os dedos médio e indicador esticados. *Fulano de u´a sardinha na bunda do amigo que quase acabô em briga. u´a sardinha bem dada tem passá de raspão e sê bem rápida.*

SARILHO s.m. Peça acoplada ao caixão de proteção dos poços de água que servia para baixar/puxar o balde/lata para pegar água*. O sarilho do fulano quebrô e ele quase cai no poço. No sarilho do sicrano deve tê pelo menos uns trinta metro de corda.* **Var**. sario.

SARNA s.f. V. arrumar sarna pra se coçá, procurar sarna pra se coçar*.*

SAROBA s.m. Mato rasteiro, capoeira baixa. *O pasto do seu fulano tá cheio de saroba.*

SARRAFO s.m. Pancada, cacetada. *Fulano meteu o sarrafo no sicrano, que ficô co oio roxo. Ele só aprende no sarrafo*. **V.** cachimbada*.*

SARRO s.m. 1. Relação carinhosa ou maliciosa com intenção sexual, aproveitar-se. **2.** Fazer gozação com alguém; deboche. *Fulano tirô sarro na cara de sicrano até a briga acontecer. Beltrano caiu na poça d'água e todo mundo ficô tirano sarro.*

Sartá de banda. Discordar, rejeitar, escapar, escafeder-se, fugir de algo. *Fulano tentô me vendê u´a arma usada e aí eu sartei de banda, achei que era um logro. Sartei de banda, sô! Isso num é oferta que se faça! O cara quis me enganar, aí sartei de banda!*

SASTIFEITO adj. Satisfeito. *Comi bastante, tô sastifeito. Fulano ficô sastifeito co´as explicação do sicrano e deu o caso por encerrado.*

SEBINHO s.m. Esmegma. *Minino, lavá bem o piu-piu prá num juntá sebinho.* **S.** queijinho. **V.** queijinho.

SEBO s.m. V. *passar sebo nas canelas.*

SEBOSO adj. Metido, arrogante, grudento, chato, indesejável. *Fulano é muito seboso, num dá pra aguentá ele por perto, só tem conversa chinfrim. Sicrana é sebosa de mais pro meu gosto.*

SECO adj. V. caixa seca, orelha seca, *pegar no cabo seco.*

Segurar as pontas. Sustentar algo, esperar. *Segura as ponta que eu já vô te ajudar. Fulano foi quem segurô as ponta pra que num houvesse confusão.* **V.** *aguentar o rojão.*

SELO s.m. V. tirar o selo.

Sem pé nem cabeça. Algo sem sentido, confusa, desconexa, que não diz coisa com coisa. *A conversa do fulano, geralmente é sem pé nem cabeça. Sicrano é duro de aguentá cum aqueis papo sem pé nem cabeça. De tanto contá história sem pé nem cabeça ninguém credita no beltrano. Boa parte do que fulano fala num tem pé nem cabeça, é puro rojão. Beltrano acreditô no sócio mais decobriu que o que ele disse era coisa sem pé nem cabeça*.

SEMO v. Forma do verbo ser: somos. *Semo caipira, mais num semo besta. Discurpa, seu moço, mais num semo nóis qui semo burro nas coisa da lavora.*

SEMPULO s.m. Tapa, tabefe, cacetada. *Fulano deu um sempulo na oreia do sicrano que ele viu estrela. No meio da briga sicrano levô um sempulo na cachola e nem viu quem foi de deu.*

Sentar a mão. Dar uma bofetada, bater em alguém. *O professor sentô a mão na cara do fulano e aí foi aquele furdunço, até o pai dele entrô na briga.*

SERELEPE s.m. Criança ativa, irrequieta, ligeira. *O serelepe do filho do fulano é quem feiz esta arte. Num gosto de moleque serelepe por perto, aqui tem um bocado de coisa que num pode mexê.*

SERENA adj. V. *gota serena.*

SERRAIA s.f. Serralha (*Sonchus oleraceus*). *Dona fulana sabia fazê u´a boa salada de serraia. Dava muita serraia entremeio aos pé de cafezá.* **C.** Planta rasteira, comestível, de sabor amargo, muito comum em meio aos cafezais. Era utilizada para fazer salada.

SERROTE s.m. Aproveitador. *O cara é o maior serrote, serra cigarro de todo mundo!*

SESSE v. Fosse, forma do verbo *ser*. Elemento de *se assim sesse*, *se sesse*. *Se assim sesse, então nóis se dava bem. Si sesse do jeito que o fulano falô, o corguinho dava pexe de montão, mais era pura paia.*

SETE num. card. V. *pintar o sete.*

SETE-VIDAS s.m. Calçado feito de lona com solado de borracha. **C.** Era produzido pela São Paulo Alpargatas, a mesma que produzia as alpargatas. Foi o precursor dos tênis. **V.** quédis.

SIMBORA v. Vamos embora. *Simbora, que já é tarde*. **Var.** vambora.

SINALEIRA s.f. O mesmo que semáforo.

SIRI s.m. V. boca de siri.

SIRICUTICO s.m. Ataque de nervos, situação de estresse. *Fulano demorô para sê atendido e teve um siricutico. De nada adiantô o siricutico da sicrana porque as amiga num convidaro ela pra festa*.

SIRIRICA s.f. Masturbação feminina. *Mesmo bem casada, fulana disse gostá de u´a siririca.* **V**. punheta.

SIRIGAITA adj. Pessoa venal, assanhada, descompromissada. *Fulana é u´a sirigaita das boa, num dá pra levá a sério nada do que ela fala. Sicrana é muito sirigaita, sai cum qualquer rapaiz*.

SÔ s.m. Senhor. *Sô Antônio, seu Tião, nhô José e o siô Francisco é tudo gente de bem.* **C.** Emprega-se diante do nome da pessoa, mas também pode ocorrer isolado, em construções exclamativas: *Ói lá, sô! Vê como fala!* **Var.** siô, nhô.

SOBRECU s.m. Parte traseira superior dos galináceos, supremo de frango. *Dona fulana sempre aproveita o sobrecu pra fazê u´a boa sopa dum cambuquira.* **C.** O sobrecu dá um bom ensopado e também é bom pra dar sustança na sopa. **S.** *sambicu*.

SOL DE RACHAR MAMONA s.m. Sol muito forte. *Tá difícil de trabalhá debaixo desse sol de rachá mamona. Ali pelo meio-dia o pessoal feiz um descanso porque o sol tava de rachá mamona.*

Soltar um toco. Fazer as necessidades. *Fulano sortô um toco no meio do mato.*

Soltar um traque. Peidar, soltar uma bufa. *Fulano soltô um traque no meio do salão e foi aquele fué.* **V.** traque, *marca traque.*

SOMBRA s.f. V. botar o burro na sombra.

SONGAMONGA s.2g. Idiota, mocorongo, sonso, palerma. *Fulano contratô um songamonga pra fazê a roçada e o dia se passô e o trabaio num acabô. Fulana é digera, mais o noivo dela é um songamonga.*

SOPA s.f. Relação sexual com mulher que acabou de copular com outro homem. *Fulano foi na sopa do sicrano, e depois o beltrano na sopa dos dois.* **C.** Ocorre quando dois ou mais homens tem, de forma seguida, relação sexual com uma mesma mulher.

Sossegar o pito. Acalmar-se, aquietar-se. *Ô minino, vê se sossega o pito e dexa teu irmão em paz. Se a turma inteira num sossegó o pito vai todo mundo de castiga.* **Var**. sossega o facho, abaixa o facho. **V.** dar pito, tomar pito, pitada.

SOVA s.f. Surra, tunda. *Fulano mexeu co´a sicrana e levô u´a sova dos irmão dela.* **V.** coça, peia, piaba, pisa, tunda. **Var.** sova de pau, sova de laço.

SOZIM adj. Sozinho. *Fulano mora suzim lá no cu do judas. Minha vó já dizia qui é mió sózim qui mar acompanhado.* **Var.** suzim.

Subir pra cima. Subir. *Fulano subiu lá em cima c´os amigo e depois teve que descê lá em baixo sozinho.* **C.** Construção redundante.

Sumir no mundo. Desaparecer das vistas, mudar-se para lugar desconhecido, escafeder-se. *Deu um tapa no fulano e sumiu no mundo. Vendeu as traia que tinha e sumiu no mundo. Entrô no mato e sumiu no mundo.*

SUPIMPA adj.2g. Muito bom, especial. *O almoço na casa do fulano tava supimpa. O terno de casamento do sicrano ficô supimpa.*

SURFA s.f. Sulfa, qualquer remédio em pó para curar feridas. *Bota surfa no machucado que sara.* **C.** Abreviação popular de sulfanilamida.

SURURU s.m. Briga, bagunça, distúrbio. *Alguém mexeu co´a noiva do fulano e foi aquele sururu, saiu tapa pra todo lado. Na bar da quermesse tava o maior sururu, tudo porque o pessoal da otra vila veio só pra fazê baderna.*

SUSTANÇA s.f. Algo que sustenta por longo tempo, algo com poder nutritivo. *A comida da comadre tem muita sustança. Sopa de tutano também tem sustança.*

T, de **telégrafo**, meio de comunicação usual entre muitas empresas da época, em particular, os bancos. O rádio era o canal de informação predominante em meio naquele mundão de terras a serem desbravadas. Outro meio entre empresas e, não raro, de fazendeiros, era o rádio amador. À noite, de modo bastante evidente, e mesmo durante o dia, era quase impossível alguém ouvir qualquer comprimento de onda que fosse sem que o ti-ti-ti, tá-tá-tá dos radiotelegrafistas se fizessem presentes como interferência sonora. Alguns meninos começaram a aprender telegrafia com o senhor Sena, radiotelegrafista do Bradesco e, dentre eles, estava eu. Utilizávamos um manipulador acoplado em uma buzina à pilha para bicicleta. E lá na casa dele passávamos uma ou duas horas por semana para aprender o alfabeto morse, o código Q, legibilidade do sinal e força do sinal. Parte das aulas era no ti, tá-tá, ti, ti-tá-ti-ti, ti, tá-tá-tá, feito com a boca. Essa profissão foi uma das primeiras que a modernização dos sistemas de comunicação baniu do mercado.

TÁ LOCO interj. Expressão de indignação, rejeição, reprovação. *Tá loco, sô, nem ganhano eu subo nesta mula. Tá loco, pião! Num mete a mão nesse buraco, que ai pode tê bicho venenoso, sarta fora.*

TABARÉU s.m. Caipira, pessoa confusa, matuto. *Fulano contratô uns tabaréu pa trabaiá cum ele mais só deu pobrema. Sicrano é muito tabaréu, é dificil de compreendê o que ele fala.* **V**. caipira, caboclo, matuto, arigó, babaquara.

TABEFE s.m. Bofetada, bofete, tapa na bunda, tapa no rosto, tapa estalado. *Depois de fazê arte, fulano ganhô uns tabefes do pai. Sicrana deu um tabefe bem dado na cara do beltrano. O menino levô um tabefe do diretor e ficô co´a marca dos dedo na cara.* **V.** pé de orelha.

TABOCA s.f. Taquara. *Fulano faiz cesto cum trançado de taboca. Sicrano usa a taboca prum bocado de coisa, balaio, cesta, penêra e abano.*

TÁBUA s.f. V. *pé na tábua.*

TABUINHA s.f. Tipo de telha feita de madeira lascada. *Fulano mais o sicrano dero um jeito de fazê o rancho de palmito lascado e a cobertura foi de tabuinha rachada no muque.* **C.** As primeiras casas construídas nos sítios geralmente eram de tabuinha, que podiam ser de cedro, mamica de porca, pinho ou outra que rachasse facilmente. Para produzir as tabuinhas os troncos eram cortados em toletes e rachado no sentido dos veios da madeira com uma ferramenta chamada “facão de rachar tabuinha”.

TACHO s.m. V. *cara de tacho, cu de tacho, ficar com cara de tacho.*

TACO A TACO l.adv. De modo equilibrado. *O jogo foi taco a taco, no fim deu empate.*

TAFUIAR v. Enfiar, penetrar. *Fulano tafuiô a cara no meio do mato e foi vará lá na fazenda.* **S.** *trafuncar*.

TAIO s.m. 1. Talho, corte, ferida aberta por corte. *Fulano pisô na ponta da foice e feiz um taio feio no pé. Passa um poco de pó pá tapá taio, que sara.* **2.** Pedaço de alguma coisa. *Dá um taio deste toicinho.* **V.** chulapa, lapa, tolete.

TALCO s.m. V. arco, tarco ou verva.

TALHA s.f. Recipiente bojudo de cerâmica ou de pedra usado para guardar água. *Fulano comprô u´a talha feita em pedra lá de Minas Gerais. Sicrano tem um talha que herdô do pai dele. A talha deixa a água mais fresquinha.* **S**. bilha, pote.

TALO s.m. V. até o talo.

TAMANDUÁ s.m. V. abraço de tamanduá.

TAMÉM adv. Do mesmo modo, igualmente, além disso, inclusive. *Fulano teve grana pra comprá um carro novo, tamém cum pai rico só podia. Sicrano plantô milho mais cedo, tamém o beltrano feiz a mesma coisa. Tamém, briguento do jeito que sempre foi, só podia levá porrada.* **Var**. também.

Tampa de binga. Pessoa de baixa estatura. *O tampa de binga, passa a cerveja pra cá.* **V.** cu rasteiro, tampinha, toco de amarrar bode.

TAMPA s.f. V. até as tampas, tampa de binga.

TAMPEIRO s.m. Pano de prato estendido na parede da cozinha, sobre o qual estava colocado um suporte para guardar as tampas de panela. *Os tampêro que dona fulana faiz e borda é um mais bonito que o otro.* **C.** O suporte muitas vezes nada mais era do que um fio de arame esticado entre dois pregos. Nos tampeiros podiam ser vistos ditados populares, frases relativas ao trabalho na cozinha: *"A cozinha é pequena, mas cheia de amor"; "O pouco com Deus é muito, o muito sem Deus é nada"; "Faça o bem sem ver a quem"; "A família é quem faz o lar"; "Não há lugar como o nosso lar"*. A frase mais comum era "*Lar doce lar"*. **Var.** tampêro.

TANSO adj. Idiota, imbecil, atrapalhado, ingênuo. *Se fulano num fosse tão tanso acho até que conseguia um emprego. Fo o tanso do sicrano quem começô a bagunça na escola. Só seno tanso pra num percebê que a beltrana gosta dele.*

TAPA s.m. V. dar um tapa no escutador de novela, ir pro tapa.

TAPADO adj. Pessoa que não percebe as coisas, pessoa ruim de compreensão. *Fulano é um tapado, num dianta perdê tempo explicano coisa alguma pra ele. Se sicrano num fosse tão tapado até percebia que a mocinha tava dano bola prele.*

TAPERA s.f. Casa de barro e sapé, ou de tronco de coqueiro jerivá ou palmiteiro. *Fulano feiz u´a casa nova no sítio, deixô de vivê na tapera.* **C.** O termo era utilizado comumente para referir aquelas casas já abandonadas.

TAQUARA s.f. V. voz de taquara rachada.

TAQUARI s.f. Espingarda de carregar pela boca. *Fulano tem u´a taquari pa caçá rolinha, juriti e pomba-do-mato e u´a cartuchêra de dois cano para caça pesada.* **S.** *chumbeira, pica-pau*.

TARECO s.m. Qualquer objeto, qualquer coisa, algo imprestável. *Fulano juntô seus tareco e mudou-se da casa do pai. A tulha do sicrano tem um monte de tareco quebrado*. **S.** treco. **V.** bagulho, escambaus, joça, poioca, trem, trosfego.

TARIMBA s.f. 1. Espécie de cama feita com troncos de palmiteiro rachados ao meio, ou com toletes de madeira roliça. *Depois de botá o rancho em pé, foi a hora de fazê as tarimba e a partelêra.* **2.** Experiência, conhecimento, prática. *Fulano é tarimbado na furação de poço, pode contratá ele. Sicrano inda vai levá um tempo pra tê tarimba neste serviço.*

TATU s.m. Ceroto, cerume do nariz. *Fulano num se importa de tirá tatu do nariz. Ele vive tirano tatu na frente da namorada.* **V.** *nem tatu de corrente passa, rabo de tatu.*

TCHUTCHO s.m. Bobo, idiota. *Larga mão de sê tchutcho, fulano! Vai nela, tá te dano bola.*

TÉ QUINFIM l.adv. Até que enfim, finalmente. *Té quinfim choveu. Té quinfim o fulano casô co´a sicrana.*

TEMPESTADE s.f. V. fazer tempestade em copo d´água.

Tempo da azagaia. l.adv. Há muito tempo atrás, antigamente. *Pai, isso é coisa do tempo da azagaia. Lá nos tempo da azagaia nenhuma moça séria namorava na rua.*

TENDÉU s.m. Bagunça, confusão, desordem. *Fulano deu um empurrão no sicrano, bem no meio do baile, e aí foi aquele tendéu. O tempo armô pra chuva e começô a caí muita água, foi um tendéu*

*pra acudi o café que tava secano no terrerão. Alguém abriu a portera do curral e era boi e vaca pra todo lado, foi um tendéu até consegui controlá a situaçã*o.

Ter culpa no cartório. Dever alguma coisa para alguém. *Fulano num pode falá de sicrano porque ele também tem culpa no cartório. Beltrano tá se fazeno de morto mais ele tem culpa no cartório.*

Ter menino. Dar à luz um menino, ganhar nenê. *Fulana teve o minino as quatro hora da manhã. Sicrana teve u´a minina depois de dois minino, foi u´a festa. Só depois de nascido é que eles soubero que era minino, foi u´a surpresa.* **C.** Em geral, ao saber que uma mulher estava grávida "ter menino" era uma das expressões utilizadas, independentemente do sexo da criança ao nascer. **Var.** ter menina.

Ter minhoca na cabeça. Ficar pensando bobagem ou besteira, pensando em coisas sem utilidade. *O marido da fulana tinha minhoca na cabeça quano pensô em vendê o sítio. Ao invés de pensá em coisa séria, o filho do sicrano só tem minhoca na cabeça*.

TERRA DE PINDAÍBA s.f. 1. Terra ruim, arenito. *Sicrano comprô um lote na pindaíba, feiz um mal negócio.* ***2****.* Ficar sem dinheiro, estal mal*. Fulano perdeu tudo no jogo, agora tá na pindaíba. Foi só u´a questã de dois ano pro beltrano saí da pindaíba em que se encontrava.* **C.** A pindaíba é uma árvore frutífera que dá em terra ruim, tal como o arenito caiuá em algumas áreas. **V.** na pindaíba.

TETA s.f. V. animár de têta.

TÉTALO s.m. Tétano. *Todo ano o tétalo mata uns dois ô trêis aqui na vila.* **Var.** teto, tetro.

TETO s.m. Tétano. *Fulano pegô teto dum prego enferrujado e bateu as caçuleta.* **Var.** tétalo, tetro.

TEU CU interj. Expressão de discordância. *Teu cu que eu vô cum fulano, nem cagano pau. Vagabundo é o teu cu, cabra da peste.*

TIÇÃO s.m. Pessoa negra. **C.** Tratamento pejorativo, preconceituoso utilizado em relação aos negros.

TICO s.m. Um pouco, pedacinho, parte. *Ei fulano, dá um tico de queijo e otro de mantega. Sicrano feiz toda a colheita, mais só ficô cum tiquim do que colheu, o resto foi pro patrão. De tico em tico a galinha enche o papo.* **Var**. tiquinho.

TIGRE s.m. V. bafo de onça.

TIGUERA s.f. 1. Área de roça já colhida. *Botei os boi e as vaca para pastá na tiguera. Escafedeu pela tiguera mais rápido que lagarto assustado.* **2.** Algo de pouca qualidade, algo pouco desenvolvido ou pequeno, restolho, pessoa magricela. *Da turma das amiga ela é a mais tiguera.* **3.** *Xingamento. O tiguera do fulano feiz tudo errado.* **V.** *milho tiguera.*

TIQUIM s.m. Pouquinho, pequena porção. *Você gosta pelo menos um tiquim de mim? Dá um tiquim disso, um tiquim daquilo e mais um tiquim do outro.* **Var.** tico, tiquinho.

TIRADOR s.m. Pessoa que fazia tabuinhas (telhas) de madeira para cobertura dos ranchos, paióis etc. *Fulano é um bom tirador de tabuinhas; só usa mamica de porca e cedro.*

TIRANTE prep. Exceto, salvo. *Tirante os boi mais velho, fulano feiz u´a boa compra.*

Tirar água do joelho. Urinar, mijar. *Fulano deu u´a disfarçada e foi pro meio do cafezal tirá água do joelho. Sem sabê onde ir, sicrano tirô água do joelho atrais da tulha.*

Tirar as cracas. Lavar bem lavado. *Dá um banho bem quente, que é pra tirá as craca.*

Tirar casca. Aproveitar-se sutilmente de algo, fazer alguma gozação leve. *Fulano ficô tirano casca em cima do sicrano. Beltrano aproveitô a dança para tirá u´a casquinha na sicrana. Fulano tirô u´a casca da fulana, mais pelo jeito ela gostô. Sicrano tira casquinha de todo mundo.* **Var.** tirar uma casquinha.

Tirar o cavalo da chuva. Não alimentar esperanças, não esperar que algo aconteça. *Os amigo dissero pro fulano que a sicrana num queria nada cum ele e que tirasse o cavalo da chuva. Depois*

que a colheta minguô sicrano tirô o cavalo da chuva e deixô o sonho de u´a nova casa pro ano seguinte. Devido ao grave acidente co empregado, o médico deu a entendê ao beltrano que ele tirasse o cavalo da chuva quanto às chance do peão sobrevivê. **Var.** tirar o cavalinho da chuva.

Tirar o pai da forca. Estar com pressa, andando em muita velocidade, correndo para algum lugar. *Pela pressa que fulano tinha, parecia que ia tirá o pai da forca. Sicrano quase provocô um acidente feio pela velocidade que tava, pelo jeito ia tirá o pai da forca.* **Var**. tirar a mãe da forca.

Tirar o selo. Romper o hímen em relação sexual, desvirginar. *Fulano tirô o selo da fulana e depois teve que casá na polícia.* **S.** tirar o cabaço.

Tirar um ronco. Dormir uma soneca. *Tô muito cansado, vô tirá um ronco.* **V.** tirar uma palha.

Tirar uma palha. Dormir no chão, dormir uma soneca. *Depois do serviço é sempre bom tirá u´a palha.* **V.** tirar um ronco.

TIRIBA s.f. Tiriva, espécie de periquito. *No sítio do fulano tem muita tiriba e rolinha.*

TIRIRICA s.f. V. ficar tiririca.

TIRO s.f. V. sair o tiro pela culatra.

TITICA s.f. 1. Merda, cocô de galinha, coisa suja. *Fulano, num poe isso na boca que é titica. Olha só quanta titica as galinha tão fazeno no quintal.* **2.** Algo pequeno, pouca coisa. *Perto do que o sicrano tem de bufunfa, o capital do sicrano é u´a titica. Beltrano podia tê ganho u´a fortuna se guardasse o café pra vendê mais tarde, mais vendeu cedo e só ganhô u´a titica de nada.* **Var.** titica de nada.

TIQUIM s.m. Pouca coisa, pequena quantidade. *A receita é facinha di fazê, bota u´a xicra de farinha, um ovo, um tiquim de açúca e otro de sal.*

TIÚ s.m. Teiú. *Tem muito tiú nas capoêra de capixingui e nos mato ralo.* **C.** É um lagarto branco e cinza, bastante comum nas capoeiras e bordas de matas do Norte do Paraná. Sua carne era apreciada por muita gente naqueles tempos. **S**. lagarto, largato.

TOBA s.m. Ânus. *Vai tomá no toba!* **V.** ás de copas, busanfã, fiofó, lordo, roscófi, xibiu.

Tocar fogo no circo. Incitar alguma ação. *Foi o discurso do fulano que tocô fogo no circo, e aí foi aquela confusão.*

Tocar fogo. 1. Atirar em algo. *Fulano tocô fogo em sicrano e a bala atingiu a perna dele.* **2**. Estimular uma discussão, incentivar algo. *Sicrano tocô fogo na turma e eles decidiram fazê um baile no terreirão.*

TOCO DE AMARRAR BODE s.m. Pessoa baixinha, miúda. *Ô tampa de binga, passa a cerveja pra cá. Ô toco de amarrá bode, vai buscá água pra turma. O time já foi definido e como gandula fica o toco de amarrá bode.* **S.** cu-rasteiro, tampa de binga, tampinha.

TOCO s.m. 1. Pessoa grosseira, mal-educada, rude. *Fulano é um toco, mais grosso impossível.* **2.** Fezes muito densas. *Fulana foi soltá um toco no meio do cafezal.* **V.** arranca-toco, cotoco, *ficar no toco, soltar um toco, toco de amarrar bode.*

TODO pron. V. atirar pra todo lado.

TOICINHO s.m. Toucinho. *Dá um pedaço de toicinho pra mim fazê torresmo.* **C.** Usava-se toucinho para fazer banha de porco para uso na cozinha, o que resultava também em torresmo. Era usado também para atrair e tirar berne da pele, para isto era colocada uma fina fatia de toucinho sobre o lugar do berne, que era presa de alguma forma.

TOLETE s.m. 1. Pedaço de alguma coisa. *Me dá um tolete desta costela.* **V.** chulapa, lapa, taio. **2.** Segmento de objeto cilíndrico. *Corta um tolete deste galho.*

Tomar na jabiraca. Sair-se mal, ferrar-se. *Fulano tomô na jabiraca co´a venda do café. Sicrano tomô na jabiraca plantano o milho antes do tempo.*

Tomar um ar. Sair para o quintal ou para a rua. *Fulano discutiu co pai dele e depois saiu para tomá um ar. Depois de um dia cheio de trabalho, no final da tarde, dona fulana foi tomá um ar no quintal.*

Tomou cego, bem feito. Repreensão utilizada quando alguém se dava mal. *Tomô cego, bem feito. Se ocê tivesse me escutado, isso num teria acontecido.*

TONGO s.m. Pessoa boba, pouco inteligente, matuto, sem traquejo social. *O dia de aniversário de namoro chegô e o tongo nem se lembrou. Larga mão de sê tongo e faiz o que deve sê feito.* **V.** arigó, bocó, cabeça de porongo, jacu, loque, mocorongo, mondrongo, paiaguá, pato, zureta.

TOPAR v. **1.** Tropeçar, bater alguma parte do corpo contra algo. *Fulano deu u´a topada num toquinho que arrancô a unha do dedão. Beltrana topô co latão de leite e derrubô tudo no chão.* **2.** Aceitar, concordar. *Beltrano e sicrano, depois de conversá por um tempo, toparo desfazê a sociedade que tinham. Depois do convite do padre, os fiéis toparo fazê otra quermesse no mês de junho.* **3.** Encontrar algo. *Quano o sitiante topô co´a onça no carreadô, ele passô o maior cagasso. No sítio do seu Gino, pra todo lado que andá é possível topá cum pé de mamão, tomatêro e pé de melancia.*

TORAR v. Atorar. *O raio caiu sobre a árvore e torô ela no meio.O cara tava cortano cana e torô o dedo co facão.* **Var.** atorar.

TORÓ s.m. Pé d´água, chuva de pancada, chuva com enxurrada. *Caiu um toró de mais de meia hora, alagô tudo. Pelo jeito que o tempo tá armano vem aí um toró daqueles.*

TORTURÁ v. Triturar. *Pra fazê o fubá, é perciso torturá o milho bem fininho, e pra fazê paçoca tem que torturá o amendoim mais grosso.* **Var**. torturar.

TOSSE DE CACHORRO s.f. Tosse muito forte, seca, repetida. *Onde será que fulano pegô essa tosse de cachorro. Sicrano foi pro médico vê se consegue sará daquela tossinha de cachorro que tá azucrinano a vida dele.*

TOUCA s.f. V. *dormir de touca*.

TRABISSEIRO s.m. Travesseiro. *Fulano ganhô um trabissêro de paina da mãe dele. Sicrano comprô um trabissêro de pena de galinha.*

TRABUCO s.m. Arma de fogo. *Fulano tem dois trabucos, um tresoitão e u´a cartuchêra. Sicrano meteu o trabuco na cara do bandido e ele se escafedeu.*

TRAÇAR v. 1. Cortar, serrar. *Fulano traçô pelo menos u´as cinco peroba por dia. Sicrano, sozinho, sem ajuda de ninguém, foi quem traçô as tábua da casa*. **2**. Comer alguma coisa. *Beltrano traçô duas pratada de comida daquelas de fazê morrinho*. **3.** Fazer sexo, transar. *Reclano traçô a noiva e depois descobriu que embarrigô ela. O cara é um famoso gavião na vila, traça todas que ele consegue.*

TRAFUNCAR v. Enfiar, meter-se no meio de algo. *Fulano trafuncô a cara no meio do cafezal e escafedeu-se.* **S.** tafuiar.

TRAIA s.f. Tralha, pessoa ou coisa sem qualidade, inútil. *Joga essa traia fora, isso num vale nada. Aquele cara é u´a traia das boas, nem a familha dele aguenta as aprontação que faiz*.

TRAÍRA s.f. Pessoa que trai outra. *A mulher do fulano é u´a verdadêra traíra, coitado dele.* **Var.** taraíra.

TRAMBIQUE s.m. Negócio fraudulento, logro, fraude. *De trambique e coisa mal feita eu já tô cheio.*

TRAMBIQUEIRO s.m. Tratante, pessoa que vive de fazer trambiques. *Fulano é um trambiquêro de marca maior, num dá pra confiá nele.*

TRAMBOIO s.m. Trambolho, coisa imprestável, algo que incomoda. *Fulano, tira esse trambolho do caminho que eu preciso passá. Sicrano achô que tinha feito u´a boa compra, mais a debulhadêra vendida pelo beltrano é um verdadêro tramboio.* **Var**. trambôi, trambolho.

TRAMELA s.f. 1. Peça de madeira que serve para fechar janelas e portas nas casas de madeira. **C.** As tramelas costumavam ser feitas de pedaços de ripas de cerca ou de mata-junta. **2.** Pessoa faladeira. *Fulana é u´a boca de tramela, fala mais que a muié da cobra.* **Var.** taramela. **V**. boca de tramela.

TRANCO s.m. 1. Trabalho. *Fulano tem que pegá no tranco às 6 da manhã. Segunda é dia de tranco pra todo mundo, menos pro sicrano que é um boa vida.* **V.** aguentar o rojão, aguentar o tranco, aos trancos e barrancos*.* **V.** aos trancos e barrancos*.* **2.** Na pancada, na marra*. Fulano botô o caminhão na descida pra fazê ele pegá no tranco.*

TRANQUERA s.f. 1. Pilha de paus e galhos, em geral depositados em um curso d'água; amontoado de coisas inúteis em algum ambiente. *A pescaria de bagres nas tranquêra é o que dá melhor resultado.* **2.** Objeto sem qualidade, imprestável, problema*. O caminhão do fulano é tranquêra pura, só vive quebrando. O acordo co capataiz só deu tranquêra, ele roeu a corda o tempo todo.* **3.** Pessoa má, gente ruim, má companhia, gente que dá problema*. Fulano só arruma amigo ê quando precisa de ajuda num encontra um deles que teja junto prá ajudá. Sicrano é bom pra jogá bola, mais nas pescaria é u´a tranquêra, bebe demais e dá muita preocupação. Pouca gente confia em beltrano, sua fama de tranquêra é bem conhecida.* **V.** cacareco*.*

TRAPO s.m. V. ajuntar os trapos, *língua de trapo*.

TRAQUE s.m. Peido, bufa. *Fulano soltou um traque no meio da sala que fedeu pra todo lado. Sicrano achô que ia soltá um traque mas o que saiu foi um peidão.* **V.** marca traque, soltar um traque.

TRÁS adv. V. andar para trás, pular para trás*.*

TRECHO s.m. V. carpir o trecho, peão de trecho*.*

TREIÇÃO s.f. Traição, supresa. *Fulano foi pego de treição e teve que dá na canela pra num morrê baleado. A gripe pegô ele de treição e derrubô na cama, foi u´a semana de môio. Fizero u´a treição pro fulano e quano ele viu o mutirão tava ajudano ele a roçá o pasto.*

TRELA s.f. V. dar trela*.*

TREM s.m. Qualquer coisa ou objeto, treco. *Pega esses trem que tão aí e empilha na tulha. Comprei uns trem na venda e vim de boleia.* **V.** bagulho, comer um trem, escambaus, joça, poioca, trem, trosfego*.*

Trem bão. Coisa boa, fato agradável. *Tem muita mulher nesta festa, êita trem bão, sô!*

TREM DE COZINHA s.m. Trempe, pequeno jirau, de ferro ou alumínio, no qual se dependurava os utensílios de cozinha. **C.** Geralmente ficava ao lado do fogão.

TREPAR v. Subir. *Fulano trepô no pé de goiaba pra pegá as fruta mais bonita. Sicrano vive trepado nos pé de manga da chácara do avô.*

TRESOITÃO s.m. Revólver calibre 38. *Fulano anda sempre cum tresoitão na cintura. Beltrano levô um balaço de tresoitão que se pega numa parte vital ele tinha morrido, por sorte foi só de fianco*. **C**. De modo geral o termo tresoitão se aplicava a todo e qualquer tipo de revólver.

TRESONTONTE adv. Antes de antontem, trasanteontem. *Tresontonte fui à casa do cumpadre buscá um poco de fumo de rolo. Tresontonte deu um vento muito forte nesta região.*

TRÊS-VEZES-OITO s.m. Homossexual. *O trêis-veis-oito do fulano é muito fresco pro meu gosto.* **V.** baitola, boiola, vinte-e-quatro*.*

TRETA s.f. 1. Coisa errada, armação. *A venda do sítio foi treta, passaram a saliva no jacu e levaro ele no bico. O trabalho do fulano foi u´a treta só, teve que sê refeito.* **2.** Confusão, briga. *Fulano mexeu cum fulana e deu a maior treta cum o pai dela. Sicrano saiu de fininho pra num havê treta cum beltrano.* **V.** desgraceira, forrobodó, furdunço, melê, merdeiro, pampeiro, perereco, pipoco, rebosteio, vuco-vuco, ziquizira*.*

TREVÉIS s.m. Posição oblíqua, través. *Fulano ficô olhano a filha do fulano meio de trevéis.* **V.** fianco, isgueio, revesgueio.

TRIBUFU s.m. Pessoa feia. Naquela festa só tinha tribufu. *Pode falá o que quisé, mais o foto é que o fulano só namora tribufu. Tribufu é pouco, ela é horrorosa. O baile lá da vila dá muito tribufu, bucho e piranha, cuidado pa num pegá doença por lá.* **C.** Era usado mais frequentemente para referir moça ou mulher feia.

TRILHO s.m. V. limpador de trilho.

TRIMILIQUE s.m. Estremecimento, susto, medo. *Deu um trimilique na fulana e ela caiu desmaiada no meio da cozinha. Fulano ouviu o urro da onça e sentiu um trimilique na espinha e um frio na barriga.* **Var**. tremilique.

Trincá os coco. Em desacordo, com problema, não satisfatório. *A conversa do Fulano é de trincá os coco. A proposta que o Sicrano feiz foi de trincá os coco.*

Trincar o saco. Encher a paciência, incomodar, chatice. *A conversa dele é de trincá o saco! Trabaiá co fulano é de trincá o saco, tai um cara qui num gosta di serviço.*

TRIPA GAITEIRA s.f. Reto, segmento final do intestino. *Fulano abriu a tripa gaitêra e foi aquele futum; vá peidá fidido assim lá nos quinto dos inferno! Sicrano meteu a faca na tripa gaitera do beltrano e mandô ele comê capim pela raiz.*

TRIPA s.f. V. *pau de virar tripa.*

TRISCAR v. Tocar de leve. *É só triscá nele que ele tá de pé. Num posso nem triscá em gordura, o médico proibiu.* **S.** relar.

TRIVELA adv. V. de conhém, de fianco, de revesgueio.

TRIVELA s.f. Lado. *Ele chutô a bola meio de trivela. Fulano escorregô e caiu meio de trivela.* **V.** *de trivela, de fianco, de conhém.*

Trocar o óleo. Fazer sexo. *Toda veiz que vem para a cidade, fulano dá u´a passadinha na zona pra trocá o óleo. O cara achô que podia trocá o óleo cum qualqué u´a mais se deu mal, pegô um cancro daqueles.*

TROCO s.m. V. a troco de quê.

TROÇO s.m. Qualquer coisa, coisa sem valor. *Fulano jogô um monte de troço no lixo e nada daquilo feiz falta. Oi, beltrano, pega esse troço ai e passa pra cá.* **V.** tareco.

TROLOLÓ s.m. Conversa mole, conversa fútil. *Num vem de trololó, que o problema é sério precisa sê resolvido rapidim.*

TRONCHO adj. Torto, mal alinhado, mal feito, machucado, defeituoso, curvado. *O telhado da casa ficô troncho. A arrumação da sacaria tá troncha, desmancha tudo e fais otra veiz. Fulano caiu do cavalo e ficô todo troncho. Depois de capiná carrapicho e mato alto, sicrano acabô ficano meio troncho. Até os oitenta anos o pai do beltrano foi bem, depois, ficô troncho e encurvado.*

TROPA s.f. Grupo de pessoas, bando, turma. *A tropa lá em casa é grande. Ele veio co´a tropa toda e fizemo o serviço na metade de um dia.* **Var.** tropinha. **V.** bagraiada, curriola, negada, panela, patota, tropa.

TROPINHA s.f. Tropa. *A tropinha do fundão é de acabá co´a pacência de qualquer professor. A tropinha co´a qual o filho do fulano tá andano é tranquêra da pesada.*

TROSFEGO s.m. Qualquer objeto, treco. *Bota esse trosfego aí e vamo simbora*. **Var.** trofégo. **V.** bagulho, escambaus, joça, poioca, tareco.

TRUMBICAR v.pron. Ferrar-se, machucar-se. *Fulano caiu do cavalo e se trumbicô todo. Sicrano escorregô e se destrumbicô inteiro.*

TRUPICAR v. Tropeçar, dar topada. *Trupiquei na raiz e só num caí porque fulano me segurô*. *Sicrano tropicô num pedaço de caibro e arrancô a unha do dedão.* **Var.** tropicar.

TUCURA s.2g. 1. Gado rústico, miúdo. *Comprei um boi tucura, legítimo pé-duro!* **2.** Sujeito bronco, meio caipira. *Aquele cara é meio tucura.* **V.** babaquara, bicho do mato, bocoió, caboco, caipira, caipora, capiau, coió, jacu, matuto.

TUDO pron. indef. V. *de um tudo.*

TUFO s.m. 1. Volume ou quantidade de alguma coisa. *Fulano cortô um tufo de capim e deu pros cabrito. Sicrano perdeu a paciência, juntô a filha pelos cabelo e ficô cum tufo na não.* **2**. Dinheiro. *Beltrano tá montado nos tufo, agora ele compra um fogão novo pra mulher dele. E de quanto tufo tamo falando?* **S.** bufunfa, tutu.

TUFO DO MUCURUFO s.m. Algo muito bom. *O bolo do casamento da fulana tava o tufo do mucurufo. Pra quem achô que a viage ia gorá acabô fazeno um passeio que foi o tufo do mucurufo.*

TUIA s.f. Tulha, lugar para guardar café e cereais. *Fulano construiu u´a tuia bem grande esperano boa safra, mais num foi tudo isso não.*

TUNDA s.f. Surra. **S.** coça.

Tunda de laço. Surra aplicada com laço ou corda. *Fulano deu u´a tunda de laço no cachorro, que ele nunca mais avançou. Sicrano levô u´a tunda de laço do beltrano, que teve de i pro hospital.* **V.** coça, peia, piaba, pisa, sova.

TURCO s.m. 1. Árabe ou descendente de árabe. *Pra vendê coisas, sicrano é mais ligêro que turco.* **2.** Mascate, vendedor hábil. *O pai do fulano é turco, ele mascateia pela região.* **C.** Em geral, independentemente do país de origem, assim eram referidos os mascates e os comerciantes que aceitavam regatear os preços.

TURCO s.m. V. *pagar o turco*.

TUTU s.m. Dinheiro, grana. *É muito tutu pra um caminhão que já deu o que tinha que dá. Fulano ganhô um bom tutu co´a venda do café. Na partição da herança do sicrano, o filho mais véio foi quem ficô co´a maior parte do tutu.* **V**. tufo, bufunfa.

U, de **urutau** ou **urutago,** uma ave noturna acerca da qual havia a crendice popular que sua presença era motivo de má sorte ou mau agouro, ou da ocorrência de alguma desgraça. Havia uma expressão popular que dizia: "Mais feio que filhote de urutago". Outras aves como o urubu e o anu preto também eram objeto de crendice popular. Matar um urubu ocasionava atraso de vida. Comer a carne do anu preto curava doenças venéreas. Outra ave que era tida como de mau agouro era a coruja, principalmente a "rasga-mortalha", cujo piado dava "frio na espinha" dos superticiosos e era associada a um aviso de que alguém da família iria morrer proximamente.

UAI interj. Expressão de admiração, espanto ou concordância. *Uai, que trem bão, sô! Deixa isso pra lá, uai. Uai, e num é disso mesmo que tamo falando, sô.* **C.** Provavelmente trazida pelos mineiros, esta interjeição pode assumir muitos significados.

UIA i**nterj.** Expressão de espanto, de admiração. *Uia, que eu me assustei. Uia, que maravilha!*

Um pé lá e outro cá. Ordem para fazer algo indo e voltando rapidamente. *Vai levá a comida pro pessoal da roça, mais já viu, heim! Um pé lá otro cá.*

Uma pá de vezes. Muitas vezes, repetidas vezes. *Acho que num foi a primêra veiz que ele robô galinha do vizinho, ao que parece ele já feiz isso u´a pá de veiz. Depois de abaná café u´a pá de veiz, sicrano conseguia sê o mais rápido de todos os pião.* **Var.** uma pá de veiz.

URSO s.m. V. bafo de urso, bafo de onça.

URU s.m. V. filhote de uru.

URUCUBACA s.f. Azar, má sorte, feitiço. *Fulano tá cagado de urubu, é urucubaca demais. Fizero urucubaca cum ele, nada do que tem feito ultimamente tem dado certo.* **Var.** uruca.

URUTU s.f. Mulher braba, pessoa venenosa. *Dona Zefa parece urutu, a língua dela verte veneno.* **S.** caninana, cascavel, surucucu.

V, de **viagens longas e difíceis**, viagens para voltar a ver os parentes, pessoas que ficaram nos lugares de origem de boa parte dos migrantes e imigrantes daqueles tempos. A família de minha mãe morava em Nhandeara/SP, a três dias de viagem. Dormíamos pelo caminho, comíamos à beira de algum rio ou córrego, sempre de águas limpas, não existia poluição. Uma certa vez tivemos que esperar terminarem uma ponte para prosseguir viagem. Muitos dos pioneiros, em particular aqueles que vieram do estrangeiro e do Norte/Nordeste do país, não conseguiram empreender a viagem de volta, faleceram antes que tivessem condições para isso.

Vá lamber sabão. Vá embora, sai daqui, vá se ferrar. *Então, se num concorda co´a oferta, vá lambê sabão. Discutiro por meia hora, num chegaro no acôrdo e fulano mandô sicrano lambê sabão.*

Vá peidá no mato. Ordem para se calar, se afastar. *Vá peidá no mato, num enche o saco, num quero vê ocê por perto.* **S.** vá ter lascá, vai ver se estou na esquina. **Var.** vá cagá no mato.

Vá te catar. Sai de perto, vá embora, vá pro inferno. *Isso num é proposta que se faça, cum todo o respeito, vá te catar. Fulano ficô brabo cum sicrano e mandô ele se catar. Beltrano ficô chateado co´as brincadêra de mau gosto dos amigo e mandô eles se catá*.

Vá te lascá. Ordem para se calar ou se afastar. *Agora ocê encheu meu saco, vá te lascar.* **S.** vá peidá no mato, vai ver se estou na esquina. **V.** *vá peidá no mato.*

VACA s.f. V. a vaca foi pro brejo, *mão de vaca,* nem que a vaca tussa.

VAGAL adj.2g. Preguiçoso, indolente. *O professor fulano tem meia dúzia de alunos vagais. Sicrano é muito vagal, esquece tudo.*

Vai rendê. Vai acontecer, vai funcionar, vai dar problema, vai dar errado ou algo não desejado, conforme a frase. *A conversa das duas sogra vai rendê, e os genro que se cuidem. Isso vai rendê, é só continuá a jogá lixo no terreno do vizinho. Se Fulano souber batê um barro na Fulana, a conversa vai rendê. Num mexe co sicrano senão isso vai rendê!* **C.** Podia, também, ser utilizado como antônimo.

Vai ver se estou na esquina. Ordem para se calar ou se afastar. *Agora ocê torrô a minha paciência, vai vê se tô na esquina.* **S.** vá peidá no mato, vá te lascá.

VAMBORA v. Vamos embora. *Vambora que já é hora.* **V.** simbora.

VAMOS v. V. hora do vamos ver.

VARA s.f. V. cutucar onça com vara curta.

VARADO DE FOME adj. Faminto. *Fulano e sicrano chegaro do trabalho varado de fome. Trabalharam até o meio-dia, deve tá todo mundo varado de fome.*

VARAPAU s.2g. Pessoa muito alta. *O cara é um varapau, tem mais de dois metros de altura.*

VARAR v. Atravessar, cruzar, passar ao longo. *Fulano varô a noite velano o morto. Sicrano varô a mata de cabo a rabo e num achô o que queria.*

VAREIA v. Forma do verbo variar: varia. *Num relógio são oito horas, notro é nove e meia; aí a hora vareia. O tempo aqui vareia muito, nunca se sabe se vai esfriá ô se vai esquentá.*

VAREIO s.m. Derrota, surra, humilhação. *Fulano deu o maior vareio em sicrano nas eleição pra prefeito. O time do beltrano levô um vareio no jogo de futebol que ele até perdeu o sorriso.*

VARIADO adj. Louco, maluco, doente mental. *O filho de dona fulana é meio variado, num bate bem da cachola.*

Vaza daqui. Sai daqui, vá embora, some daqui, cai fora. *Fulano, vaza daqui que cê tá incomodano todo mundo. Chateado ca brincadera, sicrano mandô a criançada vazá da sala. Só depois de ouvi um vaza daqui é que beltrano se mancô e percebeu que tava errado*.

VAZADO adv. V. sair vazado.

VAZAR v. Sair de fininho e rápido, sair às pressas. *Fulano vazô da festa o mais rápido que pôde, a mulher dele tava u´a fera.* **S.** sair vazado.

VELA s.f. V. *nem choro, nem vela, nem fita amarela.*

VELHA adj. V. do arco da velha, velha calçuda, raposa velha.

VELHA CALÇUDA s.f. Mulher idosa e autoritária. *A véia carçuda num deixô fulano i passeá porque ele tinha tarefa pra fazê.* **C.** Às vezes os moleques usavam para referir às próprias mães. **Var.** véia carçuda.

VELHO adj. V. *macaco velho, porre de maringá velho, raposa velha, velho coroca.*

VELHO COROCA s.m. Pessoa muito velha, encarquilhada. *Ô véio coroca, toma juízo. A mãe do fulano é u´a veia coroca, já perdeu o rumo da vida*. **C.** Empregava-se para xingar as pessoas idosas.

VELVA s.f. V. arco, tarco ou verva.

Vender as calças. Fazer de tudo para superar uma situação difícil. *Fulano teve que vendê as calça para se livrá dos credores.*

VENTA s.f. Nariz. *Fulano levô um murro nas venta, que foi um estrago só.* ***S.*** nazo.

VENTO ENCANADO s.m. Lufada ou corrente de ar à qual era atribuída o acometimento de doenças. *Peguei um baita resfriado por causa de um vento encanado. Fecha a porta pra num tê vento encanado, se não a gente fica doente.*

VER v. V. hora do vamos ver.

VEREDA s.f. V. de vereda.

VERMELHÃO s.m. Acabamento de óxido de ferro misturado com cimento que se aplicava umedecido nos pisos e no acabamento dos fogões a lenha. *Depois que foi aplicado vermelhão na cozinha dona fulana ficô feliz da vida.*

VERMELHO adj. V. pé vermelho.

Verter água. Urinar. *Fulano saiu de fininho e foi vertê água atrais da tuia.*

VESTIDO adj. V. cavalo vestido.

VIDA s.f. V. fazer a vida, mulher da vida, pê da vida.

VIDRADO adj. Apaixonado, interressado, louco por, gamado. *Fulano tá vidrado na sicrana, foi paixão à primêra vista. Beltrana tá vidrada pra comprá um vestido novo pro baile dos namorado.*

VINGAR v. Medrar, sobreviver. *Dos cinco filho de dona Fulana só dois vingaro. Roça de milho plantada no inverno num vinga.*

VINO v. Gerúndio do verbo *vir*: *vindo*. *Fulano tá vino lá do Uniflor.*

VINTE-E-QUATRO s.m. Homossexual. **V.** baitola, três-vezes-oito.

VIOLA s.f. V. ensacar a viola, no pau da viola.

Vir para o tapa. Chamar para briga. *Vem pro tapa, se ocê é homem. Depois que fulano gritô pro sicrano vim pro tapa, ele murchô as oreia.* **V.** ir para o tapa.

VIRA-BOSTA s.m. Besouro preto brilhante que se alimenta de esterco. *Tem muito vira-bosta no pasto do fulano.*

Virar cambota. Dar cambalhota. *Fulano deu várias cambota quano caiu pelo barranco do buração*. *Sicrano, pra ganhá uns cobres virava cambota até em cima de calçada.*

Virar fubá. Escafeder, desaparecer. *Quano fulano viu o cachorro, ele virô fubá e deu no pé. Sicrano feiz a cagada toda e virô num peido, ninguém mais viu ele nas redondeza*. **Var.** virar no azeite, virado no que que é isso, virar num peido, virar num salseiro.

Virar no capeta. Tornar-se agressivo, inquieto. *Fulano tá virado no capeta, já brigô cum meia dúzia.* **Var.** virar no diabo, virar no saci.

VIRAR v. V. pau de virar tripa.

VISAGEM s.f. Fantasma, assombração. *Depois da meia-noite, lá na igreja velha aparece muita visage. Essas visage é tudo da cabeça dele, ninguém viu nada até agora.*

VOLTAR v. Dar troco, dar algo em troca. *Recebeu dois mirréis e u´a carroça, vortô um porco na troca.*

VORTA E MEIA l.adv. De tempos em tempos. *Vorta e meia fulano aparece por aqui.*

VORTA s.f. Volta, passeio. *Então, meu amigo, vamo dá u´a vorta pelo cafezal pra vê a carga de flor que deu esse ano?* **V.** vortear.

VORTEADA s.f. Passeio, giro. *Fulano deu u´a vorteada no curral pra vê se o gado tava bem cuidado. Sicrano deu u´a vortiada na região pra conhecê melhor o lugar.* **Var.** vortiada.

VORTEAR v. Voltear. *Ficamo vorteano na vila até achá um lugá pra comê.* **V.** vorta, vorteada.

VÔTE COBRA interj. Expressão de espanto, de recusa. *Vote, cobra! Sartei de banda! Tô fora. Vôte cobra, ói só o tamain daquela caxa de marimbondo.*

VOZ DE TAQUARA RACHADA s.f. Voz fina, aguda de falsete, voz estridente que desafina e chega irritar quem a ouve. *Fulana tem voz de taquara rachada, dói só de ouvi. Sicrano tem voz de taquara rachada, e o pior é que ele fala demais, num dá pra guentá.*

VUCO-VUCO s.m. 1. Confusão, bagunça, empurra-empurra. *No meio da festa alguém se desintendeu e foi aquele vuco-vuco, saiu até tiro.* **V.** desgraceira, forrobodó, furdunço, melê, merdeiro, pampeiro, perereco, pipoco, rebosteio, treta, ziquizira. **2.** Relação sexual. **V.** afogar o ganso, bimbada, créu, pirocada.

W, de **Watanabe**, o “Bar do Watanabe”, a sorveteria na qual, volta e meia, os habitantes de Nova Esperança se deliciavam com casquinhas (sorvetes de massa) e palitos (picolés). Nela também se reuniam os “notáveis” de Nova Esperança, em uma espécie de clube; nessas reuniões, não raro, ocorriam acaloradas discussões e até briga.

Não ocorreu verbete com a letra W nesta pesquisa.

X, de **xarope**. Feitos de modo caseiro e sem nenhum rigor farmacêutico, constituíam recurso de cura frequentemente utilizado pelas donas de casa. Além deles, a medicina caseira incluía chás, emplastros, carraspanas e pomadas. As matas e capoeiras eram ricas em espécies de uso fitoterápico e no fundo dos quintais havia sempre alguma erva "milagrosa" disponível para uso. As comadres e amigas trocavam conhecimentos entre si, mas também lançavam mão de "remédios" tradicionais como o Vick Vaporub, o pó Anasseptil (o tal do "pó de tapá taio"), os reguladores, os vermífugos, os elixires, os fortificantes, o intragável Óleo de Fígado de Bacalhau e outros de gosto horrível. O uso de garrafadas era outro costumeiro recurso medicinal (algumas ficavam enterradas até 21 dias para curar). E havia ainda os purgantes "para limpar os intestinos" e "melhorar a pele". Haja estômago. A automedicação era a regra. Não raro, o médico era procurado quando já nada mais havia a fazer. Muitas vezes os médicos daqueles tempos, mesmo tendo prestado socorro, nada podiam fazer e, consequentemente, até ameaças recebiam por não conseguir salvar os pacientes vindos em "última hora".

X, de **Xavier de Barros**, o seu José e a dona Benedita, que foram os primeiros habitantes da recém-criada vila de Capelinha.

XAROPE s.m. Pessoa chata, sem assunto. *Fulano é o cara mais xarope que já vi, só fala abobrinha. Deixa de sê xarope sicrano, vai junto co´a turma da escola. É muita xaropice pro meu gosto, se fosse por mim beltrano num seria convidado.* **Var**. xaropice.

XÊÊ interj. Expressão de espanto, negação ou discordância. *Xêê, nem vem que eu num tô nem aí pra quem capô o gato.* **Var.** xéé.

XERECA s.f. Vagina. **V.** chana, perereca, perseguida, piriquita.

XIBIU s.m. Ânus. *Vai lavá a bunda, menino! Cê tá fedeno chibiu.* **V.** ás de copas, busanfã, fiofó, lordo, roscófi, toba.

XIBUNGO s.m. Coisa sem valor, pessoa sem qualidade. *Num se gasta chumbo em xibungo. A xibungada toda num vale o pão que come.* **Var**. ximbungo.

XICRA s.f. Xícara. *Fulano comprô um jogo de xicra. Sicrana trupicô e caiu cum montão de xicra no chão, foi um estrago só.*

XIMBICA s.f. Veículo antigo, carro velho, carro de pequeno porte. *Fulano comprou uma ximbica que estava caino aos pedaços, não aguentou a primeira viagem.* **S.** fubeca.

Y

Y, que simboliza a forquilha de estilingue, a “arma” com a qual, à época, todo moleque que se prezasse precisava ter algum domínio. As forquilhas tinham que ser regulares e uniformes em suas aberturas. As melhores, as mais perfeitas, eram tiradas dos galhos de carrapateira (*Metrodorea nigra*) abundante na Mata da Oficial, do leiteiro (*Tabernaemontana fuchsiaefolia)*, praga de pasto que estava bastante presente na chácara da Companhia, e de outras árvores, como a jabuticabeira e a goiabeira, nas quais se podiam encontrar boas forquilhas. Os estilingues eram feitos com borracha de câmara de ar. Dava-se preferência àquelas de automóvel, mais elásticas e delgadas, mas na falta destas valia a de caminhão. As malhas era a parte onde se colocava a pedra/projétil - eram fabricadas de retalhos de couro disponíveis nas sapatarias (de fazer sapato e botinas, não de conserto, como são atualmente) da cidade. E duas eram as formas de amarrar as tiras de borracha na forquilha: uma, em paralelo com o topo da forquilha (o braço) sendo o elástico (tira fininha da mesma borracha) colocado envolvendo a forquilha e a tira de borracha e, a outra, a borracha era colocada ao topo do braço da forquilha envolvendo-a e era amarrada com o elástico.

Não ocorreu verbete com a letra Y nesta pesquisa.

Z, de **zabumba**, que era um dos instrumentos das fanfarras que animaram os desfiles de 7 de setembro desde os tempos da vila de Capelinha quando os alunos da Casa Escolar, depois Grupo Escolar, desfilavam ao som de apenas um tambor e uma corneta, até as fanfarras de maior porte que foram formadas sequencialmente. Uma das primeiras com maior número de instrumentos e de participantes foi organizadas pela então diretora Nélida. Também deixaram saudades muitas das fanfarras que foram formadas no Ginásio Estadual, o GENE, que em 1956 foi instalado em uma edificação de madeira originalmente destinada a um hospital que nunca passou das intenções dos moradores da cidade. Participar da fanfarra era algo muito importante para um bocado dos jovens daqueles tempos.

ZANGAR v. Piorar, arruinar. *Já tava machucado e levô otro chute, aí a ferida zangô de veiz.*

ZAROIO adj. s.m. Caolho, vesgo. *Fulano é meio zaroio, fala olhano pros lado. Tadim do sicrano num sei como ele consegue lê de tão zaroio que é.* **Var**. zarolho.

ZÊÊÊBRA interj. Expressão de negativa. *Zêêêebra, vira essa coisa pra lá. Vixe! Nem tussindo eu entro nesse rio; zêêêbra!* **C.** Empregava-se quando de susto por algo.

ZERO num. ord. V. estaca zero.

ZÉ-RUELA s.m. Pessoa sem importância, pessoa pobre. *Esse cara é um zé-ruela qualquer. Aí o tal zé-ruela quis entrá no baile e foi barrado. Ela casô cum zé-ruela e agora, cum certeza, a vida dela vai complicá.* **V.** bagrinho, cabeça de bagre, peidorreiro.

ZINCO s.m. V. *folha de zinco.*

ZIQUIZIRA s.f. Bagunça, confusão, erro. *O noivo se atrasô e deu a maior ziquizira. O cara furô a fila do circo e foi aquela ziquizira.* **V.** desgraceira, forrobodó, furdunço, melê, merdeiro, pampeiro, perereco, pipoco, rebosteio, vuco-vuco.

ZOAR v. 1. Fazer passar o tempo, distrair-se. *Os amigos de fulano ficaro zoano pela vila até a madrugada.* **2.** Tirar sarro de alguém. *Fulano ficô zoano co´a cara do sicrano até dá briga.*

ZOIAR v. Olhar. *Fica zoiano o bicho pra ele num fugir.*

ZOIO (ó) s.m. Olho. *O fulano foi descuidado quano entrô no meio do mato e um espinho furô o zoio dele.*

ZONA s.f. V. casa de zona, menina da zona.

ZOREIA s.f. Orelha. *Fulano, desconfiado como ele só, ficô co´a zoreia em pé quano soube do negócio que o filho feiz.*

ZOSSOS s.m.pl. Ossos. *Tô moiado inté u zossos.*

ZUNHADA s.f. Unhada, arranhada. *O gato zunhô a mão do menino. Na briga fulano levô u´a zunhada que verteu sangue.*

ZUNHAR v. Unhar. *O gato zunhô a mão do menino.*

ZURETA s.2g. Bobo, maluco. *Fulano é meio zureta, só faiz coisa errada. O zureta do fulano num percebeu que o papo dele num tava agradano ninguém.* **V.** arigó, bocó, cabeça de porongo, jacu, loque, mocorongo, mondrongo, paiaguá, pato, tongo.

ZUVIDO s.m. Ouvido. *Fulano levô um tapa no escutadô de novela que dexô ele co zuvido zunino.*

6 DITADOS POPULARES ´NAQUELES TEMPOS´

Não é o tempo que voa. Sou eu que vou devagar. Helena KOLODY (poetisa paranaense).

Os ditados populares, também conhecidos como adágios, aforismos, ditos, máximas ou provérbios, constituem uma forma de expressão cultural imaterial que, em meio ao povo em geral, serve para veicular certos conhecimentos, filosofia de vida, preceitos de moral, orientações práticas para o cotidiano, regras de bem viver, bons costumes etc. e, mesmo, para ´tirar sarro´, ´fazer gozação´, ´ridicularizar´, ´fazer troça´, ´protestar´ e outras intenções do gênero.

Os termos anexim, parêmia, prolóquio e rifão constituem equivalentes sinonímicos dos ditados. Eles estão presentes em todas as épocas e culturas. Às vezes mudam os objetos referidos, mas a ´lição´, a ´intenção´ por detrás da inteligência filosófica dos ditados tem o mesmo papel entre as pessoas que deles fazem uso: alertar ou nortear procedimentos, explicitar aspectos do cotidiano que merecem atenção, traduzir as ocorrências de sazonalidade e as manifestações da natureza, entre outros; muitos deles com sentido ´pedagógico´.

Não possuem uma única origem, e alguns são comuns entre povos de diferentes épocas e de localização geográfica diferenciada. Muitos deles podem ser encontrados nos antigos livros sagrados, por exemplo, a Bíblia: “olho por olho, dente por dente” (Lev. 24:20); “os últimos serão os primeiros e os primeiros serão os últimos”(Mt. 19:30); “tudo o que o homem semear, isso também ceifará” (Gl. 6:7).

Boa parte daqueles que falamos em nosso cotidiano é originária, predominantemente, das culturas portuguesa e espanhola. Também são originários de muitos outros países. Por exemplos: “O homem comum fala, o sábio escuta e o tolo discute” (Japão); “Cria corvos que comerão teus olhos” (Espanha); “Agora a Inês é morta” (Portugal); “De grão em grão a galinha enche o papo” (Portugal); “Um centavo economizado é um centavo ganho” (Inglaterra).

Até dos tempos da Roma Antiga, em que o latim era a língua vernacular, temos ditados que são falados até hoje, por exemplos: *De gustibus et coloribus non est disputantum* (De gostos e cores não se discute); *Arbor ex fructu cognoscitur* (A árvore se conhece pelos frutos.); *Amicus certus in re incerta cernitur* (Amigo certo se conhece na hora incerta), e o clássico: *Vox populi, vox Dei est* (A voz do povo é a voz de Deus).

Na relação de ditados aqui registrados existe, portanto, certa universalidade cujas origens são incertas. Neste trabalho interessaram aqueles que faziam (e ainda fazem) parte da ´sabedoria popular´ vigente em Capelinha/Nova Esperança e região, em meados do século XX. Alguns foram citados nas aulas de latim do professor Raul Pimenta lá no tempo em que esta língua era estudada no ginásio. Outros foram referidos pelo professor Antonio Melnechuck, que os colocou em um cartaz na parede do ginásio, tal como: “A palavra é de prata, mas o silêncio é de ouro”, indicando aos alunos que em sala de aula era preciso ficar quieto.

Dona Nair, esposa do seu Lolô, mãe dos meus amigos José, Mirna, Florenir, Edson, Neusa, Célia e Oscar, era bastante hábil no uso de ditados para expressar certas orientações aos filhos e para manifestar sua opinião aos amigos. Ela, como minha mãe, Dona Irma, e muitos pais daqueles tempos, tinham nos ditados uma fonte de sabedoria. Por meio da citação repetida intentavam inculcar nos filhos algumas noções básicas de boa vivência. Neste texto são rememorados muitos daqueles ditados por eles utilizados.

Não raro os ditados populares estavam postos nas paredes das vendas, nas proximidades dos caixas ou em alguma propaganda. Por exemplo, existiam aqueles que visavam alertar os fregueses quanto a algum procedimento comercial adotado pelo estabelecimento, tais como: “Fiado só no dia de São Nunca” ou “Fiado só pra maiores de 100 anos acompanhados dos avós”.

Às vezes podiam ser encontrados nos capachos à entrada principal das habitações, nos panos de cozinha (aqueles bordados à mão) dependurados na parede à frente do lavadouro de pratos ou do fogão, tais como: “*Deus ajuda quem cedo madruga*”; “*Se vens para esta casa com Deus no coração, entra que a casa é tua; mas se vem para falar mal dos outros, é melhor ficares na rua*”; “*O pouco com Deus é tudo, o muito sem Deus é nada*”. Também podiam ser vistos nos para-choques de caminhão, razão pela qual foi cunhada a tal de ´filosofia de para-choque´.

Houve um tempo, até algumas décadas atrás, que era moda os motoristas de caminhão pintarem dizeres nos para-choques dianteiros e em algumas partes da traseira das carrocerias. Muitas das frases não eram propriamente ditados. Algumas traduziam protestos, outras, os aspectos da vida caminhoneira, outras, alguma tirada engraçada e assim por diante. Por exemplos: “*Sogro rico e porco gordo só dão lucro quando morrem*”; “*Escreveu não leu, então é burro*”; “*Pobre é como cachimbo, só leva fumo*”.

O mundo das frases de para-choque era bastante divertido e, com certeza, a rememoração daquelas observadas ´naqueles tempos´ poderia encher incontáveis páginas. Neste trabalho as frases de para-choque não foram objeto de atenção, ainda que alguns dos ditados aqui coletados fossem ostentados pelos caminhoneiros.

Abaixo segue um rol dos ditados populares recitados nas terras de Capelinha nos tempos de seu desbravamento, dos quais, boa parte, ainda hoje está presente nas falas das pessoas em geral, sendo que alguns eram usados com maior frequência.

Foram rememorados mediante anotação sistemática e garimpados de diversas fontes, em geral dicionários correlatos. Eventualmente foi feito uso de coletâneas disponíveis na internet em inúmeros sítios que dispõem este tipo de material. Não possuem autoria específica, nem origem étnica demarcada. Adotou-se classificá-los em: “pedagógicos” em geral e relacionados a zoônimos. Os ditados ´pedagógicos´aqui coletados foram colocados em ordem alfabética de formulação, e aqueles relacionados a zoônimos estão em lista específica e foram colocados em ordem dos nomes dos animais a que se referem. Vale notar que em relação aos ´ditados pedagógicos´ e aos ´zoônimos´ foi mantida a forma de escrita vernacular.

6.1 DITADOS ´PEDAGÓGICOS´ EM GERAL

A história se escreve com os olhos fincados no passado e os pés cravados no presente. Mário MAESTRI.[215]

Esta forma de ditados, como já dito, servia como norteadora de comportamentos e de alerta para formas mais adequadas de agir e de bem viver. E também, com muita frequência, do que se devia evitar, deixar de fazer, não praticar etc. Manifestados por frases de poucas palavras apresentam sempre uma intenção, mesmo que de sentido conotado. Em geral, são empregados com a função de ensinar, aconselhar, consolar,

[215] MAESTRI, MÁRIO. Os gringos também amam. In: VANINI, Antônio Ismael. **O sexo, o vinho e o diabo**; demografia e sexualidade na colonização italiana no Rio Grande do Sul. 2. ed. Passo Fundo/RS: UFP, Porto Alegre; EST, 2004. p. 16.

advertir, repreender, persuadir ou até mesmo praguejar,[216] por isso, foram considerados ´pedagógicos´.

Aqui, vale observar que o rol de ditados com os quais a pesquisa teve contato foi muito amplo, chegaram a milhares de formulações. Desta forma, os que são apresentados neste trabalho foram selecionados em função de terem sido lembrados/avaliados como conexos ao falar dos pioneiros e dos desbravadores de Capelinha/Nova Esperança. Pelo menos essa foi a nossa intenção e impressão.

1. A assombração sabe para quem aparece.
2. A beleza está nos olhos de quem vê.
3. A boca fala do que o coração sente.
4. A César o que é de César e a Deus o que é de Deus.
5. A conselho de amigo não se fecha os ouvidos.
6. A corda sempre arrebenta no lado mais fraco.
7. A desgraça de uns é a felicidade de outros.
8. A desgraça nunca vem só.
9. A economia é a base da porcaria.
10. A educação cabe em qualquer lugar.
11. A esperança é a última que morre.
12. A exceção é que confirma a regra.
13. A experiência vale mais que a ciência.
14. A fama tem asas e voa.
15. A fome é a melhor cozinheira.
16. A fome é o melhor tempero.
17. A fome é que tira a onça da toca.
18. A ignorância é a mãe de todas as doenças.
19. A justiça tarda, mas não falha.
20. A laranja de manhã é ouro, à tarde é prata e à noite mata.
21. A lei é dura mas é a lei.
22. A língua é o chicote da bunda.
23. A maior vingança é o desprezo.
24. A mentira tem pernas curtas.
25. A morte não escolhe idade.
26. A morte não poupa ninguém.
27. A noite é boa conselheira.
28. A ocasião é que faz o ladrão.
29. A palavra é de prata, o silêncio é de ouro.

[216] XATARA, **A tradução**..., p. 19.

30. A preguiça é a mãe de todos os vícios.
31. A pressa é inimiga da perfeição.
32. A primeira impressão é a que fica.
33. A sorte é incerta, mas a morte é certa.
34. A sorte está lançada.
35. A união faz a força.
36. A virtude está no meio.
37. A voz do povo é a voz de Deus.
38. Abraço sem beijo é igual macarrão sem queijo.
39. Acabou-se o que era doce, quem comeu regalou-se.
40. Agora a fonte secou, quem bebeu, bebeu, quem não bebeu não bebe mais.
41. Agora a Inês é morta.
42. Água mole em pedra dura, tanto bate até que fura.
43. Águas passadas não movem moinho.
44. Ajuda-te que Deus te ajudará.
45. Amanhã será outro dia, começa tudo de novo.
46. Amigo disfarçado, inimigo dobrado.
47. Amigo verdadeiro vale mais do que dinheiro.
48. Amigo do meu amigo é meu amigo, inimigo do meu amigo é meu inimigo, inimigo do meu inimigo é meu amigo.
49. Amigos, amigos, negócios à parte.
50. Amor com amor se paga.
51. Amor de pica, fica.
52. Andar pisando em ovos.
53. Antes lamber do que cuspir.
54. Antes pingar do que secar.
55. Antes prevenir do que remediar.
56. Antes que o mal cresça, corte pela raiz.
57. Antes que faça mal do que deixar estragar.
58. Antes só do que mal acompanhado.
59. Antes tarde do que nunca.
60. Ao pobre não prometas e ao rico não devas.
61. Aprenda todas as regras, mas transgrida algumas.
62. Aproveite a sorte enquanto ela estiver a seu favor.
63. Aproveite o dia com coisas úteis.
64. Aproveite o vento quando soprar a teu favor.
65. Aqui se faz, aqui se paga.
66. As aparências enganam.

67. As desgraças nunca vêm só.
68. Até parece a casa da mãe Joana.
69. Atrás de um grande homem, há sempre uma grande mulher.
70. Avô rico, filho nobre, neto pobre.
71. Azar no jogo, sorte no amor. Sorte no jogo, azar no amor.
72. Barriga cheia, pé na areia.
73. Barriga cheia, goiaba tem bicho.
74. Beleza não se põe na mesa.
75. Bem começado é meio caminho andado.
76. Besteira pouca é bobagem.
77. Boas árvores dão bons frutos.
78. Botar uma pedra sobre o assunto.
79. Brevidade e novidade é coisa sempre agradável.
80. Cabeça vazia é oficina do diabo.
81. Cada cabeça, uma sentença.
82. Cada coisa a seu tempo.
83. Cada coisa no seu lugar e a morte a chatear.
84. Cada louco com sua mania.
85. Cada panela tem a sua tampa.
86. Cada povo tem o governo que merece.
87. Cada qual com seu cada qual.
88. Cada qual puxa a brasa pra sua sardinha.
89. Cada um colhe conforme semeia.
90. Cada um dá o que tem.
91. Cada um por si, e Deus por todos.
92. Cada um sabe onde o sapato aperta.
93. Caiu na boca do povo tá perdido.
94. Caixão não tem gaveta, da vida ninguém leva nada.
95. Cara de um, focinho do outro.
96. Cara feia não é carabina cheia.
97. Careca não gasta pente.
98. Casa de ferreiro, espeto de pau.
99. Casa onde falta pão, todos gritam e ninguém tem razão.
100. Casa onde entra o sol não entra o médico.
101. Casa que todo mundo manda, ninguém se entende.
102. Casar é bom, não casar é melhor.
103. Cautela nunca é demais.

104. Cesteiro que faz um cesto faz um cento.
105. Chega-te aos bons e serás um deles.
106. Chuva e sol, casamento de espanhol; sol e chuva, casamento de viúva.
107. Coisa sem pé nem cabeça.
108. Coloque o chapéu sempre onde a mão alcança.
109. Com a faca e o queijo na mão.
110. Com coisa séria não se brinca.
111. Com paciência e perseverança, tudo se alcança.
112. Com papas e bolos se enganam os tolos.
113. Com vinagre não se apanham moscas.
114. Come mortadela e arrota caviar.
115. Comer e coçar é só começar.
116. Comer para viver, e não viver para comer.
117. Comida que muitos mexem, ou sai salgada ou insossa.
118. Confie desconfiando.
119. Conhece-te a ti mesmo.
120. Contra fatos não há argumentos.
121. Cria a fama e deita na cama.
122. Cuidado e chá de camomila não faz mal pra ninguém.
123. Cumpra com o seu dever, aconteça o que acontecer.
124. Dá-se a mão e lá se vai o pé.
125. De boas intenções o inferno está cheio.
126. De gota em gota o tanque esvazia.
127. De hora em hora as coisas melhoram.
128. De médico e louco, todo mundo tem um pouco.
129. De moeda em moeda se faz fortuna.
130. De obras acabadas todos são mestres.
131. De onde menos se espera é que não sai nada mesmo.
132. De pequenino é que se torce o pepino.
133. Deixa estar para ver como é que fica.
134. Depois da tempestade, vem a bonança.
135. Desculpa de aleijado é muleta.
136. Desgraça pouca é bobagem.
137. Desta vida nada se leva.
138. Deu trela, perdeu o respeito.
139. Deus ajuda a quem cedo madruga.
140. Deus ajuda a quem trabalha.

141. Deus dá nozes a quem não tem dentes.
142. Deus dá o frio conforme o cobertor.
143. Deus escreve certo por linhas tortas.
144. Deus nunca fechou uma porta que não abrisse outra.
145. Deus sabe o que faz.
146. Devagar com o andor que o santo é de barro.
147. Devagar se vai ao longe.
148. Devemos cortar o mal pela raiz.
149. Difícil como procurar agulha em palheiro.
150. Dinheiro não traz felicidade.
151. Dinheiro não traz felicidade, mas ajuda.
152. Dívida é assim, ou você liquida ou ela liquida com você.
153. Diz-me com quem andas, que eu te direi quem és.
154. Do dito ao feito vai grande eito.
155. Do jeito que se toca se dança.
156. Dois olhos veem mais que um.
157. Dos males, o menor.
158. É caindo que se aprende a levantar.
159. É dando que se recebe.
160. É de gota em gota que o vaso transborda.
161. É difícil agradar a gregos e troianos.
162. É do couro que sai a correia.
163. É melhor prevenir que remediar.
164. É melhor um mau acordo que uma boa demanda.
165. Educar as crianças para não ter que punir os homens.
166. Em briga de marido e mulher, não se mete a colher.
167. Em casa de enforcado, não se fala em corda.
168. Em festa de macuco, nhambu não pia.
169. Em festa de sabido perde que dá uma de besta.
170. Em pé de pobre, todo sapato serve.
171. Em Roma, aja como os romanos.
172. Em terra de cego, quem tem um olho é rei.
173. Em terra onde não há carne, urubu é frango.
174. Em toda parte tem um pedaço de mau caminho.
175. Enfiar a viola no saco e voltar pra casa.
176. Enquanto há vida, há esperança.
177. Entre mortos e feridos salvaram-se todos.

178. Errando é que se aprende, perdoando é que se é perdoado.
179. Errar é humano, perdoar é divino.
180. Escreveu não leu o pau comeu.
181. Faça o bem sem olhar a quem.
182. Faça o que eu mando, mas não faça que eu faço.
183. Fácil como tirar doce da boca de criança.
184. Falando no diabo, eis que ele sempre aparece.
185. Falar mal dos outros é fácil, difícil é falar bem.
186. Família é igual aos dentes, quanto mais separados melhor.
187. Fazer coisas do arco da velha.
188. Feliz é quem se julga feliz.
189. Feliz no jogo, infeliz no amor.
190. Fiado só amanhã.
191. Filho criado, trabalho dobrado.
192. Fique longe de homem que não fala e de cão que não late.
193. Foi dando uma mãozinha que perdeu o braço.
194. Ganha dinheiro quem tem dinheiro.
195. Goiaba em beira de estrada, ou é verde ou está bichada.
196. Gosto e cor não se discute.
197. Gostos não se discutem.
198. Há males que vêm pra bem.
199. Há remédio para tudo, menos para a morte.
200. Há três coisas que jamais voltam: flecha lançada, palavra falada e chance perdida.
201. Hoje sou eu, amanhã será você.
202. Homem casado é rifa corrida.
203. Homem nenhum é uma ilha.
204. Homem prevenido vale por dois.
205. Isso é conversa mole pra boi dormir.
206. Isso é dar corda pra pessoa se enforcar.
207. Isso é farinha pouca pro meu pirão.
208. Isso é um bicho de sete cabeças.
209. Isto é história dos tempos da carochinha.
210. Ladrão que rouba ladrão tem cem anos de perdão.
211. Ladrão rico não morre enforcado.
212. Longe dos olhos, longe do coração.
213. Lua com círculo traz água no bico.
214. Mais atrasado que pagamento de professora.

215. Mais carregado que jipe de turco.
216. Mais folgado que calça/colarinho de palhaço.
217. Mais lotado que caminhão pau de arara.
218. Mais por fora que arco de barril.
219. Mais por fora que bunda de índio.
220. Mais por fora que quarto de empregada.
221. Mais se sabe por experiência que por aprender.
222. Mais vale a prática do que a gramática.
223. Mais vale a qualidade que a quantidade.
224. Mais vale amigo na praça do que dinheiro na caixa.
225. Mais vale perder um minuto na vida do que a vida num minuto.
226. Mais vale prevenir que remediar.
227. Mais vale ser rico e com saúde do que pobre e doente.
228. Mais vale ser pobre com saúde que rico doente.
229. Mais vale um gosto na vida que dez mirréis no bolso.
230. Mais vale um pássaro na mão que dois voando.
231. Malhar ferro frio é perda de tempo.
232. Manda quem pode, obedece quem tem juízo.
233. Más notícias chegam rápido.
234. Mato tem olho, parede tem ouvido.
235. Melhor seria que não tivesse nascido.
236. Mente sã em um corpo são.
237. Mentira repetida vira verdade.
238. Muita água há de passar debaixo da ponte até que aconteça.
239. Muito cacique para pouco índio.
240. Muito riso, pouco juízo.
241. Muito se engana quem cuida.
242. Muito trovão é sinal de pouca chuva.
243. Muitos conhecidos, poucos amigos.
244. Muitos serão chamados, mas poucos os escolhidos.
245. Mulher que muito se abaixa, mostra a bunda.
246. Na cama que se faz, nela é que se deita.
247. Na dúvida, acende uma vela pra Deus e outra pro diabo.
248. Na necessidade que se conhece o amigo.
249. Na vida é assim: uns armam o circo, outros batem palma.
250. Nada como um dia atrás do outro.
251. Nada é mais fácil do que falar; difícil é fazer.

252. Não adianta chorar sobre o leite derramado.
253. Não adianta fechar a porta depois de arrombada.
254. Não chuta o balde que entorna.
255. Não cuspa pra cima que cai na cara.
256. Não dá pra assoviar e chupar cana ao mesmo tempo.
257. Não deixes o certo pelo duvidoso.
258. Não deixes para amanhã o que podes fazer hoje.
259. Não é porque morreu o padre que não vai ter missa.
260. Não faças aos outros o que não queres que te façam.
261. Não há amor como o primeiro.
262. Não há bem que sempre dure, nem mal que nunca se acabe.
263. Não há efeito sem causa.
264. Não há fumaça sem fogo.
265. Não há mal que não venha para o bem.
266. Não há mal que o tempo não cure.
267. Não há marcas que o tempo não apague.
268. Não há nada de novo debaixo do sol.
269. Não há parto sem dor.
270. Não há regra sem exceção.
271. Não há rosas sem espinhos.
272. Não julgue os livros pela capa e as pessoas pela roupa.
273. Não morda a mão de quem te dá comida.
274. Não pode ser meu amigo o amigo de meu inimigo.
275. Não sabe mandar quem não sabe fazer.
276. Não sabe mandar quem não sabe obedecer.
277. Não se consegue tapar o sol com a peneira.
278. Não se cospe no prato em que se come.
279. Não se dá chance ao azar que ele acontece.
280. Não se deve dar colher de chá ao inimigo.
281. Não se deve despir um santo para vestir outro.
282. Não se deve ensinar o Padre Nosso ao vigário.
283. Não se deve malhar em ferro frio.
284. Não se deve meter o nariz onde não se é chamado.
285. Não se deve ser Maria-vai-com-as-outras.
286. Não se faz omelete sem quebrar os ovos.
287. Não se leva desaforo para casa.
288. Não se pode deixar a peteca cair.

289. Não se pode querer abraçar o mundo com as pernas.
290. Não sou pipoca, mas dou meus pulinhos.
291. Não suba o sapateiro além da chinela.
292. Não vê a trave no próprio olho, mas vê cisco no do vizinho.
293. Nem só de pão vive o homem.
294. Nem tanto ao mar, nem tanto à terra.
295. Nem todas as verdades se dizem.
296. Nem tudo que reluz é ouro.
297. Neste angu tem caroço.
298. Ninguém é bom juiz em causa própria.
299. Ninguém nasce sabendo.
300. Ninguém nasce sem defeitos.
301. Ninguém pode servir a dois senhores ao mesmo tempo.
302. Ninguém se contenta com o que tem.
303. No amor e na guerra vale tudo.
304. No aperto e no perigo é que se conhece o amigo.
305. Nos menores frascos que se encontram os bons perfumes.
306. Novos tempos, novos costumes.
307. Nunca confie na sorte.
308. Nunca dê o passo maior que as pernas.
309. Nunca diga desta água não beberei.
310. Nunca puxe o tapete dos outros, afinal você pode estar em cima.
311. Nunca se deve ir com muita sede ao pote.
312. Nunca se deve levar as coisas a ferro e fogo.
313. O amor é cego.
314. O amor é doce no começo, mas amargo no fim.
315. O amor é eterno enquanto dura.
316. O amor tudo vence.
317. O que aqui se faz, aqui se paga.
318. O barato sai caro.
319. O benefício de muitos justifica o sacrifício de poucos.
320. O bom filho à casa torna.
321. O criminoso sempre retorna à cena do crime.
322. O cuidado é a mãe da segurança.
323. O destino é cego.
324. O dinheiro fala todas as línguas.
325. O dinheiro não traz felicidade, mas que ajuda, ajuda.

326. O excesso de qualquer coisa é coisa ruim.
327. O futuro a Deus pertence.
328. O hábito não faz o monge.
329. O homem comum fala, o sábio escuta e o tolo discute.
330. O homem é fogo e a mulher estopa,vem o diabo e assopra.
331. O homem é o lobo do homem.
332. O homem põe e Deus dispõe.
333. O melhor da festa é esperar por ela.
334. O pão do pobre sempre cai com a manteiga pra baixo.
335. O pior cego é o que não quer ver.
336. O pior surdo é o que não quer ouvir.
337. O pouco com Deus é muito, e o muito sem Deus é nada.
338. O povo quer pão e circo.
339. O que arde cura, o que aperta segura.
340. O que é do homem, o bicho não come.
341. O que é raro é caro.
342. O que é um peido pra quem tá cagado.
343. O que não mata, engorda.
344. O que não tem remédio remediado está.
345. O que os olhos não veem o coração não sente.
346. O que se faz de noite, no dia seguinte aparece.
347. O saber não ocupa lugar.
348. O sábio não diz tudo o que sabe, o tolo não sabe o que diz.
349. O segredo é a alma do negócio.
350. O seguro morreu de velho e o desconfiado ainda está vivo.
351. O sol nasce para todos.
352. O sujo falando do mal lavado.
353. O tempo conserta tudo.
354. O tempo cura, até queijo.
355. O tiro saiu pela culatra.
356. O trabalho dignifica o homem e enriquece o patrão.
357. O trabalho é que faz o homem; a ocasião faz o ladrão.
358. O trabalho não mata ninguém.
359. O trabalho tudo vence.
360. O triunfo nasce da luta.
361. O último que fala é o primeiro que apanha.
362. O uso do cachimbo é que entorta a boca.

363. Olho por olho, dente por dente.
364. Onde há fumaça, há fogo.
365. Onde muitos mandam, ninguém obedece.
366. Os apressados comem cru e quente.
367. Os dedos da mão não são iguais.
368. Os exemplos movem montanhas.
369. Os frutos nunca caem longe da árvore que os produziu.
370. Os maiores venenos estão nos menores frascos.
371. Os melhores perfumes estão nos menores frascos.
372. Os olhos são a janela da alma.
373. Os últimos serão os primeiros.
374. Paga o justo pelo pecador.
375. Palavra de rei não volta atrás.
376. Pão, pão, queijo, queijo.
377. Para baixo todo santo ajuda, para cima é que a coisa muda.
378. Para bom entendedor, meia palavra basta.
379. Para Deus nada é impossível.
380. Para grandes males, grandes remédios.
381. Para morrer basta estar vivo.
382. Para quem está com fome não existe pão duro.
383. Para quem sabe ler, pingo é letra.
384. Para quem tem muito sono toda a cama é boa.
385. Pau que nasce torto morre torto.
386. Pedra que rola não cria limo.
387. Pela amostra é que se conhece a chita.
388. Pelas tuas palavras serás julgado.
389. Pelo dedo se conhece o gigante.
390. Pelo fruto se conhece a árvore.
391. Pense duas vezes antes de agir.
392. Pense rápido, fale devagar.
393. Pequenos riachos é que formam grandes rios.
394. Perdido por cem, perdido por mil.
395. Perguntar não ofende.
396. Pimenta no cu dos outros é refresco.
397. Pimenta nos olhos dos outros é colírio.
398. Pobre muda de patrão, mas não de condição.
399. Pobre não tem amigo nem parente.

400. Pobreza não é defeito.
401. Por causa de um soldado, não acaba a guerra.
402. Por fora, bela viola, por dentro, pão bolorento.
403. Por o carro na frente dos bois é coisa que não funciona.
404. Pouco tem quem não se contenta com o que tem.
405. Pra mula velha, cabeçada nova.
406. Primeiro a obrigação, depois a devoção.
407. Procurar agulha em palheiro.
408. Promessa é dívida.
409. Prometer é uma coisa, cumprir é outra.
410. Quando a água bate na bunda é que se aprende a nadar.
411. Quando a cabeça não pensa, o corpo padece.
412. Quando a esmola é muita, o santo desconfia.
413. Quando Deus tira os dentes, Ele aumenta a goela.
414. Quando um não quer, dois não brigam.
415. Quanto mais alta a escada, maior é o tombo.
416. Quanto mais alto se sobe, de mais alto se cai.
417. Quanto mais rezo, mais assombração me aparece.
418. Quanto mais se tem, mais se quer.
419. Quanto mais se vive, mais se vê, mais se aprende.
420. Quem ama o feio, bonito lhe parece.
421. Quem anda com coxo, aprende a mancar.
422. Quem anda de boca aberta, ou entra mosca ou sai asneira.
423. Quem avisa, amigo é.
424. Quem brinca com fogo, faz xixi na cama.
425. Quem brinca com o fogo, se queima.
426. Quem cala, consente.
427. Quem canta, seus males espanta.
428. Quem casa não pensa, quem pensa não casa.
429. Quem casa, quer casa.
430. Quem cedo madruga, passa o dia com sono.
431. Quem cochicha, o rabo espicha.
432. Quem com ferro fere, com ferro será ferido.
433. Quem come doce, se lambuza.
434. Quem comeu a carne que roa os ossos.
435. Quem compra o que não pode, vende o que não quer.
436. Quem compra terra não erra.

437. Quem conta um conto, aumenta um ponto.
438. Quem corre, cansa; quem anda, alcança.
439. Quem cospe pra cima acaba cuspindo na própria cara.
440. Quem dá aos pobres, empresta a Deus.
441. Quem dá o pão, dá o castigo.
442. Quem desdenha, quer comprar.
443. Quem diz o que quer, ouve o que não quer.
444. Quem dorme com porco, come farelo.
445. Quem dorme no ponto é motorista de praça.
446. Quem dorme no ponto, perde a corrida.
447. Quem é vivo sempre aparece.
448. Quem encontra um amigo, encontra um tesouro.
449. Quem entra na chuva é pra se molhar.
450. Quem espera, sempre alcança.
451. Quem faz a fama, deita na cama.
452. Quem foi rei nunca perde a majestade.
453. Quem graças faz, graças merece.
454. Quem mais grita é quem menos tem razão.
455. Quem mais tem, mais deseja.
456. Quem mete a mão no fogo corre o risco de se queimar.
457. Quem muito abarca, pouco aperta.
458. Quem muito dorme, nada vê e pouco aprende.
459. Quem muito escolhe, acaba escolhido.
460. Quem não aparece é esquecido, mas quem muito aparece, tanto lembra que aborrece.
461. Quem não arrisca, não petisca.
462. Quem não chora, não mama.
463. Quem não deve, não teme.
464. Quem não é por mim, é contra mim.
465. Quem não é visto, não é lembrado.
466. Quem não pode com mandinga, não carrega patuá.
467. Quem não pode com a carga, deita com o arreio.
468. Quem não quer levar ferroada, não mexe em vespeiro.
469. Quem não sabe calar, não sabe falar.
470. Quem não sabe acabar, é melhor não começar.
471. Quem não te conhece, que te compre.
472. Quem não tem cabeça para pensar, tem pernas para andar.
473. Quem não tem cabeça, não carrega chapéu.

474. Quem não tem farinha, pra que precisa de peneira?
475. Quem nasceu para a forca, não morre afogado.
476. Quem nunca comeu melado, quando come se lambuza.
477. Quem nunca pecou, que atire a primeira pedra.
478. Quem o feio ama, bonito lhe parece.
479. Quem paga adiantado, é mal servido.
480. Quem pariu Mateus, que o embale.
481. Quem parte e reparte e não fica com a melhor parte, ou é tolo ou não é da arte.
482. Quem pestaneja, perde.
483. Quem planta, colhe.
484. Quem pode mais, chora menos.
485. Quem pode manda, quem não pode obedece.
486. Quem pode, pode, quem não pode se sacode.
487. Quem poupa os maus, prejudica os bons.
488. Quem procura, acha.
489. Quem quer agradar todo mundo, não agrada ninguém.
490. Quem quer vai, quem não quer manda.
491. Quem ri por último, ri melhor.
492. Quem rouba um ovo, rouba um boi.
493. Quem sabe faz, quem não sabe ensina.
494. Quem sabe, sabe, quem não sabe, aprende.
495. Quem semeia vento, colhe tempestade.
496. Quem te viu e quem te vê.
497. Quem tem amigos, não morre pagão.
498. Quem tem amigos, não morre na cadeia.
499. Quem tem boca vai a Roma.
500. Quem tem cem, mas deve cem, pouco tem.
501. Quem tem juízo não dá murro em ponta de faca.
502. Quem tem pressa, come cru e quente.
503. Quem tem telhado de vidro não atira pedra no do vizinho.
504. Quem tira retrato de graça é espelho.
505. Quem trabalha de graça é relógio.
506. Quem tudo quer, nada tem.
507. Quem tudo quer, tudo perde.
508. Quem vai à feira perde a cadeira.
509. Quem vai ao mar perde o lugar.
510. Quem vai pro ar perde o lugar.

511. Quem vê a barba do vizinho arder, bota a sua de molho.
512. Quem vê cara, não vê coração.
513. Quem vem na rabeira, fecha a porteira.
514. Querer é poder.
515. Raio não cai em pau deitado.
516. Rapadura é doce, mas não é mole.
517. Recordar é viver.
518. Respeito é bom, e conserva os dentes.
519. Respeito é bom, e eu gosto.
520. Rir é o melhor remédio.
521. Roma não foi feita em um dia só.
522. Roupa suja se lava em casa.
523. Ruim com ele, pior sem ele.
524. Sabe mandar, quem sabe obedecer.
525. Saber não ocupa espaço.
526. Saco cheio não se curva.
527. Saco vazio não para em pé.
528. Saiu do espeto, caiu na brasa.
529. Saiu no vento, perdeu o assento.
530. Santo de casa não faz milagres.
531. Se a cabeça não pensa, o corpo padece.
532. Se arrependimento matasse, já estaria morto.
533. Se cair, do chão não passa.
534. Se conselho fosse bom, não seria de graça.
535. Se conselho fosse bom, não se dava, vendia.
536. Se Maomé não vai à montanha, a montanha vai a Maomé.
537. Se não gostou, coma menos.
538. Se quer a paz, prepara-te para a guerra.
539. Se quiser algo bem feito, faça você mesmo.
540. Se te derem um limão, faça uma limonada.
541. Se você pensa que cachaça é água ...
542. Segredo guardado a sete chaves.
543. Segredo de três, só matando dois.
544. Sem ilusão não se vive.
545. Senta no teu rabo antes de falar que o outro é rabudo.
546. Ser amigo para o que der e vier.
547. Ser apanhado com a boca na botija.

548. Ser pedra é fácil, o difícil é ser vidraça.
549. Ser pego com as calças na mão.
550. Só para a morte não tem remédio.
551. Só se sabe o que é saúde quando se está doente.
552. Sol e chuva, casamento de viúva.
553. Sopa e mingau quente se comem pelas beiradas.
554. Sorte de uns é o azar de outros.
555. Sorte tem quem acredita nela.
556. Tá com cara de quem comeu e não gostou.
557. Tal pai, tal filho.
558. Tamanho não é documento.
559. Tem muito tempo aquele que não perde tempo.
560. Tem que dar conta do recado.
561. Tempo é dinheiro, não temos para perdê-lo.
562. Ter o olho maior que a barriga.
563. Toda brincadeira tem sempre um fundo de verdade.
564. Toda caminhada começa com o primeiro passo.
565. Toda mentira repetida muitas vezes acaba sendo verdade.
566. Todo o homem tem o seu preço.
567. Todos os caminhos levam a Roma.
568. Tostão a tostão se chega ao milhão.
569. Trabalho bem começado, é trabalho meio acabado.
570. Tristezas não pagam dívidas.
571. Tudo igual é caminhão cheio de japonês.
572. Tudo que é bom dura pouco.
573. Tudo que é demais aborrece.
574. Tudo que não mata, engorda.
575. Um homem prevenido vale por dois.
576. Um olho no padre e outro na missa.
577. Um tolo nunca é tão tolo como quando se mete a sábio.
578. Uma andorinha só não faz verão.
579. Uma faca amola a outra.
580. Uma faca de dois gumes.
581. Uma imagem vale mais que mil palavras.
582. Uma mão lava a outra, a duas lavam o rosto.
583. Uma pessoa é conhecida pelas companhias que tem.
584. Uns gostam dos olhos, outros da remela.

585. Uns plantam, outros colhem; assim é a vida.
586. Vão-se os anéis e ficam-se os dedos.
587. Vaso ruim não quebra.
588. Vassoura nova é que varre bem.
589. Vem quente que eu estou fervendo.
590. Ver com quantos paus se faz uma canoa.
591. Vergonha é roubar e não poder carregar.
592. Viçosa feito horta de japonês.

6.2 DITADOS E EXPRESSÕES COM ZOÔNIMOS

A memória é o melhor ponto de partida para navegantes com desejo de vento e profundidade.

Eduardo GALEANO.[217]

No meio rural, do homem ´da roça´, o cotidiano de trabalho envolve um amplo rol de situações nas quais cabem a formulação de expressões e ditados que ostentam zoônimos (nomes de animais). Em geral, são ditos ou frases relacionados a alguma circunstância à qual se pode aplicar algum ensinamento ou orientação prática. Não raro o comportamento animal é utilizado para algum tipo de exemplificação comportamental humana.

Estas expressões, cujas origens da maior parte delas se perdem no tempo, são também de um tempo em que o mundo em geral era campesino ou funcionava em total interdependência com as atividades agropastoris. Constituem, portanto, expressões que ´humanizam´ certas características animais e que, pelo uso disseminado, foram portadas para todos os espaços de vivência humana, independentemente de onde as ações acontecessem.

Tal como os ditados ´pedagógicos´ em geral, por serem expressão de inteligência popular e de ampla aceitação pela comunidade de pessoas que deles se utilizavam e neles acreditavam, eram repetidos e transmitidos de geração a geração com a intenção de se tornaram culturalmente fixados.

Alguns destes ditados encerram a mesma 'lição', mas são apresentados por meio de animais e circunstâncias diferenciadas, por exemplo: "*Sabiá que anda com joão-de--barro vira auxiliar de pedreiro*"; "*Quem anda com cachorro, aprende a latir*"; "*Galinha que segue o pato acaba no fundo do tanque*"; "*Periquito que anda com morcego acorda de cabeça pra baixo*".

Ainda que tenham sido ditos em meio à derrubada das matas e no contexto da fronteira agrícola, alguns destes ditados referem animais que a maioria dos habitantes da região nunca tinha visto ao vivo, tais como: avestruz, baleia, corvo, elefante, pavão, urso etc.

6.2.1 Alguns significados de termos zoônimos

Neste sentido, por ser uma cultura rústico-caipira, predominantemente rural, algumas palavras ditas por meio de nomes de animais tinham, em geral, significados que eram de entendimento comum nas falas dos pioneiros, p. ex.:

[217] GALEANO, Eduardo. **O livro dos abraços**. Porto Alegre: LP&M, 1991.

Animal - indivíduo sem educação, bruto, estúpido, grosseiro, desumano, mau.
Anta - pessoa burra, estúpida.
Arara - pessoa braba, enfurecida, raivosa, nervosa.
Bagre - pessoa lisa, escorregadia, que não se comprometia com coisa alguma.
Bagrinho - pessoa sem importância ou pouco importante.
Baleia - pessoa gorda.
Barata - pessoa insignificante.
Bode velho - pessoa idosa.
Burro - pessoa burra, idiota, sem inteligência.
Cabrita - moça, pessoa adolescente do sexo feminino.
Cabrito - pessoa agitada, vivaz, criança sapeca.
Camarão - pessoa que se queimou no sol, que está com a pele vermelha.
Camelo - pessoa que trabalhava demais.
Canário - pessoa que gostava de cantar, assoviar.
Cão de guarda - pessoa fiel, confiável.
Cachorro - pessoa não confiável, canalha, maldoso.
Caranguejo - pessoa azarada, cujos negócios não iam adiante.
Carneiro - pessoa mansa, calma, pacata.
Carrapato - pessoa grudenta, chata.
Cascavel - pessoa venenosa, maldosa.
Cavalo - pessoa trabalhadora; pessoa sem educação.
Cobra - pessoa venenosa, maldosa.
Coruja - mãe/pai/avós etc. que cuida muito bem dos filhos; pessoa que presta atenção.
Dragão - pessoa muito feia, bofe.
Franga, frango, frangote - pessoa jovem, adolescente.
Formiga - pessoa trabalhadora, que aos poucos vai longe.
Galinha - mulher que gosta de sexo, galinhagem.
Galizé ou garnizé - indivíduos de baixa estatura metidos a briguentos.
Gambá - pessoa suja, fedida, que não costumava tomar banho.
Garanhão - pessoa conquistadora, paqueradora, bom de cama.
Gato - pessoa ligeira, furtiva.
Gavião - homem namorador, galanteador.
Gralha - pessoa que fala demais.
Jacu - pessoa ingênua, fácil de ser enganada.
Jararaca - pessoa venenosa, fuxiqueira, braba, raivosa.
Jumento - pessoa teimosa.
Leão - pessoa braba, nervosa, raivosa.

Lesma - pessoa lerda, lenta.

Macaco - pessoa engraçada, que faz micagem.

Macaco velho - pessoa experiente.

Mula - pessoa teimosa.

Onça - pessoa braba, nervosa, raivosa.

Ovelha - pessoa calma, apática.

Papagaio - pessoa falante, loquaz.

Pato - pessoa ingênua, fácil de ser enganada.

Pavão - pessoa cheia de si, orgulhoso, vaidoso, presunçoso.

Peixe graúdo - pessoa importante, autoridade, pessoa famosa.

Peixe miúdo - pessoa sem importância, peão.

Peru - pessoa metida a besta, palpiteiro.

Perua - mulher que se veste exageradamente, que gestos afetados; o mesmo que piranha.

Piranha - prostituta, mulher da vida.

Porco - pessoa suja, que não toma banho.

Preguiça - pessoa preguiçosa, sem vontade de trabalhar.

Raposa - pessoa esperta, matreira, ardilosa.

Rato - pessoa desprezível, não confiável.

Sanguessuga - pessoa que explora os outros, que vive às custas dos outros.

Serelepe - criança ligeira, vivaz.

Tamanduá - pessoa perigosa.

Tanajura - pessoa da bunda grande, avantajada.

Tartaruga - pessoa lenta, lerda.

Tatu - pessoa suja.

Tubarão - pessoa rica, cheia da grana.

Tucano - pessoa do nariz grande.

Urubu - pessoa que traz mau agouro.

Vaca - mulher sem qualidade.

Veado - homossexual, bicha.

Víbora - pessoa venenosa, falsa, traiçoeira.

Zebra - resultado inesperado, acontecimento contrário às expectativas.

6.2.2 Expressões usadas nos ´tempos do desbravamento´

Neste trabalho, tal como já apontado, foi feita a rememorização, compilação e seleção de algumas das inúmeras expressões usadas nos ´tempos de desbravamento´ das terras norte-paranaenses, as quais contêm nomes de animais em termos específicos, ou dos ´bichos´, em termos gerais. Muitas delas constituem, também, ditados populares.

Andorinha – Andorinha sozinha não faz verão. Por morrer uma andorinha não acaba a primavera.

Aranha – Estar em palpos- de- aranha.

Ave – Ser uma ave rara.

Avestruz – Ter estômago de avestruz.

Bacalhau – Para quem é, bacalhau basta.

Bagre – Liso que nem bagre. Mais liso que bagre ensaboado. Cabeça de bagre. Bagrinho não se mete em briga de peixe grande.

Baleia – Gordo como baleia.

Barata – Parece barata tonta. Anda feito barata tonta.

Bicho – Se correr o bicho pega, se ficar o bicho come. Estar com o bicho carpinteiro.

Bode/Cabrito – Pula mais que cabrito. Parece bode embarcado. O bom cabrito não berra. Deu bode. Fede mais que bode velho. Vê lá onde você vai amarrar teu bode. Ser o bode expiatório.

Boi/bezerro/touro – Boi em terra alheia é vaca. O olho do dono é que engorda o gado. Verdadeiro boi de carga. Tem boi na linha. Bezerro que abandona a boiada dá chance pra onça. Não adianta ficar pensando na morte da bezerra. Dar um boi pra não entrar em briga, mas uma boiada para não sair. Boi de piranha. Conversa pra boi dormir. Chorar feito bezerro desmamado. Não se coloca o carro na frente dos bois. Forte como um touro. Pegar touro à unha. Boi velho gosta de capim novo. Boi se pega pelo chifre, o homem pela palavra. Boi sonso é que derruba a porteira. Do boi mais manso é que vem a pior chifrada.

Burro – Cor de burro quando foge. Burro como uma porta. De pensar morreu um burro. Trabalhar como burro de carga. Mais vale burro vivo que um sábio morto. Quando um burro fala, o outro abaixa as orelhas. Quem nasceu para burro nunca chega a cavalo. Burro velho não aprende passo novo. Dar com os burros n'água. Não se trata burro à pão de ló. Um burro carregando livros não vira doutor. Botar o burro na sombra. Em amor de burro entra coices e dentadas. A gente amarra o burro conforme manda o dono. Ser burro de carga.

Cabrito – Pula mais que cabrito novo.

Caça – Um dia é da caça outro é do caçador. Quem nasceu pra caça não vira caçador.

Cachorro/cão – Fiel como um cão. Levar vida de cachorro. Fazer cachorrada com alguém. Matando cachorro a grito. Não se chuta cachorro morto. Soltar os cachorros em alguém. Cão que ladra não morde. Quem não tem cão caça com gato. O cão é o melhor amigo do homem. Sofrer como cachorro de pobre. Ser tratado como um cão. Ter um dia de cão. Enquanto os cães ladram, a caravana passa. Do tempo em que se amarrava cachorro com linguiça. Cachorro velho não aprende truque novo. Cão que ladra não morde. Fazer um frio do cão. Se dão como cão e gato. Cara de cachorro sem dono. Até pra ser

cachorro é preciso ter sorte. Isso é briga de cachorro grande. Tem um gênio do cão. Cuidado com o cão. Mais vale um cão vivo que um leão morto. Cão que muito lambe o dono tira sangue. Mais vale um cachorro amigo do que um amigo cachorro. Cachorro que tem mais de um dono morre de fome. Cachorro mordido de cobra, tem medo até de linguiça. Cachorro com fome come até sabão. Mais brabo que cachorro de japonês.

Canário – Gaiola bonita não alimenta canário.

Capivara – Mais feio que cu de capivara. Capivara, êta bicho do cu feio!

Caranguejo – Parece caranguejo, só anda de lado. Andar pra trás como caranguejo.

Cascavel – Fulana é uma cascavel de braba. Tem língua de cascavel, é puro veneno.

Cascudo – Mais áspero que cascudo. Boca de cascudo (pessoa com lábios salientes).

Cavalo – O castigo vem a cavalo. A cavalo dado não se olham os dentes. Cair do cavalo. Tirar o cavalo da chuva. Fazer de algo um cavalo de batalha. Quem senta na garupa, não pega na rédea. Cavalo velho gosta é de capim novo. Cavalo bom corre bem é no final. Quem fala muito, acaba dando bom dia a cavalo. Ter dentes de cavalo. Cavalo de Troia. Procurar chifre em cabeça de cavalo.Pra conhecer cavalo monte nele; para conhecer pessoa, more com ela.

Cegonha – Esperar a visita da cegonha.

Cisne – Observar o canto do cisne.

Cobra – Falar cobras e lagartos para alguém. Fulano é cobra criada. Matar a cobra e mostrar o pau. Se fosse uma cobra teria me mordido. Agora a cobra vai fumar. Pior que cobra venenosa. Mulher de língua de cobra. Cobra que anda com tatu acaba entrando em buraco errado. Mais baixo que cu de cobra. Cobra não come cobra. Cobra que não anda não engole sapo.

Coelho – Tirar coelho da cartola. Nisso aí tem dente de coelho. Matar dois coelhos com uma cajadada só. Do mato que não se espera é que sai coelho. Desse mato não sai coelho.

Coruja – Ser mãe coruja. Sábio feito coruja. Presta mais atenção que coruja.

Corvo – Cria corvos e eles te arrancarão os olhos. Estar no bico do corvo.

Égua – Lavar a égua.

Elefante – Elefante branco. Ser dose pra elefante. Ter uma memória de elefante. Sutil feito elefante em loja de louças.

Formiga – O comício tava um verdadeiro formigueiro. Estar com a perna/braço formigando. Estar sentado em cima de um formigueiro. Parece que tem formiga na cama. Formiga quando quer se perder, cria asas. Parece ter formiga no rabo.

Frango(a) – Quando pobre come frango, um dos dois está doente. Soltar a franga. Engolir um frango.

Galinha – Galinha velha é que dá bom caldo. De grão em grão a galinha enche o papo. A galinha do vizinho é sempre mais gorda do que a nossa. Não conte com o ovo no cu da galinha. Galinha que come pedra sabe o cu que tem. Deitar com as galinhas, acordar com os galos. Quando as galinhas criarem dentes. Matar a galinha dos ovos de ouro. Parece uma galinha morta. Cautela e caldo de galinha nunca fez mal a ninguém. Mais vale um ovo hoje que uma galinha amanhã. Prende as galinhas, que os lobos estão soltos. Cacareja, mas não bota ovo. A galinha que grita primeiro é a dona dos ovos.

Galo – Cantar de galo. Cozinhar o galo. Dar uma de galo. Mais duro que galo velho. Onde canta galo, não canta galinha. Onde o galo canta, se almoça e janta. Ouvir o galo cantar e não saber onde.

Gambá – Bafo de gambá morto. Bêbado como um gambá. Fede mais que gambá.

Ganso – Afogar o ganso. Ganso é cachorro de pobre.

Gato – Vamos fazer um trato? Eu como no prato e você no cu do gato! Brincar de gato e rato. Comprar/vender gato por lebre. Fazer alguém de gato e sapato. Saco de gatos. Meia dúzia de gatos pingados. À noite todos os gatos são pardos. Comer gato por lebre. Gato escaldado tem medo de água fria. Quando o gato sai, os ratos fazem a festa. Não se pega o gato pelo rabo. A curiosidade matou o gato. O gato comeu sua língua? Gato tem sete vidas. Escarrapachado feito um gato. Gato em teto de zinco quente.

Gavião – Gavião não caça mosca. Olhos de gavião.

Jacaré – Lágrimas de jacaré. Pode deixar, jacaré, a lagoa há de secar, os peixinhos hão de morrer e você vai se arrepender. Em rio que tem piranha, jacaré nada de costas. Jacaré que fica parado vira bolsa. Fica na praça que o jacaré te abraça.

Leão – Ficar com a parte do leão. Ter fome de leão. É dose pra leão. Jogar na cova dos leões.

Lebre – Levantar a lebre. Rápido que nem lebre.

Lesma – Lerdo como uma lesma. Gosmento feito uma lesma. Andar a passo de lesma.

Lobo – Lobo em pele de cordeiro. Lobo não come lobo.

Macaco – Macaco velho não mete a mão em cumbuca. Cada macaco no seu galho. Vá pentear macaco. Macaco que muito pula quer chumbo. Quem quebra o galho é macaco gordo. Estar com a macaca. Pagar o mico. Ter macacos no sótão. De tanto brincar o macaco furou o olho da mãe. Macacos me mordam! Isto é o mesmo que dar banana a macaco. É muito macaco pra pouca banana. Macaco que esconde o rabo mostra o dos outros.

Macuco – Em festa de macuco, nhambu não pia.

Minhoca – Ter minhoca na cabeça. Mais mole que minhoca. Mais perdido que minhoca em galinheiro.

Mosca; mosquito – Em boca fechada não entra mosca/mosquito. Parece uma mosca morta. Ficar às moscas. Acertar na mosca. Ser incapaz de fazer mal a uma mosca.

Mula – Picar a mula. Teimosa como uma mula. Mais curto que coice de mula.

Onça – No tempo do onça. Amigo da onça. Hora da onça beber água. Braba feito onça. Não se cutuca a onça com vara curta. Virar uma onça. Depois da onça morta, até cachorro mija nela. Antes de matar a onça, não se vende o couro.

Ovelha – Ser a ovelha negra da família. Uma ovelha má põe o rebanho a perder.

Papagaio; periquito – Papagaio come milho, periquito leva fama. Fala mais que papagaio. Ficou papagueando o dia todo. Vale mais ser um sábio calado, que um papagaio sem saber o que fala. Papagaio que fala muito é o primeiro a ser vendido. Parece papagaio de pirata. Seco feito língua de papagaio. Papagaio velho não aprende a falar palavra nova.

Pássaro; Passarinho – Mais vale um pássaro na mão que dois voando. Come feito passarinho. Morreu feito passarinho. Um passarinho me contou. Ver um passarinho verde.

Livre como um pássaro. O amor é um passarinho que não aceita gaiola. Olha o passarinho! Água que passarinho não bebe.

Pato – Jogar a leite de pato. Cair com um patinho. Pagar o pato.

Pavão – Ter pés-de-pavão (pés sujos).

Peixe – Filho de peixe, peixinho é. O mar não está para peixe. Caiu na rede é peixe. Sentir-se um peixe fora d'água. Saber vender o peixe para alguém. Nem tudo o que cai na rede é peixe. Um olho no peixe, outro no gato. Olho de peixe morto. Filho de peixe sabe nadar. Peixe e visita com três dias fede. O peixe morre é pela boca.

Periquito – Mais barulhento que periquito em fruteira.

Peru – Quem morre de véspera é peru de Natal. É do peru! Quem nasceu pra peru nunca chega a gavião.

Pica-pau – Se bater na madeira tirasse o azar, pica-pau não seria caçado.

Pinto – Comer como um pinto e cagar como um pato. Mais alegre que pintinho em beira de cerca.

Piranha – Em rio que tem piranha, jacaré nada de costas.

Porco – Roncar como um porco. Gorda como uma porca capada. Serviço de porco. Sujo como um porco. Lá/aqui é o lugar onde a porca torce o rabo. Focinho de porco não é tomada. Não se dá pérolas aos porcos. Espírito de porco. Quem anda com porcos acaba comendo farelo. Ter cabeça de porco.

Pulga – Estar com a pulga atrás da orelha. Pula mais que pulga assustada. Estar com a pulga na cueca.

Raposa – Ser uma raposa da política. Ser esperto como uma raposa. Ser raposa velha. Raposa que dorme não apanha galinha. Raposa velha não cai em armadilha.

Rato – Ser um homem ou um rato. Os ratos sabem quando abandonar o navio. Ser rato de praia. Pobre como rato de igreja. Ser rato de biblioteca. Infeliz do rato, que só conhece um buraco.

Sabiá – Você sabia que o sabiá sabia assoviar? Sabiá que anda com joão-de-barro vira auxiliar de pedreiro.

Sapo – Às vezes temos que engolir sapo pra vencer na vida. Sapo cururu na beira do rio; quando o sapo grita, ó Maninha, diz que está com frio. A necessidade é que faz o sapo pular.

Saracura – Ter perna de saracura (pernas finas e compridas).

Sardinha – Puxar a brasa para minha sardinha. Apertado como sardinha em lata.

Serpente – Perigoso como uma serpente.

Siri – Fazer boca de siri.

Tamanduá – Abraço de tamanduá.

Tanajura – Ter bunda de tanajura (formiga de abdômen grande).

Tartaruga – Lerdo feito tartaruga.

Tatu – Sujo que nem tatu. Enfurnado feito tatu. Tatu velho nunca esquece a toca.

Tucano – Ter nariz de tucano.

Urso – Abraço de urso. Amigo urso.

Urubu – Bafo de urubu. Ficar urubuzando. Mais feio que filhote de urubu.

Vaca – A vaca foi pro brejo. Vaca amarela pulou a janela, quem falar primeiro, come toda a bosta dela. Tempo de vacas magras/gordas. Ser carne de vaca. Ser vaquinha de presépio. Fazer uma vaquinha. Ser mão de vaca. Voltando à vaca fria. Nem que a vaca tussa. Aonde a vaca vai, o boi vai atrás.

Zebra – Deu zebra. Zebra sem lista é cavalo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E FONTES CONSULTADAS

BIBLIOGRAFIA PESQUISADA

300 HISTÓRIAS do Paraná: coletânea. Curitiba: Artes & Textos, 2004.

ABREU, Capistrano de. **Capítulos da história colonial**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2009. Disponível em http://books.scielo.org/, consultado em junho 2017.

ALMEIDA, Ana Claudia Silva. A colonização do território paranaense e o dinamismo da frente norte. In: Rev. **GEOMAE**, Campo Mourão, PR v.7 n.1, p. 9, 1 sem 2016.

ALTOÉ, Geraldo. **O rádio em Maringá**; o pioneirismo, o alcance e a bela trajetória do mais ágil meio de comunicação social. Maringá: Clichetec, 2007.

AMARAL, Amadeu. **O dialeto caipira**. HUCITEC/INL/MEC, 1982.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**. São Paulo: Cia. das Letras, 2008.

ARANTES, Antonio Augusto (org.). **Produzindo o passado**; estratégias de construção do patrimônio cultural. São Paulo: Brasiliense, 1984.

ARIOCH, David. Jornalismo Cultural. **As lembranças de José Francisco Oliveira**. Disponível em https://davidarioch.wordpress.com/tag/capelinha/, consultado em junho de 2017.

ARQUIDIOCESE de Maringá. **Uma igreja para a abertura do Norte do Paraná.** Disponível em http://arquimaringa.org.br/AIgrejaQueBrotouDoMato/03.pdf, consultado em 10 de setembro de 2017.

BALHANA, Altiva Pilatti; MACHADO, Brasil Pinheiro; WESTPHALEN, Cecília Maria. **História do Paraná**. 3 vol. 2. ed. Curitiba: Grafipar, 1969.

BAPTISTA, Aida. In: **Mileniun Stadium**, Edição 1298, 7-13 out. 2016, p. 27.

BARROSO, Vicente. **Famoso norte do Paraná:** terra onde se anda sobre dinheiro. Caxias do Sul : Ed. São Miguel, 1956.

BERNARDES, L. M. C. Crescimento da população no estado do Paraná. In: **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, vol. XIII, n.2, abr.-jun. 1951.

BÍBLIA; estudando a palavra de Deus. **Atos 4.20**. Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**; lembranças de velhos. 3. ed. São Paulo: Cia. das Letras, 1994.

BOWLES, Hein Leonard. **Jacu rabudo**: a linguagem coloquial de Ponta Grossa. Ponta Grossa/PR: Todapalavra, 2009.

BRANDÃO, Silvia Figueiredo. **A geografia lingüística no Brasil**. São Paulo: Ática, 2005.

BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia (orgs.). **Memória e (re)sentimentos**: indagações sobre uma questão sensível. 2. ed. Campinas/SP: Ed. UNICAMP, 2004.

BUENO, Márcio. **A origem curiosa das palavras**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.

BUDNY, Rosana. As unidades fraseológicas com zoônimos nos dicionários bilíngues escolares (português-inglês) e a questão das equivalências. In: **Alfa**, rev. linguíst. (São José Rio Preto) vol.61 no.2 São Paulo maio/ago. 2017. Disponível em http://www.scielo.br/pdf/alfa/v61n2/0002-5216-alfa-61-02-0409.pdf, consultado em dez. 2019.

CABEZA DE VACA, Àlvar Nuñez. **Naufrágios e comentários**. (1541). Porto Alegre/RS; São Paulo: LP&M, 1987.

CÂMARA JR., J. Mattoso. **Introdução às línguas indígenas brasileiras**. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1965.

CAMPOS, Judas Tadeu. **A educação do caipira**: sua origem e formação. Disponível em http://www.scielo.br/pdf/es/v32n115/v32n115a14.pdf, consultado em janeiro de 2017.

CÂNDIDO, Antonio. **Os parceiros do Rio Bonito**. 2. ed. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1979.

CARDOSO, Jayme Antonio; BALHANA, Altiva Pilatti. **Atlas histórico do Paraná**. Curitiba: Ind. Graf. Projeto, 1981.

CARRASCO, Lucas. **É tudo caipira mêmo, uai**. Disponível em http://www.almanaquebrasil.com.br/curiosidades-cultura.html?start=130, consultado em janeiro de 2017.

CARVALHO, Maria Cristina Wolff de. **Paisagens culturais brasileiras rumo ao norte do Paraná**: fronteiras, fluxos e contatos. São Paulo: Marcos Carrilho Arquitetos, 2014.

CARVALHO, Orlene Lúcia de Saboia. **Léxico**; termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores. Disponível em http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/lexico. Acesso em 25 nov. 2019.

CASTORIADIS, Cornelius et alii. **A criação histórica**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1992.

CLARET, Jacques. **A ideia e a forma**; problemática e dinâmica da linguagem. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.

COMPANHIA MELHORAMENTOS NORTE DO PARANÁ. **Colonização e desenvolvimento do Norte do Paraná**. 3. ed. São Paulo: CMNP, 2013. Disponível em http://www.cmnp.com.br/melhoramentos/50anos-cmnp/files/CMNP.pdf, consultado em julho, 2017.

COSTA, Vera Lúcia Anunciação. A importância do conhecimento da variação linguística. In: **Educ**. rev. no.12 Curitiba Jan./Dec. 1996. Disponível em http://dx.doi.org/10.1590/0104-4060.157, consultado em dez. 2019.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru/SP: EDUSC, 1999.

D´HORTA, Arnaldo Pedroso. As terras devolutas. In: BRAGA; D´HORTA, **Dois repórteres no Paraná.** Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 2001.

DAMATTA, Roberto. **O que faz o Brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

DIANA, Daniela. **Linguagem formal e informal**. Disponível em https://www.todamateria.com.br/linguagem-formal-e-informal/, consultado em dez. 2019.

DIAS, Letícia Grala. "**O que é que eu côso**": a fala cantada das benzedeiras da Lagoa da Conceição – Florianópolis/SC. Florianópolis: UNESC, 2009.

DUARTE, Vânia Maria do Nascimento. **Variações linguísticas**. Disponível em <http://brasilescola.uol.com.br/gramatica/variacoes-linguisticas.htm>. Acesso em 07 de junho de 2017.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

ESTEVES, Cleydia. O território brasileiro e a formação nacional: algumas aproximações a partir da produção intelectual no Brasil. In: **GOT** no.6 Porto dez. 2014, p. 91. Disponível em http://dx.doi.org/10.17127/got/2014.6.007, consultado em dez. 2019.

ESTRADA, Jorge Ferreira Duque. **Terra crua**. Maringá: Ed. do Autor, 1961.

FAÍSCA, José Pereira. **Nino**: história da minha vida. Montes Claros/MG: Graf. Edit. Millennium, 2015.

FERREIRA JUNIOR, Amarilio; BITTAR, Marisa. Pluralidade linguística, escola de bê-a-bá e teatro jesuítico no Brasil do século XVI. In: **Educação e Sociedade**, vol. 25, n. 86, Campinas, abril 2004. Disponível em http://www.scielo.br, consultado em junho 2017.

FERREIRA, João Carlos Vicente. **Municípios paranaenses**; origens e significados de seus nomes. Cadernos Paraná da Gente n. 5. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 2006.

FILIPACK, Francisco. **Dicionário sociolinguístico paranaense**. Curitiba: Imprensa Oficial, 2002.

FLORAÍ. **Nossa história**; a história da colonização. Disponível em http://florai.pr.gov.br/index.php?sessao=b054603368ncb0&id=1275, consultado em set. 2019.

FONSECA, Heloisa da Cunha; CANO, Valdenice Moreira. **Expressões metafóricas construídas a partir de zoônimos e registradas em dicionários de língua gera**l. p.2. Disponível em http://www.seer.ufu.br/index.php/horizontecientifico/article/view/4436/7797, consultado em dez. 2019.

FONSECA, Fernanda Perdigão da; CZUI, Daniela Crisley. Formação arenito caiuá: uso, ocupação do solo e problemas ambientais na região Noroeste do Paraná. In: **III Simp. Nac. de Geog. Agrária – II Simp. Intern. de Geog. Agrária** - Jornada Ariovaldo Umbelino de Oliveira. Presidente Prudente, 11-5 nov. 2005. Disponível em http://www2.fct.unesp.br/nera/publicacoes/singa2005/Trabalhos/Artigos/, consultado em maio de 2017.

FRANK, Jean & LANDEIRA-FERNANDES, J. Rememoração, subjetividade e as bases neurais da memória autobiográfica. In: **Psicologia clínica**, vol.18, no.1, Rio de Janeiro 2006.

GALEANO, Eduardo. **O livro dos abraços**. Porto Alegre: LP&M, 1991.

GREGÓRIO, José (Ir.). **Contribuição indígena ao Brasil**. (3. v.) Belo Horizonte: UBEE, 1980.

GUÉRIOS, Rosário Farâni Mansur. **Tabus lingüísticos**. São Paulo: Nacional; Curitiba: Ed. da UFPR, 1979.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

KAVA, Franccis, Yoshi; DOUTHE, Helena. **Namida taiko**. Curitiba: Insight, 2019.

KOK, Glória. Vestígios indígenas na cartografia do sertão da América Portuguesa. In: **Anais do Museu Paulista**: história e cultura material. v. 17, n. 12, jul./dez, 2009.

LENT, Robert (org). **Neurociência da mente e do comportamento**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008.

LESSER, Jeffrey. **A negociação da identidade nacional**: imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil. São Paulo: Ed. UNESP, 2001.

LOWENTHAL, D. Como conhecemos o passado. In: **Projeto História**, São Paulo, (17), nov. 1998. p. 75. Disponível em https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/11110, consultado em nov. 2019.

LUFT, Celso Pedro. **Manual da língua portuguesa**. Referido em Monemas (Parte 1), disponível em https://redafacil.blogspot.com/2014/03/monemas-parte-i.html, consultado em dez. 2019.

MARCHI, Lia; SAENGER, Juliana; CORREA, Roberto. **Tocadores**; homem, terra, música e cordas. S.l.: Petrobrás, 2002.

MARTINS, Edilson. **Nossos índios nossos mortos**.; os olhos da “emancipação”. 2. ed. Rio de Janeiro: Codecri, 1979.

MARTINS, Estevão de Rezende. (org.) **A história pensada**. São Paulo: Contexto, 2010.

MARTINS, José de Souza. **Fronteira**: a degradação do Outro nos confins do humano. São Paulo: Hucitec, 1997.

MARTINS, José de Souza. A reinvenção da cidade na selva. In: **Tempo** soc. vol.31 no.1 São Paulo Jan./Apr. 2019. Disponível em https://doi.org/10.11606/0103-2070.ts.2019.151225, consultado em nov. 2019.

MARTINS, Romário. **História do Paraná**. Curitiba: Travessa dos Editores, 1995.

MARTINS, Wilson. **Um Brasil diferente**; ensaios sobre fenômenos de aculturação no Paraná. São Paulo: T. A. Queiroz, 1989.

MATTOSO, José. **A escrita da história**; teoria e métodos. Lisboa: Estampa, 1988.

MUSEU PARANAENSE. **Povos indígenas no Paraná**. Disponível em http://www.museuparanaense.pr.gov, consultado em setembro de 2017.

MYSKIW, Antonio Marcos. **Colonos, posseiros e grileiros**; conflitos de terras no Oeste Paranaense (1961-66). Niterói/RJ: UFF, 2002. Dissertação de mestrado apresentada no Programa de Pós-Graduação Interinstitucional em História – UFF/Unioeste.

NAME, Leo. O conceito de paisagem na geografia e sua relação com o conceito de cultura. In: **GeoTextos**, vol. 6, n. 2, dez. 2010. p. 164-5.

NASCIMENTO, José Rodrigues do. **Do gumex ao laquê**. Maringá: Clichetec, 2007.

NEVES, Flávia. **Conotação e denotação**. Disponível em https://www.normaculta.com.br/conotacao-e-denotacao/, consultado em 25 nov. 2019.

NEVES, Flávia. **Expressões idiomáticas**. Disponível em https://www.normaculta.com.br/expressoes-idiomaticas/. Acesso em 25 nov. 2019.

NORA, Pierre. Entre memória e história; a problemática dos lugares. In: **Proj. História**, São Paulo (10), dez. 1993.

NOVA ESPERANÇA On line. **Breve histórico da cidade**. Nova Esperança; 4 fev. 2010. Disponível em http://novaesperançaonline.com.br, consultado em junho de 2017.

NOVA ESPERANÇA. Câmara Municipal. **Nova Esperança 58 anos uma história, uma vida**. Disponível em http://www.hnetsistemas.com.br, consultado em junho de 2017.

ODIÁRIO.COM. **A primeira capela da cidade.** Maringá, 16 jul. 2010. Disponível em **www.odiario.com**, consultado em 10 outubro de 2017.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. **A geografia das lutas no campo**. 4 ed. São Paulo: Contexto, 1991.

OLIVEIRA, Elir de. **Recuperação de pastagens no Noroeste do Paraná**; bases para plantio direto e integração lavoura e pecuária. Londrina: IAPAR, 2010.

PACHECO, Mariana do Carmo. **Há diferença entre vocabulário e léxico?** In: *Brasil Escola*. Disponível em: https://brasilescola.uol.com.br/gramatica/ha-diferenca-entre-vocabulario-lexico.htm. Acesso em 25 nov. 2019.

PARANÁ. **Diário Oficial do Estado do Paraná,** 27 nov. 1951, 2ª. feira.

PARANÁ. SEEC. Coordenadoria do Patrimônio Cultural. **Pesquisando a história paranaense**. Disponível em http://www.patrimoniocultural.pr.gov.br, consultado em junho de 2017.

PARANÁ. SEEC. **Pratos típicos paranaenses**. 2. ed. Curitiba: SEEC, 2004.

PATRÃO, Osvaldo Luiz (org.). **De Capelinha a Nova Esperança**; imagens, lembranças e memórias. Nova Esperança/PR: Supergraf, 2012.

PAULUS, Jean. **A função simbólica da linguagem**. Rio de Janeiro: Eldorado Tijuca; São Paulo: EDUSP, 1975.

PENA, Mateus da. **Os garotos que foram os homens de hoje**. Porto/PT: Panorama, 2000.

PIMENTA, Reinaldo. **A casa da mãe Joana**; curiosidades nas origens das palavras, frases e marcas. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

PINTO DA SILVA, Alberto S. R. **Representações de caipira nas práticas literárias de Cornélio Pires**. Piracicaba/SP: UNIMEP, 2008. Dissertação de mestrado.

POVOADO ganhou nome de Capelinha. In: **Odiário.com**. 2011. Disponível em http://maringa.odiario.com/parana/noticia/229715/povoado-ganhou-nome-de-capelinha/, consultado em junho de 2017.

PREFEITURA MUNICIPAL DE NOVA ESPERANÇA. **Histórico do município**. Disponível em http://www.novaesperanca.pr.gov.br, consultado em junho de 2017.

PRIORI, A., et al. **História do Paraná**: séculos XIX e XX [online]. Maringá: Eduem, 2012. A história do Oeste Paranaense. Disponível em http://books.scielo.org/id/k4vrh/pdf/priori-9788576285878-07.pdf. Consultado em jul. 2018.

RAMOS, Ricardo Tupiniquim. **Toponímia paranaense de origem tupi**. Disponível em http://www.filologia.org.br/vcnlf/anais%20v/civ8_10.htm, consultado em novembro de 2017.

REVISTA BRASILEIRA DE GEOGRAFIA, Rio de Janeiro, vol. XIII, n.2., abr.-jun. 1951

REIS, Alice Casanova; SCHUCMAN, Lia Vainer. A constituição social da memória: lembranças de uma testemunha da II Guerra Mundial. In: **Psicol**. rev. (Belo Horizonte) vol. 16 no. 2 Belo Horizonte ago. 2010.

RELIGIOSIDADE popular e misticismo no Brasil. São Paulo: Paulinas, 1984.

Revista OKARA. **Geografia em debate**. João Pessoa/PB, v.1, n.2, p. 39 e 40, 2007.

RIBEIRO, João. **Frazes feitas**. 3. ed. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2009. Disponível gatuitamente em http://www.academia.org.br/acervo/terminal/index.html.

RIO DE JANEIRO. Instituto Estadual do Patrimônio Cultural. **Medicina popular**. Rio de Janeiro: IEPC, 2005.

RODRIGUES, Danielli. Disponível em **https://www.pensador.com/frase/OTY1ODk1/**.

ROSA, João Guimarães. **Grande sertão**: veredas. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

SÁ, Eduardo. À procura de uma crônica. In: **Revista Pais & Filhos**, 23 nov. 2013.

SAMPAIO, Pedro Arthur. **Nem sempre verdade, nem tanto folclore**. Curitiba: Ed. do Autor, 2007.

SANTOS, Carlos Roberto Antunes dos. Rio Iguaçu; vapor, charque e arroz. **Helena**, Curitiba, ano 1, n. 0, p. 51. jun. 2012.

SANTOS, Carlos Roberto Antunes dos. **Vida material vida econômica**. Curitiba: SEED, 2001.

SANTOS, Crisliane Aparecida Pereira; SANO, Edson Eyji. Formação da frente de expansão, frente pioneira e fronteira agrícola no oeste da Bahia. In: **Boletim Geográfico**, Maringá, v. 33, n. 3, p. 68-83, set.-dez, 2015.

SANTOS, Rafael Benassi. As trocas pela cura no período colonial. In: **Revista História Catarina**, ano VI, no. 43. 2012.

SCHULTZ, Herbert Mendes de Araujo. **A expansão da fronteira agrícola e o impacto nos movimentos sociais do campo**; uma abordagem a partir dos fundamentos da questão agrária. Disponível em https://carollinasalle.jusbrasil.com.br/artigos/141547794, consultado em maio 2017.

SERRA, Elpídio. Os primeiros processos de ocupação da terra e a organização pioneira do espaço agrário no Paraná. **Boletim de Geografia**, Maringá, ano 10, n.1, p. 61-93, 1992.

SHALLENBERGER, Erneldo; SCHNEIDER, Iara Elisa. Fronteiras agrícolas e desenvolvimento territorial - ações de governo e dinâmica do capital. In: **Sociologias** vol.12 no.25 Porto Alegre Set./Dez. 2010. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-45222010000300008. Consultado em ago. 2017.

SILVA, Amílcar Fernandes. **Diário de um sonho**. Curitiba: Ed. do Autor, 2010.

SILVA, Victor Augustus Graciotto; REINHARDT, Juliana. **Benza Deus!** Benzederias em Curitiba: modernidade e tradição. Curitiba: Ed. do Autor, 2009.

SOARES, Dalva Lyra. Entrevista realizada por Boschilia, Emilio C. e BOSCHILIA Roseli em Nova Esperança, em 29 mar. 2013.

TOMAZI, Nelson Dácio. **Norte do Paraná**; história e fantasmagorias. Curitiba: UFPR, 1997.

TOMAZI, Nelson Dácio. **Norte do Paraná**, história e fantasmagorias. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 2000.

TREMAINE, Elizabeth Goldschmidt. **Caminho da esperança**. Curitiba: Ed. do autor, 2014.

TRINDADE, Etelvina Maria de Castro (org). **Mulheres na história**: Paraná – séculos 19 e 20. Curitiba: UFPR, Depto. de História, 1997.

TUCHMAN, Barbara W. **A prática da história**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991.

TURCATE, Mauren; CARVALHO, José Barros de; RAFAEL, José Albertino. **Mutucas (Diptera: Tabanidae) do estado do Paraná, Brasil**: chave de identificação pictórica para subfamílias, tribos e gêneros. In: Biota Neotrop. vol.7 no.2 Campinas 2007. Disponível em http://dx.doi.org/10.1590/S1676-06032007000200029, consultado em novembro 2019.

VANINI, Antônio Ismael. **O sexo, o vinho e o diabo**; demografia e sexualidade na colonização italiana no Rio Grande do Sul. 2. ed. Passo Fundo/RS: UFP, Porto Alegre; EST, 2004.

WACHOWICZ, Ruy Christovam. **Paraná, Sudoeste**: ocupação e colonização. Curitiba: Lítero-Técnica, 1985.

WACHOWICZ, Ruy Christovam. **História do Paraná**. Curitiba: Ed. Gráfica Vicentina, 1995.

WESTPHALEN, Cecília Maria; MACHADO, Brasil Pinheiro; BALHANA, Altiva Pilatti. Nota prévia ao estudo da ocupação da terra no Paraná moderno. **Boletim da Universidade Federal do Paraná**, Curitiba, n. 7, p.1-51, 1968.

XATARA, M. C. **A tradução para o português de expressões idiomáticas em francês.** Araraquara/SP: Univ. Est. Paulista, 1998. Tese defendida na Faculdade de Ciências e Letras.

MAPAS CONSULTADOS (ORDEM DE DATA)

PARANÁ. **Mappa geral do estado do Paraná**, de Romário Martins (Diretor do Museu Paranaense). 1915. Escala 1:1.000.000.

PARANÁ. **Mappa do estado do Paraná**. 1922. Escala: 1:700.000. Organizado pelos engenheiros J. Moreira Garcez e F. Gutierrez Beltrão.

SANTOS, E. Loureiro. **O estado do Paraná e a sua rede de viação kilometrada de accordo com os dados mais recentes**. nov. 1923. Escala: 1:1.000.000.

PARANÁ. **Mapa do estado do Paraná com indicação de suas zonas de colonização**. Para o relatório de 31 dez. 1925. Escala: 1.750.000.

PARANÁ. Diretoria de Viação Terras e Colonização. **Mappa de viação do estado do Paraná, com indicação das suas zonas colonizadas**. Para o relatório 1925-26. Escala: 1:750.000.

PARANÁ. Secretaria de Agricultura Viação e Obras Públicas. **Mappa de viação rodoviária do Estado do Paraná**. 1929. Escala: 1:750.000.

SÃO PAULO. SVOP. Diretoria de Viação. **Mapa da viação férrea e das vias de navegação**. 30 jun. 1937. Escala: 1:1.000.000.

PARANÁ. **Obras executadas no governo Manoel Ribas 1932-38**. Escala provável: !:750.000.

PARANÁ. SVOP. Departamento de Terras e Colonização. **Mapa do estado do Paraná**. 1938. Escala: 1:750.000.

PARANÁ. **Mapa do estado do Paraná 1944**. Departamento de Geografia, Terras e Colonização da Secretaria de Viação e Obras Públicas. Escala 1:1.000.000.

IBGE. Seção de Estatística. Departamento Nacional do Café. **Mapa cafeeiro do estado do Paraná**. 1944. Organizado por Clóvis de Magalhães (cartógrafo).

PARANÁ. SVOP. Departamento de Geografia Terras e Cartografia. **Mapa do estado do Paraná**. 1948. Escala 1:500.000.

PARANÁ. DEE. **Cartograma dos meios de transporte**. 1950. Escala: 1:750.000.

PARANÁ. DGTC. Divisão de Geografia. **Mapa do estado do Paraná**. 1957. Escala: 1: 650.000.

ROCHA NETO, Bento Munhoz da. Da necessidade de divulgação da história paranaense. In: BALHANA, Altiva Pilatti; MACHADO, Brasil Pinheiro; WESTPHALEN, Cecília Maria. **História do Paraná**. 1. v.; 2. ed. Curitiba: Grafipar, 1969.

DICIONÁRIOS, GLOSSÁRIOS E LÉXICOS CONSULTADOS

BOWLES, Hein Leonard. **Jacu rabudo**: a linguagem coloquial de Ponta Grossa. Ponta Grossa/PR: Todapalavra, 2009.

BRANDÃO, Elias Canuto. **Dicionário popular de gírias e expressões**. Disponível em http://dicionariopopular.blogspot.com/2009/01/grias-e-expresses.html, consultado em maio 2017.

CULTURA Nordestina. **Lista de palavras e expressões nordestinas**. Disponível em http://culturanordestina.blogspot.com.br/2007/11/dicionario-nordestino.html, consultado em maio de 2017.

DIALETO Florianopolitano. Disponível em http://pt.wikipedia.org/wiki/ Dialeto_florianopolitano, consultado em maio de 2013.

DICIONÁRIO Aulete. Edição eletrônica, disponível em www.uol.com.br.

DICIONÁRIO ilustrado tupi guarani. Disponível em http://www.dicionariotupiguarani.com.br/.

DICIONÁRIO Priberam da língua portuguesa. Disponível em http://www.priberam.pt/dlpo/.

FILLIPACK, Francisco. **Linguística catarinense**. Disponível em http://linguisticacatarinense.blogspot.com/2009/06/francisco-fillipack-mestre-em.html, consultado em maio de 2019.

FILIPACK, Francisco. **Dicionário sociolinguístico paranaense**. Curitiba: Imprensa Oficial, 2002.

FONSECA, Heloisa da Cunha; CANO, Valdenice Moreira. **Expressões metafóricas construídas a partir de zoônimos e registradas em dicionários de língua gera**l. p.2. Disponível em http://www.seer.ufu.br/index.php/horizontecientifico/article/view/4436/7797, consultado em dez. 2019.

GADELHA, Marcus. **Dicionário de cearês**. Fortaleza: Multigraf, 1999.

GLOSSÁRIO transmontano. Disponível em http://chaves.blogs.sapo.pt/.

GRANDE Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. Edição eletrônica. Disponível em www.uol.com.br.

INSTITUTO DE LINGUÍSTICA TEÓRICA E COMPUTACIONAL**. Portal da língua portuguesa**. Disponível em: http://www.portaldalinguaportuguesa.org, consultado em abril 2018.

JUCÁ, Pedro Rocha. **Glossário cuiabano**. Disponível em http://glossariocuiabano.blogspot.com.br/, consultado em abril 2018.

MELLO, Nelson Cunha. **Conversando é que a gente se entende**; dicionário de expressões coloquiais brasileiras. São Paulo: Leya, 2009.

NUNES, Zeno C. & NUNES, Rui C. **Dicionário de regionalismos do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1993.

PÓVOA, Liberato. **Dicionário tocantinense de termos e expressões afins**. Disponível em http://www.dno.com.br (Liberato Póvoa), consultado em junho de 2017.

WERNECK, Humberto. **O pai dos burros**; dicionário de lugares-comuns e frases feitas. Porto Alegre: Arquipélago, 2009.

ISBN 978-65-00-00198-3

APOIO

COPEL
Pura Energia

INCENTIVO

PARANÁ
INCENTIVO À
CULTURA
PROFICE

PARANÁ
GOVERNO
DO ESTADO
SECRETARIA DA
COMUNICAÇÃO
SOCIAL E DA
CULTURA